



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**SANDRA CERQUEIRA PEREIRA PRUDENCIO**

**AS DENOMINAÇÕES DE CACHAÇA:  
UM ESTUDO DIALETOLÓGICO, ETNOLINGUÍSTICO E  
SEMÂNTICO COGNITIVO**

Volume 1

Salvador  
2021

**SANDRA CERQUEIRA PEREIRA PRUDENCIO**

**AS DENOMINAÇÕES DE CACHAÇA:  
UM ESTUDO DIALETOLÓGICO, ETNOLINGUÍSTICO E  
SEMÂNTICO COGNITIVO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Língua e Cultura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacyra Andrade Mota.

Salvador  
2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

PRUDENCIO, SANDRA CERQUEIRA PEREIRA  
AS DENOMINAÇÕES DE CACHAÇA: UM ESTUDO DIALETOLÓGICO,  
ETNOLINGUÍSTICO E SEMÂNTICO COGNITIVO / SANDRA  
CERQUEIRA PEREIRA PRUDENCIO. -- Salvador, 2021.  
618 f. : il

Orientador: Jacyra Andrade Mota.  
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Língua  
e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,  
Instituto de Letras, 2021.

1. Variação lexical. 2. Cachaça. 3. Dialectologia. 4.  
Etnolinguística. 5. Linguística cognitiva. I. Mota,  
Jacyra Andrade. II. Título.

# SANDRA CERQUEIRA PEREIRA PRUDENCIO

## AS DENOMINAÇÕES DE CACHAÇA: UM ESTUDO DIALETOLÓGICO, ETNOLINGUÍSTICO E SEMÂNTICO COGNITIVO

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Língua e Cultura, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 13 de dezembro de 2021.

### Banca Examinadora

Dr.<sup>a</sup> Jacyra Andrade Mota - Orientadora  
Universidade Federal da Bahia – UFBA

---

Dr.<sup>a</sup> Aurelina Ariadne Domingues Almeida  
Universidade Federal da Bahia - UFBA

---

Dr.<sup>a</sup> Silvana Soares da Costa Ribeiro  
Universidade Federal da Bahia - UFBA

---

Dr.<sup>a</sup> Conceição de Maria de Araujo Ramos  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

---

Dr.<sup>a</sup> Marilucia Barros de Oliveira  
Universidade Federal do Pará – UFPA

---

Dr.<sup>a</sup> Juliana Soledade Barbosa Coelho (Suplente)  
Universidade Federal da Bahia - UFBA

---

Dr.<sup>a</sup> Marcela Moura Torres Paim (Suplente)  
Universidade Federal da Bahia - UFBA

---

Dr.<sup>a</sup> Celina Márcia de Souza Abbade (Suplente)  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

---

Dr.<sup>a</sup> Elisângela Santana dos Santos (Suplente)  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

---

À minha amorosa Nanda, por me ensinar, todos os dias,  
que a melhor coisa do mundo é ter uma filha.

A minhas filhas e a meus filhos de quatro patas, que  
demonstram, sempre, que amor e lealdade caminham  
juntos. Em especial, à companheiríssima Mia, a gata.

A Francisco, meu amor infinito.

Nada seria possível sem vocês.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que é amor, e ao amor, que tudo é.

À minha mãe Iemanjá, que me aceitou como sua filha e que me mostra, diariamente, como bem navegar nas profundezas do meu ser e, assim, me guia e me motiva a seguir a vida na busca de equilíbrios.

À professora Jacyra Mota, minha querida orientadora, que aceitou desvendar comigo as veredas de uma interdisciplinaridade difícil, mas possível, e assim me orientou, sempre, com sábias palavras, olhar atento e muita lucidez.

À professora Suzana Cardoso (*in memoriam*) que, desde o início, me motivou com suas sempre belas palavras: “O que vem pela frente requer constância no trabalho, firmeza no caminhar com a pesquisa e espírito de integração [...]” (CARDOSO, 2010)

A CAPES que me possibilitou obter condições para que eu tenha desenvolvido a pesquisa com dedicação e primor.

Ao Projeto ALiB, minha escola, minha casa, que me permitiu ter acesso a tão valiosos dados, os quais me possibilitaram aprender muito sobre a língua portuguesa.

Ao Comitê do Projeto ALiB, por permitir a análise de dados inéditos.

À minha mãe, minha irmã, minhas avós e minhas tias, mulheres fortes que, na medida de suas possibilidades, me ensinaram a andar com firmeza e de cabeça erguida.

A meu pai, que me ensinou a querer conhecer sobre as coisas do mundo e, com curiosidade, a aprender a respeito de tudo que a mim chegasse.

A meus avôs Edmundo e José, que me amaram sem limites, me apoiaram e me mostraram que nunca se deve desistir do que se começou.

À minha irmã e ao meu irmão, que seguraram a minha mão, me apoiaram e me deram, sempre, muito amor.

À amiga incondicional Eneyle Freitas, que, cuidando de mim, em cada detalhe, muito me motivou, ao perguntar, quase que diariamente: “Escreveu muito hoje, amiga?” “Como está a tese?”

A Lorena Nascimento e a Verônica Souza, amigas tão queridas, que, juntamente comigo, planejaram e replanejaram o caminhar de uma tese que parecia não ter fim.

A Silvia Gonçalves, minha amiga-irmã, que, mesmo distante, nunca, nunca sai do meu lado e me ajudou a conciliar estudo e trabalho. Sabemos, clandestinamente, ser felizes com o que temos e com o que fazemos.

Ao eterno amigo Júnior, o nosso Sinval (*in memoriam*), que, sem saber, me motivava/desafiava ao dizer que queria aprender comigo, na teoria e na prática, os segredos da cachaça. Não deu tempo.

Ao meu amigo querido Jorge Farias (*in memoriam*), o maior incentivador para que tenha levado adiante o projeto do doutorado. Do alto do céu, ele assistiu a esse meu caminhar acadêmico.

Ao amigo Marielson Carvalho, que, generosamente, me prestou importantes informações e me encorajou a viajar sozinha para Areia, na Paraíba, a fim de realizar a pesquisa etnográfica em engenhos de cachaça.

A Neumark Ribeiro, que, gentilmente, me cedeu carona para a Paraíba, onde foi feita parte da pesquisa etnográfica.

À professora Josane Oliveira, que me apresentou as cachaças paraibanas e, em João Pessoa, me conduziu a excelentes experiências etnográficas.

À minha tia Edna e aos meus tios Edgar e Edmundo, que, gentilmente, me acompanharam nas visitas aos museus das cachaças Ypióca e Colonial, no Ceará.

A Francisco Prudencio, meu marido, que, com muito senso crítico e muita paciência, ouviu partes de minha escrita, pensou, discutiu e refletiu comigo.

À amiga Simone Webering, que, de forma sempre cuidadosa, gentil e prestativa, se dispôs a partilhar o seu saber sobre a Semântica Cognitiva.

À amiga Nair Guimarães, que, gentilmente, e com muita amizade, ministrou aulas de espanhol, no anteceder da seleção do doutorado.

À queridíssima Ana Rita Carvalho, que, do início ao fim, de forma tão prestativa, respeitosa, eficiente e amorosa, atendeu aos meus pedidos de socorro.

À amiga Elvira Campos, que, generosamente, me ajudou a conhecer o universo da cajuína.

À querida professora Amanda dos Reis Silva, por ter me dado a imprescindível atenção, na formalização dos textos entregues no momento da Qualificação da tese.

À professora Simone Guerreiro, por ter me apresentado as músicas da Sertanília.

A Natival Neto, que, de forma sempre prestativa, me orientou nas buscas de algumas boas leituras para melhor fundamentar a tese.

A Aline Del Raso, que, com muita amorosidade e compromisso profissional, cuidou de minha mente, de meu coração e de minha alma, para que a minha escrita pudesse ter a fluidez e o ritmo necessários.

À professora Denise Dias, que me ensinou a ter um olhar real e mais profundo a respeito das belezas da variação dialetal.

À professora Ariadne Domingues, por ter me mostrado, com tanto encantamento, que pensamos e vivemos em meios a metáforas e metonímias.

À professora Juliana Soledade, que, de maneira muito atenciosa, sanou muitas dúvidas a respeito da Onomástica.

À professora Silvana Ribeiro, que me incentivou a trilhar essa caminhada de pesquisa doutoral e que me incentiva, sempre, a seguir o caminho acadêmico.

À professora Carlota Ferreira, que, com certeza, está comigo em muitas vidas, me dando uma incrível força motivadora, para que ocorra um caminhar firme.

A Uilton Gonçalves, querido afilhado, que, de forma muito perspicaz, cuidou da parte técnica da tese.

Ao amigo e cunhado José Tanus Cruz, que sempre esteve atento às notícias e aos fatos relacionados à cachaça.

À amiga Luci Gomes, que me mostrou muitas faces do universo da cachaça.

A Raimundo Freire e Alice Dourado, do *Kikaxassa*, que, sempre, com muita gentileza, me mostraram as maravilhas que podem ser vivenciadas no universo da cachaça.

À minha filha Natália Neves, que me trouxe sempre muitas alegrias com suas presenças animadas e intempestivas, nos momentos providenciais, em que eu me encontrava mais cansada.

Ao amigo Jean Pereira e às amigas Sandra Helena Webering, Rosângela Ruas, Verônica Souza, Pascásia Coelho, Carla Fagundes, Gabriela Neves, Rojane Araújo, que me ensinaram e me conduziram a viver com fé e a perseguir a tão importante luz da vitória espiritual. Chamado atendido.

A Adilson Silva e a Daniela Alves, colegas tão queridos do doutorado, que viveram comigo “as dores e as delícias” dessa etapa de nossas vidas.

A Vinícius Nascimento, que, com suas ações e palavras de incentivo, soube respeitar o meu momento, compreendendo, sempre, do que eu precisava para ter uma boa produtividade profissional e acadêmica.

A FGN que me concedeu valiosos livros para a elaboração da tese. Obrigada por ter confiando em mim.

À amiga Karina Nery, por sua escuta atenta que ajudou a ver formas alternativas e saudáveis para que eu pudesse viver a vida de doutoranda, principalmente, no decorrer da pandemia.

À querida Nilda Silva, que cuidou de mim, de minha casa e de minha família, enquanto me doutorava.

À amiga e cunhada Ana Luísa Oliveira, que me acolheu e me incentivou a me concentrar na pesquisa.

Aos primos queridos, José Marcos Carvalho e Eliene Carvalho (Lili), pelas providenciais ajudas nas questões referentes ao Maranhão.

A Laura Petitinga, Midian Garcia e Rodrigo Araújo, líderes que compreenderam o meu tempo para terminar o doutorado.

À querida colega e ao querido colega de profissão docente, que muito me apoiaram no desempenho de tarefas institucionais: Cláudia Norete Luz e Maurício Souza Neto.

Às amadas amigas, que torceram por mim, em cada etapa desta tese: Andréa Beraldo, Cristina Figueiredo, Débora Bastos, Kátia Silene Pereira, Luciana Sampaio, Lucyana Barbosa Mara Schwingel, Maildes Fonseca, Maria do Carmo Pascoli, Renata Carvalho, Rosely Cruz, Silvana Cabral. E ao querido amigo, Fernando Costa.

“[...] Mãe de divina graça  
Lave nossos pés com suas águas sagradas  
Ajude, mãe, seu povo aflito, que deposita no seu mar todas as dores  
Buscando dias mais bonitos

Oh! Grande Yabá  
Senhora das profundezas  
Ensina seus filhos a nadar na correnteza  
Ilumine nosso coração com o azul de suas águas  
Faça brilhar a sua estrela em nosso caminhar.”

Odoyá, mãe Sereia  
Odofiaba

(Pris Mariano e Rodrigo Di Castro – Rosa Amarela)

## RESUMO

Nesta tese, encontram-se resultados de um estudo empreendido acerca das denominações de *cachaça*, com base nas informações coletadas pelos pesquisadores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), nos nove estados do Nordeste, onde foram entrevistados 348 informantes conceptualizadores e categorizadores, que, conforme a metodologia do Projeto, correspondem a oito, em cada capital, e quatro, em cada cidade do interior, distribuídos em duas faixas etárias – I (18 a 30 anos) e II (50 a 65 anos); os dois sexos; e dois níveis de escolaridade: (i) fundamental, na capital e nas cidades do interior, e (ii) universitário, apenas, nas capitais. O estudo tem como objetivo realizar a exegese a partir das informações apresentadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores nordestinos, ao responderem à questão 182 do Questionário Semântico Lexical (QSL): AGUARDENTE (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.36), “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” Foram consideradas 753 ocorrências, que estão organizadas em 71 lexias, classificadas em simples e complexas, nas quais se encontram 44 nomes comuns e 27 nomes-marca. A natureza dos dados obtidos levou a uma abordagem interdisciplinar, estabelecida entre a Dialetoлогия, a Etnolinguística e a Linguística Cognitiva, consubstanciadas pelos estudos da Onomástica e da Lexicologia. Essas vertentes da Linguística consideram imprescindível a relação entre o ser humano, a língua que utiliza em suas interações e o mundo e a cultura que o cercam. A relação teórica interdisciplinar adotada possibilitou seguir um viés de interpretação e taxonomia dos dados, em que se considerou que, ao apresentar as suas respostas, os informantes conceptualizadores e categorizadores recorreram a Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), dentre os quais se destaca o PARTE-TODO, como se teve em denominações como *limpa*, *pura*, *Ypióca*, *Pitú*. De uma forma geral, os resultados apontam para as considerações relacionadas aos itens léxicos apresentados como resposta à pergunta 182 do QSL, destacando-se, com maior produtividade e abrangência de usos, a lexia *cachaça*, considerada como prototípica, já que foi citada pelos entrevistados de todas as localidades pesquisadas e, ainda, nas mais diversas situações de elocução, presentes no decorrer das entrevistas. Dentre os nomes-marca, destaca-se *Pitú*, que é produzida em Pernambuco e apresentou grande representatividade nas entrevistas dos participantes pernambucanos, bem como nas de outros estados nordestinos. As categorizações reveladas pelos informantes conceptualizadores nordestinos permitiram que fossem elaboradas redes radiais, que revelam a representatividade sociocultural das 71 lexias, conforme produtividade de ocorrência e de abrangências. O item lexical prototípico e os que se encontram no raio mais próximos a ele estão cartografados, para que seja visualizada a distribuição espacial dessas variantes. O estudo da história do Nordeste brasileiro e da histórica da *cachaça* foram importantes para melhor conhecer esse relevante elemento cultural do povo brasileiro, cujo domínio de experiência se mostrou diverso e amplo.

Palavras-chave: variação lexical; cachaça; dialetologia; etnolinguística, linguística cognitiva.

## ABSTRACT

In this dissertation, we find the results of a study undertaken on the names of “*cachaça*”, based on information collected by researchers of the Brazil Language Atlas Project (*ALiB*), in the nine Northeast States, where 348 conceptualizer and categorizer informants, were interviewed, who, according to the Project methodology, correspond to eight, in each capital, and four, in each inner city, distributed in two age groups – I (18 to 30 years old) and II (50 to 65 years old); both sexes; and two levels of education: (i) Elementary School, in the capital and in the inner cities, and (ii) university only in the capitals. The study aimed to carry out an exegesis based on the information presented by the Northeastern conceptualizer and categorizer informants, when they answered question 182 of the Lexical Semantic Questionnaire (*QSL*): *AGUARDENTE (COMITÉ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.36)*, “What is the name of alcoholic beverage made from sugar cane?” 753 occurrences were considered, which are organized into 71 denominations, classified into simple and complex, in which 44 common names and 27 brand-names are found. The nature of the data obtained led to an interdisciplinary approach, established between Dialectology, Ethnolinguistics and Cognitive Linguistics, unified by the studies of Onomastics and Lexicology. These Linguistic areas consider the relationship between human beings, the language they use in their interactions and the world and culture that surround them to be essential. The interdisciplinary theoretical relationship adopted made it possible to follow a bias of interpretation and taxonomy of the data, in which it was considered that, when presenting their answers, the conceptualizer and categorizer informants resorted to Idealized Cognitive Models (ICM), among which PART-WHOLE, stands out, as if had in denominations like *limpa, pura, Ypióca, Pitú*. In general, the results indicate to considerations related to the lexical items presented in response to the question 182 from *QSL*, highlighting, with greater productivity and scope of uses, the name *cachaça*, considered as prototypical, since it was mentioned by the interviewed of all the locations surveyed and, also, in the most diverse situations of elocution, present during the interviews. Among the brand-names, *Pitú* stands out, which is produced in Pernambuco and was highly representative in the interviews of participants from Pernambuco, as well as in those from other Northeastern States. The categorizations revealed by the Northeastern conceptualizer informants allowed the elaboration of radial networks, which reveal the sociocultural representation of the 71 names, according to the productivity of occurrence and scope. The prototypical lexical item and those in the radius closest to it are mapped, so that the spatial distribution of these variants can be visualized. The study of the history of the Brazilian Northeast and the history of *cachaça* were important to better understand this relevant cultural element of the Brazilian people, whose domain of experience proved to be diverse and broad.

Keywords: lexical variation; *cachaça* dialectology; ethnolinguistics, cognitive linguistics.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Tipos de <i>cachaça</i>	80
Quadro 2 –	Resumo Ocorrências – estudos linguísticos	187
Quadro 3 –	Rótulos de <i>cachaça/aguardente de cana</i>	284
Quadro 4 –	Dicionarização de Dorna, Barril, Pipa e Tonel	314
Quadro 5 –	Categorias de nomeação dos nomes-marca	340
Quadro 6 –	Quantidade de Informantes por estado - ALiB	348
Quadro 7 –	Quantidade de pontos da região Nordeste - Projeto ALiB	349
Quadro 8 –	As denominações de <i>cachaça</i>	371
Quadro 9 –	Distribuição das lexias de maior ocorrência nos nove estados do nordeste	374
Quadro 10 –	Os nomes-marca de <i>cachaça</i>	378
Quadro 11 –	Agrupamento das procedências das <i>cachaças</i>	380
Quadro 12 –	<i>Cachaças</i> citadas por moradores onde a bebida é produzida	382
Quadro 13 –	Exemplos de lexias com registro de significação de <i>cachaça</i>	387
Quadro 14 –	Lexias que constam nos dicionários consultados	393
Quadro 15 –	Ocorrências das lexias registradas nos quatro dicionários consultados	394
Quadro 16 –	Número de pontos nos estados pesquisados pelo Projeto ALiB	400
Quadro 17 –	Distribuição das ocorrências únicas no Piauí	417
Quadro 18 –	Ocorrências de <i>pinga</i> nos desdobramentos da pergunta – Piauí	419
Quadro 19 –	Nomes-marca: localidades e informantes - Ceará	423
Quadro 20 –	Inquéritos em que não constam <i>cachaça</i> no rol de itens apresentados pelos informantes do Ceará	425
Quadro 21 –	Organização de primeiro e do segundo itens apresentados na resposta inicial	437
Quadro 22 –	Ocorrências nas cidades do interior da Paraíba	449
Quadro 23 –	Ocorrências das cinco lexias mais produtivas quantitativamente em Pernambuco	470
Quadro 24 –	Ocorrências das lexias cidades do interior de Alagoas	479
Quadro 25 –	Lexias complexas apresentadas como resposta em Sergipe	489

Quadro 26 –	Relação quantitativa: ocorrências X lexias – Inquéritos Bahia	504
Quadro 27 –	Lexias que ocorreram apenas na Bahia	505
Quadro 28 –	Procedência dos nomes-marca ocorridos apenas na Bahia	506
Quadro 29 –	Lexias com ocorrências – Primeiro item da resposta - Inquéritos Bahia	511
Quadro 30 –	Item único X não desdobramento da pergunta	530
Quadro 31 –	Lexias de maior ocorrência – variáveis sociais	534
Quadro 32 –	Lexias de maior ocorrência nas capitais – variáveis sociais	535

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	As denominações de <i>cachaça</i> e as três vertentes teóricas	28
Figura 2 –	Rótulo da <i>cachaça Colonial</i>	77
Figura 3 –	Esquema da produção de <i>cachaça</i>	98
Figura 4 –	Categorias de <i>aguardente: cachaça e não cachaças</i>	105
Figura 5 –	Mapa do Brasil – 1941/2	137
Figura 6 –	Carta semasiológica – Peteca	181
Figura 7 –	Carta <i>aguardente</i> (ALERS)	182
Figura 8 –	Rótulos de <i>Pitú e 51</i>	273
Figura 9 –	Hiperonímia - <i>aguardente</i>	294
Figura 10 –	Lexia: Lexema e Locução	305
Figura 11 –	Carta linguística 49 – APFB	313
Figura 12 –	Barril, Dorna e Pipa	315
Figura 13 –	Dorna – <i>cachaça Matuta</i>	315
Figura 14 –	Dornas de fermentação	316
Figura 15 –	Alambique de <i>cana brejeira</i>	323
Figura 16 –	O Brasil e a <i>cachaça</i>	327
Figura 17 –	Garrafa vedada com sabugo de milho	416
Figura 18 –	Rede radial da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, no Ceará	427
Figura 19 –	Câmara Cascudo, 20 anos de encantamento	440
Figura 20 –	Rede esquemática hiperonímia: <i>aguardente</i> e nomes-marca	463
Figura 21 –	Rede radial das nomeações para bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar em Pernambuco	472
Figura 22 –	Mapa do Brasil: 1817	484
Figura 23 –	Mapa do Brasil: 1820	484
Figura 24 –	Intersecção das ocorrências capital X interior de Sergipe	495
Figura 25 –	Denominações de <i>cachaça</i> – Carta <i>cachaça</i>	522
Figura 26 –	Denominações de <i>cachaça</i> – Carta <i>cachaça, Pitú, cana</i>	523
Figura 27 –	Denominações de <i>cachaça</i> – Carta - <i>cachaça, pinga, aguardente e caninha</i>	524
Figura 28 –	Denominações de <i>cachaça</i> – Carta - <i>cachaça, Pitú, 51</i>	525
Figura 29 –	Rede radial – lexias mais próximas do protótipo <i>cachaça</i>	529
Figura 30 –	Rede Radial – Bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar no Nordeste	532

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Distribuição das denominações de <i>cachaça</i>	372
Gráfico 2 –	Representatividade da lexia <i>cachaça</i>	375
Gráfico 3 –	Tipos de lexias	376
Gráfico 4 –	Procedência das marcas de <i>cachaça</i>	381
Gráfico 5 –	Respostas com único item X outros tipos de respostas	405
Gráfico 6 –	Lexias apresentadas como primeiro item da resposta no Piauí	418
Gráfico 7 –	Respostas com item único – Sexo dos informantes – Ceará	424
Gráfico 8 –	Ocorrências da lexia <i>cachaça</i> , conforme tipo de respostas obtidas no Ceará	431
Gráfico 9 –	Lexias utilizadas como primeiro item no Rio Grande do Norte	435
Gráfico 10 –	Denominações para a <i>aguardente</i> na Paraíba	445
Gráfico 11 –	Item único das respostas - Paraíba	445
Gráfico 12 –	Representação das ocorrências de Nomes comuns X Nomes-marca em Pernambuco	457
Gráfico 13 –	Denominações para a <i>aguardente</i> nos inquéritos de Pernambuco	459
Gráfico 14 –	Distribuição dos nomes-marca, conforme grupos de respostas	464
Gráfico 15 –	Ocorrências de <i>Pitú</i> – Pergunta inicial X Desdobramentos	471
Gráfico 16 –	Distribuição nomes comuns e nomes-marca em Alagoas	475
Gráfico 17 –	Lexias apresentadas como primeiro item da resposta em Alagoas	480
Gráfico 18 –	Distribuição nomes comuns e nomes-marca em Sergipe	488
Gráfico 19 –	Ocorrências de <i>cachaça</i> – pergunta inicial X Desdobramentos	490
Gráfico 20 –	Distribuição Nomes comuns e Nomes-marca na Bahia	502
Gráfico 21 –	Denominações para a <i>aguardente</i> na Bahia	507
Gráfico 22 –	Resultado homens e mulheres	536
Gráfico 23 –	Resultado faixa etária I e faixa etária II	537
Gráfico 24 –	Resultado escolaridade	537

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Tipos lexias – Quantidades X Ocorrências	372
Tabela 2 –	Relação percentual ocorrências X lexias	373
Tabela 3 –	Percentual de ocorrências de nomes comuns	373
Tabela 4 –	Ocorrências e percentuais das lexias no Maranhão	403
Tabela 5 –	Percentuais de ocorrências – primeiro item	406
Tabela 6 –	Ocorrências e percentuais das lexias no Piauí	411
Tabela 7 –	Ocorrências e percentuais das lexias no Ceará	422
Tabela 8 –	Percentual de ocorrências das lexias, conforme tipos de respostas obtidas no Ceará	430
Tabela 9 –	Ocorrências e percentuais das lexias no Rio Grande do Norte	433
Tabela 10 –	Ocorrências e percentuais das lexias na Paraíba	444
Tabela 11 –	Ocorrências e percentuais das lexias em Pernambuco	458
Tabela 12 –	Ocorrências e percentuais das lexias em Alagoas	475
Tabela 13 –	Ocorrências e percentuais das lexias em Sergipe	486
Tabela 14 –	Ocorrências e percentuais das lexias na Bahia	503

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AELMG —	Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais
AL —	Alagoas
ALECE —	Atlas Lingüístico do Ceará
ALERS —	Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALF —	Atlas Linguistique de la France
ALiB —	Atlas Lingüístico do Brasil
ALiMA—	Atlas Lingüístico do Maranhão
ALIPE —	Atlas Lingüístico de Pernambuco
ALIPI —	Atlas Lingüístico do Piauí
ALiRN —	Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte
ALISPA —	Atlas Lingüístico sonoro do Pará
ALMS —	Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul
ALPB —	Atlas Lingüístico da Paraíba
ALPR —	Atlas Lingüístico do Paraná
ALS —	Atlas Lingüístico de Sergipe
ALS II —	Atlas Lingüístico de Sergipe II
APFB —	Atlas Prévio dos Falares Baianos
B —	Brasileirismo
BA —	Bahia
°C —	Celsius
CE —	Ceará
CO <sup>2</sup> —	Dióxido de Carbono
COOPAMA —	Cooperativa dos Produtores Associados de Cana e seus Derivados da Microrregião de Abaíra
D. —	Dom/Dona
EDIPUCRS —	Editora Universitária da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
EDUEL —	Editora da Universidade Estadual de Londrina
EDUFBA —	Editora Universidade Federal da Bahia
EDUFAC —	Editora da Universidade Federal do Acre
EDUFMA —	Editora da Universidade do Maranhão
EdUFRN	Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
EDUSP —	Editora da Universidade de São Paulo

EI —	Expressão Idiomática
EMBRAPA —	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Esp. —	Especialmente
FAPESB —	Fundação de Amparo à Pesquisa do estado da Bahia
FDR —	Fundação Demócrito Rocha
GELNE —	Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste
HF1F —	Homem, Faixa etária 1, nível Fundamental de escolaridade
HF1U —	Homem, Faixa etária 1, nível Universitário de escolaridade
HF2F —	Homem, Faixa etária 2, nível Fundamental de escolaridade
HF2U —	Homem, Faixa etária 2, nível Universitário de escolaridade
IBRAC —	Instituto Brasileiro da Cachaça
IG —	Indicação Geográfica
INF. —	Informante
IFOCS —	Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca
IG —	Indicação Geográfica
ILUFBA —	Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia
INQ. —	Inquiridor
ININT —	Ininteligível
inform. —	Informal
INPI —	Instituto Nacional da Propriedade Industrial
IOCS —	Instituto de Obras Contra a Seca
IPHAN —	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Km —	Quilômetro
Loc. —	Locução
LP —	<i>Long Play</i>
MA —	Maranhão
MCI —	Modelo Cognitivo Idealizado
MF1F —	Mulher, Faixa etária 1, nível Fundamental de escolaridade
MF2F —	Mulher, Faixa etária 2, nível Fundamental de escolaridade
MF1U —	Mulher, Faixa etária 1, nível Universitário de escolaridade
MF2U —	Mulher, Faixa etária 2, nível Universitário de escolaridade
MP3 —	Mpeg-layer 3
Min —	Minuto
MG —	Minas Gerais
Nº —	Número

Org. —	Organização
PB —	Paraíba
PE —	Pernambuco
PET —	Poli Tereftalado de Etila
P.ext. —	Por extensão
PI —	Piauí
p. met. —	por metonímia
PR —	Paraná
prep. —	Preposição
PUCRS —	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
QFF —	Questionário Fonético Fonológico
QMS —	Questionário Morfossintático
QSL —	Questionário Semântico Lexical
RN —	Rio Grande do Norte
SEBRAE —	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SE —	Sergipe
SNIRH —	Sistema Nacional de Informação sobre Recursos Hídricos
SP —	São Paulo
Sr. —	Senhor
SUDENE —	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
TV —	Televisão
UF —	Unidade Fraseológica
UFF —	Universidade Federal Fluminense
V. —	Ver
VOLP —	Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
UEL —	Universidade Estadual de Londrina
UFBA —	Universidade Federal da Bahia
UFC —	Universidade Federal do Ceará
UFMA —	Universidade Federal do Maranhão
UFMS —	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFPA —	Universidade Federal do Pará
UFRPE —	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFSC —	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB —	Universidade de Brasília
WWW —	World Wide Web

## SUMÁRIO (GERAL)

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	27
2	<b>SITUANDO O TEMA: A CACHAÇA E O NORDESTE</b>	32
2.1	CACHAÇA	33
2.1.1	<b>Percursos linguístico e histórico da <i>cachaça</i> - de fermentada a destilada</b>	39
2.1.2	<b>Do cauim à tiquira</b>	47
2.1.3	<b>Constituição cultural e política: a bebida, as pessoas, o preconceito</b>	56
2.1.4	<b><i>Cachaça</i>: conceitos, categorias legais e comercialização</b>	71
2.1.5	<b>O fazer legal da <i>cachaça</i></b>	82
2.1.6	<b><i>Cachaça</i>: empirismo, crenças, receitas e rituais</b>	99
2.2	O NORDESTE E O NORDESTINO – DA CANA À CACHAÇA	110
2.2.1	<b>E como tudo começou no Nordeste?</b>	111
2.2.2	<b>O caminho da cana-de-açúcar no Brasil e a produção açucareira</b>	114
2.2.3	<b>Do canavial à mineração</b>	120
2.2.4	<b>A constituição sociocultural do Nordeste, no passado e no presente</b>	123
2.2.5	<b>A formação do Nordeste brasileiro</b>	131
2.2.6	<b>Diz-me que <i>cachaça</i> bebes que te direi de onde vens</b>	141
3	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA</b>	144
3.1	A DIALETOLOGIA, O FALANTE E SUA CULTURA	145
3.1.1	<b>Dialetologia</b>	149
3.1.2	<b>A variação dialetal</b>	153
3.1.3	<b>A Geolinguística</b>	162
3.1.4	<b>A <i>aguardente</i> na variação diatópica</b>	173
3.2	A ETNOLINGUÍSTICA: O PENSAMENTO, A CULTURA E A MATÉRIA	189
3.2.1	<b>As variantes linguísticas e as experiências dos falantes</b>	190
3.2.1.1	<i>A Etnolinguística e a relação entre língua e cultura</i>	192
3.2.1.2	<i>A Etnolinguística e as nuances dos registros dialetais</i>	194
3.2.2	<b>O saber cultural e as denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar</b>	196
3.2.2.1	<i>O saber cultural e as narrativas sobre a aguardente</i>	200
3.2.2.2	<i>O saber cultural: a interação entre a cultura e a língua</i>	205

3.2.3	<b>As experiências corpóreas: reflexos na língua e na sociedade</b>	209
3.3	DA CACHAÇA À SEMÂNTICA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA	216
3.3.1	<b>Dois dedos de metáfora para um gole de <i>cachaça</i></b>	218
3.3.2	<b>O conhecimento representado em mente, corpo e contexto</b>	223
3.3.3	<b>A variação linguística no caminho da conceptualização e da categorização</b>	233
3.3.4	<b>A rede prototípica das categorizações de aguardente</b>	244
3.5	O ESTUDO INTERDISCIPLINAR DOS NOMES-MARCA DE CACHAÇA	259
3.5.1	<b>O estudo dos nomes-marca a partir de princípios da Semântica Cognitiva</b>	260
3.5.2	<b>O estudo dos nomes próprios: a Onomástica, os Oniônimos</b>	266
3.5.3	<b>Significação e natureza dos nomes próprios e dos nomes comuns</b>	269
3.5.4	<b>Os nomes-marca: os nomes das marcas</b>	278
3.5.5	<b>O produto <i>cachaça</i></b>	287
3.5.6	<b>A hiperonímia e a hiponímia</b>	292
3.6	A LEXICOLOGIA EM DIÁLOGO COM A DIALETOLOGIA, A ETNOLINGUÍSTICA E A SEMÂNTICA COGNITIVA	298
3.6.1	<b>A Lexicologia e seus termos</b>	302
3.6.2	<b>Nuances interdisciplinares no estudo léxico-semântico do domínio de experiência da <i>Aguardente</i></b>	310
3.6.3	<b>Aspectos léxico-semânticos das variantes de <i>aguardente</i></b>	330
4	<b>A METODOLOGIA DA PESQUISA: O APRENDER A FAZER, FAZENDO</b>	343
4.1	O OBJETO DE ESTUDO	345
4.2	OS INFORMANTES	346
4.3	AS LOCALIDADES: O NORDESTE DO BRASIL	348
4.4	O QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO	352
4.5	O TRATAMENTO DOS DADOS	354
4.5.1	<b>A audição dos inqueritos</b>	354
4.5.2	<b>A transcrição grafemática</b>	355
4.5.3	<b>Levantamento, controle e análise dos dados</b>	356
4.5.4	<b>Pesquisas em dicionários, vocabulários e em obras especializadas</b>	359

4.5.5	<b>O estudo etnográfico em engenhos de cana e em museus temáticos</b>	360
4.6	SOBRE OS NOMES-MARCA	362
4.7	OS MAPAS	363
5	<b>DESVENDANDO OS CAMINHOS CONCEPTUAIS DA ÁGUA QUE PASSARINHO NÃO BEBE</b>	364
5.1	E COMO O NORDESTINO CHAMA A BEBIDA ALCOÓLICA FEITA DA CANA DE AÇÚCAR?	367
5.2	A DICIONARIZAÇÃO DAS LEXIAS CACHACEIRAS	385
5.3	A <i>PINGA</i> NOS QUATRO CANTOS DO NORDESTE	398
5.3.1	<b>O Maranhão – A terra da <i>Catirina</i>, do pai Chico e do boi Mimoso</b>	400
5.3.2	<b>Piauí – a terra da cajuína cristalina</b>	410
5.3.3	<b>O Ceará das jangadas e dos jangadeiros</b>	420
5.3.4	<b>O Rio Grande do Norte – terra de Câmara Cascudo</b>	431
5.3.5	<b>Paraíba – terra da <i>cachaça</i></b>	442
5.3.6	<b>Pernambuco do rei do baião</b>	454
5.3.7	<b>Alagoas do mar azul turquesa</b>	473
5.3.8	<b>Sergipe e a sergipanidade</b>	483
5.3.9	<b>O que é que a Bahia tem?</b>	498
5.2	OS MAPAS LINGUÍSTICOS – CARTAS LEXICAIS COM DENOMINAÇÕES DE <i>CACHAÇA</i>	521
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	526
	<b>REFERÊNCIAS</b>	540
	APÊNDICE A – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DO MARANHÃO	567
	APÊNDICE B – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DO PIAUÍ	571
	APÊNDICE C – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DO CEARÁ	573
	APÊNDICE D – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DO RIO GRANDE DO NORTE	577
	APÊNDICE E – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DA PARAÍBA	579
	APÊNDICE F – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DE PERNAMBUCO	582
	APÊNDICE G – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DE ALAGOAS	587

APÊNDICE H – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DE SERGIPE	589
APÊNDICE I – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DA BAHIA	591
APÊNDICE J – DICIONARIZAÇÃO DOS NOMES COMUNS	599
APÊNDICE L – DICIONARIZAÇÃO DOS NOMES-MARCA	614

## SUMÁRIO (VOLUME I)

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	27
2	<b>SITUANDO O TEMA: A CACHAÇA E O NORDESTE</b>	32
2.1	<b>CACHAÇA</b>	33
2.1.1	<b>Percursos linguístico e histórico da <i>cachaça</i> - de fermentada a destilada</b>	39
2.1.2	<b>Do cauim à tiquira</b>	47
2.1.3	<b>Constituição cultural e política: a bebida, as pessoas, o preconceito</b>	56
2.1.4	<b><i>Cachaça</i>: conceitos, categorias legais e comercialização</b>	71
2.1.5	<b>O fazer legal da <i>cachaça</i></b>	82
2.1.6	<b><i>Cachaça</i>: empirismo, crenças, receitas e rituais</b>	99
2.2	<b>O NORDESTE E O NORDESTINO – DA CANA À CACHAÇA</b>	110
2.2.1	<b>E como tudo começou no Nordeste?</b>	111
2.2.2	<b>O caminho da cana-de-açúcar no Brasil e a produção açucareira</b>	114
2.2.3	<b>Do canavial à mineração</b>	120
2.2.4	<b>A constituição sociocultural do Nordeste, no passado e no presente</b>	123
2.2.5	<b>A formação do Nordeste brasileiro</b>	131
2.2.6	<b>Diz-me que <i>cachaça</i> bebes que te direi de onde vens</b>	141
3	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA</b>	144
3.1	<b>A DIALETOLOGIA, O FALANTE E SUA CULTURA</b>	145
3.1.1	<b>Dialetologia</b>	149
3.1.2	<b>A variação dialetal</b>	153
3.1.3	<b>A Geolinguística</b>	162
3.1.4	<b>A <i>aguardente</i> na variação diatópica</b>	173
3.2	<b>A ETNOLINGUÍSTICA: O PENSAMENTO, A CULTURA E A MATÉRIA</b>	189
3.2.1	<b>As variantes linguísticas e as experiências dos falantes</b>	190
3.2.1.1	<i>A Etnolinguística e a relação entre língua e cultura</i>	192
3.2.1.2	<i>A Etnolinguística e as nuances dos registros dialetais</i>	194
3.2.2	<b>O saber cultural e as denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar</b>	196
3.2.2.1	<i>O saber cultural e as narrativas sobre a aguardente</i>	200
3.2.2.2	<i>O saber cultural: a interação entre a cultura e a língua</i>	205

3.2.3	<b>As experiências corpóreas: reflexos na língua e na sociedade</b>	209
3.3	DA CACHAÇA À SEMÂNTICA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA	216
3.3.1	<b>Dois dedos de metáfora para um gole de <i>cachaça</i></b>	218
3.3.2	<b>O conhecimento representado em mente, corpo e contexto</b>	223
3.3.3	<b>A variação linguística no caminho da conceptualização e da categorização</b>	233
3.3.4	<b>A rede prototípica das categorizações de aguardente</b>	244
3.5	O ESTUDO INTERDISCIPLINAR DOS NOMES-MARCA DE CACHAÇA	259
3.5.1	<b>O estudo dos nomes-marca a partir de princípios da Semântica Cognitiva</b>	260
3.5.2	<b>O estudo dos nomes próprios: a Onomástica, os Oniônimos</b>	266
3.5.3	<b>Significação e natureza dos nomes próprios e dos nomes comuns</b>	269
3.5.4	<b>Os nomes-marca: os nomes das marcas</b>	278
3.5.5	<b>O produto <i>cachaça</i></b>	287
3.5.6	<b>A hiperonímia e a hiponímia</b>	292
3.6	A LEXICOLOGIA EM DIÁLOGO COM A DIALETOLOGIA, A ETNOLINGUÍSTICA E A SEMÂNTICA COGNITIVA	298
3.6.1	<b>A Lexicologia e seus termos</b>	302
3.6.2	<b>Nuances interdisciplinares no estudo léxico-semântico do domínio de experiência da <i>Aguardente</i></b>	310
3.6.3	<b>Aspectos léxico-semânticos das variantes de <i>aguardente</i></b>	330
4	<b>A METODOLOGIA DA PESQUISA: O APRENDER A FAZER, FAZENDO</b>	343
4.1	O OBJETO DE ESTUDO	345
4.2	OS INFORMANTES	346
4.3	AS LOCALIDADES: O NORDESTE DO BRASIL	348
4.4	O QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO	352
4.5	O TRATAMENTO DOS DADOS	354
4.5.1	<b>A audição dos inquéritos</b>	354
4.5.2	<b>A transcrição grafemática</b>	355
4.5.3	<b>Levantamento, controle e análise dos dados</b>	356
4.5.4	<b>Pesquisas em dicionários, vocabulários e em obras especializadas</b>	359

<b>4.5.5</b>	<b>O estudo etnográfico em engenhos de cana e em museus temáticos</b>	<b>360</b>
4.6	SOBRE OS NOMES-MARCA	362
4.7	OS MAPAS	363

## 1 INTRODUÇÃO

Estudar sobre os nomes atribuídos à *cachaça* foi instigante desde o começo. Contudo, foi com o passar do tempo, que o encantamento, realmente, se deu, quando se perceberam as muitas linhas de conhecimento que estavam envolvidas ao tema, principalmente, no que concerne à cultura popular, à história da bebida e do Brasil, além de motivações e abordagens referentes aos estudos linguísticos.

Não há dúvida de que, sobre a *cachaça*, as muitas abordagens confirmam a sua constituição como parte da cultura do brasileiro, desde o século XVI, que, com ele, viveu muitas fases da história do Brasil. É um elemento advindo do povo, feito do povo e para o povo, para que por ele fosse consumido, independentemente de sua classe social.

As pessoas bebem a *branquinha* pelos mais diversos motivos, seja para comemorar as alegrias, seja para lamentar as tristezas. Mesmo que não seja um(a) consumidor(a), a conhece e isso garante que a bebida seja vista, sentida, percebida como um item de conhecimento das brasileiras e dos brasileiros.

Por isso, sinta-se à vontade para ler uma das formas de estudo desse produto, que é patrimônio de todo brasileiro e toda brasileira, e que aqui será desnudado em algumas de suas nuances. Deguste-o devagar, sinta o seu aroma e viva sob a latência de uma lucidez que é proporcionada, apenas, a quem se submete a lidar com a *água que passarinho não bebe*.

Este estudo sobre as denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar se baseia nos dados coletados pelos pesquisadores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), nos nove estados da região Nordeste do Brasil, em 78 cidades, a partir da aplicação de inquéritos linguísticos a 348 participantes, em que consta a pergunta 182, no Questionário Semântico Lexical (QSL): “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36)

Trata-se de um trabalho interdisciplinar entre a Dialetologia, a Etnolinguística e a Linguística Cognitiva, em que se buscou verificar como os entrevistados conceptualizadores do Projeto ALiB identificaram, classificaram e nomearam a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, ou seja, como a conceptualizaram e categorizaram, levando em consideração o contexto

linguístico em que se encontraram para apresentarem as suas respostas, em uma entrevista linguística.

Nesse sentido, adotou-se uma visão de estudo, estabelecendo uma relação triangular entre a Dialetoлогия, a Linguística Cognitiva, especificamente, na abordagem da Semântica Cognitiva, e a Etnolinguística, ao se considerar que, entre os elementos da língua, há relação do significado com a cognição, com os aspectos sociais, os aspectos culturais e históricos e com a experiência corpórea vivenciada pelo ser humano.

Ao trazer para as reflexões o diálogo entre essas três vertentes da Linguística, verificou-se que possuem afinidades visto que seguem, por exemplo, dentre as linhas de estudo, a pesquisa com o léxico, em seu uso contextual, relacionado à semântica, considerando a flexibilização dos significados. Com isso, se fez necessário ampliar a abordagem do estudo interdisciplinar, baseando-se, ainda, em princípios de outras duas vertentes da Linguística: a Lexicologia e a Onomástica.

A relação entre a Dialetoлогия, a Etnolinguística e a Linguística Cognitiva, adotada nesta tese pode ser demonstrada no esquema apresentado na Figura 1<sup>1</sup>.

Figura 1 – As denominações de *cachaça* e as três vertentes teóricas



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

<sup>1</sup> A composição gráfica das figuras apresentadas neste documento (esquemas, mapas e redes) foi elaborada por Ana Rita Carvalho (Mestra em Língua e Cultura – PPGLinC/ UFBA / Projeto ALiB). As bases cartográficas utilizadas são de autoria de Ana Regina Torres Ferreira Teles (in memoriam) (Comissão de Informatização e Cartografia do Projeto ALiB – Escola Politécnica da UFBA).

Conforme se demonstra na Figura 1, no estudo em questão, entende-se que as respostas à pergunta: “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” são constituídas de itens de conhecimento do falante conceptualizador e categorizador, fazendo parte de sua experiência de vida. Para apresentá-los, ao ser feito o questionamento, o informante aciona *frames*, que, segundo Duque (2015, p. 26), “[...] são mecanismos cognitivos através dos quais organizamos pensamentos, ideias e visões de mundo.”, e, por meio de sua conceptualização, ou seja, da forma como compreende e significa a bebida alcoólica, a nomeia, categorizando-a, compondo a formação de uma rede em que, individualmente e coletivamente, existem itens prototípicos e periféricos.

Com as informações coletadas, objetivou-se obter o mapeamento das variantes que nomeiam a bebida alcoólica, no eixo diatópico da língua, considerando, nas interpretações, quando possível, informações que partem das características sociais dos entrevistados, como o sexo, a faixa etária e o nível de escolaridade, conforme a metodologia da geolingüística pluridimensional adotada pelo Projeto ALiB. Aliada a isso, as problematizações propostas permitiram detectar os aspectos cognitivos que envolvem Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) para a compreensão dos itens apresentados nas respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores da região Nordeste, entendendo que as suas experiências corporificadas promoveram cada resposta, visto que estão estritamente relacionadas às vivências socioculturais, nas quais se incluem os seus saberes linguísticos.

Considerando que, como preceitua a Linguística Cognitiva, categorizamos à base do elemento prototípico, entende-se que, dentre as lexias que os informantes conceptualizaram e categorizaram a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, há item lexical prototípico e itens que dele estão muito próximos. Para classificação desses itens, importa considerar não apenas os mais citados em suas respostas, mas avaliar a qualidade dessas respostas, no que concerne a verificar os que, na pergunta inicial, os falantes primeiro mencionaram, além dos que foram apresentados como segundo, terceiro e quarto itens<sup>2</sup>, como respostas a essa pergunta inicial, considerando, também, os que ocorreram nos variados tipos de desdobramentos.

---

<sup>2</sup> A ordem das lexias apresentadas pelos informantes pode ser consultada no Apêndice.

Nesse contexto, é possível estabelecer, conforme preceitua a Etnolinguística, a relação entre a cultura e as denominações variantes de *cachaça*, que se mostra relevante conforme o caminho que a referida bebida alcoólica trilhou no Brasil, com a vinda da cana-de-açúcar, com a formação dos engenhos e dos alambiques, elementos que movimentaram a economia brasileira, infelizmente, norteados por uma política escravagista, dominada por senhores de engenho.

A *cachaça* se relaciona com os moradores do Brasil e com isso faz parte da história do país, sendo um patrimônio nacional e, assim como outros elementos classificados como brasileiros, sofre estigmas. Para contemplar essa abordagem, fez-se necessário aprofundar o conhecimento na história do povo brasileiro, na história do Nordeste e na história da *cachaça*, o que permitiu melhor conhecer, por exemplo, a relação entre o falante, a língua que fala e cultura a que pertence, ao se deparar com cada uma das 71 nomeações da bebida, consideradas como respostas pelos entrevistados. Citam-se, como exemplo: *branquinha, Pitú, cachaça maranhense, limpa, tiortina, brejeira, serrana, São Paulo; Pé de cana* etc.

Essa relação entre as lexias apresentadas nas respostas dos informantes e a cultura local ou nacional se evidenciaram por meio dos usos dos nomes comuns e nomes das marcas das bebidas. Cada lexia foi estudada com base em consulta a dicionários da língua portuguesa e da área específica da bebida, além de artigos e livros que trouxeram vocabulários e informações a seu respeito.

As hipóteses traçadas no Projeto foram essenciais para nortear as investigações realizadas, com base nas designações para *aguardente* na região Nordeste do Brasil, possibilitando que se acompanhe o resultado, no decorrer da leitura da tese.

Conforme tais hipótese, percebe-se, portanto, que, para o tema em questão, a variação diatópica, realmente, se apresenta de forma mais relevante que a sociolinguística. As questões etnolinguísticas, evidenciadas no apresentar de cada resposta dos informantes, seja na individualidade e no coletivo, firma a relação entre o uso linguístico e a cultura; além disso, a natureza das respostas conduziu o estudo a considerar a análise qualitativa com a mesma importância que a quantitativa; e, ainda, por meio das respostas dos informantes

conceptualizadores e categorizadores, foi possível definir a denominação prototípica e as denominações periféricas para a *aguardente* feita da cana-de-açúcar, na região do Nordeste do Brasil, além de formações metafóricas e metonímicas relacionadas a essas denominações.

Esta tese apresenta-se organizada da seguinte forma: Situando o tema, em que se encontram as seções: Cachaça e Nordeste; Fundamentação teórico-metodológica, com as seções: Dialetoлогия, Etnolinguística, Linguística Cognitiva, Nomes-marca, Lexicologia; além das seções que tratam da Metodologia da Pesquisa, Análise dos dados e das Considerações Finais, a que se juntam os Apêndices.

Chama-se atenção para alguns pontos na escrita do texto.

- ✓ No decorrer da tese, as variantes obtidas como respostas à questão 182 do QSL estão registradas em itálico, exceto quando compuseram Quadros, Tabelas e Gráficos e nas citações.
- ✓ Os nomes-marca estão grafados com letra inicial maiúscula e os nomes comuns com letra minúscula.
- ✓ As referências ao ser humano, de uma forma geral, constam registradas na forma masculina de gênero.
- ✓ Ao lado de cada localidade citada, há a sua numeração, conforme é considerado na rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil ISQUERDO; TELES (2014, p. 74). Excetua-se a indicação da numeração quando mencionada em Quadros e Tabelas.
- ✓ O informante será referenciado também como: informante conceptualizador e categorizador, entrevistado, participante, falante e utente.

No decorrer do texto, há exemplos de diálogos, os quais pertencem ao banco de dados inéditos do Projeto ALiB, ocorridos na aplicação dos inquéritos. Cada diálogo apresentado como exemplo possui uma numeração, que segue de forma sequenciada no texto. Além disso, tem-se o uso de: “[...]”, indicando que o inquiridor realizou a pergunta padrão: “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar” ou, bem próxima a essa elaboração, como, por exemplo: “E a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” Quando a elaboração não foi feita dessa forma, a pergunta foi transcrita no diálogo apresentado.

Nesta tese, se conhecerão elementos que envolvem a *cachaça*, bebida que nasceu e cresceu com o Brasil, em engenhos do litoral, e que acompanhou os brasileiros na migração para o interior do país. É um destilado que possui história, tradição e está relacionada às questões socioculturais do brasileiro, com quem criou tamanha intimidade ao ponto de serem criadas uma variedade de denominações.

## **2 SITUANDO O TEMA: A CACHAÇA E O NORDESTE**

O Nordeste do Brasil é uma região de representatividade cultural-linguística-dialetal que permite aos seus habitantes vivenciarem experiências culturais ímpares. Dentre as suas muitas riquezas, encontram-se engenhos de cana, onde se produzem *cachaças* que, ao serem denominadas, como nomes comuns ou nomes-marca, estampam retratos de sua população. O saber fazer próprio do produtor nordestino faz a água que arde pingar em xotes e tragos com idiossincrasias inerentes de cada coração extraído dos alambiques, seja de forma metafórica ou metonímica.

Nesta seção, serão abordados esses dois referentes que compõem esta tese: (i) o elemento central constituinte das respostas à pergunta 182 do QSL: “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.36) – a *cachaça*; (ii) a região Nordeste do Brasil, cujas ocorrências apresentadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores dos inquéritos fazem parte do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Na seção que trata da *cachaça*, serão conhecidas informações que concernem à sua constituição como produto que faz parte da cultura local e nacional e como elemento constituído de muitas variações linguísticas. Sobre o Nordeste, tem-se a explanação centrada em sua formação como região do país e a sua relação com a bebida, situada em constituições históricas, sociais e culturais.

## 2.1 CACHAÇA

A cachaça é minha prima  
Aguardente é meu parente  
Não há festa, nem batuque  
Em que esta prima não entre.  
(CALASANS, 2014, p. 66)

Pesquisar as lexias que fazem parte da rede onomasiológica de conceptualização e categorização da bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar ou “aguardente”, como indica a pergunta 182 do Questionário Semântico Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), é buscar, em contexto de entrevista linguística, informações lexicais e semânticas de um elemento da cultura brasileira, que faz parte da vida de muitos cidadãos, os quais a utilizam em ocasiões de comemorações e/ou de lamentações, ou mesmo, sem nenhum motivo específico, como uma companhia cotidiana ou esporádica.

Isso implica em dizer que não se trata de buscar somente os nomes atribuídos à bebida, cuja produtividade é extensa, seja no universo em questão, a região Nordeste do Brasil, seja em âmbito nacional; mas importa compreender o elenco em uso, a convivência entre as denominações, bem como sua representatividade no discurso em contexto de entrevista e nas práticas linguísticas e culturais das pessoas entrevistadas. Trata-se de perceber o envolvimento dessas lexias como parte do léxico que se refere ao domínio da experiência da bebida alcoólica, compreendendo-o integrante de práticas sociais, coadunando com Biderman (1998, p. 92) que afirma que: “A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras.”

Como se trata de um elemento culturalmente bem enraizado, é quase unânime que se tenha o conhecimento de, pelo menos, um dos muitos itens lexicais que nomeiam a bebida, pois, como afirma Cascudo (2016, p. 9), sobre a sinonímia da *cachaça*, “[...] cada nome é uma atribuição sentencial”, pertencente à cultura popular, que, segundo o autor, deve ser compreendida como uma: “[...] realidade psicológica, entidade subjetiva atuante, difícil de render-se a uma imposição legislativa ou a uma pregação teórica.” (CASCUDO, 2016, p. 10)

Logo, ao constar, com certa veemência, em eventos dialógicos e socioculturais, é possível perceber a presença de recursos semânticos cognitivos diversos, explicitados nas denominações, os quais revelam a relação das pessoas com a bebida.

O tipo, a forma como é fermentada, destilada, além dos cuidados que se têm em seu armazenamento, a individualizam como uma bebida que tem sabor, aroma, cor, teor alcoólico e história próprios. É um produto vendido nos mais variados ambientes, como na bodega e na venda, que são lugares chamados popularmente de bar de “umbigo no balcão” ou, simplesmente, de “balcão”, assim como em restaurantes simples e requintados que o dispõem em seus cardápios e em suas cartas de bebidas, respectivamente.

Para a prática do destilo da cana, foi necessário que alambiques fossem trazidos às terras brasileiras, pois, sem eles, seria elaborada mais uma bebida fermentada, como um vinho e o caium, a bebida dos povos originários. Figueiredo e Venâncio (2005, p. 21) afirmam que essa destilação ocorreu na “[...] terceira década do século 17, quando surgiram as primeiras notícias da aguardente de cana-de-açúcar destilada em alambiques.” O teor alcoólico da bebida destilada é superior ao da fermentada. No caso da cana-de-açúcar, o vinho, também chamado de mosto<sup>3</sup> fermentado, possui, conforme Câmara (2004, p. 40), “[...] no máximo 12% de álcool a 20 graus Celsius.” Para se obter o teor alcoólico, numa graduação igual ou superior a 38%, é necessário que o líquido seja destilado.

A bebida fermentada, o vinho da cana, foi uma forma de se produzir o líquido alcoólico advindo da cana-de-açúcar, sendo o processo semelhante ao que os indígenas faziam ao fermentarem raízes e frutas, e que os povos de África realizavam com as palmas, o vinho de palma, como chamavam os portugueses, ou o *malafô*, uma “bebida fermentada tradicional extraída de diversos tipos de palmeiras e que conhecia forte valor cerimonial.” (FIGUEIREDO; VENÂNCIO, 2005, p. 31)

As bebidas alcoólicas, de uma forma geral, podem ser fermentadas ou destiladas. Cavalcante (2011a, p. 22), de forma ampla, apresenta os dois tipos:

---

<sup>3</sup> “O mosto fermentado denomina-se vinho, cuja composição média em compostos voláteis é de 90% a 92% de água, 7% a 9% de etanol e de 1% a 2% de compostos secundários.” (ALCARDE, 2017, p. 51)

“[...] a fermentação é um fenômeno natural, que ocorre durante a deterioração de produtos orgânicos.” E a destilação “[...] é um processo onde se emprega calor para separar produtos voláteis de uma mistura através da vaporização e da condensação”, que também pode ocorrer como recurso da natureza, como acontece com a condensação da água evaporada, por exemplo.

A destilação de bebidas acompanha o desenvolvimento da civilização, visto que envolve a criação e a utilização de equipamentos que participam da produção, a partir de processos e recursos mais complexos que o da fermentação. Com o passar do tempo, a destilação do caldo da cana-de-açúcar estabeleceu processos que possibilitaram um tratamento mais cuidadoso com a bebida, sendo observadas formas mais nítidas de tratar as suas impurezas e de gerar um produto com sabor e aroma de melhor qualidade.

No primeiro contato dos portugueses com os povos originários, houve, como uma aparente forma de gentilezas, a troca de bebidas fermentadas, cujo gosto não agradou a nenhuma das partes: nem os portugueses gostaram da bebida dos indígenas nem estes gostaram do vinho dos lusitanos. Nesse contexto, os portugueses já consumiam também o destilado da uva, mas os indígenas só conheciam os seus fermentados.

A presença da *cachaça* em acontecimentos do país já lhe garantiria importância, mas o que se vê é, no senso comum, ser-lhe ainda atribuído o título de bebida vulgar, própria de pessoas viciadas que se tornam cachaceiras, consumidoras de uma bebida chula, desvalorizada. Pensar dessa forma categórica a respeito da *aguardente de cana* revela uma desatualização no conhecimento do papel, da evolução e da participação da bebida nos movimentos socioculturais e econômicos do Brasil, além da manutenção de ideias generalizantes que se lançaram no decorrer da história da bebida, em que era vinculava à embriaguez, aliada à falta de juízo e de compostura.

Atualmente, a *pinga* ocupa espaços de destaque em vários segmentos, tendo, inclusive, eventos específicos, como os festivais, que são a ela dedicados, além de cachaçarias instaladas em centros comerciais e em *shopping center*. No canal *Globo Sat*, há uma *Série* de programas, constituída de 13 episódios, denominada “Bendita Marvada”, onde são apresentadas informações diversas a respeito da *caninha*, procurando, inclusive, valorizá-la, desmistificando a ideia de ser uma bebida inferior.

A *cachaça* tem data anual de comemoração, que é em 13 de setembro, quando cachacistas, cachaçólogos, *cachacier* e *cachaceiros* - que é como se chamam os seus adeptos, estudiosos, especialistas, apreciadores e admiradores - se unem para brindar, conversar, se informar a respeito das novas tendências no entorno da bebida. (MAPA DA CACHAÇA, 2019b) Na atualidade, há, com muita frequência, a participação de *cachaças*, das mais diversas marcas, em feiras de negócios, sejam esses vinculados a bebidas alcoólicas ou aos mais diversos tipos de itens a serem comercializados.

No decorrer do tempo, estudiosos e produtores da *pinga* vêm trabalhando para melhorar a imagem negativa historicamente a ela associada que, com isso, vem ganhando espaço, passando a circular, com mais frequência, nos diversos ambientes das distintas classes sociais, configurando-se como uma bebida verdadeiramente democrática: tem para todos os gostos e todos os bolsos. Para isso, deixam de se evidenciar as ideias de que se trata da bebida que arde, que queima a “goela” e que embriaga com facilidade, o que já consta em seu nome, desde os tempos primórdios, a *água ardente*, e que, por séculos, foi esse aspecto evidenciado.

Mistérios, enigmas e saberes diversos estão relacionados a esse termo, que designa uma prática milenar de alquimia. Conforme Figueiredo e Venâncio (2005, p. 18), “O termo ‘ardente’ não traduzia apenas a sensação de calor produzida pela ingestão do destilado, ou então o fato de ele fazer ‘arder a garganta’, mas encarnava seu próprio espírito, sua propriedade invisível.” A *água ardente* era considerada benéfica à saúde, por isso

Daí também sua designação como ‘água da vida’ (até hoje em francês *l'eau-de-vie*), remédio do espírito, capaz de alegrar os tristes, de corar os pálidos, de fazer pulsar o coração dos fracos, além de atender fins bem mais corriqueiros, como o de acalmar as dores de dentes. (FIGUEIREDO; VENÂNCIO, 2005, p. 18)

Paralelo ao diluir da formação composta, acompanhada pela sua justaposição, passou-se a uma ressignificação do item lexical, em que há, na *aguardente*, a valorização do equilíbrio entre o ardor e o seu teor alcóolico, que, por sua vez, passam a ser elementos constituintes de uma complexidade que compõe o *bouquet* da bebida, cuja oleosidade se percebe no copo e que a faz “descer macia”, proporcionando uma sensação de harmonia sensorial.

A perspectiva de agressividade, no aroma e no sabor da bebida, se esvai passando a ser considerada inadequada, visto que indica o inapropriado excesso de acidez (ALCARDE, 2017, p. 85). Uma boa *cachaça* tem aroma, acidez e sabor agradáveis; em sua cor, transparece o brilho e a limpidez, apresentando-se com uma boa textura; conta, metaforicamente, com a crença da benção de um rosário, que são as contas/bolinhas que se fazem presentes, por algum tempo, na superfície do copo, em que assenta o líquido saboroso, ou quando a garrafa é agitada. É a benção à bebida brasileira. Como traz Silva (2008, p. 62), “[...] o surgimento do rosário, ao se agitar a garrafa, já é um indício de que a sua ingestão está liberada, podendo ser feita sem medo de pecar.”

A pergunta 182, do Questionário Semântico Lexical (QSL), faz parte da área semântica *Alimentação e cozinha*, que é constituída de doze questões, assim distribuídas: sete que se referem à busca de denominações para comidas; uma à bebida, a *aguardente*; duas adjetivações relacionadas ao excesso de comida; e uma sobre a nomeação de um dos momentos de refeição. O fato de ser o tema de uma pergunta, entre as doze questões dessa área, revela o reconhecimento da importância linguística e sociocultural da *cachaça*, na sociedade brasileira.

Segundo Cascudo (2013, p. 5), “Quem faz a comida tempera ao seu paladar. Paladar corresponde ao Timbre, fisionomia da Percepção.” Com isso, se evidencia a visão de alimentos confeccionados a partir de aspectos individuais, o que leva a entender que, mesmo diante de uma receita, a identidade de quem a executa se faz presente. E assim é que temos o “Modo de fazer” de cada pessoa impresso em seu feito, resultando no mungunzá de dona Valdecy, na canjica de dona Landa, no vatapá de dona Luzinete.

As idiossincrasias de quem cozinha se manifestam, metonimicamente, nos bons méritos de suas mãos; nesse sentido, se afirma que “[...] ‘Tempero é o Sal. ‘Boa mão no Sal’”, como traz CASCUDO (2013, p. 5), que corrobora com a máxima de que tempero de comida é o sal, valorizando quem possui, como habilidade, o saber de pesar bem, no olhar, acompanhado de um bom olfato, e nas mãos, a quantidade adequada de sal no alimento que cozinha.

E essa mesma perspectiva de elaboração se tem no entorno da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, que, por mais que se tenha estabelecido um protocolo de padronização de seus processos de feitura, as *cachaças*

artesanais, naturalmente, são diferentes umas das outras. A *cachaça* de Abaíra, não é igual à *cachaça* de Paraty, por exemplo, pois, pelas mãos de seres humanos, firma-se uma infinita riqueza de individualidades que certificam identidades, originadas de quem executa a produção da bebida, sendo esse o seu mais autêntico timbre.

Fazendo um paralelo ao peso do sal dos gêneros alimentícios, na *cachaça*, esse elemento balizador se dá de outra forma, visto que se deve extrair o açúcar de sua matéria-prima, a cana-de-açúcar, a partir da fermentação, quando se possibilita que fungos transformem, como um advento da natureza, o açúcar em álcool e em CO<sup>2</sup>, além de outros compostos secundários. Com o açúcar presente no caldo, não se tem a bebida alcoólica, tem-se a garapa, por isso é necessária a extração desse elemento doce da cana-de-açúcar, para se obter o álcool. Fixa-se um paradoxo: tem de ter o açúcar para ser retirado, porque é o resultado dessa extração que interessa, e é nessa dosagem do olhar, do olfato e da boa mão, é nesse peso do mestre cachaceiro, ou do trabalhador do engenho, que se têm impressas as idiossincrasias da *cachaça*, por meio da sensibilidade de quem conduz a sua produção.

Cada *cachaça* fala muito a respeito de quem a fez, e, até, de onde foi produzida, além de tantos outros dizeres, e só quem tem intimidade com a *caninha* consegue perceber, com sutileza, essa merecida beleza. Portanto, o sal dá a vida aos alimentos, assim como o açúcar faz nascer a *pinga*. É tão importante a relação entre esses elementos que se sabe que, em muitos doces, se coloca uma pitada de sal e, em algumas comidas salgadas, se acrescenta uma colherzinha de açúcar. É o toque de equilíbrio da natureza se fazendo presente na *Alimentação e cozinha*.

*Cachaça*: não viva para bebê-la, mas não passe a sua existência sem apreciá-la. A variedade da bebida é imensa, e, para cada uma, se tem a história de quem a produziu, que, muitas vezes, além de promover belíssimas narrativas individuais, é um negócio que envolve toda a família. Para conhecer o mundo e os mistérios da *cachaça*, pegue seu copo, bote uma dose e deguste-a devagar, contemplando a beleza que a sensação do retro gosto pode proporcionar a quem sabe apreciar e decifrar as belezas que a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar possibilita a quem se aventura a conhecê-la. Não precisa ter apenas

coragem, mas tem de ter vontade de interagir, sem timidez, com a mais brasileira das bebidas.

E como nos traz Souto Maior (1970/71, p. 47), no ABC da *cachaça*:

O homem que nunca sentiu  
O gosto da cachacinha  
Ou a mulher que não provou  
Uma taça da caninha,  
Passaram por este mundo  
Sem o melhor que convinha. (SOUTO MAIOR, 1970/71, p. 47)

### 2.1.1 Percursos linguístico e histórico da *cachaça* - de fermentada a destilada

Em sua trajetória linguística e sociocultural, a denominação *cachaça* percorreu um longo caminho até, finalmente, se referir, oficialmente, à destilação do mosto fermentado de cana-de-açúcar. O termo sofreu e ainda sofre preconceito, devido ao reflexo da associação inicial da *caninha* a pessoas de poucos recursos financeiros. E, nesse fluxo relacional entre a bebida alcoólica e a denominação, constata-se uma significativa representatividade sociocultural, em que se veem “laços íntimos que ligam o léxico e a cultura”, como afirma Biderman (1981, p. 131).

A lexia *cachaça*, conforme Cascudo (1986, p. 13), tem, em Portugal, o registro mais antigo, na carta-II de Sá de Miranda, escrita em meados do século XVI. De acordo com o autor, o nome pode ter vindo da Espanha, onde se tratava de “[...] uma espécie de aguardente obtida com as borras, resíduos das pias de uvas [...]”. (CASCUDO, 1986, p. 14) Sobre o uso da lexia no referido poema, acrescenta o folclorista (1986, p. 20) que “Havia de ser a mesma Bagaceira à qual dão nome vulgar e genérico de ‘aguardente’”. Logo, a citada *cachaça*, na carta, não consiste na mesma que se conhece atualmente, como a bebida alcoólica destilada a partir da fermentação do mosto da cana, a qual se encontra citada, como registro mais antigo, no Brasil, em Cartas Chilenas, redigidas no século XVIII, conforme Cascudo (1986, p. 32).

Antonil (1837, p. 77), referindo-se ao Brasil do século XVIII, por meio da primeira impressão de sua obra, em 1711, “Cultura e opulência do Brasil, por suas minas e drogas [...]”, considera que, inicialmente, a *cachaça* foi o líquido

sujo que, após a moagem da cana, era fermentado e, assim que espontaneamente surgia a primeira espuma, servia de alimento para bois, bestas, ovelhas, cabras.

O fogo faz neste tempo o seu officio; e o caldo bota fóra a primeira espuma, a que chamão cachaça: e esta por ser immundicia vai pelas bordas das caldeiras bem ladrilhadas fóra da casa, por hum cano bem enterrado, que a recebe por huma bica de páo, mettida dentro do ladrilho, que está ao redor da caldeira, e vai cahindo pelo dito cano, em hum grande cocho de páo, e serve para as bestas, cabras, ovelhas, e porcos; e em algumas partes tambem os bois a lambem; porque tudo he doce, e ainda que immundo, deleita. (ANTONIL, 1837, p.77)

O autor segue informando que, após essa primeira espuma, é gradativamente acrescentada água no caldo, bem como feita a retirada das impurezas com a escumadeira. O processo é feito até que o caldo fique bem limpo.

A menção à *cachaça* como alimento de animais se encontra não apenas na obra de Antonil (1837), mas, como traz Cascudo (1986, p. 16), também na obra do naturalista alemão Jorge Marcgrave, em 1640, e do médico Guilherme Piso, em 1658. Pode-se ver que os três conceptualizam a *cachaça* como a espuma que resulta da primeira fervura, que serve de bebida para animais, durante a fabricação do açúcar.

Com um primor minucioso de detalhes, Antonil (1837) também descreve o percurso do caldo da cana, até que chegue numa segunda caldeira, chamada de *melar*, onde se finaliza a sua purificação. A espuma agora, avaliada como agradável, é retirada e armazenada em potes, deixando-se azedar, formando o que se chamou de *garapa azeda*. Nessa *garapa*, já ocorria fermentação, o que possibilitava a ingestão da cana-de-açúcar como bebida alcoólica fermentada.

A espuma tambem desta segunda caldeira vai ao parol da espuma, e dahi torna para a primeira, ou segunda caldeira até o fim da tarefa; e desta espuma tomão os negros, para fazerem sua garapa, que he a bebida, de que mais gostão, e com que resgalão de outros seus parceiros, farinha, bananas, aipins, e feijões; guardando-a em potes até perder a doçura, e azedar-se; porque então dizem que está em seu ponto para se beber: oxalá com medida, e não até se embriagarem. (ANTONIL, 1837, p.78-9)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Pontuação conforme o texto original.

Na descrição, a bebida alcoólica era fermentada à base de cana-de-açúcar, como se procede na confecção de vinho português à base de uva, por exemplo, e, devido a essa associação, era chamada de *vinho de borras*, *garapa doce*, *garapa azeda*, dentre outras denominações. Vê-se, nessa citação, que Antonil (1837) apresenta, como preocupação, o desejo de evitar que os povos escravizados se embriagassem com a bebida alcoólica, em caso de a beberem acima da medida adequada.

Um dos grandes receios dos portugueses, em relação ao contato dos escravizados com a bebida alcoólica era o de que a ingestão em demasia provocasse “desordens”, configurando-se como situações difíceis de serem contidas. Isso não quer dizer, de forma alguma, que esses povos deixassem de consumi-la em grandes quantidades, muito menos que desconhecessem bebidas alcoólicas fermentadas, ao ponto de ser a novidade que lhes tirariam do prumo ordenado e desejado pelos senhores coloniais.

Tanto os povos advindos de África quanto os indígenas já tinham experiências com bebidas alcoólicas fermentadas, todavia, conforme Cascudo (1986, p. 15), não conheciam bebidas destiladas, pois produziam “unicamente as cervejas, garapas, na base de frutas ou raízes, através da fermentação de 72h máximas.”

Um relato muito conhecido é o de Pyrard de Laval, que, como apresenta Cascudo (1986, p. 15) registrou, em 1610, que havia, no Brasil, um vinho feito do suco da cana, que era barato e destinado aos povos escravizados e aos nascidos na terra. Figueiredo e Venâncio (2005, p. 21) ratificam essa abordagem, ao afirmarem que “O médico holandês Guilherme Piso confirma que a *garapa* era o nome de uma espécie de vinho que outros chamavam de ‘vinho de mel’”.

A prática da fermentação da cana, no Brasil, teve o seu momento de destaque, fazendo parte de uma página determinante para a história da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar e para a história do país, devido a toda movimentação política e sociocultural que a bebida promoveu, que, por sua vez, desde o início, possibilitou uma série de denominações, como apresenta Calasans (2014, p. 62), que afirma que “[...] Cachaça, do castelhano **cachaza**, como ensina Cândido Figueiredo, era o **vinho de borras**, que em nossa pátria passaria a designar a aguardente de **mel**, borras de melaço [...]”

Segundo Cascudo (1986, p. 18), não há registros escritos do termo *cachaça*, nos dois primeiros séculos de existência funcional da bebida no Brasil. “Não havia, evidentemente, pelos séculos XVI e XVII, bebida com o nome *cachaça*, com base alcoólica.” (CASCUDO, 1986, p. 17)

Conforme Figueiredo e Venâncio (2005, p. 21), a produção de fermentados, no Brasil, não contou com o mesmo ritmo de produção para os destilados. Não é possível verificar em documentos, narrativas do século XVI e do início do XVII, o nome *aguardente* associado à destilação. Para os autores, “a difusão da *aguardente*, se ocorreu logo, ficou por algum tempo encoberta por outras tarefas mais imperiosas da produção açucareira, possivelmente restrita ao consumo doméstico”. Registros de comercialização de *aguardente*, o destilado da cana-de-açúcar, se dão a partir da terceira década do século XVII, em São Paulo e em Pernambuco.

Portanto, a *cachaça*, como se compreende hoje, não foi inicialmente assim conceptualizada, embora esse nome circulasse no domínio de experiência da cana-de-açúcar, mas com outros referentes e significados, uma vez que, no início do século XVII, já se fabricava um fermentado com o caldo de cana, que era chamado de *garapa azeda*, *aguardente-de-cana*, *caninha*.

A legítima *cachaça* foi obtida, posteriormente, “[...] das borras do mel de cana, do melaço, por destilação [...]” (CASCUDO, 1986, p.18) e correspondia à bagaceira de Portugal, que era feita das borras da uva, firmando-se o paralelo: *cachaça*, a *aguardente* de cana, e *bagaceira*, a *aguardente* de uva. Observa-se que o fato de ser destilada foi primordial para a consagração da bebida, que, como se vê, não era obtida do caldo da cana, mas das borras do mel da cana.

Como bebida destilada, foi conhecida como *aguardente da terra* ou, simplesmente, *aguardente*, para se referir ao destilado produzido no Brasil, distinguindo-se da *aguardente do reino*, advinda de Portugal. Há registros de também ser chamada de *vinho de borras*, *aguardente do mel*, *aguardente e das borras*. *Cachaça* é considerado termo do Brasil por Antônio de Moraes Silva: “Em 1873, no *Tesouro da Língua Portuguesa*, [...]”. (CASCUDO, 1986, p. 15) No decorrer do tempo, os nomes *aguardente* e *cachaça* passaram a se referir à bebida alcoólica advinda da cana-de-açúcar, e essa convivência permitiu uma movimentação sinonímica, cujos usos não mais distinguem o termo conforme a origem: se era produzida do caldo da cana, a *aguardente*, ou proveniente do

melado, a *cachaça*. Não se sabe, precisamente, quando o nome *cachaça* se aplicou à *aguardente da terra*, destilada nos engenhos do Brasil, nem quando se iniciou a sua fabricação. Para Figueiredo e Venâncio (2005, p. 24), “Em algum momento situado em meados do século 18 começou-se a chamar aguardente da terra de cachaça [...]”, correspondendo, inclusive, como um nome mais preciso para se referir ao destilado à base da cana-de-açúcar, sendo, assim, um sinônimo de *aguardente* e não mais uma espuma a ser servida aos animais.

No que se refere ao local e à data inicial de sua produção, não há documentos que comprovem esse feito; com isso, não se tem conhecimento, com certeza absoluta, se realmente a *cachaça* nasceu no Brasil, se foi nesse país que ocorreu pela primeira vez, tanto pela prática da fermentação quanto pela destilação ou, até, se ocorreu anteriormente, acidentalmente ou não, em alguma outra colônia portuguesa, onde já se plantava a cana-de-açúcar desde o século XV.

Câmara (2004, p. 17) afirma que, apesar de os portugueses produzirem a bagaceira, um destilado das borras da uva, e de cultivarem a cana-de-açúcar em “[...] Portugal, na ilha da Madeira e no Arquipélago dos Açores, [...] incrivelmente, jamais fabricaram a cachaça. Isso só veio acontecer na terra recém-descoberta. Por quê? Não se sabe.” O autor segue essa linha de argumentação supondo que a tradição da destilação da uva, que era uma cultura agrícola farta, não possibilitou aos portugueses pensarem em destilar a cana-de-açúcar.

Mas o historiador Ricardo Maranhão (2014)<sup>5</sup>, em depoimento ao *site* “Mapa da cachaça”, afirma que os portugueses já experimentavam a produção de *cachaça*, sem escala, como experiência, nas ilhas do Atlântico. Segue dizendo que isso pode ter ocorrido porque já se produzia açúcar nessas ilhas, desde o século XV, quando os lusitanos levaram a cana-de-açúcar para a Ilha da Madeira, Cabo Verde.

Para o historiador, é “[...] evidente que quem produz açúcar pode chegar a produzir cachaça [...]”, principalmente quando se adotou o alambique, que, segundo Maranhão (2014), ocorreu nessas ilhas no século XV, o que permitiu que os portugueses produzissem a bagaceira. Sobre esse aspecto dos elementos que compuseram a economia açucareira, Ribeiro (1995, p. 280)

---

<sup>5</sup> Dr. Ricardo Maranhão: historiador que foi coordenador do Centro de Pesquisa em gastronomia brasileira.

afirma que os portugueses tinham “[...] conhecimento prévio das técnicas de cultivo da cana, de fabricação do melaço<sup>6</sup> e de refino do açúcar que já produziam nas ilhas atlânticas [...]”, o que significa que, para o autor, nessas ilhas, já havia práticas que representam desdobramentos “naturais” de produção resultante do lidar com o açúcar. O fato de se relacionar, como consequência da produção do açúcar, a produção da *aguardente de cana* é considerada como uma realidade por muitos estudiosos, como Antonil (1837), Souto Maior (1970/71) e Cascudo (1986), o que implica em dizer que, aliada à feitura do açúcar, é real a possibilidade de haver a produção efetiva de subprodutos, como da *aguardente*, rapadura, do melaço e do melado<sup>7</sup>. Pode-se verificar essa linha de pensamento em Souto Maior (1970/71, p. 34), por exemplo, que afirma que a produção da *cachaça* no Brasil, “[...] foi uma decorrência da implantação da indústria açucareira pelos colonizadores portugueses, com a montagem dos primeiros engenhos de açúcar, os mais rudimentares que se possa imaginar, a partir de 1540.”

Uma informação que possibilita diálogo e reflexão como as apresentadas por Maranhão (2014) e Ribeiro (1995) se encontra no relato do viajante Hans Staden (2011, p. 26), que, na narração de sua primeira viagem ao Brasil, ao estar de passagem na Ilha da Madeira, em 1548, faz a seguinte afirmação: “[...] chegamos à ilha da Madeira. Essa ilha do Rei de Portugal é habitada por portugueses. Ela é fértil e produz vinho e açúcar.” Staden (2011) não acrescenta qualquer informação a respeito das características da bebida alcoólica por ele citada. Conforme o *site* oficial da ilha da Madeira<sup>8</sup>, “Com o declínio da produção açucareira, em finais do século XVI, substituíram-se os canaviais por vinhedos, dando origem ao chamado Ciclo do Vinho [...]”.

Refletindo a partir das bases de informações expostas, pode-se supor que, de uma forma geral, e seguindo o raciocínio prototípico, o vinho citado por Staden (2011) era à base da uva, já que essa era a cultura de bebida fermentada

---

<sup>6</sup> No *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa* consta registrado como “mel exausto do qual não se extrai mais açúcar, mas que serve de alimento para gado ou de matéria-prima para inúmeros produtos, como aguardente, glicerina, leveduras, carburantes, borracha sintética etc.

<sup>7</sup> Conforme o *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa* trata-se de um brasileirismo. No Nordeste é “a calda espessa depositada na caldeira com a qual se faz rapadura; mel”. Na acepção 4, se referindo ao domínio do Alimento, diz que é uma “calda grossa feita com rapadura derretida e que é servida como sobremesa.”

<sup>8</sup> Informações disponíveis em: <http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/a-madeira/historia/ciclo-do-vinho>  
Acesso em: 26 set. 2020.

a que os portugueses se dedicavam, mas que não era o vinho produzido na ilha, sendo um produto exportado de Portugal ou de outra colônia. Contudo, entende-se que não seria um despautério supor que, nessa ilha, pudesse haver disponível uma bebida alcoólica à base de cana-de-açúcar, com características de produção semelhantes à do vinho, para consumo interno, visto que os contatos com a cana e a prática de sua exploração agrária, por mais de um século, podem ter possibilitado, naturalmente, a feitura de uma bebida alcoólica fermentada. Pode-se afirmar, seguramente, que a cultura da cana-de-açúcar favorece a produção da bebida alcoólica e que a convivência com o mundo da cana leva isso a acontecer.

É consensual que, desde o início, no Brasil, as bebidas alcoólicas à base de cana-de-açúcar foram bem aceitas por quem as consumiam, mesmo que a qualidade inicial tenha sido muito abaixo do que se tinha circulado oficialmente, como a aguardente portuguesa, a bagaceira.

Essa relação da *aguardente* elaborada com a cana-de-açúcar se dá, inicialmente, de forma que a bebida alcoólica, bem como a rapadura e o melado, sejam considerados subprodutos da cana, já que a abstração principal da gramínea era o açúcar, visto que permitia que a colônia tanto a consumisse internamente quanto participasse do círculo seleto de produtores de cana e exportadores de açúcar. A respeito das vantagens da cultura do açúcar no Brasil, Ab'saber *et al.* (2011, p. 122) afirmam que “[...] supriu com vantagens o ocaso da especiaria indiana.”

Ampliando a capacidade de obtenção de produtos com a cana, e chegando à confecção de sua *aguardente*, Prado Júnior afirma (2011, p. 154) que a produção dessa bebida é mais democrática que a do aristocrático açúcar, embora dependa da mão de obra dos povos escravizados. Assevera o autor que as destilarias de *aguardente* são construções anexas aos engenhos, cuja finalidade é a de produzir a bebida, “[...] são as enghocas ou molinetes, em regra de proporções mais modestas que os engenhos, pois suas instalações são mais simples: menos dispendiosas e portanto mais acessíveis.” (PRADO JÚNIOR, 2011, p. 154)

A produção da *aguardente de cana* avança, ao ponto de se tornar imprescindível para o consumo interno, de subsistência, assim como produto de exportação, sendo utilizada no tráfico de seres escravizados, como elemento

essencial para transações. Nesse tráfico, o tabaco era o favorito, seguido da *aguardente de cana*. Na Bahia, a transação se dava com o tabaco e, no Rio de Janeiro, com a *caninha*, especialmente, partindo de Paraty. Conforme Figueiredo e Venâncio (2005, p. 33), a *aguardente*, nos engenhos do Brasil, “[...] chegou a roubar a cena do principal produto, o açúcar, em momentos de instabilidade do mercado.” O que se pode verificar, principalmente, a partir da decadência de obtenção de lucros com o açúcar, devido à baixa de preços, promovida pela ampla oferta do produto no mercado externo.

Diante de fatos que não nos levam a ter dúvida de que se trata de uma bebida que fez parte da história do Brasil, não se pode afirmar onde, exatamente, em que estado, cidade, em que engenho ocorreu, pela primeira vez, a sua feitura, neste país. Algumas possibilidades surgem, seguindo o caminho da história de ocupação do território brasileiro. Para alguns foi em São Vicente, e essa informação consta em livros, programas televisivos e em exposições em museus temáticos. Câmara (2004, p. 15), por exemplo, afirma que a *cachaça* “[...] foi inventada no litoral paulista, na terceira década do século XVI”, juntamente com a implantação dos engenhos de açúcar, entre 1533 e 1534. Assim, Câmara (2004) relaciona diretamente a produção da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar à implantação de engenho de cana no país.

Conforme Freyre (1968, p. 115), os primeiros engenhos de cana no litoral do Nordeste se iniciaram em Itamaracá, de forma irregular, em data anterior a 1535, e, nos arredores de Olinda, o primeiro engenho regular, o Nossa Senhora da Ajuda. Logo, é também possível que nesses engenhos, situados nas áreas da região Nordeste, precisamente em Pernambuco, tenha se iniciado a produção de *aguardente de cana*. Prado (1962, p. 58) afirma que “[...] criaram-se primeiro os engenhos de São Vicente e Pernambuco, mais tarde os da Bahia.”

O engenho Ceregype, instalado no Recôncavo baiano, na gestão do Governador Geral Mem de Sá, em 1622, passou a pertencer aos jesuítas, e produzia apenas açúcar e adquiria a *aguardente* até 1651, quando passou a produzi-la. “A aguardente adquirida e depois fabricada no engenho era para consumo dos *negros*, durante o inverno ou quando estavam doentes.” (SOUTO MAIOR, 1970/71, p. 35)

A cana-de-açúcar possibilitou a produção da bebida alcoólica, seja, inicialmente, por meio da fermentação, com a garapa que azedou, seja, como

consequência, e o passo seguinte, pela destilação, que gerou a *aguardente*. As práticas relacionadas à destilação da cana-de-açúcar se configuraram como mais produtivas e proveitosas que as da sua fermentação, e isso se deu, dentre outros motivos, pela melhor assimilação dessa prática com a gramínea. Com a fartura da cana, e nas vezes em que havia a possibilidade da feitura do açúcar dar errado, devido à cana ser fraca, o que implicaria na baixa qualidade do açúcar, tinha-se, como alternativa, seguir com a destilação do caldo. A *aguardente de cana* era uma bebida barata, com teor alcoólico acentuado e que agradou a muitos, independentemente da posição social que ocupavam na sociedade colonial.

### 2.1.2 Do cauim à tiquira

Nesse contexto de produção de bebida alcoólica em terras brasileiras, destaca-se o fato de que os povos indígenas já lidavam, em suas práticas culturais, com bebidas, ao fermentarem raízes, frutas, cereais. A mais conhecida é o *cauim* à base de mandioca, mas havia também, por exemplo, a produção da bebida utilizando-se do milho ou o *avatí*. O viajante Jean de Léry (1961, p. 104), um pastor calvinista, que chegou ao Brasil em 1558, em nota, afirma que o *cauim* é uma “[...] denominação mais ou menos genérica das bebidas fermentadas: cauim de mandioca doce, cauim de ananás, de caju, de milho, etc.”

A produção de bebidas alcoólicas feitas pelos indígenas foi amplamente retratada por Cavalcante (2011a, p. 58), na seção: “Vai ver que foi o índio”. O autor afirma que eram especialistas em fabricar bebida alcoólica e segue apresentando uma lista de produtos que poderiam embasar essa bebida, como “[...] frutos, sementes, raízes, tubérculos, bulbos, cascas, etc. [...]”.

Na referida seção, Cavalcante (2011a, p. 58) suscita a possibilidade de terem sido os povos originários os primeiros a fermentarem a cana-de-açúcar: “Não está descartada a hipótese de que quem descobriu o vinho de cana (caldo de cana fermentado) como bebida alcoólica foram os índios [...]” e sustenta a suposição apresentando uma citação de Azevedo (1958, p. 51), que afirma que os indígenas trabalharam nos engenhos.

Tôdas essas atividades, porém, de produção e de transportes, na lavoura e nas fábricas, nas estradas e nos portos, exigiam uma copiosa mão-de-obra, que se constituiu primeiramente de índios reduzidos ao cativo e, depois, de escravos de Guiné e de outras proveniências. (AZEVEDO, 1958, p.51)

Sabe-se que o povo indígena foi escravizado, desde o início da era colonial, e, sobre isso, Ribeiro (1995, p. 98) afirma que: “A escravidão indígena predominou ao longo de todo o primeiro século. Só no século XVII a escravidão negra veio sobrepujá-la, [...]”. Para fundamentar essa afirmação, Ribeiro (1995) segue citando habilidades dos indígenas, que foram aproveitadas nesse período, para a execução de trabalhos diversos nos engenhos, como transportar cargas e pessoas, caçar, pescar, serem guerreadores, realizarem trabalhos artesanais e trabalhos no cultivo e no preparo de alimentos. Acrescenta que “A função básica da indiada cativa foi, porém, a mão de obra na produção de subsistência.” (RIBEIRO, 1995, p. 99) Como é sabido, o açúcar, além de ter sido um produto de exportação, como informa Prado Júnior (2011, p. 167), servia para a subsistência, juntamente com outros produtos advindos da lavoura, que eram consumidos internamente.

Logo, como se vê, os povos indígenas, devido ao contato com a cana-de-açúcar, aliado às práticas tradicionais e experiências culturais na produção do *cauim*, podem ter realizado, naturalmente, o processo de fermentação da cana-de-açúcar, em algum momento em que foram escravizados nos engenhos de cana. Mas como já se afirmou aqui, não há documentos que comprovem tal hipótese.

Uma abordagem a respeito do percurso das bebidas alcoólicas no Brasil é trazida por Figueiredo e Venâncio (2005, p. 49) que afirmam que, no litoral, o *caium* “[...] foi rapidamente substituído pelo vinho português e, em seguida, pela jeribita.” Até aí não há qualquer novidade, visto que o fluxo já sabido é:

*bebida dos indígenas* → *bebida dos portugueses* → *bebida brasileira*.

Contudo, os autores, ao tratarem do caminho das bebidas alcoólicas no interior do país, trazem a informação de que, na Capitania de São Paulo, por exemplo, não houve desenvolvimento da cultura canavieira e, como a região era muito pobre, era deficiente o fornecimento de produtos portugueses. Por isso,

como consequência, afirmam Figueiredo e Venâncio (2005, p. 49) que “O resultado dessa combinação foi não só a sobrevivência da bebida indígena, como também sua adoção pelos portugueses [...]”, nesse caso, de *caium* à base de milho, que, posteriormente, derivou a produção de um destilado de milho.

Os relatos de viajantes europeus a terras brasileiras, no século XVI, permitem que sejam conhecidas formas de confecção das bebidas dos indígenas. A respeito das etapas de se preparar o *cauim*, Staden (2011, p. 164), em sua obra, no capítulo XV, denominado “Como produzem as bebidas com as quais se embriagam, e como tratam o assunto”, afirma que

São as mulheres que preparam as bebidas. Usam raízes de mandioca e cozem-nas em grandes panelas. Quando está cozido, retiram a mandioca das panelas, despejam-na em outras panelas ou vasos e deixam que esfrie um pouco. A seguir, meninas sentam-se ao redor e a mastigam; colocam o mastigado num vaso especial. (STADEN, 2011, p. 164)

Sobre a prática de ingestão de bebidas alcoólicas dos povos originários, afirma Staden (2011, p. 99) que, nas cerimônias antropofágicas, “[...] quando querem comer um homem, prepararam uma bebida de raízes que chamam de *cauim*. Somente depois da festa da bebida é que o matam.”

Léry (1961, p. 106), ao tratar da bebida dos indígenas, afirma que a mandioca, além de servir como o principal alimento, também era utilizada na feitura da bebida alcoólica. Relata o autor que essa atividade era realizada pelas mulheres, acrescentando que, de forma nenhuma, se contava com o envolvimento dos homens na preparação do *caium*, pois acreditavam que, se mastigassem a matéria-prima de que se fazia a bebida, não sairia de boa qualidade, além de ser, para eles, uma prática indecente às pessoas do sexo masculino.

Assim como Staden (2011), apresenta Léry (1961) uma descrição detalhada dos procedimentos de feitura da bebida, da qual se destaca a prática de, após a mandioca ser mastigada e jogada em outra vasilha, ocorrer uma nova fervura, em que essa base é mexida até ficar bem cozida. Só depois disso é que ocorre a fermentação, que, segundo Léry (1961, p. 106), se dá “[...] em vasos de barro de capacidade igual a uma meia pipa de vinho Borgonha. Quando tudo fermenta e espuma, cobrem os vasos e fica a bebida pronta para o uso.”

Esse processo é o mesmo realizado tanto para a bebida à base de mandioca quanto para a de base do milho. Segundo esse viajante, o *cauim* é turvo, espesso “[...] como borra e tem como que o gosto do leite azedo. Há caium branco e tinto tal qual o vinho.” (LÉRY, 1961, p. 106)

Sobre a mastigação do *cauim*, Figueiredo (2011, p. 56), em nota, explica que essa prática deve ocorrer, porque “[...] a mandioca não contém carboidratos simples livres. Por isso, os índios mastigavam as raízes e depois cuspiam-nas num recipiente onde, aí, sim, elas começavam a fermentar.” O autor classifica esse método de fermentação como inteligente, visto que “[...] a saliva humana contém ptialina, uma enzima capaz de quebrar o amido em moléculas mais simples e aptas a se transformarem em álcool.” (FIGUEIREDO, 2011, p. 56) De forma mais simples e direta, Cascudo (2016, p. 63) informa que “A mascação de frutos, féculas, raízes, para obtenção de bebidas, jugo técnica mais adiantada, fazendo a ptialina atacar os amidos, obtendo o açúcar”, o que acarreta na transformação em álcool.

A produção da bebida dos indígenas se dava durante todo o ano e em grande quantidade, devido à fartura proporcionada pelo plantio e pela colheita da mandioca e do milho. Portanto, a prática da *cauinagem*<sup>9</sup> ou o *cauinar*<sup>10</sup> contava com uma grande quantidade de potes da bebida, disponíveis para serem consumidos por todos os envolvidos nos rituais e/ou em momentos festivos. O consumo do *cauim* pelos indígenas se dava em grupos, quando se reuniam em momentos específicos, que, às vezes, duravam dias. Citam-se exemplos de oportunidades para se reunirem e beberem o *cauim*: ritos e rituais culturais, saudar a chegada de um visitante, momentos de diversão, solenidade em que matavam prisioneiros para serem por eles deglutidos em rituais antropofágicos, nos quais, em homenagem ao inimigo morto, dançavam e bebiam, além de assar as suas partes e oferecê-las aos visitantes, como relata Léry (1961), no decorrer de sua narrativa.

A respeito dessas práticas de consumo de bebida alcoólica, por parte dos povos originários, Prado Júnior (2011, p. 107) aborda, em nota<sup>11</sup>, que há o

---

<sup>9</sup> Termo citado por AB'SABER *et al.* (2011, p. 94).

<sup>10</sup> Termo citado por Léry (1961, p. 106).

<sup>11</sup> Algumas nações indígenas, no seu estado nativo, empregam bebidas alcoólicas e se embriagam. Mas isto é excepcional, só por ocasião das festas e cerimônias. É quase um rito que se repete de largo em largo. A colonização tornou a embriaguez do índio um estado permanente.

reconhecimento de que o consumo excessivo os levava à embriaguez, contudo restringe esse fato à excepcionalidade nos momentos de festas e cerimônias. Conforme o autor, a colonização tornou frequente a embriaguez do índio, pois “Depauperam-nos os vícios que a civilização lhes traz: a embriaguez é o mais ativo deles. A aguardente se revelara o melhor estímulo para levar o índio ao trabalho: a colonização se aproveitara largamente dela.” Sobre esse assunto, Mott (2010), abordando questões referentes aos indígenas, em partes dos séculos XVIII e XIX, apresenta informações como a inserção de vícios com a bebida destilada da cana-de-açúcar, nos indígenas, por parte dos portugueses.

Além das mortandades e perseguições aos índios não apenas aos gentios brabos, mas inclusive aos mansos e domésticos – um dos fatores que mais sensibilizam os contemporâneos denunciando a prepotência e crueldade dos civilizados, era o efeito catastrófico causado pelo aguardente nas populações ativas. (MOTT, 2010, p. 268)<sup>12</sup>

Conforme Mott (2010, p. 270), a *cachaça*, uma fascinação dos índios, era utilizada pelos homens brancos como um elemento para amansá-los, para que, por meio da motivação do vício, pudessem ser explorados. Em algumas aldeias, havia o plantio da cana-de-açúcar, contudo não há documentação que comprove que os indígenas produziam a *pinga*, “[...] mas o que é certamente provável, seria o uso da garapa fermentada, à moda do tradicional cauim, que apesar de mais fraco que a cachaça, também embebeda quando tomado em boa quantidade.” (MOTT, 2010, p. 269-270)

O que se tem como um fato é que bebidas alcoólicas fizeram parte da vida dos povos originários e que a quantidade, nos momentos de consumo, era sempre grande. Figueiredo e Venâncio (2005, p. 17) trazem, por exemplo, uma observação a respeito da preocupação dos jesuítas, a partir de 1555, em suas missões, com o abuso no uso do *cauim* pelos indígenas.

Como fruto histórico e cultural da prática da fermentação da mandioca pelos povos originários e, por meio de sua destilação, atualmente, há uma bebida alcoólica à base de mandioca, que é produzida no Maranhão e que se chama

---

<sup>12</sup> Pontuação conforme o texto original.

*tiquira*. Está claro que, na legislação vigente<sup>13</sup> e na consciência dos produtores dessa bebida, se trata de uma *aguardente* e não de *cachaça*, como traz o Sr. João Moraes: “Tiquira é tiquira”. Sr. João é produtor da *tiquira Timbotiba*, confeccionada no município de Santa Rita (Maranhão). Em reportagem sobre essa *tiquira*, disponível no *You Tube*<sup>14</sup>, o empresário mostra o passo a passo dos processos da produção dessa *aguardente*.

Como explica e demonstra, a primeira etapa da produção da *tiquira* é o cozimento da mandioca, exatamente como feito na tradição indígena e como fora relatado pelos viajantes citados. Como a mandioca não possui açúcar natural, já que é constituída de amido, é necessário cozinhá-la, para transformar o amido em açúcar. Após o seu cozimento, passa-se para a fase da fermentação, em que o açúcar do amido é transformado em álcool, assim como ocorre com a *cachaça*, em que o açúcar da cana é transformado em álcool. Nesse processo de fermentação, é necessário que o mosto da mandioca atinja o grau zero brix, ou seja, que o caldo esteja totalmente zerado de açúcar, estágio em que se considera não ser mais possível obter o álcool, pois, como se sabe, para se obter o álcool na fermentação, é preciso ter açúcar. A partir de então, o líquido está pronto para ser alambicado, o que ocorre em alambique de cobre, onde é realizada a destilação do álcool resultante dos dois processos anteriores.

*Tiquira* está registrada como *aguardente de mandioca* nos três dicionários da língua portuguesa consultados para a elaboração desta tese e, nas três obras, não é considerado sinônimo de *cachaça*. Além disso, no *Dicionário folclórico da cachaça*, de Souto Maior (2013, p. 121-122), consta essa bebida como “Cachaça da mandioca, que resulta da destilação do líquido em que foi dissolvido o beiju-açu, [...] Área geográfica: Maranhão, Nordeste.” Calasans (2014, p. 196) registra *tiquira* como *aguardente* de mandioca, além de citá-la como nome-marca de *aguardente*.

Conforme os registros em obras especializadas e em dicionários, *tiquira* é uma *aguardente*, mas não é *cachaça* e o ponto principal da afirmação é a sua matéria-prima. Contudo, parece que essa *aguardente*, no senso comum e de

---

<sup>13</sup> Decreto nº 6.871, de 4 de junho de 2009, que Regulamenta a Lei nº 8.918, de 14 de julho de 1994, que dispõe sobre a padronização, a classificação, o registro, a inspeção, a produção e a fiscalização de bebidas.

<sup>14</sup> Informações disponíveis em “Zé Cirilo na TV” (2014).

forma generalizante, é conceptualizada como *CACHAÇA*, o que levou, por exemplo, o citado Sr. João Moraes reforçar, em sua fala, o discurso em que afirma e reafirma que “Tiquira não é cachaça.”

No exemplo 1, tem-se o entrevistado homem da faixa etária II, do ensino fundamental de Balsas (32) – MA, que citou a *tiquira* em sua resposta e que parece compreendê-la como *cachaça*, embora saiba que é feita da mandioca. Além disso, refere-se à bebida como a que é utilizada pelos índios, a saber:

- (1)                    [...]  
 INF. — Ai a *cachaça*. Que é assim que chama, *cachaça*.  
 INQ. — Chama assim.  
 INF. — Tem uma de mandioca que eu não estou lembrado o nome dela agora, né? Mas eu tenho esse nome agora... que é dos índio.  
 INQ. — Ah! Feita com mandioca. Essa...  
 INF. — É de mandioca. Dos índio, é... *tiquira*. Parece que é *Tiquira*.  
 INQ. — Feita com mandioca.  
 INF. — É, não, não é *tiquira*, é *tiquira*.  
 INQ. — Tiquira? Com a mandioca.  
 INF. — É. *Tiquira*. É. Essa, os índio usa muito. É.  
 INQ. — Ainda hoje?  
 INF. — Usa.

Essa relação sinonímica entre a bebida à base de mandioca com a de cana-de-açúcar se dá, como consequência de fatos ancorados em um espaço histórico de forma muito complexa, visto que houve entre elas, por exemplo, uma interação entre povos de origens distintas, o que proporcionou a convivência de diversas práticas culturais que envolviam as bebidas alcoólicas.

Como já se viu, muitos elementos físico-químicos distinguem as duas bebidas, mas há um que as aproxima, além do fato de serem fermentadas e destiladas: ambas gozaram de avaliações negativas associadas ao *status* das pessoas que as consumiam, o que, muito provavelmente, as levou a não serem categorizadas como boas bebidas, ou melhor, como bebidas requintadas.

Figueiredo e Venâncio (2005, p. 50-51) explanam que “No Maranhão, desenvolveu-se uma aguardente nativa, a *tiquira*, feita de mandioca e muito apreciada pela população pobre.” E, sobre a *aguardente de cana*, afirmam, como outros autores já o fizeram, que “A cachaça, para o bem e para o mal, tendia a ter entre os pobres e escravos seus mais fiéis adeptos”. Com isso, se vê, mais uma vez, uma movimentação metonímica, em duas vias, entre o produto e os seus consumidores prototípicos, ao serem identificados com o produto, seja por

diversos motivos, dentre eles, o seu baixo custo e a frequência de uso. Como consequência, possibilitou-lhes vivenciar uma contiguidade identitária entre as duas bebidas, que se apresenta muito bem plasmada, quase que engessada, a partir da qual se criaram muitos *frames* difíceis de serem reorganizados, mas não impossíveis de recategorizar e conceptualizar as bebidas.

O caminho da mudança, para ambas, que se adotou, declaradamente, foi o de melhoria em sua qualidade, favorecendo elevar o preço e assim redirecionar o perfil do seu público consumidor, o que não significa dizer que o consumidor de baixo poder aquisitivo deixou de consumi-las, visto que há *tiquira* e *cachaça* de todo preço, logo, atendem a vários tipos de bebedor. Esses pontos comuns, acrescido ao fato de ambas serem *aguardentes*, destiladas, de serem consideradas bebidas fortes, possibilita e favorece que sejam conceptualizadas e categorizadas como *CACHAÇA*, que se comporta como um termo geral e como uma hiperonímia para muitas bebidas alcoólicas destiladas, mesmo que contrariando as determinações legais.

Como uma pauta de reivindicação, a qual se pode considerar até de teor político, é comum se lerem e ouvirem afirmações que se direcionam a afirmar que a *tiquira* é a verdadeira aguardente brasileira. Em matéria específica, no *site* Mapa da cachaça (2011a), tem-se, por exemplo, a seguinte afirmação: “Os mais conservadores dizem que a tiquira é a verdadeira aguardente brasileira, já que a mandioca é genuinamente nacional.”

Numa primeira leitura, parece até justa essa reivindicação, visto a lógica de que se trata de uma *aguardente* cuja matéria-prima é nitidamente nacional. Mas, aprofundando-se no assunto, entende-se que tem de se pensar que não se trata apenas de uma questão lógica determinística, que se pode ter, partindo das seguintes informações:

- A) *A mandioca é uma matéria-prima brasileira.*
- B) *A tiquira é feita da mandioca.*

Assim sendo, seria lógico afirmar, com base em “ $p \rightarrow q$ ”, como aborda Fávero (2002, p. 37), em que “a proposição *A* implica necessariamente a proposição *B*”, resultando na seguinte ideia: *se a mandioca é brasileira e a tiquira é feita da mandioca, logo a tiquira é a verdadeira cachaça nacional*. Mas não se trata de uma implicação puramente lógica, sem levar em consideração os fatos

históricos que envolvem as duas bebidas, incluindo os diferentes contextos linguísticos e socioculturais em que estiveram presentes.

Del Priore (2005, p. 81) afirma que, “Durante a II Guerra mundial, com soldados americanos instalados em bases militares cedidas pelo governo brasileiro, no Norte do país, o consumo de tiquira entre os gringos era ‘um must’”. Contudo, a relevância da participação da *aguardente de cana-de-açúcar* na vida de povos que constituíram a história do país deve ser considerada para que seja o destilado nacional, pois diz respeito a fatos vivenciados, desde o trabalho forçado dos povos escravizados, o uso generalizado da bebida como forma de acalento e até de alimento motivador para suportar as muitas horas de trabalho e a saudade da terra de onde foram retirados à força.

A *cachaça* foi símbolo de resistência contra o imperialismo e autoritarismo português, por meio de conduções reivindicatórias. Além disso, um forte argumento circula no fato de a *aguardente de cana* ter agradado a um número muito grande de consumidores, o que significa que se popularizou, sendo uma bebida do povo, que recebeu e ainda recebe muitas atribuições sinonímicas. Portanto, não se vê pertinência nessa reivindicação, já que é a *cachaça*, a *aguardente de cana*, que faz parte da história de grande parte dos brasileiros e de todos aqueles que estiveram nesse país, a partir do século XVI. Com isso, não se está, de forma alguma, desmerecendo a *tiquira*, pois, como se viu, é uma bebida proveniente dos povos originários e, acima de tudo, merece todo o respeito.

Quanto à indiscutível popularidade da *cachaça*, como demonstra Calasans (2014, p. 57), acerca do acervo do folclore rimado que trata dessa bebida, tem-se que “[...] os cantadores brasileiros não olvidam a cana-de-açúcar nas suas loas à **mindorra**<sup>15</sup>.” Logo, versos como os que seguem, advindos da voz popular, carimbam a ancestralidade, popularidade e importância da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, por meio de uma das mais genuínas manifestações de expressão do ser humano: a metáfora ontológica.

A cachaça é coisa boa  
Ninguém pode duvidá  
Ela é filha do alambique  
Neta do canaviá. (CALASANS, 2014, p. 59)

---

<sup>15</sup> *Aguardente de cana, cachaça.*

### 2.1.3 Constituição cultural e política: a bebida, as pessoas, o preconceito

A trajetória da *cachaça* é repleta de sensações e reações, desde os tempos remotos, quando era degustada como bebida fermentada, até avançar e obter muito sucesso, ao compor o seleto rol dos melhores destilados do mundo: o de base da cana-de-açúcar, que, como se sabe, ora foi chamada oficialmente de *aguardente de cana*, ora de *cachaça*.

Essa *aguardente* acompanhou a vida de muitos ocupantes/residentes do Brasil, desde o ciclo do plantio e da comercialização da cana-de-açúcar e, como assevera Azevedo (1958, p. 13), “[...] não podemos deixar de pensar na influência que a civilização do açúcar exerceu, durante mais de três séculos, sobre a vida e a organização política do país [...]”. Corroborando com o estabelecimento dessa influência, como cita o autor, há um enredamento de práticas culturais originadas da implantação estrutural dos engenhos, constituídos de instalações físicas funcionais, como a casa-grande, a capela, as moendas, as caldeiras, a casa de purgar, as senzalas, os canaviais, as oficinas, as estrebarias, que, no conjunto, promovem organizações específicas. Percebe-se que, nessa complexa estruturação, não apenas se produzia açúcar, mas se constituía uma rotina socialmente disposta em hierarquias, em que afazeres, necessidades, insatisfações, sofrimentos, conquistas, se faziam presentes.

No movimento funcional das personalidades integrantes do engenho, havia, ativamente, o tecer de uma cultura ou de culturas, promovidas por convivências diárias, em um mesmo espaço, cujas regras sociais se estabeleciam por meio de variáveis, como as exigências dos senhores, acrescidas da coexistência de hábitos historicamente já firmados em cada vida pregressa de seus subordinados, e que se faziam presentes tanto individualmente quanto em coletividades. Como aborda Laraia (2008, p. 24), o ser humano, na formação da cultura, revela-se capaz de romper suas limitações, e, conforme a antropologia, “[...] a ‘cultura age seletivamente’, e não casualmente, sobre o seu meio ambiente [...]”.

Portanto, no conviver desse coletivo, cada um tinha o seu papel, e, evidentemente, constavam, nas condições de convivência entre o senhor de engenho com a sua própria família, com os agregados e com os seres

escravizados, as iminentes diferenciações entre os membros de cada um desses segmentos. Como bem atesta Prado Júnior (2011, p. 154), “O engenho é um verdadeiro mundo em miniatura, em que se concentra e resume a vida toda de uma pequena parcela de humanidade.” Esse é um dos passados do povo brasileiro; essa é uma de suas raízes socioculturais.

Vidas pulsavam nos engenhos e neles, paralelamente, se estabeleceu uma água da vida, que partiu de um complexo universo socioeconômico e cultural e se firmou, com o passar do tempo, como um recurso bem fundamentado, ajustado ao gosto e ao jeito de ser brasileiro. A *aguardente de cana* foi utilizada, desde muito cedo de sua feitura, como elemento essencial à diversão e, no decorrer do tempo, como: alimento energético para os povos escravizados; produto de trabalhos informais, ao ser vendida em tabuleiros por negras ambulantes aos clientes alforriados; elixir de cura; elemento de práticas religiosas; e, conseqüentemente, mote de adágios, anedotas e canções. Motivou e promoveu atos reivindicatórios e revoltas, participou de comemorações de conquistas que subvertiam a ordem “lógica” dos mandos e desmandos dos portugueses, que, dentre outras coisas, impunham o consumo da caríssima *aguardente do Reino*.

De uma forma geral, trata-se de uma história repleta de preconceitos, estigmatizações, mas também de celebrações que propiciaram se fazerem muitos brindes! Com o passar do tempo, compreenderam os lusitanos o valor e a popularidade da *aguardente da terra*, e a ela se renderam ao visionarem a possibilidade de obtenção de altos lucros, a partir de taxações de impostos, que geraram muitas insatisfações. Era a velha fórmula da exploração empreendida em um “novo” produto aceito pelos mercados internos e externos.

Em 1639, uma provisão emitida na Bahia proibiu qualquer pessoa a realizar a fabricação da bebida, nos alambiques, em todo o estado do Brasil, apresentando, como principais motivos, conforme Figueiredo e Venâncio (2005, p. 29), “[...] a quebra na arrecadação dos dízimos sobre o açúcar, violência entre os escravos sob o efeito da bebida e diminuição no consumo do vinho português, cuja arrecadação era essencial para manter a defesa das cidades coloniais.” Mas, é claro que esses argumentos não convenceram os produtores, o que levou à ordem não ser cumprida. Salienta-se que esses três motivos apresentados também permearam nas futuras ações proibitivas, pois cresceram os prejuízos

no escoamento do vinho português e na conseqüente obtenção de lucros tanto com o açúcar como com o fermentado de uva.

Em 1649, Portugal proibiu a produção e a venda da *cachaça* no Brasil, por meio da Carta Régia de 13 de setembro de 1649. Essa proibição se deveu ao fato de o líquido ardente ter avançado muito no gosto popular, desbancando o vinho português. Excluídos à proibição estavam os povos escravizados dos engenhos e os habitantes da Capitania de Pernambuco, com o objetivo de evitar a insatisfação dos senhores de engenho que se mostravam favoráveis à Coroa Portuguesa. (AMARAL, 2017, p. 125)

Tem-se, nesse contexto, a Companhia Geral de Comércio do Brasil fazendo pressão para garantir o abastecimento, na Colônia, de produtos importados de Portugal, dentre os quais, cita-se o vinho. Conforme Cascudo, (1986, p. 24), “Os vinhos de Portugal sofreram as conseqüências da predileção popular. Diminuição sensível e depois alarmante da exportação.” As proibições referentes à *cachaça* não tiveram sucesso por vários motivos, mas, o principal concentra-se no fato de, paulatinamente, a bebida passar a fazer parte do cotidiano da população, tornando-se impossível conter a caminhada populosa e de sucesso da *aguardente da terra*, que não sucumbiu para ceder espaço ao vinho português. Silva (2008, p. 30) afirma que “Devido ao crescente comércio da *cachaça*, mesmo na época da proibição, houve uma proliferação de alambiques clandestinos na região, que chegou a ter cerca de 150 engenhos.”

Estabelece-se uma clássica luta entre a ordem legal e a vontade do povo, suposto elemento mais fraco ou vulnerável ao cumprimento de leis, em que se tem a paulatina popularidade da bebida *versus* os interesses comerciais, que impuseram determinações que vieram “de cima”, sem levar em consideração, inicialmente, aspectos culturais provenientes da população em questão. Nesse ambiente, interesses de comerciantes da colônia motivaram a subversão da ordem, implantando ou até ratificando a prática de clandestinidades.

Como o *vinho do mel* era moeda de troca de traficantes de povos escravizados africanos, foi esse mais um fator que fez com que não se cumprisse à risca a determinação de 1649, porque, como aborda Figueiredo (2011, p. 29), era difícil fechar negócio sem a *cachaça*. O alto teor alcoólico da bebida, em comparação aos fermentados, agradava muito aos povos de África, o que favoreceu que fosse item preferido a ser utilizado pelos traficantes.

A colônia compreendeu que poderia taxar a *aguardente* por meio de subsídios obtidos nos consumos interno e externo, contudo essa prática sufocou os seus produtores e comerciantes, visto que se tornou uma motivação desenfreada para sanar os vários problemas da colônia. Portanto, acrescidas às proibições, a Coroa portuguesa também taxou a bebida, com o objetivo de “[...] tornar os negócios demasiadamente onerosos, até inviáveis.”, como informa Câmara (2004, p. 20), que traça o período de 124 anos, de 1635 a 1759, em que “[...] dezenas de revoltas populares eclodiram em todo o país, em favor do direito de produzir, vender, comprar, exportar, estocar e consumir a cachaça.”

Dentre as revoltas, cita-se a que durou de novembro de 1660 a abril de 1661, no Rio de Janeiro, a “Revolta da cachaça”, “[...] quando 112 senhores de engenho não aceitam a proibição de fabrico e comércio do ‘vinho de mel de cana’ [...]” (CÂMARA, 2004, p. 20), desbancando a determinação imposta em 1649. Foram suspensas as proibições, ao se perceber a sua ineficiência, visto que a produção continuou ocorrendo clandestinamente, por isso “[...] O rei D. Afonso VI, sob a regência da rainha D. Luisa de Gusmão, suprimiu a proibição, inoperante, ineficaz, desastrosa.” (CASCUDO, 1986, p. 25)

As tributações das *cachaças* eram difíceis de serem cobradas, por isso, muitas vezes, se tornavam inviáveis. Tinham como objetivo arrecadar recursos para solucionar problemas da Coroa Portuguesa, dentre os quais, citam-se a que ocorreu para reconstruir a cidade de Lisboa, devido ao terremoto que abalou essa cidade em 1756, e o subsídio literário, criado em 1759, após o Marquês de Pombal expulsar os jesuítas dos territórios portugueses, para pagamento dos atuais responsáveis pela educação, os professores “não religiosos”, e das despesas escolares, a partir de então. (TRINDADE, 2006, p. 43)

Em 1679, volta a ser proibido o comércio da *cachaça* no Atlântico Sul, devido à péssima qualidade da bebida, à qual foram atribuídas responsabilidades por mortes de soldados, de homens brancos e negros, incluindo as enfermidades por ela provocadas. Dom Pedro II reconheceu o estrago e, em 8 de abril desse ano, publicou, no Brasil e em Angola, uma lei que proibia o uso da *aguardente* em Angola. Contudo, mais uma vez, se fez difícil o cumprimento da lei, visto que a *jeribita*, como era chamada “[...] já havia caído no gosto dos negociantes e consumidores em Angola e enchiam os porões dos

tumbeiros que atravessavam o Atlântico para movimentar o tráfico de escravos na África Central.” (AMARAL, 2017, p. 128)

Apenas em 1695, a *jeribita* foi liberada em Angola, após questionamentos a respeito da veracidade das mortes atribuídas ao consumo da bebida, sem negar-lhe a condição de que o excesso prejudicava a saúde do consumidor. A liberação se deu após médicos afirmarem que a *aguardente* era utilizada como remédio para enfermidades e que não causava danos à saúde. Amaral (2017, p. 134) apresenta, como ponto de reflexão, os fatos que levaram tanto à proibição da *jeribita*, em 1679, quanto à sua liberação, em 1695, os quais estavam relacionados a interesses econômicos, primeiramente, do lado português, que queria impor o consumo de suas bebidas, e, no segundo momento, pelo lado dos negociantes que lidavam com a produção da *cachaça*, a exportação da bebida e o tráfico dos povos escravizados.

No decorrer de vários movimentos da história do país, foi a *cachaça* uma pauta de luta, configurando-se como elemento da cultura do povo brasileiro, pois fazia parte de sua vida cotidiana. Conforme Cascudo (1986, p. 45), “Para o bebedor não é uma subalternidade a escolha da aguardente.” E segue o autor afirmando que “É a bebida-do-povo, áspera rebelada, insubmissa aos ditames do amável paladar, bebida de 1817, da Independência, atrevendo-se enfrentar o vinho português soberano [...]” Em 1817, ocorreu a Revolução Pernambucana, a que se vincula, conforme Cascudo (1986, p. 31), o padre João Ribeiro, “[...] mentor tão legítimo que se suicidou na derrota, recusou o *cálix* de vinho francês que lhe oferecia Tollenare, e pediu, para o brinde, aguardente.” Era a *cachaça*, como afirma Silva (2008, p. 31),

[...] símbolo da luta contra o domínio português. Imbuídos de típico nacionalismo, os pernambucanos boicotaram os produtos do reino. Para não consumir a farinha de trigo, chegaram até a substituir o pão pelo cuscuz e pela tapioca. (SILVA, 2008, p. 31)

Sobre essa insurreição luso-brasileira, Del Priore (2020, p. 13) afirma que “Nas missas passou-se a usar *cachaça*, no lugar do vinho, e mandioca, no da hóstia, para firmar o sentimento de natividade.”

Mesmo se firmando como uma bebida popular, os dias seguintes da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar não prosseguiram em atos de glórias e

emancipações, pois, segundo Feijó (2001, p. 19-20), foi diretamente associada aos que viviam à margem da sociedade e que se embriagavam devido às suas mazelas promovidas pelos sistemas impostos pela Independência, pela Abolição da escravatura e pela República. Ficou a bebida para escanteio, deixando de ser símbolo de resistência, já que o centro das atenções passou a ser as bebidas europeias dos imigrantes. A referência a tudo que fosse vinculado à *cachaça* gerou, como consequência, o preconceito, sendo assim incluída na lista dos itens discriminados, bem como os seus apreciadores.

Sobre a *cachaça*, Câmara (2004, p. 23) afirma que “Caluniada e injustiçada pelo Poder e pelas elites, ela ingressou no século XX como a bebida eminentemente popular, o vinho dos pobres, a dose sagrada do trabalhador.” A retomada da valorização da bebida surge paulatinamente, e, na *Semana de Arte Moderna*, em 1922, “[...] a cachaça volta à mesa, acompanhando pratos tradicionalmente brasileiros. Desde então, passou a inspirar cantigas, trovas, rezas.” (SILVA, 2008, p. 31) O reconhecimento da presença da *cachaça* no movimento Modernista fez com que, em 2020, nas comemorações dos 98 anos da *Semana de Arte Moderna*, o “Movimento Viva cachaça”<sup>16</sup> tenha promovido um evento em que ocorreram “Doses de história e de cachaça”, em que a história, a literatura e a *cachaça* foram abordadas no evento.

Mário de Andrade, em *Macunaíma*, obra publicada em 1928, utiliza-se, em algumas passagens do texto, para se referir à *aguardente de cana*, das lexias *cachaça*, *pinga*, *caninha*, *abrideira*, além de *caxiri*. Esta, conforme o *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*, é a bebida fermentada de mandioca; e, na acepção 3, consta registrado como brasileirismo informal: “aguardente de cana; cachaça.” *Caxiri* também é considerado por Cavalcante (2011b, p. 344) como sinônimo de *cachaça* e por Souto Maior (2013, p. 50), como eufemismo de *cachaça*. Cita-se a seguinte passagem do texto de Andrade (2017, p. 46), como exemplo do uso de *caxiri* e *cachaça*, ao se referir à participação de Macunaíma em um ritual religioso: “E foi lá que Macunaíma provou pela primeira vez o caxiri temível cujo nome é cachaça. Provou estalando com a língua feliz e deu uma grande gargalhada.”

---

<sup>16</sup> O evento Cachaça e Semana de Arte Moderna – 98 anos, ocorreu em 27 de fevereiro de 2020. Informações disponíveis em: [https://www.sympla.com.br/cachaca-e-semana-de-arte-moderna---98-anos-2702\\_\\_786570#info](https://www.sympla.com.br/cachaca-e-semana-de-arte-moderna---98-anos-2702__786570#info). Acesso em: 18 out. 2021.

Conforme Silva (2008, p. 31), a *cachaça* “Chegou a ser tema de músicas populares, nos sambas, marchinhas, frevos e serestas, como parte integrante da realidade histórica e social brasileira.” Samba e *cachaça* são dois elementos que fazem parte da constituição histórica da cultura do Brasil e que se encontraram, por meio dos bebedores-compositores sambistas, fazendo surgirem obras que constituem a raiz do povo brasileiro. Essa parceria pode ser vista no curta-metragem brasileiro *Dá licença de contar*, lançado em 2015, dirigido por Pedro Soffer Serrano, que aborda, na narrativa, histórias e composições de um dos maiores sambistas do Brasil, Adoniran Barbosa.

A bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar é vinculada ao samba, símbolo nacional, que, assim como ela, também, tem associações estereotipadas à classe social de baixa renda, aos moradores das favelas e dos morros, ao homem malandro, irresponsável. Trata-se de outra associação no ideário do povo brasileiro, a íntima relação da bebida ao malandro, ao descontrolado bebedor, o pinguço e, com isso, carrega o estigma atribuído a essas pessoas, que deixaram nela marcas adjetivais como bebida de seres irresponsáveis, sem prestígio social.

Se o povo propagou a *cachaça* e o samba, por meio de suas histórias de vida, é merecedor de louvor, já que se tratam de dois vetores que movimentam favoravelmente ao Brasil a economia nacional e internacional. Com isso não é difícil pensar que, se dois dos símbolos nacionais do Brasil estão relacionados a pessoas internamente estigmatizadas, valorizadas apenas nas conveniências socioeconômica e política, são esses símbolos igualmente discriminados e, assim como as pessoas, buscam a sua valorização, o reconhecimento de sua importância na condução histórica, política e social do Brasil. Sem a *cachaça* e o samba, o Brasil seria outro; há quem diga, inclusive, que nem existiria.

Exageros à parte, a bebida, as pessoas e o samba merecem respeito e, se isso não acontece como deveria, reflete na autoestima do brasileiro, povo, em sua maioria, que tem dificuldade de exercer em sua cidadania o direcionamento ao orgulho de sua pátria, de ser brasileiro. Numa lógica ótima, entende-se que, se não se tem orgulho de seu país, provavelmente, não se terá orgulho de suas representações simbólicas, a não ser que algo ocorra em direção à valorização.

A *cachaça*, composta e constituída de alquimia, supera qualquer suposição de que a produzir seja algo mecânico. Embora seja feita com um

maquinário, a manipulação e as dosagens dependem do saber de cada alambiqueiro ou Mestre alambiqueiro, que implementa o seu modo de manusear e de realizar a produção da bebida. Portanto, conforme a sua história, que tem diversas nuances e muitas entrelinhas, a *cachaça* foi, de fato, uma bebida de qualidade inferior, que os povos escravizados conheceram no Brasil e que passaram a bebê-la para se divertir e, antagonicamente, para suportar as mazelas a que eram submetidos nos trabalhos diários.

Sobre esse aspecto da bebida, Cascudo (1986, p. 24) traz uma importante informação:

[...] figurava necessariamente como alimento complementar na trágica dieta das travessias do Atlântico. O escravo devia, forçosamente, ingerir todos os dias, doses de aguardente, para esquecer, aturdir-se, resistir. Soldados e marinheiros através do oceano sorviam álcool. Era um preventivo. (CASCUDO, 1986, p. 24).

Para complementar a informação de Cascudo (1986), Souto Maior (1970/71, p. 35) afirma que “A aguardente adquirida e depois fabricada no engenho era para o consumo dos *negros*, durante o inverno ou quando estavam doentes”. Traz esse autor a informação de que os negros “Tinham três refeições por dia e um pouco de aguardente de manhã. A primeira refeição consistia de farinha ou pirão com frutas e aguardente.” (SOUTO MAIOR, 1970/71, p. 37)

Por muito tempo, foi uma bebida de baixo preço, declaradamente das e para as pessoas pobres. Era consumida pelos senhores às escondidas, e, como se diz, ficava sob suas mesas. Todavia, conquistou seu espaço e hoje fica exposta sobre prateleiras e mesas, juntamente com outros destilados, os importados, como uísque, vodca, licor. Calasans (2014, p. 63) afirma que houve uma luta surda entre o senhor branco e o negro escravizado, até a *cachaça* alcançar a ascensão, pois se tinha “O branco a querer beber escondido, cheio de preconceitos contra a bebida da senzala.” E apresenta uma quadra de um capoeira baiano, interpretada como uma ironização.

Maribondo dono do mato  
Carrapato dono da foia  
Todo mundo bebe cachaça  
Negro de angola só leva fama. (CALASANS, 2014, p. 63)

Em muitas narrativas e relatos dos caminhos da *aguardente* na história do Brasil, se veem assimilações de características atribuídas à bebida sendo referidas às pessoas que a consumiam, ocorrendo uma real atribuição metonímica, em que a parte implica na composição da significação do todo. Nesse sentido, tem-se em Câmara (2004, p. 101) a seguinte informação: “[...] sendo bebida do povo, ‘da massa bárbara, rude, da plebe inculta’, é um produto ruim, menor, indigno de ser consumido por ‘pessoas de boa cepa, virtuosas, abastadas’”. Cavalcante (2011a, p. 38) afirma: “[...] cachaça era toda aguardente de qualidade inferior dada aos escravos ou, devido ao preço baixo, acessível ao bolso dos pobres.”

Também não são poucas as associações da bebida ao hábito de ser consumida pelo ser humano do sexo masculino. Trata-se de um constructo sociocultural em que *frames* a esse respeito foram elaborados e reforçados, devido a associações entre a bebida e o seu consumidor mais prototípico. Na constituição da masculinidade, afirma-se, popularmente, como uma forma de batismo, que: “Para que possa ser considerado um homem, é preciso que o rapaz se meta numa briga, que saiba tomar cachaça sem fazer careta e apanhar *doença-do-mundo*, com ares de herói, exagera seu andar *angalicado* [...]”. (SOUTO MAIOR, 1970/71, p. 19)

No diálogo entre Inquiridor e Informante do Projeto ALiB, é possível verificar essa representatividade. Citam-se dois exemplos para ilustrar, iniciando com a resposta apresentada pelo homem, faixa etária 1, de escolaridade fundamental, da cidade Aracaju (79), em que, em ambos os exemplos, o inquiridor evoca essa ideia em seu discurso, utilizando-a como recurso refinador da pergunta, configurando-se como uma estratégia para obter sucesso na captação da resposta a ser apresentada pelo entrevistado.

No exemplo 2 que segue, o inquiridor faz remissão aos homens, após o informante apresentar, no diálogo, a bebida *vinho* em sua resposta:

- (2) [...] INQ. — Além de vinho, que bebida, tem assim que os homens tomam mais frequentemente?”  
 [...] INF. — *Cerveja e Dreher.*

Na sequência, ocorre como um reforço do que se tem no imaginário coletivo, de que a *cachaça*, por ser uma bebida forte, é coisa de “cabra-macho”. O inquiridor elabora a pergunta, igualmente, utilizando-se do mesmo recurso, como estratégia para obter sucesso na resposta. Eis o que se tem no seguinte exemplo 3:

- (3)            [...]  
 INQ. — Mas, às vezes tem uns que gostam de *uma coisa mais forte, assim, crua.*  
 INF. — *51.*  
 AUX. — *51 é o quê?*  
 INF. — *Pura mesmo.”*

Nesse sentido, é possível pensar que há, consensualmente, uma verdade absoluta de que a *aguardente de cana* circularia apenas nos copos dos homens ou que apenas pessoas do gênero masculino estão autorizadas, socialmente, a pedir um xote de *cachaça*. O que certamente não é uma verdade, muito menos uma realidade, pois pessoas de ambos os sexos e de todo e qualquer gênero bebem, gostam e apreciam a *pinga*. Contudo, mesmo com esse entendimento, levanta-se uma questão: se, na elaboração da pergunta, em vez de se referir ao homem, o inquiridor fizesse referência à mulher, por exemplo, teria obtido sucesso na resposta do informante? Entende-se que, provavelmente, não, pois, ainda, de forma restritiva e generalizada e preconceituosa, se atribui o uso da *cachaça* ao universo do masculino, ao domínio de experiência de homens, que, como a bebida, são considerados fortes, aguerridos, imponentes, entre outros adjetivos culturalmente construídos e que circulam no universo do protótipo da macheza.

Contudo, o crescente interesse das mulheres em consumir a *branquinha* possibilita-lhes fazer parte desse ainda fechado domínio da experiência, associado à masculinidade. Essa resignificação poderá, por exemplo, ocorrer em um fluxo natural de consumo e/ou como objeto de *marketing* da bebida, em que podem/devem ser vistas, publicamente, dando um trago na *caninha*. É com novos *frames* sendo constituídos que, em enunciados a respeito da *cachaça*, podem-se ter sinalizações de rompimento dos preconceitos: quando passarem a se referir a pessoas que frequentam bares e consomem a chamada bebida quente/forte/crua, sem que seja necessário marcar seus sexo e/ou gênero.

Convencionalmente, nesse âmbito, de quase exclusão às considerações do consumo por parte das pessoas do sexo e/ou do gênero femininos, há quem diga que, por outro lado, é a *cachaça* uma bebida de natureza feminina e, assim, lhe são atribuídas adjetivações com associações estereotipadas, como a de ser enigmática, misteriosa, amiga de todas as horas, desviadora dos caminhos dos homens de bem, que, facilmente, são conduzidos ao botequim, à perdição e isso porque aparenta ser uma dama bem-comportada, recatada, perfumada, seja ela nova ou velha, cujos encantos, corrompem apaixonados. Constitui-se, assim, um mundo de ideias metafóricas, em que a personificação da bebida favorece tais idealizações.

Nesse domínio da experiência da bebida, atribuições reservadas às mulheres podem ser consideradas machistas, pois são relacionadas à fragilidade e à doçura tão exigidas ao comportamento e à personalidade feminina: “[...] a do barril de bálsamo é para cabra-macho... a do barril da adocicada umburana, para senhoras e senhoritas.” (FEIJÓ, 2001, p. 46) Nesse caso, tem-se, respectivamente, uma bebida mais forte e uma mais fraca, mais delicada. Câmara (2004, p. 27), ao se referir à *cachaça* nova saída do alambique, traz uma citação, definindo-a como: “[...] ‘uma moça fogosa, ensolarada, espontânea, que canta’”, e se refere à *cachaça* envelhecida como “[...] ‘uma senhora mais comportada de recato e cerimônias’”, e complementa dizendo: “São bebidas diferentes: cor, aroma e gosto diversos.” E, da mesma forma como são conceptualizadas as mulheres, e, a partir disso, são ditados socialmente o seu comportamento, por meio de metáforas ontológicas de personificação, vão se reforçando ideias do ideal feminino que se associam à conceptualização da *cachaça* e da *cachaça envelhecida*.

Alguns adágios retratam essa visão da mulher, numa abordagem pejorativa, como se pode verificar nos que são citados por Souto Maior (1970/71, p. 42):

- “Mulher, cachaça e bolacha, em toda a parte se acha.”;
- “Mulher, briga e cachaça, estão sempre na praça.”;
- “Três coisas *espirram* um cabra prá fora da cafuá: fumaça, goteira e *muié cachaceira*.”

Certas *cachaças* trazem denominações que podem ser consideradas como referências ao universo do feminino, como as que se encontram registradas em Calasans (2014, p. 150-199): *amorosa, angélica, aninha, baronesa, choro da mulata, dindinha, dona branca, fia do senhor de engenho, lindinha, mamãe de aruana, maria branca, maria teimosa, moça branca, mulata, santinha* etc.; bem como os *rótulos da bebida*, que trazem nomes-marca, como: *Ana Maria, Cabocla, Camponesa, Diana, Dona Boa, Eva, Feiticeira, Mulata, O que é que a bahiana tem?, Pecadora, Rainha, Santa Rosa, Santa Teresinha, Senhorinha, Sinhazinha, Yayá*, entre outros. (CALASANS, 2014, p. 136-142)

Ainda no âmbito desse domínio de experiência que remete ao feminino, a cana-de-açúcar também é conceptualizada, metaforicamente, como um ser humano, como constata Serra (2011, p. 158), em sua pesquisa, utilizando-se de dados coletados pelos pesquisadores do Projeto “Atlas Linguístico do Maranhão” (ALiMA). Demonstra o pesquisador que “Os plantadores da cana-de-açúcar, em seu discurso profissional, atribuem muitas características físicas e comportamentais humanas à cana-de-açúcar [...]”, dentre as quais, cita a metáfora conceitual: A CANA-DE-AÇÚCAR NASCE, CRESCE, TEM FILHOS, ENVELHECE E MORRE. (SERRA, 2011, p. 159) A cana-de-açúcar é personificada e compreendida em termos de ser humano, por isso percebe-se que passa pelos mesmos processos de desenvolvimento.

Sobre a personificação, afirmam Lakoff e Johnson (2002, p. 87) que “[...] nos permite compreender uma grande variedade de experiências concernentes a entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.” As nossas experiências humanas possibilitam-nos realizar e compreender as metáforas ontológicas, em que dois domínios de experiências são relacionados, por meio dos quais ocorrem as personificações, que são muitas no domínio da experiência da *cachaça*, as quais podem ser visualizadas nos poemas apresentados nesta seção.

Nesse sentido, Calasans (2014, p. 58) apresenta o que ele chama de “uma lógica conclusão popular: **cachaça é filha da cana**” e demonstra com alguns exemplos de versos em que a personificação se faz presente, como filha da cana e neta do canavial.

Cachaça, fia da cana  
Neta do canaviá  
Quem se mete muito nela  
Oh! Não vá se embriagá  
Cachaça, fia da cana  
Neta do Canaviá  
Quem se empurra muito nela  
N'alguma coisa é de dá. (CALASANS, 2014, p. 58)

Koster (1942, p. 353) em relato de observações de festas promovidas por indígenas, em sua propriedade, afirma que “As mulheres apreciavam aguardente tanto quanto os homens, inspirando-se com ela, e quando a consumação crescia, cantavam novos cânticos e seus movimentos eram mais rápidos”.

Sobre a atuação da mulher nesse universo, Figueiredo *et al.* (2005, p. 110), apresentam uma pequena entrevista realizada com Cida Zurlo, que é farmacêutica e bioquímica de formação, e considerada a mulher dos sabores, por formular aguardente composta com ervas. É uma personalidade no universo da *aguardente*. Ao lhe ser perguntado se “cachaça é coisa de macho”, respondeu: “Hoje, as mulheres bebem muita cachaça, e nem precisa ser a chamada cachaça feminina, fraquinha, com menor graduação alcoólica.”

Com Zurlo e tantas outras mulheres que se dedicam ao trabalho e estudo no universo da *cachaça*, vê-se um movimento de diluir um tipo de conceito atribuído à mulher, no qual a ela se vinculam noções de fragilidade e fraqueza. Isso gerou, por exemplo, categorias como bebida de homem e bebida de mulher, reforçando estereótipos tão inadequados que a estigmatizou, implicando em consequências sérias que desembocaram na crença, por exemplo, de inabilidade para constar no tal universo dos homens. Sim, mulher bebe e faz *cachaça* e continua sendo mulher.

A partir de sua história, que envolve vinculações a gêneros humanos, classes sociais e raças, encontra-se como uma característica marcante da bebida o valor pejorativo que lhe é atribuído, sendo um elemento que persiste há muitos séculos e que a tornou desvalorizada, mesmo sendo confeccionada em território brasileiro, e companheira dos povos que moraram no Brasil desde o século XVI. Nem sempre essa companhia foi explicitadamente declarada, pois, às vezes, circulava às escondidas, servida em xícaras para disfarçar o gostar dos senhores pela *aguardente*: uma bebida mal vista que proporcionava aos seus adeptos o estigma de serem mal falados. Conforme Figueiredo (2011, p.

10), os motivos para o preconceito são de teor histórico “[...] e não químico ou relacionado ao produto que é a cachaça”; o pré-conceito idealizado sobre a *cachaça* partiu de uma generalização e se disseminou por muitos e muitos anos entre as pessoas.

Souto Maior (1970/71, p. 38), ao abordar o caminho da *caninha*, que, de bebida de negro passou a bebida nacional, apresenta versos do cantador José Adão Filho.

Antigamente quem bebia  
Era o negro ou mulato,  
Mas hoje gente de trato  
Bebe de noite e de dia  
Homem de categoria  
Tenho visto acontecer  
Na rua tonto pender  
Dando passadas sem prumo!  
Se os grandes lhe dão consumo  
Não é defeito beber! (SOUTO MAIOR, 1970/71, p. 38)

E como se combate esse preconceito? O autor direciona a solução para a propagação de informações sobre a bebida, o que pode impactar positivamente e colaborar para reverter a ideia errônea que se tem sobre ela. É como se faz no combate de todo preconceito, em que a informação é uma forte aliada.

A generalização envolve qualquer *cachaça*, contudo, como todo produto, há as boas e as ruins, e as características das que são de pior qualidade se sobrepuseram às de melhor e assim se divulgaram informações sobre a bebida, as quais, precisam ser desfeitas, para que se propaguem as qualidades da boa *cachaça*. Tal generalização se dá por um processo metonímico em que as informações do todo são comprometidas pelas informações das partes, contudo é importante distinguir a parte do todo constituinte da *cachaça* de baixa qualidade e a parte composta de *cachaça* de alta qualidade.

Historicamente, justifica-se essa generalização pelo fato de, no início, ser uma bebida confeccionada sem o devido controle e regularização e assim a sua boa qualidade dependia da vontade, disposição e consciência de seu produtor. O que faltou acontecer foi uma simetria entre a qualidade da bebida e a divulgação das informações.

Partindo dessa prática e de ideias, aspectos dos conceitos que as pessoas têm a respeito da bebida, percebe-se que a atribuição de valores negativos a puxam, valorativamente, para baixo, o que faz com que predomine sobre ela a ideia generalizada de “Gosto forte, cheiro forte, teor alcoólico forte e ressaca também forte. Essas, infelizmente, ainda são as principais ideias ligadas à cachaça.” (FIGUEIREDO, 2011, p. 17)

As experiências corpóreas dos falantes conceptualizadores e categorizadores permitem que, sobre a bebida, se formem esquemas, que, segundo Medeiros et al. (2015, p. 3) “[...] são padrões cognitivos construídos na mente humana – desde os primeiros aos de vida [...]” Portanto, o trabalho é inverter a seta de valor para cima, elevando o conceito da bebida, fazendo com que as ideias que se tenham sobre ela sejam mais positivas, todavia, sem haver outra generalização.

Questionamentos surgem diante desse contexto, como: é devido a esses esquemas e *frames* que compõem a mente das pessoas sobre o gosto, o cheiro, o teor alcoólico e a ressaca que as denominações eufemísticas para a *cachaça* surgem e se firmam na língua? Como se dá essa relação entre a ideia de composição negativa e as denominações para a bebida? Essa concepção de negatividade não se restringe à bebida, pois é vinculada à categorização que se estabeleceu entre ela e as pessoas que são adeptas ao seu uso: pessoas desfavorecidas, economicamente, marginalizadas socialmente. Na segregação dessas pessoas, enfatizam-se o que a elas pertence ou o que lhe é atribuído, como os costumes, as religiões, entre outros. Como consequência do preconceito e dessas informações generalizadas referentes à sua má qualidade, há denominações eufemísticas, que buscam enfatizar a boa qualidade da bebida, dentre as quais, podem-se citar: *abençoada*, *abre-coração*, *bálsamo*, *boa-para-tudo*, *carinhosa*, *chá-de-cana*, *delícia*, *jeitosa*, *mansinha*, *santinha*, entre outros. (SEABRA, 2015, p. 13-20)

Pensa-se que, sendo uma bebida estigmatizada, ocorre a criação desses nomes para denominá-la indiretamente e, sobre isso, Barbosa (2011, p. 182) traz: “É notório que a diversidade sinonímica se desenvolve especialmente nos casos de designação de elementos socialmente estigmatizados. Nesses casos, é necessário criar formas indiretas, suavizadas [...]”. Portanto, vê-se que o

preconceito motivou a criação de eufemismos, os quais, em relação à *cachaça*, são em grande quantidade.

A *cachaça* é uma bebida forte, não só no sabor, devido ao seu teor alcoólico, mas por ter resistido a lutas; por isso tem a sua história associada à história de pessoas e de gerações de famílias.

#### **2.1.4 Cachaça: conceitos, categorias legais e comercialização**

A *aguardente de cana* apresenta, ao longo de sua história, diversidade em sua forma de elaboração. Cascudo (1986, p. 18) cita uma *aguardente* de cana feita a partir do caldo da cana, da garapa azeda fermentada, no século XVII; e outra *aguardente* feita do destilado a partir das borras do mel de cana, do melaço, sendo essa “[...] a legítima cachaça, correspondendo à *Bagaceira* em Portugal [...]”. Figueiredo e Venâncio (2005, p. 23) também informam que havia dois tipos de *aguardente de cana*, uma que eles chamam de primitiva, “[...] elaborada pela destilação do mel que escorria das formas de açúcar [...]”, e a segunda, por aproveitamento, feita a partir da destilação do caldo-de-cana fraco, que impossibilitava gerar um bom açúcar.

Atualmente, *aguardente* e *cachaça* apresentam as seguintes conduções legais para a destilação, conforme Decreto nº 6.871, de 4 de junho de 2009, Artigos 51 a 53.

A *aguardente* é “[...] obtida do destilado alcoólico simples ou pela destilação do mosto fermentado.” E “[...] terá a denominação da matéria-prima de sua origem [...]”, portanto, pode-se ter *aguardente* de melaço, de cereal, de vegetal, de rapadura, de melado, podendo, todas, serem adoçadas e envelhecidas. A *aguardente de cana* é “[...] um destilado alcoólico simples de cana-de-açúcar ou pela destilação do mosto fermentado do caldo de cana-de-açúcar.” Nessa *aguardente*, pode ser adicionado açúcar, no limite de seis gramas por litro, expressos em sacarose. Para todas as *aguardentes* citadas, o teor alcoólico determinado é de 38% a 54%, em volume, a vinte graus *Celsius*. Já a *cachaça* é uma *aguardente de cana* “[...] obtida pela destilação do mosto fermentado do caldo de cana-de-açúcar com características sensoriais peculiares [...]” e o teor alcoólico máximo, por volume é de 48%. (BRASIL, 2009, p. 13)

Portanto, como se pode verificar, na legislação vigente, *cachaça* é um tipo de *aguardente*, que, por sua vez, possui uma variação de tipos, conforme a matéria-prima utilizada na produção. Uma diferença legal entre as duas é que a *cachaça* só pode ser obtida a partir do mosto fermentado da cana-de-açúcar e a *aguardente* pode ser oriunda tanto do mosto quanto do destilado alcoólico simples, por meio, neste caso, do rebaixamento do teor alcoólico. Conforme Trindade (2006, p. 84), o destilado alcoólico simples de cana-de-açúcar possui de 54 a 70% de etanol e é por meio do acréscimo de água que ocorre a conversão em aguardente de cana. Entende-se como positivo o esclarecimento dessa distinção, pois, a partir dela, é possível serem feitas comparações entre a *cachaça* e a *aguardente*, verificando os limites do teor alcoólico da bebida, assim como a matéria-prima a ser destilada.

Diante dessa diversidade estabelecida, aos consumidores é disponibilizada uma variação de bebidas alcoólicas feitas da cana-de-açúcar, dentre as quais citam-se a que, ao ser produzida, já pode sair do alambique diretamente para o envasamento, é a famosa *branquinha*, que, conforme a legislação, é a genuína *cachaça*. Mas há *branquinhas* que, após o processo de produção, descansam um pouco em barril de madeira ou em dornas de aço inoxidável, antes de serem envasadas.

Além disso, há a *cachaça envelhecida* por, no mínimo, um ano, em barril de madeira com capacidade igual ou inferior a 700 litros. Câmara (2004, p. 48) chama atenção para essa distinção, pois, para o autor, *cachaça envelhecida* não é *cachaça*, é *cachaça envelhecida*, pois *cachaça* é a bebida nova, branca, aquela que ainda evidencia, em seu aspecto, o frescor da jovem bebida. A legislação distingue a *cachaça* da *cachaça envelhecida*, em que, na envelhecida, se tem, como diferencial, dentre outros fatores, o *bouquet* de aromas e sabores proporcionados pelo contato com os diferentes tipos de madeira, o que dá um destaque diferenciador à *cachaça* em relação aos outros destilados, como o uísque e a vodka, por exemplo.

Cada madeira utilizada pelos produtores para o envelhecimento da *cachaça* possibilita que se lhe firme uma identidade. As madeiras circulam na margem de três dezenas, tendo-se a de carvalho, que não é originalmente uma madeira brasileira, a mais conhecida, por ser utilizada no envelhecimento do uísque. E é justamente por esses motivos que o carvalho é amado por uns, mas

muito criticado por outros, constituindo-se um velado “movimento nacionalista” formado por adeptos que lutam pela afirmação da *cachaça* como bebida nacional. O diferencial da *cachaça envelhecida* é poder ser confeccionada a partir de uma grande quantidade de madeiras nacionais, por isso, diante de tantas possibilidades questionam os cachaçólogos o porquê de se buscar, com tanta frequência, uma madeira que carrega consigo o peso de ser a única madeira com a qual se produz o *uísque*, o que pode acarretar em, forçosamente, assemelhá-la ao destilado escocês, além de se perder a oportunidade de produzir uma *cachaça* com madeiras nacionais, cujo resultado tem se apresentado satisfatório.

Câmara (2004, p. 52) cita as madeiras nativas do Brasil que são mais utilizadas para o armazenamento da *cachaça*, a saber:

[...] o bálsamo, o jequitibá, o cedro, o araribá, a pereira, o sassafrás, o ipê amarelo ou peroba do campo, a grápia ou garapa, o freijó, o pai-d’arco, o amendoim [...] o angico velho, o louro-canela, o jatobá, a castanheira, o vinhático, a amburana ou cerejeira, o angelim e a piorra. (CÂMARA, 2004, p. 52)

Essa variedade de apresentação da bebida possibilita ao bebedor apreciar um produto diferenciado, que pode ter como predominância o sabor da cana-de-açúcar, o que ocorre na alambicada da *pinga* nova, branca, ou que foi, no máximo, descansada; ou o sabor da que deriva da reação química proporcionada pela interação do destilado de cana com a madeira do barril onde foi envelhecida. As variações de armazenamento e/ou envelhecimento em barris de madeira possibilitam, aos consumidores, conhecerem uma infinidade de sabores constituintes da *cachaça*, fornecidos por apenas uma madeira ou, ampliando a possibilidade de produzir a *pinga*, quando se faz um *blend* de madeiras, que corresponde à, na distribuição do tempo em que a bebida é envelhecida, utilização de barris de diferentes madeiras, realizando-se, na etapa final, uma harmonização em que se pode apreciar, em sua composição, notas de aromas e sabores.

O *site* Mapa da *cachaça* (2011b) explicita a diferença entre a *cachaça envelhecida* e a *cachaça armazenada*. Para esta, o tempo determinado para descansar em barris pode variar de poucos meses ou até ficar anos, em barril com capacidade superior a 700 litros, no qual a *cachaça* não assimila bem as

propriedades da madeira. Nessa composição, a bebida tem uma coloração mais clara, se comparada a uma envelhecida, no mesmo tipo de madeira, em barril com capacidade igual ou inferior a 700 litros; e essa diferença é visível e perceptível, na aparência de cada um desses tipos de *cachaças*.

Um aspecto preocupante é o uso indevido das madeiras utilizadas para o envelhecimento do destilado de cana, o que acarreta em sua fatídica extinção, fruto, obviamente, de fatores que vão desde o uso desenfreado para a confecção de barris, sem o devido planejamento e controle, até a relação quantidade de produtores de barris e de *cachaça* X quantidade de madeiras disponíveis na natureza.

A busca por certas madeiras ocorre devido aos resultados positivos gerados na *cachaça*, cujas substâncias lhe proporcionam propriedades organolépticas que a tornam agradáveis ao público, como a Amburana, por exemplo. Segundo o *site* Mapa da *cachaça* (2018), as madeiras de Amburana, Jequitibá-rosa, Grápia e a Castanheira correm alto perigo de extinção, o que ainda não ocorre com a do Bálamo.

Ao longo da história, desde a produção do açúcar, a madeira era utilizada como combustível nas caldeiras e fornalhas, o que acarretou um grande volume de sua extração na natureza, considerando a alta produção do açúcar, acrescida da produção de *aguardente*. Sobre a exploração desenfreada de madeiras na cultura açucareira e a conseqüente destruição de florestas, no século XVIII, Prado Júnior (2011, p. 142) assevera que

Contribuía particularmente para essa destruição o consumo indiscriminado e descontrolado da lenha. Sobretudo responsáveis os engenhos de açúcar, que absorviam quantidades enormes; não se cogitara ainda em utilizar o bagaço de cana como combustível, coisa que nas colônias inglesas, francesas e holandesas já se tornara processo rotineiro. (PRADO JÚNIOR, 2011, p. 142)

Em nota de rodapé, afirma o autor que, nos engenhos, eram utilizados de 12 a 16 carros de lenha por dia. Isso implica em dizer que a cultura do açúcar e de seus subprodutos já praticava a devastação desenfreada da mata, a fim de garantir o sucesso nos negócios. Devido a essa exploração, criava-se o que Prado Júnior chamou de “Vácuo de matas”, o qual obrigava que a busca por lenha se desse em lugares cada vez mais distantes dos engenhos. Sobre essa

lenha, que se tornou gradualmente escassa, afirma Prado Júnior (2011, p. 142-143)

Tinha-se que ir buscar lenha a distâncias consideráveis; frequentemente ela se torna inacessível, e a atividade do engenho cessa. A falta de lenha é uma das causas mais comuns do abandono de engenhos: é o que informam os testemunhos da época. (PRADO JÚNIOR, 2011, p. 142-143)

Atualmente, nos alambiques, é comumente utilizado, como combustível, o bagaço moído da cana-de-açúcar, cujo reaproveitamento de suas cinzas também ocorre como parte de ração de gado, dentre outras utilidades que a ciência vem descobrindo e desenvolvendo, a fim de favorecer a ótima utilização dos resíduos da cana-de-açúcar em benefício da sociedade. E é assim que, pelo reaproveitamento do bagaço e de outros elementos, a produção da *cachaça* vem praticando uma rotina de redirecionamentos, promovendo ações vinculadas ao conceito de *Sustentabilidade*.

Como outros exemplos, citam-se a colheita manual, com ausência de queima da cana, que “[...] gera empregos, fixa o homem no campo e ainda está de acordo com a preservação ambiental.” (FIGUEIREDO, 2011, p. 58); as partes da *cabeça* e da *cauda* da *cachaça*, que podem ser redestiladas para produção de combustíveis a serem utilizados nos veículos do engenho; e o vinhoto ou a vinhaça, que é o líquido ácido e pobre de oxigênio que sobra do alambique e que, por isso, não pode ser jogado nos rios, como era feito, regularmente, em tempos pregressos. Todavia, por ser rico em nutrientes, pode ser utilizado como alimento do gado; além das garrafas, tampinhas e rótulos que podem ser reciclados. Como bem constata Figueiredo, (2011, p. 58), “[...] a *cachaça* está de mãos dadas com a preservação do meio ambiente e da cultura do homem da terra.”

Salienta-se que esse reaproveitamento impacta nos lucros da produção da bebida, favorecendo a viabilidade do negócio. Como um elemento culturalmente democrático, a *cachaça* pode ter um baixo preço, correspondendo ao que é atribuído às *cachaças* industrializadas, adoçadas, que, normalmente, se encontram disponíveis em grandes supermercados, vendas, barracas de praia; e pode ter um preço considerado de mediano a elevado valor de mercado, que corresponde ao das *cachaças* vendidas, preferencialmente, em casas

especializadas, podendo ser dos mais variados tipos. Essa distinção se dá, basicamente, entre a bebida industrializada, destilada em grande volume em colunas de inox, e a produzida em alambique de cobre, confeccionada artesanalmente.

Conforme a legislação<sup>17</sup>, em toda *cachaça e aguardente de cana* deve conter informações sobre a procedência da bebida, o tempo de armazenamento ou de envelhecimento, a madeira ou as madeiras em que foi envelhecida, se é descansada, como e onde descansou, se é estandardizada<sup>18</sup>, o teor alcoólico, entre outras. Isso atribui segurança ao consumidor em relação à idoneidade do produto que se propõe a consumir.

Com grande frequência, em tempos passados, costumava a *pinga* ser vendida sem rótulo, em vasilhames de garrafa reaproveitadas, ou seja, sem qualquer vigilância ou controle de qualidade. Esse tipo de bebida ainda é vendida dessa forma, como ocorre com as *cachaças* brejeiras, por exemplo, em que o consumidor as adquire por meio de baldes, garrafas Pets etc. Conforme Cavalcante (2011a, p.43), “Cachaças engarrafadas até a década de 1950 apresentavam, no rótulo, o termo *Aguardente de cana* ou *Aguardente de canna*, *Caninha* ou *Canninha* e *Pinga* [...]”. Segundo o autor, nesse tempo, denominar a bebida de *cachaça* era raro, o que passou a ocorrer na década de 1960, quando o termo se popularizou. Cita-se como exemplo, a *cachaça Colonial*, que tem em seu rótulo antigo, datado de 1938, o nome “Finíssima Aguardente de cana”, como se pode verificar na Figura 2.

---

<sup>17</sup> Instrução Normativa nº 13, de 29 de junho de 2005; e Instrução Normativa nº 58, de 19 de dezembro de 2007.

<sup>18</sup> De acordo com o Mapa da cachaça (2019c), o termo *estandardizada* se refere a um tipo de confecção de cachaça em que o produtor compra cachaças prontas, de diferentes locais, o que equivale dizer que possuem sabores, aromas e consistências distintos, por isso são realizados procedimentos de padronização, como redestilação, armazenamento em barris de madeira etc. No rótulo da bebida, deve conter a informação de que se trata de uma cachaça estandardizada.

Figura 2 – Rótulo da *cachaça Colonial*<sup>19</sup>



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Atualmente, a referida bebida é denominada *cachaça Colonial*, como se pode verificar nos rótulos expostos em garrafas, publicados no *site* oficial de mídia social da bebida<sup>20</sup>.

Na missão de desmistificar o conceito negativo vinculado à *cachaça* e para ampliar o público em potencial a apreciá-la, há alguns anos, vem sendo feito um trabalho para melhorar a sua qualidade por meio do refinamento de sua confecção nas diversas etapas, seguindo-se padrões de excelência determinados por órgãos reguladores e, com base em estudos científicos, que contribuem para que tenha, em sua química, as condições ideais para não agredir a saúde de seu bebedor ou de sua bebedora. E o público tem percebido essa melhoria da produção da *cachaça*, como se pode verificar no depoimento do poeta e compositor Paulinho da Viola, um exímio apreciador e colecionador de *caninha*, que demonstra perceber a mudança na conceptualização da bebida, ao afirmar que “A imagem mudou porque os produtores começaram a cuidar mais do processo de destilação, da qualidade da cana [...]” (FIGUEIREDO et al., 2005, p. 94)

Nesse sentido, tem-se, ainda, o trabalho de ampliação da distribuição mercadológica com a divulgação das várias marcas que existem no país. Com

<sup>19</sup> Fotografia da pesquisadora, no decorrer da visita ao Museu da cachaça Colonial, em Aquiraz, Ceará, realizada em maio de 2019, conforme consta registrado na seção da Metodologia desta tese.

<sup>20</sup> Informação disponível em: <https://www.facebook.com/cachacacolonial/photos>. Acesso em: 18 out. 2021.

isso, hoje, é possível pessoas do Nordeste apreciarem *cachaça* do Sudeste e vice-versa, por exemplo, o que não acontecia com regularidade há algum tempo. Esse trabalho, contudo, é incipiente, visto que, tradicionalmente, a *cachaça* é feita em determinado engenho e é vendida, na maioria das vezes, localmente, ou nas redondezas, o que faz com que apenas pessoas próximas a esse local a conheçam efetivamente.

Para ampliar essa circulação da bebida, é necessário que a produção seja em média ou larga escala e que haja um trabalho de distribuição do produto, que é complementar ao de produção.

Certamente, se a *caninha* é produzida em pequena escala, não dará conta de atender à demanda do mercado consumidor de regiões distintas daquela em que é produzida. Portanto, a distribuição, o trabalho de *marketing*, a publicidade, a comercialização da bebida, em larga escala, têm colaborado para popularizá-la de forma que se torne uma real opção dentre os diferentes destilados, em cardápios e cartas de bebidas de bares e restaurantes. Conforme Cascudo (1986, p. 32), “A propaganda da cachaça partiu de baixo para cima e de dentro para fora.”, e é assim que se almeja que a *pinga* saia, definitivamente, do lugar de bebida que, predominantemente, sofre estigmas, que é pouco consumida por um segmento da população do Brasil, mas muito requisitada por outro: o consumidor da *cachaça* industrializada e de menor qualidade.

A mudança de perspectiva sobre a bebida, a profissionalização em sua feitura, o cuidado com cada passo de sua produção, incluindo a escolha do tipo de garrafa e de rótulos, fazem com que a *cachaça* alcance públicos por meio de diferentes abordagens. “A imagem da *cachaça* melhorou porque o produto melhorou” é o que afirma D. João de Orleans de Bragança, trineto de D. Pedro II, proprietário da *cachaça* Maré Alta, de Paraty. (FIGUEIREDO *et al.*, 2005, p. 58) A adequação da bebida para quem a deseja beber pura, seja ela *cachaça* ou *cachaça envelhecida* ou apreciá-la em um *drink*, como a caipirinha, por exemplo, provoca nos produtores o desejo de alcançar os mais diversos públicos.

Muitas *cachaças* são vendidas em latinha, em recipiente semelhante às latinhas de cerveja, tendo-se, como exemplo, as marcas *Pitú*, a *Caranguejo* e a *Matuta*. A *Pitú* em latinha foi mencionada pela mulher, faixa etária II, ensino fundamental de Arcoverde – PE.

- (4) [...] INQ. — E quando a pessoa chega assim numa bodega ela pede o quê?  
INF. — Ei, me dê uma dose aí...  
INQ. — Uma dose de quê?  
INF. — Uma dose de *Pitú*. Tem vez que compra a latinha, que agora é mais de latinha, né?  
[...]

Com o uso da latinha para consumir a bebida, embarca a *cachaça* no conceito da praticidade e alcança maior popularidade, garantindo lugar cativo em grandes eventos de cidades onde a entrada de garrafas de vidro é proibida. Portanto, não mais causa estranheza estar em um *show* e ver pessoas com uma lata de *cachaça* na mão; com isso, novos hábitos possibilitam com que novos *frames* sejam constituídos, proporcionados pelo fato de a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar estar tendo mais oportunidades de fazer parte da vida cotidiana de pessoas dos mais diversos grupos, ou, das mais diferentes tribos. Dessa forma, é certo que o contato aumenta e a relação com os consumidores também vai se afinando, ocorrendo as devidas seleções, conforme as ofertas disponíveis no mercado.

Essa bebida, que é produzida em todos os cantos do país e consumida por pessoas das diversas classes sociais, possui uma classificação descritiva com ênfase em sua qualidade, o que permite que se tenha os seguintes tipos, determinados pela Instrução Normativa, de 29 de junho de 2005.

Quadro 1 – Tipos de *cachaça*

<b>CLASSIFICAÇÃO DA CACHAÇA</b>	
Envelhecida	Contém, no mínimo, 50% de cachaça ou aguardente de cana envelhecidas em recipiente de madeira apropriado, com capacidade máxima de 700 litros, por um período não inferior a 1 (um) ano.
Prata	Poderá ser associada à marca a expressão prata, ou clássica ou tradicional para os produtos definidos nos itens aguardente de cana ou cachaça que forem ou não armazenados em recipientes de madeira e que não agreguem cor a bebida.
Ouro	Poderá ser associada à marca a expressão ouro para os produtos definidos como aguardente de cana ou cachaça que foram armazenados em recipientes de madeira e que tiveram alteração substancial da sua coloração.
Premium	100% de cachaça ou aguardente de cana envelhecidas em recipiente de madeira apropriado, com capacidade máxima de 700 litros, por um período não inferior a 1 (um) ano.
Extra premium	100% de cachaça ou aguardente de Cana envelhecidas em recipiente de madeira apropriado, com capacidade máxima de 700 litros, por um período não inferior a 3 (três) anos.

Fonte: elaboração a partir da Instrução Normativa nº 13, de 29.06.2005.

Essas informações classificatórias devem constar em seu rótulo e devem promover o conhecimento do público que a consome, conforme o gosto, o momento, a oportunidade. Atualmente, ao se apresentar diversificada, atende a diversos gostos e bolsos do povo brasileiro, assim como do povo estrangeiro; têm-se, então, a *pinga* boa e a *pinga* “marvarda” disponibilizadas aos seus apreciadores.

Mesmo sendo uma bebida brasileira de vários tipos, produzida em alambiques distribuídos por todo o país, tanto nas capitais como em cidades do interior, vê-se que, diante do vasto universo que compõe a quantidade de *cachaças* produzidas, ainda são poucas as que são conhecidas nacionalmente, sendo as industrializadas as que possuem ampla divulgação e circulação, dentre as quais, citam-se a *51*, a *Ypióca* e a *Pitú*, mencionadas pelos participantes do Projeto ALiB. Essas três *pingas*, juntas, perfazem um total de 75% do quantitativo

de ocorrências dos nomes-marca mencionados, no decorrer dos inquéritos realizados na região Nordeste.

Em sua política corporativa de expansão de mercado da *cachaça*, incluiu-se a exportação da bebida - apesar de ainda sofrer estigmas internamente, e estar paulatinamente conquistando o espaço de bebida bem qualificada - é valorizada em espaços exteriores ao Brasil, firmando-se como uma representante da cultura nacional brasileira.

Paiva *et al.* (2017) descrevem o fluxo da exportação da *cachaça* no período de 1997 a 2015, enfatizando a importância das legislações estabelecidas para a bebida, desde a legalização do termo *cachaça*, instituída pelo Decreto 2.314, de 1997, que foi revogado pelo Decreto 6.871, de 2009.

O Decreto 4.062, de 2001, que definiu a expressão *cachaça do Brasil*, promoveu um respaldo jurídico para as exportações da bebida, fortalecendo o seu desempenho no mercado externo, além de ter possibilitado a criação do *Instituto Brasileiro da Cachaça* (IBRAC), em 2006. Um fato importante a se destacar foi o reconhecimento dos Estados Unidos, em 2012, da “[...] indicação de origem nacional da *cachaça*, antes classificada como ‘rum brasileiro’”. (PAIVA *et al.*, 2017, p. 37)

Sobre a área de exportação, os autores (2017, p. 37) informam que

embora a *cachaça* seja comercializada em países de todos os continentes, os maiores consumidores estão concentrados na Europa, América do Sul e América do Norte. A Alemanha destaca-se como o maior consumidor da bebida, representando um *market share* sustentável nas negociações. No entanto, países como França, Paraguai, Estados Unidos e Angola também são alternativas importantes para o comércio do destilado. (PAIVA *et al.*, 2017, p. 37)

Os estados que mais exportaram, no período pesquisado por Paiva *et al.* (2017), foram São Paulo, Pernambuco, Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais. “Ademais, os estados de São Paulo e Pernambuco são responsáveis por 57,39% da quantidade total exportada no País.” (PAIVA *et al.*, 2017, p. 41) E acrescentam que as principais marcas de *cachaça industrial* são produzidas nesses dois estados, o que leva a se inferir que se tratam das marcas *51* e *Pitú*.

Conforme o IBRAC (2019)<sup>21</sup>,

---

<sup>21</sup> Informações disponíveis em: <http://www.ibrac.net/index.php/noticias/noticias-do-ibrac/516-secex-e-ibrac-criam-aprendendo-a-exportar-cachaca>. Acesso em: 18 out. 2021.

Em 2018, o Brasil exportou 8,4 milhões de litros de Cachaça, valor que representa pequena queda (-3,8%) em relação a 2017 (8,7 milhões de litros exportados). Atualmente, a Cachaça é exportada para mais de 60 países. Na avaliação do IBRAC, o volume exportado não representa o potencial do setor de Cachaça. Dados apontam que menos de 1% do volume produzido anualmente no Brasil seja exportado. (IBRAC, 2019)

Portanto, o trabalho para firmar a exportação da *cachaça*, como uma prática em maior escala, embora já seja significativo, ainda tem muito o que avançar, e, para isso, a sua valorização, por meio de recondução de sua imagem, por exemplo, lhe possibilitará uma consolidação no mercado das bebidas, tanto no ambiente interno quanto no externo. Para isso, torna-se impositivo o seu reconhecimento como um produto genuinamente nacional e de boa qualidade e que faz parte da cultura do povo brasileiro. Tudo isso agregará um valor à *cachaça* que beneficiará não só os produtores, mas, principalmente, os consumidores que terão divulgados, de forma ampla e segura, o sabor, os segredos e as performances da *cachaça* nos vários cantos do planeta.

### **2.1.5 O fazer legal da *cachaça***

A *cachaça* se constitui como um elemento imprescindível para se conhecer a história e a cultura do povo brasileiro, pois, ao reunir e aproximar pessoas, constituiu costumes, ritos e crenças, permitindo-se ser representada nas mais diversas formas de expressões literária e vocabular. Todavia, a visão de elemento segregador a ela socialmente imputada, a partir da qual conceitos pejorativos ainda ecoam na atualidade, foi uma forte motivação para o movimento de retirá-la da mais baixa classificação das bebidas e levá-la a uma paulatina ascensão, culminando com a consagração de ser considerada uma representante da cultura brasileira, cuja diversidade, natural de seu povo e, certamente, de sua língua, é a sua marca. A *cachaça* faz parte de um grupo de elementos que representam o Brasil, que, com o passar dos anos, por meio de ações governamentais e aceitação do público, vem se impondo no espaço categorial como bebida brasileira.

De acordo com o Decreto 4.062 de 2001, os nomes *cachaça* e *Brasil* são considerados Indicação Geográfica da bebida, para fins de transações comerciais internacionais. Conforme o parágrafo 1º do Art. 3º, “O uso das

expressões protegidas ‘cachaça’, ‘Brasil’ e ‘cachaça do Brasil’ é restrito aos produtores estabelecidos no País.” (BRASIL, 2001, p. 1) O nome “Brasil” poderá ser considerado Indicação Geográfica para outros produtos e serviços. A Indicação Geográfica, doravante IG, conforme SEBRAE (2016, p. 12), é “[...] uma importante ferramenta na proteção de nomes geográficos vinculados a produtos típicos de territórios brasileiros.” As condições específicas para registro de IG constam na Instrução Normativa nº 95, de 2018, que reconhece e ratifica a sua importância para a economia do país, bem como lhe confere proteção, subdividindo-a em: Indicação de Procedência e Denominação de Origem.

Para a primeira, no artigo 2º, parágrafo 1º, consta.

Considera-se Indicação de Procedência o nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território, que se tenha tornado conhecido como centro de extração, produção ou fabricação de determinado produto ou de prestação de determinado serviço. (BRASIL, 2018, p. 1)

E, para a segunda, no mesmo artigo, parágrafo 2º.

Considera-se Denominação de Origem o nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território, que designe produto ou serviço cujas qualidades ou características se devam exclusiva ou essencialmente ao meio geográfico, incluídos fatores naturais e humanos. (BRASIL, 2018, p. 1)

No parágrafo 4º, deste mesmo artigo, consta que, para a Indicação de Procedência, “[...] considera-se que o nome geográfico tornou-se conhecido quando expressamente mencionado, por diferentes fontes, como centro de extração, produção ou fabricação do produto ou de prestação do serviço assinalado.” E, no parágrafo 5º, que trata da Denominação de Origem, informam-se as definições que correspondem a essa classificação, quanto aos fatores naturais, que são “[...] os elementos do meio geográfico relacionados ao meio ambiente, como solo, relevo, clima, flora, fauna, entre outros, e que influenciam as qualidades ou características do produto ou serviço; [...]”, além de outros fatores, como os humanos, que se referem ao “[...] saber-fazer local, incluindo o desenvolvimento, adaptação ou aperfeiçoamento de técnicas próprias; [...]”. Nesse documento, constam as etapas e os procedimentos para as solicitações

de IG, que podem ser solicitadas, de uma forma geral, por associações, sindicatos representantes de uma coletividade.

Há registro de três Indicações Geográficas no universo da *cachaça*, os quais, no catálogo de Indicações Geográficas Brasileiras do SEBRAE, edição dedicada à *cachaça*, fazem parte atribuições à: Microrregião de Abaíra; Paraty e Região de Salinas, referindo-se, a todas, a Indicação de Procedência.

A Indicação de Procedência para *aguardente de cana do tipo cachaça*, na Microrregião de Abaíra-BA, conta com o produto final denominado *cachaça Abaíra*, que é produzida por cooperados da COOPAMA<sup>22</sup> e associações comunitárias, filiadas a essa cooperativa. (CRISTINE, 2014)

No *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*, encontra-se registrado, sobre o município Abaíra, a informação de que “[...] Foi nomeado ‘cidade da cachaça’, por ser uma grande produtora da Aguardente Abaíra, que é feita em Associações de toda a região. [...] A economia do município sobrevive basicamente do comércio da cachaça. [...]”. Em Paraty - RJ, “[...] os produtos da Indicação de Procedência são a cachaça, a cachaça envelhecida, a cachaça Premium e a aguardente da cana composta azulada.” (SEBRAE, 2016, p. 35) Em Salinas - MG, a Indicação de Procedência é para a *aguardente de cana do tipo cachaça*. De acordo com o catálogo do SEBRAE (2016, p. 41), “A Indicação de Procedência é fator essencial para a implementação de selos de controle no combate às falsificações e o meio de o consumidor identificar a verdadeira cachaça da Região de Salinas.”

Logo, a IG reconhece a Indicação de Procedência às famosas *cachaças* de Abaíra, Paraty e Salinas. Salienta-se que proteger e propagar devidamente a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar é uma maneira de garantir que “a bebida do Brasil” se firme como produto nacional tanto no comércio interno como externo. As suas qualidades, especificamente, ao que se refere ao resultado das melhorias no processo de produção, favoreceram a boa aceitação da cachaça no exterior. Ao longo da história, a adoção de técnicas aprimoradas possibilitou que a bebida tenha passado por alterações no processo de sua feitura, ao serem implantados avanços técnicos e tecnológicos nos alambiques e nas grandes indústrias, que, ao melhorarem as práticas, permitiram o saber fazer de uma

---

<sup>22</sup> Cooperativa dos Produtores Associados de Cana e seus Derivados da Microrregião de Abaíra – BA.

aguardente com características singulares, específicas, com nome e identidade inconfundíveis: *cachaça*.

Reforçar que, formalmente, a *cachaça*, de acordo com o Decreto 6.871/2009, é uma *aguardente de cana*, constituída de especificidades centradas na matéria-prima e no teor alcoólico, nunca é desnecessário, muito menos redundante. Diante disso, importa destacar que toda *cachaça* é considerada *aguardente de cana*, mas o contrário não se constitui uma verdade, já que nem toda *aguardente de cana* é *cachaça*. Isso implica em afirmar que a *cachaça* faz parte do grupo de *aguardentes*, mas uma *aguardente de cana* pode não ser classificada como uma *cachaça*, devido a algumas características, como, por exemplo, possuir teor alcoólico acima de 48% do volume. De certo que o falante e o consumidor comum não fazem essa distinção legal entre *cachaça* e *aguardente de cana* e categoriza essas bebidas, conceptualizando-as como formas sinônimas, o que, de fato, também o é, apesar de nem sempre se constituírem legitimamente o mesmo produto.

A produção da *cachaça* exige rigor e sistematicidade em todas as etapas, que vão desde o cuidar da terra, o plantio da variedade de cana-de-açúcar escolhida, passando pela colheita, em tempo e forma adequados, pela moagem da cana, filtragem e decantação do caldo, obtenção do mosto, fermentação, destilação do vinho, até chegar no produto fim, que ainda descansa e/ou é armazenada ou envelhece em recipientes, antes de ser engarrafado, distribuído, degustado e apreciado. São muitas mãos, muitos grupos de pessoas, que, em trabalho em equipe, se envolvem em cada etapa da produção até que o líquido ardente de aroma singular chegue ao copo do consumidor ou da consumidora.

É sabido que a gramínea cana-de-açúcar se fez presente, no decorrer da história do Brasil, desde a era colonial. Há quem afirme que as primeiras plantações ocorreram na ilha de São Vicente, assim como há quem defenda que o plantio se iniciou no Nordeste, em Itamaracá. Azevedo (1958, p. 28) declara que a cana-de-açúcar foi introduzida no Brasil em 1502, em momento anterior à vinda de Martin Afonso de Sousa. Freyre (1951, p. 95) faz uma linha reflexiva de explanação em torno das consequências da implantação da cultura da cana e mostra o que ocorreu com a devastação por ela provocada na paisagem brasileira da época, pois “[...] entrou aqui como um conquistador em terra inimiga: matando as árvores, secando o mato, afugentando e destruindo os

animais e até os índios, querendo para si toda a força da terra.” Foi a cultura do açúcar, bem vestida nos moldes da monocultura, firmando-se como um componente devastador que, como consequência, provocou desequilíbrio social no ambiente, ao invadir espaços em que a diversidade predominava.

A cana-de-açúcar, supostamente originada no Norte de Nova Guiné, na Oceania, foi levada para África e para a Europa pelos povos árabes, trazida para América na segunda viagem de Américo Vespúcio (Silva, 2008, p. 86). Configura-se como um elemento transportado para o Brasil que, com o passar do tempo, devido às práticas socioculturais, se firmou como um natural integrante da história nacional, ao ponto de o brasileiro não mais se perceber historicamente sem ela.

Há uma variedade de tipos de cana-de-açúcar e, conforme Prado Júnior (2011, p. 144), a denominada cana-crioula foi a adotada no Brasil até os princípios do século XIX. Segundo Trindade (2006, p. 28), essa variedade de cana veio da Ilha da Madeira e “[...] a partir de 1810, a cana-caiana [...] passou a ser cultivada no Rio de Janeiro. Antes, por volta de 1790, ela fizera sua entrada no país pelo Pará.” Com a cana-crioula, que é bem avaliada por sua boa qualidade, teve-se total adaptação aos terrenos e climas brasileiros, por isso se obteve com ela grande sucesso na produção do açúcar e da *cachaça*. Azevedo (1958, p. 28), em nota, traz a contribuição de que, além da cana *Crioula*, em 1502, havia também uma que se chamava  *fina*, que foi cultivada por mais de 200 anos, e que “[...] foi substituída, aos poucos, no século XVIII, pela caiana, salangó e roxa.” Cita ainda, o autor, outros tipos de cana-de-açúcar como, por exemplo, *Paulo, Demerara, Manteiga, Port-Mackey, Ubá*.

Atualmente, “O desenvolvimento de variedades de cana-de-açúcar é realizado em centros de pesquisa mediante hibridações interespecíficas em bancos de germoplasma.” (ALCARDE, 2017, p. 29) O autor ainda afirma que “A cana é uma espécie de colmo ou haste, constituída de fibra e caldo com açúcares dissolvidos, que serão metabolizados pela levedura e convertidos majoritariamente em etanol e gás carbônico.” (ALCARDE, 2017, p. 28) De uma forma geral, o caldo da cana é constituído de água e de sólidos solúveis: açúcares e não açúcares; nos açúcares, que são convertidos em etanol ou álcool etílico, constam a sacarose, glicose e frutose. A qualidade da cana-de-açúcar é um dos responsáveis diretos pelos bons atributos da *cachaça*, portanto,

considera-se que cada elemento que a compõe é de fundamental importância para se alcançar sucesso no processo de produção da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Alcarde (2017, p. 29) também elenca diversos fatores importantes para a implantação de um canavial que tem como objetivo a produção da *cachaça*, a saber: escolha da variedade da cana, que deve ser adequada e bem adaptada ao meio ambiente; condições do clima e do solo, tratamento, atenção e cuidado ao processo do plantio, como “[...] preparo do solo, aquisição de mudas, formas de plantio, controle de plantas daninhas, pragas e doenças.”

A colheita da cana ocorre, normalmente, nos meses subsequentes ao período das chuvas, e está relacionada ao seu estágio de maturação. Após o corte, a gramínea rebrota naturalmente e, como aborda Novaes (2005, p. 100), deve-se sempre atentar para manter os devidos cuidados, pois isso permite que novas colheitas ocorram, a cada período de cinco ou seis safras. Esgotada a rebrota da plantação, é necessário proceder a um novo plantio da cana-de-açúcar. Considerando a maturação, há uma classificação em que se têm três tipos de cana: *precoce*, *média* e *tardia*, conforme o período em que atingem o teor máximo de açúcar: no início, no meio e no final da safra, respectivamente. Na mesma época da colheita, ocorre a produção da *cachaça*, a fim de que se aproveite bem o ápice de maturação, o que implicará em maior aproveitamento dos elementos que favorecerão a boa qualidade da bebida produzida, é o que afirma Trindade (2006, p. 65).

Feita a colheita, a cana-de-açúcar tem de ser utilizada em até 24h, para não haver comprometimento de seus componentes, por meio da ação de bactérias. O corte da cana pode ser feito de duas formas: mecânica ou manual. O seu transporte ocorre tanto com carro de boi como com caminhonetes e caminhões, e se constitui um cuidado para garantir que, em todo o processo de produção da bebida, as potencialidades da cana sejam bem aproveitadas.

Seguem os colmos o caminho em direção à moenda, um maquinário, que, hoje, normalmente, é movido a motor elétrico e que tem a função de extrair, ao máximo, o líquido da cana, fazendo já a separação do caldo e do bagaço, sendo este, como se sabe, destinado ao alambique, onde é queimado na fornalha, atuando como combustível. Segundo Novaes (2005, p. 103), nas destilarias maiores, o bagaço segue para a caldeira, que é um “[...] equipamento

multitubular abastecido com água, onde é queimado, produzindo vapor d'água." Em alguns engenhos, a cana é moída mais de uma vez, a fim de que seja aproveitada o máximo da potencialidade líquida de seu colmo. Mostra-se eficiente e de boa qualidade a moenda que possui excelência na produtividade e extrai devidamente a maior quantidade do líquido adocicado da cana. No decorrer da história, já houve outros tipos de moendas, a saber: movida à força animal, denominada de Trapiche e que se apresentou de dois tipos – com eixo horizontal e com eixo vertical; movida à força da Roda d'água; e movida a Vapor.

Segundo Diègues Júnior (1952, p. 23-25), no Brasil, o primeiro tipo de moenda em funcionamento foi a de Roda d'água, que contou como aliada a abundância dos rios nas proximidades dos engenhos. Em 1815, iniciou-se, na Bahia, a utilização da moenda a Vapor, contudo a utilização desse tipo de moenda se firmou mesmo na segunda metade do século XIX. No Trapiche, utilizava-se da força de bois, bestas e cavalos, mas a preferência era pelo uso de bois, pois, como seres naturalmente fortes e vagarosos, na movimentação da moenda, em caso de necessidade, possibilitavam que acidentes fossem evitados, com a interrupção a tempo do funcionamento da moenda; tal feito se tornava mais difícil com os cavalos, que, com seus trotes, imprimiam maior velocidade à moagem da cana, o que possibilitava ocorrer mais acidentes com os que trabalhavam na operação do maquinário.

O poeta piauiense, Antônio Francisco da Costa e Silva, conhecido como Da Costa e Silva, em sua obra *Zodíaco*, de 1917, evoca uma representação contextual do funcionamento do maquinário e da representatividade que imprimiu na vida das pessoas, no dia a dia do engenho de cana.

#### A moenda

Na remansosa paz da rústica fazenda,  
À luz quente do sol e à fria luz do luar,  
Vive, como a expiar uma culpa tremenda,  
O engenho de madeira a gemer e a chorar.

Ringe e range, rouquenha, a rígida moenda;  
E ringindo e rangendo, a cana a tritular,  
Parece que tem alma, advinha e desvenda  
A ruína, a dôr, o mal que vai, talvez, causar...

Movida pelos bois tardos e sonolentos,  
Geme, como a exprimir, em doridos lamentos,  
Que as desgraças por vir, sabe-as todas de cór.

Ai! Dos teus tristes ais! Ai! moenda arrependida!  
- Álcool! para aquecer os tormentos da vida  
E cavar, sabe Deus, um tormento maior!  
(DA COSTA E SILVA, 1917, p. 124)

Trata-se de uma representação cultural do engenho, relacionada ao trabalho da moenda, que, personificada, é-lhe atribuída alma e a responsabilidade de ser a causadora de males. Destaca-se a atuação do animal responsável pela sua força motriz, bem como sentimentos pungentes que circulam ao redor da máquina, promovidos por um elemento que possui uma funcionalidade prática, mas que, com o passar do tempo, ultrapassou a capacidade do fazer mecânico. Como um elemento essencial que constitui a cultura da cana-de-açúcar, a moenda permite que sejam acionadas informações textuais e contextuais que simbolizam um misto de percepções e sentimentos, como paz, trabalho, monotonia, dor, culpa e acalento. É preciso conhecer o domínio de experiência das etapas da produção da *cachaça*, no tempo de ontem e/ou de hoje, para compreender a representatividade da moenda e os sentimentos que a rodeiam; constitui-se muito mais como um mecanismo que mói/moeu a cana, pois igualmente mói/moeu vida e histórias vividas.

Na produção da *cachaça*, para se ter um bom rendimento na extração do caldo açucarado, a cana tem de estar no ápice de sua maturação, bem como estar fresca, limpa, em condições ideais para que o trabalho da moenda seja realizado. O líquido que escorre na máquina, que também se denomina garapa, deve ser direcionado ao processo de pré-filtragem, a fim de que seja coado, por meio de peneiras, onde são amparados, conforme Silva (2008, p. 99), “[...] bagacilhos, terras e outras impurezas [...]”. Ainda, segundo o autor, “[...] a peneira serve para arejar a garapa, o que contribui muito para uma fermentação saudável”.

A decantação é a etapa seguinte, em que, novamente, serão separadas as impurezas sólidas mais densas, como areia e terra, por exemplo, que ainda persistirem em se alojar na garapa. No movimento do decantador, esses elementos sólidos indesejáveis são retidos no fundo do equipamento, ficando o líquido mais límpido para a medição da quantidade dos sólidos que são solúveis, o brix, que, para se seguir com a fermentação, deve ter um nível de concentração entre 14 e 18 brix.

Em caso do caldo resultante da decantação estar acima desse índice, ocorrerá a correção do grau brix, por meio da diluição em água potável. Essa correção se faz necessária porque o caldo não pode ter nem muita nem pouca concentração de açúcar, pois, por um lado, respectivamente, pode acarretar em lentidão na fermentação e, por outro, pode haver contaminação pelo desenvolvimento de microorganismos indesejáveis. Conforme Alcarde (2017, p. 39), “O caldo de cana normalmente contém todos os nutrientes necessários para o desenvolvimento das leveduras.”, as quais serão as responsáveis pelo processo de fermentação desse caldo.

A boa fermentação, realizada no tempo e da forma adequada, com um bom pé-de-cuba, é um dos principais processos responsáveis pela qualidade da *cachaça*, principalmente no que se refere ao sabor e aroma da bebida. Sobre o pé-de-cuba, Trindade (2006, p. 75) afirma que é “[...] um fermento preparado com cuidados especiais para proporcionar os nutrientes necessários à ação das leveduras responsáveis pelo processo fermentativo.”

No processo de fermentação, as enzimas das leveduras são responsáveis pela conversão do açúcar da cana, principalmente, em etanol e em CO<sub>2</sub>, acrescida de outros compostos, a partir de um processo biológico realizado por microorganismos, que são os fungos ou leveduras, que “[...] só conseguem produzir álcool a partir de *açúcares/carboidratos simples*.” (FIGUEIREDO, 2011, p. 56) A cana-de-açúcar é constituída de muitas moléculas de sacarose, por isso a fermentação se dá de forma muito eficiente, o que não ocorre, como já se viu, com a *aguardente* à base de mandioca, por exemplo.

Na fermentação natural, constituída pelo fermento selvagem, as leveduras que constam na própria cana-de-açúcar trabalham para transformar o açúcar em álcool. “Para o preparo do pé-de-cuba selvagem acrescenta-se caldo-de-cana a farelo de arroz, fubá de milho, farinha de rosca e suco de limão ou de laranja até que se forme uma pasta.” (TRINDADE, 2006, p. 75) Esse fermento também é chamado de *caipira*. Há outros tipos de elementos que compõem o pé-de-cuba, como o fermento de pão, que é muito utilizado por alguns produtores de *cachaça*, além de fermentos mistos e de fermentos selecionados. Cada tipo de fermento promove um resultado, o que implicará no sabor e no aroma que se deseja obter com a *cachaça* a ser produzida.

Por meio de uma tubulação, lentamente, o caldo decantado ou o mosto, definido por Alcarde (2017, p. 41) como “[...] todo líquido açucarado passível de sofrer fermentação.”, é levado às dornas de fermentação, que podem ser de ferro, plástico, madeira, cimento ou fibra de vidro, onde o pé-de-cuba já está depositado, aguardando a inserção do mosto. À medida que o grau brix é baixado, aumenta a quantidade de álcool no líquido em fermentação; quando o brix é zerado, indica que o processo de fermentação está finalizado.

Na dorna, onde o mosto passará em torno de 12 a 20 horas, a formação de bolhas indica a presença do CO<sub>2</sub>, que, conforme vão diminuindo, indicam que está finalizando o processo de fermentação e que o líquido, agora chamado de vinho, está pronto para ser conduzido ao alambique ou para as colunas de destilação, a fim de ser destilado. As leveduras, por sua vez, são decantadas, direcionando-se à base da dorna, onde serão recicladas para serem reutilizadas em outro processo de fermentação do mosto da cana. O vinho que segue para o alambique, segundo Silva (2008, p. 104), “[...] poderá ser ainda filtrado, coado ou peneirado, pois quanto mais limpo é o vinho, melhor será a qualidade, o gosto e o aroma do produto final.”

A destilação deverá ocorrer logo em seguida ao término do processo de fermentação. Dela decorre, conforme o mecanismo destilador utilizado, a classificação da bebida em artesanal e industrial. Conforme Silva (2008, p. 105), “[...] é uma operação que, por aquecimento, consiste em separar e selecionar as substâncias sólidas, líquidas e gasosas de acordo com seus respectivos graus de volatilidade.” O aquecimento do aparelho destilador pode ser feito com fogo direto, nas fornalhas dos engenhos dos pequenos produtores, ou a vapor d’água, nas caldeiras das grandes destilarias. (NOVAES, 2005, p. 104) É considerada a última etapa da produção da *cachaça*, quando o grau de concentração do teor alcoólico do mosto fermentado é potencializado, sendo imprescindível, para se obter do teor mínimo ao máximo de álcool exigido para que a bebida seja considerada *cachaça*, 38 a 48%; *Aguardente de cana*, 48 a 54%; *Destilado alcoólico simples de cana-de-açúcar*, 54 a 70%.

A destilação do vinho pode ser feita em aparelho descontínuo, os alambiques de cobre, que é um “[...] poderoso catalisador de importantes reações durante a destilação, influenciando decisivamente na qualidade da bebida. Ele catalisa a oxidação de compostos sulfurados de aroma desagradável.”

(CÂMARA, 2004, p. 40) Ainda segundo o autor (2004, p. 40), nesse processo, o vinho ferve até evaporar, sendo o vapor resfriado e condensado, quando nasce “[...] a cachaça, que vai ‘pingar’ na ponta da bica do alambique.” O líquido a ser destilado é composto de álcool etílico, água e compostos químicos responsáveis pelo aroma e pelo sabor da bebida. Na destilação, separa-se o álcool dos demais componentes constantes no vinho, por meio do ponto de ebulição, com a passagem do líquido ao estado de vapor, ou estado gasoso, e da condensação, quando esse vapor retorna ao estado líquido. Novaes (2005, p. 104) afirma que a presença da água é que permite que os vapores sejam condensados e resfriados “[...] e fluem então sob a forma de um destilado alcoólico.”

Trindade (2006, p. 80) descreve resumidamente o processo de destilação.

O alambique é dotado de uma panela, onde o vinho será aquecido até o seu ponto de ebulição, momento em que ele passará ao estado gasoso. Da panela, os vapores passam pela coluna e seguem para a alonga – cano condutor que é ligado a um sistema de resfriamento, geralmente em forma de serpentina – imersa em um tanque com água corrente.

No trajeto entre a alonga e a serpentina, o vapor é transformado em líquido. A cachaça constitui parte desse líquido. (TRINDADE, 2006, p. 80)

Ao pingar da *pinga*, é medida a graduação alcoólica do líquido incolor, por meio de alcoômetro, cujas escalas são Cartier e Gay-Lussac, seguindo-se para uma necessária divisão do líquido em três partes ou frações, as quais são separadas em: *cabeça*, *coração* e *cauda*. A primeira é, naturalmente, a mais forte e contém alto teor de elementos tóxicos; a terceira é a água fraca, cujo teor alcoólico é baixíssimo. Ambas devem ser descartadas, pois seus compostos químicos são prejudiciais à saúde do ser humano. A porcentagem do líquido de cada parte varia de 5% a 10% para a *cabeça*, 10% a 15% para a *cauda* e 75% a 85% para o *coração*. Para fazer esse corte, de uma forma geral, é importante que o produtor faça um cálculo que envolve a quantidade de *aguardente* a ser produzida, relacionando-a ao grau brix do vinho fermentado.

A *cachaça* está concentrada no *coração*, literalmente. É a *branquinha*, a *limpa*, a *pinga* da boa, que deve ser bem trabalhada para ser servida ao consumidor, pois é constituída dos mais nobres componentes obtidos por meio da destilação. Portanto, é uma questão de ética, responsabilidade e cuidado do produtor que a *cabeça* e a *cauda* sejam descartadas, embora, se saiba que ainda

há o consumo da *cabeça*, por exemplo, o que é corroborado com o que se fala popularmente que “a cana de cabeça é que é a cana boa”, pois é a cana forte, que é coisa de cabra macho, como se diz. Seguindo essa lógica de conceptualização a respeito do consumo dessa primeira fração da *cachaça*, traz-se, no exemplo 5, a fala do homem, faixa II, ensino Fundamental de Patos (59) – Paraíba, que apresentou a seguinte resposta ao entrevistador do Projeto ALiB:

- (5) [...]
   
INF. — *Cachaça*, a *pinga* mesmo, a *cachaça* legítima, *cachaça* que tem *cana de cabeça*. Tem gente chama de *cana de cabeça*, *cana de engenho*, que ela vem bruta, não é bem esterilizada que nem essa outra de engarrafamento. [...]
   
INQ. — Hum.
   
[...]

Para a água fraca, tem-se outro destino de poder ser reutilizada no vinho que passará pela alambicagem seguinte. Como afirma Novaes (2005, p. 108), “Sem a necessidade de retirar a fração ‘cauda’, o resíduo no alambique é reciclado como diluente da *cachaça* bruta a ser posteriormente destilada em nova etapa do processo.” A *cabeça* pode ser armazenada e, com os devidos procedimentos destilatórios e em equipamento específico em coluna contínua, ser reutilizada na produção de álcool carburante, empregado como combustível.

A produção da *cachaça* em grande escala ocorre em colunas de destilação contínua. Nessas colunas, além da *cachaça*, também podem ser produzidas a *aguardente de cana*, bem como o seu *destilado alcoólico simples*. Os aparelhos contínuos são compostos de pratos que, de forma progressiva, possibilitam, primeiramente, a perda quase que total do etanol, seguida de sua recuperação. Trata-se de um processo de produção mais rápido que o realizado em alambique, mas também considerado bem eficiente e preciso. Figueiredo (2011, p. 43), salienta que “[...] o líquido que sai dessa coluna tem uma composição bem mais simples do que a da *cachaça* artesanal [...]” e, a consequência disso é o não favorecimento de formação de compostos voláteis tão presentes na bebida feita em alambiques de cobre, cujo processo é bem mais lento, e que proporcionam aroma e sabor diferenciados. A separação da *cabeça*, coração e *cauda* é feita de forma precisa pelas próprias colunas de destilação. Conforme Novaes (2005, p. 108),

[...] a destilação em coluna contínua promove a separação das duas colunas indesejáveis através da própria complexidade de seu funcionamento: a maioria dos componentes mais tóxicos é eliminada por meio do resíduo gerado do processo, a vinhaça, assim como por uma degasagem em um dos condensadores do equipamento. (NOVAES, 2005, p. 108)

O *coração* segue para resfriadeira e a caminho dos depósitos metálicos para partirem para os procedimentos de comercialização.

Alcarde (2017, p. 55) assevera que, devido ao fato de sofrerem muitas destilações, a *aguardente* ou *cachaça* produzidas em coluna é classificada como multidestilada, pois “[...] sofre tantas destilações quanto for o número de pratos.” Traz ainda informações a respeito da bidestilação ou dupla destilação, que já é comumente realizada em uísque e em cognac, e que ocorre, de maneira sucessiva, com a *aguardente de cana* produzida em alambiques. (ALCARDE, 2017, p. 66) Conforme o autor, a bebida à base de cana bidestilada nunca pode ser chamada de *cachaça bidestilada*, mas de *aguardente de cana bidestilada*, seguindo os parâmetros apresentados na legislação, especificamente na Instrução Normativa Nº 13, de 29.06.2005, já que “[...] o ‘coração’ obtido da segunda destilação será um *destilado alcoólico simples de cana-de-açúcar*, com concentração alcoólica de aproximadamente 65% em volume.” (ALCARDE, 2017, p. 68)

O produto da destilação é uma bebida considerada agressiva, de aroma forte e sabor ardente. Conforme Silva (2008, p. 115), “A cachaça recém-destilada, de coloração branca, apresenta uma certa acidez, um leve amargor e um *bouquet* irregular, característicos de uma bebida nova. [...]” Ao destilado novo que, como se sabe, embora já possa ser consumido, recomenda-se que seja armazenado, para que componentes desagradáveis sejam eliminados, por meio da evaporação.

Conforme Câmara (2004, p. 45),

A cachaça recém-nascida será armazenada em tonéis e dornas. Dois elementos a aguardam: logo após um breve ‘descanso’, será engarrafada e distribuída no mercado; ou irá repousar adormecer, envelhecer, para envase e consumo posterior. (CÂMARA, 2004, p. 45)

Logo, as *branquinhas* descansam em recipientes apropriados, a fim de que sejam assentadas as suas propriedades sensoriais, referentes ao paladar e

ao aroma. O autor (2004, p. 46) ainda afirma que “Uma pinga nova, de qualidade superior, será, contra a luz, transparente, clara e límpida como água da fonte. Terá um perfume de cana, de engenho [...]”.

Pode a *cachaça* ser classificadas como *Prata*, cuja identificação deve vir explicitada no rótulo, onde, normalmente, constam informações do local ou da empresa que a produziu e a engarrafou, bem como os seus ingredientes. Conforme a legislação, a *cachaça* classificada como *Prata* não pode apresentar qualquer cor proveniente de armazenamento em madeira. Nesse caso, a informação desse tipo de armazenamento deve constar no rótulo, como: “Cachaça armazenada em barris de Umburana”, por exemplo. Tem-se, nessa bebida, uma alteração de sua cor, aroma e sabor, devido à troca de compostos entre a madeira e a bebida.

A *branquinha* é a *cachaça* de fato, a bebida fresca, nova, que, após o armazenamento adequado, é engarrafada para seguir à logística de distribuição e comercialização.

Tratando-se das *cachaças envelhecidas*, sabe-se que agregam maior valor de mercado que a *cachaça*. Para isso, um fato a se considerar é que, para envelhecer uma *cachaça*, é uma tarefa que segue adiante, após finalizar-se a destilação. O trabalho de armazenar uma *pinga*, para que envelheça em um barril, é um outro complexo saber fazer, cujas técnicas, conhecimentos e experiências do produtor se aliam aos seus objetivos, que, algumas vezes, são de cunho pessoal, mas é, predominantemente, fruto de um planejamento empresarial, cujo produto é obtido a médio ou a longo prazo.

O envelhecimento do destilado da cana, que gerará a *cachaça envelhecida*, deve ocorrer sempre em barril de madeira, pois, esse material possibilita, por meio de seus poros, um fluxo de troca de oxigênio ocorrido da parte externa para a parte interna do recipiente, além da perda de componentes gasosos indesejáveis. Como aborda Feijó (2001, p. 45), a madeira deve respirar e “A reação do envelhecimento do álcool é proveniente de oxidação! Assim como qualquer envelhecimento.”

Para Câmara (2004, p. 50) “[...] o envelhecimento pode deixar a *cachaça* mais suave, mais seca, mais ou menos perfumada, com um toque adocicado.” As *cachaças envelhecidas* com o rigor que se deve possuem uma suavidade que é percebida em sua textura, em que, no degustar de cada gole, se percebe

um impressionante aveludamento, cuja maciez é típica de uma bebida fina. Essa impressão é muito distinta das informações que são divulgadas e propagadas amplamente, em que se afirmam que a *cachaça* desce rasgando a garganta. Isso, nesse tipo de *cachaça*, está longe de ser uma verdade.

Algumas variáveis são determinantes para a constituição de características da bebida em processo de envelhecimento, como o tipo da madeira com que a *cachaça* entrará em contato, o tamanho e a idade do barril, o pretendido tempo de envelhecimento da bebida, as condições do local em que o barril está alocado, o teor alcoólico da *cachaça*. Ao passo que envelhece, o teor alcoólico da bebida também diminui, tornando-se bem adequado para ser apreciado e suas características sensoriais vão se redefinindo. “[...] a pinga fica mais suave, macia, perde um pouco da sua natural acidez [...]” (CÂMARA, 2004, p. 50)

A evaporação da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar é uma realidade, à medida que vai passando tempo no barril. Conforme Câmara (2004, p. 49), quanto maior o barril, menor a evaporação, contudo também são menores as reações químicas. O inverso também é verdadeiro, pois quanto menor o barril, maior é a evaporação, contudo, como ponto positivo, como há maior contato entre a bebida e a madeira, há o favorecimento de que reações químicas ocorram com mais rapidez e intensidade. Tratamentos específicos são realizados nos barris para evitar e tratar a evaporação demasiada ou os eventuais vazamentos, que devem ser no menor nível possível de ocorrências.

Figueiredo (2011, p. 60) classifica as madeiras dos barris que proporcionam à bebida características suaves, como jequitibá, vinhático e amendoim e as que imprimem características mais fortes, como ipê e jatobá. Faz o autor uma interessante comparação entre a *cachaça* e o vinho: “Assim como uvas diferentes dão aos vinhos características únicas, a madeira confere à *cachaça* uma infinidade de sensações *gourmet* que podem - e devem - ser aproveitadas e conhecidas.” (FIGUEIREDO, 2011, p. 60) É certo que cada madeira age no tempo e de formas diferentes na *cachaça*, o que gera bebidas diferentes, diante de um universo de possibilidades que se dão desde o uso de madeiras distintas, a tempos diferentes de envelhecimento, envelhecimento em mais de uma madeira, *blends* etc.

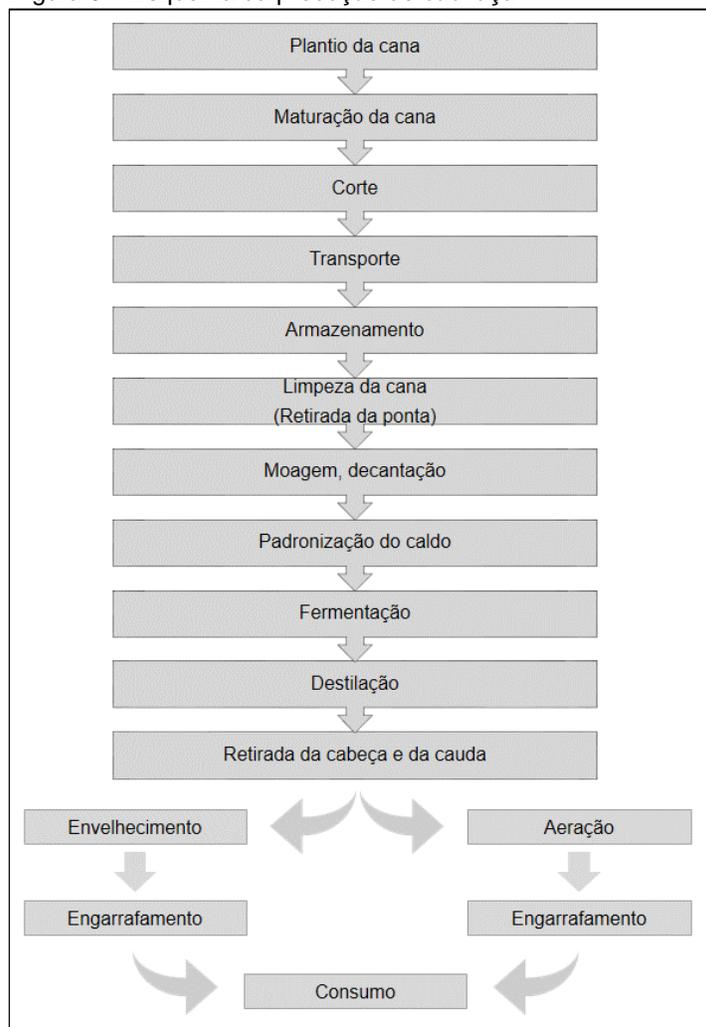
Silva (2008, p. 116) chama atenção para o fato de a qualidade do destilado influenciar diretamente na qualidade da *cachaça envelhecida* e que, de forma alguma, o envelhecimento corrigirá as eventuais falhas ocorridas no processo da produção. Segue o autor afirmando que, para constar a informação do tempo de envelhecimento da bebida em seu rótulo, deverá o processo ser acompanhado pelos órgãos reguladores.

O produtor [...] deve requisitar ao Serviço de Inspeção de Produtos Agropecuários, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), o lacre de seus barris. Além do lacre, 'Produto sob controle de Envelhecimento', que deve incluir a data e a identificação do fiscal, também será necessário preencher uma ficha onde se informa a data, o volume e os números do barril e do lote. A retirada do lacre, para a comercialização do produto, deve ser feita pelo fiscal do serviço de inspeção. (SILVA, 2008, p. 117)

Após cumprir todas as etapas, o líquido passa por mais uma filtragem para “[...] eliminar resíduos dos depósitos e conferir brilho à bebida [...]” (NOVAES, 2005, p. 108) quando estará pronta para ser envasada ou engarrafada em recipiente de vidro, rotulada, encaixotada, distribuída e consumida. Esse processo ocorre em maquinário apropriado, em que as garrafas são esterilizadas, antes de a bebida ser nelas inserida, partindo para a rotulagem e a colocação da tampa. Algumas indústrias também enlatam a *cachaça*, outras personalizam a garrafa, envolvendo-a com palha de bananeira, inserindo ouro na grafia do nome-marca etc. A maioria das garrafas são transparentes, mas há *cachaças* engarrafadas em recipientes de tonalidades escuras.

A vedação da garrafa, mesmo depois de aberta para consumo, deve ser bem feita, pois isso evita que se percam, por evaporação, as características originais da bebida, as quais são os diferenciais da marca. As tampas podem ser de metal ou de cortiça, do tipo rolha.

Partindo da importância de cada momento da produção da *cachaça*, Trindade (2006, p. 89) organizou um “Esquema de produção da *cachaça*”, que se encontra, a seguir, apresentado.

Figura 3 – Esquema da produção de *cachaça*

Fonte: elaboração com base em Trindade (2006, p. 89).

Na destilação do mosto da cana, o *coração* é o elemento principal para a produção de uma boa *cachaça* ou *aguardente de cana*; é item crucial para gerar um produto que, se pode dizer, simbolicamente, também tem alma. Há de se concordar que o que se diz ter coração, ou até melhor, o que se diz ser o coração de um corpo, certamente, possui uma alma. Sim, são metáforas e metonímias que podem revelar o envolvimento daqueles que lidam com a produção da bebida, ao perceberem que o cerne de um corpo não está na *cabeça* ou na *cauda* de um inteiro, mas que a justa medida está na fração central, no coração. O mestre colhe corações nas alambicadas, os quais seguem para servirem de companhia aos seres humanos, que são constituídos dos mais variados sentimentos, como alegria, amor, raiva, tristeza, angústia, solidão.

A *cachaça* potencializa os sentimentos. Do coração da produção, segue para os copos, fazendo e acompanhando histórias, conquistando admirações de pessoas que com ela se identificam. É dessa forma, e de nenhum outro jeito, que a *cachaça* vem se firmando como uma bebida que merece e precisa ter seu lugar garantido não só nas prateleiras de estabelecimentos comerciais, mas também na composição de almas e corações. Como traz Câmara (2004, p. 68), “[...] o verdadeiro bebedor de *cachaça* não bebe apenas com a boca e o fígado, mas, essencialmente, com o coração e a memória.”

### **2.1.6 *Cachaça*: empirismo, crenças, receitas e rituais**

As bebidas alcoólicas, fermentadas ou destiladas, já foram consideradas benfeitoras da saúde humana. Não faltam registros em que são recomendados vinhos e *aguardentes*, de uva ou de cana, para a cura de doenças simples ou complexas e, até mesmo, como elemento de manutenção da saúde, do humor da alegria, do bem-estar. É certo que se está tratando da bebida alcoólica utilizada na justa medida, ou seja, sem os exageros que levam as pessoas à condição de dependentes.

No decorrer da história, muitas vezes, a *aguardente de cana* foi misturada com ervas, essências e outros elementos naturais, formando um potente composto em que se aliaram o conhecimento empírico popular e a fé, manifestada por meio de crenças religiosas. Com o uso do referido elixir, buscou-se a cura de um mal acometido, sendo que, para cada um, havia uma combinação formulada de maneira distinta. É o que Del Priore (2005, p. 64) chama de “[...] um corpo de remédios empíricos que punham em ação processos físicos, químicos e psicológicos extremamente eficientes. E nelas a *cachaça* tinha um poderoso efeito. ”

Parece estranho, quiçá excêntrico, hoje em dia, pensar na *cachaça* como um elemento integrante de práticas medicinais e que possa ser consumida com o objetivo de curar as pessoas de suas doenças. Essa percepção advém de ações que compõem o acervo da Medicina popular, apresentada por Souto Maior (1970/71, p. 105) da seguinte forma:

A medicina popular, com todo o seu ortodoxismo, com os seus românticos chás, *garrafadas* misteriosas e outras *meizinhas* receitas pelos curandeiros e raizeiros, ainda continua sobrevivendo em plena era do átomo, dos computadores e dos transplantes de coração, [...] (SOUTO MAIOR, 1970/71, p. 105)

Um importante registro dessa vertente da Medicina foi feito pelo médico polonês Chernoviz<sup>23</sup> (1890, p. 79), no “Diccionario de Medicina Popular”, que considera a *aguardente* um elemento medicinal, presente em várias composições receituais, sem deixar de pontuar que a bebida possui duas faces: “Se o uso moderado e pouco frequente da aguardente é salutar para excitar as forças, o seu excesso ocasiona tremores, dôres de cabeça, apoplexia, estupidez, paralisias, e até a morte.”

Como recurso para a cura dos mais diversos males, mostra Chernoviz (1890), por exemplo, a *aguardente* de vinho como um dos ingredientes para a composição da “Água dentifrícia”, indicada para a limpeza dos dentes, a saber: “Infundem-se durante doze dias em 500 grammas de aguardente de vinho, 20 grammas de herva doce, 5 grammas de cravos da Índia, 5 grammas de canella, 1 gramma de essência de hortelã.” Segue informando que o líquido deverá ser decantado e filtrado, “[...] juntam-se-lhe 2 grammas de tintura de âmbar cinzento.” (CHERNOVIZ, 1890, p. 59) Já a *aguardente de cana* é indicada para curar-se da caspa, afirma o médico que “[...] é preciso a princípio limitar-se aos cuidados de asseio; lavar todos os dias, ou cada dois dias, a cabeça com agua quente e sabão; ou com a mistura de aguardente de canna e gema de ovo; [...] (CHERNOVIZ, 1890, p. 495)

Em Souto Maior (1970/71), no capítulo “A medicina empírica e a cachaça”, encontram-se registros da *cachaça* em composições indicadas para combater vômito, curar feridas, abrir apetite, ajudar a chegar a menstruação, soltar a urina, resolver casos de amor, fechar o corpo, combater o vício de embriaguez. Também, segundo o autor, é indicada para a cura de picada de cobra, constipação, hemorragia uterina após o parto, resfriado, cólera, febres graves, doenças no olho, doenças do coração, coceira, sarna, sarampo, dor de dente,

---

<sup>23</sup> Conforme Souto Maior (1970/1971, p. 108), “Em 1840, chegou ao Brasil o médico polonês Luís napoleão CHERNOVIZ, formado em ciências médicas pela escola Montpelier, abrindo consultório na Côte.” Escreveu o “Formulario e guia médico”, considerada uma importante, “[...] obra que, durante muitos anos, prestou tão grande serviço aos médicos, boticários e famílias mais letradas daquela época.” Em 1920, o Formulario contava com 19 edições, distribuídas em 2.653 páginas, organizadas em dois volumes.

amigdalite, tosse braba, reumatismo, sífilis, vermes, além de ser mencionado o efeito afrodisíaco promovido pela bebida alcoólica.

Para combater o vício da embriaguez, Calasans (2014, p. 145) apresenta algumas formas, dentre as quais, se destaca a seguinte: “Deixará o vício de beber aquele que tomar uma infusão diária de pinga misturada com excremento de galinha... uma vez que ignore qual a composição do remédio.” Como se pode observar, para que haja a real libertação do vício, se crê na necessidade de os ingredientes do elixir não serem de conhecimento do viciado, sob pena de não fazerem efeito, ou seja, de se ter quebrado o encantamento.

O grupo musical Sertanília<sup>24</sup> resgata a tradição cultural do sertão para a produção e composição de suas músicas. No álbum *Gratia* (2017), cuja temática é o sagrado feminino, traz à tona a festa popular da Folia de Reis do Alto Sertão baiano; na faixa “Seu Joãozinho”,<sup>25</sup> tem-se anunciada uma tradicional prática de cuidados medicinais, em que uma mistura composta de raiz, a Corre Canto, e da *caninha* é utilizada para a cura da picada de cobra.

Alia-se ao feito a evocação sagrada ao Senhor São Bento<sup>26</sup>, o santo exorcista que enfrentou e venceu o demônio, consubstanciando essa combinação entre o composto e a fé, numa prática cultural em que o conhecimento empírico relaciona com a crença religiosa cristã.

Narra assim o cantador:

Ela se chama “Corre Canto” e ela é uma raiz, e ela é uma rama  
 Né feito árvore não, é feito rama  
 Aí cê ranca, machuca a raiz, põe na cachaça e dá à criação ou o  
 vivente  
 O vivente que tiver ofendido pode dar  
 Pode intá já empanzinado, morrendo, se descer na goela, reage  
 A chula de Senhor São Bento  
 Óia nós São Bento, Óia nós.  
 Óia nós São Bento, Óia nós.  
 Tira a cobra do caminho, São Bento, Óia nós.  
 Óia nós São Bento, tira a cobra do caminho, São Bento, Óia nós.  
 E é batendo tambor e cantando. (SERTANÍLIA, 2017)

<sup>24</sup> Informação disponível em: <http://www.sertanilia.com.br/sertanilia.aspx>. Acesso em: 18 out. 2021.

<sup>25</sup> Informação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IYOlyKZkclw>. Acesso em: 18 out. 2021.

<sup>26</sup> Informação disponível em: <https://mosteirodesaobento.com.br/institucional/espiritualidade/nosso-pai-sao-bento/>. Acesso em: 18 out. 2021.

A cobra, no cristianismo, simboliza o demônio, o inimigo. São Bento criou uma oração e com ela exorcizou muitos monges que estavam sob a influência dessa poderosa energia negativa. Essa oração foi rezada, pela primeira vez, quando ele pressentiu que a taça com vinho que lhe deram para beber estava envenenada. Na medalha de São Bento, há um cálice trincado com uma serpente, que simboliza o ato de envenenamento que tentaram lhe submeter. Na chula, há um pedido ao Santo para tirar o inimigo do caminho, sendo, nesse caso, a inimiga, a cobra, assemelhando-se ao ato de exorcizar o mal, que é simbolizado por seu veneno. Observa-se, nessa narrativa, o uso de “ofendido” significando ‘aquele que foi ferido pela picada de cobra’: “O vivente que tiver ofendido [...]” a quem se pode dar a *cachaça*.

É interessante notar que, ao consultar o *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*, verificou-se que a palavra “ofender” apresenta, na primeira e na segunda acepções, significados que remetem a esse mesmo uso, a saber: “1. t.d. causar ferimento em; machucar, ferir, contundir ‹o tiro ofendeu-o seriamente›. 2. t.d. ferir ou atacar em combate.”

Partindo, para a consulta ao item “ofendido”, verifica-se que consta o seguinte: “que ou o que sofreu ofensa ou dano”.

Na canção “Corre canto”<sup>27</sup>, também da Sertanília (2017), que é o nome da rama, conta-se que a cobra invade casa, a mente com a falsa promessa de salvação. Ela observa seu alvo, espera a hora em que ele fraqueja, engana-o com chocalhos e danças com o objetivo de pegá-lo. A canção traz o remédio popular como a solução para o mal que pode acometer a morte da vítima: “Minha embolada é quente/ Corre canto e aguardente/ pro veneno não matar.” Aliado ao elixir, para tirar o veneno do ofendido, a prática de chupar o sangue e cuspi-lo também é mencionada na embolada. Sobre isso, Del Priore (2005, p. 67) acrescenta a informação de que o sangue deve ser levado à boca que tenha sido lavada com *cachaça*.

Considerar a bebida alcoólica como um componente que trata de males não se restringe à história da *aguardente de cana*. No livro a “Bíblia Sagrada”, a bebida alcoólica retratada como elemento de cura é o vinho, que também é apresentado com o teor negativo, pautando-se no uso em excesso, que

---

<sup>27</sup> Informação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kTtuaWwP8-w>. Acesso em: 12 nov. 2020.

embriaga e favorece o acometimento de pecado. O fermentado de uva, quando relacionado à cura, igualmente está vinculado a sentimentos, como uma força que alegra e conforta os angustiados e amargurados. Citam-se, como exemplo, três passagens do livro sagrado<sup>28</sup>, em que o vinho é abordado como elemento que alegra, conforta e cura, a saber:

- ✓ alegra e preenche o coração: “O vinho, que alegra o coração do homem; o azeite, que lhe faz brilhar o rosto, e o pão, que sustenta o seu vigor.” (Salmos 104:14-15)
- ✓ Conforta: “Dê bebida fermentada aos que estão prestes a morrer, vinho aos que estão angustiados.” (Provérbios 31:6)
- ✓ Cura: “Não continue a beber somente água; tome também um pouco de vinho, por causa do seu estômago e das suas frequentes enfermidades.” (Timóteo 5:23)

Como elemento que provoca vício, devido à perda de controle, tem-se em Efésios 5:18: “Não se embriaguem com vinho, que leva à libertinagem, mas deixem-se encher pelo espírito.”

Atravessando tempos e culturas, as bebidas alcoólicas tiveram participação ativa na vida de pessoas. Tratando-se, especificamente, da que é feita da cana-de-açúcar, vê-se que já foi utilizada como líquido ingerido na primeira refeição do dia, para dar força e coragem aos trabalhadores; como elemento eficiente para esquentar o corpo, combatendo o frio; como recurso para diversão, integração, comemoração; como suporte no afogar de tristezas e mágoas; ou como componente obrigatório em ritos.

Conforme Del Priore (2005, p. 68), “Considerada um recurso oferecido pela natureza, a aguardente tanto foi utilizada por médicos, no período Colonial, quanto o é por benzedeiros e curandeiros até hoje.” A *cachaça* já foi considerada como Elixir da longevidade, pois se tinha o conceito de que, assim como os alimentos, conservava a saúde. Sobre isso, Del Priore (2005, p. 64) afirma que

Sobram documentos revelando que, no passado, o corpinho molengo dos recém-nascidos era banhado com cachaça, antes de receber o primeiro enfaixamento ou o primeiro leite de peito. Na mesma bacia de caninha em que se imergia o pequeno, colocava-se uma moeda para que fosse rico e feliz. (PRIORE, 2005, p. 64)

---

<sup>28</sup> Informações disponíveis em: <https://www.bibliaon.com/vinho/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

Na história do Brasil, conserva-se o hábito de a *cachaça* ser utilizada como costume para saudar e celebrar a chegada de bebês. “A MELADINHA ou CONSERTADA é comum na casa das parturientes: cachaça, mel de abelha e mais uma complicação de cebola-branca, losna, arruda, salsa, hortelã grosso, erva-doce, e assim por diante.” (CASCUDO, 2013, p. 46) É uma forma prazerosa de compartilhar a chegada de uma nova vida, comemorada com brindes à base de boas emoções.

É a bebida também utilizada como recurso enriquecedor da culinária, em que *chefs* dispõem da *pinga* para compor e aprimorar os seus feitos. Está presente em receitas mais rústicas, como a da *chef* Nelsa Trombino, que faz uma “Costelinha da Sinhá”, cujos ingredientes contém tempero verde, *cachaça*, vinho e gengibre etc.; o “Lombo descansado”, cuja adjetivação remete bem ao universo cachacista, que é de autoria de dona Cida Chaves, proprietária de um dos mais tradicionais alambiques do Brasil, o da *cachaça Século XVIII*, cuja receita indica que sejam usados 2 copos de *cachaça*, banha de porco, sal, alho, pimenta, entre outros. E pratos bem refinados, como o Camarão com aspargos verdes e espuma de *cachaça*, que, além da *cachaça*, é constituído de pimenta branca, limão, manteiga etc. As sobremesas e os lanches, claro, não ficam de fora, pois há, dentre as muitas opções, crepes e pastel de chocolate feitos com *cachaça*, como apresenta Trindade (2006, p. 150-159).

Um universo de opções envolveu a *cachaça*, e, com isso, o mercado, gradativamente, se ampliou. Em um deles, a mistura da *cachaça* com variadas plantas, frutas, ervas, raízes, especiarias etc. se tornou uma realidade, surgindo assim outras bebidas, cuja variedade se tornou infinita. Essas bebidas são comercializadas, muitas vezes, pelas mesmas empresas que produzem as *cachaças* ou por outras que se dedicam, especificamente, a esse tipo de destilado. Algumas dessas *aguardentes* são conceptualizadas como **CACHAÇA**, por motivos semelhantes ao que se viu com a *tiquira*, mas, já se sabe que não o são.

A *cachaça 51*, por exemplo, lançou a *51 Assinatura*<sup>29</sup>, que goza da experiência e do prestígio dos fabricantes de uma das mais tradicionais *cachaças* do Brasil, bem vendida tanto no mercado interno como externamente.

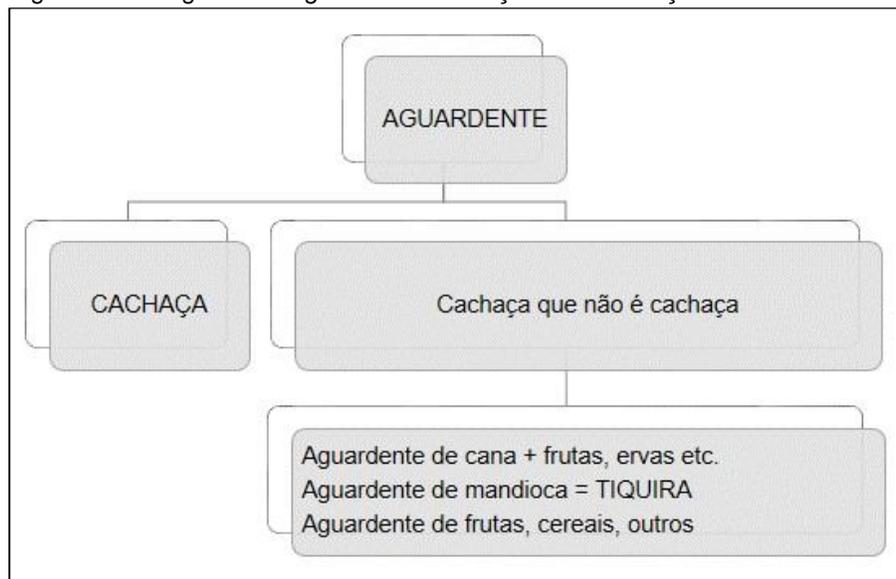
---

<sup>29</sup> Informações disponíveis em: <https://origin.cachaca51.com.br/assinatura>. Acesso em: 18 out. 2021.

A nova bebida promete ao consumidor experiências novas de aromas e sabores e se apresenta em quatro versões: *Jambu*, *Licor*, *Smocked*, *Amaro*. A *jambu*, por exemplo, é composta de *cachaça* acrescida de, além do *jambu*, de gengibre, canela, mel e cumaru. Como forma de consumo, é sugerido que seja servida gelada. Quem degusta bebidas à base de *Jambu* experimenta a sensação de ter os lábios e a língua anestesiados, acompanhando-se de formigamentos. Há, disponível no mercado, muitas bebidas à base dessa erva, que se denominam *cachaça de jambu*.

O Mapa da *cachaça* (2012) apresenta uma categorização para essas bebidas, chamando-as de *cachaças que não são cachaças*. De forma esquemática, pode-se representar essa classificação, a saber:

Figura 4 – Categorias de *aguardente*: *cachaça* e *não cachaças*



Fonte: elaboração a partir de Mapa da *cachaça* (2012)

Trata-se de uma conceptualização pautada no Modelo Cognitivo metonímico em que, por contiguidade, compreende-se como *cachaça* as bebidas destiladas à base da cana-de-açúcar ou não. Toma-se, nesse modelo mental, uma das partes da bebida como a constituição de seu todo, em que se destaca, entre eles, uma relação que favorece que a não-*cachaça* seja compreendida como *cachaça*. Essas partes podem ser tanto pelo fato de a bebida ser, de forma geral, destilada como pelo de ser um destilado de cana, que possibilita o entendimento de que são *cachaça* ou um tipo de *cachaça*, numa

relação hiperonímica, o que faz com que se denominem bebidas, como: *cachaça de jambu*, *cachaça de caju*, *cachaça de mandioca* etc.

A metonímia, como uma dentre tantas formas de se compreenderem o mundo, permite, por meio da organização de nosso pensamento, que se conceptualize a *aguardente de jambu* como *cachaça de jambu*, porque se percebe uma potente relação entre as duas bebidas alcoólicas.

As *cachaças* que não são *cachaças* possuem características distintas das que são determinadas pela legislação, que, nesse caso, é a Instrução Normativa nº 13, de 29 de junho de 2005, que estabelece os parâmetros para que uma bebida seja considerada *cachaça*, nos quais, o destilado de/com *jambu* e a *tiquira* não se encaixam. Portanto, oficialmente, não se considera como sinônimo de *cachaça* toda e qualquer *aguardente*. Figueiredo (2011, p. 22) recomenda que “Quando você ouvir falar algo como ‘fulano faz uma *cachaça* de banana maravilhosa’, tente saber se é uma *aguardente* de banana ou uma *cachaça* (de cana-de-açúcar) curtida ou adicionada de banana.”

Cida Zurlo, em entrevista ao Jornal Estado de Minas, em 21 de janeiro de 2018, fala de sua experiência com a *aguardente composta*, que mistura 15 plantas na produção da *aguardente* “Milagre de Minas”, criada em 1975. Segundo Cida (2018), trata-se de uma bebida afrodisíaca, já que contém, dentre outras ervas, a *catuaba* e o *nó-de-cachorro* (*Heteropterys afrodisíaca*).

Para o uso da *cachaça* misturada, permitiram-se serem criados *cocktails*, que, conforme Cascudo (2013, p. 39), “[...] é uma bebida misturada à base de algum espírito forte, principalmente o gim, e no Brasil a *cachaça*.” Afirma o autor também que “[...] é uma palavra de calão anglo-americano, *cock-tail*, *rabo de galo*, valendo união de bebidas fortes. Era um reconstituente, fortificante, e quem o tomasse altearia o espírito como o *galo à cauda*.” (CASCUDO, 2016, p. 820) No capítulo denominado *Drincologia*, afirma que o *Cocktail*, em português, significa “*rabo de galo*” e atribui a motivação da denominação à ocorrência de brigas de galo no Mississipi. De acordo com Silva (2008, p. 156), “Conta-se que, após a disputa, penas do *rabo do galo* vencedor eram tiradas para mexer os drinques dos apostadores ganhadores, como comemoração.”

O mais famoso drinque elaborado com *cachaça* é a *caipirinha*, considerada uma bebida requintada, de sabor agradável, cuja receita corre o

mundo associada à imagem do Brasil. À caipirinha também é atribuído crédito de ter propagado a *cachaça* em terras estrangeiras.

As *batidas*, em que se misturam *cachaça* e plantas brasileiras, também contam com a boa apreciação do público de toda e qualquer camada social, sendo-lhe, inclusive, atribuído mérito de “[...] grande responsável pela ascensão social da *cachaça*, servindo de veículo para misturas, infusões e licores, feitos com os sabores exóticos das frutas e plantas brasileiras.” (SILVA, 2008, p. 156) As *batidas* se apresentam ao público de forma tão variada, sendo quase impossível se precisarem quantas podem ser elaboradas. Para se fazer uma *batida*, como o próprio nome indica, batem-se bem os ingredientes para que se obtenha uma bebida de textura homogênea. Salienta-se que, para se fazer uma boa mistura ou bom drinque à base de *cachaça*, seja um *rabo-de-galo*, uma *caipirinha* ou uma *batida*, deve-se escolher um destilado de cana de excelência, para que se tenha uma bebida integralmente pautada na boa qualidade. Por serem adoçadas com açúcar, as *batidas* podem levar os bebedores à ilusão de que são bebidas fracas, contudo, como bem afirma Cascudo (2016, p. 810), o açúcar é o “amansador aparente da violência alcoólica”.

Conforme o Decreto 6.871, de 4 de junho de 2009, art. 68, parágrafo 5º, a *caipirinha* é um *coquetel* ou *cocktail*, uma bebida alcoólica mista

[...] com graduação alcoólica de quinze a trinta e seis por cento em volume, a vinte graus Celsius, elaborada com *cachaça*, limão e açúcar, poderá ser denominada de *caipirinha* (bebida típica do Brasil), facultada a adição de água para a padronização da graduação alcoólica e de aditivos. (BRASIL, 2009, p. 18)

Para se fazer uma *caipirinha*, é importante que seja no copo em que será consumida. Como todo e qualquer drinque, conta com a experiência e a sensibilidade do *barman* para ser elaborada e, mais uma vez, do olhar e do peso da mão do profissional, como elementos relevantes para que se tenha pronta uma boa bebida para ser degustada.

No ritual da degustação da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, para aproveitar a *cachaça* em sua plenitude, seja ela integrante ou não de um drinque, deve-se consumi-la aos poucos, lentamente, a fim de que sejam apreciados os gostos, cheiros, as notas e as sensações que a bebida promove. No retro gosto, detalhes de sua produção podem vir à tona, como o tipo de fermentação, de

destilação, além do barril de madeira em que envelheceu, se for o caso, entre outros. Mas há, também, quem diga que se bebe a *branquinha* de uma só vez, de um só gole, com a vontade de aturdir-se em suas maravilhas de forma abrupta, deixando-se levar pelas mais diversas sensações.

Para o degustar dessa bebida brasileira, há utensílios próprios e rituais que são partilhados por seus adeptos, seguindo as tradições da cultura popular. Em sua obra, Calasans (2014) apresenta alguns rituais dos bebedores da aguardente advinda da cana-de-açúcar, dentre os quais, pode-se citar um observado por Câmara Cascudo no norte do Brasil:

Tendo na mão o copo, feita a vênica do estilo, o primeiro bebedor derrama um pouco do líquido no chão, antes do primeiro gole, nunca aliás bebido por quem oferece o **trago** e sim pelo homenageado, quando só há um copo para os dois amigos. (CALASANS, 2014, p.37-38).

Muitos brasileiros, ainda hoje, vivenciam parte desse ritual, em que se oferece o primeiro gole a um santo. Seguindo a tradição cultural-popular-histórica-religiosa, antes de beber a aguardente feita da cana-de-açúcar, deve-se oferecê-la ao santo, no caso, a São Benedito, que é o protetor do bebedor de *cachaça*. Santo de ascendência de povos negros escravizados, nasceu na Itália e foi levado à Sicília. “Supõe-se que o culto a São Benedito tenha chegado ao Brasil através de Angola, que já tinha um núcleo da irmandade, criada em Lisboa, em 1619, por mouros e negros convertidos ao catolicismo.” (SILVA, 2008, p. 63) Como frade, trabalhou como cozinheiro no convento em Palermo, faleceu em 1589 e, conforme Cascudo (2013 p. 287), o mouro siciliano “[...] fora canonizado nas duas primeiras décadas do séc. XIX pelo Papa Pio VII.”, embora seu processo de canonização tenha se iniciado em 1594, logo após a sua morte, devido “a sua fama de santidade”, como assevera Feijó (2001, p. 11). Padroeiro nacional da *cachaça*, tem nos versos populares a remissão à bebida:

São Benedito  
É santo preto,  
Ele bebe cachaça  
E ronca no peito.

São Benedito  
É negro de raça,  
Ele toca o pandeiro  
E bebe cachaça. (SILVA, 2008, p. 63)

Seguir rituais, oferecer a santos é umas das formas genuínas de configurar um elemento como pertencente à cultura popular, nesse caso, como parte da história do povo do Nordeste. A remissão a santos é uma realidade no domínio de experiência da *cachaça*, sendo, inclusive, motivação para criação de anedotas:

Um bêbado entra numa livraria religiosa e pede: 'Me dá uma cachaça aí!' 'Aqui não tem cachaça, amigo', responde o balconista. 'Aqui só vendemos artigos religiosos.' 'Então me dá uma dose de São João da Barra', completa o bêbado. (SILVA, 2008, p. 79)

Para o encerramento dos trabalhos etílicos, também há uma ritualização, que Souto Maior (1970/71, p. 20) traz, como "[...] o hábito de se deixar um pouco de cachaça no copo para ser jogado fora e por cima do ombro direito, destinado à alma dos bêbedos."

Para se beber a *cachaça*, sozinho ou acompanhado, deve-se ter, apenas, um copo e o líquido ao gosto do freguês. No pensamento, o que pensar; nos sentidos, o que sentir, o que notar. Uma *cachaça* nunca é igual a outra. Um fato é real, acredite: sozinho nunca um bebedor de *cachaça* está, porque a santa abençoa, o santo manda recado, do início ao final da saga etílica, então, abençoada é a *cachaça*; o ser humano é que a leva para o mal caminho.

Figueiredo (2011) relata, em seu livro, que "O que tinha começado como um trabalho técnico se tornava, no fim, um trabalho de apaixonado". Situação análoga aconteceu com esta pesquisadora: foi se apaixonando pelo "mundo da *cachaça*", aos poucos, à medida que se inteirou a respeito de seu universo cheio de conquistas, de altos e baixos e de segredos, pois como aborda Calasans (2014, p. 226), tomando-se como uma síntese do domínio da experiência da *cachaça*, seja para o homem ou para a mulher.

A aguardente, a caninha, a branquinha, ou que outro nome tenha, e nomes possui em abundância, [...] é a bebida predileta do homem do povo. Nas "vendas" do interior, mormente, pode faltar tudo, menos cachaça. É artigo indispensável. Boa ou má, sempre serve para dar apetite, para dar coragem, para matar tristezas, para celebrar alegria, enfim há sempre um motivo para sorvê-la gostosamente. (CALASANS, 2014, p. 226)

## 2.2 O NORDESTE E O NORDESTINO – DA CANA À CACHAÇA<sup>30</sup>

“Sertão, argüem te cantô,  
Eu sempre tenho cantado  
E ainda cantando tô,  
Pruquê, meu torrão amado,  
Munto te prezo, te quero  
E vejo qui os teus mistéro  
Ninguém sabe decifrá.  
A tua beleza é tanta,  
Qui o poeta canta, canta,  
E inda fica o qui cantá.”  
(Patativa do Assaré)<sup>31</sup>

Realizar esta pesquisa de doutoramento com base nos dados do Projeto ALiB, obtidos a partir de informantes do Nordeste brasileiro, possibilita pensar nessa região na perspectiva de que se trata de uma singular realidade, de cujo início coincide com o da história do Brasil, o que possibilitou que formações socioculturais diversas tenham basificado as identidades de sua população.

Essas identidades manifestam-se por meio de representações culturais, que revelam pessoas que compartilham uma diversidade de modos de pensar, de entender e de viver o mundo, ao interagirem com o ambiente e em sociedade. Enxergam-se belezas e mazelas, por meio de princípios e valores que foram arraigados, historicamente, pela relação social impregnada de diferenças, moldadas em abismos entre as classes dominantes e as dominadas, cujos prejuízos ultrapassaram a obtenção de bens materiais, pois se firmaram em construtos morais que fundamentaram afirmações e ideias projetadas em uma ficção conveniente a respeito do nordestino, que já dura anos.

O Nordeste é uma região de múltiplas manifestações culturais, dentre as quais estão as populares, que, com sua riqueza e diversidade, se encontram presentes na biografia de grandes artistas, intelectuais, manifestantes populares, que, ao seu modo, mostram um jeito de ser, de falar, de agir e de viver nordestino.

Entende-se que muito do que se propaga a respeito do nordestino é pautado em ideias de senso comum, que, por natureza, são caoticamente

---

<sup>30</sup> Esta seção é uma homenagem a todos os informantes nordestinos do Projeto ALiB.

<sup>31</sup> Informação disponível em: [https://www.pensador.com/autor/patativa\\_do\\_assare/](https://www.pensador.com/autor/patativa_do_assare/). Acesso em: 18 out. 2021.

generalizantes, por isso, não recebem credibilidade dos que pensam com seriedade sobre suas questões identitárias. Assim como há muitos nordestinos, há muitas culturas nordestinas, pois a diversidade do ser não se encerra nele, mas transcende à sua inter-relação que segue uma movimentação enredada entre o ser humano, o ambiente onde vive e as pessoas com quem convive.

Dessa forma, para se saber a realidade dos moradores do Nordeste, deve ser dado a eles o crédito à sua palavra, para que possam se expressar, por meio de sua própria linguagem, sem que isso implique em questionamentos sobre a credibilidade de suas ideias. Além disso, devem as pessoas se destituírem de falsos *frames* que as contaminam, muitas vezes, pela excessiva repetição de equivocadas afirmações e imagens propagadas, às quais não correspondem à verdade absoluta.

Para ilustrar essa população e homenagear um ser nordestino, buscou-se o que se entende ser icônico e que, com propriedade, trata do quadro de uma das realidades do Nordeste. Por isso escolheu-se epigrafar esta seção com versos de Patativa do Assaré, precisamente, Antonio Gonzalez da Silva, que, por meio da oralidade, de sua palavra poetizada, mostrou os pensamentos, sentimentos, valores e as lutas de um povo, o sertanejo, cuja denominação derivativa e transparente já explicita que é o povo do sertão.

É comum ver-se tratar o Nordeste do Brasil como uma região formada por uma única linha de representatividade: um único bloco de pessoas, e, de forma generalizada, tem-se igual avaliação do gentílico de seu povo, o nordestino. Esse pensamento incoerente descarta o fato de que se trata de uma região cuja representatividade cultural-linguística-dialetal é diversa, o que a particulariza e permite aos seus habitantes e visitantes vivenciarem experiências culturais ímpares, assim como ocorre em cada local das outras regiões do país. Portanto, generalizar o Nordeste como um só bloco regional e o nordestino como um só povo não representa, em hipótese alguma, a sua realidade, pelo contrário, trata-se de um falseamento que parte de uma idealização territorial equivocada.

### **2.2.1 E como tudo começou no Nordeste?**

Para se pensar na chegada da cana-de-açúcar na região Nordeste brasileira e, em sequência e como consequência, na produção da *cachaça* e da

aguardente de cana nesse país, desde a confecção primitiva da bebida, em que somente era fermentada, seja a partir do melaço de cana ou das borras, até a prática mais elaborada da destilação, é preciso, de forma breve, voltar um pouco ao tempo em que acontecimentos históricos criaram o ambiente propício para o surgimento dessa bebida no Brasil.

Tais acontecimentos envolvem povos europeus, como as grandes potências da época, Portugal e Espanha, e os seus feitos marítimos, principalmente os que objetivavam descobrir um caminho alternativo para chegarem às Índias, como era denominado, na época, o continente asiático.

É sabido que os povos de ambos os países se empenharam para chegar ao Oriente, motivados por questões econômicas, favorecidos pelo rentável comércio com seda, perfume, tapetes e diversas especiarias. Esse comércio, inicialmente, era monopolizado pelos italianos, que mercavam diretamente com o Oriente, cujos produtos chegavam à Europa pelo Mediterrâneo; logo, esse caminho marítimo não poderia ser o mesmo que fariam portugueses e espanhóis, devendo, portanto, encontrar, cada um, o seu próprio trajeto, o que não seria uma tarefa fácil.

Devido ao aprendizado que obtiveram em práticas prévias empreendidas em navegação, os portugueses possuíam sistematicidade e metodologia para realizar as expedições marítimas, experiências que os espanhóis não contavam em seu currículo. Portugal obteve muitos êxitos em navegações, como em 1419, quando chegou à ilha da Madeira; em 1432 à Ilha do Açores; em 1462, ao arquipélago de Cabo Verde.

Com a assinatura do Tratado de Tordesilhas, entre Portugal e Espanha, se deu o início da perspectivação dos trabalhos em uma parte das terras da América, o que incluía as práticas de conhecimento, reconhecimento e exploração. Oficialmente, mesmo desconsiderando que essas terras já eram habitadas, Portugal atribuiu-se “autorização” para desbravar, habitar e colonizá-las. Contudo, o que se viu, foi, por muitos anos, a prática da exploração predatória das terras, dos povos, da fauna, da flora. Compreendendo a mentalidade dessa época, vê-se que o poder era conquistado por meio de guerreamentos e que vidas humanas estavam subjugadas a servirem aos reis. Conquistas ocorriam pelas vias mais cruéis, fossem pela exploração, pela matança, pela pirataria, não importava, pois o objetivo era o mérito da posse, e

os seus benefícios, e dos acordos, das negociações a qualquer custo. E a cada sucesso, encontrava-se motivação para se lutar mais, em um ritmo desenfreado de conquistas aliadas à desvalorização de vidas.

Com o êxito da expedição de Vasco da Gama, em 1498, de encontrar o caminho das Índias e de comercializar com os orientais, dois anos seguintes, o navegador Pedro Álvares Cabral foi enviado por D. Manuel, com o objetivo de também obter sucesso no trato comercial com o Oriente. Nesse caminho, propositadamente ou não, foi desviada a rota principal, e se chegou, em 1500, à Costa da Bahia. Acredita-se que essas terras não eram de total desconhecimento dos portugueses, e, para sustentar essa afirmação, há algumas suposições, dentre as quais, cita-se a de que, há alguns anos, ciente da chegada dos Espanhóis a um continente desconhecido, à América, teria Portugal enviado navegadores para constatar a veracidade da existência dessa nova terra. Além disso, supõe-se até que espanhóis tenham estado nessas terras, antes de Cabral.

Com isso, é possível pensar que, antes de 1500, os portugueses já tinham conhecimento das terras do Brasil, mas, independentemente de suposições, o fato é que essas terras ficaram sob guarda de Portugal, conforme estabelecido com o Tratado de Tordesilhas, e, em 22 de abril de 1500, registra-se que Portugal tomou-as em suas posses, ao avistar o Monte Pascoal, ancorou a alguns metros da costa, onde hoje se situa Porto Seguro.

Ao se dirigirem à praia, os portugueses encontraram os indígenas tupiniquins, que viviam no Sul da Bahia e eram “uma das tribos do grupo tupi-guarani que, no início do século 16, ocupava quase todo litoral do Brasil.” (HISTÓRIA DO BRASIL, 1998, p. 17)

Esse encontro de culturas, ocorrido entre os povos originários e os portugueses revela-se a partir de dois povos que se depararam com costumes, hábitos, crenças, organizações hierárquicas e sociais bem distintas. Enquanto o europeu tinha larga experiência com o comércio, com as navegações e com os conhecimentos técnico-científicos que lhes permitiam atravessar mares e percorrer continentes, os indígenas possuíam conhecimentos igualmente importantes, centrados em tecnologias desenvolvidas a partir de recursos da natureza, as quais lhes proporcionavam viver em comunidade de forma a garantir sua subsistência, bem como a proteção de invasores, a cura de

doenças, os divertimentos, as moradias etc. Para ambos, a religiosidade se fazia presente no modo de viver, no pensar e no agir perante a sociedade. Mesmo nomeados e evocados de formas distintas, centravam a crença em um Deus, cuja Reverência se configurava no poder de uma autoridade divina que tanto abençoava quanto punia.

Esse encontro de povos poderia e deveria se constituir em uma relação de respeito e de aprendizado, mas o que se teve foi o extermínio de culturas dos povos originários, e, como consequências, a extinção de gentes das tribos, de suas línguas, sua história. A dominação portuguesa se centrou na exploração da terra e na exigência de subalternidade e de subordinação dos povos autóctones, que, por sua vez, não aceitaram pacificamente essa condição hierárquica, o que gerou uma série de conflitos entre o que tinha a arma de fogo e o que possuía, como vantagem, o conhecimento das matas.

O desdobramento disso todos têm conhecimento, o que nos leva a saber que se chega à contemporaneidade na situação em que os donos da terra brigam pela demarcação justa e pela posse de terras, para morar e viver como o índio do século XXI entende que deve viver.

### **2.2.2 O caminho da cana-de-açúcar no Brasil e a produção açucareira**

A chegada de Portugal às ilhas e arquipélagos do Atlântico corresponde a passos de um avançar gradativo, no contorno do continente africano, para que se conseguisse chegar ao Oriente. Nessas terras, investiram os portugueses em uma povoação pautada nas culturas da pecuária e da agricultura. Portanto, além de bovinos, cultivavam trigo, vinhas e cana-de-açúcar.

A Ilha da Madeira foi colonizada por Portugal no século XV. Nela, assim como em outras ilhas do Atlântico, como a dos Açores, os portugueses obtiveram larga experiência nas técnicas de cultivo da cana-de-açúcar, por meio do trabalho realizado por pessoas escravizadas, advindas forçadamente de África. As diversas tentativas para contornar a África, que acabaram se delineando como etapas vencidas para chegar ao Oriente, possibilitaram que os portugueses conhecessem o que explorariam neste continente; e, dentre os itens que vislumbravam, havia o marfim, o dente do elefante, o ouro. Além desses itens materiais, os seres humanos africanos entraram na conta do interesse

mercantilizador do povo europeu, sendo, inicialmente, utilizados como força de trabalho escravizada nas ilhas do Atlântico e, em seguida, em outras terras, inclusive, as brasileiras, como bem se sabe o sucedimento dessa parte insana da história do Brasil.

A colonização portuguesa ocorreu, oficialmente, a partir de 1530, pois até então, Portugal priorizou as negociações realizadas com o Oriente, já que lhe estava sendo mais rentável. Até aquele momento, ainda não se tinha informações de que em terras brasileiras havia os tão valorizados metais, os preciosos. Mas, como negociantes, entendiam os portugueses que deveriam ficar atentos e cuidar da guarda das terras para que não fossem ocupadas por outros povos europeus.

Chegados os tempos de crise na comercialização com o Oriente, Portugal resolveu investir na colonização das terras do Pau Brasil e, a partir de então, iniciaram-se as expedições para a colonização, sendo a primeira chefiada por Martim Afonso de Souza, em 1531, que teve a missão de administrar e povoar essas terras, descobrir suas riquezas, implantar novas culturas agrícolas, pecuárias e expulsar invasores, dentre eles, espanhóis e franceses.

Em 1532, fundou-se a Vila de São Vicente, que se configurou como local importante para a história do Brasil e da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, já que se afirma ter sido onde se instalou, em 1533, o primeiro engenho de cana no Brasil. Cavalcante (2011a, p. 202) traz a informação de que em 1570 já havia 60 engenhos no Brasil, assim distribuídos: um em Itamaracá, 18, na Bahia, 23, em Pernambuco, oito, em Ilhéus, cinco em Porto Seguro, um no Espírito Santo e quatro em São Vicente.

Há informações de que o primeiro engenho de cana no Nordeste, conforme Freyre (1968, p. 115), teve início nas terras de Itamaracá, contudo de forma irregular, cujo funcionamento antecede a 1535. O primeiro engenho de açúcar regular situou-se em Olinda, o engenho Nossa Senhora da Ajuda de Jerônimo de Albuquerque.

Tem-se notícia de plantio inicial de cana-de-açúcar já em 1502, em lavouras instaladas próximas a rios e mares do litoral brasileiro (AZEVEDO, 1958, p. 42), contudo tratava-se de produção esporádica, sem qualquer sistematicidade que levasse a um quantitativo relevante de exportação e até de

qualidade do produto. A presença do açúcar nas terras brasileiras se fez de tão grande relevância sociocultural e comercial que, como traz Freyre,

O Brasil ganhou o seu nome, é certo, de um pau-de-tinta, por algum tempo valiosíssimo para os europeus. Mas não tardou que a expressão internacional do recém-descoberto país deixasse de ser essa madeira de tinta – tinta vermelha – para tornar-se o açúcar. (FREYRE, 1975, p. 31)

Com o açúcar, veio toda uma cultura que não apenas envolveu técnicas de plantação e cultivo da gramínea para obtenção de seu principal produto na época. Ao açúcar, agregaram-se formas de administração do negócio, tipos de moradias, religiosidades, línguas, vestimentas, mobiliário, aliadas à produção exploratória da mão de obra e à relação hierárquica de poder entre os senhores de engenho e os seus subalternos, fossem eles colonos ou pessoas escravizadas.

O açúcar, cobiçado na Europa, era um produto escasso, por isso muito caro, o que motivava o investimento na cultura açucareira, pois o retorno financeiro era de alta lucratividade. Como Portugal já investia no plantio da cana nas ilhas do Atlântico, essa experiência permitia-lhe ter mais segurança do sucesso do investimento em terras brasileiras, onde as áreas eram vastas, os terrenos e o clima propícios à implantação da cultura açucareira.

A instalação de engenho exigia um investimento alto em maquinário, ajuste do terreno, compra de animais e aquisição de pessoas para trabalharem no eito, na condição brutal de escravização. Para se obter lucro, era necessário plantar a cana em extensas faixas de terra, onde se tinha também que derrubar a mata, preparar a terra, fazer a colheita, moer a cana etc., mas Portugal não possuía capital suficiente para a implantação dessa cultura agrícola no Brasil. Logo, como solução, solicitou empréstimo aos bancos holandeses, que o concederam, com a exigência de, em contrapartida, obter o monopólio da refinação e da comercialização do produto na Europa, sendo esse o caminho que levou os holandeses a se tornarem os grandes mercadores de açúcar.

Como passo seguinte para firmar a colonização do Brasil, e na tentativa de melhor administrá-lo, foi adotado o sistema de capitanias hereditárias, em que grandes faixas de terras, as sesmarias, foram doadas aos que se propusessem a ser donatários das capitanias, tendo, por sua vez, de administrá-las, cuidar da

terra, plantar cana-de-açúcar, construir engenhos. Aos donatários, foi dada autonomia de gestão, sem perder de vista o cumprimento de deveres relacionados ao desenvolvimento das capitanias, além de obtenção de direitos que lhes permitiam, por exemplo, cobrar impostos, criar leis. Portugal tinha o direito ao monopólio na exploração do Pau Brasil, à parcela nos ganhos que a capitania obtivesse.

No Brasil, foram doadas, inicialmente, entre 1534 e 1536, 15 capitanias a 12 donatários; dentre elas, destacaram-se Pernambuco e São Vicente. A primeira, que foi administrada por Duarte Coelho, produziu grande quantidade de açúcar, devido às boas condições climáticas e da boa terra para o plantio da gramínea, o massapê. Além disso, tinha como vantagem o fato de estar mais próxima de Portugal que São Vicente, bem como mais próxima da África, de onde vinha a mão de obra escravizada.

São Vicente teve como donatário Martim Afonso de Sousa, que a desenvolveu, inicialmente, com o plantio da cana-de-açúcar, mas, com o passar do tempo, devido às condições naturais do local, como a natureza do solo e as condições climáticas, não houve muito progresso com a plantação da cana, diferente do que ocorreu nas capitanias de Pernambuco e Bahia, cujo sucesso com o plantio da cana-de-açúcar logo a superaram.

De uma forma geral, como os donatários não se comprometeram devidamente com o desenvolvimento das capitanias e como também não tinham recursos suficientes para isso, esse sistema de administração do Brasil não foi bem sucedido, sendo completamente extinto em 1759.

Paralelo ao sistema de capitanias hereditárias, foi criado, em 1548, o sistema de Governo geral, sendo Tomé de Souza o primeiro governador geral do Brasil, que governou de 1549 a 1553, estabelecendo Salvador como a primeira capital do país. Já nesse momento, a coroa portuguesa levava com o governador geral o interesse de um investimento mais encorpado na produção de açúcar em terras brasileiras. Em 1553, Duarte da Costa foi nomeado o segundo governador geral e, em 1555, Mem de Sá o substituiu. Governadores gerais e capitanias seguiram na história do Brasil até o século XVIII.

No período em que o Brasil ficou sob o domínio da Espanha, 1580 a 1640, foi proibida a entrada de navios holandeses em território brasileiro, o que os levou a lutar para conquistar o local onde havia mais produção de açúcar, o

Nordeste Brasileiro. E foi assim que os holandeses invadiram a Bahia, em 1624, e Pernambuco, em 1630. A permanência dos holandeses na Bahia foi breve, já que foram rendidos, em 1625, mas em Pernambuco, conquistaram Olinda e Recife e lá permaneceram por um bom tempo, estendendo o domínio às terras situadas entre Sergipe e Maranhão.

Em 1645, iniciaram-se as batalhas para expulsar os holandeses do Brasil, o que ocorreu em 1654, tendo como consequência a limitação de relação comercial com os portugueses e perda do controle do açúcar brasileiro. Com isso, partiram para as Antilhas, onde passaram a produzir açúcar e, devido à sua experiência de produção e comercialização do produto, dominaram o mercado internacional açucareiro, diminuindo, assim, o lucro dos senhores de engenho brasileiros, na produção de açúcar, já que a distribuição do produto passou para o domínio holandês. Devido a essa ampliação do mercado produtor açucareiro e a competição comercial, o açúcar deixou de ser uma especiaria rara, passando, portanto, a não ser tão valorizada.

O Brasil, que começou em terras em que hoje se encontra a região Nordeste, com o passar do tempo, constituiu-se, inicialmente, a partir da exploração da mão de obra escravizada, na plantação da cana-de-açúcar, formando uma sociedade que viveu conforme práticas e costumes que fizeram parte da vida em engenhos de cana, desde o século XVI, onde inicialmente a principal produção foi açúcar e, posteriormente, o vinho da cana, a aguardente, a *cachaça*, além do melão e da rapadura.

Como afirma Cascudo (1986, p. 86), “Onde mói um engenho, destila um alambique.” Isso implica em dizer que fabricar *cachaça* é uma consequência natural do trabalho na história dos engenhos e, com isso, se entende que tanto o açúcar quanto a *aguardente de cana* foram elementos presentes na formação da cultura da sociedade brasileira. Os engenhos que passaram a produzir *cachaça*, o fizeram, inicialmente, para o consumo local; a sua comercialização ocorreu em tempos posteriores, o que gerou dura repressão dos portugueses.

O trabalho com a cana-de-açúcar está diretamente relacionado à escravização de povos africanos, cuja prática firma-se como a base econômica da colonização brasileira, a partir da qual se garantiram exorbitantes e indecentes lucros aos portugueses. Conforme Lucchesi

O Brasil é o país mais escravocrata da história moderna do mundo ocidental, considerando o número de indivíduos escravizados, o percentual da população que representavam e o período por que se estendeu a escravidão, já que o Brasil foi o último grande país do Ocidente a aboli-la. (LUCCHESI, 2020)

Na contemporaneidade, ainda se tem reflexo das violências cometidas nos quatro séculos em que a sociedade teve como princípio a escravização de povos que considerou inferiores, classificando-os, inclusive, como peças que podiam ser vendidas, compradas, já que não eram conceptualizados como seres humanos. E como tal, “[...] eram submetidos a condições de trabalho extremos, ao ponto de a vida média de um africano escravizado na lavoura ser de apenas sete anos.” (LUCCHESI, 2020)

Por isso é justo, honesto e imprescindível discutir o reflexo histórico-sócio-cultural do trabalho da mão de obra escravizada, representada por seres humanos que atuaram como os reais sustentadores da sociedade colonial. Tais discussões devem ocupar os mais amplos e relevantes segmentos da sociedade, situados nos diversos setores, como no ambiente acadêmico, nas escolas de educação básica, nos espaços de trabalho, em templos religiosos, Instituições comunitárias, Instituições que promovem a arte e a cultura, entre muitos outros.

Albuquerque Júnior afirma que

O negro que fora, durante muito tempo, a solução para a falta de braços nas lavouras de exportação ou na atividade mineratória, invadira todo o cotidiano de uma sociedade dominada por uma elite que, em grande medida, desprezava o trabalho manual, que não se dispunha a carregar um pacote pelas ruas, por considerar aviltante, que dependia do escravo para quase todas as atividades mais comezinhas, fosse no campo ou fosse nas cidades. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017, p. 62)<sup>32</sup>

Tem-se, portanto, desde o início da inserção da população negra no Brasil, a construção de imagens e discursos que injustamente a desumanizaram e assim a desqualificaram. Conceptualizados como peças, como arredios, preguiçosos, seres sem almas, tinham os castigos e os espancamentos justificados por essas construções discursivas, que contribuíram para a construções de *frames* e que revelam a violência social, cultural que sofreram,

---

<sup>32</sup> Pontuação conforme o texto original.

sendo vitimados por um sistema que não considerou toda e qualquer constituição histórica e cultural desse povo, originário de locais diversos do continente africano.

### **2.2.3 Do canavial à mineração**

Dialogando com Trindade (2006, p. 37), que nos traz que, “Do Brasil dos canaviais, a cachaça passou ao Brasil do ouro”, é possível verificar que houve caminhos percorridos pela bebida no período da exploração dos minerais brasileiros.

A busca por minérios no Brasil se deu no início da colonização, ainda no século XVI, quando foram organizadas as expedições oficiais denominadas Entradas, que tinham o objetivo de, partindo do litoral, fazer o reconhecimento das terras brasileiras e verificar se e onde havia minerais e pedras preciosas. Mas essas expedições não obtiveram sucesso, visto que a produção de açúcar no Nordeste roubava, naquele momento, toda a cena da constituição da história do Brasil.

Como já assinalado, a produção de açúcar não alcançou o mesmo sucesso em São Vicente que no Nordeste, o que gerou uma crise comercial e financeira nos habitantes desse local, fazendo-lhes viver, por um bom tempo, com poucos recursos, favorecendo a formação de Bandeiras: expedições particulares que partiam de São Paulo em busca de minérios, que são minerais com valor econômico lucrativo para a exportação. Os bandeirantes, como eram chamados os seus adeptos, se organizaram com o objetivo de mudar a sua situação de pobreza e de escassez de recursos de subsistência. Albuquerque Júnior (2017, posição 896) nos traz um dos objetivos dos bandeirantes, que está relacionado à lucrativa contrapartida, como compensação a seus serviços prestados.

As bandeiras também se colocaram a serviço da administração colonial para o ataque a populações indígenas consideradas selvagens e agressivas ou a ajuntamentos de escravos fugitivos, os chamados quilombos, oportunidade em que reivindicavam e recebiam importantes doações de terras em forma de sesmarias. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017, posição 896)

Dentre as ações dos bandeirantes, a busca do ouro e do diamante, começou a dar resultado no século XVII, quando encontraram metais preciosos na região de Minas Gerais. O reino português foi um grande incentivador dessas expedições, pois estava empobrecido, como consequência do período em que esteve sob o domínio espanhol, e depositava esperanças de se reerguer com a exploração dessas riquezas no Brasil.

Nesse momento, a produção e comercialização do açúcar estava em crise, como já indicado, devido à concorrência com os holandeses, que, ao serem expulsos do Brasil, investiram na plantação da cana-de-açúcar em terras das Antilhas. A decadência do açúcar, a partir de 1660, foi mais um motivo para o investimento português na busca das minas do ouro ou das Minas Gerais.

A exploração de minérios, ocorrida no século XVIII, moveu muitas pessoas de Portugal e de vários locais do Brasil. Era a busca das riquezas minerais, que fora o objetivo primeiro dos portugueses, no reconhecimento e exploração inicial das terras brasileiras, mas que ocorreu efetivamente dois séculos após a chegada de Cabral.

Os portugueses, obviamente, com a atividade da mineração ativada no Brasil, não facilitaram na cobrança de impostos e não deixaram de fazer um controle da extração dos minerais. Claro que o excesso de impostos motivou e favoreceu a prática do contrabando e da corrupção nos entornos dessa atividade.

A extração desenfreada e desorganizada de metais preciosos do Brasil chegou à fase do esgotamento e da falência dos mineradores, que passaram a ser devedores de Portugal, que, por sua vez, por todo o período de exploração, se apropriou da maior parte das riquezas minerais brasileiras, com a finalidade de pagar a dívida que fizera com a Inglaterra, dentre muitas geradoras, as que foram fruto da assinatura de um acordo de ajuda à Inglaterra para se libertar da Espanha. Resumindo, apenas uma pequena parte do ouro brasileiro ficou no Brasil.

Na relação entre a história da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar com a mineração, vê-se que ambas eram adeptas às práticas exploratórias escravagistas, sendo as atividades do açúcar realizadas na zona rural e as dos minérios na zona urbana.

Os mineradores investiram na compra da mão de obra a ser explorada, passando a monopolizar o tráfico das pessoas que estavam sendo trazidas, agora, para trabalhar à força nas minas: quanto mais escravizados, mais se aumentava a margem de lucros, que poderia ser alta, não fossem as atitudes fiscalizatórias de Portugal. Com isso, a demanda do tráfico cresceu muito, em comparação ao que se costumava praticar para o eito da cana, sendo intensificada a necessidade maior de pessoas a serem exploradas como a mão de obra que atuaria na diretamente na busca dos metais preciosos no Brasil.

Do açúcar para a aguardente, a obtenção de lucros com a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar passou a ser uma realidade. A participação da *cachaça* na mineração está relacionada a sua inserção em muitas atividades socioculturais, em que o seu consumo se constituía como uma prática comum a todos os que trabalhavam nas minas. Era a bebida alcoólica muito apreciada pelos mineradores e utilizada por eles para muitos fins, como para se aquecerem do frio, para se distraírem, para serem socorridos na cura de algumas doenças e aplicadas diretamente em ferimentos. A *aguardente* era a bebida dos homens que trabalhavam na produção de suor, na resistência da dor do cansaço, da fome, da sede, daqueles que se submetiam a entrar em lugares perigosos e a ficarem horas à procura do ouro.

Trabalho, suor e *cachaça* era uma realidade das minas, por isso tão desejada e tão almejada era a bebida, que, para que lá chegasse, partia do litoral, sendo determinado que o caminho a ser feito, para locomover o material extraído das minas a ser transportado para a Europa, era um só: a estrada Real, que se iniciava em Paraty. Com isso, Portugal poderia fazer o controle do ouro, das pessoas e dos animais que circulavam, bem como a taxaço e tributos. Segundo Trindade (2006, p. 37), esse caminho era denominado caminho velho e “Mais tarde seria criado o Caminho Novo, cujo ponto de partida era o Rio de Janeiro”.

A fama de Paraty, como produtora de boa *cachaça*, favoreceu que sua bebida seguisse, com frequência, para as minas, pelo caminho velho, em tonéis de madeira. Como a viagem era longa e durava alguns dias, percebeu-se que a bebida transportada em tonéis da madeira alterava a tonalidade, o sabor e aroma.

Tem-se aí, provavelmente, a origem do saber do envelhecimento da *aguardente de cana* em toneis de madeira, que possibilitou o surgimento de um tipo de *cachaça*: a *cachaça envelhecida*, tão valorizada na atualidade, principalmente, mas não exclusivamente, àquelas que possuem o IG (Indicação Geográfica) de Minas Gerais, cujo trago de “prima”, como dizem os especialistas, é bem diferente da *cachaça* nordestina.

Portanto, a história do país conta um início de vida na região Nordeste, em que o plantio da cana-de-açúcar contribuiu para o desenvolvimento da economia local e para a prática de sua exportação no período do Brasil colônia, quando portugueses, indígenas, povos africanos, holandeses e outros europeus firmaram sua participação na história Brasil, por meio dos desdobramentos estabelecidos pela cultura promovida com o cultivo/plantio da cana, os quais, como bem sabemos, não foram nem um pouco justos com a mão de obra trabalhadora.

#### **2.2.4 A constituição sociocultural do Nordeste, no passado e no presente**

Como sociedade organizada, a localização Nordeste do Brasil possuiu, ao longo dos anos, uma divisão de classes bem marcada pela polaridade, em que as diferenças se potencializaram devido à concessão de direitos excessivos de uma classe e a ausência de direitos da outra. Era uma organização social em que a vontade dos mais poderosos tinha um exclusivo peso nas decisões, o que promovia a transgressão de regras e a falta de respeito às leis, com o objetivo de privilegiar as necessidades dos que não poderiam ser contrariados.

Na estrutura hierárquica da sociedade colonial, a obediência, por gratidão, aos senhorios, devido às benevolências concedidas, era uma realidade, o que não excluía a prática de açoitamentos aos subalternos, em caso de esses “beneficiados” se revelarem ingratos e/ou praticarem a desobediência. Poder-se-ia pensar que essa situação se limitaria a ocorrer no passado longínquo, mas, sabe-se que, na contemporaneidade, ainda se vê essa figura baseada na do senhor de engenho impregnando as relações sociais, em que pessoas se colocam no lugar da superioridade e reproduzem em suas falas e ações a ideia de que estão em condições altamente favoráveis diante de outras, em especial, às de poder aquisitivo menor, às pessoas negras. De um lado, tem-se o

colonialista de sucesso e do outro o pobre escravizado que, a cada dia, tem a sua cidadania aviltada e seus direitos, paulatinamente, sendo-lhes subtraídos.

Na terra dos senhores de engenho, a aristocracia se fez notadamente presente, como traz Freyre (1951, p. 45), ao afirmar que eram “[...] os senhores de engenho elevados a barões, viscondes, marqueses, senadores, ministros, conselheiros [...]”. Os barões dos engenhos foram o melhor apoio à Coroa portuguesa, tornando-se fieis à Monarquia. Nesse contexto social, há a referida distinção de classes: o senhor barão de engenho é o poderoso protetor daqueles cuja pobreza foi patrocinada pelo sistema escravagista, que ele protagonizou como o explorador.

Mesmo após a abolição da escravatura, uma maneira de manter o poder dos senhores foi firmar a submissão dos que tinham menos ou nenhuma posse, acompanhada da nula possibilidade de integração na sociedade, de viver com dignidade, como cidadãos, cujos direitos seriam assegurados e deveres traçados. Pelo contrário, não iam à escola, não votavam, não tinham uma moradia digna nem recursos para se manterem saudáveis, bem alimentados, entre tantas outras questões entendidas como essenciais para as classes abastardas, mas como luxo desnecessário para os desumanizados desvalidos.

O conceito de serviçal e subserviência de seres humanos ex-escravizados e seus descendentes, submetidos à baixa remuneração aos trabalhos prestados, se fizeram e se fazem presentes no decorrer da história de muitos brasileiros até nos dias de hoje. Cada qual em seu lugar, o espaço ocupado pelo senhor não deve ser compartilhado com o dos serviçais, que devem viver para trabalhar sem garantias de direitos para que, assim, o poder do senhor se mantenha firme e constante.

O espaço do Nordeste agrário é vinculado à sociedade que viveu e se formou com base nos feitos e frutos da cana-de-açúcar, época em que essa região foi o centro da civilização brasileira. A partir do plantio da cana-de-açúcar, que proporcionou grande fatia de lucro ao senhor de engenho, podem-se traçar interpretações de cunho social e psicológico, que constituíram uma sociedade baseada na monocultura, no latifúndio e na escravidão. Sobre essa perspectiva, afirma o Freyre (1951, p.12-3) que

A monocultura, a escravidão, o latifúndio – mas principalmente a monocultura – aqui é que abriram na vida, na paisagem e no caráter da gente as feridas mais profundas. O perfil da região é o perfil de uma paisagem enobrecida pela capela, pelo cruzeiro, pela casa-grande, pelo cavalo de raça, pelo barco à vela, pela palmeira imperial, mas deformada, ao mesmo tempo, pela monocultura latifundiária e escravocrata [...]” (FREYRE, 1951, p. 12-3)

São dois lados da moeda: o explorador nobre, com propriedades, muitas vezes, mais luxuosas que as edificações europeias, e o explorado subjugado a condições subumanas de sobrevivência. Nessas condições, a concentração da plantação da cana-de-açúcar no Brasil, no século XVI, proporcionou ao senhor de engenho uma lucratividade superior a que se obtinham em outros locais, como na Europa, por exemplo.

Ao se referir ao Nordeste, há que se entender que o Nordeste de hoje não é o mesmo da época colonial: há muitos Nordeste e o da cana-de-açúcar opõe-se ao que foi vinculado, posteriormente, à imagem da seca, da areia, das paisagens duras, dos madacarus. Segundo Freyre (1951, p. 36), “Esse Nordeste da terra gorda e de ar oleoso é o Nordeste da cana de açúcar. Das casas-grandes dos engenhos. Dos Sobrados de azulejo. [...] O Nordeste da primeira fábrica brasileira de açúcar de que não se sabe o nome.” Esse Nordeste contempla o recôncavo, da Bahia, ao Maranhão e o centro era em Pernambuco.

É a terra do massapê, que se ajustou perfeitamente ao plantio da cana, assim como a cana se adaptou bem a ela. Nessa terra, há as marcas pessoais e sociais empreendidas pelo o que a cana, os senhores de engenho e os escravizados viveram. O massapê era conhecido como terra doce, gorda, firme, que tinha profundidade e consistência. Como solo rico, permitiu que os senhores de engenho se firmassem nos locais, porque a terra era rica e forte, fértil. Dialogando com Alcarde (2017, p. 31) a respeito do solo adequado à plantação da cana, afirma o autor que a gramínea se adapta bem em solos “[...] profundos, argilosos, com boa fertilidade e boa capacidade de retenção de água.”

E aliado ao clima e à posição geográfica, o massapê favoreceu firmar-se a cultura do plantio da cana-de-açúcar, tecendo-se assim uma civilização baseada na cana, e em tudo que com ela se relaciona: o açúcar, a rapadura, o melado, a *cachaça*, os alimentos, os hábitos referentes à lida no eito, os hábitos alimentícios das pessoas que, com os doces, se labuzaram, engordaram e apodreceram os dentes.

Ribeiro (1995, p. 275) afirma que, nas terras do massapê, se fincaram “[...] as bases da civilização do açúcar, cujas expressões urbanas floresceram nas cidades-porto de Olinda-Recife, em Pernambuco, e de Salvador, na Bahia.”

Para Freyre (1951, p. 42),

Durante o período decisivo da formação brasileira, a história do Brasil foi a história do açúcar; e no Brasil, a história do açúcar, onde atingiu maior importância econômica e maior interesse humano foi nessas manchas de terra de massapê [...]. (FREYRE, 1951, p. 42)<sup>33</sup>

Essa terra foi alvo de interesse de outros povos, invasores estrangeiros. Foi desejada devido ao lucro que favorecia a quem a obtinha em seus engenhos, considerados engenhos de alta qualidade.

Embasada nessa cultura da exploração, que gerou grandes riquezas, e, como consequência, uma enormidade de alocações na linha da pobreza, tem-se a relação tríade: engenho, capela e casa grande, como uma das fontes da constituição sociocultural do país. Para o primeiro, destinam-se o trabalho suado, a exploração e o açoitamento; para o segundo, a fé, o arrependimento, a caridade e o dízimo, onde a exploração e o açoitamento não se excluem; e para o terceiro, tem-se o QG do poder, em todas as instâncias sociais.

E é, com essa composição sociocultural, que um construto de ideias a respeito da região, embasado em fatos reais, gerou imagens, que se desdobraram no decorrer dos séculos, se adequando a cada tempo. Essas imagens se encontram presentes no imaginário coletivo e estão representadas em obras literárias, bem como em documentos oficiais.

No passado, tinha-se, de um lado, o enriquecimento dos senhores de engenho e de sua família, e, de outro, a prática exploratória de mão de obra que teve como consequência o empobrecimento das pessoas que se envolveram diretamente com o trabalho pesado, a lida com a terra, cujos lucros oriundos de seu trabalho, não lhes pertenceram.

No presente, como consequências dessa organização social, criou-se o espaço do antagonismo: fartura e escassez, riqueza e pobreza, seca e frio, que permitem, por meio de Modelos Cognitivos, que sejam acondicionadas significações que possibilitam percebê-lo como um local em que a dicotomia

---

<sup>33</sup> Acentuação de palavras conforme o texto original.

irregular faz parte de sua natureza: há pobreza, mas há beleza; há riqueza, mas há tristeza. A alegria de seu povo não implica em estar conformado ou satisfeito com o que tem, principalmente porque, até hoje, ainda há ausência de políticas públicas justas, adequadas e igualitárias a todos os segmentos da população.

O espaço geográfico do Nordeste, constituído como se tem hoje, não corresponde ao mesmo local onde ocorreu o início da plantação da cana-de-açúcar, no início da Brasil colônia, quando as divisões do país eram em capitanias hereditárias. A atual concepção de Nordeste, seja na questão cultural ou geográfica, em sua divisão política, começou a ocorrer em 1910, como nos traz Albuquerque Júnior

Esta designação Nordeste para nomear uma região específica do país, tendo pretensamente uma história particular, uma cultura singular, só vai surgir, no entanto, muito recentemente, na década de 1910 do século XX. Antes, a divisão regional do Brasil se fazia apenas entre o Norte, que abrangia todo o atual Nordeste e toda a atual Amazônia e o Sul que abarcava toda a parte do Brasil que ficava abaixo do estado da Bahia. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017, posição 1253)

Uma parcela da elite nordestina, a que lida com atividades agrárias e pecuárias, iniciou a concepção do Nordeste e do ser nordestino. Contudo enganam-se as opiniões negativas sobre a população nordestina que, de forma resumida e generalizada, ainda a restringem à ideia de que são compostas por pessoas desnutridas, de cabeça e barriga grandes, que “não sabem falar” ou que falam feio, são cangaceiros, flagelados. E, como sinal de conformismo de sua pobre sina, antagonicamente, apresentam-se como pessoas alegres, fortes, aguerridas, festeiras, além de detentoras de uma gentileza ímpar.

É com base nessas e em outras ideias de senso comum que se aproveitam homens e mulheres que se candidatam a exercer cargos políticos, fazendo falsas promessas, dizendo em palanques e em horários eleitorais as palavras certas para conquistar votos, muitas das quais são esquecidas no período do mandato do ex-candidato. Resumidamente, a fotografia das ideias subjaz a imagem do nordestino ser a de um povo pobre, bondoso, festeiro e ingênuo, fácil de ser manobrado.

Nessa perspectiva, seguem-se os *frames* a partir dos quais se propagam que, diferentemente do que se diz ocorrerem nas outras regiões do Brasil, não há escolas de qualidade que deem conta de formar bem os estudantes

nordestinos, assim como as condições de trabalho do professor, na verdade, da professora, são as mais miseráveis e inadequadas.

Mas, contrariamente ao que se pensa, na vida real, têm-se informações propagadas em julho de 2019, quando foi divulgado o mapa do piso salarial dos professores do Brasil, de 2018. Conforme os dados, o estado do Maranhão apresentou o piso salarial de valor mais alto no país: R\$ 5.751,00<sup>34</sup>, seguido do Mato Grosso do Sul, que paga o piso de R\$ 5.553,00 e Tocantins, R\$ 4.377,00. O último lugar é ocupado pelo estado do Rio Grande do Sul, que paga o piso de R\$ 1.298,00 aos seus professores da educação básica. Como se vê, o notório reconhecimento do trabalho docente pelo governo maranhense revela investimento na educação realizada no Nordeste, o que contraria as afirmações que vinculam como verdades absolutas de que não há investimento de educação no Nordeste.

Sob uma outra perspectiva de se contar da história do povo nordestino, traz-se o depoimento que compõem o acervo do Museu da Pessoa, de Valéria Fagundes<sup>35</sup>, estudante de Jornalismo, nordestina, sertaneja de Manari, Pernambuco, que já foi considerada uma das cidades mais pobres do Brasil, conforme seu IDH.

Geralmente quando as pessoas perguntam de onde eu sou e digo que venho do sertão, as pessoas sempre imaginam, sei lá, a cabeça de um boi numa porteira, alguma coisa desse tipo, todo mundo passando fome e aí eu fico muito constrangida por isso, porque o sertão não é só isso. Ah, o sertão é um lugar bom de se viver. Muito bom mesmo. Assim, pra quem gosta de calmaria e tudo e de correr no meio da rua, de jogar bola no meio da rua até tarde. [...] Porque, geralmente, a mídia e a maioria dos veículos de comunicação mostram o sertão de uma forma muito ruim, assim, até muito árdua, mas ninguém vê o outro lado, que é o lado bom, que existe também. (MUSEU DA PESSOA)

A consequência de ideias negativas que se perpetuam sobre essa região é possível ser vista no momento em que estudantes nordestinos, especialmente os das escolas as públicas, se destacam em atividades acadêmicas curriculares ou extra curriculares, em âmbito nacional, sendo-lhes atribuídos o julgamento de “feito excêntrico”, um caso de exceção, que carrega a inerente ideia do exemplo

---

<sup>34</sup> Informação disponível em: <https://infograficos.gazetadopovo.com.br/educacao/piso-salarial-professor-no-brasil/>. Acesso em: 18 out. 2021.

<sup>35</sup> Informação disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/video/o-sertao-e-muito-mais-81265>. Acesso em: 18 out. 2021.

de superação, da sobrevivência diante das adversidades vencidas. Tal ideia se dá porque, naturalmente, o nordestino é visto de forma equivocada como um natural perdedor, um desnutrido, sem conhecimento adequado das coisas do mundo, das ciências da natureza, da Geografia, das Letras etc., portanto a sua vitória é um fato extraordinário, já que o seu lugar natural não deve ser o dos vencedores.

No mesmo sentido segue a exceção atribuída ao sucesso de um qualificado profissional nordestino. Em ambos os casos, aliam-se essas avaliações à tão questionada concepção da meritocracia, que se firma na ideia de que todas as pessoas partem de um mesmo ponto, logo possuem as mesmas condições de lidar com as oportunidades, por isso o melhor obtém êxito, que é aquele que mais se dedicou a vencer.

A meritocracia firma a atenção ao final do processo, valorizando o resultado exitoso, sem levar em consideração as condições reais de cada indivíduo. Numa sociedade tão heterogênea como a brasileira, as oportunidades não podem ser compreendidas como proporcionalmente iguais para pessoas de estratos sociais díspares e, mais incisivamente, para brancas, pardas e negras, pois sabe-se que, a essas últimas, por exemplo, oportunidades são negadas, devido ao preconceito racial, o racismo estrutural, que ainda tão impregnado na cultura brasileira, mas que movimentos de resistência estão imbuídos a combatê-lo.

Um ser humano que precisa lutar por direito de se alimentar três vezes ao dia, por exemplo, já está em desigualdade na concorrência com aqueles que isso ocorre naturalmente, não sendo, portanto, um motivo nem de preocupação nem de investimento de tempo e energia.

O estereótipo enraizado a respeito do povo do Nordeste faz-lhe desprender mais esforços que o normal, para provar a sua capacidade, para que seja respeitado, valorizado no exercício de suas funções. Nessa competição desleal, as condições de acesso de cada indivíduo são desconsideradas. Isso implica em dizer que, numa corporação, por exemplo, não é o bastante um nordestino ser competente, eficiente no que faz, se, em sua fala, realiza as consoantes oclusivas /t,d/, em contextos diante de /i/, como dento-alveolares, ao falar [ ' tiɛ ] e [ ' diɛ ], pois a ele o peso e a medida será diferente, porque, ao seu falar é-lhe atribuído um julgamento que poderá influenciar em seu resultado. O

seu êxito tem o peso da superação, do merecimento, porque se esforçou, e isso, como é feito, se torna cruel e aviltante, porque é uma luta que não promove descanso.

O Nordeste da seca é o da falta de chuva, de água, de luz e de muito do que se considera como necessidade básica do cidadão. Entendem o seu céu como desconstituído de nuvem. Como uma das duras realidades, há o abismo da desigualdade social visível nos tipos precários de moradia e na presença ou não de comida à mesa. A casa de taipa, aquela que vemos representada na obra de Almeida Júnior, “O Caipira picando fumo”<sup>36</sup>, ainda é possível de se ver por quem percorre as estradas do Nordeste, não sendo nada romântico nela residir, visto que ainda revela uma condição precária de ser humano subsistir, por não ter condições de morar em uma casa construída com tijolos, a qual lhe dê segurança sob o sol e sob a chuva.

Para essa parcela da população, recolher-se ao sono ao morrer do sol, ao findar do pôr-do-sol, porque não se tem luz em casa, também ainda é uma realidade, visto que o Programa “Luz para Todos”, que tem como objetivo levar luz elétrica para as famílias da zona rural brasileira, alcançou o atendimento, em 2018, de 16 milhões de famílias, das quais 1,69 milhões são do Nordeste.<sup>37</sup> Ter acesso à luz elétrica nas residências e nos estabelecimentos comerciais, nas ruas, é ter dignidade, é ter direito a melhores condições de higiene, de segurança, de conforto, de vida: é civilidade.

A diferença entre o que é idealizado a respeito da região Nordeste e a sua realidade está marcada nas ideias estereotipadas formuladas a respeito de seus moradores, os chamados, nordestinos, que, para muitos, de forma generalizada, implica em dizer que todo nordestino é Baiano ou Paraíba, é o Ceará, o Sergipe.

Seguindo essa linha de raciocínio para o povo do Nordeste, cabe representá-lo limitadamente e quase que exclusivamente a associações a festas folclóricas, relacionadas a eventos religiosos de práticas ecumênicas, que se vinculam a atividades de um passado, numa relação que é própria das festas

---

<sup>36</sup> Informação disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/caipira-picando-fumo-almeida-junior/>. Acesso em: 18 out. 2021.

<sup>37</sup> Informação disponível em: <https://www.pt.org.br/luz-para-todos-completa-15-anos-atendendo-16-milhoes-de-pessoas/>. Acesso em: 18 out. 2021.

populares. Nessas festas, as pessoas se amontoam para pagar promessas, para rezar, e também pulam, bebem, namoram.

Um bom exemplo de inadequada generalização do Nordeste são as manifestações culturais, que se apresentam de maneira distinta em vários locais, como ocorre com o carnaval que, na Bahia, apresenta-se de forma bem diferente de como acontece em Pernambuco, que, por sua vez, é distinto do Carnaval do Maranhão; o mesmo se dá com as festas juninas, os festejos da Semana Santa, *Corpus Christi*, que são comemoradas de forma diferenciada nos estados e cidades do Nordeste, assim como nas outras cidades do Brasil.

Portanto, se as manifestações folclóricas e culturais ocorrem de formas distintas nos estados nordestinos, é certo que há hábitos, crenças, costumes, pensamentos que são igualmente distintos, logo, o Nordeste não pode ser pensado como um local homogêneo. Respeitar a diversidade implica em ter a consciência de que há individualidades em cada parte da região do Nordeste do Brasil.

### **2.2.5 A formação do Nordeste brasileiro**

As terras que correspondem ao espaço do Nordeste brasileiro, como sabemos, quando os portugueses as avistaram e nelas pousaram, já eram habitadas por povos originários diversos, que foram conceptualizados como seres inferiores, totalmente desajustados às práticas comportamentais consideradas adequadas pelas civilizações europeias. Isso se configurava em vários segmentos, como no vestuário e nas indumentárias, no desconhecimento da religiosidade cristã, bem como de hábitos básicos de portar-se socialmente e de falta de conhecimento da cultura escrita clássica. Como aborda Teixeira (2001, p. 86), “Aqueles homens inopinadamente descobrem que seus iguais, meu Deus, não tinham as noções básicas da sociedade europeia.”

Decerto que o saber dos povos originários era outro, e a obviedade dessa afirmação se pauta na constituição de sua cultura, vivência, crença no mundo e em sua criação que eram distintos das experiências dos europeus.

E como povos diferentes que viviam em uma realidade igualmente diferente, os parâmetros de conhecimento se baseavam em recursos extraídos de sua relação com a natureza, aliados ao que fora adquirido por herança

ancestral, acrescido de suas próprias descobertas, que seriam passadas para os seus descendentes. As divindades, o sobrenatural e os conhecimentos se apresentam como fruto de uma cultura autóctone, singular e totalmente ajustada à realidade a que pertenciam os povos indígenas. Mas é claro que, na relação entre poder e conquistas e na priorização das práticas de comercialização, o jogo de interesse emplaca apenas um objetivo: ganhar e lucrar, mesmo que, para isso, tenha de enganar o detentor de conhecimentos que não tinha qualquer valor no mundo do capital.

Muito se lucrou com as riquezas materiais e humanas do Brasil e foi nessa condução exploratória que se formou a base histórica do brasileiro e, no caso, a que mais interessa aqui, a constituição do Nordeste. De uma forma geral, a tradicional organização física, social e política do Brasil ocorreu de maneira distinta, conforme períodos históricos, dentre os quais, citam-se as datações que, didaticamente, são organizadas em: Brasil Colônia, de 1500 a 1822; Brasil Império, de 1822 a 1889; e República, a partir de 1889 até os dias atuais.

No período da Brasil Colônia, como já fora mencionado, as capitânicas hereditárias foram as primeiras divisões territoriais que possibilitaram ao reino português organizar-se para tentar melhor administrar as terras brasileiras. Primeiramente ocupou-se o litoral, mas passados os anos, com a natural expansão das áreas de povoamento inicial, seguiu-se para o interior, o que proporcionou, de forma gradativa, a formação de vilas e cidades.

A busca dos indígenas para serem escravizados foi uma tensa realidade para esses povos, que movimentou homens armados a adentrarem nas terras com esse inescrupuloso objetivo, mas sem perderem de vista a possibilidade de encontrarem minérios em terras da colônia brasileira. Com isso, povoados foram formados, já que as incursões se demoravam e, como esses homens precisavam se alimentar, abriam-se roças, plantavam, além de construírem alojamentos, lavarem suas roupas e beberem águas dos rios etc. A existência de rios e afluentes é de grande relevância para a escolha dos locais em que se instalariam temporariamente.

Foi a partir da agricultura que, no período colonial, firmou-se no Brasil a cultura de subsistência e, principalmente, os tratos comerciais, tanto no mercado interno quanto no externo. Conforme Prado Júnior (2011, p. 136), “A agricultura é o nervo econômico da civilização.” Tem-se nessa relação da terra com a

economia dois conceitos importantes, a exploração da terra e a obtenção de lucros, sendo essa a base das relações socioculturais estabelecidas na sociedade brasileira e, mais especificamente, na nordestina. Não é difícil ainda se verem, na contemporaneidade, reflexos da sociedade agrícola colonial manifestarem-se em ações, comportamentos, exposições de ideias de brasileiros, inclusive sem que percebam a gravidade de serem repetidores de discursos e comportamentos inadequados à atualidade, como, por exemplo, os que se referem à segregação racial e social.

Além da agricultura, a pecuária foi de grande relevância para a formação do território brasileiro. Não se tratava de uma cultura tão dispendiosa e rebuscada como a da lavoura da cana-de-açúcar, assim o custo para lidar com o gado era bem menor que o que se tinha com a cana.

No litoral do Nordeste, os bois eram utilizados em trabalhos nos engenhos, nos trapiches, que se valiam desses animais como propulsores de energias que moviam as moendas. Uma descrição atual de moenda é trazida por Silva (2008, p. 98), que afirma que “[...] são máquinas de diversos tamanhos e capacidades, movidas por motor elétrico, motor de combustão, roda-d’água ou tração animal, que espremem a cana em cilindros ou rolos de prensagem.” No Brasil colonial, além das moendas que utilizavam roda d’água e tração animal, as pessoas escravizadas também eram utilizadas para realizar esse trabalho pesado de mover as moendas e essa imagem pode ser vista na tela de Jean-Baptiste Debret, de 1835<sup>38</sup>. Segundo Prado Júnior (2011, p.145), as moendas que se utilizavam de forma considerável no Brasil colônia eram as mais rudimentares, as que usavam a força do homem e animal. Segundo ainda o autor, “A utilização da água corrente como força motriz das moendas (engenhos d’água) de rendimento quase dobrado com relação ao da propulsão animal, também não é muito comum.” (PRADO JÚNIOR, 2011, p. 145)

Como seres fortes e resistentes, os bois entravam nos caminhos mais difíceis dos engenhos, além de carregarem as canas em transportes denominados de carros de boi.

---

<sup>38</sup> Informação disponível em: <https://historiahoje.com/o-martirio-do-acucar-os-aspectos-salvificos-da-escravidao/>. Acesso em: 18 out. 2021.

No período colonial, os animais bovinos eram vistos como prejudiciais à plantação de cana, pisoteando-a, causando muitos danos, já que as pastagens, situavam-se no próprio engenho. Embora tenham sido muito úteis como movimentadores nos trapiches, onde se utilizavam as moendas verticais, a grande quantidade de animais no engenho prejudicava o desenvolvimento da plantação de cana. Freyre (1951, p. 144) afirma que o gado foi enxotado para os sertões, sendo conservado apenas os que tinham função direta nos engenhos. “[...] repeliu o gado para os sertões como se enxotasse animais danados. Repeliu o gado do mesmo modo que as matas, que os pássaros, que as plantas, que os indígenas mais agrestes.”

Por isso foram desviados para o interior, onde se buscaram terras mais apropriadas às pastagens, favorecendo, nessa ocupação de terras, a formação de cidades, posteriormente. Como foi necessário retirar os currais dos engenhos, a procura de novas pastagens no interior favoreceu o adentramento em áreas no sertão nordestino. Com isso, tanto nas áreas correspondentes ao sertão do Nordeste como nas áreas do Norte do país, grandes latifúndios foram criados, nos quais também se perpetuaram a utilização da mão de obra escravizada. Com a separação da pecuária e a agricultura, segundo Prado Júnior (2011, p.143), perdeu-se a utilização de um importante elemento de nutrição do solo.

A fatal separação entre a agricultura e a pecuária, corolário daquele sistema, e que constitui um dos traços mais característicos da economia rural da colônia, também foi funesta para o trato do solo, privando-o como o privou do único elemento fertilizante de que poderia dispor: o estrume dos animais. (PRADO JÚNIOR, 2011, p. 143)

Não agradava aos senhores o investimento em pastagens, visto que a ocupação das terras com o gado impedia-lhes de obter mais lucratividade com a plantação de cana, a qual tinha de ocorrer em grandes faixas terrenas, portanto quanto mais extensa fosse a terra plantada maior seria a margem de lucros. Contudo, às terras não era dado o cuidado necessário para que a plantação tivesse a devida manutenção e o solo bem aproveitado, o que fazia com que terras fossem abandonadas e ficassem muito tempo sem utilização para o plantio devido ao seu desgaste. A queimada era uma técnica frequente e contribuía para o desgaste do solo.

Sobre essa importância do gado na formação de cidades, Cavalcante afirma que

Para movimentar os engenhos e servir de alimento às pessoas a eles agregadas, houve necessidade da criação de gado. Contudo, devido à rápida expansão das áreas necessárias ao cultivo da cana e aos estragos que o gado fazia aos canaviais, foi necessário adentrar o sertão em busca de novas pastagens. Esta expansão da pecuária foi criando aglomerados de pessoas, que depois se transformaram em vilas e cidades. (CAVALCANTE, 2011a, p. 276)

Foi um elemento necessário ao desenvolvimento do engenho, pois além de prover a força das moendas, dentre outras utilidades, também servia de alimento, sendo criado o hábito alimentar de consumo da carne bovina, e seu couro era utilizado como vestimentas.

Nascem dessa atividade pecuarista as figuras do vaqueiro e do boiadeiro que se dedicaram ao saber lidar com os bovinos e representam uma figura que conhece, laça e guia os bois mansos e ferozes, pelas terras do sertão nordestino. Em livros didáticos, a imagem desse vaqueiro nordestino aparece com vestimentas típicas de couro, que é resistente ao sol, ao suor, ao frio. Em Boulos Júnior (1997, p. 117), por exemplo, é apresentada a sua relação trabalhista, que, pela natureza da mentalidade colonial, não foi desvinculada dos resquícios do poder escravizador, que contribuiu para sua desvalorização, impedindo-o de ser visto como um importante elemento para o desenvolvimento da economia do Brasil. Os Vaqueiros “[...] eram homens livres que, depois de cinco anos de serviço, recebiam como pagamento um a cada quatro novilhos nascidos durante o seu período de trabalho” (BOULOS JÚNIOR, 1997, p. 117)

Tal figura icônica do sertão se viu representada no século XX como vestimenta típica do músico nordestino Luís Gonzaga, que se utilizava de um característico vestuário à base de couro, composto de chapéu de cangaceiro, roupa de vaqueiro e sandália de rabicho, para se apresentar publicamente, como informa Albuquerque Júnior (2017, posição 1706).

No decorrer dos tempos, acontecimentos políticos e socioculturais possibilitaram que, gradativamente, tenha ocorrido a expansão territorial do Brasil. No período do Império, quando foi mantido o regime da Monarquia, as terras iniciais das capitânicas hereditárias já tinham se ampliado, o que fez com que já houvesse uma nova divisão territorial, quando formadas as províncias,

dentre as quais contam-se: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe.

Com a República, o Brasil passa a se organizar em estados, tendo um delineamento que foi se alterando em alguns momentos, conforme interesses e necessidades políticas, até a Constituição de 1988.

Segundo o portal SNIRH – Sistema Nacional de Informação sobre Recursos Hídricos<sup>39</sup>, a primeira subdivisão regional do Brasil ocorreu em 1913, em que foram determinadas cinco regiões, assim organizadas:

Brasil Setentrional ou Amazônico (Acre, Amazonas e Pará); Brasil Norte-Oriental (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas); Brasil Oriental (Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e Minas Gerais); Brasil Meridional (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e; Brasil Central (Goiás e Mato Grosso). (SNIRH, Divisão Regional)

Em 1938, o Anuário Estatístico propôs uma reorganização, com base na estrutura utilizada no Ministério da Agricultura, em que as cinco regiões do Brasil eram subdivididas da seguinte forma<sup>40</sup>:

Norte (Acre, Amazonas, Pará, Maranhão e Piauí); Nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas); Este (Sergipe, Bahia e Espírito Santo); Sul (Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e; Centro (Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais) (SNIRH, Divisão Regional)

Já em 1942, o Brasil, conforme o Memorial da Democracia<sup>41</sup>, contou com a divisão do país em cinco regiões: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste, organizados da seguinte forma.

**Região Norte**, constituída dos estados: Amazonas, Pará e o território do Acre.

**Região Nordeste**, dividida em duas partes: ocidental, com os estados de Maranhão e Piauí; e oriental, formado por Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

<sup>39</sup> Informação disponível em: <http://portal1.snirh.gov.br/arquivos/atlasrh2013/2-I-TEXTO.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

<sup>40</sup> Informação disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/aprovada-a-divisao-regional-do-brasil>. Acesso em: 18 out. 2021.

<sup>41</sup> Informação disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 18 out. 2021.

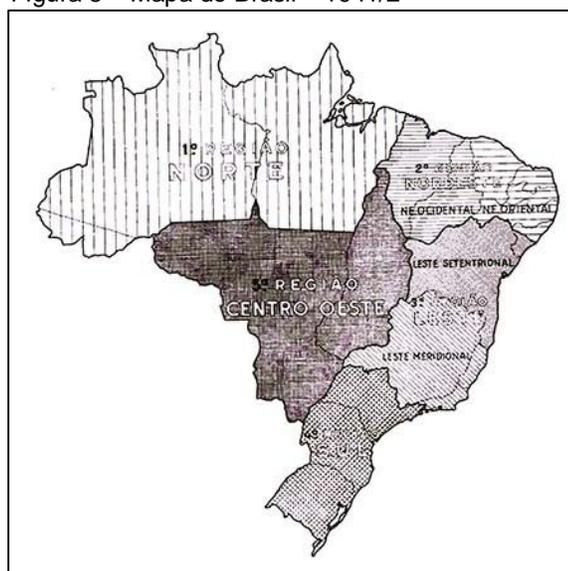
**Região Leste**, subdividida em Leste Setentrional: Sergipe e Bahia; Leste Meridional, formado por Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e o Distrito Federal, que, na época, era o Rio de Janeiro.

**Região Sul**, composta por São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

**Região Centro-Oeste**, constituída dos estados Goiás e Mato Grosso.

Segue mapa que representa essa divisão territorial do Brasil em 1941.<sup>42</sup>

Figura 5 – Mapa do Brasil – 1941/2



Fonte: Memorial da democracia

Conforme Mesquita (2011, p. 13), “Esta nova divisão também atendeu às demandas econômicas relativas ao modo de produção mais característico de cada ‘região social’ (agrário, pecuário, talássico ou industrial).” O autor informa que já havia nove propostas de divisão do Brasil em macrorregiões, que, por apresentarem critérios distintos, dividiam o país de cinco a dez regiões.

A partir de 1950, os estados do Maranhão e Piauí passaram a fazer parte da Região Nordeste e, em 1970, os estados da Bahia e de Sergipe foram incorporados a essa Região. Conforme o IBGE<sup>43</sup>, em 1970, ocorreu uma nova divisão do país em Macrorregiões, as quais resultaram na organização do

<sup>42</sup> Informação disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/aprovada-a-divisao-regional-do-brasil>. Acesso em: 18 out. 2021.

<sup>43</sup> Informação disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 18 out. 2021.

espaço brasileiro na composição que se tem na contemporaneidade: regiões Norte, Nordeste, Sudeste, o Sul e Centro-Oeste.

Em 1990, para que a divisão se adequasse à Constituição de 1988, houve as seguintes alterações: para a região Norte, foi criado o estado de Tocantins, numa divisão de Goiás; além disso, Roraima, Amapá e Rondônia passaram ao *status* de estado e Fernando de Noronha deixou de ser uma área federal, passando a fazer parte do estado de Pernambuco. Portanto, a configuração completa que se tem hoje do Nordeste brasileiro ocorreu a partir da década de 1970, ajustando-se em 1990.

A região é composta atualmente de nove estados e ocupa a área de 1.561.177,8 km<sup>244</sup>, dentre os 8.510.295,914 km<sup>245</sup> do território nacional brasileiro, equivalendo a 18,3% do espaço geográfico. Dentre os estados, o mais populoso é a Bahia, seguida de Pernambuco, Ceará e Maranhão.

Conforme Albuquerque Júnior (2017, posição 1383), o termo Nordeste, para se referir a essa região, surgiu em 1919, ao ser determinada a área de atuação do IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca), que fiscalizaria as ações governamentais que se destinaram a combater a seca, ocorrida no decorrer do Governo de Delfim Moreira. Antecedendo à inspetoria, houve, no governo de Epitácio Pessoa, em 1909, o movimento do IOCS (Instituto de Obras Contra a Seca),

[...] que representará, juntamente com o a inclusão da seca como calamidade pública, no capítulo V da Constituição Federal de 1891, as primeiras vitórias, no plano político, do discurso da seca, entoado pelas elites do Norte, desde a chamada grande seca do século anterior. (ALBURQUE JÚNIOR, 2017, posição1383)

A situação calamitosa de pessoas dessa região, que já passara pela denominada grande seca nos anos de 1877 a 1879, proporcionou a necessidade de criação do Instituto. Mas, devido às más intenções de aproveitadores, gerou-se a oportunidade de se formar uma rede de corrupção, que tinha como fluxo a solicitação e a concessão de verbas destinadas a sanar as necessidades

---

<sup>44</sup> Informação disponível em: <http://www.sudene.gov.br/area-de-atuacao/regiao-nordeste-estatisticas/nordeste-em-numeros/caracterizacao-do-territorio-nordestino>. Acesso em: 18 out. 2021.

<sup>45</sup> Informação disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 18 out. 2021.

descritas, reveladas e reais, acarretadas pela seca, sem que ocorressem providências para realização de obras e ações para a melhoria de vida dos nordestinos, que sofriam com a grande estiagem. Com isso, a seca tornou-se um produto quase que de referência exclusiva do Nordeste e uma fonte indecente de angariar votos, que se pautavam em falsas promessas de candidatos a cargos políticos e, ao mesmo tempo, um mote para incessantes solicitações de fundos para melhorar as condições de vida dos considerados “coitados” dos nordestinos, cujo desvio das verbas fazia parte de sua sina. Como consequência dessa rede de práticas que envolviam a seca, o nordestino ficou, de forma generalizada, marcado com a imagem do flagelado, cuja condição de vida é a mais miserável de todos os brasileiros.

O período longo de estiagem foi uma realidade que assolou o Norte e o Nordeste brasileiro. O registro dessa grande seca que ocorreu no século XIX fez com que os que dependiam da terra para tirar o seu sustento tomassem grandes prejuízos, além de ter provocado a morte de muitas pessoas.

A Revolução industrial, em que a Inglaterra investe na mecanização da mão de obra, torna os lucros mais altos, visto que ocorreria a produção em série de produtos, utilizando-se de uma quantidade menor de funcionários. O centro dessas atividades de industrialização era São Paulo, que se distinguiu das cidades nordestinas por ser considerado o local da modernidade, em oposição ao que se firmou como o pensamento do nordestino de preservar o passado. Reforçando o saudosismo, o nordestino se reveste de tradição e a ela se prende se configurando, muitas vezes, em uma oposição a essa modernidade, à sociedade capitalista, o que lhe dá o carimbo de lugar conservador.

A partir desse parâmetro evidenciado a São Paulo, ficou o Nordeste marcado como o local da manutenção das culturas coloniais, que envolvem o folclore, a religiosidade messiânica, a romaria. No Nordeste, um dos lugares mais famosos de Romaria são as que ocorrem, ainda na atualidade, em Juazeiro do Norte, protagonizado pelos romeiros de Padre Cícero. Segundo Patativa do Assaré, “Juazeiro é feito pelos Romeiros, viu?” (CARVALHO, 2000, p. 53), o que significa dizer que o romeiro e a romaria movimentam a economia da cidade em vários seguimentos: comércio, turismo, transporte, entre outros.

Devido ao processo de industrialização e à imigração de europeus para São Paulo, surgiu a necessidade de que atividades consideradas de menor

prestígio fossem realizadas, já que os europeus não queriam se submeter a fazê-las, pois achavam-nas humilhantes. Conforme Albuquerque Júnior (2017), essa necessidade fez com que buscassem no Nordeste pessoas para realizar tais atividades, que circulavam nos trabalhos manuais e de força, como domésticos, em construções etc. Foi dessa forma que, na década de 20 do século XX, nordestinos migraram para São Paulo, dentre eles e em maior volume, os baianos, o que proporcionou, por generalização e metonímia, a conceptualização de que todo nordestino seja chamado de baiano. Na década de 30, a migração para o Rio de Janeiro se concentrou com a população advinda de Pernambuco, do Rio Grande do Norte, do Ceará, da Paraíba, o que fez surgir o “paraíba”, seguindo o paradigma do baiano.

Nesse ambiente, domina o conceito do privilégio de valoração positiva, as pessoas de pele branca, que se julgavam de importância tal que não se permitiam submeter-se a serviços considerados menores.

Vinculada a características regionalizantes, tem-se a formação da identidade Nordestina, que começou a ganhar espaço na referida década do século XX, em que representantes do movimento regionalista se propuseram a tratar do Nordeste, dentre os quais se contam com Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos. A identidade do Nordeste brasileiro foi constituída a partir da produção de falas e imagens propagadas por intelectuais, escritores e artistas, que correspondem a construções históricas e simbólicas que sustentam a máquina de seu produto cultural e político.

O sertanejo desfrutou da visão romântica, em que foi visto como um ser humano bom, forte, resistente, aguerrido e de uma visão considerada realista, em que o trapo humano o define, pois é o flagelado, o ignorante que não sabe falar nem se comportar, digno de pena, porque a pobreza aparece como parte de sua alma.

A identidade nordestina partiu dos princípios de imagens construídas pela elite, pela imprensa e pela literatura, baseando-se em elementos iconizados que contrapunham o Nordeste às outras regiões do Brasil, como a seca, a pobreza, a precariedade de vida da população, o que favoreceu a criação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), em 1959, com o objetivo de promover o desenvolvimento da região, visto que se encontrava em condições econômicas aquém das regiões Sul e Sudeste.

A cultura impregnada pelas oligarquias dos senhores de engenho, a corrupção e o favorecimento ilícito promoveram o fim da SUDENE em 2001, que conforme Cabral (2011, p. 31)

A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste foi criada em 15 de dezembro de 1959, pela Lei no. 3.692, como meio de intervenção do Estado no Nordeste, com o objetivo de promover e coordenar o desenvolvimento da região. A instituição definia o espaço do Nordeste de forma diferente do usual. Assim, a região compreendida, que passaria a ser objeto da ação governamental, incluía os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e parte de Minas Gerais. O que também motivou uma série de discussões, tendo em vista a proposta da Sudene de considerar um Nordeste diferente do “verdadeiro”. (CABRAL, 2011, p. 31)

Ainda na contemporaneidade, na memória coletiva de uma parte de brasileiros, nordestinos são conceptualizados como pessoas incapazes de desempenhar tarefas de alta complexidade, de serem líderes respeitáveis, profissionais de sucesso.

### **2.2.6 Diz-me que *cachaça* bebes que te direi de onde vens**

A produção de *cachaça* na região Nordeste é elevada, sendo considerada a segunda maior produtora da bebida no país, já que a região Sudeste é a primeira. Conforme dados da Embrapa<sup>46</sup> – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária,

A *cachaça* é produzida em todos os Estados brasileiros, mesmo naqueles onde o cultivo da cana-de-açúcar não é favorável. Os maiores produtores de *cachaça* são: São Paulo (45%), Pernambuco (12%), Ceará (11%), Rio de Janeiro (8%), Minas Gerais (8%), Goiás (8%), Paraná (4%), Paraíba (2%) e Bahia (2%), sendo os três primeiros responsáveis por quase toda produção de *cachaça* industrial. (EMBRAPA)

Com isso, se vê que, dentre os maiores produtores da bebida, a região Sudeste produz 61% do total nacional brasileiro enquanto a Nordeste produz 27%, ficando a representatividade do Centro-Oeste com 8% e o Sul com 4%.

---

<sup>46</sup> Informação disponível em: <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/cana-de-acucar/arvore/CONT000fiog1ob502wyiv80z4s473agi63ul.html#>. Acesso em: 18 out. 2021.

Segundo ainda a Embrapa, dentre os quatro estados em que se concentram a produção da *cachaça* artesanal, a Bahia está incluída.

Nesse cenário nacional, Silva (2008) destaca a boa qualidade da bebida oriunda de alguns locais. Nessa lista, constam os estados Bahia, Ceará, Paraíba e Pernambuco, “[...] não só pelo volume de produção, industrial e artesanal, mas principalmente pelas iniciativas de melhorar a qualidade e a apresentação de seus produtos.” (SILVA, 2008, p. 39)

Dizer que uma *cachaça* é mineira é, de forma generalizada, o mesmo que afirmar que a *cachaça* é de boa qualidade, e isso foi construído pelo que se propaga e da simbologia esquemática que se construiu a respeito da *aguardente* produzida em Minas Gerais. Pode nem ser uma boa bebida, mas, na sua apresentação, é assim que chega: “Essa *cachaça* é boa, é mineira”. Já em relação à *brejeira* e à *serrana*, a marcação de localização tanto pode ter valoração positiva como negativa, a depender dos conceitos e percepções do consumidor, se gostar de uma bebida mais rústica, mais forte, vai atribuir avaliação positiva à bebida *brejeira*, *serrana*, por exemplo.

Já sobre *cachaça maranhense*, *cachaça sergipana*, *pinga baiana*, são marcações similares à *cachaça mineira* e podem revelar sinais de identificação e de valorização do local, fomentando o sentimento de pertencimento, pois é referida como a bebida de uma determinada terra. Sabe-se que, mesmo a *cachaça* tendo sua padronização para a produção, há uma variação de fatores que vão fazer com que uma se diferencie de outra, como o tipo da terra, o clima, a qualidade e o tipo da cana, a prática da fermentação, a água, entre outros.

A nomeação da bebida, como uma atitude identitária, revela a afetividade do ser humano com o seu meio sociocultural, que estende à sua relação intrínseca com as produções locais, dentre quais está a *aguardente*. A constituição do sentimento de pertencimento, a depender dos *frames* construídos socialmente, poderá ou não promover à bebida a sua vinculação a valores positivos na sociedade.

Segundo Albuquerque Júnior (2017, posição 55/56), “A relação do homem com a terra é marcada, portanto, pelo apossamento, mesmo que passageiro, pelo domínio, mesmo que fugaz, e pelo sentido, mesmo que provisório.” Portanto, atribuir à bebida uma ideia de posse, vinculada ao seu local de origem, tem, como consequência, estabelecer uma relação entre esse produto e os

conceitos atribuídos ao local, podendo, no caso, também sofrer os mesmos preconceitos que o gentílico em questão.

Uma bebida *brejeira* ou *serrana*, uma *pinga baiana*, *cachaça sergipana* e *cachaça maranhense* podem circular nos domínios das polaridades, por serem associados aos valores que os gentílicos a elas relacionados possuem. Dessa forma e nesse contexto, uma *cachaça brejeira* já chega em qualquer lugar com o estigma atribuído ao brejo, portanto, terá de conquistar os gostos, se quiser provar que é uma *cachaça* boa. O mesmo ocorre com a *cachaça baiana*, que, se estiver diante de uma bebida mineira, terá de provar o seu valor, pois, a que procede de Minas já sai na frente na avaliação, apenas pelo fato de ser mineira, o que não se revela uma boa ideia, visto que não se pode nem se deve confiar nas generalizações.

Entende-se, assim, que, em um movimento metonímico de pensar e nomear as coisas do mundo e levando em consideração a perspectiva de cada comunidade cultural, as afirmações taxativas são inadequadas e delas podem originar os preconceitos.

O preconceito sobre a bebida, assim como de outros produtos brasileiros, iniciou-se no período da colonização, quando Portugal propagava a ideia de que muitos produtos do lado de cá do Atlântico eram de menor qualidade em comparação aos produtos lusitanos. A concorrência de produtos brasileiros com os de Portugal era inadmissível, logo desmerecê-los era uma prática que possibilitou a criação de afirmações e comportamentos que favoreciam conceituações pejorativas relacionadas ao que se produzia no Brasil e que não era de interesse de Portugal, como a *aguardente*, o *vinho da terra*, que concorria com a *bagaceira* portuguesa e prejudicava os negócios portugueses.

Sobre essas ideias pejorativas, Cavalcante (2011a, p. 224) afirma que o português, “Como todo colonizador que se preze, incutiu na cabeça dos aqui nascidos que eles pertenciam a uma raça inferior [...]”. E numa associação entre as pessoas e as coisas a elas relacionadas, se é atribuída valoração negativa ao povo brasileiro igualmente o é a que ele produz.

Sobre preconceito, nos traz Albuquerque que

[...] muitos dos nossos preconceitos, muitas das nossas formas de caracterizar os outros, de ver os habitantes de dados lugares e países, foram pensados e produzidos em outro momento, em outro contexto

histórico, motivados por situações diferentes das de hoje, mas que, no entanto, continuam se repetindo em opiniões, imagens e estereótipos [...] ALBUQUERQUE (2017, posição 187)

É nessa perspectiva que o Nordeste se desenvolveu no decorrer de séculos, por isso, diante da história de formação do território brasileiro, é essencial compreender a importância da constituição de seu espaço físico, geográfico e das identidades e ele relacionadas.

As práticas políticas indevidas, no decorrer de séculos, em que houve o aproveitamento das condições precárias de parte do Nordeste para praticar a corrupção desviando as verbas concedidas pelo Governo Federal, fizeram com que ao nordestino se vinculassem ideias que se desdobram em significações que colaboraram para fomentar a xenofobia, como se vê divulgado todos os dias e como ocorreu, por exemplo, com a jornalista Renata Alves, que, em 2016, foi atacada por internautas devido ao seu modo nordestino de falar<sup>47</sup>.

Não é mais possível conceber que comportamentos xenófobos ocorram na contemporaneidade e que aos nordestinos sejam atribuídas concepções de inferioridade.

O Nordeste, por muito tempo, protagonizou brutalidades, insensatez, exploração e depredação de suas riquezas e culturas. E é nesse contexto que se constituiu o nordestino, que, muitas vezes, foi e é identificado com a ideia restritiva constituída no Brasil colonial de ser inculto, mas que figuras como Patativa do Assaré e tantas outras personalidades das mais diversas áreas do conhecimento demonstraram e demonstram que ser nordestino é ser brasileiro e, como se entende na Dialetoлогия, é com a diversidade que se garantem as identidades.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA**

A reflexão interdisciplinar, nesta tese, se deu a partir de princípios afins entre as três vertentes da Linguística, no que concerne à relação entre o ser

---

<sup>47</sup> Informação disponível em: <https://recordtv.r7.com/hoje-em-dia/fotos/renata-alves-e-alvo-de-ataque-racista-na-internet-e-desabafa-o-preconceito-e-uma-doenca-14102018#!/foto/1>. Acesso em: 18 out. 2021.

humano, a língua que utiliza em suas comunicações e a cultura que o cerca e da qual faz parte.

Para condução das reflexões e da análise dos dados, que foram obtidos por meio da aplicação de um questionário em uma entrevista linguística, deve-se levar em conta essa aliança interdisciplinar, em que, na natureza de cada uma, se tem:

- (i) a Dialetoлогия, ao apresentar, principalmente, a variação diatópica das denominações para a *aguardente* no Nordeste brasileiro, levando ainda em consideração a sua metodologia de captação e de exposição de dados, a geografia linguística;
- (ii) a Linguística Cognitiva, que entende que o significado é perspectivado e que o ser humano estabelece relação entre mente, corpo e contexto; e
- (iii) a Etnolinguística, que estabelece uma relação entre os nomes, os saberes das coisas e a cultura, levando em consideração o contexto socioculturalmente estratificado.

Dessa forma, tanto na fundamentação teórica-metodológica como na análise dos dados, os conceitos das três vertentes se farão presentes, aliados, ainda, a reflexões referentes à Lexicologia e à Onomástica, especificamente, os Oniônimos.

Com o objetivo de melhor situar o(a) leitor(a), fundamentou-se, teoricamente, a respeito do referente pesquisado: a *cachaça*, envolvendo os seus aspectos históricos, sociais e culturais, em relação à produção e ao consumo, além de aspectos que envolvem as nomeações eufêmicas.

### 3.1 A DIALETOLOGIA, O FALANTE E SUA CULTURA

[...]. Quando o crente foi passando/ Com a escritura na mão/ O cachaceiro abraçou-o/ Nesta mesma ocasião/ Ele disse: 'Ô camarada/ Vamos tomar uma lapada/ De pitu com camarão?' Disse o crente: 'Deus me livre/ A minha lei não adota/ Eu jogar nem tomar cana [...]' (SILVA, 2008, p. 73)

Tratar do estudo de língua é pensar sobre a sua variação e o papel que o seu maior autor, o falante, desempenha para que esse instrumento de

comunicação, de interação e de propagação de culturas se mantenha vivo, conservando, ao mesmo tempo, sua unidade e sua heterogeneidade linguísticas.

O cordel supracitado, que, segundo Silva (2008, p. 72), denomina-se “Discussão de um Crente com um Cachaceiro”, foi escrito por Vicente Vitorino de Melo. Nele constam duas variantes para *aguardente*: *pitu* e *cana*, cuja produtividade é relevante nos manuais que tratam da bebida, bem como na fala dos participantes dos inquéritos do Projeto ALiB, especificamente, na região Nordeste. Se em algum momento houve dúvida de que o nome-marca *Pitú* fosse utilizado em situações de fala como variante de *cachaça*, ao ver o seu uso também nesse texto poético, o cordel, que se constitui como uma genuína manifestação cultural da literatura popular nordestina, ratifica-se que *Pitú* é, realmente, conforme o Modelo mental metonímico, um sinônimo da *aguardente*. Ao trazer *pitu* e *cana* como variantes em seus versos, o cordelista demonstra a vivacidade desses itens linguísticos para se referir à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar<sup>48</sup>.

Na literatura de cordel, fazem-se presentes motes diversos que movem questões de natureza sociocultural, cujas expressões linguísticas retratam e representam a identidade de um povo. No trecho do cordel em questão, podem ser vistos outros exemplos de variantes linguísticas, pertencentes ao universo da bebida, como *lapada* e *cachaceiro*. Para quem possui o domínio de experiência com a *aguardente*, entende que essas lexias fazem parte de sua rede lexical e semântica. Para a primeira, temos, como exemplo, além da ocorrência de *lapada*, outras, como o uso de *dose* e de *meiota*, para se referirem à porção da *aguardente* a ser bebida, como se pode verificar no exemplo 6, em que consta parte da resposta da informante conceptualizadora e categorizadora da faixa etária I, ensino fundamental de Salgueiro (63):

- (6) [...] INF. — Geralmente ele chega e pede assim: "me dê uma dose de *pinga*; me dê uma *meiota*, me dê um... só isso.

---

<sup>48</sup> A discussão a respeito do uso dessa lexia como nome-marca (*Pitú*) e como nome comum (*pitu*) se dará na seção que se refere ao estudo da Lexicologia.

E, para *cachaceiro*, conforme os itens que ocorreram nas respostas à pergunta 144 – “Como se chama a pessoa que bebe/bebeu demais”, temos suas variantes *pingunheiro*, *papudinho*, *beberrão*, entre outros.

Dialogando com Ferreira *et al.* (1996, p. 480), que trazem que, “[...] na realidade, a língua vive através da diversidade”, entende-se que, nessa relação entre a natureza da língua, os elementos socioculturais e o estudo semântico lexical há uma questão significativa, a partir da qual também se deve refletir, e que foi abordada por Altino; Yida (2015, p. 215).

O princípio de que investigar uma língua é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema linguístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema da vida, à visão de mundo de um determinado grupo. (ALTINO; YIDA, 2015, p. 215).

Assim como os seres humanos têm sua história, os seus usos linguísticos também a têm, e para realizar o estudo da relação das variedades da língua e a cultura a que pertencem os falantes, busca-se apoio teórico e metodológico na Etnolinguística que, segundo Velarde (1991), tem como o objeto de estudo o aspecto cultural do uso da língua e se dedica a compreender a relação entre as variedades linguísticas e as suas representatividades na cultura de uma sociedade. E é nesse sentido que *Pitú* e *cana* comportam-se como variantes de *aguardente* cujos usos indicam representações à cultura local.

Conforme Cardoso, (2016a, p. 17) “[...] o falante é indissociável no seu existir e no seu agir, no seu ser e no seu fazer do *locus* em que se situa.” Essa afirmação ultrapassa o conhecimento exclusivo da área da linguagem e remete ao conceito da psicologia da Gestalt que “ênfatiza a integração de experiências pessoais em totalidades significativas.” (CAPRA, 1996, p. 43) e assim estabelece um intrínseco vínculo entre a língua, o contexto e o falante, em que, conforme o pensamento sistêmico, o todo é mais e menos que a soma das partes, ou seja, há uma integração entre as partes que correspondem a “[...] totalidades significativamente organizadas que exibem qualidades que estão ausentes em suas partes.” (CAPRA, 1996, p. 42)

Portanto, todas as características do falante, as suas informações individuais e obtidas na coletividade, compõem as suas particularidades, que são

determinantes para a constituição de seu conhecimento linguístico, social e cultural. Dessa forma, a sua interação comunicativa com outros membros da sociedade em que vive dá-se no tom da composição de sua história pessoal acrescida de histórias coletivas vivenciadas socialmente e refletidas na língua que fala.

Com base também na supracitada afirmação de Cardoso (2016a), se traz como elemento imprescindível para a compreensão dos usos linguísticos a condução que se traçou nesta tese entre três vertentes linguísticas, por meio de uma perspectiva interdisciplinar, entre a Dialetoлогия, a Etnolinguística e a Linguística Cognitiva. Dessa forma, vê-se possível realizarem-se pesquisas conciliando os princípios das referidas áreas da ciência da linguagem, baseando-se nas atitudes comunicativas do utente conceptualizador e categorizador, que, por meio de suas experiências corpóreas, se utiliza da língua para interagir, fazendo uso de itens léxicos, variantes ou não, que revelam sentidos, significados e aspectos de evidências socioculturais, próprios de determinado meio, sendo utilizados em situações de interação comunicativa.

A relação entre língua e cultura se estreitou entre a Dialetoлогия e a Etnografia e foi retratada por Rossi (1967, p. 97), que afirma que se deu de forma ampla pela trajetória da metodologia coisas-palavras, constituindo-se numa necessidade imperiosa para, conforme o dialetólogo, “Quem quer que tenha ousado a aventura de uma investigação de campo nos domínios do léxico de uma área de certa extensão geográfica [...]”. (ROSSI, 1967, p. 97) Contudo, para que a Dialetoлогия não se distanciasse do âmbito da linguística, dissolvendo-se em etnografia, foi importante firmar que “[...] na investigação dialetal muito de etnográfico deve aparecer, mas nem tudo deve ser etnográfico.” (ROSSI, 1967, p. 97)

Considerar que as nomeações para *aguardente*, que ocorreram nos inquéritos linguísticos do Projeto ALiB, revelam informações histórico-sócio-culturais das localidades da região Nordeste do Brasil, se torna imprescindível para que se tenha uma visão mais adequada e, ao mesmo tempo, mais específica da conexão entre as realizações linguísticas, e, no caso, as suas variantes de natureza diatópica e diastrática e a realidade atual e/ou passada da comunidade de falantes a que pertencem.

Quando se pensa em uma bebida legitimamente brasileira, que incorpora todos os elementos socioantropológicos do país, como o hábito, o folclore, as religiões, as classes, a economia, a culinária e os problemas sociais, automaticamente, lembramos da pura e genuína *aguardente de cana-de-açúcar*. (SILVA, 2008, p. 58). Portanto, à *aguardente* está vinculada uma elevada quantidade de itens lexicais que variam não apenas nas suas denominações, mas nos hábitos, costumes e nas ocasiões em que são contempladas, visto que é uma bebida que está presente no cotidiano do brasileiro, em situações, muitas vezes, informais, o que favorece que a criatividade do falante seja exercitada em sua excelência no uso da norma popular da língua.

Buscar conhecer as denominações que os entrevistados apresentaram para *aguardente* revela de que forma esse elemento da cultura brasileira se faz presente na rede de conhecimento do falante conceptualizador, especificamente, do nordestino participante do Projeto ALiB.

Como um elemento da cultura, que faz parte da vida de muitos brasileiros, trata-se de um excelente objeto de estudo para se verificar a distribuição espacial e social de suas variantes, bem como os modelos cognitivos utilizados pelos informantes conceptualizadores, no momento da entrevista linguística, revelando a representatividade cultural dessas variantes nos membros da(s) localidade(s) em que foi/foram mencionada(s).

### 3.1.1 Dialetoлогия

A vertente da linguística que trata prioritariamente do estudo da variação espacial é a Dialetoлогия, que, conforme explicita Cardoso (2010, p. 15),

[...] é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. (CARDOSO, 2010, p. 15).

Como acréscimo à definição apresentada por Cardoso, traz-se a que foi exposta por Silva-Corvalán (1989, p. 8),<sup>49</sup> que afirma que

---

<sup>49</sup> La dialectología es una disciplina con una larga tradición, con una metodología bien establecida y una rica y valiosa literatura. Es indudable que la dialectología ha hecho aportes de importancia a la sociolingüística y a la lingüística en general.

A dialetologia é uma disciplina de longa tradição, com metodologia bem estabelecida e literatura rica e valiosa. Sem dúvida, a dialetologia deu importantes contribuições à sociolinguística e à linguística em geral. (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 8).

Ferreira *et al.* (1996, p. 480) afirmam que a Dialetologia procura descobrir e descrever as características próprias da fala utilizada em diferentes regiões, “[...] tentando identificar áreas mais ou menos coesas, assim como determinar os factores que levam à sua formação”.

A Dialetologia é uma tradicional área da linguística, que se interessa primeiramente pela distribuição diatópica das variedades de uma língua, considerando que à fala característica de pessoas de determinado espaço estão associados aspectos sociais e culturais advindos da vivência em coletividade do utente.

É imprescindível se traçar uma metodologia que permita, de forma criteriosa e sistemática, obter informações *in loco* que possibilitem realizar considerações que podem ser comparadas ao papel de um fotógrafo que, ao captar uma imagem, pelo singular olhar do artista, dá margens a descrições e interpretações, a qualquer tempo, dos elementos que a constituem. A fotografia de um momento de língua é revelada não apenas pelos usos linguísticos dos utentes, mas pelo como e em que condições de fala ocorreram, sendo o contexto e as suas experiências corpóreas de extrema importância para a constituição desses usos.

Refletindo sobre a afirmativa de Silva-Corvalán (1989, p. 8), os estudos em Dialetologia antecedem os estudos em Sociolinguística, sendo o início daquela datado do século XIX e o desta do século XX. Ambas têm como objeto de pesquisa a variação linguística e o que as diferencia, inicialmente, é que a Sociolinguística se dedica ao estudo da língua a partir das variáveis sociais que podem interferir na variação e na mudança da língua e a Dialetologia dedica-se, prioritariamente, mas não exclusivamente, aos estudos das variantes diatópicas. Por algum tempo, essas duas vertentes da linguística seguiram seus estudos separadamente, mas, o avançar das pesquisas e o interesse de ampliar-se a integração entre as variações diatópicas e diastráticas, resultou no aparecimento de pesquisas denominadas como sociodialetológicas ou geossolinguísticas.

Silva-Corvalán (1989, p. 8) afirma, inclusive, que, devido ao fato de ambas estudarem a língua falada e os usos linguísticos relacionados a grupos de indivíduos e de reconhecerem a heterogeneidade da língua, entre outros, são, até certo ponto, consideradas sinônimas<sup>50</sup>.

Para a realização da pesquisa dialetal, cujo interesse é a busca do falar de determinado “campo linguístico a ser investigado”, Ferreira e Cardoso (1994) postulam a metodologia adotada por Nelson Rossi, segunda a qual “[...] o **fazer** é que **ensina**, o **fazer** é que **dita** o método [...]”. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 23) Todo pesquisador de campo, dentre os quais se inclui o dialetólogo, bem sabe o que essa afirmação significa, visto que, por mais que tudo esteja planejado, tudo esteja antecipadamente bem organizado e até que se prevejam os possíveis imprevistos, o caráter surpresa, de natureza inerente às pesquisas de campo, possibilita que a experiência no fazer dite o melhor método para se vencerem as barreiras impostas pela imprevisibilidade.

Pode-se prever muito do se vai encontrar no trabalho de campo e assim, de forma organizada, antecipar: o local em que se vão realizar as entrevistas, o contato antecipado com os informantes que serão entrevistados, o preparo dos materiais eletrônicos a serem utilizados, entre outros. Todavia, o saber ser inquiridor revela-se em momentos em que a preparação técnica não é a única nem a principal habilidade exigida, mas quando se vê na condição de ter de agir com eficiência, conforme situação pela qual se está passando, que, muitas vezes, é inusitada, sem se esquecer de que, de forma alguma, se pode perder o inquérito, muito menos violar os princípios de ética que envolvem o respeito ao ser humano que se está entrevistando.

A esse fazer do labor do dialetólogo, em que a questão técnica está relacionada à ética do inquiridor, acresce-se a preocupação de cunho social no trabalho desse pesquisador, que já se revela na definição da metodologia da pesquisa, quando se determina o perfil do informante. De acordo com Cardoso (1999, p. 146), no momento em que se está na busca de dados geolinguísticos, a preocupação de cunho social se confirma a partir dos seguintes pontos: “[...]”

---

<sup>50</sup> Sociolingüística y dialectología se han considerado hasta cierto punto sinónimas en cuanto a que ambas disciplinas estudian la lengua hablada, el uso lingüístico y establecen las relaciones que se dan entre ciertos rasgos lingüísticos y ciertos grupos de individuos. Así como la sociolingüística, la dialectología ha reconocido desde siempre la existencia de la heterogeneidad lingüística.

(i) a recolha de dados *in loco* e mediante entrevista direta com o informante; e  
(ii) as características do informante de que resulta, conseqüentemente, a natureza dos dados coletados.”

No universo cultural de uma localidade, as escolhas traçadas na metodologia do trabalho de campo conduzirão aos resultados obtidos. O universo de opções é amplo, mas, se, por exemplo, escolher-se pesquisar somente pessoas do sexo feminino ou apenas uma faixa etária, permitir-se-á obter um certo resultado, a partir do qual ocorrerão afirmações referentes ao *corpus* e ao contexto, mas nunca afirmações determinadamente categóricas. E mesmo que se trabalhe com mais de um sexo, mais de uma faixa etária, afirmações relativizadas são sempre mais adequadas, visto que devem ocorrer ponderações a respeito do momento em que a recolha de dados foi feita.

Essa é a beleza natural de um trabalho linguístico dialetológico, a sua fonte de estudo é de teor inesgotável e, ao mesmo tempo, que se caracteriza por uma ímpar dinamicidade, concilia-se ao sentimento, muitas vezes, identitário de pertença dos falantes. Com isso, entende-se que a condução da pesquisa depende do olhar, do desprendimento e do comprometimento do pesquisador ao traçar os objetivos metodológicos e ao aplicá-los em sua atuação no campo. Por mais que se pense que a leitura dos dados coletados é uma atividade técnica, objetiva, a condução discursiva na relação entre informante e inquiridor revela que a sensibilidade e a subjetividade do pesquisador exercem papel fundamental no momento da leitura dos dados.

O dialetólogo deve estar atento às manifestações de caráter etnolinguístico, tanto no momento da pesquisa *in loco*, aquelas que podem se configurar como próprias de certas culturas, quanto as que forem percebidas no decorrer das interpretações dos dados.

Como afirma Rossi (1967, p.89), “[...] o verdadeiro dialectólogo deve caracterizar-se por uma certa cautela contra as verdades estabelecidas, deve alimentar acesa uma chama de desconfiança mesmo sobre o óbvio.” O que leva a entender que esse curioso pesquisador em Dialetologia deve sempre estar com muita atenção ao realizar trabalhos *in loco* ou, de outra maneira, assim também se comportar ao desfrutar dessas pesquisas por meio das audições dos inquiridos, para que possa lançar mão de intervenções adequadas em seus estudos da língua e suas variantes. Por isso, além dos aparelhos eletrônicos que

acompanham as pesquisas linguísticas de campo, anotações em papel, ocorridas no decorrer do dia, devem ser feitas, pois, certamente contribuirão para interpretações futuras. O dialetólogo é um garimpeiro das variantes linguísticas de caráter diatópico.

O desdobramento da realização da pesquisa de campo leva os pesquisadores a participarem de experiências culturais peculiares, muitas vezes, distintas de seu cotidiano. Cita-se, como exemplo, a atividade de coletar os dados *in loco*, que é constituída de viagens que promovem, além dos deslocamentos dos inquiridores, a permanência nas localidades, por um certo tempo, mesmo que mínimo, o que lhes permite conhecer pessoas da cidade, hábitos linguísticos e socioculturais e até participarem de manifestações da cultura local, contribuindo para que o pesquisador obtenha vivências de caráter etnográfico.

### 3.1.2 A variação dialetal

Para além das teorias, definições metodológicas e descrições, há tradicionalmente, nos estudos da Dialetologia, o interesse pela busca do dialeto ou dos dialetos, que, conforme Coseriu (1982, p. 18), a partir de uma variedade espacial, é uma língua subordinada a uma língua histórica. Segundo o autor, “[...] toda língua considerada no espaço geográfico será um ‘sistema dialetal’ ou um ‘dialeto’”.<sup>51</sup> (COSERIU, 1982, p. 18)

Para o estudo do *dialeto*, há definições, discussões e questionamentos já firmados e divulgados amplamente no âmbito acadêmico, constituindo-se uma vasta literatura desse assunto de teor dialetológico.

A variação na língua portuguesa falada no Brasil é, muitas vezes, percebida com clareza nas diferenças linguísticas ocorridas nos usos de pessoas pertencentes a locais distintos, como zonas rurais e urbanas, cidades da capital e do interior, estados e regiões. Aliando-se a essa percepção, há as avaliações a esses usos associadas às que se fazem dos locais que os utilizam. E é assim, por exemplo, que itens marcados como pertencentes à fala de

---

<sup>51</sup> [...] toda lengua considerada en el espacio geográfico será un sistema dialetal o un dialecto.

peças da capital desfrutam de mais prestígio que os da fala de pessoas das cidades do interior.

Esse aspecto, inegavelmente, corrobora para a manutenção e propagação de preconceitos, tanto com as pessoas e os locais de onde procedem quanto com os usos considerados pejorativos. E isso pode e deve se extinguir ao ser devidamente trabalhado nas escolas da educação básica, que contam hoje com documentos norteadores e Instrumentos normativos em que habilidades e competências linguísticas devem ser intensificadas, com base nas práticas que consideram o respeito sociocultural dos discentes, bem como a valorização de sua identidade.

A variação dialetal é real, conforme se sabe, tanto intuitivamente como por meio de resultados obtidos em pesquisas linguísticas, mas, ainda, muitas vezes, prevalece a errônea ideia de valoração dos usos, em que a fala das pessoas de uma cidade mais desenvolvida economicamente, por exemplo, é considerada melhor que as de outras e, como consequência, essa valoração atribuída à competência linguística é assimilada ao ser humano que a utiliza, provocando um imenso prejuízo pessoal, exatamente porque não se desvencilha o dialeto das pessoas que o usam.

Percebe-se, portanto, a importância de se intensificarem os estudos dialetais do Brasil, para que o teor científico, certamente imparcial, dilua os julgamentos de caráter *nonsense* que permeia a vida das pessoas. Mas sabe-se que, de forma sistemática e com base em dados linguísticos, obtidos por meio de pesquisa de campo, a determinação dos dialetos do Brasil não é uma tarefa simples tampouco uma busca recente.

Para o uso da forma *dialeto*, por exemplo, Rossi (1969, p. 87) revelou que, mesmo havendo esforços para atribuir “[...] um sentido estritamente lingüístico para o termo, ainda não se conseguiu extrair dele as conotações extra-linguísticas, que oscilam entre o politicamente depreciativo e o culturalmente hierarquizante”. Esse teor avaliativo do termo perpetua até a contemporaneidade, em que, no senso comum, os dialetos são vistos de forma pejorativa, considerados como variedade de menor valor da língua, já que são entendidos como maneiras de se expressar fora do padrão normativo da língua.

Nos estudos linguísticos, de uma forma geral, tem-se usado o termo variante para classificar a variação observada em determinada área, em que

itens se diversificam nos seus diversos sistemas: lexical, morfológico, sintático, semântico, fonético-fonológico, que podem ser relacionados aos eixos diatópicos, diastráticos, diafásicos.

Para Silva-Corvalán (1996, p. 9) “O objeto de estudo da dialetologia são os diversos dialetos de uma língua”<sup>52</sup>. Chama atenção para as conotações pejorativas atribuídas ao termo e afirma que “[...] Para o linguista, sem dúvida, é um termo técnico que simplesmente se refere a uma variedade da língua compartilhada por uma comunidade linguística.”<sup>53</sup> A linguista associa essa variedade às diferenças determinadas pelos fatores como idade, sexo, classe social, localização geográfica, que fazem parte de grupos sociais e estabelecem a formação de variedades dialetais e que se manifestam conforme características semelhantes e associadas aos grupos.

Ampliando a percepção que se deve ter a respeito do conceito de dialeto, traz Coseriu (1982, p. 19) essa perspectiva social ao estudo linguístico, ao afirmar que uma língua histórica não se restringe à variedade dialetal, pois possui três tipos de diferenças: diatópica, diastrática e diafásica. Sendo que a primeira trata a respeito de variações linguísticas situadas em espaços geográficos; a segunda se refere às diferenças registradas conforme os estratos sociais dos falantes e a terceira ocorre de acordo com as diversas situações de fala.

De forma simples e direta e procurando fazer uma reflexão do uso do termo em questão, Chambers e Trudgill (1994, p. 19)<sup>54</sup> afirmam que, obviamente, a Dialetologia é o estudo dos dialetos. Seguem os autores questionando o que seria um dialeto, e trazem as informações que comumente são utilizadas para se referirem ao termo, a saber:

- ✓ na linguagem do cotidiano, uma forma rústica de língua, um sub-padrão da língua, associada a classes desprestigiadas na sociedade.
- ✓ Línguas que não têm tradição escrita, especialmente faladas em locais isolados.

---

<sup>52</sup> El objeto de estudio de la dialectología son los diversos dialectos de una lengua.

<sup>53</sup> Para el lingüista, sin embargo, éste es un término técnico que se refiere simplemente a una variedad de lengua compartida por una comunidad lingüística.

<sup>54</sup> La Dialectología, como es obvio, es el estudio del dialecto y de los dialectos. Pero ¿qué es exactamente un dialecto?

- ✓ Classes de desvios da norma, aberrações da norma padrão da língua.

Enfatizam, inclusive, que não há sentido um dialeto ser considerado linguisticamente superior a outro, mas que é muito útil classificá-los como subordinados a um idioma, sendo, portanto, uma subdivisão de uma língua. (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 19-20) Os autores descartam as considerações que inferiorizam o dialeto e para o termo adotam a seguinte definição<sup>55</sup>: “[...] se refere a variedades diferentes de outras variedades do ponto de vista gramatical (e talvez lexical), bem como fonológico.” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 22) E chamam atenção para o fato de empregarem “[...] a variedade como um termo neutro que aplicaremos a qualquer tipo específico de língua que desejemos considerar, por algum motivo, como uma entidade individual.”<sup>56</sup> (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 22)

Cardoso (2016a, p. 16) destaca que “Os dialetos se distribuem geograficamente, assinalando as diferenças espaciais que podem ser detectadas, constituindo, assim a diatopia da língua.” Entende-se que, como traz Coseriu (1982), às diferenças espaciais devem-se considerar as características sociais dos falantes. Sobre a língua, Cardoso (2016), dialogando com o linguista romeno, enfatiza a sua conceptualização como uma abstração, “[...] uma vez que, nos atos de fala, ela já se apresenta diversificada, com usos diferenciados conforme o momento, as circunstâncias da elocução, as características sociais do falante.” (CARDOSO, 2016a, p.15) Portanto, como se pode verificar nas concepções apresentadas, entende-se ser consensual, entre os linguistas/dialetólogos, que a língua se realiza nos dialetos.

As afirmações de Cardoso (2016), por exemplo, induzem à reflexão da importância do papel da Dialetologia não somente para os estudos linguísticos tradicionais como também para os mais inovadores, podendo-se citar desde a implantação da metodologia pluridimensional, que permitiu que se considerassem os aspectos sociais controlados nas pesquisas de campo, até a

---

<sup>55</sup> Dialecto, por su parte, se refiere a las variedades que son diferentes desde un punto de vista gramatical (y quizás léxico) además de fonológico de otras variedades.

<sup>56</sup> Emplearemos variedad como término neutro que aplicaremos a cualquier clase particular de lengua que deseemos considerar, por algún motivo, como una entidad individual.

relação interdisciplinar que estabelece com outras áreas da linguística, como a Etnolinguística e a Semântica Cognitiva.

Thun (2017a, p. 75) afirma que a geolinguística pluridimensional ampliou as concepções sociolinguísticas, pois projeta em um determinado espaço “[...] o comportamento linguístico expresso por cada variável sociolinguística e, então, compara os mapas isoladamente.” E, dessa forma, a partir dessa metodologia, é possível inferir que “[...] todo fenômeno linguístico, em cada grupo de falantes e em cada estilo, pode ter uma difusão própria no espaço.” (THUN, 2017a, p. 75) E, como tal, pode-se compreender o falante como um ser sistemicamente atuante em uma prática comunicativa de integração social, o que pode revelar que a percepção de seu todo é de tamanha complexidade que se torna inapropriado segmentá-lo, analisá-lo em partes separadas, sem que haja prejuízo de alguma ordem.

Vê-se, portanto, a urgência e a eminência de concretizar-se um pensar sistêmico na abordagem prático-teórica da Dialetoлогия, que permite ampliar seus horizontes na interpretação dos dados coletados por seus pesquisadores, em que, aliando-se à sua distribuição diatópica associada às variáveis sociais do informante, acrescem-se a compreensão da relação entre as variedades e os aspectos culturais da sociedade, bem como os modelos mentais idealizados acionados pelo entrevistado, no momento em que interage com o inquiridor. É uma percepção que se localiza não apenas na descrição das formas ocorridas, tampouco na relação diatopia X diastratia, mas na compreensão do porquê e de como ocorreram, levando em conta elementos cognitivos, corpóreos e enciclopédicos do ser tanto no âmbito de sua individualidade como no da coletividade.

Nessa perspectiva, a Dialetoлогия pode chegar a conceitos de língua e dialeto ressignificados, ajustados de forma a contemplar as elaborações reflexivas dos tradicionais teóricos da Dialetoлогия, que se debruçaram a pensar nesses conceitos, mas acrescentando uma concepção que contempla o ser humano, para o qual se considera a sua inteireza.

Para o cumprimento do papel proeminente da Dialetoлогия, no estabelecimento da relação entre língua, seus dialetos e a determinação das áreas dialetais, Rossi afirmou, em 1969, que, por haver uma ignorância da realidade linguística brasileira, os trabalhos realizados se deviam mais por

audácia que por prática científica, por isso posicionou-se dizendo que “[...] costumo falar de dialetos cuja distribuição geográfica ninguém conhece com um mínimo de rigor.” (ROSSI, 1969, p. 87) E o dialetólogo assim complementa a afirmação:

Por mais convencional que se considere a classificação dos dialetos de uma língua sempre haverá que estabelecer quais os traços linguísticos a considerar peculiares a cada um e a área geográfica, tanto quanto o estrato social que lhe cabe. (ROSSI, 1969, p. 87)

Portanto, para se delimitar uma área dialetal, se fez estritamente necessário a realização de pesquisas dialetológicas no decorrer dos anos, a partir das quais se poderão traçar as áreas dialetais brasileiras.

Cardoso e Mota (2017), com base nos dados do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al.*, 2014b), apresentam o delinear de algumas áreas e subáreas dialetais no português do Brasil com base em diferenças fônicas e lexicais. As autoras contrastam elementos linguísticos dos falares do Norte com os falares do Sul, cuja divisão dialetal se baseia na conhecida divisão de Antenor Nascentes, referente à predominância dos usos das vogais médias abertas no Norte do país e das vogais médias fechadas no Sul.

Os métodos utilizados pela Dialetologia constituem-se em formas sistemáticas de obtenção de dados a partir de atos de fala, que podem ser coletados de maneiras diversas, como a aplicação de questionário linguístico, a gravação de falas espontâneas e/ou de falas com temas direcionados, entre outros. Obtidas as respostas, a contribuição da Geografia Linguística é determinante para a exposição dos resultados da pesquisa em mapas linguísticos, o que possibilita traçar isoglossas, permitindo se ter uma visão tanto ampla como específica das realizações linguísticas, a partir das quais se pode chegar a dialetos, que possuem os seus limites, independente das fronteiras geográficas.

A isoglossa, como explanam Ferreira e Cardoso (1994, p. 13), é “uma linha virtual que marca o limite também virtual, de formas e expressões linguísticas”, portanto, um dialeto é um feixe de isoglossas. Esse feixe de isoglossas demonstra a distribuição das variedades linguísticas nas diversas áreas dialetais, considerando relevante a presença e a ausência de dados

apresentados nas falas dos informantes que, por sua vez, revelam tanto as diferenças regionais ou diatópicas, como as sociais.

Conforme Coseriu (1982, p. 19), a partir das diferenças, e por meio da constatação de um sistema de isoglossas, o dialeto de uma língua constitui-se, em um ponto espacial, a partir de unidades sintópicas que reúnem, de forma convergente, elementos que o constituem e o caracterizam. Certamente, do mesmo modo, às diferenças diastráticas e diafásicas correspondem as unidades sinstráticas e as sinfásicas, sendo aquelas referentes aos usos relacionados aos estratos sociais do falante e estas associadas ao estilo, como o familiar ou solene, por exemplo. Chama atenção o autor que essas unidades podem apresentar elementos comuns, pois

[...] dentro de cada unidade sintópica, geralmente existem diferenças diastráticas e diafáticas (nível e estilo); em cada nível, podem ser verificadas diferenças diatópicas e diafáticas, e em cada estilo de língua, há diferenças diatópicas e diastráticas.<sup>57</sup> (COSERIU, 1982, p. 20)

O que o leva a afirmar adiante que em dialeto sintópico, por exemplo, há várias isoglossas diatópicas. Sobre o uso desses termos, assevera Coseriu (2017, p. 14) que *diatópico*, sintópico, *diastrático* sintrástico foram utilizados pela primeira vez por Leiv Flydal em 1951, aos quais ele acrescentou em 1958 o termo *diafásico* e sinfásico, que foi inicialmente chamado de diafático e sinfático.

Ferreira e Cardoso (1994) trazem à tona a concepção de essas unidades serem organizadas como subsistemas e apresentam um conceito de dialeto, relacionando-o à concepção de isoglossas, em que se captam contrastes (diferenças) e semelhanças (unidades): “subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a própria língua.” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12)

Coseriu (1982, p. 16) afirma que a língua se realiza através de suas variedades e que ninguém fala a língua histórica, mas uma variante dessa língua, uma forma determinada da língua. A língua histórica, portanto, se constitui como uma língua idealizada, que se realiza ao se apresentar nos usos dos falantes,

---

<sup>57</sup> “[...] dentro de cada unidad sintópica suele haber diferencias diastráticas y diafáticas (de nivel y de estilo); en cada nivel podrán comprobarse diferencias diatópicas y diafáticas, y en cada estilo de lengua, diferencias diatópicas y diastráticas.”

em momentos de interação comunicativa. É dessa forma que a língua se mostra viva e atuante.

Os estudos dialetais permitem obter dados, que são expostos na publicação de atlas ou de trabalhos científicos, e que possibilitam firmar a compreensão de como a inerente heterogeneidade da língua se apresenta nos mais diferentes contextos, nas mais distintas identidades de grupos de falantes, que se assemelham ao compor um conjunto. Essa diversidade se concretiza, por meio da constatação de cada feixe de isoglossas, que permite que sejam traçadas realidades linguísticas que representam cada área dialetal.

No decorrer de sua história, os estudos dialetológicos foram realizados, com a utilização de metodologias diferenciadas, que geraram produtos que condiziam com as condições socioeconômicas da época.

Esses estudos são divididos em fases e a primeira é apresentada por Antenor Nascentes, registrada na revista ORBIS, nos exemplares de 1952 e 1953. A primeira fase compreende o período de 1826 a 1920. Essa data inicial tem como marco a publicação do estudo do Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, no *Atlas Ethnographique du Globe*, por solicitação do geógrafo Adrien Balbi. (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 17). Nessa etapa, há trabalhos centrados nas especificidades do léxico do português do Brasil, resultando na elaboração de dicionários, vocabulários e léxicos regionais, e, como exemplo, há, entre outros, o *Dicionário de brasileirismos* de Rodolfo Garcia, em 1913. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 38)

A segunda fase corresponde ao período de 1920 a 1952 e é marcada pela publicação de *O dialeto Caipira* de Amadeu Amaral, em 1920, além de *O linguajar carioca* de Antenor Nascentes, em 1922. Ambos apresentaram, em suas obras, “[...] a observação direta à área a descrever-se e a preocupação com uma metodologia de abordagem voltada para o exame da realidade considerada nos seus diferentes aspectos.” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 39) Nesse período, houve a realização de estudos de caráter gramatical, bem como de trabalhos lexicográficos, como os glossários regionais.

Conforme Cardoso (2010, p. 134), essa fase

É marcada pela produção de trabalhos de cunho monográfico voltados para a observação de uma área determinada, buscando descrever os fenômenos que a caracterizam não só do ponto de vista semântico-

lexical, mas também fonético-fonológico e morfossintático. (CARDOSO, 2010, p. 134)

Para essa segunda fase, Ferreira e Cardoso (1994, p. 43-4) apresentam ainda quatro grupos de publicações:

Grupo 1: Léxicos e glossários regionais, citando-se como exemplo: “O vocabulário pernambucano”, de Pereira Costa, publicado em 1937.

Grupo 2: obras que discutem o português do Brasil, de uma forma mais geral, como: “A língua do Brasil”, de Gladstone Chaves de Melo, em 1946.

Grupo 3: estudo e discussão de aspectos e especificidades linguísticas de uma área geográfica, de uma região, tendo-se, como exemplo: “A língua do Nordeste”, de Mário Marroquim, de 1934.

Grupo 4: a contribuição africana na formação do português do Brasil, com a publicação de 1933: “A influência africana no português do Brasil, de Renato Mendonça.

A publicação do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, foi determinante para dar o início à terceira fase, que é demarcada de 1953 a 1996. Esse documento definiu “[...] as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, que vinha a ser criada [e] assentava como principal delas a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, [...]”<sup>58</sup> (CARDOSO, 2010, 138)

Em 1958, ocorre a publicação de Antenor Nascentes, *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*. Trata-se de uma fase em que há a “[...] produção de trabalhos com base em *corpus* constituído de forma sistemática e é marcada pelo início das preocupações com o desenvolvimento e implementação dos estudos da geografia lingüística no Brasil”. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 44) São confeccionados atlas estaduais, sendo o pioneiro o APFB - *O Atlas Prévio dos Falares Baianos*, publicado em 1963.

A quarta fase foi proposta por Suzana Cardoso e Jacyra Mota (2006), em que é determinante a implantação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, o ALiB,

---

<sup>58</sup> Conforme o decreto: “§ 3º A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa - fonológicas, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas, bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do “Atlas Linguístico do Brasil”. Informação disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 11 abr. 2022.

que incorporou em sua metodologia os princípios da Sociolinguística e, assim, a visão monodimensional deu lugar à visão pluridimensional.

A partir de então, no Brasil, pôde-se verificar, nas pesquisas dialetais, a efetivação da relação entre os aspectos diatópicos e os aspectos sociais. Por meio da Geolinguística pluridimensional, foi possível realizar o controle e o registro da variação diatópica, condução principal dos estudos dialetológicos, agregada aos das variações sociais, como a diassexual, diageracional, diastrática, diarreferencial e diafásica. Com isso, "O falante é visto como um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido e em múltiplas direções." (CARDOSO, 2010, p. 63)

Teles (2018, p.80) propõe a divisão dos estudos dialetológicos em cinco fases, em que a quinta fase se inicia com a publicação dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al.*, 2014)

Conforme Thun (2017a, p. 73), certamente Gilliéron conhecia a condução pluridimensional para a pesquisa geolinguística, contudo foi necessário que as concepções labovianas sociolinguísticas se firmassem para que os aspectos sociais fossem considerados e "[...] a geolinguística monodimensional se tornasse pluridimensional."

Ferreira e Cardoso (1994, p. 23) indicam, como Metodologia de trabalho em Dialetologia, quatro etapas na investigação dialetal: "1. Preparação da pesquisa 2. Execução dos inquéritos 3. Exegese e análise dos materiais recolhidos 4. Divulgação dos resultados obtidos". Pode-se dizer que essas etapas se cumprem paulatinamente, a cada estudo realizado com base nos dados do Projeto ALiB, entendendo-se que se finalizaram as etapas 1 e 2 e que, no momento, o trabalho consiste em realizar as etapas 3 e 4, para que a complexa variação dialetal do português falado no Brasil seja conhecida e reconhecida pelas comunidades científica e geral, brasileira e mundial.

### **3.1.3 A Geolinguística**

O estudo diatópico da variação linguística por meio de registros geolinguísticos se firmou com a publicação do ALF – *Atlas Linguistique de la France*. Segundo Nascentes (1958, p. 7), a partir do empreendimento do

fundador da geografia linguística, Gilliéron, não se pode negar “[...] o valor dos atlas linguísticos nem o seu caráter de indispensáveis”.

Segundo Thun (2017a, p. 66) “Com Gilliéron, começa a era da consciência aguçada, que caracteriza, até hoje, as pesquisas mais inovadoras da geolingüística”.

Para a Dialetologia, a língua falada distribui-se em espaços cujas fronteiras geográficas não necessariamente coincidem com os limites linguísticos. Como recurso para demonstrar a relação entre esses limites e essas fronteiras, desfruta a Dialetologia do seu método por excelência: a Geografia Linguística ou Geolingüística, que expõe os seus resultados em cartas linguísticas, constantes no Atlas.

De acordo com os registros, a Dialetologia brasileira, utilizando-se da geolingüística, nasceu onde o Brasil nasceu, no estado da Bahia, na Universidade Federal da Bahia. Cardoso (2010, p. 141) afirma que: “O primeiro passo concreto, no campo da geolingüística, vem a ser dado por Nelson Rossi, que, elabora, com a colaboração de um grupo de licenciadas recém-graduadas, do qual se destacam Dinah Isensee e Carlota Ferreira, o *Atlas Prévio dos falares baianos*. (ROSSI, 1963)”. Esse pioneiro Atlas possui dados de diferentes áreas semânticas, obtidos com aplicação de um questionário com 164 questões em 50 localidades, onde foram inquiridos 100 informantes, na maioria das vezes, dois por local, homens e mulheres, cujo nível de escolaridade foi: analfabeto e semi-alfabetizados, na faixa etária de 25 a 84.

Conforme Ferreira (1998, p. 20), mesmo havendo a recomendação de que os entrevistados de cada localidade fossem de sexo e idades diferentes - entre 25 e 60 anos -, isso nem sempre ocorreu. Foram inquiridos 57 mulheres e 43 homens, destacando-se o fato de que, em sete localidades, houve apenas entrevistas com mulheres. Em relação à idade dos informantes, “[...] oscilaram entre 25 (04 informantes) e 84 (01 informante), sendo que a maioria (83 informantes) teve como limites 39 e 69 anos.” (FERREIRA, 1998, p. 20)

Como observado, o perfil de informante adotado no APFB não coincide, inteiramente, com o citado por Chambers e Trudgill (1994, p. 57), identificado como NORMS (*nonmobile, older, rural, males*) ou, segundo Zágari (1998, p. 36), HARAS (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário). Segundo Zagari (1998, p. 35-6), trata-se de uma consideração da Dialetologia tradicional para o

estudo das formas rurais, que “[...] teve o seu valor por ter registrado dados que, de outra forma, se teriam perdido”. (ZAGARI, 1998, p. 36).

Em relação às localidades, no *Atlas Prévio dos falares baianos* (ROSSI, 1963), na medida do possível, seguiram-se os critérios de “[...] antiguidade, vida própria, relativo isolamento, população numericamente representativa, [...] conjugado ao critério equidistância *versus* densidade demográfica.”

Sob a perspectiva do dialetólogo Nelson Rossi (1967, p. 104),

[...] a dialetologia é essencialmente contextual: o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou em outra área. (NELSON ROSSI, 1967, p. 104).

Esse olhar da importância da contextualidade para a Dialetologia permite que se perceba que, por meio dos atlas linguísticos, se tem a forma mais adequada para avaliar, de maneira comparativa, os fatos linguísticos, contextualmente captados, em que a sua presença e ausência funcionam como régua para visualizar e mensurar a sua distribuição nas áreas dialetais. Com a pesquisa dialetológica, é possível verificar *in loco*, tanto com a aplicação de questionários linguísticos como utilizando-se de conversa com os habitantes da localidade, as formas dialetais que se apresentam, muitas vezes, distinta das que são utilizadas pelos pesquisadores, seja na prosódia, na pragmática, na morfossintaxe, no nível lexical, entre outros.

Cardoso (2016a, p. 15) destaca os aspectos fundamentais dos estudos dialetológicos: as diferenças e igualdades que se apresentam nas manifestações linguísticas e, a partir das ocorrências documentadas, a verificação de presença e ausência de dados. Trata-se, de fato, de uma visão dicotômica de que se valem os pesquisadores para as considerações dos dados coletados, registrados e demonstrados em cartas linguísticas, por exemplo. Entende-se que essa visão funciona bem para os estudos dialetológicos, visto que esse tipo de comparação não estabelece a impossibilidade de exclusão do dado, mas registra que a forma X ocorreu em um local e não ocorreu em outro. Os pares dicotômicos, no entanto, não descartam a existência do *continuum*, tão adequado às afirmações contemporâneas dos estudos linguísticos, já que o fato de não haver registro no momento da pesquisa não implica na inexistência da forma no local. O fator da

continuidade estabelece-se como um elemento adequado para a consideração dos estudos linguísticos que se baseiam em comparações.

Para tanto, é necessário que as ponderações ocorram por parte dos pesquisadores, principalmente os que lidam com a geolingüística ou a geografia linguística, que, de acordo com Coseriu<sup>59</sup> (1965, p. 5),

[...] designa exclusivamente um método dialectológico e comparativo que teve um desenvolvimento extraordinário em nosso século, especialmente na zona rural românica, e que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente grande de formas lingüísticas (fônica, lexical ou gramatical) verificada por pesquisa direta e unificada em uma rede de pontos de um determinado território ou, pelo menos, leva em conta a distribuição de formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas e aos dialetos ou aos falares estudados.

O *APFB* (Rossi, 1963), por exemplo, possui transcrição fonética das lexias registradas nas cartas, possibilitando, por meio delas, que o pesquisador obtenha dados do mapeamento léxico-semântico e fonético das respostas apresentadas pelos informantes.

Sob a coordenação de Nelson Rossi, foi também realizado o segundo atlas estadual do Brasil, o *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA *et al.*, 1987), o ALS, que foi publicado após 14 anos de finalização dos trabalhos, em 1987. Por esse motivo, o ALS é o quarto atlas publicado no Brasil. Rossi (1969, p. 97) cita que o trabalho com o ALS se iniciou em 1963 e que pretendia publicar as cartas coincidentes com a Bahia neste ano, o que não aconteceu. Objetivava ainda o linguista voltar à Bahia e aplicar o questionário realizado em Sergipe, que, na sua avaliação, estava aperfeiçoado e continha o triplo de perguntas.

Na atualidade, utilizando-se da metodologia da Geografia Linguística, conforme informações constantes no *site* do ALiB<sup>60</sup>, já há um relevante quantitativo de atlas linguísticos publicados no Brasil.

---

<sup>59</sup> [...] la expresión "geografía lingüística" designa exclusivamente un método dialectológico y comparativo que ha llegado a tener extraordinario desarrollo en nuestro siglo, sobre todo en el campo románico, y que presupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de un territorio determinado, o, por lo menos, tiene en cuenta la distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o a los hablares estudiados.

<sup>60</sup> Informação disponível em: <https://alib.ufba.br/atlas-regionais>. Acesso em: 28 out. 2021.

Romano (2020, p. 16), demonstra, por meio de um mapa do Brasil, os 14 estados que possuem seus atlas estaduais concluídos; além disso, indica os sete estados cujos atlas estão em andamento e os três estados que não possuem atlas. São Paulo é o único estado do Brasil cujo atlas foi iniciado, mas não foi concluído. Conforme a ilustração feita por Romano (2020), no Nordeste, oito estados possuem atlas estaduais concluídos, excetua-se o Rio Grande do Norte, cujo atlas está em andamento. O autor ainda apresenta um levantamento dos atlas linguísticos de pequeno domínio concluídos no Brasil, que somam 63, acrescidos de 11 que estão em andamento.

Os atlas linguísticos estaduais publicados no Brasil permitiram que estudos posteriores fossem realizados a respeito da língua portuguesa falada no país, com base nos resultados explicitados nas cartas linguísticas, as quais apresentam os registros das respostas dos utentes, obtidos em campo. Quando possível, realizaram-se inter-comparações dos dados, principalmente no nível fonético da língua. O fato de cada atlas ter sido confeccionado por uma equipe diferente implica em não se ter, no nível lexical, uniformidade dos dados coletados, dificultando, com isso, haver inter-comparações, nesse nível da língua, em grande quantidade.

Mota (2000), no momento em que, no Brasil, havia cinco atlas estaduais publicados, que são os já citados aqui *APFB*, *ALS*, *ALPR* e incluindo o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG) e o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB), apresentou dados do português do Brasil, a partir dos resultados constantes nas cartas linguísticas desses cinco atlas. Citam-se, como exemplos, as “[...] diferentes denominações para o fenômeno que se identifica como estrela cadente [...]” (MOTA, 2000, p. 147), que se apresenta com denominações variantes, dentre as quais têm-se: *exalação* ~ *zelação* ~ *velação*, com ocorrências registradas em quatro dos atlas, exceto o *ALPR*, e *planeta* ~ *praneta*, que apenas não possui ocorrência registrada no *ALS*.<sup>61</sup>

A partir desse material, foi possível depreender as formas ocorridas em cada estado, além de verificar se houve registros de ocorrências iguais e/ou diferentes em localidades de outros estados. Decerto que isso só pôde ser verificado porque houve algumas perguntas comuns entre os atlas citados.

---

<sup>61</sup> O Quadro completo da distribuição das variantes nos cinco atlas pode ser visto em Mota (2000, p. 148).

Como bem chama atenção a autora, sobre esses tipos de trabalhos “[...] mostram a importância dos atlas regionais para o conhecimento do português do Brasil, apesar das lacunas que só uma pesquisa em âmbito nacional - [...] o Atlas Lingüístico do Brasil – poderá vir a preencher.” (MOTA, 2000, p. 153).

Zagari (1998, p. 34) também cita o registro de *zelação*, dentre outras, ao discorrer sobre os falares de Minas Gerais, e chama atenção para o fato de que, nesses falares, “Itens lexicais comuns ocorrem, mas veiculando significados ignorados nas outras regiões, a saber: **neve** (=cerração), **chuva-de-flor** (=granizo), **zelação** (= estrela cadente), **china** (=bola de gude) [...]”.

Nos atlas estaduais, a Dialetologia brasileira iniciou o controle das variáveis sociolinguísticas ao contemplar, no ALS, os registros sistemáticos da fala de homens e mulheres em todas as 15 localidades pesquisadas, o que gerou um material com 180 cartas linguísticas.

No ALS (Ferreira *et al.*, 1987), o controle se deu de forma sistemática para o sexo do informante e assistemática para as variáveis faixa etária e escolaridade. De acordo com Mota (1998, p. 81), as variáveis sociolinguísticas foram controladas nesse atlas da seguinte maneira: a faixa etária predominou entre 35 e 52 anos, havendo “[...] apenas um informante mais jovem, com 30 anos, e três mais velhos, um com 59 e dois com 65 anos”. Em relação ao grau de escolaridade, “[...] vinte e um informantes declaram-se analfabetos; oito são semianalfabetos e apenas um é identificado como alfabetizado.” (MOTA, 1998, p. 81)

No *APFB* (Rossi, 1963), mesmo o *corpus* sendo constituído de entrevistas com homens e mulheres, o controle do sexo dos informantes ocorreu de forma assistemática, mas o ALS – *Atlas Lingüístico de Sergipe* (FERREIRA *et al.*, 1987) e o ALPR – *Atlas Lingüístico do Paraná* (AGUILERA, 1994) são considerados os primeiros atlas brasileiros a utilizarem a bidimensionalidade na coleta e na exposição dos dados, aliando à variação diatópica o controle sistemático de uma variação social, a diassexual.

O *Atlas Lingüístico do Paraná* (AGUILERA, 1994), conforme Aguilera (1998), contou com 130 informantes distribuídos igualmente em 65 localidades.

A metodologia adotada pela geolinguística contemporânea é pluridimensional com a qual se criaram condições de captar a língua de forma

mais abrangente e muito mais próxima da realidade da natureza plural do ser, tanto no âmbito espacial como no social, e, como consequência, traça-se uma intersecção linguística em que os resultados intensificam a relação entre a língua, a sociedade e o contexto cultural do falante. Nesse sentido, uma mulher, por exemplo, não é tão somente a representante das pessoas do sexo feminino, mas, além disso, representa as que nasceram em uma localidade, pertencem a uma certa faixa etária e possuem determinada escolaridade. Todas as variáveis contribuem, no conjunto, para as representações linguísticas enunciadas em sua fala.

Rossi (1969, p. 97) traz a informação de que o interesse pelo aspecto social da língua no Brasil já se revela desde 1922, na primeira edição de *O Linguajar carioca*, em que Antenor Nascentes se “[...] refere [a] diferenças entre a pronúncia da chamada ‘classe culta’ e das chamadas ‘classes incultas’”

Conforme Radtke e Thun (1996, p. 32), ao combinar o registro da variação diatópica com a variação diageracional nos atlas, é possível demonstrar, nos mapas, a existência da variação em tempo aparente, devido à coexistência de gerações.<sup>62</sup> Em relação ao parâmetro diassexual, os autores questionam se é possível verificar que haja maior conhecimento das mulheres a respeito de certos temas. Quanto ao fato de serem consideradas mais conservadoras ou mais inovadoras questionam “[...] se a diferença biológica será, na realidade, de ordem social, produzida pela distribuição fixa dos papéis na sociedade.”<sup>63</sup> (RADTKE; THUN, 1996, p. 34). Essa é uma discussão ampla que não se vai pautar nesta tese, mas não se pode negar que os resultados revelarão se as denominações de *cachaça* são ou não de conhecimento das mulheres, inclusive, em termos comparativos em relação aos homens. Independentemente do resultado, deve-se refletir sobre as questões socioculturais que possibilitam ou não esse conhecimento ou o desconhecimento das mulheres a respeito da denominação para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Os estudos dialetais no Brasil encontram-se atualmente em estágio bem avançado, comparando-se com o seu início no século XIX, embora, certamente,

---

<sup>62</sup> Si presuponemos un cartografiado claro, la variación diageracional muestra el "tiempo visible" porque representa la convivencia de generaciones.

<sup>63</sup> [...] si la diferencia biológica será, en realidad, de orden social, producida por la distribución fija de los papeles en la sociedad.

ainda haja muito o que se avançar. Se não fossem as dificuldades de se fazer ciência linguística no país, ter-se-iam muito mais informações a respeito da distribuição espacial da língua portuguesa falada no Brasil. Conforme Ferreira e Cardoso (1994, p. 44), a preocupação de formalizar os estudos dialetais em um Atlas Linguístico do Brasil encontra-se registrada no Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que se refere à criação do Centro de Pesquisa Casa de Rui Barbosa, e que foi regulamentada pela portaria nº 536, de 26 de maio de 1952. Conforme as autoras, esse centro “[...] estabeleceu como finalidade principal, entre as pesquisas a serem planejadas, a própria elaboração do atlas lingüístico do Brasil.” Sobre o avançar dos trabalhos, entendendo as dificuldades a serem enfrentadas para se cumprir o Decreto, se optou, estrategicamente, pela implementação primeira dos atlas regionais no país, antecedendo o Atlas nacional.

Ferreira e Cardoso (1994, p. 52) trazem a seguinte informação a respeito desse fato histórico para a Dialetologia brasileira:

Em 1957, por ocasião do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha concluem pela impraticabilidade de realização de um único atlas nacional e, em 1958, Antenor Nascentes retoma a questão na introdução das *Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil* [...]. (FERREIRA E CARDOSO, 1994, p. 52)

Dessa forma, no Brasil, aprofundou-se o conhecimento de cada área estadual e regional, o que, de certa forma, não foi de todo prejuízo, pois possibilitou um aprendizado teórico-prático dos dialetólogos que favoreceu o caminhar na realização do atlas que cobre a espaço nacional brasileiro.

Portanto, compreende-se que os atlas podem apresentar informações com a abrangência de uma região, de um estado, de um continente, de um país, como é o caso do Atlas Linguístico do Brasil, o ALiB, que iniciou formalmente os seus trabalhos em 1996, no decorrer desse evento para a Dialetologia brasileira: o *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, que possibilitou que se desse partida às ações necessárias para a elaboração dos mapas linguísticos que representassem o uso do português falado no Brasil.

Prevendo a missão dos pesquisadores, no decorrer de alguns anos, medidas foram tomadas, como a formação de um comitê diretivo – O Comitê

Nacional –<sup>64</sup> e de grupos de trabalho que se reuniram periodicamente para discutirem e tomarem decisões, como definirem a metodologia do Projeto, a rede de pontos, o perfil dos informantes, as questões dos questionários, a aplicação de questionários experimentais, além da preparação de inquiridores e auxiliares, de bolsistas transcritores e de buscar recursos financeiros, entre muitos outros itens que foram decididos em sistemáticas reuniões ordinárias e extraordinárias e em *Workshops*, no decorrer dos anos que seguiram. Esses e outros elementos fizeram com que nessa pesquisa dialetológica tenham se realizados inquéritos linguísticos por mais de uma década, especificamente de 2001 a 2013<sup>65</sup>, tendo o fruto inicial do trabalho concretizado em 2014, quando foram publicados os volumes I e II do Atlas Linguístico do Brasil (cf. CARDOSO, S. *et al.*, 2014 a; b), em que o volume I é constituído da Introdução do atlas e o II apresenta 159 cartas linguísticas com os resultados obtidos nas 25 capitais brasileiras, contemplando variantes distribuídas na dimensão diatópica, acrescida das dimensões diassexual, diastrática, diageracional.

Com isso, o Atlas Linguístico do Brasil vê-se cumprindo o primeiro objetivo elencado dentre outros, como consta registrado em Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001, p. vii):

descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas), consideradas na perspectiva da Geolingüística. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001. p. vii)

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil, o ALiB, ao mapear a fala de 1 100 habitantes do território brasileiro, distribuídos conforme seus critérios preestabelecidos em 250 localidades, permitiu que novas pesquisas possam ser feitas com base em seu acervo, o que possibilita que, conforme objetivos do

---

<sup>64</sup> Atualmente, o Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil é assim constituído: Diretora presidente - Jacyra Andrade Mota (UFBA); Diretora Executiva – Silvana Soares Costa Ribeiro (UFBA). Diretores Científicos – Abdelhak Razky (UFPA/UnB); Aparecida Negri Isquerdo (UFMS); Conceição de Maria de Araujo Ramos (UFMA); Fabiane Cristina Altino (UEL), Felício Wessling Margotti (UFSC); Marcela Moura Torres Paim (UFRPE); Maria do Socorro Aragão (UFC); Marilúcia Barros de Oliveira (UFPA), Regiane Coelho Pereira Reis (UFMS); Valter Pereira Romano (UFSC); Vanderci de Andrade Aguilera (UEL).

<sup>65</sup> Os inquéritos realizados no Nordeste datam com início em 2003 e finalização em 2013 (CARDOSO, 2013, p. 129-136).

pesquisador interessado na base linguística captada pelo Projeto, se conheçam as diversas faces da língua portuguesa utilizada no Brasil.

A cada entrevistado foi aplicado um questionário com 410 perguntas, com as quais se buscaram registros situados nos sistemas da língua, nos níveis: Fonético-Fonológico, Semântico-Lexical, Morfossintático, Pragmático, Metalinguístico. Logo, a enorme quantidade de dados obtidos pelos pesquisadores do Projeto ALiB permite que estudiosos deles se utilizem para realizarem suas pesquisas, seja no âmbito da fonética e fonologia, da morfologia, da sintaxe, do léxico, da pragmática, entre outros.

Devido a essas e outras práticas de pesquisas com a língua portuguesa, em que a coleta de dados é captada por direcionamento de pesquisadores inquiridores, os estudos dialetológicos no Brasil podem contar, atualmente, com dados linguísticos da língua falada, coletados por equipes de estudiosos da Dialectologia, pertencentes às várias regiões do país.

As cartas linguísticas tanto do atlas nacional como as dos outros tipos de atlas podem ser consultadas por pessoas de diversas áreas do conhecimento, visto que contemplam variados domínios de experiência das práticas culturais do ser humano, como alimentação e cozinha, fenômenos da natureza, habitação, vestuário e acessórios, entre outros. E já tentando contemplar o público pesquisador de outras áreas, dentre os objetivos a se alcançar no ALiB, consta:

Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outras áreas do conhecimento afins – história, sociologia, antropologia, e outras -, de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil. (COMITÉ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001. p. vii)

Como a metodologia do Projeto ALiB prevê o controle das variáveis diatópicas e das variáveis sociais, a partir da exposição dos resultados nas cartas linguísticas, é possível que se realizem estudos da língua também por meio de aspectos históricos, culturais e sociais revelados nas respostas dos informantes. E como bem traz Brandão (2005, p. 76) “É que por meio dos atlas, ao se registrarem os traços fonéticos, morfológicos e/ou lexicais dos falares, registram-se traços da cultura, particularidades étnicas que, ali expostos,

instigam à interpretação.” Portanto, “[...] na ótica de historiadores, sociólogos e antropólogos mais atentos, constitua precioso subsídio para a compreensão da nossa história [...]”. (BRANDÃO, 2005, p. 76)

É o que se tem, por exemplo, com o estudo das denominações da *aguardente*, em que as lexias apresentadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores levam a se conhecerem os caminhos atuais da bebida e os já traçados em sua história e na história do país, além de sua representatividade, em especial, na vida do brasileiro nordestino.

Pensando nessa integração entre o eixo diatópico e o diastrático da língua, Silva-Corvalán (1989, p. 10) afirma que as variedades dialetais são contínuos que se inter cruzam de tal maneira que uma certa variedade diatópica inclui variedades diastráticas, padrão e não padrão, variedades históricas e numerosos idioletos.<sup>66</sup> Entende-se, portanto, que as considerações dos dois eixos na coleta de dados e, conseqüentemente, na exposição das cartas no ALiB, por exemplo, possibilitam aos leitores uma compreensão mais ampla dos usos das variantes obtidas como respostas nos inquéritos linguísticos.

Cardoso (2000, p. 414) chama atenção para o fato de que os dados apresentados nos atlas devem ser de prioridade diatópica, pois “[...] se não for por outras razões, pelo menos o será pela própria natureza do trabalho.” Com isso, se firma com profundidade a alma dessa vertente da linguística que, sem deixar-se tirarem a sua natureza científica, a pesquisa dialetal, permite-se amoldar-se às necessidades inovadoras das pesquisas linguísticas: a inserção dos aspectos sociais. Sem deixar de priorizar a variação diatópica, abre espaço para

[...] o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a contemplar os próprios dados areais. [...] Essa é a posição que assumimos no Atlas Linguístico do Brasil [...]. (CARDOSO, 2000, p. 414)

---

<sup>66</sup> Debemos tener presente, pues, que estas variedades dialectales son contínuos que se entrecruzan entre sí, de tal manera que una variedad diatópica dada incluye variedades diastráticas, estándares y no estándares, variedades históricas y, obviamente, numerosos idiolectos.

E é partir desse princípio que no Projeto Atlas Linguístico do Brasil<sup>67</sup> se prioriza registrar a variação diatópica e se faz o controle das variáveis sexo, faixa etária e escolaridade, sendo que, nas capitais, há duas faixas de escolaridade controladas: fundamental e nível universitário, e, nas cidades do interior, há apenas o controle do nível fundamental de escolaridade. Com isso se confirma que primordialmente o estudo é diatópico e que as variáveis diastráticas são exemplificativas. Como bem traz Cardoso (2010, p. 26) a respeito dessa parceria: “A dialetologia tem, assim, duas diretrizes, dois caminhos, no exame do fenômeno linguístico, que se identificam nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico.”

Diante da inerente diversidade cultural da população brasileira, a qual, certamente, se reflete em sua língua, frisa-se que a captação de dados dos atlas deve ser realizada de forma homogênea pelos inquiridores, em que todas as perguntas dos questionários partem de um mesmo parâmetro de elaboração, ou seja, uma base textual para a sua realização, permitindo aos estudiosos obterem respostas que indiquem reflexões e conclusões consistentes e metodologicamente comparáveis, a partir da variação ocorrida nas respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores.

Como se vê, em Dialetologia, tarefa feita não implica em finalizada, mas em material de pesquisa coletado que suportará outros estudos que tenham como objetivo verificar os usos linguísticos de pessoas que habitam em determinado local. Na epígrafe do *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (ROSSI, 1963) consta o seguinte excerto da música *A preta do acarajé*, de Dorival Caymmi: “Todo mundo gosta de acarajé, o trabalho que dá pra fazer que é”, que bem representa os fazeres na pesquisa dialetológica, em que as tarefas que a subjazem são muito maiores que parecem, diante do resultado.

### **3.1.4 A aguardente na variação diatópica**

Este estudo de doutoramento, que busca as denominações da *aguardente*, apresentadas como resposta à pergunta 182 do Questionário Semântico lexical do Atlas Linguístico do Brasil, possui motivação inicial na

---

<sup>67</sup> Para obter mais informações a respeito do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), deve-se consultar: <https://alib.ufba.br/>

pesquisa dialetológica, em que, diante do trabalho de campo, realizado pelos pesquisadores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), foram coletadas as respostas dos entrevistados a respeito das denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Conforme o recorte da pesquisa, o estudo das denominações se deu às respostas ocorridas nas localidades do Nordeste brasileiro, onde os participantes do Projeto foram selecionados, considerando as já mencionadas variáveis sociais: sexo, faixa etária e escolaridade, além de outros critérios, de acordo com a metodologia do Projeto.

A *aguardente de cana-de-açúcar* possui mais de 2 000 denominações que lhe foram atribuídas, registradas nos dicionários da língua portuguesa, em dicionários da área e em obras específicas. Popularmente, essas denominações para a bebida são chamadas de “apelidos” da *cachaça*, mas é comum, em dicionários e em obras especializadas em *aguardente de cana*, se referirem a suas variantes como eufemismos e/ou como sinônimos.

Em Souto Maior (2013, p. 39), a forma *branquinha* é apresentada como “Eufemismo de cachaça”. Silva (2008, p. 190) afirma que é possível que a grande quantidade de nomes atribuídos a esse destilado “[...] tenha tido início a partir da proibição, pela coroa portuguesa, da produção, entre 1649 e 1661.” E, com muita criatividade, utilizando-se do conhecimento e das vivências socioculturais, foram criados os mais interessantes nomes para essa bebida, que viveu muitos anos na clandestinidade social, sendo, de uma forma geral, de agrado de boa parte da população. Nas práticas de consumi-la às escondidas, para disfarçar-se o gosto pela *branquinha*, há relatos de que, em festas e comemorações, a garrafa de *cachaça* situava-se escondida, embaixo das mesas, para que igualmente escondidos os seus bebedores a saboreassem.

O fato de ser uma bebida popular, provavelmente, proporcionou a criação de denominações interessantes. Para tanto, reconhecem-se, nas nomeações, Modelos Cognitivos Idealizados, que se apoiam em metáforas e metonímias, por exemplo, entendendo-os como recursos cognitivos utilizados com frequência pelos utentes para nomear a bebida, a saber: “antibiótico, brasileira, gramática, entorta pé, douradinha, fanta, chá de cana, engorda marido, malvada, saideira, prego” (SILVA, 2008, p. 200), entre muitas outras.

Diante do uso de eufemismos, nas denominações para *cachaça*, entende-se que, conforme avaliação da sociedade, se tratam de formas que necessitam de “disfarces” para serem pronunciadas, enunciadas nas interações comunicativas. Devido ao “peso conotador” que lhe são atribuídas, muitas denominações são consideradas, socialmente, como grosseiras, por isso há, consensualmente, o entendimento de ser importante usarem-se formas, consideradas como suavizadas.

Esses eufemismos são vistos também como um dos muitos recursos denominativos dos nomes-marca da *cachaça*. É comum, nas obras especializadas, haver uma sessão específica para as marcas da *cachaça*, como ocorre na obra de Silva (2008), Calasans (2014), Câmara (2004), entre outros. Silva (2008) e Câmara (2004) as relacionam ao assunto da produção da bebida, seja artesanal ou industrializada; já Calasans (2014) trata as marcas como nomes, denominações. Afirma esse autor que catalogara mais de 200 marcas conhecidas na Bahia, as quais apresenta em sua obra, ressaltando que: “[...] poderá servir para um ensaio de interpretação do aguardentismo nacional, através das tendências que as **denominações** empregadas estariam a indicar.” (CALASANS, 2014, p. 137, grifo nosso) Apresenta o elenco dos nomes das bebidas, organizados em ordem alfabética de A a Z e traz exemplos como: *Alegria, Dona Boa, Inspiração, Preciosa, Suco de Canela* etc.

Nas obras que tratam da *cachaça*, as unidades fraseológicas são apresentadas tanto no rol dos nomes comuns como nos dos nomes-marca. Citam-se, como exemplos, *acender a lamparina* e *cura tudo*, que são elencados entre os nomes comuns, além de *Boa vida* e *Deixe comigo*, que constam no rol dos nomes-marca. No *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*, constam as unidades fraseológicas na lista de sinônimos de *cachaça*, dentre os quais, podem-se citar: *água que passarinho não bebe, água pra tudo, mata-paixão*.

A busca das denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, realizou-se no decorrer da aplicação de um questionário linguístico, constituído de 410 perguntas, dentre as quais consta a 182 do Questionário Semântico Lexical (QSL), cujas respostas entendem-se terem sido usadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores como variantes para *aguardente*, estabelecendo-se entre elas uma relação de sinonímia, levando em consideração o contexto em que foram

utilizadas: uma entrevista, em que o inquiridor faz, geralmente, uma pergunta padrão ao entrevistado: “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” – que se situa no âmbito de um conceito – a partir do qual se espera a apresentação de lexias que com ele se relacionem de forma unívoca, no sentido de que ao conceito sejam associadas lexias de forma transparente, tanto para aquele falante quanto para a comunidade sociocultural em que vive.

Ao fazer a pergunta, o inquiridor conta com algumas metodologias para a condução do diálogo, em que objetiva captar as variantes linguísticas, dentre as quais se citam:

(i) mesmo o conceito se referindo a um elemento da cultura popular brasileira, as suas denominações podem ou não ser de conhecimento do entrevistado;

(ii) se o informante não conhecer o referente, não apresentará denominações que o representem;

(iii) o fato de o informante conhecer o referente não garante que apresente suas denominações em sua resposta;

e, considerando a mais positiva das suposições;

(iv) o informante conhece o referente e suas denominações ou uma de suas denominações.

Nesse caso (iv), ao receber tal resposta, o inquiridor, para considerá-la pertinente, aciona o seu conhecimento enciclopédico e tem duas opções: contenta-se com a resposta ou desdobra a pergunta, questionando o entrevistado se conhece outro(s) nome(s). Caso julgue que a resposta não procede com o conceito em questão, refaz a pergunta utilizando-se de outros elementos pertencentes ao domínio do elemento tratado.

Nas possibilidades (i), (ii), e (iii), o inquiridor reconduz a pergunta, acionando outros elementos culturais, redirecionando a estratégia cognitiva da entrevista, na tentativa de obter as denominações para o conceito apresentado, as quais se comportam como variantes de um mesmo conceito, obtidas em situação de entrevista linguística.

Nessa relação dialógica entre informante e inquiridor, no decorrer da aplicação do questionário linguístico, há o paradoxo do observador, que é teorizado e discutido na sociolinguística laboviana e traz, como um ponto inerente às práticas de entrevistas linguísticas, a inibição no comportamento

linguístico do entrevistado diante da presença do entrevistador, o que pode prejudicar a natureza dos dados, devido à falta de espontaneidade do inquirido na apresentação de suas respostas. Mas Labov (1983, p. 266) traz um acalento para os pesquisadores da língua ao afirmar que: “O problema não é, no entanto, insolúvel: precisamos encontrar uma maneira de concluir a entrevista formal com outros dados ou alterar a estrutura da situação da entrevista [...]”.<sup>68</sup>

Labov (1983, p. 226) apresenta propostas que objetivam promover a superação do paradoxo por meio de ações que retirem do informante a tensão presente na situação da entrevista, procurando deixá-lo à vontade para que se expresse com espontaneidade.

Nas entrevistas do Projeto ALiB, sistematicamente, foram buscadas respostas dos participantes a partir de mais de um estilo de abordagem interacional, como, por exemplo, citam-se: (i) a fala do informante a partir de temas direcionados a discursos semidirigidos; (ii) a aplicação de um questionário longo, em que “[...] espera-se que o autocontrole se reduza com o tempo, tendo em vista que os informantes ficam mais cansados ou o entrevistador vai cada vez mais ganhando confiança dos entrevistados.” (THUN, 2017b, p. 85)

Entende-se que as formas apresentadas pelos entrevistados como respostas à questão 182 do QSL estavam sujeitas, inicialmente, às condições de inibição ocasionada pela presença do inquiridor na entrevista, visto que se tratavam de dois seres desconhecidos. Contudo, não se pode também desconsiderar que tal inibição do informante poderia ser ocasionada tanto pelo paradoxo do observador quanto pelo julgamento sociocultural que envolve essa bebida alcoólica. Mas vê-se que, se as inibições ocorreram, não impossibilitaram de se captar um elevado índice de respostas, já que foi baixíssimo o quantitativo de participantes que não apresentaram respostas: cinco, ao total.

Diante das respostas, se obteve, por meio da aplicação do questionário, o que Thun (2017b, p. 101) denomina de variação intraindividual e variação interindividual, sendo aquela a variação que ocorre no mesmo indivíduo e esta entre os indivíduos. Diante desse contexto, há exemplos de informantes que apresentaram apenas uma resposta à pergunta, mas há outros que

---

<sup>68</sup> El problema no es, con todo, insoluble: tenemos que o bien encontrar la manera de completar la entrevista formal con otros datos, o cambiar la estructura de la situación de entrevista de una u otra manera.

apresentaram de duas a oito lexias, como ocorreu com o homem, faixa II, ensino fundamental de Valença (94) - Bahia, que mencionou oito variantes, a saber: *pinga destilada*, *cachaça destilada*, *Januária*, *51*, *Caribé*, *aguardente*, *pinga*, *cachaça*. Conforme o controle realizado da variação intraindividual deste informante, por exemplo, *Pinga destilada* foi o primeiro item por ele mencionado, *cachaça destilada* foi o segundo e as outras seis ocorreram em desdobramentos da pergunta, como se pode verificar no diálogo 7 abaixo transcrito:

- (7)
- INF. — É uma *pinga destilada*. Uma *cachaça destilada*. Muito bom.  
 INQ. — Quais são os nomes que tem?  
 INF. — Tem a *Januária*. Tem o *51*. Tem a *Caribé*.  
 INQ. — Assim, mas... independente de marca, estou falando assim, como é que o senhor chama essa bebida, o senhor falou que é uma... a *cachaça*, né?  
 INF. — É.  
 INQ. — Destilada, assim. Tem outros nomes que você fala, assim, para esse tipo?  
 INF. — Dá uma *pinga* aí, dá uma *cachaça* dessa aí.  
 INQ. — Ou *pinga* ou *cachaça*.  
 INF. — Dá um *aguardente* desse aí.  
 INQ. — Ah, ok.

O conjunto das variantes intraindividuais compõe o acervo lexical da pesquisa, constituindo-se como um conjunto de variantes interindividuais que se referem à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Essas variantes são compreendidas na perspectiva de sinonímias verificadas *in loco*, por meio da aplicação de questionário linguístico, pois são consideradas como “[...] expressões diferentes para o mesmo conteúdo, ou seja, de vários significantes para um mesmo significado [...]”. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 70) A obtenção dessas formas sinonímicas ocorre como resultado de informações apresentadas como respostas a perguntas elaboradas de maneira frequentemente padronizada, que possibilitaram realizar a comparação, pois se referem a um mesmo conteúdo.

Para a coleta de registros da língua, a entrevista linguística é um procedimento comumente utilizado na Dialetoлогия. Dentre as possibilidades de apresentar a pergunta, há a busca das informações por meio do método da onomasiologia, em que se parte de um conceito para se obterem nomes/denominações a ele relacionados; ou por meio da semasiologia, em que se parte do nome em busca de seu conceito; tratam-se de dois métodos próprios

da semântica lexical, que têm origem na teoria estruturalista. Segundo Baldinger (1966, p. 8)

A semasiologia, é certo, considera a palavra isolada no desenvolvimento de sua significação, enquanto que a onomasiologia encara as designações de um conceito particular, vale dizer, uma multiplicidade de expressões que formam um conjunto. (BALDINGER, 1966, p. 8)

Ainda sobre essas duas metodologias, afirma Baldinger (1966, p. 30) que

A estrutura onomasiológica é baseada na sinonímica, a estrutura semasiológica é baseada na polissemia. A onomasiologia visualiza os problemas sob o ângulo do que fala, daquele que deve escolher entre diferentes meios de expressão. A semasiologia focaliza os problemas sob o ângulo do que ouve, do interlocutor que deve determinar a significação da palavra que êle entende dentre todas as significações possíveis. (BALDINGER, 1966, p. 30)

A obtenção das respostas nas entrevistas realizadas para o conhecimento das variantes de *aguardente* teve como parâmetro a metodologia da onomasiologia, que, segundo Augusto Silva (2015, p. 186), na relação entre o conceito e a nomeação, “[...] analisa as palavras ou outras expressões alternativas pelas quais determinado conceito ou função é nomeado” e acrescenta que “A perspectiva onomasiológica vai do mundo à língua e coloca a questão: ‘Para esta entidade ou situação, que expressões linguísticas a podem designar?’”.

Com as perguntas realizadas, utilizando-se o método onomasiológico, pode-se verificar, em cada resposta do entrevistado, como, a partir de sua visão de mundo, ele conceptualiza e como categoriza o conceito que lhe é apresentado e, no conjunto das respostas, os encrustamentos, as formas mais e menos salientes, as prototípicas e as periféricas.

Na Dialetoлогия brasileira, os atlas utilizaram das duas metodologias na organização dos dados em cartas linguísticas. Citam-se como exemplo um atlas estadual, o Atlas Linguístico de Sergipe, o ALS (FERREIRA *et al.*, 1987), e o nacional, o Atlas Linguísticos do Brasil, o ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014).

A maioria das cartas de ambos os atlas são de natureza onomasiológica. Na *Nota preliminar* do ALS (FERREIRA *et al.*, 1987) consta a seguinte informação: “[...] demos prioridade aos itens onomasiológicos – ainda que num

caso ou noutro acrescentando-lhes um tratamento complementar de uma perspectiva semasiológica [...]”.

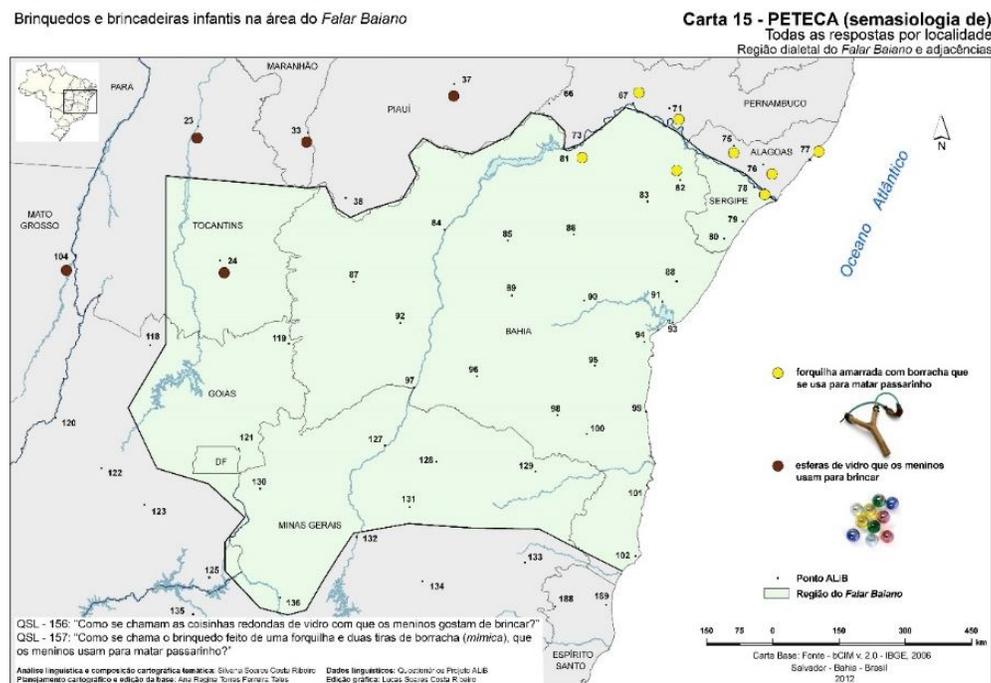
O ALS (FERREIRA *et al.*, 1987) possui um total de 182 cartas linguísticas e o ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), 159. Essas cartas estão assim distribuídas em cada um desses atlas: quatro são semasiológicas no primeiro citado — *Trovoada, Veia d'água, Rodete, Designações para boi conforme idade* — e duas no segundo — *Neblina e Mandioca*.

Sobre *mandioca*, por exemplo, há dois conceitos para a sua semasiologia, distribuídos no território brasileiro, expostos na carta L10 do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), a saber: (i) “raiz venenosa usada apenas na produção de farinha e ração animal; (ii) “raiz não venenosa consumida frita, assada ou cozida, e de que também se fazem doces e bolos.” Fazendo uma breve leitura dessa carta, verifica-se que o primeiro conceito ocorre em todas as capitais brasileiras, o que não acontece de maneira igualitária com o segundo conceito, pois se concentra nas capitais dos estados do Sudeste, seguindo pelos limites das capitais do Sul e do Centro-Oeste do país, apresentando ainda registros em um estado do Norte e em três do Nordeste.

Para além das cartas onomasiológicas, o Atlas Linguístico de Sergipe II (CARDOSO, 2005, p. 105) apresenta no exemplar da Introdução um “Índice Onomasiológico” que reflete o elenco das variantes ocorridas para cada pergunta, registradas em cada carta linguística do Atlas. Traz-se, como exemplo, a lista das denominações variantes para *Vendedor ambulante* (Carta 67): “ambulante, cambista, camelô, mascate, mascateante, pataqueiro, vendedor, vendilhão.” (CARDOSO, 2005, p. 117)

Com a finalidade de ilustrar uma carta semasiológica, que possui menos frequência na exposição dos dados nos atlas linguísticos, traz-se uma carta de Ribeiro (2012, p. 486), que apresenta a semasiologia de *Peteca*, com dados do Projeto ALiB, em sua tese de doutoramento.

Figura 6 – Carta semasiológica – Peteca

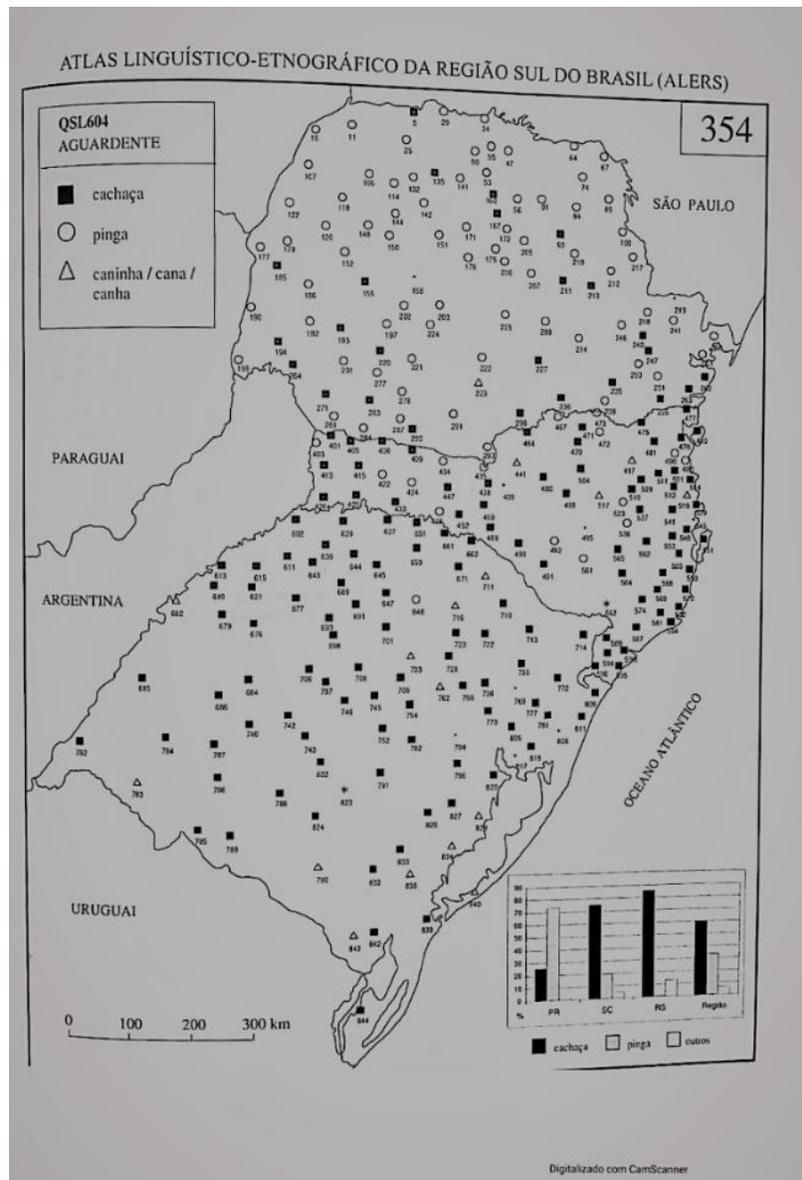
Brinquedos e brincadeiras infantis na área do *Falar Baiano*

Fonte: RIBEIRO (2012)

Pode-se verificar na carta 15 *Peteca* (semasiologia), a arealidade das ocorrências dos dois conceitos: “forquilha amarrada com borracha que se usa para matar passarinho” e “esferas de vidro que os meninos usam para brincar. ”, a partir das quais se pode traçar uma isoglossa lexical, uma isoléxica. Conforme a autora, em “Notas” da carta, a lexia *peteca* ocorreu como respostas a duas perguntas do QSL, a saber: “[...] pergunta 156 (QSL – gude) e pergunta 157 (QSL – estilingue).” (RIBEIRO, 2012, p. 487) É possível ser lida na carta, no lado esquerdo abaixo do mapa, as perguntas padrão apresentadas aos informantes, que os levou a responder *Peteca*.

Cartas onomasiológicas são mais comuns de ocorrerem nos atlas, visto que apresentam a distribuição das variantes nas localidades, permitindo verificarem-se as unidades sintópicas que compõem as variedades diatópicas, além de cruzamentos das informações com as variáveis sociais, em caso das que expõem dados conforme a metodologia pluridimensional.

Cita-se como exemplo de carta onomasiológica, a 354 – *Aguardente* – do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011), o ALERS, em que se pode verificar a distribuição diatópica das variantes *cachaça*, *pinga*, *caninha*, *cana* e *canha*.

Figura 7 – Carta *aguardente* (ALERS)<sup>69</sup>

Fonte: ALERS (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011)

O ALERS é um atlas monodimensional, pois expõe apenas a diatopia nas cartas e recobre localidades dos três estados da região Sul do Brasil: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, logo é um atlas regional, sendo o único dessa natureza publicado no Brasil. Apresenta nessa carta 354 - *Aguardente*, por meio de gráficos, a representação quantitativa das ocorrências de *cachaça*, *pinga* e a junção de outros de menor ocorrência, distribuídos por estado e em

<sup>69</sup> Para obter a imagem da carta linguística, foi necessário dobrar a página do Atlas, o que ocasionou a visualização de curvas dessa página na Figura.

toda região. “O ALERS trouxe uma inovação aos estudos geolinguísticos quanto ao método cartográfico totalmente informatizado. [...] que permite visualizar, na legenda, gráficos e traçados de isoglossas.” (ROMANO, 2013, p. 213)

No diálogo entre a Dialetoлогия, a Etnolinguística e a Semântica Cognitiva, faz-se importante trazer uma reflexão a respeito do que Spader de Souza (2017) propõe, ao estudar a aproximação entre a concepção da Onomasiologia e a semântica de *Frames*, que, segundo o autor, no rompimento da barreira entre o linguístico e o não linguístico, constitui-se um modelo onomasiológico em que “O *frame* é o ponto de partida.” (SPADER DE SOUZA, 2017, p. 45)

Refletindo sobre esse ponto de partida, entende-se que no estudo da língua por meio da onomasiologia é contemplada a relação intrínseca que há entre os aspectos socioculturais e os fatos linguísticos. Sobre essa relação, afirma Spader de Souza (2017, p. 41) que a onomasiologia “[...] inicia com um elemento mais geral, que é o conceito, e parte em busca daquilo que é mais específico, ou melhor, dos itens linguísticos de um léxico em questão que se relacionam a esse conceito.”

A partir desse procedimento metodológico, para verificar como se denomina a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar em cada localidade, por meio da apresentação de um conceito ao utente, é acionado o conhecimento enciclopédico de ambos os sujeitos da interação, numa organização dialógica entre inquiridor e informante, que seguem o *script* do gênero entrevista, o qual envolve a prática alternada de perguntas e respostas, com a possibilidade de desdobramentos.

Nesse jogo, os itens lexicais utilizados pelos sujeitos envolvidos, tanto na pergunta quanto na resposta, possuem uma intrínseca relação com o *frame* referente à bebida: a sua história, a representação sociocultural na localidade, as formas de bebê-la, onde e com quem bebê-la, em que situações/eventos individuais e sociais, quais os utensílios utilizados, os rituais, as ideias e os julgamentos que foram formados sobre ela, as metáforas, as metonímias etc. Esses e muitos outros são elementos que fazem parte do *frame* relacionado à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar e que favorece ao informante conceptualizador e categorizador a possibilidade de apresentar como resposta as denominações para a pergunta que lhe é feita.

Entende-se, portanto, que a essencialidade de sua resposta centra-se em suas experiências, as quais lhe possibilitam perspectivar o significado de seus usos linguísticos, estabelecendo uma relação entre a língua e a cognição, em que se conduz para os modelos mentais que ancoram as conceptualizações que o indivíduo vai constituindo a medida que interage socialmente.

Como aborda Teixeira (2006, p. 366), “Um mesmo termo, aparentemente idêntico para toda a comunidade linguística, pode ‘valer’ não exatamente a mesma coisa para todos os falantes.” Assim, as diferenças, os diversos tipos de variações linguísticas podem comportar modelos mentais distintos já que naturalmente pertencem a realidades igualmente distintas, logo, promovem experiências diferentes moldadas à realidade local. Dessa maneira, no decorrer da entrevista, para que se firme sua compreensão da pergunta, há os domínios onomasiológicos acionados pelos itens lexicais, que, no caso em específico, para a pergunta padrão “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36) são: bebida alcoólica e cana-de-açúcar; e, nos casos de desdobramentos da pergunta, há outros elementos desse domínio, que remetem a *frames*, como: “aquela que os homens gostam de beber”, “uma bebida forte” etc. Nesse sentido, “[...] as palavras são pontos de acesso para estruturas mentais, ou seja, para os *frames*. O significado de uma palavra, portanto, é o *frame* que ela evoca.” (SPADER DE SOUZA, 2017, p. 43)

Duque (2015, p. 42) afirma que “A mera escolha de uma palavra específica para expressar algo é um jeito efetivo de acionar *frames*.” Ainda segundo o autor, (2015, p. 26) “[...] Novas informações só ganham sentido se forem integradas a *frames* construídos por meio da interação ou do discurso.”

Nesse sentido, é possível compreender que há itens lexicais que são apresentados como resposta e que são de conhecimento geral, como: *cachaça*, *pinga* e *aguardente*, mas há outras que fazem parte de um conhecimento específico obtido pelo informante. Em ambos os casos, se constituem *frames* a partir de vivências, mas que, devido às especificidades, podem ser desconhecidas do inquiridor. Cita-se *tiortina* como exemplo, que é uma variante de *cachaça*, e que compõe o *frame* de falantes de determinada localidade da Bahia, no caso, Alagoinhas (88). Salienta-se que, para se considerar *tiortina* uma variante relevante, não é necessário que haja uma grande quantidade de

ocorrências, pois foi utilizada como denominação para a *aguardente*, sendo, nesse caso, a qualidade da informação, baseada na pertinência, mais relevante que a quantidade de ocorrências.

Há itens que não são tecnicamente *cachaça*, mas que a população em geral assim a reconhece, como já se viu com a *tiquira*. A consideração dessa bebida como *cachaça* constitui os *frames* de pessoas que a chamam de *cachaça de mandioca*, mas, conforme a legislação vigente, *cachaça* é uma bebida à base da cana-de-açúcar, logo a *tiquira* é uma *aguardente de mandioca*. Portanto, no procedimento de obtenção das variantes para *cachaça*, o envolvimento com a bebida em situações que possibilitam a formação de *frames*, a partir das experiências, favorecem o conhecimento de domínios onomasiológicos e as lexias que estão a eles relacionadas.

Considerando que as experiências contribuem para a perspectivação do significado das lexias, numa pesquisa dialetológica, na prática de aplicação de questionário linguístico em cada localidade, se faz estritamente necessário ter conhecimento de elementos importantes do local em que se vai realizar a pesquisa, a fim de fundamentar o conhecimento do inquiridor e favorecer uma boa condução do diálogo com os habitantes do local e, principalmente, no decorrer da entrevista, entre os sujeitos envolvidos. Mota (2003, p. 31) trata dessa importância e afirma que, “nas pesquisas de natureza geolingüística, é essencial o conhecimento das localidades a serem inquiridas, assim como dos indivíduos selecionados como representantes linguísticos dessas áreas”. Decerto que conhecer a cultura local, as festas típicas, a culinária, atividade econômica, a sua história, o perfil dos habitantes, entre outras informações facilita a abordagem com os informantes conceptualizadores e categorizadores.

Baseando-se nas orientações de Nascentes (1958, p. 9), na metodologia adotada pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil, tem-se de preencher uma “Ficha da Localidade”, bem como uma “Ficha do Informante”. Com as informações da localidade, é possível o inquiridor se aprofundar em questões específicas e ter um pré-conhecimento das questões que podem ou não serem aprofundadas no decorrer dos inquéritos, além de norteá-lo em relação a conversas com os habitantes da cidade, em relação a aspectos culturais, o que pode favorecer e otimizar a condução de suas vivências na localidade. Por meio das fichas dos informantes, é possível saber de seus hábitos, profissão, escolaridade, religião,

formas de divertimento, entre outras questões. Ambas as fichas facilitam a realização do trabalho do inquiridor, munindo-o de informações que representam os aspectos relevantes para as pesquisas e que podem ser mencionados como referências, no momento das entrevistas, favorecendo o acionamento de *frames* e de *lexias* relacionados à cultura local.

Nessa relação entre a língua e a cultura do local, vê-se que a Etnolinguística se faz presente na Geografia Linguística contemporânea. Nessa verticalização dos estudos etnolinguísticos, que aborda a variação linguística relacionando-a à cultura, há três atlas linguísticos regionais, publicados no Brasil, que contêm cartas linguísticas referentes a *aguardente*, a saber: o ALERS (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011), carta 354, que foi aqui apresentada; o Atlas Linguístico da Paraíba - ALPB (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984), cartas 089 e 090 e o Atlas Linguístico do Litoral Potiguar (PEREIRA, 2007), Carta 01.

Na composição da história da Geolinguística, há um registro de Nascentes (1958, p. 8) que apresenta a sugestão de “[...] um questionário típico de caráter geral (cada região terá seu questionário suplementar especial) [...]” e, na sessão denominada Indústrias, apresenta a indicação de se averiguar sobre o “Fabrico do açúcar (a cana, o engenho, a usina, o bangüê, bagaço, melado, garapa, rapadura, aguardente, etc.)” (NASCENTES, 1958, p. 14)

Sobre pesquisas científicas que tratam a respeito dos usos de *aguardente*, com base no *corpus* do Projeto ALiB, já foram realizados dois estudos. Um deles é o de Vanessa Yida, em sua dissertação de mestrado, denominada “O campo semântico da alimentação e cozinha no Atlas Linguístico do Brasil – ALiB – um estudo lexical nas capitais” (YIDA, 2011). O outro é o artigo “Variação dos itens lexicais aguardente e bodega nas capitais brasileiras.” (RAZKY *et al.*, 2015) Em ambos, foram feitos estudos das ocorrências de *aguardente* nas capitais do Brasil.

Na pesquisa de Yida (2011), houve maior ocorrência de *cachaça* (171 ocorrências), seguindo-se de *pinga* (91) e *aguardente* (47) em terceiro lugar. No estudo de Razky *et al.* (2015), o resultado foi o mesmo em relação à ordem de ocorrências mais produtivas, contudo há divergência na quantificação, pois, neste estudo, *cachaça* foi registrado com 168 ocorrências, *pinga* com 86 e

*aguardente* com 45. Observe-se a distribuição dessas ocorrências no quadro abaixo.

Quadro 2 – Resumo Ocorrências – estudos linguísticos

<b>BEBIDA ALCOÓLICA FEITA DA CANA-DE-AÇÚCAR</b>			
	Cachaça	Pinga	Aguardente
Yida (2011)	171	91	47
Razky et al (2015)	168	86	45

Fonte: elaboração a partir de YIDA (2011); RAZKY *et al.* (2015)

YIDA (2011) considerou 31 variantes em sua pesquisa e Razky *et al.* (2015) 22 variantes. Nos dois estudos, se utilizaram conceitos e abordagens da Dialetoлогия, da Sociolinguística e da História. Na pesquisa de Yida (2011), há, ainda, a abordagem Etnolinguística.

Segundo Razky *et al.* (2015), ao analisar o resultado das variantes de *aguardente*, ocorridas nas capitais brasileiras que integram a rede de pontos do ALiB: “A distribuição diatópica de algumas lexias [...] nos faz pensar que realmente o fator histórico-social está intrinsecamente relacionado à variação das línguas”. (RAZKY *et al.*, 2015) Como se vê, a relação entre usos linguísticos, a história e a cultura são elementos importantes para o estudo das variantes de *aguardente*, pois “é da confluência de fatores linguísticos e históricos-sociais que emana o fenômeno da variação da língua” (RAZKY *et al.*, 2015)

Um ponto relevante do trabalho de Yida (2011) foi a análise lexical, em que a autora verificou as abordagens dos dicionários, a ocorrência de sinonímias, a etimologia dos vocábulos, os significados, as classificações como regionalismo, brasileirismo entre outros. Essa abordagem também se faz necessária no estudo léxico, levando em consideração que os conceitos dessa ciência, como a onomasiologia, por exemplo, está presente na interpretação dos dados das designações para *aguardente*, assim como a busca do significado de cada item lexical, seja nos dicionários e/ou em informações prestadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores.

Sabe-se que estudos dialetais com dados de âmbito nacional ainda são poucos e que o Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al.*, 2014b) traz uma grande quantidade de dados a serem pesquisados, que possibilitarão conhecer

e reconhecer muitas faces do português falado no Brasil. No estudo de Razky et al (2015, p. 278), por exemplo:

[...] verificou-se que há maior variedade de registro na Região Nordeste, especialmente no litoral [...], esta região constituiu grande polo de produção de aguardente nos primeiros anos da colonização do Brasil, estando esta atividade intrinsecamente ligada à vida dos brasileiros desde então, especialmente a dos nordestinos. (RAZKY et al., 2015, p.278)

Portanto, faz-se necessário realizar este estudo da variação lexical de *aguardente* para que se conheçam as realizações vocabulares, assim como seus aspectos semânticos e culturais, referentes aos usos linguísticos apresentados à questão 182 do QSL, nos 87 pontos do ALiB, que constituem os nove estados do Nordeste brasileiro.

Com isso, vê-se, por meio da geografia linguística, a Dialetoologia cumprir o seu papel de apresentar a distribuição diatópica desse item constituinte do português falado no Brasil e demonstrá-lo como um elemento que compõe unidades sintópicas dessa língua. E como bem explana Coseriu sobre a Dialetoologia, (2017, p. 17) “O que realmente se deseja descobrir é como se fala em um determinado ponto de uma língua histórica no espaço [...]”.

A busca das denominações para *cachaça*, no espaço dos brasileiros nordestinos, está além de constatações explicitadas em dicionários, já que o aroma, que revela o buquê da bebida, entranha a memória afetiva do apreciador, permitindo-o categorizá-la como bendita ou “marvada”.

As suas conceptualizações ocorrem conforme as perspectivas do falante, em que a heterogeneidade se dá tanto na língua quanto na categorização de elementos de ordens supostamente diferentes, mas que se unem devido aos aspectos culturais, consequentes dos feitos do ser humano.

### 3.2 A ETNOLINGUÍSTICA: O PENSAMENTO, A CULTURA E A MATÉRIA

“A língua é, antes de tudo, um produto cultural, ou social,  
e assim deve ser entendida.”  
(SAPIR, 1961, p. 27)

Para realizar o estudo da relação entre o objeto material, a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, e os nomes que a ela são atribuídos nas cidades do Nordeste brasileiro, por meio da aplicação do Questionário Semântico Lexical (QSL), pertencente ao Questionário Linguístico do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), pergunta 182: “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36), conta-se com a contribuição dos princípios da Etnolinguística, que centra seus estudos na relação entre o uso das palavras e os elementos presentes na cultura de uma sociedade.

Por natureza, a Etnolinguística compreende-se como uma vertente interdisciplinar da linguística, visto que ancora seus princípios e metodologias em outras ciências, como a Antropologia, a História, a Psicologia, a Sociologia e a própria Linguística, entre outros, para compor a base de percepção e de interpretações dos dados linguísticos.

Duranti (2000), que se refere à Etnolinguística como Antropologia Linguística, afirma que, por ser inerentemente interdisciplinar, e por basear-se e desenvolver-se em métodos que pertencem a outras disciplinas, especialmente à Antropologia e à Linguística, possibilita a compreensão dos vários aspectos da linguagem como uma estrutura de práticas culturais.

Sapir (1961, p. 19) alinhou a atuação interdisciplinar da linguística, ao abordar a importância da língua para se realizar um estudo de certa cultura, ligando a linguística à “[...] antropologia e à história cultural, à sociologia, à psicologia, à filosofia, e, mais remotamente, à fisiologia e à física.”

Velarde (1991) também traz à tona essa abordagem interdisciplinar da Etnolinguística ao considerar o estudo da língua relacionado a grupos humanos organizados em comunidades culturais.

A partir dessa perspectiva interdisciplinar para o estudo da língua, permite-se inferir que questões relacionadas às práticas sociais do ser humano, conforme interage com outros e consigo mesmo, e levando em conta seus

hábitos, suas crenças, seus costumes, julgamentos, podem ser consideradas na dinâmica do funcionamento da comunidade de que faz parte, tendo reflexo nos usos linguísticos. Com isso, torna-se possível conhecer aspectos de uma cultura por meio da língua que utilizam seus utentes, a partir da inerente relação entre a cultura e a língua, que se faz presente na expressão do pensamento, na nomeação das coisas, de atos, fatos, crenças, e na aceitação, propagação e avaliação de elementos da linguagem.

Decerto que a linguagem, na perspectiva da língua e na abordagem da Etnolinguística, não se limita a representar a expressão do pensamento dos falantes como um acionamento de mecanismo restrito ao sistema interno da língua, pois aspectos sociais, intrínsecos às comunidades das quais participam, são relevantes para o estabelecimento de uma relação real entre a língua, a sociedade, como um todo, e a língua e o falante, como uma parte desse todo. Salienta-se, como chama atenção Dias (2010, p. 69), que “[...] não existe correlação imediata e necessária entre fatos culturais e fatos linguísticos. Nesse âmbito não caberia uma interpretação teleológica, mas o entendimento de que esses fatos se influenciam reciprocamente.”

Nesta tese, aliam-se ao estudo Etnolinguístico fatos e conceitos concernentes à história do Brasil, que dizem respeito à representatividade da bebida alcoólica para o país, relacionando-a a pessoas, dentre as quais o povo que a consumia e que a produzia.

### **3.2.1 As variantes linguísticas e as experiências dos falantes**

Para tratar da relação entre os fatos linguísticos e os saberes que o ser humano possui das coisas do mundo material, constam as variantes lexicais que se referem à bebida alcoólica, que, por sua vez, compõem parte da cultura da comunidade ou das comunidades dos falantes que fizeram parte da pesquisa, os quais as utilizaram em determinada situação comunicativa.

Considera-se importante destacar que, para esta pesquisa, houve uma interação comunicativa por meio da fala, a partir da qual se obtiveram as respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores, nas quais constam os nomes que atribuíram à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, demonstrando, assim, o seu saber/conhecimento a respeito desse elemento do

mundo material. “Falar é uma atividade humana que varia, sem limites previstos, à medida que passamos de um grupo social a outro, porque é uma herança puramente histórica do grupo, produto de um uso social prolongado.” É o que nos traz Sapir (1971, p. 18) a respeito do ato de falar.

Altenhofen (2006) aborda a preferência dos estudos dialetais tradicionais por aspectos etnolinguísticos e justifica essa predileção, pelo fato de os estudos lexicais serem reveladores de cultura ou de culturas. São, portanto, os registros de fala considerados “documento vivo da história e da cultura do ‘povo’”. (ALTENHOFEN, 2006, p. 165)

Nessa perspectiva, faz sentido considerar que os itens apresentados nas respostas pelos entrevistados são de seu conhecimento devido a algum tipo de experiência cultural, mesmo que os referentes não sejam por eles utilizados ativamente em situações vivenciadas e/ou comunicativas. Entende-se, portanto, que o fato de constarem em sua resposta revela que são itens lexicais que fazem parte de sua experiência linguística/comunicativa e cultural.

O documento vivo citado por Altenhofen (2006) revela, na resposta dos entrevistados, as formas que compõem a variante ou a rede de variantes da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Nesse sentido, muitas vezes, o próprio entrevistado faz uma avaliação da forma apresentada, indicando se é mais antiga ou mais nova, se pertence à fala dos jovens ou dos mais velhos, se possui adjetivações negativas ou nomes específicos naquele local, entre outros.

Sousa e Antunes (2017) chamam atenção para o fato de os fatores geográficos interferirem nos usos linguísticos dos falantes, considerando que a sua experiência será enriquecida ao haver contato com membros de outras comunidades, pois lhes será proporcionado ocorrer uma troca linguística. Essa troca, certamente, se dá pelo partilhar de experiências culturais afins cujas denominações podem apresentar-se iguais e/ou distintas. Como trazem os autores (2017, p. 6): “[...] todo o sistema de valores aliados às práticas socioculturais das comunidades linguísticas humanas são refletidos no léxico utilizado.”

Como a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar faz parte da cultura do povo brasileiro, há de se pensar em sua representatividade, especificamente, para os indivíduos situados nos estados do Nordeste, os quais apresentaram,

em suas respostas, uma variedade de lexias, que foram organizadas em nomes comuns e em nomes-marca.

### 3.2.1.1 *A Etnolinguística e a relação entre língua e cultura*

Conforme destaca Santos (2004, p. 82), “[...] toda palavra que designe aspectos do mundo do homem e, em particular, da cultura e da sociedade, pode implicar associações com crenças, sentimentos, ideologias da comunidade de fala.” Logo, ao serem ditas como respostas, formas diversas para designar a bebida alcoólica, revela-se não apenas o conhecimento que o falante tem do uso linguístico, mas também do produto e de suas variadas formas de utilização e de denominações, podendo, inclusive, ser um item que faz parte de seu conhecimento linguístico e/ou de mundo, e ainda fazer ou não parte de seus costumes cotidianos e/ou esporádicos.

Nessa relação de contato das pessoas com a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, seja o informante conceptualizador e categorizador um consumidor ou não, seu conhecimento dos nomes-marca, por exemplo, se dará, provavelmente, por meio da disponibilização da bebida na localidade, que é determinada por uma rota de distribuição, cujo interesse é mercadológico da empresa produtora da *aguardente*. Com isso, o entrevistado, que possui critérios específicos para fazer parte do Projeto ALiB, dentre eles, o de não ter na vida muita movimentação de viagem, provavelmente, apresentou em suas respostas representações linguísticas de nomes de produtos que circulam ou circularam em sua localidade, fazendo parte de sua cultura, numa relação intrínseca entre uma coisa da cultura e o(s) seu(s) nome(s).

Sapir (1961, p. 21) considera que não é possível “[...] entender os lineamentos significativos de uma cultura pela pura observação e sem o auxílio do simbolismo lingüístico, que torna êsses lineamentos significativos e inteligíveis à sociedade”; para o autor, a língua age como um guia da simbolização da cultura.

Portanto, quanto mais abrangente for a utilização do objeto na sociedade, maior a possibilidade de produtividade nas formas variantes para designá-lo. No caso da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, que, culturalmente e originalmente, é relacionada à classe popular, aliado ao fato de ser

tradicionalmente consumida em situações informais, conta-se com aspectos favorecedores do comportamento de seus fabricantes e consumidores de dar nomes com as mais diversas motivações, desde nomes de mulheres, fatos históricos e contemporâneos, tipos de culturas e até elementos direcionados a itens de conotações sexuais etc.

Partindo da relação entre língua, uso e cultura, importante se faz trazer o conceito de cultura abordado por Geertz (1989, p. 4), a partir do qual se permite realizar uma interpretação interdisciplinar dos estudos da língua, considerando aspectos da cultura, como o fato de ser: “(1) ‘o modo de vida global de um povo’; (2) ‘o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo’; (3) ‘uma forma de pensar, sentir e acreditar’; [...] (6) ‘um celeiro de aprendizagem comum’; [...] (8) ‘comportamento aprendido’.”

Traz ainda Geertz (1989, p. 4) um conceito de cultura como “[...] uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Esse direcionamento de Geertz para tratar e definir a cultura coaduna perfeitamente com a perspectiva argumentativa e interpretativa desta tese, visto que a toma como um elemento dinâmico, aprendido e que envolve sentimentos, pensamentos e crenças das pessoas que vivem em interação com certa comunidade. Trata-se de um elemento que se atualiza conforme o desenrolar dos fatos da contemporaneidade.

Com isso, entende-se que as variantes lexicais para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar fazem parte de um legado social aprendido no eixo de contato do informante, sendo utilizado em comum acordo com outros membros dessa mesma sociedade e que há os nomes tradicionais, que se tornaram idiomáticos, da cultura linguística nacional, e há aqueles que pertencem à(s) cultura(s) local(is) e, até, podem fazer parte da cultura individual, como os idioletos.

Duranti (2000, p. 80) afirma que a linguagem desempenha papel importante para as teorias da cultura. “Para la noción de cultura como modelos aprendidos de conducta y de prácticas de interpretación, el lenguaje es decisivo, porque aporta el más complejo sistema de clasificación de experiencias.”<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> Para a noção de cultura como modelos aprendidos de práticas comportamentais e de práticas de interpretação, a linguagem é decisiva, porque proporciona o mais complexo sistema de classificação de experiências.

Lévi-Strauss (1967, p. 85) explicita um questionamento sobre a relação entre língua e cultura: “Para estudar uma cultura, será necessário o conhecimento da língua? [...] Inversamente, o conhecimento da língua implica no conhecimento da cultura, ou ao menos de alguns de seus aspectos?” O próprio autor segue sua reflexão afirmando que “[...] o problema da relação entre linguagem e cultura é um dos mais complicados que existem.” (LÉVI-STRAUSS, 1967, p. 86)

Portanto, o saber dos falantes a respeito das denominações para *cachaça* depende do tipo de experiência que obtiveram com ela, e isso se revela nas lexias apresentadas como resposta, assim como nos comentários a respeito da bebida, feitos no decorrer de muitos inquéritos. Dessa forma, se percebe a relação entre os itens linguísticos e a vida dos informantes conceptualizadores e categorizadores, tanto pelas designações como pelas expressões de suas ideias a respeito da bebida.

### 3.2.1.2 *A Etnolinguística e as nuances dos registros dialetais*

No âmbito dos estudos em que a Etnolinguística se alia aos estudos dialetais, se conta com a contribuição da geografia linguística para que, por meio do léxico e de sua distribuição espacial, se obtenham informações a respeito da cultura material refletida nas respostas dos informantes das cidades pesquisadas. No estudo dialetológico, utilizando sua metodologia, a geolinguística, mapeiam-se as variantes dialetais e assim se fornecem informações que possibilitam conhecer a distribuição das denominações que podem ser classificadas como variações diatópicas.

Evidentemente que os dados coletados pelo Projeto ALiB, por conterem uma metodologia pluridimensional, permitem ainda conhecer a distribuição das variantes diassociais, nos eixos sexo, escolaridade e faixa etária, possibilitando que se realizem interpretações que se direcionam às distinções entre os grupos, assim como as semelhanças.

Ao se considerarem as variações de natureza diassociais no estudo dos itens lexicais, contribui-se com a abordagem etnolinguística por se traçarem as distribuições lexicais nas localidades pesquisadas, apresentadas por membros de uma sociedade que, certa e naturalmente, é estratificada. Coseriu (1990)

atribui importância à Geografia linguística na realização dos estudos etnolinguísticos, devido à relação entre o léxico e a cultura popular material. Velarde (1991) afirma que a Geografia linguística oferece a possibilidade de descobrir antigas conexões culturais.

Aliada a essa perspectiva de abordagem teórica, importante se faz tratar da Etnografia, que, conforme apresenta Boléo (1991, p. 255), pode ser interpretada como “[...] o estudo dos objetos materiais necessários às atividades fundamentais do povo [...]”. Centra-se em elementos de caráter popular, típicos de um local, por isso, segundo esse autor, “Não interessa à etnografia o que é individual ou temporal, mas o que é anônimo, colectivo e intemporal.” (BOLÉO, 1991, p. 256)

Dias (2012), ao fazer um estudo linguístico e etnográfico em cartas do *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, afirma que a etnografia

[...] leva em conta a combinação de fatores geográficos, históricos e antropossociais como modeladores fundamentais na estruturação das condições de vida dos homens e, por isso mesmo, condicionantes dos usos e costumes, da mentalidade, do modo de vida de qualquer povo. (DIAS, 2012, p. 222)

Considerando a relação entre língua e cultura, Coseriu (1990, p. 36) explicita o objeto de estudo da etnolinguística e da etnografia linguística:

[...] se o objeto de estudo é a linguagem, se se trata dos fatos linguísticos enquanto determinados pelos ‘saberes’ acerca das coisas, faz-se etnolinguística propriamente dita ou lingüística etnográfica; se, ao contrário, o objeto de estudo é a cultura, se se trata dos ‘saberes’ acerca das ‘coisas’ enquanto manifestados pela linguagem (e da linguagem mesma como uma forma da cultura entre outras e conjuntamente como outras), faz-se etnografia linguística [...]” (COSERIU, 1990, p. 36)

Dessa forma, se estabelece uma íntima relação entre as experiências das pessoas e as coisas que fazem parte de seu mundo cotidianamente, as quais possuem nomes e, possivelmente, variantes.

Enquanto a Etnografia estuda a relação entre as coisas e o ser humano, procurando verificar o que essas coisas significam e representam funcionalmente para ele (BOLÉO, 1991, p. 265), a Etnolinguística, segundo Coseriu (1990, p. 29), dedica-se “[...] ao estudo da variedade e da variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura”. Coseriu (1990, p. 30)

acrescenta que a Etnolinguística é “[...] o estudo do saber relativo às estruturas e relações sociais refletidos na língua.” e “[...] No plano histórico, a etnolinguística é o estudo da civilização e da cultura refletidas na língua”.

A respeito do estudo da Etnolinguística, há uma divisão tripartida apresentada por Coseriu (1990), que a subdividiu em: a Etnolinguística da fala, da língua e do discurso, considerando que esses são três planos da linguagem e, conseqüentemente, três planos da linguística.

Sobre a Etnolinguística da língua, na qual se concentra este estudo, Coseriu (1990, p. 46) afirma:

À etnolinguística da língua corresponde, precisamente, o estudo dos fatos de uma língua enquanto motivados pelos “saberes” (idéias, crenças, concepções, ideologias) acerca das “coisas”, portanto, também acerca da estratificação social das comunidades e acerca da linguagem mesmo enquanto fato “real”. (COSERIU, 1990, p. 46)

Dessa forma, esclarece-se que, por meio dos estudos da Etnolinguística da língua, é possível verificar os itens que nomeiam determinados fatos linguísticos e a organização desses itens. Fazendo um paralelo com o referente de estudo e a metodologia utilizada nesta tese, entende-se que há uma concentração na Etnolinguística da língua, pois se buscam as denominações para a *aguardente*, assim como sua organização léxica e cognitiva, conforme ocorrem numa ordem e em um encadeamento das respostas apresentadas pelos entrevistados de determinada localidade.

Em vista dos conceitos apresentados, cabe delinear o caminho seguido neste estudo para tratar das denominações da *aguardente*, na perspectiva da etnolinguística, em que língua, cultura, sociedade se apresentam manifestadas no mais genuíno de seus representantes: o falante.

### **3.2.2 O saber cultural e as denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar**

Propõe-se aqui uma reflexão a respeito da representatividade dos aspectos culturais que constituem as denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, que foram apresentadas como respostas pelos participantes do Projeto ALiB.

Trata-se de uma abordagem etnolinguística e não etnográfica, pois se leva em conta, por exemplo, o estudo dos nomes atribuídos a uma bebida, que se constitui um elemento de forte presença na história deste país.

Entende-se, portanto, que as respostas dos participantes do Projeto ALiB, à pergunta 182, correspondem inicialmente ao saber cultural dos representantes de cada localidade a respeito das denominações que se atribuem à bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar, as quais se apresentam como item lexical, na forma de nomes comuns ou como nomes-marca.

A origem da bebida no Brasil ocorreu devido às oportunidades providas pelo plantio da cana-de-açúcar, realizado por pessoas escravizadas. Conforme Trindade (2006, p. 65), a cana-de-açúcar é “[...] uma planta da família *Poaceae* (*Gramineae*) [...]”, que foi trazida ao Brasil pelos portugueses para plantio e comercialização, inicialmente, do açúcar, posteriormente, da aguardente da terra, a *cachaça*.

De acordo com Ribeiro (1995, p. 275)

Os portugueses, que já haviam experimentado a plantação de cana e a produção de açúcar em pequena escala, com tecnologia árabe, nas ilhas da Madeira e dos Açores, se habilitaram para estender astronômica e economicamente essa produção nas novas terras, montando para isso todo um vasto sistema de recrutamento de mão-de-obra. (RIBEIRO, 1995, p. 275)

A cana-de-açúcar faz parte da cultura implantada no Brasil. Deve esse elemento ser situado como propulsor de práticas culturais, realizadas em atividades laborais, linguísticas, festivas, entre outros, nos mais diversos contextos de interação entre as pessoas que compuseram o ambiente colonial, as quais respiraram, comeram, beberam da fonte da cana-de-açúcar.

Portanto, no contexto, em que a cana-de-açúcar e a bebida alcoólica que dela é feita no Brasil fazem parte da cultura brasileira desde, praticamente, seu início, revela-se uma forte relação estabelecida entre os nomes variantes atribuídos à bebida e a cultura do país, tanto no passado como no presente. Dialogando com o que nos traz Dias (2010, p. 69) “Os temas que provocam grande interesse ou se relacionam com atividades frequentes dos grupos podem atrair maior número de sinônimos [...]”. Portanto, a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, mesmo sofrendo estigmas ao longo da história, conta com uma

grande variedade de nomes, atribuídos por motivações diversas, sendo, inclusive, considerados sinônimos, devido a condicionamentos linguísticos de uso aliados a aspectos culturais.

Souto Maior (1970) cita nomes de *cachaça* fixados em seus rótulos que são relacionados a personagens e a fatos históricos conhecidos, como, por exemplo:

[...] 'Barra Limpa', 'Brasa, mora' registrando sucessos de Roberto Carlos e a música Jovem; '5X2', alusiva à vitória do Brasil no campeonato mundial de futebol; 'Chita' (Paraná), lembrando a macaca das fitas de Tarzan; Maracangalha (Paraná) homenageando um sucesso de Dorival Caymi. [...] (SOUTO MAIOR, 1970, p. 28).

Nessas nomeações, verifica-se a relação entre língua e cultura, composta de um movimento em que a língua reflete a cultura de uma sociedade, assim como a língua influencia a cultura, que, por sua vez, em movimento duplo de direcionamento, reflete a língua de seus falantes, que pertencem a uma sociedade estratificada; tudo isso favorece a criação de formas linguísticas variantes. E é nesse sentido que sobre a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar há muito o que se dizer e até muito o que se contar.

Sobre essa relação entre a língua e a cultura, afirma Lévi-Strauss (1967):

Pode-se, inicialmente, tratar a linguagem como um *produto* da cultura: uma língua, em uso numa sociedade, reflete a cultura geral da população. Mas num outro sentido, a linguagem é uma *parte* da cultura; constitui um de seus elementos, dentre outros (LEVI-STRAUSS, 1967, p. 86).

Sobre a relação entre língua e sociedade, salienta-se que os estudos etnolinguísticos estudam a variação linguística relacionando-a à civilização e à comunidade de falantes, considerando a heterogeneidade da língua aliada ao fato de as formas variantes constarem como representações de uma determinada sociedade.

Nesse sentido, realizando o estudo etnolinguístico das denominações para a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar, conforme a sua distribuição diatópica nos estados do Nordeste do Brasil, se obtiveram as formas linguísticas apresentadas como respostas, caracterizando como itens que fazem parte da cultura dos entrevistados, sendo as presenças em seu vocabulário motivadas

pelas mais diversas situações de interação, desde ouvir falar da bebida até conhecê-la efetivamente, revelando o seu conhecimento a respeito de como se denomina a bebida.

Se se entende que há uma cultura que se revela no modo de viver das pessoas, pensa-se que, para que a bebida faça parte da cultura de seu povo e para que seja absorvida pelo seu gosto, deve ter características próprias, porque, assim como há muitos nomes de *cachaças*, há diversas formas de finalizar a produção dessa bebida.

E qual tipo agrada o consumidor nordestino para que seja produzida, distribuída, vendida e consumida nas cidades dessa região ao ponto de, devido à sua representatividade, se fazerem presentes nas respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores? Em se tratando de nomes comuns, há aqueles que são de maior uso e conhecimento do informante, como *cachaça*, *cana*, *pinga*, *aguardente*, entre outros, assim como os nomes-marca, como *Pitú*, *51*, *Ypióca*, que são marcas conhecidas, de uma forma geral. Mas há outras marcas que foram apresentadas nas respostas, exclusivamente, dos entrevistados dos estados em que são produzidas, como *Colonial* (CE), *São Paulo* (PB), *Preá* (PE), por exemplo.

Para esses nomes-marca de conhecimento restrito ao local onde é produzida, deve-se levar em consideração um aspecto positivo, pois ao mesmo tempo em que é menos dispendioso para as empresas de *cachaça* fazerem a distribuição nas áreas que correspondem ao estado em que é produzida ou, no máximo, nos estados próximos, o que pode tornar o negócio mais lucrativo, oportuniza-se ao consumidor apreciar a bebida local, fortalecendo seus laços com sua cidade ou estado, assim como suas raízes culturais, por meio de um produto que leva em seu rótulo, além do nome da bebida e outras informações relevantes, a sua procedência.

Com isso, *cachaça* é reconhecida, referenciada e denominada, muitas vezes, sendo citados o seu nome e o local de onde vem, como a “Colonial, que é do Ceará”, a “Pitú, que é de Pernambuco”, ou o próprio local ser a referência da produção da bebida, como a *cachaça* de Areia, na Paraíba; a de *Abaíra*, na Bahia; a de salinas, em Minas Gerais, entre outros.

Nessa concentração de público, e devido a outros aspectos locais, como o clima, a terra, o tipo de cana e as formas de destilação, se reconhecem

*cachaças* de qualidades, sabores e aromas distintos por todo o Brasil, fazendo com essa seja um elemento cultural da bebida: ter as mesmas características, mas ser diferente, conforme as conduções que fazem parte de sua feitura, e a depender do local onde é produzida.

### 3.2.2.1 *O saber cultural e as narrativas sobre a aguardente*

Nesse contexto de relações que diferenciam a bebida, há o que se conta sobre ela, que também se relaciona à cultura local. Tem-se, portanto, uma abordagem importante para a interpretação dos dados, utilizando-se a vertente etnolinguística, que nos conduz a compreender que a língua reflete a cultura não-linguística, a qual “[...] manifesta os ‘saberes’, as idéias e crenças acerca da ‘realidade’ conhecida [...]”, conforme Coseriu (1990, p. 40).

Dessa forma, tem-se uma bebida alcoólica que se constitui como um elemento genuinamente nacional, cuja imagem é relacionada às classes populares, e por isso absorve características da cultura popular. É, portanto, natural que, partindo de diferentes conhecimentos de mundo, dentre os quais estão crenças e lendas, seja a *cachaça* motivo para o surgimento de muitas histórias fictícias, dentre as quais, cita-se, como exemplo, uma que relata uma versão do surgimento da *cachaça*.

Conta-se nas Alagoas, por exemplo, segundo Souto Maior (1970):

Diz que ‘Nosso Senhor Jesus Cristo corria uma vez por uma estrada, fugindo dos judeus. Morria de fome e de sede, debaixo de um *solão* enorme. Já não aguentava mais de cansaço quando avistou um canavial. Então escondeu-se entre as suas fôlhas, refrescou do calor, descansou, chupou uns gomos e matou a fome. Ao retirar-se, estendeu as mãos sôbre as canas e as abençoou, prometendo que delas o homem haveria de tirar boa e doce. No outro dia, à mesma hora, o diabo saiu das fornalhas do inferno, com os chifres e o rabo queimados, galopando pela estrada foi dar no mesmo canavial. Vendo o verde das canas entendeu de refrescar e espojar-se nas fôlhas. As canas, porém, atiraram-lhe pêlos, começando êle a coçar-se. Furioso, cortou um gomo e começou a chupar; mas o caldo estava azêdo, e caindo-lhe no gôto queimou-lhe as goelas. O diabo então danou-se e prometeu que da cana o homem haveria de tirar uma bebida tão ardente como as caldeiras do inferno. E é por isso que a cana dá o açúcar, por causa da bênção do Nosso Senhor, e a *cachaça*, por causa da maldição do diabo’, conforme uma lenda que Alfredo Brandão (1) colheu em Alagoas. (SOUTO MAIOR, 1970, p. 15).

Como se vê, é um conto popular, que faz parte da cultura brasileira, de seu folclore e se constitui no acervo de informações que se apresentam a respeito do surgimento da bebida alcoólica.

Sobre o Folclore, Boléo (1991, p. 256) afirma que é “[...] o estudo da parte espiritual da cultura popular, p. ex. tradições, lendas, orações, superstições, etc.”. Segundo o autor, a etnografia é a matéria e o folclore é o espírito da cultura popular.

O conto seria uma versão extraoficial do surgimento da *cachaça*, em que o autor desconhecido se utiliza de recursos linguísticos e culturais de conhecimento comum, para coletivizar a lenda de forma que faça sentido para quem a conta e/ou quem a ouve. A partir disso, ideias são formadas a respeito da bebida, permitindo que se estabeleçam conceitos, imagens sobre ela, dentre as quais: *cachaça é coisa do diabo*, logo, *é coisa ruim*, da mesma forma que *o azedo é ruim* em oposição à gostosura do que é doce.

Sobre esse posicionamento de julgar a *cachaça*, temos o relato que ocorreu na fala do participante de Natal (53) – RN, homem, faixa etária II, de escolaridade fundamental, que atribui adjetivação negativa à *cachaça* ao dizer:

- (8)                    [...]  
                           INF. — Um dia, uma vez eu estava lendo uma revista até de palavras cruzadas, aí tinha 36, parece, 36 ou era 34 sinônimos de *cachaça*. (risos). Aí eu digo: Oi, minha nossa senhora, mas olha que ruim.  
                           INQ. — Pois então, seu J.<sup>71</sup>  
                           INF. — Eu chamo de maldição.

Observa-se que o informante conceptualizador e categorizador, pelo fato de detectar que há 36 nomes para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, atribui-lhe valor de negatividade, ao afirmar que é uma “maldição”.

Obviamente, que, para os estudos etnolinguísticos, a *aguardente* comporta-se como um elemento da sociedade que é mal visto, porque, dentre outros motivos, já viciou muitas pessoas e lhes trouxe consequências ruins para suas vidas. A noção de quantidade de nomes é percebida pelo entrevistado como uma maldição; e a respeito desse julgamento, infere-se o fato de provavelmente o entrevistado reconhecer, a partir de sua experiência de mundo,

---

<sup>71</sup> J. é a consoante inicial do nome do informante.

a popularidade da *aguardente* e sua representatividade na sociedade, o que acarreta na produtividade de nomes para a bebida.

Ainda no âmbito do folclore em torno da bebida alcoólica, traz-se uma narrativa propagada nas mídias sociais, a respeito do surgimento dos nomes *pinga* e *aguardente*. Trata-se de uma história que circula com valor de verdade, já que os personagens não fazem parte do universo do fantástico e/ou de crenças, mas de tipo de pessoas que fizeram parte nossa história, nossa realidade: as que foram escravizadas<sup>72</sup>.

Conta-se que os povos escravizados, ao fazerem o melado, a partir do caldo da cana-de-açúcar, levavam o líquido ao fogo em um tacho; para que o líquido atingisse uma consistência cremosa, tinham de mexer por muito tempo. Um dia, cansados, pararam de mexer o líquido e o melado “desandou”, ou seja, passou do ponto de cozimento considerado como ideal. Para não serem punidos, os seres humanos escravizados guardaram o melado, escondendo-o do feitor. No dia seguinte, perceberam que esse melado tinha azedado e fermentado e, como providência, o misturaram com o novo e levaram os dois ao fogo.

Devido à fermentação, o açúcar do melado azedado tinha virado álcool, ou seja, tinha perdido o doce da cana, e, na fervura do líquido misturado, iniciou-se a evaporação do álcool da parte azeda do líquido, formando goteiras no teto do engenho, que pingavam, com certa frequência. Era já a *cachaça* que pingava e, a partir de então, surgiu o nome *pinga*.

Ao cair nas costas dos escravizados, que eram marcadas pelas chibatadas que recebiam dos feitores, causavam ardência, o que motivou o surgimento do nome *aguardente*. Além disso, ao cair no rosto, ao escorrer até suas bocas, perceberam que o que caía da goteira os fazia ficarem alegres e com vontade de dançar.

Essa versão da história da *pinga* e da *aguardente* é muito divulgada em *sites* da *internet* e, a partir dessa versão, muitas pessoas passam a conhecer a história da bebida e a tomam como verdade, entendendo-a como uma boa história que merece ser contada.

Figueiredo (2011), no entanto, desconstrói essa versão da história da *pinga* e da *aguardente*, baseando-se em questões de estudo físico-químico.

---

<sup>72</sup> Informação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TCCN5MH61dg>. Acesso em: 18 out. 2021.

Sobre o fato de a *cachaça* evaporar, por exemplo, diz o autor que é possível de ter ocorrido, visto que a evaporação se deu por fervura do líquido no tacho, sabendo-se que a evaporação do álcool ocorre a 78°C. Mas, além de evaporar, para que a *pinga* caísse do teto e pingasse nas costas dos escravizados, seria necessário que o ambiente estivesse em temperatura bem fria, para que o líquido evaporado condensasse. O autor chama atenção de que isso seria difícil de ocorrer em engenhos situados no Nordeste do Brasil, onde a condensação à temperatura ambiente seria praticamente impossível. Acrescenta-se que já no Sudeste, poderia até ser possível, mas, como Figueiredo (2011, p. 47) chama atenção “[...] a quantidade necessária de álcool para que ele viesse a se condensar em forma de gotas - e depois se precipitasse! – deveria ser razoavelmente grande.”

Essa história apresenta elementos que a fazem levar a crer de que se trata de uma verdade, pois alia elementos reais a fictícios. Como verdade, é possível considerar o fato de a bebida alcoólica fermentada a partir da cana-de-açúcar ter surgido no Brasil, por meio do trabalho dos escravizados; como fato fictício, tem-se a questão de o líquido evaporar, condensar, pingar do teto e cair nas costas dos escravizados e causar ardência, devido ao encontro da água ardente com os seus fermentos, os quais, como se sabe, trata-se de uma realidade, e eram causados pelas surras que levavam dos feitores.

Vê-se que com esse misto de tipos de informações que circundam entre fatos reais, que constam registrados em documentos, livros históricos e são reproduzidos em documentários e fatos fantasiados, que contempla a evaporação, a condensação e a precipitação do álcool que cai nas costas e na boca dos escravizados, possibilita-se que leitores leigos do assunto considerem verdadeira a história, que é amplamente lida e compartilhada entre frequentadores das mídias sociais.

Tanto essa versão da origem da *cachaça*, que também se refere ao surgimento dos nomes *pinga* e *aguardente*, quanto aquela versão do conto colhido nas Alagoas, são histórias populares e folclóricas, a respeito da bebida alcoólica feita da cana-açúcar, que têm alcances distintos de público e se constituem em uma riqueza dos acervos histórico, cultural e folclórico do Brasil.

O *site* Mapa da *cachaça* publicou o artigo “A falsa história sobre a origem da *cachaça*”, em março de 2019, que desmitifica essa história da bebida,

ênfatizando que a desconstrução dos fatos da narrativa deve ocorrer devido a três pontos: (i) o falso desconhecimento dos escravizados a respeito da fermentação de itens da natureza para transformar açúcar em álcool, já que ficaram surpresos com o azedar da cana; (ii) o processo de destilação por meio de uma evaporação improvável, como já foi aqui apresentado e; (iii) a origem das palavras *pinga* e *aguardente*.

Sobre a história do consumo de bebidas alcoólicas pelo povo africano: “Trindade (2006, p. 31) traz a seguinte informação: “Até a chegada dos colonizadores europeus, eles só consumiam bebidas fermentadas, dentre as quais uma conhecida como *malafa*, espécie de vinho obtido de diversas palmeiras.” Essas palmeiras foram extintas pela ação predatória do povo africano aliada às ações de ataques dos portugueses, que acabavam com as palmeiras como uma forma de punir o povo. Com isso, os africanos passaram a consumir bebidas advindas de Portugal e da Espanha, que disputavam esse público consumidor e “Então por volta de 1600, a cachaça também entrava na briga”, e isso ocorreu porque a bebida passou a ser moeda de troca de escravizados. Logo, é certo que os escravizados já conheciam a bebida alcóolica feita a partir da fermentação de palmeiras.

A bebida fermentada com base na cana-de-açúcar agradou ao povo africano, tornando-se preferida em detrimento às bebidas portuguesas e espanholas. Conforme os registros oficiais, não se tem dúvida de que, no período do plantio da cana-de-açúcar, a bebida alcóolica feita da fermentação da cana era produzida, por meio do trabalho de pessoas escravizadas. Três elementos favoreceram a produção da bebida: o plantio da cana-de-açúcar, o trabalho do povo africano, infelizmente como escravizados, e o conhecimento dos povos da elaboração de bebidas alcoólicas a partir de frutas, raízes, palmeiras.

A bebida alcóolica em questão configura-se como um elemento da cultura brasileira, e disso não se tem dúvida; contudo não há certeza de quando e onde se produziu a primeira *cachaça* no país, seja da forma rudimentar, apenas fermentada da cana-de-açúcar, seja da forma que hoje é feita: fermentada e destilada. Essa incerteza abre espaço para a criação de histórias fantasiosas e lendas, por parte da classe popular, que tem grande produtividade em criação de “causos”, que, assim como outros, ao serem bem contados, tendem a não deixar espaços para dúvidas.

No estabelecimento da representatividade desse elemento cultural, em que se tem os fatos, as palavras que compõem a língua, inclusive suas variantes, vê-se a importância de considerar neste estudo os princípios da Etnolinguística da língua que estabelece uma relação entre o estudo dos fatos de uma língua motivados pelos saberes das coisas, relacionadas à linguagem como uma realidade. E é com propriedade de conhecimento dos fatos reais que se pode comprovar ou desmistificar as histórias contadas sobre a *cachaça*, assim como promover explicações a respeito das motivações para criação de suas formas linguísticas variantes, visto que, parafraseando Coseriu (1990), a Etnolinguística concentra seus estudos na relação entre a variedade linguística e a cultura a que pertence.

### 3.2.2.2 *O saber cultural: a interação entre a cultura e a língua*

Os aspectos culturais que envolvem a história da *cachaça* favorecem que se acredite, por exemplo, que o surgimento da palavra *aguardente* foi motivada pelo fato de a água ardente ter caído nas costas feridas dos escravizados e ter ardido. Mas, conforme Silva (2008, p. 23) *aguardente* “[...] vem da *acqua ardens* – a ‘água que vem do fogo’” e está descrito em livros do início da era cristã. Conforme Cascudo (1986), em documentos do século XVII, há a referência a *Augoa Ardente*.

Cascudo (1986) aborda o fato de *aguardente* e *cachaça* se tornarem sinônimos recíprocos, conforme sua denominação, sem que se continuasse com a preocupação com a origem da bebida. Nos dias atuais, como já assinalado, mesmo sendo considerados sinônimos, porque muitos não diferenciam uma bebida da outra, oficialmente, *cachaça* e *aguardente* se distinguem.

Baseando-se na distinção apresentada por Cascudo (1986), a *cachaça* hoje é feita do caldo da cana, o mosto, com teor determinado de graduação alcoólica, e a bebida alcoólica que é feita a partir do melado, melaço, mel é denominada de *aguardente*, fazendo parte de outro grupo de bebidas feitas tanto com a cana como com outros itens da natureza.

Sabe-se que, como elemento da cultura brasileira, a matéria prima da *aguardente de cana* e da *cachaça*, a cana-de-açúcar, já foi destaque para a produção brasileira e a exportação do açúcar. Sua importância para a história do

Brasil se dá pela presença expressiva na economia do país, que se concentrou por mais de um século em produtos e subprodutos advindos da cana.

Portanto a cana-de-açúcar está na raiz da cultura do Brasil, e não seria diferente aos usos linguísticos que a ela estão relacionados. Como fez parte do dia a dia dos moradores do Brasil, foi elemento estruturado e reestruturado para se adaptar às demandas comerciais, por isso, devido ao redirecionamento dos negócios com a cana, da produção do açúcar, no período colonial, partiu-se para o trabalho com a bebida alcoólica como um subproduto, ou, posteriormente, como produto principal do engenho de cana.

Ribeiro (1995, p. 277) destaca como complementos da economia açucareira, a feitura da *aguardente* e da rapadura, “[...] que era a produção principal dos pequenos engenhos, destinada ao mercado interno.” Certamente essa mudança de direcionamento alterou as práticas no exercício laboral dos seres escravizados, já que o fazer do açúcar é diferente do fazer da *cachaça* e/ou *aguardente*.

Muitos engenhos que trabalhavam com os dois produtos, açúcar e a bebida alcoólica, tinham também como subproduto a rapadura e o melado. Essa prática se justifica pelo fato de se querer multiplicar a possibilidade de trabalho com a cana, visto que se o caldo for fervido, sem ocorrer fermentação, se produz o melado e/ou a rapadura.

Trindade (2006) traz a importante informação que se refere à necessidade de uma grande quantidade de trabalhadores na lavoura da cana-de-açúcar, devido às várias etapas do trabalho e do elevado quantitativo de cana que deveria ser colhida para o momento da produção. Rego (2009, p. 113) retrata essa informação em sua narrativa.

Da calçada da casa-grande viam-se no meio do canavial aquelas cabeças de chapéu de palha velho subindo e descendo, no ritmo do manejo da enxada: uns oitenta homens comandados pelo feitor José Felismino, de cacete na mão, reparando no serviço deles. Pegava com o sol das seis, até a boca da noite. (REGO, 2009, p. 113)

Sobre este aspecto, Carvalho (2003, p. 18) afirma que o açúcar foi a atividade lucrativa do Brasil colônia, que exigiu muita mão de obra e uma grande quantidade de capital, proporcionando a escravização de africanos e a

desigualdade entre os senhores de engenhos e os outros habitantes das localidades.

Nesse contexto sociocultural, em que a instalação e a permanência de pessoas para o trabalho escravo ocorriam, a *aguardente* tinha participação ativa como um elemento que tanto servia para acalmar os sofrimentos e aguentar as saudades, como dava coragem ao ser explorado para o enfrentamento da labuta, dia a dia, nas lavouras.

Cascudo (1986, p. 24) afirma que os escravizados bebiam a *cachaça*, ainda chamada de *aguardente da terra*, “para esquecer, aturdir-se, resistir”. A eles era dada a bebida todos os dias, nos turnos matutino e noturno, desde que eram transportados nos navios. Nas senzalas, a bebida também era a eles disponibilizada, embora houvesse ressalvas a respeito dos sintomas que lhes causavam e as consequências comportamentais que poderiam neles provocar.

Com isso, natural se faz que a bebida iniciasse sua caminhada de nomes, visto que por uns era chamada de *cachaça*, outros de *aguardente*, outros de *jeribita*, *marafó*, entre outros. A motivação para a criação das denominações foi diversa, assim como foram diversos os povos que tiveram contato com outras bebidas alcoólicas fermentadas a partir de outros itens da natureza, como a feita da uva, pelos portugueses, a feita da mandioca pelos índios, a feita de palmeiras pelos africanos.

A respeito do desenvolvimento paralelo entre elementos da cultura e da língua, Sapir (1961, p. 61) atribui importância à psicologia coletiva nessa relação que permeia entre a mentalidade da raça e o ambiente físico. Nesse sentido, afirma que “É na base dessa psicologia coletiva, sejam quais forem as suas tendências, que lentamente vão se desenvolver a língua e a cultura.”

O autor indica uma interação entre atividades culturais e a língua, no caso, citando o sistema gramatical. Segue afirmando que há entre a cultura e a língua um constante estado de interação definidos em determinado de tempo. E estabelece uma relação temporal em que pode se revelar um conservadorismo mais saliente nos aspectos da língua que da cultura, isso porque

Os elementos culturais, que servem de maneira mais definida às necessidades imediatas da sociedade e entram mais claramente no campo da consciência, não só hão de mudar mais rapidamente do que os elementos linguísticos, mas a própria forma da cultura, que dá a

cada elemento a sua significação coletiva, há de ficar num processo contínuo de remodelação. (SAPIR, 1961, p. 60)

Diante disso, pode-se compreender o porquê de haver uma grande quantidade de nomes registrados para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar: trata-se da nomeação de um elemento que possui uma representatividade cultural e que comumente é atribuída à bebida característica de comunidades populares, cujo uso se dá em situações de festas e de informalidade, o que, provavelmente, motiva ocorrer essa grande produtividade de nomes.

Sobre essa produtividade de nomes, Silva (2008) atribui, como causa, a proibição estabelecida pela coroa portuguesa, no período de 1649 a 1661, de haver produção e comercialização da bebida alcoólica brasileira. Como a produção não parou, passando a funcionar clandestinamente, os nomes serviam para disfarçar, driblar a fiscalização.

Considerando que são muitos os nomes registrados em dicionários gerais e específicos, assim como em obras especializadas sobre o assunto, entende-se que, com o estudo etnolinguístico, aliado ao dialetológico, define-se, a partir dos itens apresentados nas respostas dos participantes do Projeto ALiB, os que foram mais utilizados na comunicação entre inquiridor e informante.

No caso deste estudo, identificar as denominações que foram apresentadas como resposta para a pergunta: “como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” é o limite onde podemos chegar, pois os nomes são obtidos a partir de uma questão que permite ao entrevistado responder como ele conhece o referente ou como se lembra naquele momento, independentemente de ser um apreciador/consumidor da bebida.

É nesse sentido que a interpretação dos dados, utilizando-se da perspectiva etnolinguística, faz sentido e tem sua importância, pois sendo ou não um apreciador da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, procura-se saber como ela se chama. Como o informante conceptualizador e categorizador a conhece e nomeia.

Com isso, por meio das respostas, verificam-se as formas lexicais que são de conhecimento dos entrevistados de cada local e de todo o Nordeste e que são apresentados em suas respostas. Ser de conhecimento é um passo para que seja apresentado em atividades comunicativas de uso atual ou em um

momento passado, mas, de qualquer forma, são itens que fazem parte da cultura nacional ou local. Diferente seria um estudo etnográfico em que o saber se consolidaria a partir das representatividades das coisas refletidas nas palavras cuja verificação se daria por meio da vivência em locais em que a bebida faz parte contextualmente, de interações entre os indivíduos, como engenhos/alambiques, bares/botecos, lojas/revendedoras.

Como uma abordagem interpretativa da etnolinguística, faz-se o estudo da língua a partir dos saberes que os informantes, equitativamente estratificados, têm a respeito da bebida alcoólica feita da cana de açúcar. Segundo Coseriu (1990, p. 40), à cultura relacionam-se ideias, saberes, crenças acerca das coisas, da realidade, do conhecimento de mundo, os quais influenciam as formas linguísticas e as determinam.

### 3.2.3 As experiências corpóreas: reflexos na língua e na sociedade

Fazer parte da memória coletiva, como um elemento que compõe vários momentos culturais com a finalidade de integrar as pessoas, indica que a *cachaça* é naturalmente produto cultural, mesmo que sobre ela sejam direcionadas avaliações que a estigmatizam. É como se fosse uma mal falada, mas lembrada, porque “cai bem” em certos ambientes e em certas situações. Silva (2008, p. 58) atribui à *cachaça* o *status* da bebida que “[...] incorpora todos os elementos socioantropológicos do país, como o folclore, as religiões, as classes, a economia e os problemas sociais [...]”.

E, assim, vão se estabelecendo experiências sobre a bebida, as quais, por meio de *frames* de cada falante, ao serem propagadas, passam a fazer parte do ideário cultural coletivo em que a bebida segue levando consigo atribuições de negatividade. Os *frames* são “[...] um conjunto de experiências armazenado em nossa memória de longo prazo, a respeito de um determinado conceito, cujo sentido vai sendo gradativamente construído [...]”. (MEDEIROS; SANTOS, 2017, p. 188)

Para ilustrar o uso formalizado dessas ideias negativas sobre a bebida, a partir das quais se formam os *frames*, vê-se o que consta no poema popular que segue:

Antigamente quem bebia  
 Era o negro ou o mulato  
 Mas hoje gente de trato  
 Bebe de noite e de dia  
 Homem de categoria  
 Tenho visto acontecer  
 Na rua tonto pender  
 Dando passadas sem prumo!  
 Se os *grandes* lhe dão consumo  
 Não é defeito beber!  
 (SOUTO MAIOR, 1970/71, p. 38).

Como a Etnolinguística é o estudo dos fatos linguísticos relacionados a aspectos culturais, aos saberes da comunidade, das ideias e crenças que se formam a partir das coisas materiais pertencentes a uma sociedade estratificada, pergunta-se: que ideia sobre a bebida se pode recuperar a partir do poema? E mais: que ideias e imagens os textos com essa abordagem divulgam/divulgaram sobre a bebida?

Por outro lado, sabe-se que o que consta no poema é o reflexo das ideias comuns sobre o objeto material e sobre as pessoas que dele se utilizam. E são essas ideias que circulam na sociedade, por meio de afirmações que são propagadas pelas pessoas e assim ecoam em locais distantes e tempos distintos e, com uma expressiva negatividade, torna quase que impossível se pensar em *cachaça* e não vinculá-la a adjetivações negativas.

Se estamos tratando de língua, sociedade, variação, usos, certamente as estratificações sociais estão presentes e se há estratificação não escapam os julgamentos, os preconceitos propagados pela linguagem, refletidos na sociedade, assim se perpetuando a segregação social, dialetal.

Ao comparar as ideias propagadas nos contos folclóricos abordados nesta seção, no poema supracitado e as informações presentes em textos de publicação mais atual, pode-se verificar a ideia de que afirmar que “A aguardente da terra era bebida de negros” (SOUTO MAIOR, 1970/71, p. 37) carrega um teor pejorativo, o qual se estende à bebida. Tal avaliação é fruto de julgamentos enraizados e, sem sombra de dúvidas, irrefletidos e distorcidos, advindos de membros de uma sociedade constituída de pessoas que se comportam de forma preconceituosa, por isso não reconhecem a importância da cultura de raiz africana como parte de sua história étnica, cultural e linguística.

Nessa relação entre a bebida, os nomes que lhe são atribuídos e a sociedade, tem-se uma representatividade do preconceito linguístico, sobre o qual Lucchesi (2015, p. 20) afirma que

[...] a avaliação negativa da linguagem popular decorre da avaliação negativa de seus falantes. Engendra-se aí uma dialética perversa, em que a avaliação negativa da linguagem popular, baseada no julgamento negativo de seus falantes, serve para legitimar o próprio julgamento social negativo desses falantes, do qual se alimenta. (LUCCHESI, 2015, p. 20)

Numa tentativa de perceber a representatividade dessa relação, busca-se entender essa abordagem negativa que persegue a bebida e as histórias que se contam sobre ela e até os traços e as remissões negativas que são evocados ao se pronunciar a palavra *cachaça*. Muitos entrevistados, ao responderem à pergunta 182 do QSL, riem, como se estivesse tratando de algo jocoso, desrespeitado, desvalorizado socialmente.

Carvalho (2003), ao abordar questões referentes à formação da cidadania do Brasil, cita os escravizados como não humanos, visto que a eles eram negados direitos civis, políticos e sociais.

A escravidão foi o fator mais negativo para as questões que envolvem a cidadania. Carvalho (2003) apresenta uma classificação das pessoas, pelo parâmetro da cidadania: o cidadão pleno, aquele que desfruta dos três direitos; o cidadão incompleto, aquele que usufrui de apenas alguns direitos; e os não-cidadãos, aqueles que não se beneficiavam de nenhum direito. Segundo o autor (2003, p. 12), “as pessoas se tornavam cidadãs à medida que passavam a se sentir parte de uma nação e de um estado.” Acrescenta que o povo escravizado não era considerado cidadão, já que não possuía direitos civis básicos, não tinha liberdade, era espancado, e era considerado propriedade do senhor, sendo equiparado a animais.

Como essas pessoas escravizadas eram consideradas propriedades, como itens de posse, tinha-se um cenário em que havia quem tivesse muitos escravizados e quem tivesse poucos. Eram vistas como peças de trabalho, como meio/veículo que, ao serem utilizadas, proporcionavam o ganho das famílias. Até pessoas consideradas de poucas posses adquiriram a mão de obra escrava, para que tivessem uma fonte de renda.

Sobre a visão que se tinha do ser humano escravizado e que se estendeu, ao longo dos anos, ao trabalhador rural que labutava nos canaviais, nas fazendas dos coronéis, Rego (2009), em sua obra, retrata que

O costume de ver todo dia esta gente na sua degradação me habituava com a sua desgraça. Nunca, menino, tive pena deles. Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga. A minha compreensão de vida fazia-me ver nisto uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque Deus quisera, e porque Deus quisera nós éramos brancos e mandávamos neles. Mandávamos também nos bois, nos burros, nos matos. (REGO, 2009, p. 116)

Como se vê, retrata-se na literatura a visão de que trabalhadores descendentes de pessoas escravizadas não seriam humanos, eram os trabalhadores da lavoura, os quais, são os maiores responsáveis pela quantidade de produção de açúcar e *cachaça* no país, e estão categorizados como animais de força bruta, que não pensam, só executam as tarefas e que, após um longo dia de trabalho, “[...] à noite, o terreiro da casa-grande se enchia com um exército de esfarrapados. Bebiam *cachaça* nos dias de chuva, e voltavam para casa para o sono miserável da cama de vara.” Como nos conta Rego (2009, p. 116).

Sob a condição de escravidão, que foi muito forte no Brasil, havia seres escravizados por todo o país, os quais acompanharam as eras e os caminhos dos negócios. Ribeiro (1995) afirma que foram 30 mil escravizados importados para trabalhar nos 200 grandes engenhos. Assim, nos séculos XVI e XVII, se concentravam no trabalho na lavoura de açúcar, principalmente em Pernambuco e Bahia; no século XVIII, com os negócios direcionados à exploração do ouro, foram os escravizados levados para as Minas Gerais e, na era do café, século XIX, trabalharam em outros estados do sudeste como Rio de Janeiro e São Paulo. Direcionando para a representatividade linguística dos africanos no Brasil, Castro (s/d, p. 3) afirma que

Do século XVI ao século XIX, o tráfico transatlântico trouxe em cativeiro para o Brasil quatro a cinco milhões de falantes africanos originários de duas regiões da África subsaariana: a região banto, situada ao longo da extensão da linha do equador, e a região oeste africana ou “sudanesa”, que abrange territórios que vão do Senegal à Nigéria. (CASTRO, s/d, p. 3)

No decorrer do tempo, a partir desse contato entre os povos, em que a quantidade de africanos foi muito maior que de portugueses, se estabeleceram trocas linguísticas e culturais, se configurando em influências de línguas africanas na língua portuguesa, por exemplo. Dentre as que se podem citar, tem-se a palavra *cachaça*, que, segundo Castro (s/d, p.7), é de origem banto e que “Em alguns casos, a palavra banto chega a substituir a palavra do sentido equivalente em português [...] cachaça por aguardente.” Lucchesi (2015, p. 86) afirma que a importação de escravizados africanos na Bahia e em Pernambuco, durante o auge da economia açucareira, “[...] fez com que mais da metade da população dos engenhos da cana-de-açúcar falasse uma língua banto, principalmente quimbundo [...]”.

Nessa perspectiva, havia uma oposição entre a língua usada pelo senhor de engenho, na casa-grande, e a utilizada pelos escravizados nas senzalas. Entre eles havia ainda os ladinos, definido por Castro (s/d, p. 4) como “[...] aqueles que logo cedo aprendiam a falar rudimento de português e podiam participar de duas comunidades sócio-linguisticamente diferenciadas: a casa-grande e a senzala, [...]”

Conforme Carvalho (2003, p. 47), “A abolição final só começou a ser discutida no Parlamento em 1884. Só então, também, surgiu um movimento popular abolicionista” e seria um movimento que promoveria a cidadania aos escravizados, aliada à falsa ideia de aquisição dos direitos civis, iniciando pela liberdade, que é um direito civil básico; contudo, na sequência dos fatos pós-abolição, se sabe que o movimento se enfraqueceu e os escravizados não tinham liberdade para manifestar o pensamento, para organizar-se como um grupo de representatividade significativa, dentre outras ações que constituem os direitos civis de um cidadão, assim como lhes foram negados o desfrutar de direitos sociais, como irem à escola, terem emprego, salário digno, não indicativo de perpetuação de trabalho escravo, mesmo que remunerado.

Como relata Carvalho (2003), escravizados e negros libertos juntavam-se a organizações que se configuravam como revoltas populares contra o governo, como a Revolta dos Cabanos, iniciada em 1832 em Pernambuco e Alagoas; a Balaiada, cujo início ocorreu em 1838, no Maranhão; e a cabanagem, considerada a mais violenta de todas, iniciada em 1835, no Pará. Essas revoltas contavam com a participação ainda de indígenas, mestiços, camponeses,

pequenos comerciantes. A revolta dos escravizados malês, em 1835, ocorreu em Salvador e contou com uma grande quantidade de escravizados mortos e perseguidos, os quais claramente lutavam pela conquista da liberdade, um direito civil.

Nas conduções sociais de oportunidade de trabalho, considerava-se o ex-escravizado como uma mão de obra inferior para o exercício de certas atividades, acrescentando que havia trabalhos considerados próprios de ex-escravizados, sendo uma continuidade das atividades que exercia quando escravizados, como trabalhar em cozinha, no carregamento de cargas, como ajudantes, entre outros. Segundo Carvalho (2003, p. 52), “Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas, para retomar o trabalho por baixo salário.”

Nem à igreja, os escravizados podiam recorrer, pois a religião católica, por exemplo, entendia que a escravidão que se deveria combater era da alma, do pecado e não a do corpo.

O contexto era de total desvalorização dos seres humanos submetidos à escravidão, aos quais, de uma forma geral, não lhes eram atribuídas qualquer ideia de respeito. Entende-se, portanto, que o justo, após a abolição, seria haver ações reparadoras que lhes assegurassem a recuperação de sua autoestima e proporcionassem condições de viverem com dignidade. Isso se firmaria se fossem considerados cidadãos, cujos direitos políticos, civis e sociais fossem-lhes assegurados. Mas mesmo sendo escravizados ou libertos, as suas condições de vida eram parecidas, visto que sejam como escravizados ou como trabalhadores da zona rural, eram vítimas dos feitos e desfeitos dos coronéis, que tinham em suas mãos o poder, advindo de conluios e troca de favores com representantes de forças políticas, o que significa que tudo ocorria conforme as vontades que dependiam do coronel.

Diante dessa configuração de conceitos e ideias que se atribuem aos seres escravizados, juntam-se as informações que se referem à bebida que surgiu Brasil, por meio de seus trabalhos, e que, por muito tempo, foi considerada a bebida dos povos escravizados e/ou bebida para eles e, para sua aquisição, visto que foi utilizada como moeda de troca no tráfico negreiro. Além disso, servia para acalmar, acalentar, alegrar e sossegar os seres escravizados, tanto na

travessia do Atlântico como na labuta do dia a dia em terras brasileiras. A *cachaça* fazia a leitura da alma do povo submetido a trabalhar como escravos.

Figueiredo (2011) afirma que a ideia que se tem normalmente da *cachaça* é de ser uma bebida de segunda classe, que provoca dor de cabeça em quem a bebe; é uma bebida que vicia com rapidez e que o cheiro de álcool predomina em sua composição. Sobre essas afirmações, entende-se que, a partir de alguns exemplares de *cachaça*, generalizou-se a informação e, com isso, há como consequência predominar culturalmente o estigma que a bebida carrega e que está encrustada nas ideias que se tem sobre ela.

Na aplicação do questionário linguístico, no decorrer do diálogo entre inquiridor e informante foram utilizados recursos linguísticos e de natureza cultural em que se evidenciou o conhecimento partilhado entre ambos. Ideias e crenças a respeito da bebida alcoólica foram mencionadas pelo inquiridor no momento da elaboração da pergunta como um recurso para se atingir o objetivo de obtenção da resposta e pelo informante conceptualizador e categorizador, para se fazer entender ou para revelar o seu saber a respeito da aguardente de cana.

Importa destacar que, diante deste estudo, se faz uma reflexão em torno da representatividade da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, e de suas denominações, relacionando-a ao aspecto cultural e histórico do povo do Brasil. E assim, entende-se que se cumpre uma visão de Sapir (1961, p. 27), que clamou aos linguistas que

[...] passem a perceber claramente o que a sua ciência significa para a interpretação da conduta humana em geral. Queiram eles ou não, terão de cada vez mais se interessar pelos múltiplos problemas antropológicos, sociológicos e psicológicos que invadem o âmbito da linguagem. (SAPIR, 1961, p. 27)

Entendendo a estreita relação entre a língua e a cultura, vê-se que a língua é uma poderosa forma de impor e propagar ideias, bem como de refletir a natureza dos elementos sociais, culturais, dentre os quais podemos citar os saberes dos participantes do Nordeste do Projeto Atlas Linguístico do Brasil acerca da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar que será revelada em sua experiência de fala.

### 3.3 DA CACHAÇA À SEMÂNTICA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

“Não há agonia no mundo  
Que se compare a agonia  
Dos olhos de um cachaceiro  
Vendo uma garrafa vazia.”  
(SOUTO MAIOR, 1970, p. 89)<sup>73</sup>

Esses versos foram recolhidos na Paraíba, por Evandro Rabelo, e constam na obra de Souto Maior (1970), no capítulo denominado: “O bodegueiro: comerciante e filósofo”. Foram escritos na parede de uma bodega e revelam um dos muitos tipos de relação entre a *cachaça* e o seu bebedor, que, após certa convivência com a *pinga*, se desespera diante da garrafa vazia e, assim, se expressa com a metonímia LÍQUIDO PELO RECIPIENTE.

Segundo o autor (1970, p. 89), são “[...] uma verdadeira apologia da cachaça, [...]”, em que pode ser visto que a relação de perda/separação do cachaceiro com a “moça branca” é expressada nos olhos, onde se dizem constar as verdades dos seres humanos. Portanto, a profundidade do sentimento diante da garrafa que continha a *aguardente* revela que houve tempo suficiente para interação entre a bebida e o seu bebedor, o que provocou nele tamanho sofrimento, ao ver esvair-se a sua companheira, a sua amada, a sua *cachaça*.

Em outros versos, também registrados por Souto Maior (1970) em sua obra *Cachaça*, há um capítulo que trata da relação da bebida com a serenata, sendo descrita como uma essencial integrante dessa manifestação cultural típica da boemia. Segundo o autor (1970, p. 135), no final da cantoria:

Finalmente, alguém se lembra de prestar uma homenagem à cachaça, sem a qual a serenata não teria acontecido pelo simples fato de não ser possível separar serenata de luar e de cachaça:

Oh! Cachaça amiga  
não há quem me diga  
que não tens valor.  
Por seres tão boa  
vives assim, à toa...  
sem saber se impor. [...]  
(SOUTO MAIOR, 1970, p. 135)

<sup>73</sup> A acentuação está conforme o texto original.

Como se pode verificar, há a referência à conceptualização e à categorização da *cachaça* como amiga, ou melhor, como uma boa amiga, e ainda, em tom de cuidado e reciprocidade dessa amizade, a preocupação e o pesar que se tem pela bebida, que, por não saber se impor, não desfruta de uma vida constituída de valorações positivas.

Há que prestigie a *cachaça* e a entenda em termos de fiel amiga, que, ao se envolver com o seu apreciador, trava-lhe uma boa conversa, dá-lhe conselhos, assim como faz uma boa companhia; é uma excelente ouvinte e conselheira, daquela que sabe guardar os mais íntimos segredos, sendo capaz até de fazer rir os mais tristes e chorar os incompreendidos, por isso faz tanta falta a quem se encontra absente de sua cordial presença.

Os sentimentos expressados nos dois poemas demonstram a relação do conceptualizador autor com um elemento cultural brasileiro, de representatividade intensa, a *cachaça*, em que se possibilitam ocorrer variações sistêmicas dialetais relacionadas tanto a representatividades culturais quanto sociais. Sua personalidade é líquida, mas firme; forte e, na prática mais fiel de sua natureza, se vai com o passar do tempo e da conversa, à medida que é consumida/degustada/apreciada.

A *pinga* imprime, nos mais fiéis de seus degustadores, a necessidade de, pelo menos, uma dose diária, um trago, um xote, para que as ideias se assentem, e assim, no aconchego de sua companhia, se vivencie um certo conforto, às vezes, promovido por um gole quente, ardente e macio, que favorece o encorajamento do ser, mas, por outras vezes, acompanhado da aspereza da *pinga* barata e mal cuidada, a qual desce rasgando como um desaforo mal engolido.

Na íntima convivência com a *caninha*, sabe-se da inconveniência que é recomeçar uma conversa a cada nova garrafa; deve ser por isso que o cachaceiro acaba a *cachaça*, mas não larga a garrafa, para que não se configure, a cada reinício, a famosa “conversa de bêbado”, daquela em que se repetem as mesmas coisas.

A partir dessa contextualização inicial, a respeito da bebida alcoólica advinda da cana-de-açúcar, e a interação estabelecida entre leitores e a autora desta tese, já se garantem haver conceptualizações afins a respeito da *aguardente*, devido ao conhecimento de mundo compartilhado entre as partes

envolvidas. Essa é a linha de estudo da Linguística Cognitiva, que, como traz Santos (2015, p. 21), é a vertente da linguística que

[...] busca não só descrever os fenômenos linguísticos que se manifestam na linguagem humana, como também tenta explicar o que subjaz à sua manifestação, levando em conta fatores subjetivos, emocionais, mas sobretudo, sociais e culturais que interferem na formulação do pensamento e na elaboração da linguagem. (SANTOS, 2015, p. 21)

### 3.3.1 Dois dedos de metáfora para um gole de cachaça

Por meio de metáforas, é possível conhecer a *aguardente* nos mais diversos domínios de experiência, visto ser uma das formas em que são reveladas as impressões da bebida e de como participa da vida das pessoas; por isso, encontram-se registradas muitas características humanas no que se diz sobre a *cachaça*, e, assim como as suas denominações são numerosas, as personificações a ela relacionadas também o são.

Essas características humanas podem constar nos domínios da positividade e da negatividade. Ao compreendê-la em termos humanos, utilizando-se a metáfora conceptual A CACHAÇA É UMA PESSOA, pode-se concluir que pode ser uma pessoa – com índole - má/boa. Verificam-se, comumente, de uma forma geral, afirmações populares sobre essa bebida, como: “Essa cachaça vai te matar”; “A cachaça é maldita”; “A cachaça me levou à perdição”; “Se afaste dessa cachaça”; “A cachaça arruinou minha vida”; “Ele/Ela venceu a cachaça”; “A cachaça roubou ele/ela de mim”; “Fulano se entregou à cachaça”; “Larga essa maldita”, entre outros.

No eixo oposto de conceptualizações que giram em torno da categoria da negatividade, tem-se o indicativo de positividade, ao se dizer que “algo ou alguém é minha cachaça”, revelando sentimentos positivos de paixão, amor. Conforme Feijó (2001, p. 15), “Hoje, cachaça [...] significa paixão, mania por pessoa ou coisa. [...]”. Logo, vê-se que, sobre a personificação da *cachaça*, há afirmações que se manifestam no campo da negatividade e outras no da positividade, pois, assim como as pessoas, as suas características assemelhadas às dos seres humanos escapam da unilateralidade, fluindo, inclusive, no caminho de ultrapassar a bilateralidade dicotômica, visto que, se

existem muito mais que os dois lados de uma pessoa, por meio da personificação, a *cachaça* igualmente segue incluída na lógica desse sistema.

Lakoff e Johnson (2002, p. 88) afirmam que “A personificação é, pois, uma categoria geral que cobre uma enorme gama de metáforas, cada uma selecionando aspectos diferentes de uma pessoa ou modos diferentes de considerá-la...” Com essas metáforas, se transmitem, para os conceitos em questão, elementos da natureza humana, assim como comportamentos, atitudes.

Serra (2011) realizou um estudo sobre “A metáfora no discurso e no léxico especializado do micro e pequeno agricultor da cana-de-açúcar do Maranhão”, utilizando o acervo de inquéritos do banco de dados do Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) e detectou, na fala dos informantes conceptualizadores e categorizadores, expressões metafóricas com base em metáforas conceituais que revelam personificações da cana-de-açúcar, como: A CANA-DE-AÇÚCAR É UM SER HUMANO, em que referências humanas são atribuídas à cana, por exemplo: (i) “A cana-de-açúcar tem um olho; (ii) A cana-de-açúcar tem um pé; (iii) A cana-de-açúcar nasce, cresce, tem filhos, envelhece e morre”.

Segundo Silva (1997, p. 72), “As metáforas conceituais desempenham, pois, um papel crucial na conceptualização de muitos domínios. Elas constituem uma maneira de pensar [...]”. Serra (2011, p. 155) informa que a “Metáfora conceitual é a conceitualização de um domínio de experiência relacionando-o a outro, normalmente de modo automático.” Portanto, o sistema conceptual do ser humano permite-o utilizar-se de metáforas conceituais para interagir em sociedade, o que revela a sua compreensão de mundo e de elementos culturais que compõem as suas práticas de interação.

Sobre a *cachaça*, nos estudos de Serra (2011), há registros da metáfora conceitual A CACHAÇA É SER HUMANO, e o autor selecionou passagens de falas em que constam: “A cachaça é fraca ou forte”, “A cachaça se movimenta”, entre outras características humanas.

Conforme Silva (2010, p. 36), a metáfora evidencia a natureza enciclopédica do significado linguístico “[...] ou, por outras palavras, a sua natureza *corporizada* e experiencial.” Com isso, o autor direciona o pensamento para a compreensão do que significamos, relacionando ao que conceptualizamos, conforme experienciamos, por meio de ações corporizadas,

que são fruto da interação cultural e social dos seres humanos. Afirma, ainda, Silva (2010, p. 41), que “Crucialmente, os aspectos corporizados da mente, cognição, linguagem e significado estão situados num contexto sócio-cultural.”

Conforme Lakoff e Johnson (2002, p. 45), “[...] a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não apenas na linguagem, mas também no pensamento e na ação.” A partir dessa afirmação, se compreende a metáfora não como uma figura da linguagem ou uma expressão linguística desvinculada das ações dos falantes, mas como manifestação da experiência corporificada, que se vivencia culturalmente, revelada por meio da linguagem.

A metáfora faz parte do sistema conceptual do ser humano, por isso um conceito metafórico estrutura a maneira pela qual realizamos as nossas ações. Segundo os autores, “A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 47) Utilizando-se de dois domínios de experiência distintos, estabelece-se uma relação em que se compreenderá um em termos de outro. Um exemplo utilizado para explicar a metáfora é dado por Lakoff e Johnson (2002, p. 46): DISCUSSÃO É GUERRA, que suporta na linguagem afirmações que estruturam os comportamentos vivenciados pelos seres humanos em seus espaços, tempos, culturas e grupos sociais. Como exemplo de expressões metafóricas, têm-se, “Jamais ganhei uma discussão com ele”; “Você não concorda? Ok, atire! Ok, ataque!”; “Se você usar essa estratégia, ele vai esmagá-lo.”

A metáfora constitui um modelo cognitivo idealizado um Modelo Cognitivo Idealizado que permite que haja uma relação entre um domínio fonte e um domínio alvo. Conforme Sperandio (2014, p. 84), “[...] o domínio fonte, que é a fonte de inferências, e o domínio alvo, o local, de acordo com o qual as inferências serão aplicadas.” Para exemplificar, utiliza-se, como exemplo, a metáfora conceptual sobre o objeto de estudo desta tese: CACHAÇA É SER HUMANO, em que o domínio fonte é o ser humano e o domínio alvo é a *cachaça*, logo, a *cachaça* é compreendida em termos de ser humano, como se tem no poema citado em que a *cachaça* é amiga, de Souto Maior (1970).

Nos inquéritos do Projeto ALiB, especificamente, no que se refere à pergunta 182 do QSL, não se verificaram, na elaboração das respostas, exemplos de enunciados constituídos de frases em que se possam detectar metáforas. Acredita-se que isso se deve à natureza do questionário aplicado, em

que, por meio de uma breve pergunta, utilizando-se do método onomasiológico, se buscaram as lexias variantes para *aguardente*. Assim, de um modo geral, muitas respostas foram breves, apresentando apenas lexias: *cachaça*, *pinga*, *Pitú* etc., além do mais, não houve condução para conversas que possibilitassem o entrevistado versar sobre o assunto em questão. Justifica não ocorrer esse procedimento no decorrer dessa entrevista linguística, por não ser esse o objetivo da aplicação do questionário do Projeto ALiB, mas o de buscar as formas variantes para a *aguardente*.

Para se captarem expressões metafóricas a respeito da bebida, necessário se faria aplicar um questionário específico, em que o entrevistado falasse sobre a *cachaça*, contasse situações que vivencia com a bebida, revelasse sua relação com ela, dentre outras motivações possíveis para o desenvolvimento de um diálogo que possibilitasse ocorrerem expressões metafóricas.

Por outro lado, dentre os itens lexicais apresentados como resposta à pergunta 182 do QSL, nos inquéritos aplicados no Nordeste, houve algumas ocorrências de lexias em que se detecta, em sua formação, a utilização do Modelo Cognitivo Idealizado da Metáfora. Citam-se, como exemplos, *incha pé*, *porre*, *Pé de cana* e *quiboa*. Menciona-se, inicialmente, a variante *quiboa* que foi apresentada pelo homem, faixa etária II, de escolaridade fundamental, da cidade de Euclides da Cunha (83) – Bahia, que elencou, em sua resposta, os vários nomes que conhece para a bebida alcoólica em questão. A reflexão a respeito das lexias *incha pé*, *porre*, *Pé de cana* ocorrerão na seção de Análise dos dados.

Ao se nomear, inicialmente, a *aguardente* como *quiboa*, entende-se que foram acionados dois domínios de experiência, o da categoria da água sanitária e o da categoria da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Nesse sentido, para a nomeação, houve um mapeamento da aparência comum entre as duas categorias, o da *quiboa* e o da *cachaça*, que se assemelham fisicamente, devido à alvura do líquido, o que possibilitou que fosse feita a associação entre o líquido transparente da *quiboa* e o líquido transparente da *pinga*. Não se restringindo à aparência, pois propriedades semelhantes também foram acionadas, como o fato de, em caso de a *quiboa* ser mal utilizada, queimar uma roupa, bem como ocorre com as *cachaças* mal feitas, que queimam a garganta ou como se diz: “desce queimando”.

A partir desse inicial processo metafórico, segue-se para o processo metonímico, propriedades do líquido vão acionar o produto: a *quiboa* é transparente, é alva, é limpa, dá ideia de pureza, e às vezes queima, sendo as mesmas propriedades que acionam a *cachaça*, que, por sua vez, possui variantes como *limpa*, *pura*, *branquinha*, *cachaça branca*, e que também indicam o atributo da aparência alva e transparente da bebida.

Tem-se então a metonímia:

### O ASPECTO FÍSICO PELO PRODUTO

- ✓ LIMPA POR QUIBOA
- ✓ CACHAÇA POR QUIBOA
- ✓ CACHAÇA BRANCA POR QUIBOA
- ✓ ÁGUA ARDENTE POR QUIBOA

Esses aspectos físicos acionam metonimicamente tanto a *quiboa*, água sanitária, como a *quiboa* variante de *cachaça*. Dessa forma tem-se um processo metonímico que partiu de um processo metafórico. Silva (2003, p. 51) afirma que “Metáfora e metonímia não são mecanismos conceptuais independentes, mas interactuam frequentemente.” Sobre essa interação, o autor (2003, p. 52) assevera que há “[...] casos de *cumulação*, quer como ‘metáfora a partir de metonímia’ quer, menos frequente, como ‘metonímia a partir de metáfora’.”

Nesse sentido, ao ser utilizada como resposta para a pergunta: “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?”, a *quiboa* passa a ser categorizada como pertencente ao mesmo domínio de experiência da *cachaça*, devido à sua semelhança física e a outras propriedades comuns, o que faz com que a utilização da lexia na resposta à pergunta 182 passe a ocorrer pelo modelo cognitivo que suporta a metonímia.

A criação se deu inicialmente por metáfora, pois dois domínios da experiência foram acionados, mas, ao se vincular por contiguidade à bebida e passar a fazer parte da rede de *cachaças*, com as quais as características do líquido transparente são evidenciadas, passa a fazer parte de um todo, sendo, dessa forma, um integrante do modelo cognitivo de esquema metonímico, PARTE-TODO. Trata-se de uma rede complexa de metonímia e metáfora interligadas, em que a metonímia deriva da metáfora.

Barcelona (2012, p. 134), ao abordar a interação entre a metonímia e a metáfora, afirma que “[...] toda metáfora conceptual é necessariamente motivada por uma ou mais metonímia [...]”<sup>74</sup>, contudo salienta que essa afirmação não é vista de forma incontestável. Acrescenta o autor (2012, p. 135) a ideia de que a relação entre a metáfora e a metonímia pode ocorrer “[...] devido à generalização ou descontextualização de uma metonímia que se conecta em outros contextos com o domínio fonte e o domínio alvo da metáfora.”<sup>75</sup> É o que se entende ter ocorrido com *quiboa*, que, originalmente, pertence ao domínio fonte da limpeza, mas que, ao ser estabelecida a relação metafórica com a *cachaça*, que pertence a outro domínio, o domínio alvo, isso lhe possibilitou ser compreendida metaforicamente em termos de *cachaça*. Numa relação de contiguidade, passa a ler-se a pertencer ao mesmo domínio que a bebida alcoólica, possibilitando a sua constituição por Modelos Cognitivos que acionam a metonímica. Compõe, portanto, a rede de denominações para a bebida alcoólica, por possuir propriedades afins com outras, fazendo parte de um todo, o conjunto *cachaças* brancas. Sobre *porre*, *incha pé* e *Pé de cana* as explicitações constam na seção 5.

### 3.3.2 O conhecimento representado em mente, corpo e contexto

Compreender a relação entre a língua, o falante conceptualizador e o contexto permite pensar que, na construção dos significados linguísticos, as experiências e os conhecimentos adquiridos, individualmente e coletivamente pelos seres, são de extrema relevância para garantir a dinamicidade e a flexibilidade linguística.

Os estudos da Linguística Cognitiva surgiram no século XX, no final da década de 70 e início da década de 80, opondo-se às concepções dos estudos das correntes linguísticas estruturalistas e gerativistas.

---

<sup>74</sup> “[...] toda metáfora conceptual está necessariamente motivada por una o más metonimias, aunque hay que reconocer que, hoy por hoy, esta hipótesis no está demostrada de modo incontrovertible.”

<sup>75</sup> Outra maneira de relacionar metonímia y metáfora es por medio de la generalización o descontextualización de una metonimia que conecta en otros contextos el dominio fuente y meta de la metáfora [...]

A oposição à concepção estruturalista se deu, conforme Silva (1997, p. 60), porque o estruturalismo,

[...] nas suas diferentes formas, entende e estuda a linguagem como um *sistema que se basta a si mesmo* [...] e, por conseguinte, o mundo que ela representa e o modo como através dela o percebemos e o conceptualizamos considera-os como aspectos 'extra-linguísticos'. (SILVA, 1997, p. 60)

Sobre a teoria gerativista, a oposição ocorreu por considerar a linguagem como um sistema autônomo e independente de outras faculdades mentais, consubstanciada pela separação da linguagem dos outros conhecimentos obtidos pelos seres humanos.

De acordo com Duque e Costa (2012, p.3),

A abordagem cognitiva contemporânea no interior dos estudos da linguagem, que ganha força a partir da década de 70 do último século, tem demonstrado que não existe uma faculdade autônoma da razão desvinculada das capacidades corporais tais como a percepção e o movimento [...] (DUQUE; COSTA, 2012, p. 3)

A Linguística Cognitiva, como tratam Martelotta e Palomanes (2008, p. 177), devido à sua natureza, permite considerar, por meio de uma abordagem social, o modo como a mente interage com o mundo, levando em conta os processos que compõem essa interação. Com isso, torna-se relevante o estudo do uso da língua em situações comunicativas reais, entendendo que “[...] é fundamental levar em consideração os processos do pensamento subjacente à utilização de estruturas linguísticas e sua adequação aos contextos reais nos quais essas estruturas são construídas”. (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008, p. 179)

Firma-se uma relação entre os processamentos das mentes em que a linguagem se ampara, permitindo, de várias formas, a interação entre as pessoas, nas mais diversas situações comunicativas, praticadas conforme normas estabelecidas nos grupos sociais, cujas práticas culturais favorecem a prática de experiências, em que, ao mesmo tempo que identifica os indivíduos também os diferencia de outros. Como bem abordam Martelotta e Palomanes (2008, p. 179),

[...] a proposta cognitivista leva em conta aspectos relacionados a restrições cognitivas que incluem a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, assim como a capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada dos dados. [...] esses aspectos somente se concretizam socialmente, ou seja, não refletem apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural. [...] há uma relação sistemática entre linguagem, pensamento e experiência. (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008, p. 179)

De acordo com os princípios da Linguística Cognitiva, nessa intrínseca relação entre linguagem, pensamento e experiência, não se admite separar o conhecimento de mundo do sujeito, o enciclopédico, de seu conhecimento linguístico, constituindo uma tríade relação entre a mente, o corpo e o contexto. Portanto não é possível pensar em uma interação verbal sem se considerarem as experiências corpóreas, que são obtidas pelos seres humanos desde as suas mais remanescentes vivências, em ambientes constituídos de elementos culturais e sociais. Essas experiências refletem a significação perspectivada das formas utilizadas pelos falantes nos contextos comunicativos.

Sobre esse aspecto semântico, Teixeira (2005, p. 246) traz a seguinte afirmação:

Numa perspectiva cognitiva, no entanto, a organização conceptual, a nível semântico, não pode ser independente dos conhecimentos que os falantes têm sobre o mundo, onde se incluem os conhecimentos comuns, os científicos, as crenças e os mitos comunitariamente partilhados sobre o mesmo mundo. (TEIXEIRA, 2005, p. 246)

Nesse sentido, no decorrer da interação entre o inquiridor e os falantes envolvidos nas entrevistas linguísticas do Projeto ALiB, foram acionados, tanto os mecanismos cognitivos como os conhecimentos por eles armazenados, nas mais diversas áreas do saber, obtidos por meio de suas experiências, a partir das quais se formaram todo o seu conhecimento.

Dentre os diversos conhecimentos obtidos pelo ser humano, não há um que deva ser considerado mais importante que outro, pois, se tratam de conhecimentos adquiridos conforme experiências vivenciadas no mundo, o que implica necessariamente em: quanto mais experiências mais conhecimentos diversos. Assim, o saber científico de uma pessoa, por exemplo, não pode ser considerado mais importante que o seu saber popular, pois são saberes distintos

constituídos em suas experiências de vida, os quais serão utilizados em suas interações em sociedade.

A compreensão do conhecimento, nessa perspectiva, permite que o entendamos como um elemento do pensamento sistêmico, que, segundo Capra (1996, p. 47): “[...] Na visão sistêmica, compreendemos que os próprios objetos são redes de relações, embutidas em redes maiores. Para o pensador sistêmico, as relações são fundamentais.” O que implica que a composição do conhecimento é um todo complexo cujas partes não podem ser separadas, encaixotadas, mas vistas de forma ampla e compreendidas como uma grande rede de saberes, a partir da qual são estabelecidas relações que possibilitam a criação de outras redes de conhecimento. Dessa forma, um conhecimento sustenta e embasa outros, mesmo que de naturezas distintas, sendo, portanto, de extrema importância compreendê-lo como um todo enredado, constituído a partir das experiências do indivíduo: quanto mais vivências, mais conhecimento, mais redes estabelecidas, visto que, conforme Capra (1996), o pensamento sistêmico é contextual, e nós pensamos em termos de redes.

O que se responde à pergunta 182 do Questionário Semântico lexical do Atlas Linguístico do Brasil, “como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” revela, dos entrevistados, parte de seu conhecimento a respeito do assunto tratado, ou, até, o seu desconhecimento; o que se poderia até pensar ser improvável, visto que essa bebida, de procedência e de tradição brasileira, possui alguns quesitos que a conduzem para, provavelmente, ser de conhecimento geral da população: é de produção antiga no país; tem ampla circulação nas classes populares e está expandindo o espaço de atuação na classe social considerada alta da sociedade; há as *cachaças* que fazem publicidade em TV, rádio, *outdoor*, *sites* na *internet*, supermercados, entre outros; há muitas que são produções locais e assim fazem parte da vida das pessoas tanto em relação à empregabilidade quanto em relação à sua representação cultural no âmbito da gastronomia e do entretenimento.

Vê-se, portanto, que há uma constituição de natureza cultural da bebida que lhe possibilita fazer parte da vida das pessoas, permitindo-lhe que, ao ser utilizada nas mais diversas situações de interação comunicativas, tanto as suas denominações como a utilização do objeto material, de forma colaborativa, haja uma compreensão mútua dos significados, proporcionada pelas ações

linguísticas e comportamentais de seus conceptualizadores. Partindo disso, diante de possibilidades, de opções de tipos de bebidas, as categorizações e conceptualizações ocorrem também de maneira colaborativa e perspectivada, possibilitando que as formas prototípicas e periféricas sejam organizadas tanto individualmente como coletivamente.

Todavia, mesmo com toda essa representatividade, e com todos os quesitos indicativos da popularidade da bebida brasileira, a título de ilustração, há exemplo de três mulheres que disseram não saber responder à pergunta 182, sendo uma do Crato (50) – Ceará e duas do Maranhão - Bacabal (28) e Brejo (27). As de Crato (50) e Bacabal (28) são da faixa etária I e a do Brejo (27), faixa etária II; todas possuem escolaridade de ensino fundamental, conforme metodologia estabelecida pelo Projeto para as cidades do interior; as três são católicas; a de Crato (50) trabalha como doméstica e as do Maranhão são donas de casa; todas tinham mais de 20 anos de idade, na época em que foram realizados os inquéritos.

O fato de as três entrevistadas dizerem que não sabiam responder à pergunta 182, levou a se fazer o seguinte questionamento: mas o que precisamente elas não sabiam sobre a aguardente que advém da cana-de-açúcar? Ser oriunda da cana-de-açúcar ou ser uma bebida alcoólica? Ou não sabiam a respeito de ambas as informações? O desconhecimento era no âmbito linguístico/enciclopédico? Outros informantes da mesma localidade de cada uma também não souberam a resposta?

Entende-se que, para responder de forma eficiente à pergunta 182, deve o conceptualizador informante conhecer e reconhecer os atributos que compõem a significação da bebida, ou seja, ser alcoólica, além de advir da cana-de-açúcar. Ambos são elementos culturais e sociais importantes, pois indicar, de forma ampla, apenas que se trata de bebida alcoólica, encaminharia a resposta para variados referentes, como *vinho*, *cerveja*, *vodca*, entre outros. Por isso, acrescentar que advém da cana-de-açúcar, encaminha-se a pergunta com mais probabilidade de se chegar a respostas como *cachaça* e suas variantes, compreendendo que se trata de um atributo de conhecimento comum entre os interlocutores. Caso a informação se restringisse à bebida feita da cana-de-açúcar, sem a inclusão da informação de ser alcoólica, as respostas poderiam ser conduzidas para caldo de cana e suas variantes.

Todavia, para responder à pergunta em questão não é o bastante ter o conhecimento linguístico do item, mas o conhecimento enciclopédico que envolve as experiências corpóreas que, por sua vez, permitem compreender a inserção da bebida em determinado contexto social e cultural, ao ponto de não se ter certeza se as informantes conceptualizadoras e categorizadoras realmente não sabiam a resposta ou se não quiseram respondê-la, por questões pessoais; ou seja, o que se pode pensar ser de natureza tão simples – responder a uma pergunta que, supostamente, é de conhecimento de todo ser brasileiro – não o é.

Os atributos que constituem a pergunta 182 podem ser considerados como informações gerais sobre o referente em questão, visto que outros elementos que constituem a bebida, como ser destilada, o seu teor alcoólico, se é envelhecida ou descansada em madeira, entre outros, tratam-se de especificidades que ultrapassariam o limite de sua definição, mas que, na realidade, igualmente fazem parte dos atributos que compõem sua categorização e conceptualização, por isso complementam a rede de conhecimentos a respeito da bebida.

Sobre a definição, Teixeira (2005, p. 239) afirma que

A definição foi e continua a ser a forma mais frequente e tida como mais científica de dizermos *o que é que cada coisa é*. Uma definição, através de características partilhadas por todos os membros de uma categoria, é a expressão das condições necessárias e suficientes para a pertença de qualquer um dos membros de uma categoria. (TEIXEIRA, 2005, p. 239)

Se os avanços da constituição das bebidas alcoólicas, como o fato de haver tantos tipos de produtos de onde advêm, como cevada, milho, uva, sejam elas fermentadas ou destiladas, e se entendemos que as categorizações ocorrem diante da relação entre mente, corpo e contexto, buscar as variantes de *cachaça* utilizando a informação atributiva “a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar”, passa a não ser suficiente para se obter sucesso nas nomeações, no decorrer das entrevistas. Por isso, complementar a pergunta utilizando-se de outros elementos, detalhar o referente, munir-se de aspectos culturais e sociais far-se-ão sempre necessário, já que apresentar as informações básicas que definem a bebida pode não ser suficiente para que os entrevistados revelem uma compreensão do elemento tratado e, assim, não informem as denominações

correspondentes. De outro jeito, a não resposta pode ser um problema de interação entre os interlocutores e não falta de conhecimento do referente em questão.

A prática de esclarecer os elementos não compreendidos, de desdobrar as perguntas e de dar uma sequência à conversa, possibilita aos participantes, no decorrer da entrevista, ampliar o conhecimento sobre o assunto que lhe fora questionado e assim continuarem suas falas e apresentarem respostas utilizando itens que, conforme seu conhecimento, se relacionem às informações constantes na pergunta. Nesse tipo de entrevista, é certo que as experiências e as inexperiências dos entrevistados possibilitam que a conversa transcorra ou não de forma dinâmica. Muitas vezes, é necessário estender o diálogo, o que possibilita que se obtenham breves e ricas descrições culturais que permitem detectar não apenas as denominações, no caso, para a bebida, mas nomes de onde são consumidas, formas que revelam como são pedidas aos atendentes ou donos dos bares e botecos, as variantes mais típicas do local, os tipos de pessoas que a bebem, entre muitos outros itens lexicais nos decorridos 348 inquéritos que fazem parte do *corpus* desta pesquisa empreendida.

Tratando-se de toda a contextualização que se faz necessária ao diálogo, aliada às formas como foi conduzido, é possível verificar, na prática, o princípio da Linguística Cognitiva, já aqui discutido, em que mente, corpo e contexto estão relacionados intrinsecamente na constituição dos significados; sendo assim, as experiências corpóreas humanas influenciam as percepções que essa espécie tem do mundo, dentre as quais estão as da significação.

Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 45), “Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também nossa atividade cotidiana até nos detalhes triviais.” E isso se amplia na relação entre a língua e seu uso e, por conseguinte, no conhecimento refletido das experiências de quem a elabora, que é uma pessoa que vive em certo local, participa de práticas culturais, tem determinada idade, escolaridade, sexo, gênero e participa de interação comunicativa em diferentes contextos.

Segundo Silva (1997, p. 61), “[...] a linguística cognitiva interessa-se pelo conhecimento *através* da linguagem e procura saber como é que a linguagem contribui para o conhecimento de mundo.” Dessa forma, por meio da linguagem, dos itens lexicais presentes nas respostas dos informantes conceptualizadores

e categorizadores, é possível conhecer os que se referem à *aguardente* e que possivelmente fazem parte de suas vidas, de suas culturas, de seu conhecimento.

Não se tratam de respostas apenas relacionadas ao conhecimento linguístico ou científico, como denomina Teixeira (2005), em que se estabelece a relação unívoca entre o significante e significado, destituída de importância na vida do informante conceptualizador e categorizador, mesmo porque, quem não consegue fazer qualquer tipo de associação linguística e enciclopédica, relacionada à informação que lhe é dada na pergunta, provavelmente não tem uma resposta coerente a apresentar. O contrário também é verdadeiro, ou seja, a experiência com a bebida, a intimidade com ela, permitem que itens sejam usados para a ela se referir, sem que causem estranheza ao inquiridor, e, como exemplo, tem-se a resposta do participante da cidade de Alagoinhas (88) – Bahia, que apresentou o item, cujo conhecimento foi constituído a partir de suas experiências locais de denominação da bebida.

Sob os princípios da Semântica Cognitiva, o significado é perspectivado, o que significa afirmar que a representatividade de *tiortina*, por exemplo, pode variar de nula para uns, os que desconhecem essa denominação, para 100%, para os que a conhecem e/ou a utilizam em seu dia a dia ou, até, esporadicamente. Para esses, trata-se de uma sinonímia, como se pode verificar no diálogo 9 com o informante de Alagoinhas (88) – Bahia, homem, faixa etária I, de escolaridade no nível fundamental:

- (9) [...]
   
INF. — *Tiotina*.
   
[...]
   
INQ. — O que é *tiortina*?
   
INF. — É a *cachaça pura*.
   
[...]
   
AUX. — *Tiortina* e *cachaça* é a mesma coisa?
   
INF. — É.
   
AUX. — E é feita do que essa *tiortina*, que é *cachaça*?
   
INF. — Do álcool, a cana.

Sobre o item lexical, a perspectiva significativa de cada interlocutor é distinta devido ao grau de conhecimento linguístico, aliado a experiências individuais e coletivas com o referente.

Como trazem Martelotta e Palomanes (2008, p. 183), a respeito da importância da perspectiva do sujeito conceptualizador, no processo de significação,

Toda informação é posicionada, no sentido de que, normalmente, não falamos a respeito do que o mundo é, mas da visão que temos dele. Ou seja, os conceitos humanos associam-se à época, à cultura e até mesmo a inclinações individuais caracterizadas no uso da linguagem. (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008, p. 183)

Nesse sentido, como traz Santos (2015, p. 21), é objetivo da Linguística Cognitiva “[...] analisar, dentre outras coisas, de que maneira se estabelece a interdependência linguagem/mente e como o subjetivismo do homem e o seu conhecimento enciclopédico interferem na formulação de conceitos.”

Toda essa relativização tem a ver com a experiência do entrevistado com o referente, por isso, ao se fazer a pergunta “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?”, acionam-se nele, no decorrer da interação, os seus *frames* que, como explicitam Medeiros e Santos (2017, p. 190), são “[...] um conjunto de experiências armazenado em nossa memória de longo prazo a respeito de determinado conceito, cujo sentido vai sendo gradativamente construído. [...]”. Os autores complementam informando que os *frames* “[...] nos auxiliam a categorizar e a recategorizar o ambiente que nos cerca [...]”. (MEDEIROS; SANTOS, 2017, p. 190)

Os *frames* ratificam a ideia da significação perspectivada, conforme as experiências corpóreas dos falantes conceptualizadores, visto que é por meio do contato e do tipo de contato do informante conceptualizador e categorizador com os referentes que os deixam habilitados a tratar de determinado assunto com mais ou menos profundidade. Sobre a *cachaça*, por exemplo, há muitos *frames* que foram elaborados no decorrer do tempo, conforme as diversas situações em que a *pinga* fez parte da cultura brasileira, desde o seu primórdio, no Brasil Colonial, quando circulava sem muita variação de feitura e era bebida típica da população escravizada, até os dias atuais, em que há uma infinidade de variações de sua composição e ainda é um item que faz parte da vida de muitas pessoas.

Na história da *cachaça*, padrões de organização semântica foram constituídos, culturalmente; todavia, quebrá-los também é uma realidade, diante

da dinamicidade e do avanço dos conceitos com o passar dos tempos. Nesse sentido, encontramos, nos contextos em que se retratam a *cachaça* ou onde ela circula, os *frames* que condizem com uma das representatividades cultural e social da população. Podem-se citar muitos exemplos, decorrentes de variadas naturezas, mas selecionou-se este trecho que consta em Souto Maior (1970/71, p. 19): “Para que possa ser considerado homem, é preciso que o rapaz se meta numa briga, que saiba tomar cachaça sem fazer careta e apanhar *doença-do-mundo* [...]” Essas informações estão relacionadas a conceptualizações que se têm sobre homem, que, dentre outras, revela uma categorização do ser macho, poderoso e potente, por isso, como tal, bebe a cachaça sem demonstrar fraqueza, dentre outras manifestações de ausência de categorizado como um ser fraco. Já sobre a mulher, o mesmo autor (1970/71, p. 41) traz, “É como diz o ditado: - Mulher, jogo e cachaça, são os plantadores da cruz do caminho.”

Nos trechos citados, tem-se claramente a constituição da supervalorização do homem, como macho, que suporta a *aguardente*, a briga e as doenças, em detrimento da visão propagada da mulher, como um ser diminuto, relacionada à cruz, ao estorvo, à perdição, ao desvio do caminho. Trata-se de duas visões bem tradicionais referentes aos seres do sexo masculino e aos do sexo feminino. Para o homem, a ideia é de incentivo, de positividade e para a mulher é de negatividade, seguindo os princípios do esquema imagético que compõe as suas mentes, em que bom é para cima e ruim é para baixo, considerando o primeiro para o homem e o segundo para a mulher, respectivamente, a respeito da relação com a *cachaça*.

Todavia, entendendo que o *frame* é construído a partir de experiências corpóreas dos seres ao interagirem em sociedade, com as quais se formam as memórias que possibilitam categorizar e recategorizar os ambientes, vê-se que as mudanças de atitudes das mulheres e dos homens no mundo contemporâneo refletem, certamente, nas verbalizações a respeito da *cachaça*. Cita-se, como exemplo, o fato de muitas mulheres beberem e gostarem de *cachaça*, e isso não se restringir ao seu lazer e ao fato de serem consumidoras, mas amplia-se para o exercício profissional, ao atuarem como gestoras de engenhos de cana-de-açúcar, serem palestrantes, autoras de livros sobre o assunto, avaliadoras de *cachaça* em concursos, entre outros. De certo que a quantidade de mulheres nesse meio ainda é bem menor que a de homens, e que ainda causa um certo

estranhamento uma mulher pedir uma *pinga* em um recinto comercial de qualquer natureza: bar, boteco, restaurante, mas a reconceptualização de conceitos sobre a bebida, aparentemente enraizados culturalmente, a partir dos quais se geraram preconceitos, como ser ruim, forte, de má qualidade, ardente ao excesso, e ainda de ser apropriada apenas para macho, está entrando em desuso assim como toda e qualquer afirmação que restrinja as atribuições e o papel e a liberdade da mulher na sociedade contemporânea.

Novas experiências vividas permitirão a formação de novos *frames* que, certamente, constarão nos registros nas obras artes, como poemas, músicas, pinturas, esculturas, manifestos, entre outros. Representar o mundo por meio de linguagens, entendendo que não se separa a mente do corpo e, por sua vez, o corpo e a mente do mundo, possibilitam compreender melhor o ser humano e a sua participação e interação com o meio sociocultural. A relação entre esses elementos torna-se imprescindível, visto que as formas usadas nas interações comunicativas fazem parte de um todo que não pode ser analisado em partes, pois, como afirma Capra (1996, p. 41), “[...] As propriedades das partes não são propriedades intrínsecas, mas só podem ser entendidas dentro do contexto do todo mais amplo.”

### **3.3.3 A variação linguística no caminho da conceptualização e da categorização**

Partindo dos princípios da Linguística Cognitiva apresentados, foi possível realizar reflexões para se compreenderem os usos linguísticos conforme o viés do sistema semântico da língua, identificando como os informantes categorizaram e conceptualizaram a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, ou seja, como a significaram e assim apresentaram denominações variantes em suas respostas à questão 182 do QSL.

Santos (2015, p. 22) explicita que a Linguística Cognitiva leva “[...] em conta fatores subjetivos, emocionais, mas sobretudo, sociais e culturais que interferem na formulação do pensamento e na elaboração da linguagem.” E, nessa linha, entende-se o significado “[...] como conceptualização, isto é, como reflexo da compreensão e da interação do ser humano com o mundo à sua volta.” (SANTOS, 2016, p. 48)

Para a Semântica Cognitiva, uma das vertentes de estudos da Linguística Cognitiva, o significado é compreendido como conceptualização e se baseia no uso. Conforme Cuenca e Hilferty (2007, p. 79), “Das muitas habilidades cognitivas que possuímos, talvez a mais importante em relação ao significado linguístico seja nossa capacidade de conceptualizar (ou seja, nossa faculdade de representação mental)<sup>76</sup>.”

Nesse caminho de interpretação da significação dos usos linguísticos, em que a interdisciplinaridade entre a Dialetoлогия, a Linguística Cognitiva e a Etnolinguística se fizeram necessariamente presentes, e assim conduziram a pesquisa para um pensar igualmente interdisciplinar, levou-se em consideração que, como sensatamente traz Teixeira (2006, p. 366), “Cada lexia, cada unidade linguística corresponde a um modelo mental que retrata e inclui uma determinada perspectiva de representação do mundo.” Infere-se, diante dessa afirmação, que a(s) lexia(s) utilizada(s) pelos falantes, que, idiossincraticamente, possuem características sociais, dentre as quais, citam-se: idade, sexo e escolaridade e, ainda, vivenciam práticas culturais, de acordo com o local em que vivem, poderá adquirir significados com atributos um pouco ou muito diferentes, já que o uso está vinculado a modelos mentais, cognitivos, conectados à relação entre a mente, o corpo e o mundo com o qual o indivíduo interage. Como trazem Cuenca e Hilferty (2007, p. 185) “[...] o significado não pode ser entendido se for considerado descontextualizado, o que põe em causa os postulados básicos das teorias semânticas formais baseadas nas condições da verdade.”<sup>77</sup>

Falantes conceptualizadores, de uma mesma comunidade ou de comunidades distintas contribuem na formação, manutenção e alteração de modelos mentais das lexias. Conforme a Linguística Cognitiva, para se compreenderem os sentidos das formas linguísticas, deve o ser humano conceptualizador sentir as sensações do mundo, estabelecidas na íntima relação entre corpo e mente, levando-o a experiência de perspectivar os significados, conforme suas vivências, suas realidades.

---

<sup>76</sup> De las muchas habilidades cognitivas que poseemos, quizá la más importante respecto al significado lingüístico es nuestra capacidad de conceptualización (es decir, nuestra facultad de representación mental).

<sup>77</sup> Igual que sucede con la conceptualización, el significado no se puede entender si se considera descontextualizado, lo cual pone en entredicho los postulados básicos de las teorías semánticas formales basadas en condiciones de verdad.

Constrói-se uma rede de elementos que compõem o(s) seu(s) significado(s) e sentido(s), o que não se permite restringir à diversidade linguística a natureza de variação, apenas, idiomática. Sobre isso, Teixeira (2006, p. 367) afirma que

[...] a diferenciação lexical entre duas regiões diferentes só excepcionalmente é que é apenas uma diferenciação terminológica, já que o mais natural é que corresponda a dois modelos mentais (muito ou pouco) diferentes que modelizam realidades diferentes. [...] Dificilmente se pode ver a variação lexical apenas como variação terminológica. [...]. (TEIXEIRA 2006, p. 367)

Pode-se citar, como exemplo, o nome-marca *Ypióca*, cuja maior representatividade se deu no estado do Ceará, ocorrido na fala de cinco informantes conceptualizadores e categorizadores – homens e mulheres - da faixa etária I, de escolaridade do ensino fundamental. Considerar, na interpretação da ocorrência dessa forma, apenas, o fator quantitativo não garante que haja uma real relevância da variante *Ypióca* para a localidade, mas, ao se acrescentar esse fator às questões de: (i) a bebida ser fabricada no estado; (ii) Haver, em atividade, centro cultural e de diversão na Região Metropolitana, o *IPark*; (iii) empregar muitas pessoas da comunidade local e adjacências e; (iv) ser uma bebida de larga distribuição nos bares e restaurantes das cidades do Ceará; entende-se que a *Ypióca* possui uma real representatividade para os cearenses, naturalmente, distinta da que se tem para os participantes de outros estados. Isso ocorre porque, além de ser uma bebida vendida nos diversos pontos comerciais, faz parte da vida cotidiana, cultural, social e econômica de uma grande rede de pessoas dessa localidade.

Nos outros estados, poderá a *Ypióca* também ter uma representatividade, já que se trata de uma *cachaça* cuja produção e distribuição são feitas em larga escala, contudo, provavelmente, faz-se uma rede com distribuição dos elementos de forma distinta da que se apresenta no Ceará, pois excluem-se os aspectos culturais citados e se limita à categoria das muitas *cachaças* nordestinas vendidas na região e que se encontram expostas nas prateleiras disponíveis, para que sejam escolhidas por um apreciador.

Importa considerar que há modelos mentais que comportam a forma *Ypióca*, e, conforme esse nome-marca faça parte da vida das pessoas, há a

possibilidade de ocorrer com mais frequência como sinônima de *aguardente*, já que se entende a língua com um funcionamento vinculado ao aspecto cognitivo e a experiências corpóreas dos falantes em suas comunidades. Como afirma Teixeira (2006, p. 364) “As línguas são essencialmente o resultado de uma interação cognitiva e vivencial entre um ser humano, o meio em que está inserido e a comunidade a que pertence.”

Entendendo ainda que os usos linguísticos revelam a conceptualização do sujeito a respeito de determinado referente, considera-se que as experiências corpóreas vivenciadas pelo indivíduo estão relacionadas à construção dos sentidos atribuídos às coisas do mundo. Segundo Silva (1997, p. 63), “A primazia da semântica decorre da própria perspectiva cognitiva: se a função primária da linguagem é a categorização, então a significação será o fenômeno linguístico primário.” Compreende-se que *Ypióca* é apresentada pelos conceptualizadores como a resposta à pergunta 182 do QSL, sendo que, das sete ocorrências desse nome-marca, em cinco foi o primeiro item citado pelo conceptualizador; logo, ao conceptualizar *cachaça*, para esses informantes, *Ypióca* é assim categorizada, possibilitando verificar o encrustamento desse item lexical, relacionando-o às mais intensas e significativas experiências dos conceptualizadores, no caso, com esta bebida.

Como nos traz Teixeira (2004, p. 199),

[...] Não aprendemos a falar repetindo apenas o que ouvimos, mas captando simultaneamente as estruturas morfo-fonológicas e sintático-semânticas que nos irão permitir ulteriores utilizações criativas, diferentes, em muitos casos, de todas as escutadas até aí. (TEIXEIRA, 2004, p. 199)

Na interação comunicativa entre interlocutores de uma mesma comunidade, há um compartilhamento de conceptualizações afins, construídas e aceitas por seus membros. Contudo, à medida que as formas linguísticas são usadas pelos conceptualizadores, passam a circular com certa dinamicidade e flexibilidade, favorecendo a possibilidade de se imprimirem, devido à grande frequência de uso, gradativamente, e à criatividade dos falantes, alterações que podem chegar ao nível de promoverem extensões e/ou mudança de significado. Em se tratando da bebida alcoólica em questão, tem-se com frequência a extensão de significado de itens, muitas vezes, motivados por contiguidade de

domínios de experiência, possibilitando ocorrer, por meio de modelos cognitivos idealizados, a metonímia; é o que consta, por exemplo, com as variantes *pinga*, *pura*, *limpa*, *destilada*, entre outras, que são utilizadas como sinônimas e hipônimas de *aguardente*.

Sobre a sinonímia, sabe-se que a completa igualdade de significado entre dois itens é praticamente impossível, exceto em termos técnicos e científicos, conforme Ulmann (1964), que afirma que “Muito poucas palavras são completamente sinônimas no sentido de serem permutáveis em qualquer contexto, sem a mais leve alteração do significado objetivo, do tom sentimental ou do valor evocativo.” (ULMANN, 1964, p. 294)

Para a *aguardente*, os dicionários, por exemplo, trazem uma lista de itens, que são chamados pelos compêndios de sinônimos. Cita-se, como exemplo, *limpa*, que, além de ser utilizada em certos contextos para se referir à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar também significa o ato ou efeito de limpar, como consta na acepção 1. do *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

Barbosa (2011, p. 181) afirma que há uma “[...] inviabilidade da concepção de sinonímia como identidade de significado em todos os usos possíveis de uma palavra [...]” Como segue explicitando, em seu estudo sobre a *cachaça*, não ocorreu o que se chama de sinonímia absoluta. A natureza da sinonímia referente à *aguardente* baseia-se, muitas vezes, em ironias e em eufemismos, devido ao estigma sofrido pela bebida. “[...] Nesses casos, é necessário criar formas indiretas, suavizadas, de, em relação à cachaça, pedir, a ‘água-que-passarinho-não-bebe’” (BARBOSA, 2011, p. 182). De certo que, na categoria das muitas denominações sinonímicas para a bebida, também há as de atribuições carinhosas, as metonímicas, entre outras, conforme as diversas experiências corpóreas de seus conceptualizadores.

Itens lexicais variantes apresentados como respostas são considerados como sinônimos denotacionais, ou seja, termos que designam o mesmo conceito/referente, configurando a variação onomasiológica formal, que, conforme Silva (2010, p.49) explicita, “os sinônimos denotacionais evidenciam diferenças regionais, sociais, estilísticas e pragmático-discursivas e são essas diferenças que motivam a própria existência e competição de variedades de uma língua”.

E, com essa abordagem, há também uma clara similaridade de abordagem realizada pela Linguística Cognitiva e a Dialetoлогия nas considerações que tratam da variação na língua, visto que há usos, como *cana*, por exemplo, que tem um valor de uso diferente em algumas localidades, mesmo que em todas seja uma sinonímia de *cachaça*. Para Linguística Cognitiva, de acordo com Silva (1997, p. 59), trata-se de “[...] uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo.” Portanto, no âmbito de apresentação das respostas dos entrevistados, tem-se a sua perspectiva de usos diante do referente, os quais se revelam por meio da categorização, que é “[...] o processo mental de identificação, classificação, e nomeação de diferentes entidades como membros de uma mesma categoria.” (SILVA, 1997, p. 64).

Nas considerações da relação basilar entre significar e categorizar e diante do universo de respostas apresentadas pelos entrevistados do Projeto ALiB, entende-se que os conceptualizadores identificaram, classificaram e nomearam a *aguardente*, ou seja, a categorizaram, sendo imprescindível ser levado em consideração o contexto em que as respostas foram apresentadas. A partir de contextualizações discursivas e situacionais, puderam ser verificados os modelos cognitivos acionados pelos entrevistados ao apresentarem suas respostas no decorrer do diálogo com os inquiridores.

Duque e Costa (2012, p. 1) lembram que “a categorização é uma atividade cognitiva fundamental que atesta nossa interação com o meio ambiente onde vivemos” e mais, “O ato de categorizar atesta os elos entre nossas ações e nossos processos cognitivos” (DUQUE; COSTA, 2012, p. 2). Dessa forma, o que poderia funcionar caoticamente no sistema da língua, se organiza de maneira que o conceptualizador categoriza suas realizações linguísticas, a partir do que lhe é perguntado, ao conceptualizar a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Para Almeida

A categorização é um processo mental realizado, quase sempre de forma automática e inconsciente, pela espécie humana, em suas diferentes interações cotidianas para organizar, em classes, tudo aquilo que experimenta, de modo a criar, a partir de junção de entidades, uma nova organização e um novo conhecimento. (ALMEIDA, 2018, p. 272)

Segue a autora (2018, p. 272) afirmando que, na categorização, há “[...] um processo de inclusão e exclusão, por meio de identificação e semelhanças e, também, de diferenças percebidas”. Portanto, para haver a categorização de elementos circundantes na sociedade, é necessário que, no universo cultural do falante conceptualizador, haja, pelo menos, mais de um elemento a ser categorizado, para que ele a efetive.

No caso da entrevista do Projeto ALiB, as categorizações realizadas pelo informante conceptualizador, ao responder à pergunta 182 do QSL, devem ser aceitas/compreendidas, na interação, pelo inquiridor, para que o diálogo entre eles siga com regularidade e pertinência, pois a categorização, como bem apresentam Duque e Costa (2012, p. 1), “[...] é uma atividade cognitiva fundamental que atesta nossa interação com o meio ambiente onde vivemos.” Portanto, para que a categorização ocorra, é preciso que haja interação com o mundo, a qual se dá, em parte, coletivamente; mas também se entende que é possível ocorrer individualmente, diante das experiências de cada ser, no caso em questão, com a bebida. Trata-se de uma organização do mundo em que vivemos e no qual atuamos, com o qual interagimos e interferimos diariamente.

Na relação entre conceptualização e categorização, Silva nos apresenta que

Pensamento e linguagem existem em mentes individuais, mas constroem-se na interação social. A conceptualização é, pois, necessariamente interativa: os nossos conceitos, os nossos significados, as nossas ‘realidades’ são produto de mentes individuais em interação entre si e com os nossos contextos físicos, sócio-culturais, políticos, morais etc. As categorias linguísticas constituem-se por abstração e convencionalização a partir de eventos de uso, isto é, instâncias atuais do uso da linguagem. Consequentemente, faz parte da base conceptual do significado de uma palavra ou construção qualquer aspecto recorrente do contexto interacional e discursivo. (SILVA, 2010, p. 47)

Para as categorizações relacionadas à conceptualização da *cachaça*, é necessário saber o que pertence ao âmbito da individualidade e o que é uma categorização compartilhada na coletividade. Cita-se, como exemplo, o fato de opiniões sobre a bebida partirem de uma seara da individualidade: “*cachaça* boa”, “*cachaça* ruim”, “*cachaça* forte”, “*cachaça* gostosa”, entre outras, que, obviamente, podem ser e são socializadas com outros degustadores da bebida, possibilitando até influenciá-los, mas não se pode esquecer que o gosto por algo

realmente é individual. Por outro lado, há categorizações da bebida que são convencionalizadas e já fazem parte do ideário coletivo e com elas há todo um vocabulário envolvido: “*cachaça envelhecida*”, “*cachaça industrializada*”, “*cachaça amarela*”, “*cachaça branca*”, “*cachaça misturada*”, “*cachaça brejeira*”, “*cana de cabeça*”, entre outros.

Diante de recorrências de usos linguísticos, para a conceptualização da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, uma variedade de lexias foi atribuída pelos informantes, constituindo-se assim como formas variantes que denominam a bebida. Na rede de denominações, há as que são de conhecimento de forma mais ampla e há as que são mais específicas de determinada região.

Conforme Silva (2010, p. 48), “a melhor manifestação da dinâmica social do significado é a variação linguística, mais especificamente, a variação intralinguística ou variação letal”. E, como se sabe, estudar a heterogeneidade da língua é considerar que a sua variação é um elemento inerente em todos os seus sistemas, o que pode conduzir a alguns questionamentos diante da verdade inconteste da diversidade linguística, como: (i) há limites para a variação linguística?; (ii) por que nas línguas elementos variam? Essas perguntas, que podem parecer se constituírem de respostas simples, remetem a reflexões que conduzem à busca de respostas imersas na complexidade da questão, à medida em que levam a um aprofundamento nos estudos da variação da língua.

Entende-se a variação como uma realização dinâmica natural de um ser social, sensorial, emotivo, cuja interação com o mundo é tanto corpórea quanto mental.

Essa questão foi abordada por Teixeira (2004) de forma bem provocativa, referindo-se à semântica:

[...] se a semanticidade abarcada por cada unidade difere de indivíduo para indivíduo e, dentro do mesmo indivíduo, de situação de comunicação para situação de comunicação (ou contexto para contexto, como se preferir), como é possível que conserve a estabilidade que mantém ao longo dos anos e entre indivíduos diferentes? [...] (TEIXEIRA, 2004, p. 192)

Trata-se de uma abordagem que remete a uma estruturação aparentemente caótica da língua, mas que se deve compreender que é constituída de uma autorregulação em que, ao mesmo tempo em que parece se

desestabilizar, se estabiliza. Teixeira (2004) estabelece, assim, um diálogo com os pioneiros linguistas da Sociolinguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.34), que apresentaram, na Introdução de sua obra, a seguinte indagação: “[...] se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar, enquanto a língua muda?”

Faz parte de uma assimilação da natureza humana, relacionada à natureza da língua, cujo sistema funciona de forma a considerar que a variação linguística é um ajuste subjetivo, que conta com possibilidades, diante de realidades afins entre o ser humano e o mundo de que participa, nos mais diversos contextos, em um determinado tempo. Essa perspectiva remete à visão ecológica profunda do mundo, trazida por Capra (1996, p. 25) em que se “[...] reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza [...]”. Assim, deve-se considerar que há uma integração entre os seres humanos e os diversos sistemas que fazem parte de seu ambiente, o que permite compreender que a variação linguística não desestabiliza o sistema linguístico, pelo contrário, se ajusta às novas e diversas realidades.

Como as variantes se comportam como formas sinônimas, a escolha do uso, pelo utente, levará em consideração questões como a situação de fala, a escolaridade do falante, a regionalidade, entre outros, que, para a Linguística Cognitiva, não são características extra-linguísticas, mas compõe a essência da língua, a base conceptual do significado da lexia, que deve ser considerada como um todo sistêmico, e que por isso faz parte do conhecimento enciclopédico do falante conceptualizador, que vai saber onde, quando e com quem falar *goró* e onde, quando e com quem falar *cachaça*. Trata-se da fundamentação que compõe a elaboração dos *frames*. Conforme Almeida (2018, p. 276), “[...] quando se acionam e se elaboram frames, no ato comunicativo, guiam-se, embora não se determinem, as escolhas léxicas com as suas distinções conceituais e, também, com as suas diferenciações sociais.”

Sabe-se que a abordagem que trata a relação entre a língua e aspectos da sociedade foi e é fortemente estudada pela Sociolinguística. Como trouxeram Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 34), a língua é um objeto de estudo que possui uma heterogeneidade ordenada, o que significa que “A associação entre

estrutura e homogeneidade é uma ilusão.” (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p. 125)

Na relação entre unidade e diversidade, elementos presentes na explanação e nas discussões sobre a heterogeneidade da língua são inerentes ao funcionamento do sistema linguístico, implicando, portanto, na negação de a língua ser homogênea.

Almeida (2016) observa que a Linguística Cognitiva:

Postula que a interação humana com o mundo é mediada por estruturas mentais e vaticina que a linguagem baseia-se no uso. Confere à semântica uma posição de destaque, no tocante à descrição, à interpretação e à explicação de fenômenos linguísticos; [...] (ALMEIDA, 2016, p. 14).

Valoriza, portanto, o contexto da interação, considerando que os seres, para se comunicarem, utilizam usos lexicais em textos constituídos de expressões conjugadas de sensações e percepções das mentes e dos corpos, sendo levados em conta aspectos sociais, históricos e culturais dos indivíduos. O conhecimento de mundo do sujeito, as suas experiências vividas, sejam linguísticas ou não, permitem-lhe que utilize e reutilize os itens da linguagem e experiencie uma interação comunicativa constituída de significados compartilhados e em conformidade com contexto e situações, em que as pessoas envolvidas interagem numa dinâmica em que se entende a mente como corporificada.

Nesse sentido, ao considerar a relação entre mente, corpo e contexto para as conceptualizações que ocorrem na constituição do léxico de uma língua, amplia-se a visão do estudo linguístico estabelecendo a já dita relação interdisciplinar entre a Dialectologia, cujo estudo sobre a heterogeneidade da língua e variação linguística, no eixo diatópico, se constitui uma tradição nos estudos linguísticos; a Linguística Cognitiva e a Etnolinguística, que consideram no estudo de elementos da língua a relação do significado com a cognição, com os aspectos sociais, os aspectos culturais e históricos e com a experiência corpórea vivenciada pelo ser humano.

Entende-se que há aspectos que são determinantes para as interações do sujeito diante dos itens do mundo, pois suas experiências individuais e em sociedade contribuem para suas categorizações e conceptualizações.

Há, portanto, na busca da compreensão das respostas apresentadas à pergunta 182 do QSL pelos entrevistados do ALiB, a percepção de como eles a conceptualizam, compreendendo que as suas respostas correspondem a suas categorizações e conceptualizações da bebida, as quais revelam, na sua relação com esse objeto de estudo, as suas experiências, bem como a construção de significados diante de suas perspectivas, suas crenças, de seus valores.

E é dessa forma que a variação linguística ocorreu neste estudo: se partiu de uma pergunta, realizada inicialmente, mas não exclusivamente, de forma padronizada, a entrevistados, cujas características sociais foram controladas, dos nove estados do Nordeste, em que se obteve uma variedade de itens léxicos apresentados nas respostas. A variação ocorreu tanto nas respostas de um entrevistado, ao apresentar mais de um item para a pergunta, como no total ocorrido entre todos os entrevistados.

Na maioria das vezes, mas não em sua totalidade, na interação com o entrevistador, essa variedade de respostas não causou estranhamento na comunicação dos envolvidos. Teixeira (2005, p. 244) lembra que: “a comunicação funciona porque os dois interlocutores pressupõem que cada um, para o mesmo significante, aciona um modelo semântico comum ou equivalente” e, assim, entende-se que, nessa interação, a manifestação da heterogeneidade da língua, por meio da variação lexical, tem ambiente propício para acontecer.

Como já observado, o significado é dinâmico e flexível, por isso entende-se que formas como *cachaça* e *cana*, por exemplo, podem ter mais de um uso, mais de um significado, dependendo da interação comunicativa. Como bem aborda Marcuschi (2007, p. 135),

É equivocado imaginar que uma entidade lexical seja um tipo de representação mental fixo, pois um item lexical pode dar origem a uma série de associações e ser a entrada para a ativação de um amplo domínio cognitivo. (MARCUSCHI, 2007, p. 135)

Nesta pesquisa, contudo, não se buscaram os diversos significados dos itens lexicais, as formas polissêmicas, mas foram estudados os que foram apresentados como resposta a determinado conceito, no decorrer das entrevistas realizadas pelo Projeto ALiB, focalizando a rede onomasiológica acionada pela pergunta 182 do QSL, a qual possibilitou conhecer as variantes sinonímicas para *aguardente*.

### 3.3.4 A rede prototípica das categorizações de aguardente

No universo dos itens lexicais apresentados como respostas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores do Projeto ALiB, alguns são amplamente conhecidos, o que pode ter levado os inquiridores a considerá-los, prontamente, sem questionamentos, como respostas válidas à pergunta 182 do QSL. Contam-se como exemplos: *cachaça*, *pinga*, *cana*, *aguardente*, entre outros. No entanto, há os itens que foram apresentados como respostas pelos entrevistados e que fazem parte de contextos menos amplos de interação, sendo de conhecimento restrito a certos grupos. Por esse motivo, causam dúvidas para serem compreendidos e considerados pelos inquiridores, bem como por qualquer falante externo ao grupo, como uma denominação para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar; dentre esses, podem-se citar: *bufu bufu*, *tiortina*, *Pé de cana*, *Jacaré*, *tampa de sabugo*, *fubuia*, *terra preta* etc.

A obtenção dessas respostas, nas entrevistas linguísticas com o Questionário Semântico Lexical, teve como parâmetro, como se sabe, o uso da metodologia da onomasiologia, que, como nos traz Silva (2015, p. 188), “[...] estuda as diferenças de saliência entre itens lexicais, designadamente o encrustamento conceptual entre categorias [...]”. Por meio de perguntas diretas, se buscaram saber as formas linguísticas que designam, na pergunta 182, a bebida alcoólica em questão. Com isso, pode-se obter, em cada resposta do entrevistado, como, a partir de suas experiências, ele conceptualiza e como categoriza a informação que lhe fora apresentada, a partir dos encrustamentos, que se revelam nas formas usadas, sendo possível verificar as que, no conjunto das respostas, são mais e menos salientes, as prototípicas e as periféricas da localidade.

Para a constituição da rede prototípica da *aguardente*, no estudo dos itens lexicais ocorridos nos inquéritos do Projeto ALiB, não é o bastante considerar todo e qualquer item apresentado como resposta, com a falsa ideia de que, se foi dessa forma que o informante conceptualizou e categorizou a bebida, considera-o como válido.

Nessa relação entre os usos linguísticos e o contexto, entende-se que, assim como o conhecimento comum partilhado entre os interlocutores colabora para a fluidez do diálogo, o desconhecimento de certas propriedades do item,

por parte do inquiridor, devido a questões, muitas vezes, relacionadas à inexperiência com o objeto da questão e/ou a aspectos culturais da localidade, dificulta não só a compreensão do significado do item utilizado pelo informante conceptualizador e categorizador como prejudica o andamento da aplicação do questionário.

Há de se considerar pertinente a dificuldade que se tem para compreender, por exemplo, *Jacaré* como conceptualização dessa bebida, sendo especificamente, neste caso, um nome-marca de uma *cachaça* produzida, em tempos passados, na Bahia. Para compreender a conceptualização de *bufu bufu* como um sinônimo de *cachaça*, é preciso ter acesso a experiências linguísticas e contextuais de que essa denominação faz parte, como detectar que se trata de uma *cachaça* de custo comercial barato ou que remete à onomatopeia que representa o bater os braços com movimentos de murros, *bufu, bufu*, ou seja, aplicando-se a lógica de que, ao beber *bufu bufu*, pode-se cair no chão como o efeito similar ao de receber pancadas.

Nos inquéritos do Projeto ALiB, esse item léxico ocorreu na fala da mulher, faixa etária 1, da cidade de Alagoinhas (88), ao lhe ser perguntado, no desdobramento da pergunta, (10) - “[...] INQ. — tem mais outro jeito de chamar a bebida”, quando se obteve a seguinte resposta: “INF. — Aqui chamam de várias coisas: *bufu bufu*. (risos).” O riso da informante revela a percepção de jocosidade que o item fraseológico transmite, sendo esse tipo de adjetivação uma prática corriqueira para se nomear a *aguardente*. É comum a essa bebida serem atribuídos muitos apelidos, por meio de eufemismos, que, historicamente, é uma forma de ludibriar a atenção das pessoas em relação ao hábito de consumi-la.

Barbosa (2011, p. 181) conclui em seus estudos sobre a palavra *cachaça*, “[...] que as diferentes formas de referência de *cachaça* têm dois pontos genericamente comuns: são quase sempre informais e populares.” Nesse sentido, *lexias* como, *bufu-bufu*, *tiortina*, *fubuia*, entre outras, são, possivelmente, mais utilizadas em situações informais de comunicação, deixando-se *aguardente* e *cachaça* para o nível de maior formalidade nas interações realizadas nas modalidades escrita e/ou falada da língua portuguesa, visto que, inclusive, são denominações técnicas, que constam nos documentos oficiais.

Essas ocorrências ilustram a afirmação de Duque e Costa (2012, p. 3): “[...] a categorização não pode ser tomada como produto de nosso raciocínio consciente, mas como resultante de nossa interação com o meio ambiente com base em nossos corpos e mentes.” E é diante das múltiplas formas que se apresentam as denominações sinonímicas de *cachaça*, ocorridas nos inquéritos linguísticos e que revelam, por meio de conceptualizações individuais, formas de denominações conhecidas pelo conjunto de informantes conceptualizadores e categorizadores. Com isso, é possível compreender a relação entre categorização e prototipicidade, que se dá devido ao fato de que, ao se categorizar uma realidade, o falante conceptualizador evoca as suas formas prototípicas, que foram constituídas por meio de suas experiências corpóreas, vivenciadas em momentos de interação, nos quais se apresentam elementos culturais da localidade onde vive, sendo ainda relevante se considerar sua faixa etária, a escolaridade e o seu sexo, assim como a intimidade ou não entre o(s) interlocutor(es), a formalidade ou a informalidade da situação comunicativa, entre outros. Essas características dos entrevistados, que os constituem como seres humanos, bem como as condições do momento da interação comunicativa, fazem parte de um todo complexo que condiciona a formação de redes prototípicas, constituídas coletivamente a partir de uma realidade sociocultural.

Ao evocar as lexias como respostas para a pergunta 182 do QSL, pode-se depreender se ocorreu, por exemplo, em certa localidade, mais quantidade de nomes-marca e/ou de nomes comuns, revelando que não são simplesmente os itens da resposta de certo grupo, mas as estruturas que comportam os Modelos Cognitivos Idealizados, que, por sua vez, se apresentam nas comunicações individuais e de determinado grupo social. Trata-se de uma forma de compreender, por meio da linguagem, as abordagens culturais instituídas no universo dos informantes conceptualizadores e categorizadores, reveladas nas entrevistas linguísticas.

Batoréo (2015, p. 224), tratando da Linguística Cultural, que é uma vertente da Linguística Cognitiva e que se aplica a este estudo, especificamente se relacionando aos estudos etnolingüísticos, explica que esse ramo “[...] se dedica ao estudo do modo como as línguas naturais reflectem e ‘corporizam’ as culturas que veiculam.” Acrescenta que o “[...] entendimento da Linguagem é

cognitivo-funcional, social e culturalmente inserido, conforme defendido globalmente pela Linguística Cognitiva.” (BATORÉO, 2015, p. 224-225)

As denominações apresentadas pelos informantes correspondem a suas conceptualizações e categorizações da bebida, devido à circulação desses itens lexicais nos ambientes em que frequentam, que, por meio de práticas corpóreas e práticas culturais, permitem que Modelos Cognitivos sejam consubstanciados, revelando que se tratam de elementos não só de seus conhecimentos linguísticos, mas, de antemão, representações de práticas culturais; e isso é muito bem ilustrado com as explicações a respeito de *bufu bufu*, que é comum em uma localidade, mas não o é em outras, demonstrando a flexibilidade dos Modelos Cognitivos Idealizados que são constituídos de informações, conforme experiências sensório-motoras e culturais dos seres humanos.

Almeida (2018, p. 278) afirma que “As categorizações [...] apresentam variação e essa variação está inter-relacionada a questões cognitivas e sociais.” Com isso, entende-se que, no conjunto, tanto o conhecimento linguístico quanto o enciclopédico contribuem para que a variação ocorra. De certo que a interação entre os seres, nas mais diversas situações, os ajustes à cultura e aos aspectos sociais, as características inerentes à natureza humana, como o sexo e a faixa etária do indivíduo, ou as adquiridas conforme as oportunidades da vida, como a sua escolaridade, são determinantes para que as categorizações ocorram em conformidade às conceptualizações aceitas e propagadas nas comunidades, que tendem a se difundir e, ao mesmo tempo, por natureza deste objeto de estudo, podem modelar novas denominações associadas a outras já existentes, como, por exemplo, denominar a bebida utilizando-se do domínio da experiência que se refere a nomes de animais, a saber: *Jacaré, Caracará, Pitú, Aratu* etc.

Teixeira (2004, p. 195), ao abordar a fluidez dos significados, afirma que devem se ajustar a uma medida específica e natural para o domínio da semântica, que se denomina de escala, “[...] já que nunca (nem nas unidades semânticas, nem em qualquer outro sistema) se pode ter a ambição de abarcar uma realidade até aos seus componentes mínimos”. Nesse sentido, o autor (2004, p. 195) segue afirmando que “[...] cada unidade é um modelo cognitivo que se subdivide e que abarca outros modelos cognitivos que por sua vez abarcam outros, até a estrutura total do léxico, que é, não se esqueça, uma estrutura aberta.”

Portanto, os significados atribuídos à *cachaça* possibilitam que se conheçam e reconheçam itens e elementos que pertencem às situações que envolvem essa bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, nos seus mais diversos âmbitos. Esses significados permitem que sejam compartilhadas conceptualizações em que se constroem e/ou se ratificam sentidos que a ela se relacionam, bem como os itens que fazem parte do domínio de experiência do falante, sejam os mais centrais ou os mais periféricos, pertencentes à determinada cultura local, nos quais se pode verificar o Modelo Cognitivo de esquema Centro-Periferia, que, conforme Medeiros, Santos e Medeiros

[...] diz respeito à nossa compreensão corpórea em estabelecer uma divisão entre coisas consideradas essenciais (CENTRO) com aquelas que não o são (PERIFERIA). Há nesse sentido, uma relação de dependência da PERIFERIA para com o CENTRO. (MEDEIROS, SANTOS; MEDEIROS, 2015, p. 5).

Pensando na ideia de que itens lexicais prototípicos são os encrustados que os falantes primeiro mencionam em um questionamento, pois pertencem ao centro de seu modelo categorial, entende-se ser relevante verificar as denominações de *cachaça* que são mais prototípicas nos nove estados pesquisados, apresentadas por falantes dos quais se controlaram a escolaridade, o sexo e a faixa etária. Decerto que, ao se verificarem as lexias que se comportam de forma mais prototípica, se terá acesso ao esquema categorial que, conseqüentemente, revela as mais periféricas.

Duque e Costa (2012) abordam a Teoria do Protótipo destacando a noção de atributos, que conduzem à noção de *continuum*, em que “[...] a existência de membros mais representativos implica que existem atributos mais centrais (prototípicos) que outros.” (DUQUE; COSTA, 2012, p. 17)

Como categorizamos à base do elemento prototípico, numa íntima relação entre protótipo e categorização, o *continuum* permite considerar que as formas mais periféricas possuem igual importância e relevância para a categoria. A categorização por meio do protótipo permite ter, numa mesma categoria, diversos itens, dentre os quais pode haver uns com mais atributos constando em uma mesma rede de itens dos que possuem menos atributos, partindo da ideia de que há um Modelo Cognitivo composto de centralidade.

Dessa forma, um elemento que pertence a mais de uma categoria pode ter maior ou menor grau de prototipicidade em cada categoria a que pertence, a depender de seus atributos. Essa flexibilidade de organização das lexias, por meio da teoria dos protótipos, possibilita que sejam consideradas como central ou periférica, a depender de sua representatividade na categoria.

As categorizações linguísticas assim compreendidas estão relacionadas à dinamicidade e à flexibilidade dos usos linguísticos, o que permite uma natural e fluida movimentação de seus elementos em mais de uma categoria. Sobre essa questão, Teixeira (2005, p. 241) afirma que

Ao contrário das concepções de cariz estruturalista, em que os membros de uma categoria possuem todos o mesmo estatuto, na concepção prototípica o grau de pertence à categoria varia entre muitos membros do grupo. (TEIXEIRA, 2005, p. 241)

Os limites precisos constantes na Teoria clássica do significado e da categorização não é uma realidade na Teoria do Protótipo. Na primeira teoria, a composição binária permitia concluir que se categorizava por meio de traços afins, organizados sob Condições Necessárias e Suficientes, considerados determinantes para o item pertencer ou não à certa categoria. Para a segunda teoria, os limites são fluidos, permitindo-se considerar que itens de uma mesma categoria não precisam ter igualdade em todos os atributos, mas revela que há convivência entre itens que, em uma rede, possuem atributos afins, sem se desconsiderar que possuem atributos distintos, os quais permitem que tal item faça parte de outra categoria. Dessa forma, a igualdade e/ou a similaridade dos atributos é que garantem que um item faça parte de uma categoria.

Com isso se entende que a natureza das categorias não é fixa nem homogênea, o que leva a considerar que uma rede pode ser constituída de mais de um elemento central na representação da categorização prototípica de uma determinada localidade, bem como se pode ter um elemento que é central em uma área, mas periférico em outra.

Nesse sentido, busca-se compreender que as categorizações ocorrem por similaridades compartilhadas entre os elementos, as semelhanças de família, cuja fluidez que compõe o *continuum* do significado permite que um elemento possa pertencer a mais de uma categoria, assim como uma categoria

possa conter elementos com características afins a alguns elementos, mas distintas de outros.

Para as denominações da *aguardente*, têm-se os nomes-marca e os nomes comuns, com os quais é possível organizar a rede radial, considerando que fazem parte de um mesmo centro prototípico, mesmo que compartilhem tanto de atributos afins, como serem denominações da *aguardente*, como distintos, devido ao fato de um ser nome-marca, um nome próprio, podendo-se dizer, de batismo, da bebida, aquele que seu produtor lhe deu e rotulou, motivado por diversas questões culturais; e os outros serem nomes comuns, criados pelo falante, igualmente com motivações culturais, revelando a sua relação com a bebida desprovida de qualquer interesse comercial. Todos podem conter lexias que se comportam como sinônimos, nas falas de seus conceptualizadores, e é por isso que não se faz necessário se constituir uma rede para um tipo e outra rede para os outros, mas, como foram atribuídas como respostas, sem que, muitas vezes, seja feita qualquer distinção pelo informante, entende-se que fazem parte de uma mesma rede, podendo alguns itens, ora ocuparem a parte central ora a periferia dessa rede. É o que se tem, por exemplo, com *51* e *Pitú*. Esses nomes-marca possuem significativa evocabilidade, de uma forma geral, nos estados do Nordeste, mas não desfrutam da unanimidade, pois não foram citados, por exemplo, por entrevistados do estado do Ceará, onde o mercado da *cachaça* é dominado pela *Ypióca* e por outras marcas locais, como a *Colonial*.

Observe-se como o participante de Caruaru (69) – Pernambuco, do sexo masculino, faixa etária I e de escolaridade fundamental traz a *Pitú*, a *cachaça* e a *pinga* como denominações para a bebida, sem fazer qualquer distinção ou apresentar qualquer observação sobre o fato de *Pitú* ser o nome da marca e *cachaça* e *pinga* não o serem ou de serem os nomes comuns da bebida. Para ele, em seu Modelo Cognitivo, *Pitú*, *cachaça* e *pinga* fazem parte de uma mesma rede de denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

- (11)                   [...]  
                           INF. — *Pitú*, *cachaça*.  
                           INQ. — Tem outros nomes?  
                           INF. — A *pinga*.  
                           INQ. — Hum, hum...

Nesse entendimento das categorias como estruturas não homogêneas, podem-se depreender que, conforme aborda Silva (2015, p.192)

A Teoria do Protótipo diz que categorizamos, não em termos de 'condições necessárias e suficientes', mas na base de protótipos, isto é, representações mentais das propriedades e dos exemplares que consideramos mais característicos, pelo que os membros de uma categoria apresentam diferentes graus de representatividade ou saliência, agrupam-se por similaridades parciais ou 'parecenças de família' e os limites entre si e entre diferentes categorias são geralmente difusos. (SILVA, 2015, p. 192).

A frequência quantitativa das denominações, devido à sua evocabilidade no decorrer das entrevistas linguísticas, como se sabe, não é critério suficiente, para se considerar uma certa denominação como elemento prototípico da categoria. Todavia, importa aliar, ao fato de o item ter sido evocado com alta frequência, a ordem em que foi mencionada pelo entrevistado, se como lexia da primeira resposta ou como resposta única, por exemplo, revelando o encrustamento da forma como prototípica individual, fruto de sua convivência interativa na coletividade. Além dessa ordem, como se viu com *Pitú*, *cachaça* e *pinga*, que foram enumeradas como itens léxicos da resposta do informante conceptualizador e categorizador, é essencial considerar, para a constituição da rede, a maneira como ele lidou com os itens, se distinguiu ou não nomes-marca dos nomes comuns, se tem consciência que são sinônimos, por exemplo. Além disso, o fato de a bebida ser de produção do local também deve ser levado em consideração para a organização de uma rede de cada localidade, pois, como já se viu, faz parte da vida cultural e social do informante conceptualizador e categorizador, evidenciando a intrínseca relação entre mente, corpo, e contexto na formação da rede prototípica da categoria dos itens que se referem à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Portanto, o entrevistado apresenta a sua resposta, dentre outras variáveis de possibilidades, conforme seu conhecimento de mundo, que envolve as experiências culturais, como as suas crenças, neste caso, em relação à bebida alcoólica em questão. Ao ouvir a pergunta, ele não se depara com itens organizados conforme a soma das partes, já que são acionados modelos mentais que comportam as informações experienciadas, as imagens a que remetem, os *frames*.

Nessa relação entre entrevistador e entrevistado, se espera que este compreenda a pergunta e assim apresente uma resposta coerente àquele que deverá ter experiência e habilidade para conduzir a entrevista, de maneira a considerar válida a resposta ou sanar dúvidas, caso o item lexical apresentado lhe cause estranhamento ou não seja de seu conhecimento. É alta a probabilidade de os interlocutores não compartilharem de significados idênticos para os itens, visto que, naturalmente, podem ser acrescidos sentidos e significados às formas, a depender dos usos contextuais em certas localidades, revelando uma relação não linear entre o conhecimento puramente linguístico e o conhecimento de mundo, que, como se sabe, não podem ser separados. É o que se tem, por exemplo, com *bufu bufu*, que, como se viu, se comporta como sinônimo de *cachaça* e possui motivações diferentes para a constituição de seus atributos.

Nas entrevistas do Projeto ALiB, os interlocutores compartilham modelos cognitivos, que são acionados para os diversos domínios de experiência, levando o participante a conceptualizar e a categorizar o item que compreende, conforme sua perspectiva de uso, como o adequado à resposta da pergunta 182. Esse modelo mental permite que os itens sejam partilhados, por equivalência semântica, e não com o conhecimento total e único do seu significado. Com isso, entende-se que, ao conhecer os significados de *cana*, por exemplo, há um ajustamento semântico lexical, que permite aos interlocutores utilizarem o item no diálogo, para se referirem à bebida alcoólica.

Diante dessas considerações, há perguntas a serem respondidas no decorrer da pesquisa. Citam-se como exemplo: (i) com base nos dados coletados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil, como os entrevistados conceptualizam e categorizam a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar? (ii) das denominações que se apresentam, quais são mais prototípicas? Quais as periféricas? Como essa prototipicidade pode variar? Para responder a esses questionamentos, deve-se levar em consideração que um item, para pertencer a uma categoria, deve se alinhar, conforme os efeitos de prototipicidade, à estrutura da categoria.

Duque e Costa (2012, p. 24) trazem os dois tipos de abordagens da Teoria do Protótipo: a teoria padrão de Eleanor Rosch e a teoria estendida, conforme Kleiber. Na teoria padrão, os itens que ocupam o centro da rede são

considerados como constituídos de modelo mais exemplar, o melhor representante. Na teoria estendida, os elementos da rede se relacionam por meio de efeito de prototipicidade e de semelhança de família, e segundo os autores,

O conceito de semelhança de família, somado à teoria dos protótipos, sugere que, na organização das categorias, os elementos se vinculam de forma lateral, em cadeias, de modo que a vinculação categorial entre o primeiro e o último componente só é compreensível quando toda a cadeia é levada em conta. (DUQUE; COSTA, 2012, p. 24)

Dessa forma, os itens possuem atributos afins e outros atributos com menor grau de afinidade, fazendo com que um elemento de uma categoria se relacione lateralmente com elementos da mesma categoria e também com de outras categorias. A teoria estendida suplantou a padrão, numa perspectiva de que esta é monossêmica e aquela polissêmica.

Lakoff (1987) afirma que a Teoria do Protótipo originou-se a partir dos estudos de Eleanor Rosch<sup>78</sup>, que dividiu em três fases o seu pensamento sobre a categorização<sup>79</sup>, sendo a primeira fase datada no final dos anos 60, a segunda, no início do anos 70 e a terceira no final dos anos 70, do século XX.

Silva (1997) assevera que, conforme a Linguística Cognitiva, o processamento de categorização se dá à base de protótipo, em que, por meio de representações mentais, estabelecem-se os elementos mais prototípicos de uma categoria, que é organizada em estruturas. Nessa estrutura, os membros de uma categoria possuem diferentes graus de saliência, indicando que uns elementos são mais prototípicos e outros mais periféricos. Nessa representação mental, a estrutura do protótipo organiza os elementos por semelhança de família, que é um conceito de Wittgenstein, em que são imprecisos os limites constantes no interior de uma mesma categoria e entre as categorias.

A teoria do Protótipo opõe-se à teoria clássica de categorização, considerada nos princípios da linguística estruturalista e gerativista, em que as categorias se organizam em termos de “Condições necessárias e suficientes”, isto é, “através de propriedades individualmente necessárias e conjuntamente

---

<sup>78</sup> The studies cited above are all special cases. It was Eleanor Rosch who first provided a general perspective on all these problems. She developed what has since come to be called “the theory of prototypes and basic-level categories,” or “prototype theory”.

<sup>79</sup> Rosch went through three phases in her thinking about categorization.

suficientes”. (SILVA, 1999, p. 65) Nessa teoria, os limites dos elementos são nítidos entre si e entre as categorias e não existe variação no grau de representatividade do elemento de uma categoria.

Em relação à *aguardente*, poderíamos citar como exemplo da representação lateral, por semelhança de família, a relação entre a *cachaça* e a *tiquira*, que foi citada como resposta por uma informante, faixa etária 2, universitária de Teresina (34) – Piauí, e por um informante, faixa etária 2, ensino fundamental, da cidade de Balsas (32) – Maranhão. A mulher conceptualiza a *tiquira* como feita da cana, logo, é uma *cachaça*; e o homem sabe que é feita da mandioca, mas a compreende como *cachaça*. Como se sabe, para ser *cachaça*, conforme a legislação vigente, tem de ser produzida a partir da cana-de-açúcar, logo, *tiquira* compartilha com a *cachaça* o fato de ser destilada, mas não o atributo de ser feita da cana, por isso não é *cachaça*, e não é uma resposta válida no inquérito, mas, na conceptualização da população em geral, é compreendida em termo de *cachaça*. A relação entre *tiquira* e *cachaça* não pode ser no modelo Centro e periferia, mas cabe no modelo em que os elementos são organizados na lógica AB, BC, CD, DE, EF, pois temos atributos afins, como serem bebidas destiladas, e serem aguardente, mas possuem atributos distintos, como o fato de a *tiquira* ser produzida a partir de uma raiz, a mandioca, e por isso não ser *cachaça*, mas uma *aguardente*.

Como se vê, as redes para cada teoria são distintas, sendo a rede radial mais adequada para a teoria padrão e a rede esquemática para a teoria estendida. Para o objeto de estudo desta tese, considera-se que o protótipo está relacionado a um Modelo Cognitivo Idealizado, em que os elementos do efeito de prototipicidade se fazem presentes, que o protótipo não é considerado um representante da categoria, mas que se compreende como protótipo devido às experiências dos falantes compartilhadas, e que são determinados pelas estruturas mentais.

No estudo de Teixeira (2005, p. 261), a respeito da “Organização conceptual das categorias e a lexicalização de um protótipo (fruta)”, o autor afirma que o núcleo conceptual da categoria fruto é constituído por frutas, como maçã e banana e que

Esta organização léxico-semântica é interessante e rara. Habitualmente a língua não lexicaliza os núcleos prototípicos das categorias: não há uma palavra específica para designar flores, os pássaros ou as árvores que possuam mais prototipicidade. (TEIXEIRA, 2005, p. 261)

Explica o autor que o motivo para essa lexicalização dos protótipos de fruto se dá devido à importância e relevância das frutas para o cotidiano dos seres humanos.

Para as denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, entende-se igualmente que a melhor maneira de representação de seus elementos prototípicos seja por meio da rede radial, em que se tem um centro com as lexias prototípicas e uma significativa periferia de igual relevância. Depreende-se que, a depender da localidade, itens flutuam de zona, passando do centro para a periferia ao passo que outros saem da zona periférica e situam-se no centro. É o que ocorre, por exemplo, com *cana*, *Pitú* e *51*.

A produtividade para as denominações da bebida não para e as motivações para nomeação são as mais diversas, normalmente de representatividade para a cultura local ou de caráter da experiência pessoal do produtor. Isso implica em dizer que a *cachaça*, que realmente faz parte da vida do brasileiro, nas mais diversas situações de interação, demonstra que há muita criatividade linguística e motivações para a criação de denominações.

A rede lateral, também, constitui um modelo categorial de representatividade relevante, na relação, por exemplo, entre a *cachaça*, *pinga* e *aguardente*, com a *tiquira*, a *Axé* e a *Pau do Índio*, que foram citadas por informante de Olinda (65) - Pernambuco, mas que, mesmo não sendo consideradas *cachaças*, são assim compreendidas, devido a se considerarem elementos compartilhados por semelhança de família. *Tiquira* é *aguardente* de mandioca; *Axé* é uma mistura de ervas com *cana-de-cabeça*; e *Pau do Índio* é feita com raízes e ingredientes secretos. Essas bebidas, denominadas popularmente como *cachaça*, com a qual se relacionam pelo fato de serem aguardentes e por se assemelharem no alto teor alcoólico. *Axé* e a *Pau do Índio* são feitas à base de *cachaça* e a *tiquira* é um destilado à base de mandioca fermentada, ou seja, todas três bebidas classificam-se como destilados, sendo essa mais uma semelhança compartilhada.

Os efeitos de prototipicidade mostram a relevância das considerações cognitivas, demonstrando que a flexibilidade das formas, bem como as suas flutuações e ausência total das condições necessárias e suficientes como método de estudo, é uma realidade, fazendo parte do Modelo Mental Organizador que é acionado na constituição das categorias.

Feltes (2007, p. 114) traz a concepção de Geeraerts sobre os efeitos de prototipicidade que apresentam propriedades fundamentais, representadas a partir de quatro características estruturais.

- (I) não podem ser definidas por meio de um conjunto de atributos necessários e suficientes;
  - (II) exibem uma estrutura de semelhanças de família;
  - (III) exibem graus de representatividade entre seus membros; e
  - (IV) suas fronteiras denotativas não são sempre determinadas.
- (FELTES, 2007, p. 114)

Conforme esta divisão, os itens III e IV compõem a estrutura extensional da categoria, em que há diferentes graus de representatividade dos seus elementos e flutuações nas margens das categorias, devido a seus limites serem imprecisos; e os itens I e II correspondem ao nível da estrutura da categoria, sendo o nível intensional, em que os agrupamentos de significados se dão por semelhança de família, e sendo improvável a definição em termos de condições necessárias e suficientes.

Em relação à estrutura extensional, as denominações para a *aguardente* possuem membros com maior grau de representatividade, como *cachaça*, *pinga*, *aguardente*, *cana*, *Pitú*, *51*, *Ypióca*, *água que passarinho não bebe*, *aguardente de cana*, entre outros, sendo fluidas e imprecisas as fronteiras dessa categoria, visto que *cana*, por exemplo, ocupa tanto o centro como a periferia categorial, a depender dos ambientes culturais em que ocorre no Nordeste. Além disso a própria *aguardente* apresenta limites fluidos dentro da categoria, pois pode ser tanto uma hiperonímia de *cachaça* quanto sinonímia.

Para exemplificar as características do nível I e II, vê-se que, por semelhança de família, a *tiquira*, o *Pau de Índio* e o *Axé*, mesmo não sendo *cachaça*, foram utilizados como resposta pelos informantes conceptualizadores e categorizadores, devido a associações que são feitas a algumas das características do destilado de cana. Devido a essa flutuação de classificação na

categoria, que não se limita a esses exemplos, não é possível definir a *aguardente* por meio de um conjunto de atributos necessários e suficientes, já que, para muitos falantes, *tiquira é cachaça*. Portanto, assim como a categoria fruto, como traz Silva (1999, p.33), “combina os quatro efeitos de prototipicidade”, a categoria aguardente também se vê possível de combinar as quatro características da prototipicidade.

Para as muitas denominações para *cachaça*, o modelo mental organizador recebe motivação do ambiente externo, o que faz com que haja nomes-marca, por exemplo, com nomes típicos de animais da região, nomes de santos, nomes de músicas, nomes de cidades, entre outros. Em relação aos nomes comuns, esse modelo mental organizador se apresenta com formas constituídas por metonímia, como *pinga, cana, brejeira*, em que se verifica uma relação de contiguidade entre os elementos de um mesmo domínio de experiência.

Diante de tantas denominações, que não param de surgir, entende-se que a motivação para se criarem nomes novos, assim como as fontes que motivam a formação desses nomes, faz parte de uma estrutura constituída do modelo organizador utilizado para denominar a aguardente.

A evocabilidade dos itens, mesmo não sendo suficiente, se for considerado como elemento exclusivo, contribui para que a forma se configure como prototípica e isso, de certa forma, é compreendido pelas marcas da bebida que, em suas campanhas publicitárias, reforçam o uso dos nomes-marca colocando-os em constante evidência e ainda os vinculando aos nomes comuns, também prototípicos, *cachaça, aguardente*. Quanto mais se fala em *51*, mais a *51* é vendida, logo, mais se continua falando em *51*. Diante disso, as lexias se organizam em redes cíclicas, cujos limites são fluidos, o que permite afirmar que elementos podem mudar de lugar na rede, a depender do local onde seja utilizado, da faixa etária das pessoas, entre outros. Lexias também podem entrar em desuso e outras podem surgir, o que garante a dinamicidade dos elementos da rede.

Nesta pesquisa, a Linguística Cognitiva revelou-se uma aliada à Dialetoлогия e à Etnolinguística, no estudo das denominações para bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, pois a sua abordagem semântica permite que se verifique, de forma adequada, como os informantes conceptualizaram e

categorizaram a bebida alcoólica, conforme seus conhecimentos linguísticos e enciclopédicos, a partir dos quais se constituem seus *frames*, bem como as formas variantes prototípicas e periféricas de cada domínio de experiência pesquisado.

Como ponto determinante para o sucesso da interdisciplinaridade entre as três vertentes da linguística, está o fato de não desvincularem o conhecimento de mundo do conhecimento linguístico, evidenciando que as experiências corpóreas, ocorridas em contextos sociais e culturais, são imprescindíveis para a constituição do conhecimento do falante, que se organiza em estruturas que, por sua vez, comportam Modelos Cognitivos Idealizados.

E para finalizar, traz-se uma citação da obra de Capra (1996, p. 45), que revela bem o entendimento da importância de cada denominação para a *aguardente de cana*, seja ela prototípica ou periférica na rede radial.

[...] a teia da vida consiste em redes dentro de redes. Em cada rede escala, sob estreito e minucioso exame, os nodos da rede se revelam como redes menores. Tendemos a arranjar esses sistemas, todos eles aninhados dentro de sistemas maiores, num sistema hierárquico colocando os maiores acima dos menores, à maneira de uma pirâmide. Mas isso é uma projeção humana. Na natureza, não há 'acima' ou 'abaixo', e não há hierarquias. Há apenas redes aninhadas dentro de outras redes. (CAPRA, 1996, p. 45)

Nessa constituição de redes, entende-se que nenhuma denominação para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar é mais importante que outra, pois todas têm a sua relevância como variante linguística, cuja consistência se revela e, ao mesmo tempo, se ratifica no fato de ter sido utilizada como resposta por falantes, cujas experiências lhes permitiram utilizar em suas entrevistas linguísticas.

Ainda conforme Capra (1996, p. 48), na ciência, uma parte da teia, ou da rede como aqui estamos denominando, não é mais fundamental que outra, pois “[...] todas elas resultam das propriedades das outras partes, e a consistência global de suas inter-relações determina a estrutura de toda a teia.” Portanto o que se traçou foi uma visão dinâmica com todos os itens inter-relacionados e constituintes de uma exposição científica de informações, em que o que se traz não se configura como uma verdade absoluta, mas um retrato de informações que representam uma realidade linguística, social e cultural da qual fazem parte

informantes e inquiridores conceptualizadores e categorizadores, reveladas para se referir às denominações para a *aguardente*.

### 3.5 O ESTUDO INTERDISCIPLINAR DOS NOMES-MARCA DE CACHAÇA

[...] cada palavra é o centro de uma constelação evocadora de múltiplas relações. (TEIXEIRA, 2005, p. 289)

No diálogo interdisciplinar entre a Dialectologia, a Etnolinguística e a Linguística Cognitiva, pode-se verificar como, no decorrer das entrevistas linguísticas, os informantes conceptualizadores e categorizadores da região Nordeste utilizaram-se de itens pertencentes ao léxico comum e ao léxico onomástico em suas respostas. Essas denominações são representações lexicais que expressam o se fazer presente da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar nas comunicações cotidianas, na cultura e na vida de membros de uma comunidade/sociedade.

É diante de uma variedade de denominações atribuídas a essa bebida alcoólica que se busca compreender como, a partir de suas conceptualizações, os informantes a categorizaram, utilizando-se, em suas respostas iniciais e/ou nos desdobramentos das perguntas, lexias simples e complexas, as quais contemplam nomes comuns e nomes-marca, pertencentes aos domínios de experiências da *aguardente*. Partindo dessa compreensão, é possível compor uma rede de variantes, em que se pode evidenciar a presença de efeitos da prototipicidade, presentes nas organizações mentais, e que refletem uma determinada realidade categorizada.

A bebida pode ser chamada, pelos falantes conceptualizadores-categorizadores, de nomes comuns, como *cachaça*, *cana*, *pinga*, e de nomes-marca, como *Pitú*, *Ypióca*, *Jangada*, que, por sua vez, se constituem lexias simples. Podem também referir-se a ela como, *cachaça branca* e *51*, por exemplo, que são lexias complexas ou Unidades Fraseológicas e, respectivamente, nome comum e nome-marca. Em todos os casos, as diversas formas de se referir à bebida indicam a *aguardente* de cana-de-açúcar como um objeto material, em cuja representatividade cultural é percebida uma diversidade

de denominações que ocorreram nas falas de pessoas de ambos os sexos, pertencentes a dois níveis de escolaridade e a duas faixas etárias.

Essas marcas da bebida citadas são bem conhecidas pela população do Nordeste brasileiro e compõem um elenco das *aguardentes* que são expostas em bares, supermercados, fazendo parte da vida de pessoas, em seu dia a dia, em seus divertimentos, sendo elas suas consumidoras ou não. O acervo da bebida e a variedade de locais em que é encontrada contribuem para que os seres humanos a constituam em suas vivências sensório-motoras e culturais, compondo seus modelos cognitivos, logo, fundamentando os domínios de experiência, que se refletirão em suas conceptualizações e categorizações, bem como em suas comunicações ocorridas nos mais diversos contextos.

Nesta subseção, se fará o estudo dos nomes-marca de *aguardente*, apresentados como respostas pelos participantes do Projeto ALiB, na região Nordeste, contemplando tanto os que constituem o rol das lexias simples como o das complexas. Saliencia-se que o fato de se priorizar a referência a essas denominações como nomes-marca é para que melhor se delimitem as conduções reflexivas em torno dos nomes próprios que constam nos rótulos desta bebida destilada, a *cachaça*.

### **3.5.1 O estudo dos nomes-marca a partir de princípios da Semântica Cognitiva**

Para nomear a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, de acordo com os princípios da Linguística Cognitiva, o entrevistado utilizou-se de Modelo Cognitivo Idealizado, doravante MCI. Esse falante, que pertence a determinada realidade sociocultural, ao ouvir a pergunta 182 do QSL – “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36) – mapeou, em sua rede lexical, itens que, em seus usos linguísticos, conforme suas experiências pessoais, corresponderem à sua conceptualização e categorização, possibilitando que apresentasse a sua resposta.

Conforme Medeiros et al (2015, p. 2), os Modelos Cognitivos Idealizados, “[...] são construções cognitivas advindas de nossas práticas socioculturais que acomodam vários domínios do conhecimento humano, sendo eles práticos e

teóricos”. Segundo os autores, tais práticas culturais favorecem obter experiências que promovem conhecimento de mundo, que se distribui em nossa mente de forma organizada. E é essa experiência que nos faz perceber que a representatividade de uma marca da bebida é diferente de uma localidade para outra.

Se, para um informante conceptualizador e categorizador, há experiências sensório motoras e culturais mais efetivas sobre o domínio de experiência da bebida, isso se refletirá em sua resposta e revelará como ele a compreende, a percebe e, certamente, como poderá contribuir para indicar a denominação de maior saliência nas respostas do conjunto de informantes. A partir da saliência, elementos prototípicos podem ser constatados. Silva (2015, p. 193) afirma que “A saliência é o lugar de encontro de estrutura e uso ou, melhor ainda, é a manifestação do uso na estrutura, no sentido de que algumas partes da estrutura são mais importantes do que outras justamente porque são mais usadas”.

Diante da consideração individual e coletiva dos usos, poderão ser indicados os elementos mais prototípicos de certa localidade, bem como os menos prototípicos, sendo os primeiros mais centrais e os segundos mais periféricos, na constituição de uma rede, como traz Teixeira.

O protótipo corresponderá, assim, a um ‘modelo mental de base’, através do qual configuramos determinada parte da realidade que sistematizamos num particular item lexical. Esse modelo mental não é necessariamente rígido, único e uniforme, podendo organizar-se em variantes derivadas e inter-relacionadas. (TEIXEIRA, 2005, p. 241)

Dessa forma, diante do total de 27 nomes-marca apresentados no decorrer das respostas à pergunta 182 do QSL, quais se comportam de forma mais prototípica no Nordeste do Brasil? E que representatividade em cada localidade têm os considerados mais prototípicos? Essas e outras questões serão abordadas e desenvolvidas na seção de Análise de dados.

Para responder a essas perguntas, deve-se compreender que as categorizações possibilitam conhecer os elementos mais e menos prototípicos; contudo, para isso, não é suficiente se basear tão somente na quantidade de ocorrências obtidas no decorrer dos inquéritos, pois o protótipo é, ainda conforme Teixeira (2005, p. 249), “[...] construído mentalmente pelas experiências cognitivas e associativas dos falantes e não pelas taxionomias

científicas”. Por isso, com base na afirmativa do autor, o(s) elemento(s) mais prototípico(s) não pode(m) ser compreendido(s) como elemento(s) que representa(m) outros da mesma categoria. Trata-se de uma construção coletiva e individual, concebida como MCI, o que possibilita que experiências cognitivas e associativas permitam que os informantes conceptualizem e categorizem a bebida alcoólica, o que revela a forma como a compreendem no mundo.

A categorização possibilita melhor entender a interação do ser humano com o ambiente em que vive, pois é a partir dos elementos que ocupam o seu domínio de experiência sensório-corpórea que o ser humano compreende o(s) elemento(s) em questão, levando em consideração o seu conhecimento linguístico e cultural. Como bem aborda Duque, (2012, p. 1) “[...] a categorização é uma atividade cognitiva e sociocultural, a partir da qual a realidade é construída, e não um processo da mente individual.”

Dessa forma, Modelos Cognitivos Idealizados possibilitam que os seres humanos realizem as conceptualizações, gerando suas categorizações. Por meio dos efeitos de prototipicidade, são constituídas pelos falantes as formas mais prototípicas e as mais periféricas, a depender da funcionalidade que possuam na cultura local.

A conceptualização é a forma de significar os elementos do mundo material e linguístico. Para compreender o mundo do qual o indivíduo faz parte, ele realiza categorizações que lhe possibilitam criar e/ou ajustar suas conceptualizações. Ambas dependem de suas experiências, de suas vivências e permitem entender o que o falante significa, logo conceptualiza, por meio da interação entre mente, corpo e meio ambiente.

Medeiros et al (2015, p. 3) trazem ainda que “Os Modelos cognitivos - [...] - abarcam uma série de conhecimentos que são armazenados em nossa memória de longo prazo e regulados pela linguagem”. Portanto, na entrevista linguística, o informante apresenta a sua conceptualização da bebida alcoólica, obtida a partir de sua experiência com o produto, utilizando-se do MCI PARTE-TODO, que é um esquema em que se demonstra como se compreendem os elementos como a parte integrante de um todo, ou seja, como uma parte que pertence a um TODO.

O MCI PARTE-TODO possibilita que, no diálogo entre informante e inquiridor, o processo cognitivo por metonímia se realize de maneira que conceptualizações e categorizações sejam compartilhadas entre ambos.

Conforme Lakoff e Johnson (2002), uma das formas de percebermos o mundo é por meio de sistema conceptual das metonímias, em que, de acordo com o que se experiencia cotidianamente, se utiliza uma unidade para se referir a outra a ela relacionada, ou seja, uma entidade representa a outra, promovendo entendimentos. Para Lakoff e Johnson (2002, p. 97), “[...] os conceitos metonímicos estruturam não somente nossa linguagem, mas também nossos pensamentos, atitudes e ações e, também, baseiam-se na nossa experiência. Seguem afirmando que “A metonímia PARTE PELO TODO emerge das nossas experiências em relação ao modo pelo qual as partes estão geralmente relacionadas ao todo.” Para os autores, muitas partes podem representar o todo, contudo há a que se quer destacar, enfatizar, sendo a que se quer referir em nossa comunicação. Lakoff e Johnson (2002, p. 93) afirmam ainda que “Conceitos metonímicos (como PARTE PELO TODO) fazem parte da maneira como agimos, pensamos e falamos no dia-a-dia”.

Silva (2003, p. 52) assevera que a linguagem metonímica se manifesta por meio da metonímia conceptual. Traz ainda Silva (2003, p. 32) que “[...] a metonímia caracteriza-se por uma relação contingente de contiguidade conceptual entre elementos de um mesmo domínio conceptual [...]” e, adiante, (2003, p. 64) afirma que “uma metonímia convencionaliza-se se satisfizer alguns dos tipos de metonímia conceptual, como CONTINENTE PELO CONTEÚDO, PRODUTOR PELO PRODUTO, PARTE PELO TODO, etc.”, vinculando a reincidência desse padrão à prototipicidade.

Inicialmente pode-se afirmar que é por meio da relação PARTE PELO TODO entre *aguardente/cachaça* e os diversos nomes-marca, vinculada à experiência pessoal, que é possível o informante conceptualizar a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, utilizando os nomes-marca *51*, *Pitú*, *Ypióca*, entre outras, em suas respostas. Quando isso ocorre, não se está pensando isoladamente nesse nome sem relacioná-lo ao que se refere, a *cachaça*; pelo contrário, evidenciam-se as informações e as emoções a ela vinculadas, que são propagadas das mais diversas maneiras, aliadas à experiência individual e coletiva que vêm à tona.

Interagir socialmente, utilizando-se do processo metonímico é sistemático, sendo assim, percebe-se que esse modelo cognitivo ocorre nas denominações de outros objetos materiais, no ato comunicativo, em que elementos de um mesmo domínio de experiência são utilizados e compartilhados pelos interlocutores, devido a possuírem a mesma referência. Isso ocorre com produtos como cuecas, refrigerantes, cervejas, materiais de limpeza etc., que, neste caso, possuem uma produção em série para serem comercializados e são denominados como: *Zorba*, *Coca-Cola*, *Brahma*, *Quiboa*, respectivamente.

Portanto, por meio de suas experiências socioculturais, o informante conceptualiza e categoriza *Pitú*, *51* e *Ypióca* como nomes das bebidas atribuídos pelos fabricantes. Trata-se de uma relação similar à denominação das pessoas com os Antropônimos, realizada com nomes próprios, o que faz com que se subentenda que assim como se denominam as pessoas se denominam os produtos, no caso, as bebidas, pois como cada pessoa tem um nome, cada *cachaça*, também o tem. Ulmann (1964, p. 148) afirma que “A posse de um nome é, e tem sido desde tempos imemoriais, privilégio de todo ser humano.” E essa constatação se estende aos nomes-marca atribuídos à *cachaça*, por exemplo, que, com suas identidades, vão ganhando espaço, no mercado de bebidas e, assim, há quem prefira consumir a *Caninha da roça* e há quem prefira a *3 Fazendas*.

Sobre o estudo da Antroponímia e sua relação com o MCI, Almeida (2020) apresenta uma reflexão a respeito da importância da metonímia no uso de nomes próprios, na vida cotidiana, nas diversas situações de interação entre as pessoas, em que há momentos em que há a necessidade de se utilizar o nome TODO, enquanto, em outros, se pode e/ou se deve usar uma PARTE desse TODO. Nesse sentido, o antropônimo pode ocorrer pela relação PARTE/TODO ou como TODO/PARTE. Almeida (2020, p. 88-89) ilustra esses usos variados do nome próprio de pessoa, a partir de sua própria estrutura, a saber.

Para exemplificarmos como compreendemos a metonímia na antroponímia, tomemos como exemplo o antropônimo Ygor Almeida Santana. Em um contexto familiar, poderemos usar o prenome Ygor, de modo a termos a metonímia PARTE/TODO; em outro contexto, como o escolar, poderemos empregar Ygor Santana, e, ainda, teremos a metonímia PARTE/TODO, mas, em uma situação de eleição, por exemplo, precisaremos utilizar Ygor Almeida Santana, para evitarmos

possíveis homônimas, e já teremos a metonímia TODO/PARTE. (ALMEIDA, 2020, p. 88-89)

Diante dessa percepção, Almeida (2020, p. 89) infere que “[...] a construção da antroponímia é um fenômeno semântico, elaborado pelo mecanismo metonímico PARTE/TODO e TODO/PARTE.” O uso de cada possibilidade do antropônimo permite perceber, de acordo com o contexto relacionado, um propósito na interação, o que gera uma significação.

Compreendendo que a metonímia é um “[...] mecanismo cognitivo, como uma das figuras do pensamento, através das quais compreendemos o mundo”, (ALMEIDA, 2020, p. 86), a autora averiguou os usos criativos de nomes próprios, utilizados como identificação no perfil de inscritos na rede social *Facebook*, em 2016. Em seu estudo, Almeida (2020) demonstrou que, na constituição desses antropônimos, há a presença do MCI Metonímico PARTE/TODO, a partir do qual detectaram-se subconjuntos de metonímias específicas, que possibilitaram serem elaboradas fórmulas descritivas de cada grupo de nomes próprios encontrados no *corpus*.

Ao final das demonstrações, Almeida (2020, p. 99) comprovou que “[...] na metonímia, um domínio de experiência é, parcialmente, compreendido em termos desse mesmo domínio experiencial, tratando de uma operação intradomínio [...].”

Para denominar a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar, utilizando-se das variantes nomes-marca, o MCI Metonímico PARTE/TODO foi acionado tanto pelo informante como pelo inquiridor. Aliou-se a esse modelo cognitivo, o subconjunto MARCA PELO PRODUTO, que se fez presente, inicialmente, nos usos dos informantes, ao apresentarem esses itens lexicais em suas respostas, no decorrer das entrevistas linguísticas. Os nomes-marca, muitas vezes, são as denominações com as quais essa bebida circula nos diversos ambientes, o que possibilitou que, nessa interação comunicativa, fossem compreendidos, em termos de nome-marca, conforme o MCI Metonímico PARTE/TODO - MARCA PELO PRODUTO, como variante de *cachaça*.

### 3.5.2 O estudo dos nomes próprios: a Onomástica, os Oniônimos

Para compreender a natureza dos nomes próprios atribuídos às *cachaças* por seus produtores, que os imprimem em seus rótulos, faz-se necessário refletir a respeito da Onomástica.

O estudo dos nomes próprios está contido na Onomástica, que, segundo o gramático Bechara (2009, p. 55), é “[...] o estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoas – e *toponímia* – história de nomes de lugares [...]”. Câmara Júnior (1997, p. 182) traz, em seu *Dicionário de linguística e gramática*, que a Onomástica é o “Conjunto dos antropônimos (v.) e topônimos (v.) de uma língua, e também o estudo lingüístico desses vocábulos, o qual requer métodos de pesquisa especiais [...]”

Guérios (1973, p. 16) afirma que

Os antropônimos podem ser estudados sob dois aspectos principais:  
1.º) Sob o aspecto lingüístico, da sua origem ou criação (etimologia); e  
2.º) sob o aspecto social ou psicossocial, o da escolha ou das razões por que são ou foram sempre empregados (cresiologia). (GUÉRIOS, 1973, p. 16)

Leite de Vasconcelos (1928, p. 2) apresenta a Onomástica como a Onomatologia, a qual é por ele decomposta em: (i) Onomatologia geográfica, a Toponímia, como o estudo de nomes locais, aos quais se incluem nomes de rios, árvores, sítios, entre outros; (ii) o estudo dos nomes de pessoas, a Antroponímia, denominação já empregada por este autor em 1887, na *Revista Lusitana* I, 45; (iii) estudo de vários outros nomes próprios, como de astros, ventos, animais, navios, seres sobrenaturais, a Panteonímia; e a Teonímia, para o estudo dos nomes de seres sobrenaturais, como os deuses.

Diante de tais divisões, às quais se incluem ainda a *Zoonímia*, como o estudo dos nomes dos animais, e a *Astronímia*, o dos nomes de astros, faltava, na Onomástica, o estudo das categorias dos nomes próprios referentes aos produtos industriais, ou melhor, aos artigos do comércio. Guérios (1970, p. 180) propõe, então, a *Onionímia* ou a *Onomástica industrial*, como a vertente da Onomástica que estuda os *oniônimos*. A necessidade de estudo dessa categoria de nomes próprios, segundo este autor, é “[...] consequência do enorme

progresso material em todos os setores industriais, os nomes surgem diariamente no mercado, não só em tamanha variedade, mas também em quantidade tal, que possibilita até uma sistemática.” (GUÉRIOS, 1970, p. 180)

Nesse sentido, os Oniônimos são a parte da Onomástica que estuda o que se está denominando, nesta tese, de nomes-marca, que são os nomes próprios atribuídos às *cachaças*, os quais constam em seus rótulos, como: *Januária, Mangueira, Colonial*. Segundo Ulmann (1964, p. 153), “[...] rótulos contendo nomes próprios já se encontram em inscrições e papiros egípcios”.

Conforme Teixeira (2015, p. 298), “[...] as marcas, são, por essência, nomes particulares, específicos de designação de um determinado produto. Por isso podem ser catalogadas como nomes próprios [...]”, mas não são Antropônimos nem Topônimos. Designam um objeto ou uma classe de objetos em particular; são instáveis: entram e saem de uso e são conhecidas em um momento sincrônico. São divulgadas pela publicidade e podem estar relacionadas a produtos comerciais efêmeros.

Raposo *et al.* (2013, p. 1007-1008), nas considerações da tipologia dos nomes próprios, trazem os “Nomes próprios de entidades de outras categorias ontológicas”, dentre os quais indicam os “Nomes de marcas” e citam *Chanel, Ferrari*, entre outros, como exemplos, e afirmam que frequentemente se baseiam no antropônimo do seu criador ou de seus criadores.

Em sua obra, Monteiro (2002, p. 221) apresenta um capítulo denominado “Formação dos Oniônimos”, em que afirma, em sua Introdução, que “O estudo dos nomes próprios referentes a marcas industriais ou artigos comerciais deve tornar-se cada vez mais necessário, na medida em que a língua é expressão da própria cultura”. Segue o autor referindo-se à quantidade de nomes próprios neológicos que são formados, devido à elevada quantidade de produtos que surgem constantemente.

Monteiro (2002) analisa os processos de formação de Oniônimos, que são “[...] os mesmos já estudados para os nomes comuns, porém com certas particularidades.”. (MONTEIRO, 2002, p. 221) Apresenta formações dos Oniônimos por derivação, como a que ocorre com o sufixo *-al*, em *Melhoral*; a derivação imprópria, que, de acordo com o autor (2002, p. 222), “Por derivação imprópria, nomes de qualquer espécie se transformam em oniônimos.”, e cita, como exemplos, *Elefante, Peixe* e *Q boa*, que são oniônimos utilizados para

extrato de tomate, conservas e água sanitária, respectivamente. Apresenta a composição, exemplificando como a que ocorre em *cachaça Amansa corno*, além de exemplos de Braquissemia e de Acrossemia.

Guérios (1970, p. 181) salienta uma percepção desses nomes próprios ao afirmar que

[...] se deve encarar o oniônimo como adjetivo, um qualificativo que se apõe ao nome comum (substantivo ou locução substantiva) para distinguir necessariamente um artigo ou produto de outro artigo ou produto da mesma fábrica ou de outra ou de outras. (GUÉRIOS, 1970, p. 181)

Dialogando com Guérios (1970), verifica-se que o nome-marca presente nos rótulos desse destilado, de uma forma geral, é utilizado como o que se tem em *Cachaça Colonial*, *Aguardente de cana Januária* e *Aguardente de cana Mangueira*, fazendo com que os Oniônimos de cada uma dessas bebidas as identifiquem e as individualizem. Firma-se, portanto, a concepção de que, embora sejam *aguardentes*, há diferenças entre cada uma delas, e é essa distinção que as singularizam e possibilitará ao consumidor, como ocorre com todo item comercializado, escolher a que mais lhe agrada.

Percebe-se que, no domínio de experiência da *cachaça*, em que é imensa a quantidade de variantes pertencentes ao léxico comum, os nomes-marca têm a sua relevância, pois implica em se fazer presente a identidade da bebida, a sua marca, por meio da atribuição de um oniônimo, que possui uma variada motivação para ser empregada.

Sobre a particularidade do nome próprio, Ulmann (1964, p. 151) afirma que

O conceito de nome próprio está assim profundamente arraigado na tradição, e, na vida diária, não temos dificuldade em reconhecer tais nomes e os distinguir dos substantivos comuns, escrevendo-os com maiúscula. (ULMANN, 1964, p. 151)

Os nomes-marca de cada *cachaça* possibilitam, por meio de sua individualização no universo do destilado de cana-de-açúcar, que os seres humanos obtenham experiências cognitivas, sensoriais, afetivas, comportamentais em suas integrações sociais, as quais lhes possibilitam armazenar conhecimentos a seu respeito, bem como a partir de cada rótulo da

bebida – os *frames* –, que, no seu conjunto, constituem uma rede de conhecimentos, conforme a relação que vai sendo estabelecida com a *cachaça*.

### 3.5.3 Significação e natureza dos nomes próprios e dos nomes comuns

A reflexão em torno da significação dos nomes próprios pode levar as pessoas a diversos domínios da experiência, visto que o significar de uma palavra, em especial, o dos Antropônimos, desperta-lhes muitos interesses.

Em Lispector (2020, p. 33), a personagem Macabéa, com sua infinita curiosidade a respeito das coisas do mundo e, em especial, a de querer compreender o significado de palavras, questiona o nome de seu namorado, dizendo-lhe: “Eu não entendo o seu nome, disse ela. Olímpico?”. E, diante da seca resposta de seu amado: “Eu sei mas não quero dizer!”, respondeu-lhe, revelando uma compreensão e uma aceitação de que para esse seu querer saber não haveria uma resposta ao seu contento: “Não faz mal, não faz mal, não faz mal ... a gente não precisa entender o nome.” E a narrativa seguiu sem que ela tenha conhecido o significado dessa e de outras palavras, chegando ao ponto de afirmar que não sabia o que estava dentro do seu nome. (LISPECTOR, 2020, p. 43)

Sobre a natureza dos nomes próprios, Raposo *et al.* (2013, p. 993) afirmam que “[...] são palavras que referem diretamente entidades particulares do mundo, de diversas categorias ontológicas [...]” e que os nomes comuns são os que “[...] designam uma entidade enquanto membro de uma classe [...]”. Seguem os autores informando que “[...] os nomes próprios designam uma entidade através de sua individualização dentro da classe a que pertencem.” (RAPOSO *et al.*, 2013, p. 993)

Sobre a significação dos nomes comuns e dos nomes próprios, os autores afirmam que os primeiros “[...] têm um significado lexical, i.e., descrevem (ou denotam) classes com determinadas características, e essas descrições encontram-se nos dicionários e nas enciclopédias [...]” (RAPOSO *et al.*, 2013, p. 994) e os segundos não possuem sentido lexical, mas uma relação com o referente. Sobre esse aspecto, Ulmann (1964, p. 152-154) afirma que o nome próprio identifica e singulariza um objeto, sendo, inclusive, destituído de significado. “A função específica do nome próprio é identificar e não significar.”

(ULMANN, 1964, p. 155) Contudo, como se verá mais adiante, a metodologia utilizada pelo Projeto ALiB, por meio do uso da onomasiologia, permitiu desfazer essa concepção tradicional e exclusivista de identificação, na atuação dos nomes próprios, revelando que se trata de um item que também possui significação.

A respeito do significado dos Antropônimos tem-se, culturalmente, a ideia de que é constituído com base em informações, muitas vezes, etimológicas, às quais são remetidas ao referente, levando-se a considerar que o significado atribuído ao nome próprio se estende ao comportamento da pessoa que o possui, revelando, assim, a sua natureza.

Cita-se, como exemplo, o Antropônimo *Sandra*; conforme Guérios (1973, p. 195), trata-se da “abrev. it. de **Cassandra**, ou de **Alessandra**, v. **Alexandre**.”, que, por sua vez, é remetido ao grego “[...] **Aléxandros**: ‘que resiste (**aléxo**) aos homens (**andros**)’, ‘que se defende dos homens’. Ou ‘que defende, que socorre os homens’. [...]”<sup>80</sup> (GUÉRIOS, 1973, p. 51). Sobre esse nome, acrescentam-se as informações que constam no *Dicionário de Nomes Próprios*: significados dos nomes<sup>81</sup>, em que se tem, para o significado de *Sandra*, “‘protetora da humanidade’ ou ‘defensora do homem’.” Neste dicionário virtual, de fácil acesso à população em geral, há a remissão ao fato de *Sandra* ser o diminutivo de *Alessandra* e de *Cassandra*, bem como, assim como se vê em Guérios (1973), de a raiz ter origem no grego *Aléxandro*. Portanto, nesse dicionário, o significado de *Sandra* é vinculado ao significado etimológico de *Aléxandro* e, por sua vez, associado às pessoas com esse nome, de quem se espera esse comportamento “protetor”.

Soledade (2021), em um estudo que reflete a respeito da complexidade da composição do significado e do sentido que envolvem os nomes próprios, compreende que a constituição do sentido e do conhecimento de mundo dos nomes comuns e dos nomes próprios se fazem de formas distintas (SOLEDADE, 2021, p. 45). Destaca a autora, a proeminência da memória episódica e da

---

<sup>80</sup> Guérios (1973, p. 51) acrescenta a seguinte informação: “[...] interpretações sugeridas pela adaptação grega do n. trácio **Alakshandush** (Pisani).

<sup>81</sup> Informação disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/sandra/>. Acesso em: 18 out. 2021.

constituição de *frames*, como pontos relevantes para a constituição semântica dos nomes próprios, especificamente, dos Antropônimos.

Segundo Soledade,

[...] enquanto os nomes comuns possuem a rede de sentidos armazenada na memória dita semântica, os nomes próprios têm sua teia de significação armazenada na memória episódica, fazendo com que a extensão das possíveis associações a um nome seja praticamente ilimitada, pois se relaciona às experiências e vivências de um dado indivíduo com o referente [...] (SOLEDADE, 2021, p. 45)

Nesse sentido, as informações que dois interlocutores possuem a respeito de uma mesma pessoa chamada *Priscila*, por exemplo, constam em suas memórias episódicas e favorecem a constituição de *frames* apresentados e compartilhados por eles no decorrer de suas interações. No uso desse nome, os interlocutores ativam uma rede de conhecimentos armazenados sobre *Priscila*, que possibilitará estabelecer, entre eles, relações associativas, angariadas a partir de suas experiências de mundo. (SOLEDADE, 2021) Logo, o que se têm para o nome *Priscila* são informações acumuladas e compartilhadas a respeito de seu referente, e não, especificamente, sobre a constituição semântica da lexia.

Na elaboração de informações referenciais a respeito da *aguardente*, contextos favorecem a composição dos *frames*, que são organizados a partir de experiências que os indivíduos obtêm com a bebida, conforme a vivenciam nos mais diversos domínios em que ela se faz presente.

Em sua constituição, tem-se um produto produzido em série, em um engenho ou em uma indústria, que possui um nome impresso em seu rótulo, o qual o identifica ao circular nos mais diversos ambientes. Portanto, seja *Pitú* ou *51*, sabe-se que ambas são *cachaças* e que, à medida que vão fazendo parte da vida das pessoas, possibilitam-lhes organizar, em suas memórias episódicas, conceptualizações e categorizações que permitirão que lhes sejam atribuídas considerações que ora as igualam ora as diferenciam, implicando na formação de uma flexível rede categorial da bebida alcoólica, composta de variantes de naturezas diversas, constituídas de lexias simples e complexas, sejam elas nomes comuns ou nomes-marca.

No diálogo entre inquiridor e informante homem, faixa etária 1, de escolaridade fundamental, na cidade Cabrobó (67), em Pernambuco, se observa que, ao lhe ser perguntado, “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana de açúcar?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36), apresenta, como resposta, de forma consecutiva, os nomes-marca *Pitú* e *51*, como se pode verificar a seguir, no exemplo 12.

- (12)            [...]  
                  INF. — *Pitú*.  
                  INQ. — Outros nomes para isso?  
                  INF. — *51*?  
                  INQ. — E o nome da bebida mesmo...  
                  INF. — *Cachaça*.  
                  INQ. — Isso, se não tiver marca é ...  
                  INF. — *Cachaça*.  
                  INQ. — Pronto, outros nomes de *cachaça*?  
                  INF. — *Pitú*, *51*.  
                  INQ. — Sem ser de marca, outros nomes que você lembra.  
                  INF. — Que só é feito com a cana?  
                  INQ. — Que é feito com a cana e que é alcoólica.  
                  INF. — É... Só esses mesmo.

O decorrer do diálogo revela que o entrevistado conceptualiza e categoriza ambas como bebidas alcoólicas feitas da cana-de-açúcar, e, como se verifica na sequência, que tem conhecimento de que são nomes de marcas da bebida, diferentemente da lexia *cachaça*, que não é uma marca.

Como se sabe, cada nome-marca atribuído à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar é parte de um todo, conforme o MCI Metonímico PARTE-TODO, e é assim que consta no citado diálogo, bem como na vida de membros de uma comunidade. Tratam-se de *aguardente de cana* e *cachaça*, respectivamente, *Pitú*<sup>82</sup> ou *51*<sup>83</sup>, conforme se encontram registrados em seus rótulos, como se vê nas imagens que seguem.

<sup>82</sup> Informação disponível em: <http://www.pitu.com.br/produto/pitu-branquinha>. Acesso em: 18 out. 2021.

<sup>83</sup> Informação disponível em: <https://www.cachaca51.com/produtos>. Acesso em: 18 out. 2021.

Figura 8 – Rótulos de *Pitú* e *51*

Fonte: *site da Pitú e da cachaça 51*

Salienta-se que, para que o nome tenha um longo alcance de público, esforços são empreendidos em sua divulgação, nos meios de comunicação, além da aceitação dos consumidores e até daqueles que não têm convivência e/ou experiência com o produto ou com o mercado de bebidas.

A denominação *Pitú* pode exercer maior influência cultural em uma localidade que em outra e isso poderá ser observado, neste estudo, com base na composição das respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores, que possibilitou realizar os devidos controles com comparações e demonstrações, por meio da cartografia, de cartas linguísticas, em que se registra a distribuição geográfica de nomes-marca, considerando-se também, quando relevante, os aspectos sociolinguísticos dos informantes: sexo, escolaridade e idade.

No uso dos nomes próprios variantes de *aguardente*, verifica-se que se traça, no MCI Metonímico PARTE-TODO, um mapeamento que possibilitou ao entrevistado apresentar como resposta, por exemplo, *cachaça e/ou Pitú*. Ao dizer o nome-marca, utilizou-se do subconjunto metonímico MARCA PELO PRODUTO, que faz parte de nosso sistema conceptual, o que revela a força que possui a propagação do nome-marca, nos diversos domínios de experiência em que circula.

Referir-se à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar com o nome-marca *51* revela que o informante conceptualizador e categorizador, diante da possibilidade de apresentar, como resposta, o TODO *cachaça 51* ou uma de suas PARTES *cachaça* ou *51*, optou por *51*, que se trata do nome da marca desse produto. E assim fizeram todos os outros que mencionaram os 27

oniônimos referentes a esse destilado. Lakoff e Johnson (2002, p. 94) afirmam que, culturalmente, as “[...] as metonímias não são ocorrências casuais ou aleatórias para serem tratadas como exemplos isolados. Os conceitos metonímicos são também sistemáticos [...]”.

Portanto, para esse objeto material, referir-se à marca *51* é equivalente a referir-se à *cachaça*, visto que se trata da *cachaça 51* e que, pela metonímia MARCA PELO PRODUTO, o informante conceptualizador e categorizador se referiu à bebida como *51*, logo configuram-se como variantes. Não se pode afirmar que esse processo se dê da mesma forma com todos os oniônimos, mas não se pode desconsiderar que, para essa bebida, foi dessa forma que os informantes procederam diante da pergunta que lhe fora feita.

Ratifica-se, assim, que itens do léxico comum e do léxico onomástico compõem o conjunto do acervo lexical desse utente para nomear a *aguardente*, o que possibilita afirmar que, para ele, as três formas apresentadas em sua resposta possuem, naquele contexto, o mesmo significado, conforme as suas vivências, logo são variantes, são sinônimas. Isso implica em afirmar que, diante dessa e das outras respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores, se demonstrou o significado lexical de *aguardente*, que conta com variantes como *cachaça*, *cana de cabeça*, *pinga*, *Pitú*, *51*, *Serra Grande*, que, por sua vez, são bebidas alcoólicas feitas da cana-de-açúcar, conforme informação constante na pergunta, feita da mesma maneira a todos os entrevistados do Projeto ALiB.

Compreendendo que o significado, que naturalmente é dinâmico e flexível, está relacionado ao uso, concebe-se que os oniônimos utilizados para nomear a *cachaça*, apresentados como resposta pelos entrevistados à pergunta 182 do QSL são constituídos de significação lexical, pautada em suas conceptualizações e categorizações constantes em suas memórias individuais e coletivas.

Dessa forma, o comportamento dos oniônimos não segue exatamente a mesma linha de constituição semântica dos antropônimos, visto que apresentam condicionamentos que favorecem a possuírem significado lexical. Cita-se, como exemplo, o fato de o referente *aguardente* possuir variantes, que se classificam como nomes comuns, como *cana*, *uca*, *aguardente*, *fubuia*, *limpa*, *pura* etc., acrescido do fato de que, para ser comercializada, a bebida recebe um nome

próprio que o destaque no domínio de experiência das bebidas, que a torne saliente diante das que já constam.

Conforme o direcionamento de seus estudos, Soledade (2021 p. 22) afirma que “[...] os falantes costumam, através de empregos diversos, fazer usos de nomes próprios e de nomes comuns em contextos similares [...]”. Tal afirmação cabe perfeitamente para o referente da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, que possui, numa mesma rede semântica, uma ampla lista de nomes-marca e de nomes comuns. O MCI PARTE-TODO possibilitou, pela metonímia MARCA PELO PRODUTO, que os participantes do Projeto ALiB, ao acessarem esse modelo cognitivo, e devido à natureza diversa dessa rede lexical, tenham apresentado, em suas respostas, os nomes das marcas da bebida como variantes, ao ser-lhe feita a pergunta 182 do QSL.

Trata-se esse, por conseguinte, do ponto X da questão: os oniônimos de *cachaça* apresentaram-se como sinônimos, nas entrevistas realizadas pelos inquiridores do Projeto ALiB, devido ao processo metonímico utilizado pelos informantes conceptualizadores e categorizadores, para responderem à pergunta que lhes fora feita. Contaram, à sua disposição, no léxico da língua portuguesa e em sua memória episódica, com um conjunto de lexias que cumprem a função de nomear a bebida, nas mais diversas interações comunicativas, e que assim circulam em seus ambientes socioculturais. Os nomes-marca e os nomes comuns apresentam-se disponíveis para acesso do falante e compõem um conjunto de itens léxicos que constam na rede semântico-lexical da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Na relação de convivência entre nome comum e nome próprio no domínio experiencial da *cachaça*, muitas vezes, um nome comum é utilizado como o nome do produto, passando a oniônimo, sendo, certamente, sua significação ampliada. Pode-se citar como exemplo: *Aratu*, *Pitú*, *Preá*, que são nomes designativos de animais.

Nesse estabelecimento de nomes comuns se tornarem nomes próprios, Guérios (1973, p. 16) assevera que os nomes próprios não possuem o mesmo significado que possuíam em sua origem, no caso, em especial, o dos nomes comuns, embora, como aborda Soledade,

[...] os falantes são capazes de recuperar e relacionar os sentidos dos nomes comuns aos próprios [...] O significado original pode ou não ser recuperado, seja na motivação para atribuição do nome, seja em contextos específicos de uso, quando o valor semântico primitivo do nome pode ser recuperado no discurso. (SOLEDADE, 2021, p. 25)

Com isso, uma pessoa pernambucana, por exemplo, pode ser capaz de inferir sobre as motivações inerentes à *cachaça* se chamar *Pitú*, fazendo relações semânticas e afetivas com o crustáceo e, por exemplo, convidar alguém para “comer pitu bebendo uma *Pitú*?” Soledade (2021, p. 25) chama atenção para o fato de que os antropônimos não possuem declaradamente significados, contudo, salienta que “[...] exibem significados pressuposicionais de vários tipos: categórico (nível), sentidos associativos/referenciais - introduzidos através do nome do portador ou através do nome -, sentidos emotivos e significados gramaticais.”

Na outra via do processo, ocorre o retorno do nome próprio à condição de nome comum. Segundo Guérios (1970, p. 206), a passagem dos oniônimos a nomes comuns ocorre “[...] pela difusão de certos artigos que se tornaram muito necessários, indispensáveis, ou quase, na vida diária atual” e cita, como exemplo, *Gillette* que, devido ao uso, passou a circular como *gilete*, pois, como tal, “[...] se entende qualquer lâmina de barbear e seu aparelho.” (GUÉRIOS, 1979, p. 206) A denominação inicial de *Gillette* se processou pelo MCI PARTE-TODO, cujo conceito se expressa pela metonímia PRODUTOR PELO PRODUTO (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 95), já que a motivação da criação do nome-marca se deu porque foi “[...] inventado pelo norte-americano King C. *Gillette* [...]” (GUÉRIOS, 1979, p. 206). *Gillette* passou a ser sinônimo de toda e qualquer lâmina de barbear, sendo assim conceptualizada e categorizada, correspondendo a nome comum e passando a ser escrita como *gilete*. Trata-se de uma percepção de TODO, cujas partes se constituem de todas as marcas do produto, inclusive a de denominação *Gillette*.

Para o objeto material *cachaça*, os nomes-marca, conforme a utilização e abrangência de uso, podem também seguir o caminho de voltar a serem usados como nomes comuns. Cavalcante (2011b), dentre as seções de sua obra intitulada “Todos os nomes da cachaça” apresenta “8.000 nomes de cachaça” (CAVALCANTE, 2011b, p. 13) e “2.116 sinônimos de cachaça” (CAVALCANTE,

2011b, p. 337), que correspondem, respectivamente, a 8.000 oniônimos e 2.116 nomes comuns.

Na lista desses sinônimos elencados pelo autor, chama atenção o fato de algumas lexias constarem tanto na seção assim denominada quanto na que contempla os nomes das marcas de *cachaça*. Para ilustrar, citam-se as variantes obtidas nas entrevistas realizadas com os participantes do ALiB na região Nordeste e que constam nas duas seções de Cavalcante (2001b), a saber: *jacaré, pitú, ypioca, caninha da roça, januária, cinquenta e um*. O fato de constarem nas duas seções dessa mesma obra implica em considerar que circulam na sociedade, nas diversas experiências interativas de falantes, como Oniônimos, designativos de *cachaça*, e como nomes comuns. Salienta-se que, apenas nessa última condição, foram considerados, pelo autor, como sinônimos de *cachaça*.

Estudos dialetológicos, com base nos dados coletados nas capitais pelo Projeto ALiB, já consideraram os nomes das marcas de *cachaça* como lexias variantes. Citam-se dois exemplos: i) dissertação escrita por Yida (2011, p. 133-4) que constam, dentre as variantes apresentadas como resposta pelos informantes, 51, no elenco das de maior ocorrência e, com poucas ocorrências, *pitú, 71, 88, 61, 21*; ii) o estudo publicado por Razky, Guedes, Costa (2015, p. 278), em que *pitú* consta no rol das “Variantes mais recorrentes nas capitais brasileiras”.

Em ambos os estudos, a marca *Pitú* consta registrada com letra minúscula e sem acento, sendo considerada como um nome comum, obviamente, advindo do nome da marca do produto a que se refere. Com isso, considera-se ter havido o percurso cognitivo metonímico, em que a PITÚ, como nome-marca, ocorria nas interações comunicativas como PARTE de um TODO – MARCA PELO PRODUTO, mas, assim como ocorreu com *Gillette*, a frequência de uso levou-a a constituir-se como sinônimo de *cachaça*, permitindo que tenha passado a ser registrada como *pitú*, passando a ser elencada dentre os seus sinônimos. Tem-se um processo metonímico em que a PARTE PITÚ passa a ser compreendida em termos de TODO, *pitú*, que, por sua vez, também se constitui como PARTE, ao ser considerada como um dos sinônimos de *cachaça*.

Nesta tese, os nomes das marcas de *cachaça* constam escritos com letras iniciais maiúsculas, visto que são considerados nomes próprios, oniônimos; e,

como tais, foram compreendidos como sinônimos de *cachaça*, no decorrer dos inquéritos, já que constam nas respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores à pergunta 182 do QSL, “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?”, proporcionado pelo acionamento do MCI Metonímico PARTE-TODO - MARCA PELO PRODUTO.

A vivacidade dos onônimos da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar revela um amplo acervo linguístico, que conta com um potencial elenco de variedades de nomes-marca. A metodologia utilizada na aplicação da pergunta 182 do QSL e os MCIs acionados pelos interlocutores possibilitaram obter itens lexicais nas respostas dos entrevistados, que permitem afirmar que, no diálogo, os nomes-marca compõem a rede de sinônimos de *aguardente*, juntamente com os nomes comuns.

Entende-se que pertencer à categoria de nome da marca de *cachaça* não anula o seu uso como sinônimo dessa bebida e isso é possível ocorrer porque a metonímia MARCA PELO PRODUTO está presente na forma como as pessoas pensam, logo, se apresentam em seus atos: como se comunicam e como vivem. Quando se menciona *Pitú* para se referir a uma *cachaça* ou para nomeá-la, não se está simplesmente evocando o nome-marca de uma *cachaça*, pois, nesse momento, se aciona a representatividade cultural da bebida, considerando experiências sensório-motoras e, em específico, as emoções relacionadas a quem a consome.

Logo, a constituição da rede prototípica das variantes de *cachaça*, obtidas na aplicação da pergunta 182 do QSL, contempla as lexias apresentadas como resposta pelos informantes conceptualizadores e categorizadores, sendo elas nomes-marca e nomes comuns, que formam, portanto, uma só categoria: a das variantes de *aguardente* apresentadas como respostas pelos informantes do ALiB na região Nordeste.

#### **3.5.4 Os nomes-marca: os nomes das marcas**

Como cada falante categoriza e conceptualiza a bebida alcoólica vai depender da representatividade desse produto em sua vida e na vida das pessoas que fazem parte da comunidade em que vive. Muitos nomes-marca

pertencem à cultura local, não sendo por isso de conhecimento partilhado entre o entrevistador e o entrevistado que possuam procedências distintas.

Diante das considerações apresentadas, compreende-se que um nome-marca é conceptualizado como sinônimo de *cachaça*. Como já observado, na concepção da Linguística Cognitiva, o significado lexical é dinâmico, flexível, enciclopédico e perspectivista, como evidencia Silva (2015, p. 185) ao considerar que o significado incorpora e interliga “[...] as três principais dimensões contextuais: capacidade e mecanismos da cognição, ambiente sociocultural e interação verbal no uso linguístico.”

Dessa forma, conforme o diálogo ocorrido entre inquiridor e informante, considera-se que, naquele contexto, nas respostas à pergunta 182 do QSL, cujo método utilizado é o onomasiológico, em que se obtêm “[...] palavras ou outras expressões alternativas pelas quais determinado conceito ou função é nomeado.”, como traz Silva (2015, p. 187), sejam os nomes-marca utilizados como variantes de *cachaça*, visto que, conforme o mesmo autor, a onomasiologia traz itens do mundo para a língua e, dessa forma, a resposta ser apresentada à pergunta 182 com nomes-marca pode indicar como o entrevistado compreende a informação que lhe é apresentada na pergunta.

De certo que o uso de certos nomes-marca individualmente revelará a relação de experiência que o falante tem com a marca da bebida e, sendo este nome-marca também citado por outros informantes conceptualizadores e categorizadores, revela a abrangência não só do produto, mas também da marca e, conseqüentemente, do nome-marca na cultura local.

A partir da onomasiologia, podem-se obter, nas respostas, diferentes formas para um mesmo conceito, em que significado, forma e contexto influenciam as escolhas lexicais, possibilitando que itens mais encrustados se apresentem, como a sinonímia denotacional; é o que traz Silva (2015, p. 195).

Nessa linha de condução, há contextos em que o participante apresenta um nome-marca juntamente com um elenco de nomes comuns, utilizando-os como variantes de *aguardente*, como se pode verificar no exemplo 13, na fala da informante de faixa etária I, de nível de escolaridade fundamental, da cidade Santana do Ipanema (75) - AL.

- (13) [...]
   
INF.— A gente fala *cachaça*, né? Cana-de-açúcar...
   
INQ.— Quais são os nomes que tem por aqui? Por que às vezes...
   
INF.— A gente chama de *cachaça*, *pinga*, eh... *cachaça*, *pinga*, meu Deus, *Pitú*.
   
INQ.— Hum...
   
INF.— É só esses nomes mesmo.
   
INQ.— Certo.
   
INF.— *Aguardente*.
   
INQ.— Hum, hum...
   
NF.— É um bocado de nome aí. (Mulher, faixa etária I, fundamental)

Há outros exemplos, como o 14, no diálogo com o informante faixa I, escolaridade fundamental, da cidade de Limoeiro (64) - PE, em que o inquiridor pergunta se *Pitú* é uma marca e o informante conceptualizador e categorizador confirma, deixando evidente que se trata de mais uma forma de denominar a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, ou seja, uma variante de *cachaça* logo, uma sinonímia, como se pode verificar abaixo.

- (14) [...]
   
INF.— *Pitú*.
   
INQ.— Que é mais?
   
INF.— *Cachaça*.
   
INQ.— *Pitú* é uma marca ou serve para qualquer uma?
   
INF.— Eu acho que exatamente uma marca, né?
   
INQ.— Hum. Mas, você acha que na cidade assim, popularmente...
   
INF.— É *Pitú*...
   
INQ.— Para qualquer um?
   
INF.— É feita de cana-de-açúcar.
   
INQ.— Foi feita de cana-de-açúcar....
   
INF.— É *Pitú*.
   
INQ.— Mesmo que seja 51...
   
INF.— De outra marca, é. É a *Pituzinha*.
   
INQ.— Hum... hum.

Como se vê, o nome-marca identifica a bebida diante de um universo de destilados de cana-de-açúcar, sejam eles a *cachaça* ou a *aguardente de cana*.

Algumas marcas de *cachaça* têm vida duradoura, enquanto outras são de existência efêmera e essas condições se estendem à circulação de seus nomes-marca. Há exemplos de marcas de *cachaça* que saíram de uso, visto que uma das formas de rotular a bebida é por motivações de momento históricos e factuais, como, por exemplo, a *cachaça Pelé*, a *cachaça Independência*, entre outras. Por outro lado, há muitas marcas de *cachaça* que possuem histórias seculares, e assim se atribui credibilidade ao produto devido à sua antiguidade, ao seu amadurecimento no mercado de bebidas.

Dentre esse universo de tradição de *cachaças* antigas e duradouras no mercado, têm-se as aguardentes nordestinas, cuja comercialização é secular na vida do brasileiro, com o histórico de atuação que data da primeira metade do século XIX, como a *Ypióca*, cujo início de sua produção ocorreu em 1846.

Trindade (2006, p. 34) traz a informação de que, conforme o “Jornal do Commercio de Pernambuco”, a *Monjopina* foi a primeira cachaça industrializada do país, em 1746, originada do Engenho Monjope, hoje em ruínas, que se encontra situado no estado de Pernambuco, no distrito de Cruz de Rebouças, na cidade de Igarassu. Há um exemplar da *Monjopina* exposta no *Museu da Cachaça* de Lagoa do Carro, em Pernambuco, cujo acervo do colecionador, José Moisés de Moura, é constituído de mais de 14 mil marcas de *cachaça*.<sup>84</sup> Essa *cachaça* possui denominação motivada pelo nome do Engenho de onde originou.

Por sua própria natureza, tendenciosa à efemeridade, e pelos objetivos da dicionarização dos vocábulos, como nomes próprios, mesmo sendo considerados itens léxicos de uma língua, os nomes-marca não são dicionarizados como nomes próprios com a significação de bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. A dicionarização ocorre como nomes comuns, como, por exemplo, jacaré, preá, pitu.

Nessa perspectiva da dicionarização, tem-se que *Januária*, que é mineira e foi citada pelo homem, faixa II, da cidade de Valença (94), da Bahia, e é o único nome-marca citado neste estudo que consta no dicionário, como *Januária*, e significa a bebida alcoólica, o que se pode verificar no *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*, onde consta assim registrado: “aguardente de cana; cachaça.”. Nessa mesma obra, inclusive, é considerada, como sinônimo de *cachaça*. Isso se assemelha a *Gillette* que, mesmo sendo originalmente uma marca, também consta nesse dicionário, como *gillete*, e significa: “qualquer lâmina descartável de barbear”. Ressalta-se que *Ypióca*, também se encontra dicionarizada no *Houaiss*, mas com a seguinte informação: “[...] *Ypióca* é uma marca de *cachaça*. A sede da empresa atualmente encontra-se em Fortaleza (41), no Ceará, no Brasil. [...]”

---

<sup>84</sup> Informação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=afqUFSPyJVc>. Acesso em: 18 out. 2021.

No diálogo interdisciplinar que se realiza nesta tese de doutoramento, em que se consideram, além dos aspectos linguísticos, os históricos e os culturais para compreender o comportamento dos nomes-marca, ao serem mencionados pelos informantes conceptualizadores e categorizadores, pergunta-se que motivações linguísticas, culturais, cognitivas ocorreram para se denominar uma marca de bebida de *Pitú*, *51*, *Ypióca*, por exemplo? Trata-se de um movimento que antecede o conhecimento do produto pelas pessoas, sejam elas consumidoras ou não.

Essas denominações serão de natureza metafórica e/ou de natureza metonímica? Que condições sócio-históricas e comerciais condicionaram a propagação e o uso dessas marcas de bebidas? Tem-se, assim, um elenco de nomes que lhe são atribuídos, os quais, muitas vezes, representam significações culturais importantes para a sociedade, ou momentos históricos, e isso é representativo para o processo de nomeação dessa bebida nacional, que faz parte da cultura popular, mas que, mesmo nos tempos atuais, muitos brasileiros ainda não a conhecem em todas as suas nuances, muito menos reconhecem a sua importância, já que não a valorizam como um dos símbolos nacionais.

Elementos da cultura brasileira motivam as denominações das *cachaças*, os seus nomes-marca. Cita-se como exemplo a *cachaça 21*, que foi lançada em 1921, conforme informação registrada em seu rótulo. No museu da *cachaça Ypióca* consta que o seu fundador, o senhor Dário Teles, nascido em Portugal, em 1826, chegou no Brasil em 1843 com o objetivo de trabalhar na terra e tentar fortuna. Sobre o nome da bebida alcoólica é informado que,

Nesse mesmo ano, apossa-se de uma propriedade semi-abandonada nas proximidades da Vila de Maranguape, a 38 km da capital cearense. O lugar era conhecido como Ypióca, que, em tupi-guarani quer dizer Terra roxa. A terra era fértil e tinha água abundante para as tarefas agrícolas. (MUSEU YPIÓCA, s/d)<sup>85</sup>

Com a atribuição do nome motivado pelo tipo de terra em que se plantou a cana-de-açúcar, vê-se a valorização da qualidade da terra do Nordeste, que foi uma das principais condições para que o plantio da cana-de-açúcar tenha obtido sucesso. E isso é citado por Freyre (1951) que afirma que o massapê foi

---

<sup>85</sup> Informação exposta no Museu Ypióca.

o tipo de terra das áreas do Nordeste brasileiro, onde se plantou a cana-de-açúcar no período Brasil Colônia e onde, segundo metáforas feitas pelo autor, a terra do Nordeste da cana-de-açúcar era gorda e o ar era oleoso. Freyre (1951, p. 38) segue afirmando que o massapê “É terra doce sem deixar de ser terra firme: o bastante para que nela se construa com solidez engenho, casa e capela.” Sobre a Terra Roxa, que posteriormente motivou a denominação da *Cachaça Ypióca*, Freyre (1951, p. 46) a situa da seguinte forma: “Os engenhos melhores e mais ricos, do mesmo modo que as fazendas de terra roxa, seriam até às vésperas da abolição centros politicamente fiéis à monarquia e leais a Dom Pedro II”. Vê-se, portanto que o massapê e a terra roxa são tratados na obra de Freyre (1951) como referências para plantio da cana-de-açúcar no período colonial.

Assim como a *Ypióca* e a *Monjopina* foram denominadas a partir do nome de uma propriedade, a *cachaça Pitú* faz referência ao nome do Engenho Pitú e ao camarão de água doce, que, nos idos de 1938, era muito comum na região, conforme consta no *site* da Pitú.<sup>86</sup> Freyre (1951, p. 78) faz referência em sua obra aos pitus do Rio Una. “O Una pernambucano tornou-se famoso pelos pitús que os senhores de engenho da várzea do Una tinham sempre à mesa nos dias dos grandes jantares.”

Vê-se, nesse movimento de nomear a bebida com o nome das propriedades onde foi produzida, uma prática que vai se fixando como tradição e, ao mesmo tempo, ao nome-marca assimilam-se os valores positivos de que desfrutam as propriedades, numa garantia de lhe atribuir o valor de ser uma bebida de qualidade.

Sobre a alusão ao nome de animal na *cachaça*, vê-se igualmente um movimento semelhante de atribuição dos aspectos de positividade do animal para nomear a bebida. Com isso, as imagens que a ele se referem constam no rótulo do produto, acompanhando o nome da bebida, o de seu fabricante e outras informações exigidas pelas legislações vigentes.

Além de Pitú, citam-se como exemplo outras *cachaças*, como *Jacaré*, *Preá*, *Tatuzinho*, como se pode verificar nos rótulos expostos no Quadro 3 abaixo.

---

<sup>86</sup> Informação disponível em: <http://www.pitu.com.br>. Acesso em: 18 out. 2021.

Quadro 3 – Rótulos de *cachaça/aguardente de cana*

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Nesses rótulos, é possível verificar a relação entre o nome-marca e a imagem que representa cada animal que denomina a bebida alcoólica e, a título de ilustração, se alongará um pouco na relação entre a *cachaça Pitú* e o camarão pitu.

Como vimos, o camarão pitu constituiu-se como um elemento de quantidade abundante da região pernambucana, fazendo assim parte da cultura de seu povo. A *cachaça Pitú* é oriunda de Pernambuco, portanto é natural que se utilize de um elemento significativo da cultura local para nomear o engenho que a produz bem como a bebida. Tal nomeação se deu entre dois itens de domínios distintos de experiência: o do animal e o da bebida alcoólica, que, numa análise fria, não deixa perceber qualquer tipo de similaridade entre eles. Contudo, levando em consideração que o significado é perspectivado, que os aspectos culturais e sociais são relevantes nas nomeações, a bebida foi compreendida em termos desse crustáceo, cuja valoração é de positividade, o que faz agregar valor afetivo ao produto, por meio do nome-marca, que

igualmente representa a cultura local. Vê-se que a representatividade do crustáceo na cultura local foi um elemento motivador para denominar a bebida.

Para garantir a afinidade entre a bebida, seu nome e o crustáceo, traz-se, por meio da multimodalidade, a linguagem verbal e a não-verbal. Assim, tem-se o nome da *cachaça*: *Pitú*, acompanhada da imagem do animal no rótulo do produto, a fim de que seja associada ao camarão Pitú e a todas as emoções que ele evoca nas pessoas.

Nessa relação entre o nome da *cachaça* e a imagem contida no rótulo têm-se dois itens do mesmo domínio de experiência, o nome *Pitú* e a imagem do animal, sendo estabelecida uma relação de contiguidade entre o nome e a imagem, própria do processo cognitivo da Metonímia. A partir do momento em que se associa a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar ao nome pitu, ratifica-se uma relação entre os dois elementos, fazendo com que o uso do nome pitu esteja relacionado tanto ao animal como à bebida.

Como hábito cultural, é sabido ainda que o pitu é um tipo de camarão utilizado como alimento, em momentos que antecedem a refeição principal, o tira-gosto, assim como a *cachaça*, que também é tomada como aperitivo; portanto beber Pitú comendo pitu pode ser uma realidade bem apropriada para se fazer o *marketing* da bebida. Nessa relação cultural entre os dois elementos, constata-se também uma relação de contiguidade, visto que o camarão pitu possui quantidade abundante no estado de Pernambuco.

Entende-se que, nessa relação entre a escolha do crustáceo pitu para nomear a marca da bebida e as motivações que remetem à representatividade do animal na cultura local pernambucana, há uma situação semelhante a que foi citada por Lakoff e Johnson (2002, p. 97-98) a respeito da metonímia POMBA PELO ESPÍRITO.

Existe uma relação pela qual a pomba é o símbolo do Espírito Santo, e não a galinha, o abutre ou o avestruz. A pomba é concebida como sendo bela, amável, gentil e, sobretudo, pacífica. Por ser uma ave, seu habitat é o céu, que, metonimicamente, representa a eternidade, o habitat do espírito santo. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 97-98)

Essa reflexão sobre o nome-marca da *cachaça Pitú* permite compreender, como apregoa a Linguística Cognitiva, que não se pode separar o conhecimento linguístico do conhecimento de mundo, pois, a linguagem envolve o todo; a

compreensão dos itens léxicos envolve um conhecimento que aciona mecanismos mentais e mecanismos corpóreos, como nos traz Teixeira (2015, p. 284), “O conhecimento, as memórias, os esquemas perceptivos constituem holisticamente um todo, e é nesse todo que se assenta o fenômeno da linguagem.”

Foi com a industrialização da bebida que surgiu a necessidade de lhe atribuir nome-marca, que passou a circular nos seus rótulos. No museu da *cachaça Colonial*, há a seguinte informação:

Uma das formas de comercialização e distribuição da cachaça, no início do século XIX, era em lombos de animais. Os animais – geralmente burros – serviam para transportar as ancoretas com cachaça, que era vendida a granel em medidas de 5 ou 10 litros. A partir de 1935 para atender à exigência do governo, pela qual a cachaça deveria ser comercializada em recipiente de no máximo um litro, fez-se necessário criar um rótulo e um nome para a cachaça de Seu Tibúrcio. (MUSEU DO ENGENHO COLONIAL, s/d.)<sup>87</sup>

Como se vê, foi criado o nome para *cachaça* de Seu Tibúrcio Targino, precursor da produção da *cachaça Colonial*.

No acervo do museu da *cachaça Colonial*, para atender a essa nova demanda de comercialização da bebida, há equipamentos que foram utilizados na fábrica da aguardente, entre as décadas de 30 e 60 do século XX: máquina para tampar garrafa acionada por pedal; máquina manual para tampar garrafa de *cachaça*; máquina rotuladora; máquina para colocação de rolha de cortiça; tampadora de garrafa semi-automática.

Com a criação do rótulo, a *cachaça* passou a ter nome próprio e com esse nome foi comercializada, foi negociada. A partir de então, juntando-se aos nomes comuns, surge outra possibilidade de ocorrer a denominação da bebida na sociedade, por meio do nome próprio impresso nos rótulos. Logo, tem-se, de um lado, as variantes que se apresentam com os nomes comuns e, do outro, os nomes próprios das bebidas, atribuídos pelas empresas, pelas mais diversas motivações. Passa então a sociedade a ter acesso a mais um tipo de denominação da bebida, o que tornou possível e natural que os nomes que constam nos rótulos ganhassem espaço na vida das pessoas, constituindo-se

---

<sup>87</sup> Informação exposta no Museu do engenho Colonial.

como mais uma possibilidade de se referir a ela, de pedi-la no boteco, podendo, pelo uso, tornar-se variante de *cachaça*.

Pode-se dizer que o nome-marca vai se integrando no léxico da língua, sendo parte de uma rede de denominações da bebida que a faz circular nos mais diversos contextos de fala e de escrita.

### 3.5.5 O produto *cachaça*

Como cada *cachaça* industrializada, para circular socialmente, possui um nome, entende-se que, a depender do contexto, esse nome é pronunciado como uma referência à bebida, sem que haja qualquer dúvida do tipo de produto de que se está tratando.

Há uma relação entre a forma como a bebida alcoólica é conceptualizada e as emoções que a ela são atribuídas. Que ideias são formadas a respeito da bebida? São agradáveis ou são desagradáveis? Que informações circulam sobre ela? Essas e outras questões refletem suas denominações.

Não há dúvida de que *51*, *Pitú*, *Ypióca* são nomes-marca de *cachaça*, de amplo conhecimento dos nordestinos. Para isso ocorrer, as empresas produtoras propagaram fortemente o seu principal produto, revelando as suas variações tipológicas como branca, armazenada ou envelhecida, nos mais diversos tipos de madeira. Em seus *sites*, como uma forma de ampliar os negócios, informam-se que, além do produto carro-chefe, a *cachaça*, outras bebidas alcoólicas à base de cana-de-açúcar fazem parte do portfólio das empresas; e assim as propagandas dessas outras bebidas “pegam carona” na marca da *cachaça* e da *aguardente* para serem lançadas e vendidas ao público.

Como já destacado anteriormente, todas são bebidas à base do destilado de cana-de-açúcar, compostas e misturadas com frutas, refrigerantes ou especiarias, como a *51 Assinatura*, que faz um mix da *cachaça* com o Jambu, uma erva típica da região Norte; a *Pitú* tem os produtos *Pitú Cola* e *Pitú limão*, sendo a primeira uma bebida feita à base de cana com refrigerante e a segunda constituída de cana, açúcar e limão, uma industrialização da caipirinha. A *Ypióca* também tem produtos dessa natureza, como a *Ypióca limão* e *Ypióca guaraná*.

Com esses exemplos, vê-se que os fabricantes da bebida, normalmente, utilizam as marcas para vinculá-las a outros tipos de produtos, seguindo sua

linha de produção, como uma forma de variar no mercado a apresentação de bebidas à base de cana-de-açúcar. Tem-se, assim, uma condução empresarial em que a marca diversifica os seus produtos, os quais, por sua vez, desfrutam da credibilidade do elemento principal para ganhar espaço no mercado consumidor. Isso revela a força que o nome-marca dessas *cachaças* possuem, que fazem com que haja produção em larga escala de outros produtos a elas relacionados. Nesse sentido, não se vende apenas a *cachaça*, mas uma marca, que circula na sociedade com um nome específico: *Pitú*, *51* e *Ypióca*, a partir dos quais outros produtos são lançados.

Dessa forma, vê-se que se amplia a parcela da sociedade que vai descobrindo o valor da *cachaça* e, assim, começa a apreciá-la. O mercado financeiro ditou as regras, indicando que se deveria melhorar a qualidade da bebida para mudar o tipo de público que a consome. E isso é dito em programas televisivos, em palestras e em entrevistas de especialistas, sem qualquer cerimônia, pudor, sem qualquer atenuante. Trata-se de um esquema de MCI, a Escala, em que o valor de mais é atribuído à relação *cachaça* de qualidade direcionada à elite, assim como, inversamente proporcional, a escala de pouca qualidade é vinculada a pessoas de menor prestígio na sociedade.

Seguindo essa lógica, não se pode ter uma bebida valorizada se for consumida por pessoas avaliadas como desfavorecidas socialmente, pois para ser valorizada tem de caminhar ao lado do público classificado como “a elite”. E é por meio dessa assimilação, numa relação contígua comum ao processo metonímico, que se verifica, veementemente, o reflexo do valor social da bebida associado ao tipo do consumidor. Assemelha-se a uma relação lógica matemática em que o produto vale quanto pesa socialmente o seu consumidor mais prototípico.

E é assim, com essas ideias culturalmente impregnadas na sociedade, que se constituem os *frames* referentes à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, a partir dos quais surgem as falas, os textos, as *lexias*, as classificações de *cachaças* de rico e as *cachaças* dos pobres, as caríssimas e as que custam bem barato, respectivamente, uma *Bufu bufu*, como denominou o homem, faixa etária 1, ensino fundamental, da cidade de Alagoinhas (88) -BA.

Duas *cachaças* envelhecidas no mesmo tipo de madeira, no mesmo período, mas sendo de engenhos distintos, não serão iguais, mesmo que passe

pelo mesmo processo de padronização. E, mesmo que sejam do mesmo engenho, muitas vezes, uma produção de um ano não é igual ao de outro ano.

A representatividade cultural da *cachaça* é vista se ampliar ao mundo do mercado de bebidas, das propagandas, dos textos publicitários e nas plotagens de caminhões. Uma *cachaça* pode ter uma valorização distinta em diferentes locais, pois, conforme vai fazendo parte das vidas dos membros da comunidade, vai construindo sua história, podendo, inclusive, ser referenciada nas mais diversas produções culturais e identitárias, como em textos literários. Cita-se como exemplo, a *Pitú* que se faz presente em uma passagem de “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Mello Neto:

- Minha pobreza tal é  
Que pouco tenho o que dar:  
Dou da Pitú que o pintor Monteiro  
Fabricava em Gravatá. (MELLO NETO, 1954-1955, p. 24)

Renato Carneiro Campo revela o martírio que o vício provoca nas pessoas que gastam seus salários com a bebida. Como vemos em Campos,

Quando eu bebo Serra Grande  
Me recordo da ladeira  
Do Calvário que Jesus  
Levou a cruz de madeira  
lá foi muito judiado  
eu também sou arrastado. (CAMPOS [s/d], p. 17-18)

Em ambos os casos, os autores utilizaram-se do nome-marca para se referir ao produto, o objeto material *cachaça*, demonstrando o uso do processo cognitivo da metonímia, em que a marca se refere ao produto.

Diante da variedade de formas de circular os nomes-marca dessa bebida alcoólica, vê-se que, por onde passam e são conhecidas e consumidas, têm as *cachaças* a possibilidade de fazerem parte do mundo material e experiencial da sociedade. E, com isso, para o conceito de bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, há denominações que vão depender das experiências de vida do informante conceptualizador: se já a bebeu, se já a viu em um estabelecimento comercial ou na casa de um conhecido, ou na propaganda na TV, como a *51*, ou na *internet*, ou se entrou numa *cachaçaria* ou visitou uma feira de negócios ou até se visitou uma exposição de *cachaça*. Enfim, as possibilidades de

familiarizar-se com a bebida, ao mesmo tempo em que são variadas e assistemáticas, se enumeradas, se avolumam numa quantidade significativa de forma a favorecer a circulação contínua e permanente.

Na pesquisa de campo de natureza etnográfica, em visita a engenhos de cana na Paraíba, um produtor relatou que a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar só poderá ser considerada como produto de tal marca, depois de descansada e/ou envelhecida, porque é a partir desse momento que se obtém um bom diferencial da bebida, que se distingue das outras pelo sabor, pelo cheiro, pela textura, complexidade dos aromas e pela oleosidade específicos daquela marca.

Alcarde afirma que

A maturação de bebidas destiladas é o principal fator para sua caracterização, pois aproximadamente 60% dos compostos aromáticos presentes na bebida são oriundos da madeira ou da sua interação com o destilado, sendo o restante oriundo da matéria-prima ou formado durante a fermentação e a destilação. (ALCARDE, 2017, p. 75)

O fato de o informante conceptualizador e categorizador, ao ser perguntado sobre como denomina a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, apresentar como resposta *Pitú, 51, Ypióca* revela como ele, a partir da informação, a categoriza e conceptualiza, sendo reveladora a representatividade dessa marca de bebida em sua vida, que, provavelmente, de alguma forma, é de seu conhecimento, ao ponto de ser apresentada como resposta no decorrer de um longo questionário linguístico. Por isso, é natural que apresente ao inquiridor o nome-marca ou os nomes-marca da bebida que circulam em sua localidade, fazendo parte de sua cultura e de suas experiências.

Portanto se os entrevistados apresentam em suas respostas os nomes-marca, são esses nomes entendidos como uma forma possível de variar a denominação de *aguardente/cachaça*, pois é, na grande maioria das vezes, por meio do nome-marca que a bebida circula no meio social, e, em caso de o consumidor adquirir preferência por alguma, é como também a pede no bar, a procura no supermercado, na mercearia.

Diante dessa perspectiva, vincular a resposta do entrevistado ao seu conhecimento da bebida alcoólica é considerar a sua interação com ela, por meio dos nomes comuns e dos nomes-marca. A *cachaça* não circula nas interações

comunicativas, apenas, com os nomes comuns, mas, também, com os nomes de suas marcas. O nome-marca, inclusive, pode ter uma circulação igual, maior ou menor que as designações *cachaça*, *aguardente*, *pinga*, *cana*, entre outros.

E é essa linha de pensamento que nos permite entender o porquê de *Pitú*, por exemplo, possuir uma tímida quantidade de ocorrência em Alagoas, Bahia, Paraíba, Piauí, Sergipe; uma representatividade forte em Pernambuco, mediana no Rio Grande do Norte e nenhuma ocorrência no Ceará e no Maranhão, onde os nomes-marca de maior ocorrência foram *Ypióca* e *51*, respectivamente.

*Pitú* é considerada a *cachaça* líder na região Nordeste do Brasil, possui 81 anos de tradição e já é exportada desde 1970. Portanto, por ser uma bebida de Pernambuco, há um favorecimento para a sua apreciação pelos pernambucanos. A denominação *Pitú* apresentou maior influência cultural em uma localidade que em outra e isso poderá ser observado na composição das respostas dos informantes.

Além de *Pitú*, pode-se citar, como exemplo, a resposta *São Paulo*, que ocorreu na cidade de João Pessoa (61) e que é uma *cachaça* muito popular no estado da Paraíba, tratando-se de um produto local produzido há 110 anos. O conhecimento do produto e/ou do nome-marca fez com que o homem, faixa etária I, de escolaridade fundamental tenha apresentado o item *São Paulo* em sua resposta, estabelecendo uma relação entre o seu conhecimento sobre um produto de circulação local e a atitude de usar o nome-marca em sua resposta, elencando-o juntamente com outros itens, como *cachaça*, *cana*, *51*, *pinga* e *cana de cabeça*.

Sobre *51*, sabe-se que é um produto de ampla circulação, logo também se constitui um nome conhecido nacionalmente, pois sua divulgação ocorre por meio de vários tipos de mídia por todo o Brasil, tendo, inclusive um jargão, que se tornou uma expressão idiomática, sendo aplicado, por ampliação, em diversas situações contextuais de fala: “51, uma boa ideia.”

Teixeira (2015) aborda essa relação entre as emoções que os nomes-marca carregam consigo, devido ao fato de, muitas vezes, estarem associados a sentimentos positivos, sentimentos que a publicidade procura promover para que os produtos sejam bem comercializados. É nesse sentido que ao nome marca é vinculado o sentimento de felicidade, satisfação, alegria, riqueza entre

outros sentimentos considerados como positivos pela sociedade, que, como se sabe, busca no consumo uma forma de obter prazer e felicidade.

E foi diante do compartilhamento de significação perspectivada, que as respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores utilizando nomes-marca como *Pitú, 51, Ypióca, Caninha da roça*, entre outros não geraram dúvida ao inquiridor, no decorrer da entrevista, de que se tratam de nomes de uma bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar, entendendo que este também partilhou do conhecimento do nome da bebida. Assim como há nomes-marca bem conhecidos, há os que são conhecidos regionalmente, como *São Paulo, Jangada, Jacaré, Preá*, entre outros, o que pode ter gerado dúvida no inquiridor em considerar se a pergunta foi respondida adequadamente ou não.

No decorrer da aplicação do questionário, o entrevistador atuou como aquele que objetiva saber do entrevistado as denominações utilizadas naquele local, e, no caso do objeto desta pesquisa, como se chama/denomina/conhece a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar. Para apresentar a resposta, experiências culturais, no que tange às vivências linguísticas e contextuais do informante, foram essenciais para responder à pergunta 182 ao inquiridor, utilizando-se de itens léxicos cujos significados correspondam a uma perspectiva compartilhada entre os dois, fazendo parte de um conhecimento individual e, ao mesmo tempo, coletivo, seja no âmbito nacional ou local.

### 3.5.6 A hiperonímia e a hiponímia

Na dinâmica do diálogo entre o inquiridor e o informante conceptualizador e categorizador, tem-se, na apresentação dos nomes-marca, o estabelecimento da relação de hiponímia e hiperonímia, em que esses nomes se associam ou estão relacionados a denominações como: *aguardente* e *cachaça*. A primeira, por ser a hiperonímia por excelência da categoria do destilado da cana-de-açúcar, e a segunda que, mesmo sendo uma hiponímia da primeira, se comporta também como hiperonímia dos nomes-marca atribuídos à bebida alcoólica.

Outros nomes podem ser entendidos como hiperônimos dos nomes-marca desse destilado, como *cana* e *pinga*, por serem variantes de *cachaça* e *aguardente* e por, de uma forma geral, situarem-se próximos a esses itens prototípicos, na rede radial em que se concentram todas as denominações à

bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, apresentadas pelos participantes do Projeto ALiB na região Nordeste.

Conforme Pietroforte e Lopes (2016, p. 128), “A hiperonímia e a hiponímia são fenômenos derivados das disposições hierárquicas de classificação próprias do sistema lexical.” Ainda com base em suas afirmações (2016, p. 129), verifica-se que “[...] há uma relação entre significados englobantes e englobados de acordo com o domínio semântico de cada termo da classificação. [...]”. Como exemplificação com a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar representada pelos nomes-marca, tem-se a *aguardente*, que seria o item englobante de *cachaça*, *pinga*, *cana*, *aguardente de cana*, que são os itens englobados. Por sua vez, os nomes-marca são englobados tanto por *aguardente* como por *cachaça* e suas variantes, que são englobantes, principalmente os que, na rede de prototipicidade, estão mais próximos do centro, como *cana* e *pinga*, por exemplo. Dessa forma, pode-se dizer que *51* é uma *pinga*, *51* é uma *cana*, *51* é uma *cachaça*, *51* é uma *aguardente de cana* e que todas essas formas variantes de se referir à bebida, tanto o nome comum como o nome-marca, são *aguardentes*.

Acresce-se que, por meio de uma relação de sentido entre as formas que compõem as respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores, é possível verificar também uma equivalência que corresponde ao Modelo Cognitivo PARTE-TODO. Henriques (2011) defende que há um movimento de convergência em que os hipônimos convergem para o hiperônimo. Para os dois termos, Henriques (2011, p. 113) define-os da seguinte forma: “[...] o hipônimo é a palavra particularizadora e que o hiperônimo é a palavra generalizadora.” Para ilustrar o seu raciocínio, continua com a seguinte representação da relação de sentido entre hiponímia e hiperonímia: “X faz parte de Y, e X é um tipo de Y”. Entendendo que X é um nome-marca e que Y é a *cachaça*, tem-se que: *51* faz parte de *cachaça*, e *51* é um tipo de *cachaça*. Assim como todos os nomes-marca da bebida, *51* é parte de um todo.

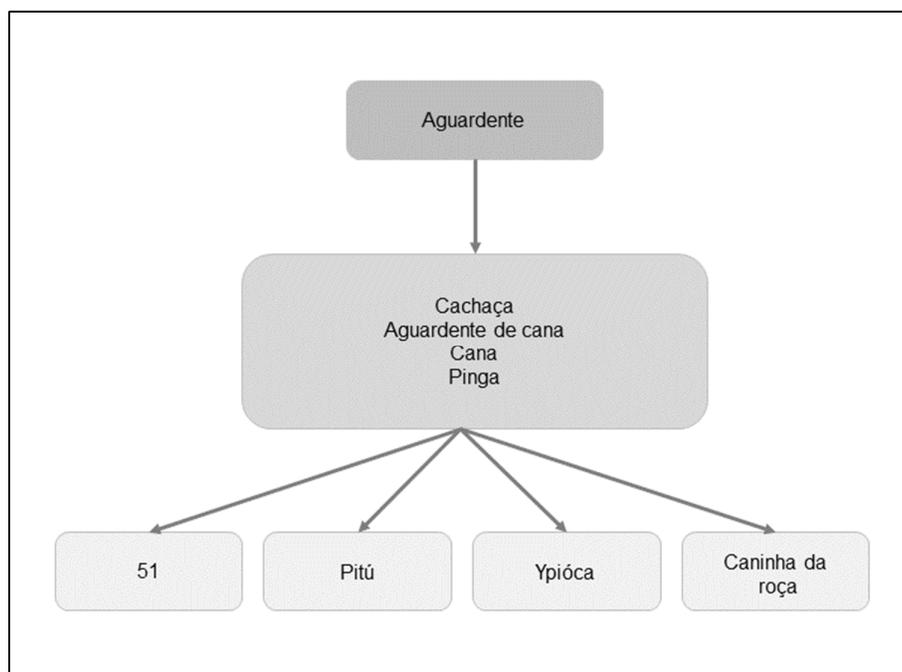
Nos diálogos entre os envolvidos no inquérito linguístico, há exemplos em que o informante conceptualizador utiliza-se de ambas as relações, hiponímia e hiperonímia, em seu discurso, assim como o inquiridor, constituindo-se um importante elemento no elencar e no distribuir dos itens respondidos pelos

informantes, bem como na elaboração dos desdobramentos das perguntas realizada pelos inquiridores.

A categorização dos elementos por parte dos interlocutores se dá com o partilhar de conceptualizações, que partem de suas experiências comuns e lhes possibilitam interagir, utilizando-se de sequências lexicais que fazem parte do conhecimento de mundo e enciclopédico comuns entre eles, permitindo condução e fluência dos diálogos.

Nesse sentido, pode-se representar a relação hiperonímica na utilização das denominações para a *aguardente* com o seguinte esquema.

Figura 9 – Hiperonímia - *aguardente*



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

*Aguardente* é o hiperônimo da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, o termo englobante; e *cachaça* é o termo englobado, o hipônimo; por sua vez, *cachaça* é o hiperônimo dos nomes-marca, como *51*, *Pitú*, *Ypióca* e *Caninha da Roça*.

Como já mencionado, *cachaça*, *aguardente de cana*, *cana* e *pinga* variam para as denominações da bebida, por isso importa indicá-los no quadro como

co-hiponímias<sup>88</sup> de *aguardente* e, ao mesmo tempo, como hiperônimos dos nomes-marca.

Na circulação dos nomes-marca na sociedade, afixadas nos rótulos das bebidas alcoólicas em questão, verifica-se que há as bebidas denominadas de *cachaça* e há outras que se chamam de *aguardente de cana*. Para melhor compreender essa relação hiperonímica e hiponímica, estabelecida entre *aguardente*, *cachaça* e suas variantes e os nomes-marca, é importante lançar mão das informações oficiais sobre *aguardente*, *aguardente de cana* e *cachaça*<sup>89</sup>, a partir das quais, já se sabe, que a *cachaça* é uma *aguardente*, mas que a *aguardente* não se restringe à *cachaça*.

Com isso pode-se confirmar que *aguardente* é o item lexical que exerce o lugar de hiperônimo e que *cachaça* e *aguardente de cana* são seus hipônimos. Utilizando-se da lógica de Henriques (2011, p. 113), se “X faz parte de Y, e X é um tipo de Y”, em que X é *cachaça* e y é *aguardente*, entende-se que “*cachaça* faz parte da *aguardente* e que *cachaça* é um tipo de *aguardente*”, ou seja, a *cachaça* faz parte de um todo, cujo elemento englobante é a *aguardente*.

Em muitos casos, devido ao desconhecimento da legislação, o que é natural, a população conceptualiza *aguardente*, *cachaça* e *aguardente de cana* como variantes, sem fazer qualquer distinção tipológica, como ocorreu em algumas entrevistas do Projeto ALiB, realizadas na região Nordeste, dentre as quais, pode-se citar como exemplo a resposta do homem, faixa II, ensino fundamental, da cidade de Natal (53) - RN, em que se pode verificar, no decorrer do diálogo, com o homem, faixa etária II, de escolaridade fundamental, a relação de hiperonímia entre *aguardente* e os itens que seguem.

- (15)                    [...]  
                           INF. — *Aguardente*.  
                           INQ. — Que outros nomes?  
                           INF. — *Aguardente de cana*.  
                           INQ. — Que é mais?  
                           INF. — *Aguardente de cana*, é a *pinga*.  
                           INQ. — Sim.  
                           INF. — É a *cachaça*.  
                           INQ. — Sim.

<sup>88</sup> A respeito de co-hipônimo, consta registrado no *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*: “diz-se de ou cada uma das unidades léxicas do mesmo nível cujo significado está incluso num hiperônimo (p. ex., *cavalo*, *cão*, *gato* em relação ao hiperônimo *mamífero*)”

<sup>89</sup> Essas informações constam no decorrer da seção CACHAÇA.

INF. — É a coisa que tem mais sinônimo na vida é ... no nosso mundo é a *cachaça*. [...]

Apresenta-se, também, no exemplo 16, um diálogo em que consta essa relação entre as formas, na fala da mulher da cidade de Petrolina (73) - PE, faixa etária I, ensino fundamental.

- (16) [...]
   
INF. — Como é que se chama a bebida?
   
INQ. — Isso, isso.
   
INF. — *51, Pitú*.
   
INQ. — Hum.
   
INF. — É tudo a bebida branca... Engenho, né?
   
INQ. — Hum.
   
INF. — Que é uma bebida... *Υπιόκα*, tudo é *cachaça*.
   
INQ. — Hum...

No decorrer de sua fala, a informante conceptualizadora e categorizadora utiliza-se de três nomes-marca que seguem conforme sua conceptualização ou suas conceptualizações da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Ela finaliza dizendo que “[...] tudo é *cachaça*.”, estabelecendo entre as formas citadas uma relação de hiponímia para a hiperonímia *cachaça*, sendo determinante o uso do pronome “tudo” para retomar e colocar em uma mesma categoria as três marcas citadas.

Conforme Almeida (2018, p. 276), na categorização, realizada por organizações onomasiológicas, “[...] estruturam-se as distintas expressões que constituem, na dimensão da nomeação, os sinônimos, os antônimos, e, também, os hiperônimos, os hipônimos e os co-hipônimos, além dos merônimos e dos holônimos”

Nessa perspectiva de abordagem, se faz necessário distinguir a relação de particularidade e de generalidade presentes na hiponímia e na hiperonímia, respectivamente, já aqui citada com referência a Henriques (2011), com o MCI PARTE-TODO, em que a relação metonímica entre os elementos do mundo material, de mesmo domínio, se dá por contiguidade. É, então, possível compreender que, no uso dos itens variantes para designar a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, o processamento cognitivo é feito a partir do MCI PARTE-TODO, que se organiza mentalmente pela metonímia e que se concretiza na fala e no diálogo entre inquiridor e informante por meio da hiperonímia e da hiponímia.

Portanto, no decorrer do diálogo, informante e inquiridor, por disporem de Modelos Cognitivos Idealizados afins, dentre eles o PARTE – TODO, estabelecem uma interação fluida, ao ser apresentado o item lexical nome-marca, por meio do processo metonímico, para responder à pergunta 182 do QSL “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36)

As formas de apresentar e de organizar as nomeações se refletem nessas entrevistas, como ocorreu nas respostas dos participantes do Projeto ALiB. Ao se utilizarem, em suas comunicações, de denominações para elementos do mundo material, que fazem parte de seu conhecimento experiencial e enciclopédico, revelam suas vivências sensório-motoras ocorridas nos meios sociais e culturais que frequentam.

Para a organização de palavras-marca no léxico, Teixeira traz que

[...] as palavras-marca constituem um mini-léxico de interconexões variadas com o léxico global [...] considerando o léxico de uma língua como o conjunto dos léxicos que realmente seus falantes compartilham, temos necessariamente o léxico como uma rede de redes. (TEIXEIRA, 2015, p. 303)

Teixeira (2015) propõe que haja um minissistema que funciona à parte do léxico geral, sem lhe estar desvinculado, havendo, inclusive, outros minissistemas, como o dos topônimos e antropônimos, por exemplo.

Com isso, entende-se a importância dos nomes-marca na sociedade, que, conforme o autor (2015, p. 303), “[...] não podem ter o mesmo estatuto que as do léxico comum.” Tratam-se de palavras que evocam emoções, podem ou não ter vida efêmera e suas denominações seguem uma rede de denominações. Os nomes-marca ocupam espaços na vida das pessoas, logo fazem parte de suas comunicações, conforme vão se inteirando dos produtos que conhecem e/ou que consomem.

Na lógica de funcionamento dos nomes-marca para bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, que foram utilizados nos diálogos entre o entrevistador e o entrevistado do Projeto ALiB, estabeleceram-se relações entre o referente do objeto material, o destilado da cana-de-açúcar, e os seus nomes-marca. Tais nomes podem fazer parte da cultura local, porque são de produção local ou, não o sendo, porque a distribuição e o *marketing* da empresa da bebida de outra

região promoveram o conhecimento às pessoas. Sendo o produto de confecção local, pode receber o título de símbolo do local, a depender do *status* valorativo que possua na comunidade. E, dessa forma, os nomes-marca tendem a circular nas diversas situações comunicativas, constituindo-se uma rede de nomes, um minissistema, como traz Teixeira (2015).

### 3.6 A LEXICOLOGIA EM DIÁLOGO COM A DIALETOLOGIA, A ETNOLINGUÍSTICA E A SEMÂNTICA COGNITIVA

MARVARDA PINGA

Co'a marvada pinga é que eu me atrapaio  
 Eu entro na venda e já dô meu taio  
 Pego no copo e dali num saio  
 Ali memo' eu bebo, ali memo' eu caio  
 Só pra carregá é qu'eu dô trabaio, oi lá [...]  
 (OCHELSIS LAUREANO, 1937)

As denominações variantes atribuídas à *aguardente*, por fazerem parte do conhecimento linguístico e enciclopédico dos utentes, compõem o seu sistema conceptual, que é constituído de conhecimentos adquiridos, por meio das mais diversas experiências. Essas variantes correspondem a unidades linguísticas utilizadas tanto em conversas cotidianas como, conseqüentemente, em manifestações artísticas e culturais, dentre as quais, cita-se a música.

A bebida alcoólica brasileira, destilada da cana-de-açúcar, em suas vestes variadas de lexias, já foi versada e cantada por muitos artistas, como Carmem Miranda, Paulinho da Viola, Fernanda Takai (Pato Fu), Aldir Blanc e João Bosco, Adoniran Barbosa, Erasmo Carlos, Clementina de Jesus, entre outros. Um dos exemplos icônicos é a canção de autoria de Ochelsis Laureano, a “Moda da Pinga” (RECANTO CAIPIRA, 2008) ou, como é mais conhecida, “Marvarda Pinga”, gravada inicialmente em 1937, por Raul Torres, mas que ficou conhecida na voz de Inezita Barroso, que a gravou em 1953, pela RCA. Conforme o *site* oficial da cantora: “No gravador de Inezita”, essa música foi cantada por ela, “pelo menos umas 8 mil vezes”. (NO GRAVADOR DE Inezita, 2017).

Carmem Miranda, em 1937, fez sucesso com o samba-choro composto por Assis Valente, *Camisa Listrada*<sup>90</sup>, que, ao trazer, em seus versos, a variante *Parati*, propagou, aos quatro cantos do mundo, uma dentre muitas sinonímias da *cachaça*, a saber:

Vestiu uma camisa listrada  
E saiu por aí.  
Em vez de tomar chá com torrada,  
Ele bebeu parati.  
Levava um canivete no cinto  
E um pandeiro na mão.  
E sorria quando o povo dizia:  
Sossega, leão! Sossega, leão! (FEIJÓ, 2001, p. 20)

Sambistas, ao desfrutarem dos sabores e aromas simbólicos conceituais atribuídos à *cachaça*, cantaram para e pela bebida. Em 2001, a escola de samba “Imperatriz Leopoldinense” venceu o desfile de carnaval carioca, grupo especial, com um samba-enredo “Cana-caiana, cana-roxa, cana-fita, cana-preta, amarela, Pernambuco... Quero vê descê o suco na pancada do ganzá.<sup>91</sup>”, composto por Rosa Mangalhães. A música versa, em alto e bom som: “vem provar minha cachaça, amor” e, para anunciar a chegada da escola de samba, utiliza-se da clássica fraseologia “Passa a régua e dá pro santo”. No decorrer do samba, variantes da bebida desfilaram com naturalidade, como *pinga*, *aguardente*, *parati* e *birita*, intermediando a interação entre os carnavalescos, como se pode verificar na estrofe abaixo, mencionada por Feijó

Pinga...  
Olha a cana virando aguardente.  
No mercado do ouro atraente,  
Parati espalhou a bebida.  
Pra garimpar, birita tem.  
Na Inconfidência foi preferida. (FEIJÓ, 2001, p. 21)

Atualmente, no *streaming Spotify*, ao se fazer a busca “Marvada’ Pinga”, obtêm-se músicas diversas em que se podem ouvir, na íntegra, composições que integram o universo conceptual dessa bebida alcoólica, que é considerada a bebida genuinamente brasileira.

<sup>90</sup> Música e vídeo disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=9f01BkrntYE>. Acesso em: 18 out. 2021.

<sup>91</sup> Disponível em: <http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/imperatriz-leopoldinense/2001/>. Acesso em: 18 out. 2021.

É perceptível que as produções artísticas atravessam barreiras sociais, espaciais e temporais e, como elementos da cultura, podem fazer parte de um determinado momento da sociedade ou, ainda, se configurarem acrônicas, como é o caso de elementos do domínio de experiência pertencente à *pinga*, cuja história corre, há alguns séculos, fundamentada em conceptualizações prototípicas, cujos atributos perpassam tanto por noções negativas quanto positivas.

Destaca-se, como símbolo de ato de resistência, o fato de, na história da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, barreiras sociais terem sido e, na contemporaneidade, continuarem sendo rompidas, visto que a *caninha* circulou e circula em copos de pessoas de diferentes locais (cidades, estados, regiões) e classes sociais, cujas faixas etárias, escolaridades, sexos e gêneros também são distintos.

As percepções pejorativas sobre a bebida se encontram nas canções que a referenciam, como se pode verificar na citada composição de Valente, no primeiro verso da segunda estrofe, que consta: “Tirou o anel de doutor para não dar o que falar. E saiu dizendo eu quero mamar. Mamãe eu quero mamar, eu quero mamar”, em que se vê, claramente, a menção de um doutor não querer ser associado ao elemento popular *cachaça*. Na canção “Marvada pinga” vários *frames* do mundo experiencial da bebida são acionados, como o fato, por exemplo, de a pessoa beber a *pinga*, ficar bêbada, cair e ser carregada.

Vê-se que, nessas e em outras músicas, o modelo cognitivo “*cachaça*” foi partilhado entre os que as cantavam e os que as ouviam, por meio de conceptualizações que não favorecem/favoreceram a avaliação ascendente da bebida, pelo contrário, ratificam o seu lugar de bebida estigmatizada, cujo consumo deve ser “clandestino” por parte daqueles que não querem ou não podem assumir o gosto pela *branquinha* ou, ainda, serem a eles vinculados, de forma metonímica, os indesejáveis atributos pejorativos que se referem à bebida.

Todavia, o mundo material da *cachaça* se apresenta amplo, complexo e diverso, e a sua existência, aliada à persistência de pessoas que a ela se dedicam, permitiu-lhe o movimento cujo objetivo é o de tirá-la do lugar de bebida que depende do julgamento negativo e da desaprovação de um segmento de pessoas, as quais a impedem de circular nos diferenciados meios sociais.

À sua produção integraram-se profissionais que dela fizeram um grande negócio, um produto altamente qualificado, sendo esse o fruto de um aprimoramento do *saber fazer*, garantindo, assim, que muitas famílias vivam e sustentem-se financeiramente da produção da *água que passarinho não bebe*. Trata-se, atualmente, de um universo produtivo que cultiva tradição e, ao mesmo tempo, que procura inovar-se, adequando-se às novas tendências técnicas e mercadológicas da contemporaneidade.

Entre altos e baixos, a *cachaça* sobrevive, há séculos, angariando uma rede de conceptualizações, que circundam as diversas faces da relação entre as vivências do ser humano, a sua cultura e os elementos constituintes do seu domínio léxico-semântico.

Pensar nos itens lexicais que se referem e se relacionam às experiências da *aguardente* corresponde também a considerar que há informações que compõem realidades, nas quais se encontram inseridas situações, contextos e vivências a ela associados. As denominações pertencem aos mais diversos âmbitos conceptuais e categoriais, como as que nomeiam os equipamentos, processos, utensílios, as etapas e práticas de produção, a venda e distribuição, os hábitos de consumi-la, os nomes dos locais em que é vendida e/ou degustada, as formas usadas para pedi-la e consumi-la, e até as denominações associadas às pessoas que a “bebem demais”, o chamado o *cachaceiro*, o *pingunço*, o *pé-de-cana* etc.

Pires de Oliveira (1998, p. 115) sintetiza bem a importância da *cachaça* para a história e a cultura brasileira, ao afirmar que é possível “[...] resgatar através de suas inúmeras variantes léxicas, marcas da identidade cultural de um povo sintonizado com seu espaço geográfico, com sua cultura [...]”. Trata-se de uma inegável relação da bebida com os estudos Etnolinguísticos, que, como traz Dias (2012, p. 218), é “[...] um campo do saber situado entre a Linguística e a Antropologia Cultural.” Portanto, o contato experiencial com a *aguardente de cana* permitiu e ainda permite a criação e reprodução de variantes lexicais, conforme condicionamentos socioculturais, que, no conjunto, se apresentam diversos e integrados no entorno dos sujeitos.

Paim (2012, p. 235) afirma que “[...] o repertório lexical de uma comunidade de fala reproduz a visão de mundo de um determinado grupo como também fornece pistas sobre aspectos da identidade dos falantes [...]”. Neste

estudo das denominações variantes de *aguardente* com base nos dados do Projeto ALiB na região Nordeste do Brasil, considera-se que o sujeito, como pertencente a uma comunidade histórico-cultural, com a qual interage tanto individualmente quanto coletivamente, fundamenta as suas conceptualizações e categorizações por meio de suas experiências. Tais experiências não implicam, necessariamente, no ato de se consumir a *cachaça*, mas de conhecê-la, dentre as possibilidades, pelo menos, por meio de imagens que fazem parte de seu sistema conceptual.

O estudo das unidades léxicas variantes sinonímicas atribuídas à *cachaça* que as apresentaram no decorrer das entrevistas linguísticas, direciona-se numa perspectiva interdisciplinar entre a Semântica, pautada na abordagem da Linguística Cognitiva; a Dialetoлогия, na perspectiva da geolinguística pluridimensional; e a Etnolinguística.

### 3.6.1 A Lexicologia e seus termos

Dentre as vertentes linguísticas que estudam as denominações atribuídas às entidades que circulam na sociedade, há a Lexicologia, que se concentra na pesquisa científica do léxico de uma língua. Conforme Biderman (2001, p. 16), trata-se de uma ciência antiga que “[...] tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização e a estruturação do léxico.” Ainda segundo a autora, essa ciência faz fronteira com a Semântica, pois, no estudo do léxico e da palavra há de se considerar a “dimensão significativa”.

Para Polguère (2018, p. 49), “A **Lexicologia** é um ramo da Linguística que estuda as propriedades das unidades lexicais da língua, denominadas **lexias**.” Alves (2004, p. 78) chama atenção para o fato de os lexicólogos enfatizarem, em seus estudos, a relação entre a sociedade e as unidades lexicais. Compreende-se, portanto, que as nomeações das entidades ocorrem conforme as experiências do sujeito em determinado contexto sociocultural, o que corrobora com Santos (2003, p. 14) que afirma que “[...] o léxico de uma língua [é] muito mais que um inventário de palavras, consiste num conjunto de saberes sociolinguísticos e culturais compartilhados pelos integrantes de uma comunidade.”

Para a realização do estudo lexicológico de determinado domínio de experiência, importa compreender alguns elementos básicos utilizados por essa vertente da Linguística, especificamente, os seus termos, como *lexia*, *lexema*, *locução* e *fraseologia*, por exemplo, que constam na explanação e discussão presentes nesta tese, e assim podem ser relacionados às categorias dos itens lexicais apresentados nas respostas dos entrevistados.

De antemão, faz-se necessário trazer uma reflexão sobre *léxico*. Biderman (1987, p. 81) estabelece que o léxico de uma língua é uma forma de registrar o conhecimento do universo, relacionando-o à sua classificação. Vilela (1997, p. 31) afirma que o léxico se trata de um saber partilhado entre membros de uma comunidade. Nesse âmbito de discussão, evidencia-se a relação entre os usos do falante e a sua interação social e, sobre isso, declara Vilela (1997, p. 43) que “Sociedade e língua estão constantemente a intrometer-se uma com a outra, a marcarem-se sem se demarcar.

A sociedade reflecte-se continuamente na língua que lhe serve de argamassa e vice-versa.” É o que se verifica nas *lexias* variantes para *aguardente* em que o falante encontra motivações contextuais e situacionais tanto para criá-las quanto para utilizar e compreender os usos das denominações existentes, devido a um movimento léxico-semântico em torno da bebida, estabelecido cognitivamente entre o falante/consumidor e a sociedade. Nesse contexto de mão dupla, Modelos Cognitivos possibilitam aos utentes, conforme suas vivências, nomear as entidades, por meio de categorizações ancoradas em modelos e esquemas mentais.

Autores distinguem *léxico* e *vocabulário*, como se pode verificar em Vilela (1997, p. 31) que, ao fazer essa distinção, atribui àquele a noção de “[...] conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua; [...]” e a este “[...] o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística [...]”. Complementa afirmando que “o léxico é o geral, o social e o essencial; o vocabulário é o particular, o individual e o acessório.” (VILELA, 1997, p. 32) Para Biderman (1999, p. 88), “[...] *léxico* é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; *vocabulário* é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades.”

Polguère (2018, p. 100) corrobora com Vilela (1997) e com Biderman (1999) ao afirmar que “O léxico de uma língua é uma entidade que corresponde ao conjunto das *lexias* dessa língua” e vincula à noção de vocabulário como aquele que se refere ao indivíduo, sendo “[...] o subconjunto do léxico de uma dada língua que contém as *lexias* dessa língua que o indivíduo em questão domina.” (POLGUÈRE, 2018, p. 103) O linguista reforça a sua explanação relacionando a noção de *idioleto* à de vocabulário, considerando que “O vocabulário de um indivíduo é um componente do *idioleto* desse indivíduo, isto é, da língua que ele domina e fala.” (POLGUÈRE, 2018, p. 104)

O termo *lexia* foi definido por Pottier (1978, p. 268) como “[...] a unidade lexical memorizada”. O linguista subdividiu-a em *simples*, *composta* e *complexa*. A primeira é a “palavra tradicional”, como “cadeira”; a segunda é “[...] o resultado de uma integração semântica [...]”, como “saca-rolha”; e a terceira é “[...] uma sequência em vias de lexicalização”, como “sinal vermelho.” (POTTIER, 1978, p. 269)

A respeito do *lexema*, Martinet (1978, p. 13) informa que é uma unidade significativa básica que se situa no nível do léxico que, por sua vez, pertence a “[...] inventários ilimitados.” (MARTINET, 1978, p. 121) Para Vilela (1997, p. 32), o *lexema* é a palavra utilizada como entrada no dicionário. Biderman (1999, p. 89) afirma que “[...] no plano da língua, o termo *lexema* refere a unidade abstrata do léxico. As manifestações discursivas dos *lexemas* devem ser referidas tecnicamente como *lexias*.”

Polguère (2018, p. 54) assevera que o *lexema* é materializado pelas formas de palavras específicas, constituindo-se um elemento básico do conhecimento lexical. Entende que “[...] cada *lexema* da língua é estruturado em torno de um sentido exprimível por um conjunto de formas de palavras que somente a flexão distingue.” Aborda ainda, esse autor, o fato de que “[...] todos os *lexemas* são *lexias*, mas nem todas as *lexias* são *lexemas*.” (POLGUÈRE, 2018, p. 55)

Como acréscimo à informação de unidade lexical mencionada por Pottier (1978), Polguère (2018, p. 67) menciona o fato de a *lexia* poder ser tanto um *lexema* como uma locução, que são, portanto, consideradas formas distintas. “Cada *lexia* (*lexema* ou locução) é associada a um dado sentido, que se encontra no significado de cada uma das formas de palavra ou sintagmas congelados

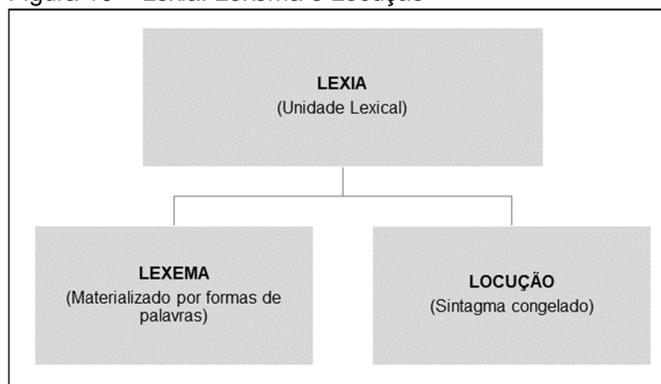
através das quais e dos quais ela se expressa.” (POLGUÈRE, 2018, p. 68) Esclarece o linguista que formas de palavras correspondem ao signo linguístico, sendo constituído de autonomia de funcionamento e de coesão interna. (POLGUÈRE, 2018, p. 52)

As lexias que não são lexemas pertencem à categoria das locuções. Para a compreensão das locuções, Polguère (2018, p. 56) lança mão do conceito de sintagmas, que “[...] é uma sequência linear de formas de palavras que se encontram todas interconectadas direta ou indiretamente por relações sintáticas.” O autor subdivide os sintagmas em normal e congelados. O primeiro corresponde à combinação espontânea, normal e habitual de elementos lexicais e o segundo às locuções, que são as “[...] que o Locutor utiliza como conjuntos pré-construídos; [...]”. (POLGUÈRE, 2018, p. 58) Cita, como exemplo, *água de coco* para demonstrar que as locuções são constituídas de sintagmas congelados.

Em sua composição semântica, a locução não segue uma linearidade lógica previsível, devido ao fato de não haver a elaboração espontânea do sintagma por parte do utente, o que leva a Polguère (2018, p. 61) a afirmar que “Sempre se poderá dizer que as locuções transgridem, ao menos em parte, o princípio da composicionalidade semântica.” A locução, portanto, é definida pelo autor como “[...] uma entidade da língua aparentada ao lexema que é estruturada em torno de um sentido exprimível por meio de um conjunto de sintagmas congelados, semanticamente não composicionais, que se distinguem somente pela flexão.” (POLGUÈRE, 2018, p. 62)

Pode-se representar a relação entre *lexia*, *lexema* e *locução* da seguinte maneira.

Figura 10 – Lexia: Lexema e Locução



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

O congelamento do sintagma e a não composicionalidade semântica remetem a locução à fraseologia, e, como aborda Polguère (2018, p. 63), “A fraseologia de uma língua é o conjunto de todas as expressões não livres dessa língua”. Segue o autor explicando que, no uso de expressões fraseológicas, o falante não escolhe os elementos que comporão o seu enunciado; ele não constrói o sintagma utilizado, pois já se apresenta pronto na língua. Conforme Henriques (2011, p. 13), a “Fraseologia é a parte da LEXICOLOGIA que se ocupa das combinações estáveis de unidades léxicas constituídas, no mínimo, por duas palavras gráficas e, no máximo, por uma frase completa.”

Para Biderman (1999, p. 89), há duas categorias de lexias: as simples – “cesta” – e as complexas – “cesta básica”. Destaca-se que, na construção teórica das lexias complexas, Biderman (1999) chama atenção para o fato de se constituírem como lexicalizadas no sistema lexical, devido à cristalização de sua composição, fato muito comum nas línguas. Nesse sentido, as “unidades simples podem combinar-se entre si de modo quase infinito, resultando em unidades complexas.” (BIDERMAN, 1999, p. 92)

Distingue a autora, portanto, as sequências livres das sequências cristalizadas, mas salienta que os sintagmas dessas têm existência própria e fazem parte do léxico, assim como as das expressões idiomáticas, cujas palavras indicam haver a necessidade de uma interpretação global, e acrescenta que “Sendo registradas no patrimônio cultural da comunidade como hábitos verbais, [...] se caracterizam por ser parte da herança lexical e devem, por conseguinte, ser aprendidas de cor pelos falantes da língua.” (BIDERMAN, 1999, p. 92) Isso implica em dizer que o sentido da expressão idiomática não corresponde exatamente à soma do significado de cada item que a compõe, não havendo uma associação semântica direta e transparente entre os seus vocábulos constituintes. Citam-se, como exemplo dessas expressões, “tirar o pai da força”, “jogavam verde para colher maduro”, “quebrar um galho” que, segundo a autora, “[...] são típicas de uma nação e estão enraizadas na sua cultura.” (BIDERMAN, 1999, p. 94)

Biderman (1999, p. 95) também traz uma associação das lexias complexas às fraseológicas, incluindo-se as colocações, que “são sequências semanticamente transparentes, formadas de itens lexicais que geralmente

coocorrem”, a saber: “custo astronômico”, “queda livre”, “levar a vida toda”, entre outros.

Entende-se que as lexias fraseológicas, apresentadas pelos participantes do Projeto ALiB na região Nordeste, podem ser assim classificadas: conforme Polguère (2018), como *locuções*, e Biderman (1999), como lexias *complexas*. Neste estudo, considerar-se-á a condução de Biderman, na classificação das lexias simples e complexas, em que se verificam colocações e expressão idiomática, sobre as quais, a autora afirma:

[...] as expressões idiomáticas são expressões semanticamente opacas cujo significado não depende do sentido de cada um de seus componentes. Por outro lado, as colocações são sequências semanticamente transparentes, formadas de itens lexicais que geralmente coocorrem. (BIDERMAN, 1999, p. 95)

A respeito das lexias complexas, Biderman (1999, p. 95) assume a denominação *Unidades fraseológicas (UFs)*, que igualmente será a nossa referência denominativa<sup>92</sup>.

A partir das respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores, as lexias simples estão distribuídas em nomes comuns e nomes-marca, assim com as formas complexas.

Levando em consideração o conhecimento cultural do domínio de experiência da *aguardente*, no *corpus* desta pesquisa, há, entre os nomes comuns, 18 Unidades Fraseológicas (UFs), das quais, 12 podem ser sub-classificadas como *colocações*: *cana de cabeça*, *aguardente de cana*, *cachaça maranhense*, *cachaça da terra*, *cachaça limpa*, *cachaça pura*, *cachaça sergipana*, *pinga destilada*, *cachaça destilada*, *pinga baiana*, *cachaça branca*, *pinga 51*; uma é Expressão Idiomática (EI): *água que passarinho não bebe*; e, nas cinco lexias complexas restantes, se observa uma parcial transparência em *cana de engenho*, *incha pé*, *tampa de sabugo* e certa opacidade em *terra preta* e *bufu bufu*.

Como bem afirma Biderman (2005, p. 747), “[...] não existem critérios teóricos abrangentes e bem estabelecidos para o reconhecimento das unidades

<sup>92</sup> Biderman parte do estudo de Ornela Corazzi, publicado em 1992, cujo título é *Phraseological Units*. Em Biderman (2005, p. 750), a linguista ratifica o uso de *Unidades Fraseológicas (UFs)* para se referir às lexias complexas.

complexas de um idioma.” Portanto, é natural que algumas lexias complexas não ocupem categoricamente determinadas classificações, e, com isso, se destaca a relevância de se continuar captando, descrevendo e indicando as ocorrências das lexias complexas em estudos de *corpora* linguísticos.

As unidades lexicais *simples* e *complexas*, nas quais se incluem os nomes –marca e nomes comuns, compõem o elenco das denominações de *cachaça*, que são o objeto de estudo desta tese. O aspecto sociocultural de que fazem parte os informantes conceptualizadores e categorizadores é de extrema relevância para que tenham apresentado o elenco das respostas, que, por sua vez, implicam em revelar suas experiências. Nesse contexto, há lexias que foram utilizadas pelos utentes em que as características fraseológicas são compostas de uma certa transparência semântica, havendo, certamente, umas que possuem grau maior que outras. A Expressão Idiomática (EI) *água que passarinho não bebe* possui elementos lexicais constituintes que não remetem, diretamente, à sua significação, havendo, de fato, a necessidade de um conhecimento de âmbito cultural que permita uma interpretação global do enunciado, a qual leva à compreensão e, conseqüentemente, ao seu uso em um contexto dialógico. Biderman (2005, p. 756) afirma que as

[...] Els nos remete ao domínio da norma e não da língua. Assim sendo, as Els são aprendidas de cor como se aprende o vocabulário do idioma e elas fazem parte do acervo da cultura e não do sistema lingüístico. Por outro lado, sabemos que estas Els vão sendo armazenadas na memória individual e na memória coletiva e passam a fazer parte do léxico da língua. (BIDERMAN, 2005, p. 756)

Pérez (1985) aborda a imprecisão que consiste no elemento de pesquisa e nos limites da fraseologia e apresenta uma visão ampla de estudo e traz, assim, para o âmbito da locução, além dos ditos e provérbios, “[...] demás fórmulas estables de la lengua.”<sup>93</sup> (PÉREZ, 1985, p. 70), correspondendo a *locução* às unidades complexas fixas. Cita, como exemplo de locução, a forma “carne de cañón” (PÉREZ, 1985, p. 72), que, segundo consta no *Michaelis dicionário escolar espanhol*, trata-se de uma expressão: “bucha de canhão, pessoa exposta a sofrer danos.”

Em estudos mais atuais, como aborda Paim (2018, p. 31),

---

<sup>93</sup> “[...] outras fórmulas de linguagem estável”

[...] o termo Fraseologia é utilizado tanto para fazer referência ao conjunto de fenômenos fraseológicos como para nomear a disciplina que se propõe a investigá-los. Conforme algumas correntes teóricas, a Fraseologia é concebida como uma subdisciplina da Lexicologia, enquanto para outras possui estatuto de disciplina independente. (PAIM, 2018, p. 31)

Neste estudo, considera-se que o fraseologismo faz parte da Lexicologia. Portanto, importa, primordialmente, compreenderem-se as formas apresentadas como variantes para *aguardente*, não se configurando como relevante, neste caso, discorrer a respeito da discussão em torno da inclusão ou não do fraseologismo, como disciplina da Lexicologia.

Destaca-se que a ocorrência de lexias complexas para denominar a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar possibilitou que fossem verificadas, nessas denominações, a relação afetiva entre o consumidor e a bebida, por meio de metáforas e metonímias, por exemplo.

Pesquisas dialetológicas com dados de atlas linguísticos já se realizaram considerando as lexias complexas como itens fraseológicos. Citam-se Ribeiro, Isquierdo, Paim (2018) que realizaram estudo sobre “Fraseologismos na denominação de brinquedos e brincadeiras infantis no Atlas Linguístico do Brasil”, especificamente, a respeito dos que foram documentados nas capitais brasileiras e registrados em cartas linguísticas do volume 2 do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014b). As pesquisadoras (2018, p. 34), dentre outros critérios, consideram “[...] que fazem parte da fraseologia as lexias compostas e as lexias complexas, como descritas por Pottier (1974), formadas por mais de uma unidade lexical – [...]”.

Para esse estudo de Ribeiro, Isquierdo, Paim (2018), foram consultadas 37 cartas linguísticas, nas quais se identificaram dez lexias fraseológicas, que se referem aos domínios de experiência: CAMBALHOTA, BOLINHA DE GUDE, CABRA CEGA. Para CAMBALHOTA foram registrados: *bunda-canastra* e *maria-escambona*; para BOLINHA DE GUDE: *bola de fona*, *bola de gude/bolinha de gude*, *bola de vidro/bolinha de vidro*; e para CABRA CEGA: *cabra-cega*; *cobra-cega*; *gata-cega*; *pata cega* e *pega-pega*. (RIBEIRO; ISQUERDO; PAIM, 2018, p. 37-8). Destacam que as lexias fraseológicas *bola de gude*, *bola de fona*, *bunda-canastra* e *maria-escambona* foram citadas apenas pelos entrevistados no Nordeste brasileiro. (RIBEIRO; ISQUERDO; PAIM, 2018, p. 44)

No estudo em questão, frisa-se que o fraseologismo é um elemento que faz parte da língua e, decerto, da cultura dos falantes que o utilizam em suas interações. Ou seja, é

[...] um segmento linguístico idiomático (com expressões, formas de frases próprias, formas específicas de dizer, maneiras de expressar que se opõem à de outras línguas), cultural (com traços históricos, afetivos e mitológicos da comunidade que compartilha do mesmo idioma) estilístico (com tipos de discurso, diferentes dialetos, tecnoletos). (RIBEIRO; ISQUERDO; PAIM, 2018, p. 34)

Compreende-se, portanto, a relevância da reflexão em torno das lexias fraseológicas, visto que permite ratificar a perspectiva de interpretação em torno de unidades lexicais complexas citadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores. Tais lexicalizações são constituídas de sintagmas cristalizados, devido à frequência de uso, e se referem à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, fazendo parte, do léxico da língua portuguesa e do vocabulário dos informantes, bem como do domínio de experiência da *aguardente*.

A diversidade de constituição das lexias coaduna com a natureza heterogênea da língua, cujos utentes compõem, em seus falares, enunciados constituídos, dentre outros, de aspectos semânticos e sintáticos que se apresentam igualmente heterogêneos. É a grandeza do acervo lexical que, disposto em uma bandeja para o falante, em conformidade às suas experiências, apresenta, à sua disposição, uma infinidade de itens, dos quais “podem se servir”.

### **3.6.2 Nuances interdisciplinares no estudo léxico-semântico do domínio de experiência da *Aguardente***

A Lexicologia se relaciona interdisciplinarmente com a Dialectologia, a Etnolinguística e a Semântica Cognitiva. Levando em conta os princípios que regem essas três vertentes da Linguística, e para melhor compreender a base do estudo que leva em consideração a relação intrínseca entre a variação da língua e a cultura, buscaram-se informações a respeito do método “Palavras e Coisas”. Biderman (2001, p. 16) ratifica a importância da relação entre essas vertentes da linguística, ao afirmar que, “[...] nessas áreas interdisciplinares

fizeram-se estudos sobre Palavras e Coisas, isto é, sobre as relações entre a língua e a cultura.”

Para tanto, foi trazida a etnografia para o cenário da pesquisa linguística. Conforme Dias

Sistematicamente, a Linguística e a Etnografia se aproximam a partir de 1909, com o estabelecimento da escola alemã *Wörter und Sachen* (palavras e coisas), que preconizava o estudo simultâneo e relacional das palavras e dos objetos por elas designados. (DIAS, 2012, p. 217)

A Antropologia Linguística, que estuda a relação entre língua e cultura, possibilita que se verifiquem, na fala, práticas culturais, permitindo, a partir de uma base etnográfica, que os antropólogos linguistas trabalhem na produção de relatos de determinados grupos humanos que pertencem a um certo tempo e espaço. (DURANTI, 2000, p. 21)<sup>94</sup>

A concepção do método “Palavras e Coisas”, relacionando o estudo da língua com o das coisas de determinada cultura, promoveu o desenvolvimento da Etnolinguística e permitiu a conciliação da pesquisa etnográfica aos estudos dialetológicos.

O movimento “Palavras e Coisas”, de acordo com as informações apresentadas por Iordan (1962, p. 101), tratou de um estudo do vocabulário da língua, que partiu do princípio de que as palavras acompanhavam as coisas e isso poderia ser verificado no fato de que “[...] muitas palavras, ao passar de uma língua para outra, acompanham o objeto que designam” (IORDAN, 1962, p. 101).

Em nota, o autor chama atenção para o fato de que, com base nesse princípio, exageros e generalizações deveriam ser evitados visto que, nem sempre, as palavras viajam com as coisas, além do que, muitas vezes, as coisas existentes numa cultura poderiam ter seus nomes substituídos por palavras estrangeiras. Sugere ainda que fossem estudados tanto os domínios das palavras quanto os das coisas, independentemente de serem empréstimos lexicais, sem separá-las, para que, dessa forma, se considere a realidade desses dois elementos que estão intrinsecamente ligados, pois se compreende que “A

---

<sup>94</sup> “[...] los antropólogos lingüísticos trabajan, sobre una base etnográfica, en la producción de relatos de las estructuras lingüísticas tal como aparecen en el seno de grupos humanos en un tiempo y espacio determinados.”

história da língua processa-se paralelamente à da cultura, recebendo ambas benefícios mútuos.” (IORDAN, 1962, p. 101)

Sobre as “coisas”, esclarece Iordan (1962, p. 102), em nota, que Rudolf Meringer, fundador do método, “[...] não estabelece teoricamente nenhuma diferença entre objetos e ideias: para ele tudo isso são coisas e como tal devem ser estudadas.” A respeito das palavras, na mesma nota, afirma que, apesar do método ter se concentrado inicialmente em elementos da cultura material, é possível aplicá-lo ao estudo das palavras relacionadas aos conceitos abstratos e “[...] relacionadas com a cultura espiritual, especialmente quando estudamos os empréstimos lexicais” (IORDAN, 1962, p. 102)

O registro das variações em cartas linguísticas e o estudo dos falares locais possibilitaram obter-se um conhecimento em que se verifica que aspectos das culturas se fazem refletir nos dialetos. (Lima, 2006, p. 60). No movimento de se conciliar a pesquisa etnográfica aos estudos dialetológicos, vê-se que o *Atlas Prévio dos falares baianos – APFB* (ROSSI, 1963), por exemplo, possui cartas linguísticas em que se verifica a distribuição espacial das variantes apresentadas como resposta, além de Notas constituídas de informações/descrições dos objetos e ilustrações do referente, por meio de desenhos.

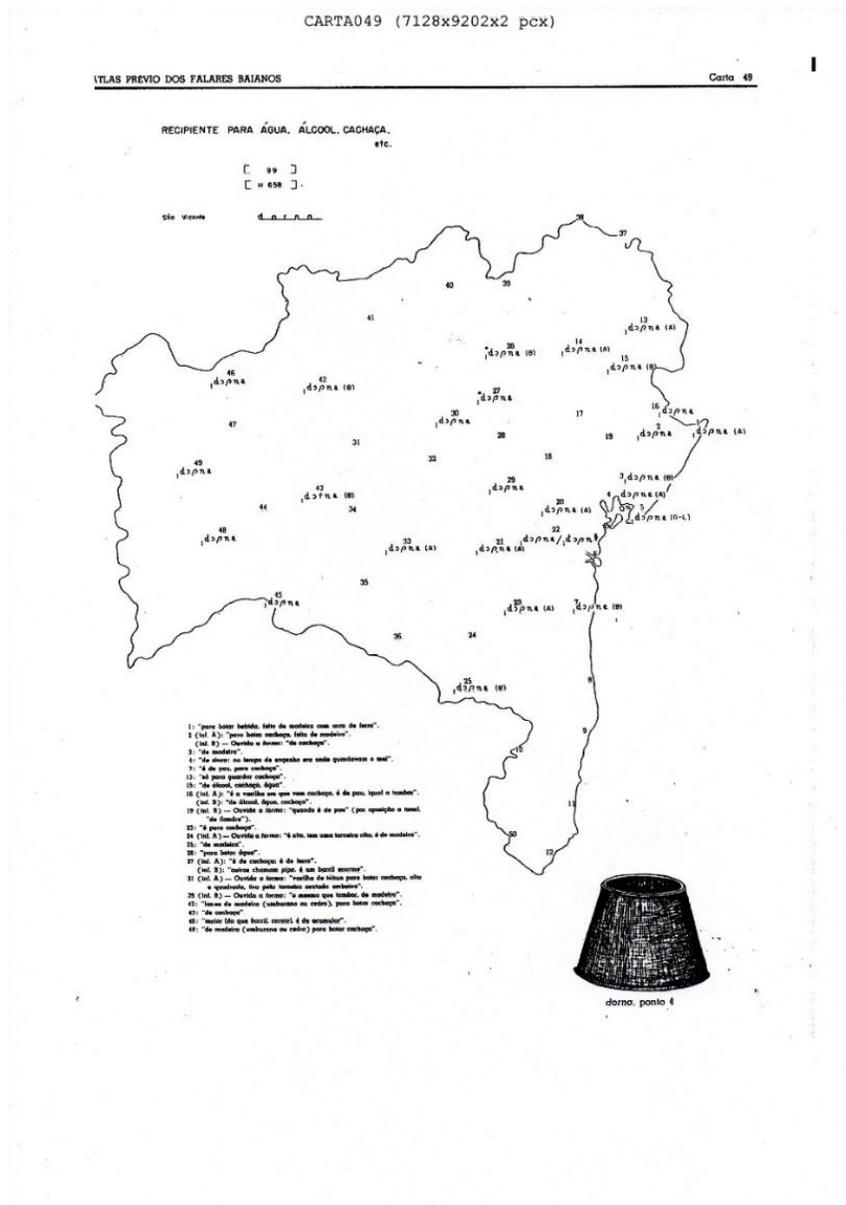
A carta linguística 49 – “Recipiente para guardar água, álcool, cachaça”, do APFB (ROSSI, 1963), possui a distribuição de registros fonéticos da lexia *dorna*, conforme as localidades em que ocorreram no estado.

Ao ser apresentada como resposta, *dorna* foi descrita, de uma forma geral, pelos entrevistados, como recipiente de madeira. Além disso, o líquido armazenado preponderantemente citado foi a *cachaça*. Destaca-se a afirmação da mulher do ponto 27, Jacobina: “Outros chamam de pipa, é um barril enorme.” (ROSSI, 1963).

A relevância da informação apresentada pela informante conceptualizadora e categorizadora do ponto 27 se dá pelo fato de haver uma variação entre *Dorna*, *Pipa* e *Barril*. Entende-se que são três recipientes distintos para se acomodar a *cachaça*, como se pode verificar no *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*, em que constam registradas as três lexias. Contudo, salienta-se que, atualmente, encontra-se, no mercado, a *dorna* sendo chamada de *barril*, por exemplo.

Observa-se abaixo imagem da referida carta linguística 49 do *APFB* (ROSSI, 1963).

Figura 11 – Carta linguística 49 - *APFB*



Fonte: *Atlas Prévio do Falares Baianos*. (ROSSI, 1963)

Feijó (2001, p. 46) explica que o recipiente para armazenar a bebida foi o *tonel*, contudo, como significa ser um recipiente que tem capacidade de conter mais de 10 000 litros, não é "[...] o mais apropriado ao envelhecimento, pois a área de contato da bebida com a madeira se torna menor. Dificulta as interações

que proporcionam reações químicas extremamente benéficas ao produto final.” Sendo, portanto, mais apropriado o uso de *barril* para o envelhecimento da *cachaça*, que contempla a capacidade de 700 litros, e que proporciona “[...] uma área de contato muito maior da madeira com a pinga e um envelhecimento muito mais rápido e completo. (FEIJÓ, 2001, p. 46) E, como chama atenção o autor (2001, p. 46), “Então, quando se fala de barril, é de barril mesmo.”

No Quadro 4, pode-se verificar a aceção 1 de cada uma das três unidades lexicais, no referido dicionário, às quais acrescentou-se *tonel*, que foi mencionado na aceção de *Barril*.

Quadro 4 – Dicionarização de Dorna, Barril, Pipa e Tonel

<b>DORNA, BARRIL, PIPA E TONEL</b>	
Dorna	<b>1</b> recipiente composto de aduelas, sem tampa e com boca larga, us. para pisar uvas, deixar fermentar o mosto etc.
Barril	<b>1.</b> recipiente de madeira que lembra um cilindro abaulado, formado de aduelas, destinado a conservar ou transportar algo (ger. alimentos, esp. líquidos); tonel. <b>1.1</b> qualquer outro recipiente com essa forma ou forma semelhante (p.ex., cilíndrico), feito de outro material, como metal, plástico etc. ‹b. de petróleo›.
Pipa	<b>1.</b> recipiente bojudo de madeira, para líquidos, esp. Vinhos.
Tonel	<b>1.</b> grande recipiente para líquidos formado por aduelas e tampos unidos por arcos metálicos

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Para melhor compreensão de três dos quatro recipientes, faz-se necessário ilustrá-los, conforme fora verificado em coleta etnográfica, realizada para esta pesquisa, ocorrida nos estados nordestinos Ceará, Paraíba e Pernambuco.

Figura 12 – Barril, Dorna e Pipa



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

De acordo com a ordem das ilustrações apresentadas, têm-se, na sequência, o que se chamam de Barril<sup>95</sup>, Dorna<sup>96</sup> e Pipa<sup>97</sup>. Todos são de madeira e variam conforme formatos e tamanhos, considerando que este elemento da unidade de medida impacta na capacidade de acomodação do volume da *cachaça*. A *dorna* da *cachaça Caraçuípe* não corresponde à definição que consta no dicionário, já que, neste caso, possui tampa, como também se pode verificar numa *dorna* pequena, pertencente ao Engenho da *cachaça Matuta*<sup>98</sup>, que possui uma torneira, que, por sua vez, foi mencionada por dois informantes do APFB (ROSSI, 1963)

Figura 13 – Dorna  
– *cachaça Matuta*

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

<sup>95</sup> Fotografia de Barril da *Cachaça Ypióca*. Pesquisa etnográfica realizada em maio de 2019.

<sup>96</sup> Fotografia de Dorna da *Cachaça Caraçuípe*. Pesquisa etnográfica realizada em outubro de 2018.

<sup>97</sup> Fotografia de Pipa da *Cachaça Caraçuípe*. Pesquisa etnográfica realizada em outubro de 2018.

<sup>98</sup> Fotografia de Dorna pequena da *Cachaça Matuta*. Pesquisa etnográfica realizada em outubro de 2018.

No domínio de experiência da *cachaça*, há outro tipo de equipamento denominado de *dorna*, a da fermentação, cujo formato é bem parecido com a ilustração apresentada no APFB (ROSSI, 1963). O material dessa *dorna*, porém, não se restringe à madeira, podendo ser também de alvenaria, ferro, aço, plástico.

Observem-se, na ilustração abaixo, *dornas* de fermentação<sup>99</sup>, em aço inox, pertencentes ao Engenho da *cachaça* São Paulo, localizado na Região Metropolitana de João Pessoa (61) – Cruz do Espírito Santo - Paraíba.

Figura 14 – Dornas de fermentação



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Por meio da carta linguística *Dorna* do APFB (ROSSI, 1963), é possível conhecer a relação entre o registro linguístico, o objeto material e o que ele representa para os informantes, ou, melhor dizendo, entre as coisas e os seres humanos ou entre estes e a relação com as entidades nomeadas. De acordo com Dias (2012, p. 221), nessa relação, deve-se “[...] identificar a funcionalidade dessas coisas para as comunidades [...]”, que, neste caso, ocorre a partir do conhecimento experienciado do objeto em questão: “Recipiente para guardar água, álcool, cachaça”.

No exercício do ofício relacionado ao domínio da experiência da *aguardente de cana*, há, dentre os termos técnicos corriqueiramente utilizados, alguns poucos de origem estrangeira, que circulam normalmente no meio de produção da bebida, como *blend*, *sommelier*, *terroir* e *cachacier*.

Pensando na relação entre a língua portuguesa e as nomeações por estrangeirismos, Vilela (1997, p.48-49) faz uma breve discussão a respeito da

<sup>99</sup> Fotografia de Dorna de fermentação da *Cachaça* São Paulo. Pesquisa etnográfica realizada em outubro de 2018.

inserção de palavras estrangeiras no português, principalmente as de países anglófonos, devido à adoção de termos nas áreas do domínio da experiência das finanças, da tecnologia, da ciência, do cinema. Afirma o autor que a importação de um objeto implica também na importação de seu nome e que a preocupação com a quantidade de estrangeirismos no português não deve se pautar em protecionismo, mas “[...] deverá passar pela defesa da cultura, da investigação, da inovação, do desenvolvimento, da criação filosófica e artística, pela produção de mais riqueza.” (VILELA, 1997, p. 49)

Alves (1990, p. 72), ao tratar dos neologismos pautados em empréstimos por estrangeirismos, afirma que “[...] os contatos entre as comunidades linguísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua.” Entende-se que é possível que os contatos de estrangeiros com a *cachaça*, seja no Brasil ou em outro país, favoreçam que termos estrangeiros à língua portuguesa tenham a oportunidade de ocuparem espaços léxicos nesse grande domínio de experiência, o que faz, por exemplo, que o especialista em *cachaça* seja chamado de *cachacier* ou de *sommelier de cachaça*, seguindo este o paradigma e o fluxo léxico-semântico-sintático de outras formações complexas, como afirma o *sommelier* Leandro Batista (2011), “[...] se já temos o Sommelier de vinho, de whisky e de cerveja, porque não podemos ter um Sommelier de cachaça?”<sup>100</sup>

Por meio dessa argumentação de Batista (2011), vê-se que há a expressão que revela a necessidade de inclusão da *cachaça* no rol de bebidas que são trabalhadas por um *sommelier* específico. Percebe-se, no enunciado, o esquema CENTRO/PERIFERIA (MEDEIROS *et al.* 2015, p. 5), em que se verifica que é importante, para a valorização da *cachaça*, a sua vinculação a essa denominação profissional, para que, assim, faça parte de uma categoria central constituída de bebidas de alta qualidade.

*Sommelier de cachaça*, *cachacier*, *blend* e *terroir* são empréstimos linguísticos, que não causam estranhamento nas interações ocorridas sobre e no domínio de experiência de bebidas, seja porque acionam padrões de organização semântica de outros domínios, seja porque um *blend*, por exemplo,

---

<sup>100</sup> A origem do Sommelier de cachaça. Disponível em: <https://www.mapadacachaca.com.br/artigos/leandro-batista-a-origem-do-sommelier-de-cachaca/> Acesso em: 18 out. 2021.

não se restringe à produção de *cachaça*, mas é realizado nas produções de outras bebidas alcoólicas, como o vinho, por exemplo. Essas quatro lexias encontram-se dicionarizadas em o *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa* e, levando em consideração a afirmação de Alves (1990, p. 77), de que “Enquanto estrangeirismo, o elemento externo ao vernáculo de uma língua não faz parte do conjunto lexical desse idioma”, percebe-se que, em se tratando das quatro unidades léxicas em questão, deve-se considerá-las integrantes do rol dos itens que compõem o léxico da língua portuguesa falada no Brasil, tanto porque fazem parte das interações discursivas entre sujeitos envolvidos com o domínio de experiência da bebida quanto porque se encontram dicionarizadas.

No programa “Bendita Marvarda” (2016), no episódio que trata da “Mulé Bendita X Mulé Marvada”, exibido, originalmente, em 02 de setembro de 2016, aborda-se a questão relacionada ao fato de a *cachaça* ser considerada “coisa de macho”. Para desfazer essa conceptualização enraizada na memória coletiva do brasileiro, vê-se que mulher, assim como o homem, bebe, produz e gosta de *cachaça*. Isadora Bello Fornari, consultora em *cachaças*, explica que se pode falar *cachacier*, mas sinaliza que ela prefere ser chamada de *cachaceira*, pois, no seu entendimento, é preferível não usar um nome francês para se referir à profissional que trabalha com um produto tão brasileiro. Como Isadora Fornari lida com o público, entende que o uso do termo vernáculo lhe possibilita uma aproximação, logo, uma melhor interação com a sua plateia. (BENDITA MARVARDA, 2016)

Pode-se considerar *cachacier* como neologismos da língua portuguesa, que, conforme Alves (2004, p. 80), “[...] representa as necessidades cotidianas de nomeação, [que], em muitos casos, retrata um fato histórico, político, social, um desenvolvimento científico e tecnológico.” E é possível que o surgimento dessas lexias estrangeiras no universo da *cachaça*, para se referir ao profissional, tenha ocorrido, devido ao movimento polissêmico que envolve a forma *cachaceiro/cachaceira*, cujos atributos circulam predominantemente na zona da negatividade, devido à relação da lexia com o uso que se refere ao indivíduo que consome em excesso a bebida. Teixeira (2007, p. 210), no estudo sobre as alcunhas do Norte de Portugal, faz uma afirmação sobre *Bêbado* que serve igualmente para *cachaceiro/cachaceira*. Conforme o autor, mesmo que o ato de beber seja bem aceito e isso, inclusive, seja interpretado como indicativo

de virilidade, “[...] o beber demais e mostrá-lo socialmente é um comportamento reprovável que infringe o aceitável para a comunidade.” (TEIXEIRA, 2007, p. 210)

O fato de uma especialista preferir chamar-se de *cachaceira* revela uma atitude de cunho político e social, constituído de resistência e coragem, que segue uma tendência lógica de atribuir um brasileirismo a um produto genuinamente brasileiro, como ela informou.

O brasileirismo, no domínio de experiência da *cachaça*, foi tratado por Pires de Oliveira (1998), em cujo estudo objetivou “[...] verificar a incidência de fatores extralinguísticos atuando no processo de nomeação de referentes da realidade brasileira. (PIRES DE OLIVEIRA, 1998, p. 111) Ao investigar lexias do campo léxico de alimentação e bebidas, verificou a predominância de uso de variantes populares para nomear a *cachaça*. Trabalhou com as sinonímias variantes: *aninha*, *arrebenta-peito*, *bagaceira*, *canha*, *capote de pobre*, nas quais identificou:

- ✓ uso por eufemismo em *aninha*, para ocultar a intenção de ingerir a *Cachaça*, a bebida que dá prazer ao consumidor;
- ✓ teor acentuadamente popular em formações compostas, como *arrebenta-peito* e outros como, *engasga-gato*, *esquentapordentro*;
- ✓ a polissemia interdialetoal em *bagaceira*, já que “[...] é usado tanto no Brasil quanto em Portugal, tendo como única diferença a matéria-prima utilizada na produção da bebida.”;
- ✓ a relação sinonímica entre *canha* e *cana*, que, segundo a autora, é uma forma abreviada da expressão *aguardente de cana*;
- ✓ a metáfora presente na formação *capote de pobre*. (PIRES DE OLIVEIRA, 1998, p. 111-114)

Fazendo um paralelo com o estudo de Seabra (2015), nas variações sinonímicas elencadas, verifica-se que não há registro de empréstimos por estrangeirismo, o que ratifica as afirmações de Pires de Oliveira (1998). A mesma constatação se tem das 71 lexias apresentadas como respostas pelos participantes do Projeto ALiB na região Nordeste: não há registros de estrangeirismos. Logo, ao produto alcoólico genuinamente brasileiro, vê-se que, em sua rede lexical, a atribuição de nomes constantes no vernáculo da língua portuguesa é recurso preponderante tanto qualitativamente quanto na frequência de uso para a criação de neologismos, que, neste caso, utiliza-se de recursos da própria língua. Como destaca Barbosa (2011, p. 172), “A cachaça alegra o coração e faz o homem criar um dos maiores tesouros lexicais do português.”

As possibilidades de nomear-se profissionalmente, por empréstimo ou por um item vernacular, traz em pauta uma questão linguística ideológica, na qual consta o pensamento de que se deveria usar uma unidade lexical própria da língua portuguesa falada no Brasil para firmar-se, juntamente com a *cachaça*, na área positiva das avaliações.

A lógica pauta-se na linha de coerência em que a profissional de um produto genuinamente nacional deve ser nomeada com lexia igualmente nacional e, assim, tanto a *cachaça* como *cachaceiro/cachaceira* podem seguir, juntos, o fluxo de ascensão avaliativa, ao serem intimamente relacionados ao produto alcoólico, que também está em estágio de ascensão. Lembra-se que o comum são os sinônimos de *cachaça* serem nomeados com itens do vernáculo do português brasileiro.

Pode-se pensar que se autodenominar *cachaceira* se trata de uma posição purista diante da língua, contudo, nesse caso, vê-se explicitado um forte querer, sustentado em um brasileiroismo, com a finalidade de que se fortaleça o rompimento de barreiras históricas e culturais que permeiam, há séculos, preconceitos, de várias ordens, que fazem parte dos usos de lexias, como *cachaça* e *cachaceira*.

Com base no que afirma Santos (2003), infere-se que se chamar de *cachaceira* tem a ver com a relação de sentido que a especialista tem com a bebida e com o seu trabalho, o que reflete em suas atitudes, bem como em autodenominar-se com tal. Essa afirmação se torna válida também para os que se autodenominam como *cachacier*, *sommelier*, *cachacista*. No *site canal da cachaça*, o especialista Jairo Martins se define como o *cachacista*<sup>101</sup> e afirma ser um *sommelier da cachaça*<sup>102</sup>.

Salienta-se que em *cachaceira* não se percebe, prontamente, que seja um vocábulo derivado relacionado a denominações atribuídas a profissionais, como se tem em *cervejeira*, *enfermeira*, *cozinheira*; mas que se trata de uma forma em que se recuperam atribuições vinculadas ao comportamento do indivíduo, com atributos pautados na negatividade, seguindo o parâmetro de

---

<sup>101</sup> Jairo Martins é idealizador de outro *site* denominado *O cachacista*, que está disponível em: <https://ocachacista.com.br/>. Acesso em: 18 out. 2021.

<sup>102</sup> O *canal da cachaça* está disponível em: <https://canaldacachaca.com.br/>. Acesso em: 18 out. 2021.

*fofoqueira, mexeriqueira, cascateira* etc.<sup>103</sup> Essa percepção também é notada no relato de Isadora Fornari, que afirma que “O cachaceiro se tornou sinônimo de alguém que não bebe com responsabilidade e é aí que está o problema.” Segue o seu relato afirmando que quer tirar essa imagem atribuída à palavra e se utiliza como uma referência, pois, como diz, porque é uma jovem mulher, entende que causa impacto bater no peito e falar “eu sou cachaceira”, fazendo com que, na sua concepção, se proporcione um interesse das pessoas à bebida destilada brasileira.

Entende-se que impor, de cima para baixo, que *cachaceira* passe a fixar-se com o sentido de profissional especialista em *cachaça*, seja algo que não apresente um resultado efetivamente ótimo, pelo menos a curto prazo. Pode-se pensar que se trata de um neologismo semântico em que a forma polissêmica pode passar a ter mais um uso, em caso de assim ser aceita pela comunidade específica que trabalha com a *cachaça*, bem como pelo público geral, que parece aceitar, sem problemas, as formas derivadas *cachacista* e *cachaçóloga*. Nenhum dos três dicionários consultados para a elaboração desta tese referem-se a *cachaceiro/cachaceira* como profissional da *cachaça*.

Em relação às formas *cachacista* e *cachaçólogo*<sup>104</sup>, encontram-se registradas apenas em um dos três compêndios lexicais consultados, no *Michaelis moderno dicionário da língua portuguesa*. Para a primeira, remete-se a *cachaceiro*, relacionando-a à embriaguez com *cachaça* ou com outras bebidas, sendo, portanto, elencada juntamente com *bêbado*, *beberrão*, *pé de cana*, *pinguço*, *cachacista*. Já para a segunda, há a referência a “Estudioso ou especialista em *cachaça*.” (*Michaelis moderno dicionário da língua portuguesa*)

Essa relação entre o léxico, as impressões do sujeito e o seu ofício foi estudada pela etnolinguista Santos (2003), que faz uma reflexão a respeito da linguagem e o trabalho, no que tange aos sentidos das denominações, produzidos no domínio de experiência laboral. Nesse estudo, verificam-se as [...]

<sup>103</sup> Na acepção 4 de *O grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*, consta sobre –eiro: “[...] qualificativos e/ou designativos de indivíduo que demonstra determinado traço de comportamento pessoal significativo quanto ao seu caráter, temperamento ou personalidade.

<sup>104</sup> Sobre essas lexias há também informações disponíveis em:

<https://www.mapadacachaca.com.br/artigos/o-que-faz-um-cachacista-cachacier-e-cachacologo>  
Acesso em: 19 out. 2020.

pistas que os falantes deixam em seu vocabulário sobre a sua forma de se identificar com o seu ambiente, em situações de trabalho.” (SANTOS, 2003, p. 10) Tem-se, portanto, o estudo do vocabulário de falantes, a partir de aspectos semânticos e socioculturais, nos quais as falas dos trabalhadores revelam as suas percepções, refletidas no sentido e nas atitudes que se referem ao seu trabalho. Pauta-se na constituição do léxico de uma língua, que Santos (2003, p. 10) afirma ser “[...] o nível lingüístico em que mais visíveis ficam as marcas das realizações e percepções humanas, das transformações diversas por que passam as sociedades no curso de sua história.”

Nesse contexto de estudo do léxico, alia-se, às reflexões, a perspectiva cognitiva, em que se considera que “[...] o pensamento se modula a partir de percepção, do movimento corporal e das vivências físicas e sociais.” (BIDERMAN, 2004, p. 28) Trata-se de um entrelaçamento imprescindível entre o corpo e a mente do indivíduo, conforme as suas vivências, que funcionam como parâmetros e como métrica para criação, uso e compreensão de lexias, a partir dos quais ocorrem as sinonímias e as formações polissêmicas, bem como elaborações pautadas nos sistemas conceptuais metafóricos e metonímicos, por exemplo.

Como um bom exemplo de denominação para *cachaça* relacionada à prática laborativa de sua produção, especificamente, após a destilação, tem-se a lexia *cana de cabeça*, que ocorreu na resposta, durante a entrevista, de quatro informantes conceptualizadores e categorizadores da Paraíba, a saber: um de João Pessoa (61), dois de Cuité (56) e um de Patos (59). Destaca-se que os quatro informantes possuem a escolaridade de nível fundamental, são do sexo masculino, sendo dois da faixa etária I e dois da faixa etária II. Observe-se, no exemplo 17, o homem, faixa etária dois de Patos (59), descrevendo a *cana de cabeça*:

- (17) [...]
   
INF. — *Cachaça*, a *pinga* mesmo, a *cachaça* legítima, *cachaça* que tem *cana de cabeça*. [...] tem gente que chama de *cana de cabeça*, *cana de engenho*, que ela vem bruta, não é bem esterilizada que nem essa outra da... de engarrafamento, né?
   
INQ. — Hum.
   
INF. — A *cachaça*, vamos tomar *cachaça*, hum, vamos tomar uma *pinga*, vamos encher a lata, hum.

Em outro diálogo, o informante homem, faixa etária I de Cuité (56) afirmou que

- (18) [...]
   
INQ. — Cana de cabeça é uma daqui da região, é?
   
INF. — É do brejo. Mas vem muito para cá.

Observa-se que, nos dois relatos, há muitas informações sobre a *cana de cabeça*, como o fato de ser uma bebida que está em estado bruto; de não ser esterilizada; de ser a legítima *cachaça*, e, como foi dito, é “a pinga mesmo”, ou seja, é a versão mais forte da bebida; de ser do brejo, mas que chega na cidade.

Em viagem à cidade de Areia, na Paraíba, foram feitos registros de fotos em engenho classificado como brejeiro, em que os clientes, ao comprarem a *cachaça*, as acomodam em garrafas Pet, baldes. Nesse engenho, não há a separação recomendada da cabeça da *cachaça*, sendo essa a motivação para que a bebida seja denominada de *cana de cabeça*, pois, como bem explicou o informante conceptualizador e categorizador de Patos (59), é a “*Cachaça que tem cana de cabeça*”, ou seja, é um tipo de *cachaça*, em que se encontra a fração cabeça. Observe-se, nas fotos que seguem, a *cachaça* saindo de um cano do tanque de destilação, diretamente para um balde de plástico<sup>105</sup>, bem como uma parte do alambique da *cana brejeira*, a que foi denominada *cana de cabeça*, respectivamente.

Figura 15 – Alambique de *cana brejeira*



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

A nomeação *cana de cabeça* não se encontra registrada em nenhum dicionário nem artigo e livros consultados; nessas obras se encontram

<sup>105</sup> Fotografia da *cachaça brejeira*. Pesquisa etnográfica realizada em outubro de 2018.

referências às variantes *cachaça de cabeça*, *aguardente de cabeça* e *pinga de cabeça*.<sup>106</sup> Salienta-se que, na Paraíba, os usos da lexia *cana* se mostraram superiores, em comparação aos outros oito estados, dentre os quais destacam-se Pernambuco e Rio Grande do Norte, cujo total é de dez ocorrências em cada, em comparação à Paraíba, que teve 15, correspondendo a 32% do total das 47 ocorrências. Depois de *cachaça*, com 22 ocorrências nesse estado, *cana* é o segundo item mais citado como resposta à pergunta 182 do QSL, na Paraíba.

As experiências dos falantes com o saber fazer do domínio material da produção da *cachaça*, em uma comunidade em que a lexia *cana* é de alta produtividade, possibilitaram ocorrer, por metonímia, a unidade lexical *cana de cabeça*. Trata-se de uma formação em que um elemento que faz parte da produção da *cachaça* passou a nomeá-la, ou seja, a nomeação se deu, por contiguidade, com referência à “cabeça”, que é “[...] a primeira fração destilada, que contém a maior parte do metanol, altamente tóxico, e dos aldeídos.” (TRINDADE, 2006, p. 80)

Uma fração do referido líquido destilado, presente em todas as práticas de destilação, passou a representá-lo numa nomeação que a especifica, conforme parâmetros do MCI PARTE/TODO. Ao ser estabelecida essa relação, possibilitou-se destacarem os atributos da fração “cabeça”, diante de um todo, favorecendo a nomeação. Entende-se que se tem uma nomeação sinonímica para *cachaça*, que foi conceptualizada a partir de uma de suas partes, de acordo com as experiências categoriais do falante, que compreende, inclusive, que também há a *cachaça* que não contém a “cabeça”, o que dá um sentido à lógica de utilização do processo de metonímia PARTE PELO TODO para nomear a bebida como *cana de cabeça*.

O MCI por metonímia revela uma atitude do pensamento do sujeito diante de uma realidade: as *cachaças* não devem conter a “cabeça”, mas há *cachaças* que conservam essa fração e isso, por mais que não seja saudável, agrada a uma parcela do público consumidor, como se pode verificar no decorrer das respostas dos entrevistados, ao afirmarem que a *cana de cabeça* é considerada a *cachaça* legítima, pelo de Patos (59), e a *cachaça* do brejo, pelo informante de Cuité (56).

---

<sup>106</sup> Em dicionários e obras encontram-se registrados: *aguardente de cabeça*, *cachaça de cabeça* e *pinga de cabeça*.

Além do esquema PARTE/TODO, verifica-se que a *lexia cana de cabeça* também constitui-se como um elemento do esquema CONTÊINER, que, segundo Medeiros et.al. (2015, p. 4) “[...] diz respeito às noções perceptuais do corpo físico que passa a ser compreendida ora como recipiente, CONTÊINER, ora como conteúdo.” Dessa forma, a *cana de cabeça* é a *cachaça* que contém a cabeça em sua constituição interna; essa cabeça consta no “recipiente”, que, no caso, é o conteúdo da bebida alcoólica; de forma bem explícita, pode-se dizer que a cabeça está dentro da *cachaça*, que é compreendida como recipiente. Essa lógica de composição lexical se enquadra em todas as outras variantes citadas como exemplos de ocorrências em dicionários, como: *cachaça de cabeça*, *aguardente de cabeça* e *pinga de cabeça*.

Para tratar do mecanismo de nomeação lexical, deve-se compreender a concepção de categorização. Biderman (1998) relaciona a categorização a práticas de nomeação e identificação vinculadas a realidades. “A nomeação resulta do processo de categorização”. (BIDERMAN, 1998, p. 88), a qual permite que o ser humano organize o seu conhecimento.

Na categorização, há uma relação entre as ações do sujeito e sua cognição, envolvendo experiências de seu corpo e de sua mente, acrescidas da interação que estabelece com o ambiente. (DUQUE; COSTA, 2012, p. 17) Vinculando a categorização à Teoria do Protótipo, entende-se que as estruturas das categorias não são homogêneas, são flexíveis e que não se considera preponderante a noção de traços distintivos, pois o que se tem são atributos que se apresentam de forma variada na relação entre os membros da categoria.

Conforme Duque e Costa (2012, p. 18), “[...] as categorias prototípicas encontram flexibilidade exigida pelo ambiente em constante mudança”. Dessa forma, não se estabelece uma relação binária, organizada no modelo do “ter ou não ter” atributos, seguindo-se os passos semelhantes ao do “ter ou não ter” traços distintivos, o que geraria uma organização de perspectiva dicotômica, em que um elemento possuiria o *status* de pertencer ou de não pertencer a uma categoria. Nessa perspectiva de lógica binária, a cada alteração na constituição dos elementos, há um movimento de reorganização categorial.

Na teoria do Protótipo, parte-se de outra perspectiva, a de que há atributos que são considerados mais centrais enquanto outros são mais periféricos, sendo possível compreender que, por meio da categorização, a rede se organiza

conforme a natureza plural dos elementos que a compõem, para que, “[...] distribuídos em um *continuum*, diversos membros possam ser agrupados dentro de uma mesma categoria.” (DUQUE; COSTA, 2012, p. 17) Ficam, portanto, na parte central da rede, os elementos que possuem os atributos com mais proximidade dos exemplares mais prototípicos e, na periferia, os atributos cuja gradação se configuram mais distantes desses protótipos. Trata-se de uma relação categorial entre elementos centrais e periféricos, considerando a possibilidade de inclusão e convivência de elementos que possuem menos atributos com os considerados centrais da categoria.

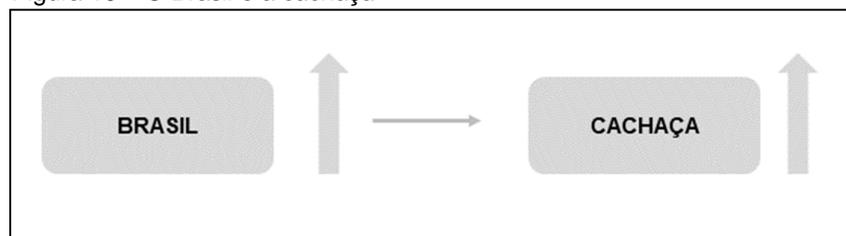
Retomando a reflexão sobre *cachaceira*, entende-se que, prototipicamente, a lexia é compreendida com relação à embriaguez, portanto, ocupa esse uso a parte central da rede categorial, em cuja periferia consta *cachaceira* como a profissional/estudiosa/produtora de *cachaça*. Como bem trazem Duque e Costa (2012, p. 18), “Dessa forma, as categorias prototípicas encontram a flexibilidade exigida pelo ambiente em constante mudança”, o que leva a entender o porquê de não haver a necessidade de as categorias serem constantemente reorganizadas, já que a natureza plural e a dinâmica das entidades são acatadas em sua essência, o que permite considerarem legítimas as inclusões e acomodações. É, dessa maneira, por exemplo, que as não-cachaças, que culturalmente são conceptualizadas por muitos como *CACHAÇA*, fazem parte da rede categorial da *cachaça*, ocupando uma de suas zonas periféricas, como a *tiquira*, o *jambu* etc.

É notório que ainda perdura a conceptualização prototípica a respeito da entidade *cachaça* que circula no âmbito de atributos que lhe conferem percepções negativas, como se pode verificar em afirmações comuns que se referem à bebida, como “a que leva as pessoas à falência”, “a que destrói vidas”, “derruba as pessoas”, ou seja, a bebida alcoólica é categorizada como “marvarda”, como se pode ver, por exemplo, na adivinhação que segue: “- O que é que pode mais que Deus? – É a cachaça, porque Deus dá juízo e a cachaça tira.” (FEIJÓ, 2001, p. 43). Nesses exemplos, constata-se a metáfora orientacional MENOS É PARA BAIXO, relacionada à orientação espacial “para baixo”, em que as concepções de *cair* e *derrubar* relacionam-se com a bebida, como se vê, por exemplo, na música epigrafada: “Ali memo' eu bebo, ali memo' eu caio”. Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 59), a metáfora orientacional “[...]”

organiza todo um sistema de conceitos em relação a um outro.” Trata-se de uma relação entre os corpos dos indivíduos, o funcionamento do ambiente em que vivem e as suas experiências físicas e culturais. “As metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação espacial [...]” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 59)

No entanto percebe-se que a unidade lexical *cachaça* recupera-se, também, em movimento oposto à metáfora orientacional MAIS É PARA CIMA, detectada em enunciados em que a conceptualização de *cachaça* é a de ser categorizada como *bendita*. Há uma frase conhecida no domínio da *cachaça* que a coloca no topo da valorização nacional, associando-a, inclusive, à condição de ascensão do Brasil, a saber: “Quando o Brasil criar Juízo e se tornar uma potência mundial, será a cachaça e não o uísque a bebida do planeta.” (FEIJÓ, 2001, p. 25) O entendimento dessa afirmativa pode ser representado abaixo, seguindo o pensamento lógico de que, se o Brasil ascender, a *cachaça* ascenderá.

Figura 16 – O Brasil e a cachaça



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

No já citado programa “Bendita Marvarda” (2016), há relatos em que constam afirmações que revelam atributos positivos à *cachaça*, como se pode verificar nas citações abaixo.

- ✓ “A cachaça é coisa de gente que sabe o que faz.”<sup>107</sup>
- ✓ “Cachaça é bacana também. [...] Você azeita as ideias com a cachaça, ela eleva a consciência, a beleza, a simpatia. Cachaça é tudo.”<sup>108</sup>
- ✓ Sendo uma bebida nossa e desvalorizada, aquilo me machucava a identidade. [...] E eu percebia que a cachaça

<sup>107</sup> Afirmação de Paulo Leite, do Empório Sagarana.

<sup>108</sup> Afirmação de Priscila Vieira, Cartunista.

rodava embaixo assim [...] era sempre escondida. [...] A cachaça tem de ficar sobre a mesa com o status do vinho. Por que não [...]? Se é uma bebida de qualidade? Uma bebida boa? Então eu comecei a fazer uma campanha bem subversiva para gente poder colocar a cachaça sobre a mesa.<sup>109</sup>

✓ “Você já provou cachaça? É bom demais.”<sup>110</sup>

✓ “As pessoas deveriam ser como uma boa cachaça: fortes, mas suaves, sem acidez.”<sup>111</sup>

Essa flexibilidade categorial que circula a conceptualização da *cachaça*, favorece com que se torne frequente a provocativa pergunta: “a cachaça é *bendita* ou é *marvarda*?” A partir dessa questão, cuja elaboração é de natureza binária, obtêm-se respostas em que ora prevalece o entendimento de que é *bendita*, ora de que é *marvarda*. Todavia, compreende-se que ela não precisa estar alocada com exclusividade em uma categoria ou em outra, pois pode a *caninha* ser conceptualizada com atributos de ambas categorizações, já que, como se sabe, para Semântica Cognitiva, a significação é, realmente, perspectivada, o que permite compreender que o domínio *cachaça* seja compreendido sob diferentes ópticas conceptuais: *bendita* ou *marvarda*; *bendita* e *marvarda*.

A estrutura cognitiva ESCALA se faz presente nas duas metáforas orientacionais citadas, que, por sua vez, são Esquemas “[...] provenientes de experiências concretas, experimentadas a todo instante pelo corpo físico em relação ao ambiente.” (MEDEIROS, *et al.*, 2015, p. 3) Portanto essas experiências dos falantes permitem que se construam padrões cognitivos em que, conforme as variáveis, como o contexto, o consumidor, o tipo e a marca da *cachaça*, por exemplo, ora seja a *caninha* compreendida como *bendita* ora como *marvarda*.

Na fala do participante homem, faixa II, ensino fundamental de Irecê (85), que responde à inquiridora: “Lá vem ela com cachaça pelo meio... Menina! (Riso) Tem nove anos que eu parei de beber, menina...”, percebe-se sendo feita uma certa repreensão à sua interlocutora, ao ser-lhe feita a pergunta 182 do QSL:

<sup>109</sup> Afirmação de Cida Chaves, escritora.

<sup>110</sup> Afirmação de Elaine Rabello, do Bar Galeto Sat's.

<sup>111</sup> Afirmação de Maria Izabel, produtora da cachaça Maria Izabel.

“Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar”. Ao responder *cachaça*, provavelmente, foram acionadas lembranças de experiências pessoais passadas do informante, as quais, pode-se inferir, devem ser por ele evitadas, para serem esquecidas. Ele a tem, no passado e no presente, como uma “Marvarda”, por isso, expressa em sua resposta, também, o Modelo Cognitivo de Esquema de Imagem que indica uma trajetória temporal, conforme o esquema ORIGEM/CAMINHO/META. (MEDEIROS, 2015, p. 6)

Nesse sentido, seria possível se traçar uma rede categorial de *cachaça* sendo compreendida como “bendita” e outra rede que a toma como “marvarda”; todavia, pensando na realidade contínua do uso da *lexia*, entende-se que não se deva pautar na perspectiva da dicotomia, mas que se deve compor a rede categorial da *cachaça* contemplando considerações que a levam a ser compreendida tanto *bendita* quanto *marvarda*.

Percebe-se que ainda há, na cultura brasileira, a conceptualização prototípica de *cachaça* sendo considerada como entidade “Marvarda”. No entanto, salienta-se que há movimentos vinculados a iniciativas de melhoramento da qualidade do produto, aliados a ações de *marketing*, realizados por pessoas dos mais variados segmentos, que trabalham para movimentar a *pinga*, tirando-a da categoria de elemento que se compõe de negatividade. Por enquanto, convivem construções em que é percebida como a “destruidora de lares” com as que lhe conferem o valor de *bendita*. Para o movimento de sua valorização, destacam-se suas propriedades organolépticas, como a diversidade de sabores e aromas, a textura, a oleosidade, o tempo de maturação e envelhecimento, entre outros elementos que asseguram a excelência na qualidade da bebida, garantida pelo mais alto grau de profissionalismo em sua produção.

Por um lado, esta é uma forma de selecionar os seus consumidores, mas, também, não se pode perder de vista a perspectiva de que essa também é uma forma de segregá-los, visto que há muitas *cachaças* que ainda são produzidas sem muito rigor na produção, o que afeta o seu padrão de qualidade, sendo essas, então, destinadas à população consumidora mais humilde, sendo que a lógica metafórica e esquemática utilizadas são as mesmas: MENOS É PARA BAIXO e MAIS É PARA CIMA.

### 3.6.3 Aspectos léxico-semânticos das variantes de *aguardente*

Na língua, há um movimento natural de ampliação do repertório de itens lexicais para designar uma realidade, que é correspondente à natureza de seu funcionamento, de sua organização e sistematização heterogêneos.

Entende-se que uma das formas eficientes de coletar informações linguísticas, para verificar a forma como os utentes interagem em certos contextos, a partir de vivências e realidades, é por meio da aplicação de questionário linguístico. Para tal, deve-se considerar uma relação estreitada com a produção de elementos culturais, sejam eles concretos ou abstratos, pertencentes ao mundo material ou das ideias. É com esse instrumento que se poderá verificar, por exemplo, utilizando-se de estratégias específicas, a frequência alta ou baixa, de uso de determinada lexia.

Lambach (2002) realizou um estudo a respeito do vocabulário pertencente ao domínio de experiência da *cachaça*, na região de Morretes - PR, por meio da aplicação de questionário a um grupo de produtores de *aguardente*, utilizando-se do método de perguntas diretas, acrescidas de conversas livres e de momentos de observação. Segundo a autora (2002, p. 7), esses outros momentos de recolha de dados, que intercalaram a aplicação do questionário, se fizeram importantes para promover, na interação, uma descontração entre a entrevistadora e os entrevistados, no decorrer da aplicação das entrevistas. O questionário, aplicado a oito informantes, constituiu-se de 116 perguntas, distribuídas em oito subáreas constituintes da fabricação da *cachaça*, a saber: engenho; cana-de-açúcar; moagem; fermentação; destilação; armazenamento; comercialização; profissão. (LAMBACH, 2002, p. 9)

O resultado da pesquisa gerou um glossário constituído de 269 unidades lexicais, as quais fazem parte de, como denomina a pesquisadora, “o vocabulário dos produtores de *cachaça* da cidade de Morretes”, cujo subsídio de cada entrada, dentre outros, é composto de conhecimentos prestados pelas pessoas entrevistadas, além de, caso tenham ocorrido, informações contidas em dicionários e em obras específicas do assunto.

Afirma a pesquisadora que

Estudar a linguagem dos produtores de cachaça significa investigar a sua história, inventariar e, ao mesmo tempo, fazer conhecidas palavras e expressões desconhecidas fora do grupo, no intuito de resgatar, registrar e preservar sua importância. (LAMBACH, 2002, p. 4)

Um fato interessante que se destaca é que, conforme Lambach (2002, p. 96), no decorrer da pesquisa, as lexias utilizadas pelos informantes para se referir à *cachaça* foram “pinga, aguardente e morreteana”, não sendo encontradas uma vasta lista de sinônimas, como se poderia esperar. A justificativa para esse baixo quantitativo de lexias sinônimas para a bebida alcoólica se fez mais interessante ainda, pois os produtores afirmaram que a grande quantidade de denominações atribuídas à *cachaça* não parte de quem produz a bebida, mas daqueles que a bebem. Entende-se que faz muito sentido essa explicação, mesmo que de teor empírico, visto que, de fato, há objetivos distintos entre aquele que produz e aquele que bebe a *pinga*: um necessita de transparência e clareza da lexia partilhada para propagar o seu produto e vendê-lo, enquanto o outro, como já se viu, muitas vezes, dentre outras motivações, criou “eufemismos” para esconder o gosto pela “marvarda”, respectivamente.

Nesse sentido, direcionando a reflexão para as denominações para *cachaça*, presentes no acervo desta tese, entende-se que fazem parte do léxico de língua portuguesa e que estão contidas no vocabulário que se refere à bebida alcoólica, estabelecendo entre os elementos constituintes uma íntima relação de enredamento. À medida que inovações do domínio da produção da bebida ocorrem, novos itens lexicais tendem a ser criados e partilhados, o que não significa que denominações tradicionais, logo, mais antigas, sejam excluídas, visto que já fazem parte da cultura da *cachaça*, da cultura de um segmento ativo da sociedade. Com essas tradicionais denominações, a ampliação do significado também se faz presente. Tem-se, portanto, uma rede vocabular complexa e diversa, bem similar à natureza heterogênea daqueles que se servem desse vocabulário.

Assim, por exemplo, separar ou não as frações do líquido destilado: a *cabeça*, o *coração* e a *cauda* ou o *rabo* são metáforas que compõem, historicamente, o vocabulário da *aguardente*, mesmo quando a explanação é de teor técnico, como se pode ver em Alcarde.

A fração 'coração', que dará origem à aguardente/cachaça, corresponde ao destilado recuperado após a fração 'cabeça', e até que o teor alcoólico do destilado na saída do condensador atinja 38% a 40% (v/v), resultando em concentração alcoólica média entre 42% e 48% nesta fração do destilado. A fração 'cauda', também conhecida como 'água fraca', é destilada após a fração 'coração' e até que o destilado na saída do condensador apresente ausência de etanol. (ALCARDE, 2017, p. 57)

Ou de teor científico, como consta em Almeida (2008, p. 110), que trata, dentre outros objetivos, da produção da *cacheça* artesanal em Abaíra - Bahia.

Como na região não existem alternativas econômicas para as frações de cabeça e de cauda (água fraca), como a produção de álcool carburante em coluna de destilação, elas são misturadas na próxima alambicada pelos produtores da cachaça comum, sendo essa técnica transmitida pelos antepassados. (ALMEIDA, 2008, p.110)

Conforme Biderman (1981, p. 138), "O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua." Como tal, contempla nomeações de conceitos e de referentes de uma sociedade, estabelecendo uma relação entre as coisas e as experiências que os seres humanos têm com essas coisas, portanto à medida em que se inserem culturalmente ampliam-se as denominações que fazem parte do domínio de experiência dessa coisa. É similar a uma rede interativa em que um elemento alimenta o outro e criam-se, numa sequência, necessidades que implicam em criação de nomes, utilizando-se, claro, dos recursos morfológicos disponíveis na língua.

Conforme necessidades designadas pelas realidades sociais e favorecendo o desenvolvimento e/ou progresso da humanidade, invenções acontecem com o objetivo de melhorar ou, simples e logicamente, de facilitar a vida das pessoas. Com a prática desse movimento, tem-se uma sociedade retratada no léxico da língua, a qual se realiza e se atualiza em vocabulários individuais e coletivos. Ao serem, os nomes, atribuídos às "engenhocas", contribuem com a ampliação da língua e isso ocorre de forma natural e com certa frequência, devido à sua natureza de sistema aberto.

Em movimento similar e sistêmico, dados os nomes aos objetos, é possível que se criem ambientes para ocorrerem variações denominativas que, por sua vez, têm como característica acompanhar as tendências e as novas realidades. Nesse sentido, as variações podem ocorrer em forma de polissemia

ou como sinonímia, correspondendo a um fluxo dinâmico que cresce à medida que o referente se inclui culturalmente e aumenta a frequência de uso na vida das pessoas. Biderman, (1987, p. 93), referindo-se a rotulações de invenções e de noções novas, a partir de nomeações de elementos que traduzem realidades constituintes da consciência de comunidades, afirma: “Eis por que o léxico das línguas vivas usadas pelas sociedades civilizadas vive hoje um processo de expansão permanente.” (BIDERMAN, 1987, p. 94)

É sabido que as experiências corpóreas dos indivíduos se constituem fundamentais para a realização de nomeações, por meio de mecanismos cognitivos, como categorizações e conceptualizações, a partir das quais se estabelecem relações categoriais prototípicas e periféricas entre os elementos variantes utilizados nos diversos contextos e em enunciados discursivos.

A pergunta 182 do Questionário Semântico Lexical (QSL) é um enunciado que segue um padrão de elaboração, sendo, em sua maioria, de curta extensão, e que compõe um elenco de questões da mesma natureza, as quais têm como objetivo coletar lexias, nas respostas dos falantes, que nomeiem os referentes nela descritos. O sentido e o referente enunciados pelo entrevistador deverão ser captados pelo entrevistado, para que este possa, com sucesso, apresentar, em suas respostas, itens lexicais variantes da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Essas lexias, para serem consideradas válidas à resposta, devem estar relacionadas à referência de elementos textuais e contextuais apresentados pelo inquiridor ao informante, que, por sua vez, aciona, conforme suas experiências corpóreas, elementos do mundo material, que promovem, a partir da categorização, a sua conceptualização, que é constituída de informações léxico-semânticas e referenciais.

Na sequência dialógica da aplicação do inquérito linguístico, importa considerar que, certamente, ambos, entrevistado e entrevistador, estão tratando de um mesmo referente. Tal afirmação pauta-se no que afirma Polguère (2018, p. 136) a respeito do referente, ao considerá-lo como [...] um elemento do mundo, isto é, uma entidade ou um fato que pertence ao mundo real ou imaginário”. Nesse sentido, deve-se levar em conta a representatividade cultural da bebida para a comunidade em questão e para os sujeitos integrantes do diálogo.

Utilizando-se do método onomasiológico, parte-se da apresentação de um conceito ou de uma informação, a fim de verificar as formas variantes que cada

informante conceptualizador e categorizador apresenta como resposta, as quais representam parte de um conjunto de denominações constituintes de um todo. Como aborda Seabra (2015, p. 75), a onomasiologia “[...] esforça-se por descobrir as forças criativas na língua, enquanto enfoca o seu aspecto psicológico e, principalmente, o seu lado cultural.” A autora cita a importância dos atlas linguísticos ao impulsionarem, em seus registros, a utilização da onomasiologia, cujo resultado permite observar, dentre outros, que o léxico da língua está relacionado à cultura de uma sociedade. Reforça a autora que, nesses atlas, como se sabe, as lexias são distribuídas, primordialmente, mas não exclusivamente, diatopicamente, levando em consideração informações socioculturais que fazem parte da vida dos falantes entrevistados. Trata-se de uma perspectiva de estudo que procura desvendar na individualidade o que faz parte das faces das coletividades.

Nessa busca das variantes que nomeiam a *aguardente*, com a aplicação do questionário utilizando-se do método onomasiológico, esperou-se ouvir, pelo menos, uma lexia como resposta do informante conceptualizador e categorizador, ou mais de uma, a partir da prática do desdobramento da pergunta que, de uma forma geral, ocorre da seguinte maneira: “Chama de outro jeito?”

A grande variedade de lexias atribuídas à bebida pode ocorrer devido a algumas explicações históricas, sociais e culturais. Dentre elas está o fato de ser feita da cana-de-açúcar, que se constituiu como um elemento de tradição nacional, situando-se em posição bem relacionada à vida cotidiana do brasileiro, com quem obteve, ao longo dos anos, uma larga possibilidade de contato, nas mais diversas situações do dia a dia. A intimidade entre a bebida e o seu consumidor possibilitou criar-se um universo de denominações, que se tornou, devido à quantidade, ora uma prática constante ora uma prática esporádica/pontual.

Como já foi assinalado, as diversas medidas para proibição da *caninha* e a conseqüente vida na clandestinidade favoreceram a criação de sinônimos, muitos dos quais foram e ainda são considerados eufemismos. Esse tipo de denominações, que acabaram se constituindo uma grande rede, possibilitava a bebida circular às escondidas dos olhos dos fiscais, que tinham, como objetivo, coibir os prazeres etílicos alheios, os prazeres da terra.

Sabe-se que a condição de embriaguez, seja neste ou em outro tempo, sempre depôs contra a *caninha* e, as experiências de seus apreciadores proporcionaram surgirem sinônimos que revelavam as apreensões por eles vividas, já que eram notificados, multados, acusados, perseguidos e até detidos pelo uso indevido e demasiado dessa bebida alcoólica. Foi assim, metaforicamente, chamada de: “[...] arrebenta-peito, assovio-de-cobra, estricnina, mijo-de-cão, pela goela, martelada, segura o tombo, pé-de-briga...” (FIGUEIREDO; VENÂNCIO, 2005, p. 41) Mas esses mesmos autores informam que já houve momento de paz e trégua, que alcançou a bebida no século XVIII, quando o seu consumo deixou de ser perseguido pelas autoridades.

Trata-se de um período de glória para a bebida, que começava a ganhar denominações carinhosas, para não dizer francamente eróticas: *branquinha, moça-branca, sinhazinha, filha-do-engenho, chora menina, lágrima de virgem...* Sem faltar as religiosas: *imaculada, santa teresinha, santinha, água benta*. (FIGUEIREDO; VENÂNCIO, 2005, p. 41).

Vilela (1997, p. 43) trata da relação das nomeações metafóricas como uma forma de reflexo das práticas socioculturais na língua, atribuindo a representatividade de elementos na sociedade em determinado tempo e espaço e assim apresenta exemplos de metáforas representativas de uma sociedade rural, como “andar de vento em popa”, “andar o carro à frente dos bois”, por exemplo e é o que se vê em “chora menina”, “filha-do-engenho” citados por Figueiredo e Venâncio, 2005, p. 41).

As denominações ultrapassam barreiras e se instalam em poemas, adágios, contos, romances, mostrando que é real a utilização das formas nos mais diversos produtos culturais. Calasans (2014, p. 128), por exemplo, apresenta os seguintes versos, colhidos no Espírito Santo, que fazem referência à bebida alcoólica, utilizando-se de uma dessas variantes, a saber:

Uma mocinha branca  
Filha de um homem trigueiro  
Quem tomar amor a ela  
Nunca junta dinheiro (CALASANS, 2014, p.128)

A referência à bebida nesse e em vários outros poemas remonta à relação viva e produtiva do exprimir-se de poetas a respeito da *caninha*, além de ser um diálogo entre autores e leitores que compartilham, muito provavelmente, ideias e sentimentos afins. É como bem traz Sapir (1961, p. 20), a respeito dessa forma

de expressar a compreensão de elementos materiais e simbólicos da vida em sociedade:

Entender um simples poema, por exemplo, não se cifra somente em entender as várias palavras em sua significação usual, mas na compreensão plena de toda a vida em comunidade, tal como ela se espelha nas palavras ou as palavras sugerem em surdina. (SAPIR, 1961, p. 20)

Mário de Andrade se dedicou a refletir sobre as denominações para *cachaça*, em artigo publicado na revista *Hoje*, em 1944, e transcrito, em 1950, pelo *Correio Paulistano*, ao qual se teve acesso. Em “Os eufemismos da *cachaça*”, Andrade (1950, p. 21) afirma que o tabu, motivado por princípios de magia, levou as pessoas a criarem eufemismos para que nomes não fossem mencionados, como ocorre com as forças maléficas do diabo, as doenças e a *cachaça*, que “[...] é socialmente considerada um mal, embora ela tenha os seus monumentos poéticos e outros.”

Em meio à exposição de provérbios, motivados pelas mais diversas abordagens, firma-se uma relação de constante convivência entre a população e a *cachaça*, a qual possibilitou a criação de adágios. Mas o autor concentra o texto nas denominações eufêmicas para a *cachaça*, que, devido à extensão da lista de denominações, afirma que já se teria criado um dicionário tão rico quanto o das denominações para o Diabo.

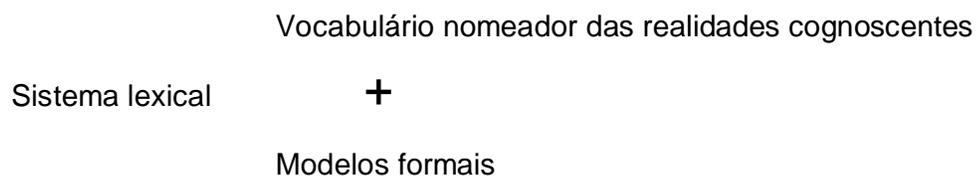
Andrade (1950) apresenta alguns autores que elencaram denominações para a bebida alcoólica em questão, declarando que, mesmo a quantidade sendo vasta, os eufemismos seguem uma certa lógica, ou melhor, “[...] seguem certas ordens fáceis de pensamento [...]” e compara aos eufemismos atribuídos ao Diabo, que diz que “[...] são mais diretamente nomes de batismo, de criação mais livres, mais inventadas”. Não nega o autor que esse tipo de denominação, que chama de criações livres, de invenção anti-expositiva também ocorra para *cachaça*, mas, em menor número, em comparação às que se referem ao Diabo. Dentre os eufemismos citados, têm-se, *abrideira*, *aguardente de beijú*, *uca*, *marafó*, *rama*, *aquiqui*, *jeribita* e suas variações.

Estabelecendo-se um diálogo com Biderman (2001, p. 13), que afirma que “Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente.”, entende-se que essa relação entre nomeação e classificação se dá em

movimentos contínuos estabelecidos entre três elementos: o falante, o ambiente físico-social<sup>112</sup> e as propriedades do sistema linguístico, que são devidamente captados e compreendidos cognitivamente pelo utente, que tanto é capaz de criar formas, e isso não ocorre de forma aleatória, como de compreender e de reproduzir as recém-criadas, que se configurem como novas ao seu conhecimento.

Sapir (1961, p. 20), ao relacionar o meio de expressão contido em uma língua à sua sociedade, informa que “É uma completa ilusão imaginar que alguém se ajuste à realidade sem o auxílio essencial da língua e que a língua seja, meramente, um meio ocasional de resolver problemas específicos de comunicação ou raciocínio.” A relação entre a diversidade social e a língua também é vista pelo linguista como um ponto determinante de interação entre o ser humano e o ambiente social, como se pode verificar na seguinte afirmação: “Não há duas línguas que sejam bastante semelhantes para que se possa dizer que representam a mesma realidade social.” (SAPIR, 1961, p. 20)

O sistema lexical é constituído, conforme Biderman (2001), ao tratar do processo individual de cognição do falante, a partir de sua realidade. Esse sistema “[...] incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical.” (BIDERMAN, 2001, p. 14). Diante dessa afirmação, infere-se que o sistema lexical pode se organizar da seguinte maneira:




---

<sup>112</sup> Sapir chama atenção para o fato de, referindo-se à língua, poder-se considerar ambiente como constituído de fatores físicos e sociais. “Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.” (SAPIR, 1961, p. 44).

Andrade (1950, p. 21-22) apresenta o que chama de processos de formação de eufemismos da *cachaça*, exemplificando-os, devidamente. Citam-se alguns:

- ✓ Substituição do álcool por uma circunstância que dele derive.
  - A cor: *branca* e *branquinha*; *azulzinha* e *azuladinha*. A partir de *branca*, surgiram: *moça-branca*, *dona-branca*, *maria-branca*.
- ✓ Substituição da “palavra-tabu” por outro líquido, como *elixir* e *água*.
- ✓ Pela quantidade do líquido. Nesses casos, afirma que a parte designa o todo: *pinga*, *pinga de cabeça*, *condório*.
- ✓ Substituição pelas fontes de origem, tanto geográficas quanto vegetais.
  - Geográficas: *Monjopina*, *Supupara* dos engenhos de mesmo nome.
  - Vegetais: *cana*, *caninha*, *cana-capim*, *caiana*.
- ✓ Associação à bebida ruim: *desmancha-samba*, *corta-baínha*, *mamãe sacode*.
- ✓ Insulto aos irracionais, ligando-os à bebedeira: *mata-bicho*, *água que passarinho/gato não bebe*, *salgar o galo*.

O artigo de Andrade (1950) revela-se como um documento histórico sobre a referência às denominações para a *aguardente*, visto que propõe, já no início, um pertinente motivo para a criação de eufemismos, relacionando-os ao tabu que se refere à bebida que tantos preconceitos sofreu e ainda sofre no país.

Souto Maior (2013) traz a informação de eufemismo, em todos os itens lexicais que assim são compreendidos e registrados, como se pode ver no verbete de *uca*: “Eufemismo de *cachaça*, registrado por Edson Carneiro, Creston Portilho, Aurélio Buarque de Holanda, Mário de Andrade, Mário Souto Maior e Vicente Salles.” (SOUTO MAIOR, 2013, p. 128)

Observa-se que Andrade (1950) organiza os eufemismos em categorias, cujos agrupamentos revelam uma organização cognitiva utilizada pelos falantes ao criarem os eufemismos. O autor não nomeou esse processo muito menos se referiu à metonímia e à metáfora como mecanismos cognitivos para as

nomeações, mas, como se viu, há eufemismos em que uma parte nomeia o todo, assim como em outros se verifica a relação entre dois domínios de experiência.

Veem-se, nas denominações elencadas por Andrade (1950), um revelar da forma de interação entre o falante e o momento sociocultural em que as denominações foram criadas. Há uma diversidade de motivos que incentivam a nomeação da bebida, dentre eles considera-se o que Biderman (2001, p. 14) chama de “[...] rótulos, através dos quais o homem interage cognitivamente com o seu meio.” Contudo tais rótulos ou etiquetas, como Biderman (1998, p. 90) se refere às palavras, não são conceitos já completados e armazenados. Portanto, podem ser fruto de categorizações de domínios diversos, como uma referência ao local em que a bebida é produzida, à sua aparência, à gramínea de que origina, a sentimentos bons ou ruins que ela desperta no sujeito.

A variedade de motivações promove uma produtividade lexical de natureza igualmente diversa, tanto na ordem qualitativa quanto na quantitativa. Muitas vezes, as motivações nomeadoras têm a ver com as afetividades de seu bebedor/nomeador, mostrando que sentimentos como amor, paixão, dor, raiva, paz, medo, saudade, entre muitos outros que habitam o íntimo do ser humano, que também podem ser mobilizadores na atribuição de nomes à bebida.

Na relação denominativa, percebe-se que fatos do ambiente físico-social influenciam as criações eufêmicas, estabelecendo-se, nitidamente, um vínculo entre o léxico e as vivências do ser, de acordo com as suas experiências no meio sociocultural. O eufemismo, conforme Henriques (2011, p. 182), está presente em quase todas as denominações para *cachaça* e isso, certamente, é motivado por avaliações sociais relacionadas à bebida, a partir das quais modelos cognitivos, como metáforas e metonímias, suportam as criações, aceitações e reproduções, que, por sua vez, são utilizadas em interações sociais revelando os esquemas mentais utilizados e compartilhados pelos utentes, que são obtidos por meio de suas experiências recorrentes. Constitui-se, dessa forma, uma rede de categorias que promove a criação de lexias vinculadas à *cachaça*, seguindo-se padrões de organização semântica que são passados/transmitidos para muitas gerações, compondo-se um verdadeiro acervo do patrimônio léxico cultural.

Sobre esse assunto, Biderman afirma que

[...] podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos de herança cultural. [...] esse tesouro léxico é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e idéias. (BIDERMAN, 1981, p. 132)

E é exatamente isso que se percebe nas denominações para a *aguardente de cana*: trata-se de um patrimônio lexical ou, sendo mais específica, um patrimônio vocabular que se formou no decorrer da história dessa bebida juntamente com a história do povo do Brasil.

Pode-se perceber, a exemplo do que fez Andrade (1950), um sistema lógico presente no processo de nomeação dos nomes-marca, o qual pode ser verificado no Quadro 5, abaixo, em que se elencam as denominações para *cachaça* apresentadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores nordestinos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Quadro 5 – Categorias de nomeação dos nomes-marca

<b>CATEGORIAS</b>	<b>LEXIAS</b>
Nome de animais	Pitú, Preá, Tatuzinho, Aratu, Jacaré
Números	21, 88, 61, 51, 71, 29, 59
Embarcação	Jangada
Ritmo	Batucada
Alimento	Caribé
Período histórico	Colonial
Domínio léxico-semântico da cachaça	Pé-de-cana, Caninha da Roça, Caninha de Ouro
Nome de Santo Católico	São Paulo
Nome da cidade produtora	Abaíra, Januária
Elementos da Natureza	Mangueira, Serra Grande, Cabeceira do Rio, Ypióca
Propriedade rural	3 Fazendas

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

No Quadro 5, há 11 categorias em que se agrupam denominações para *cachaça*, as quais, certamente, possuem representatividades socioculturais tanto para quem nomeou a *cachaça* quanto para quem a consome. É um diálogo recíproco entre a língua e os aspectos culturais das mais diversas naturezas. O simples fato de um elemento existir em um ambiente físico-social não implica em ter uma real representatividade ao ponto de passar a denominar elementos simbólicos de uma sociedade; é preciso, mais que isso, que o elemento indique condições representativas na cultura para que se estabeleça uma relação de interação social entre a comunidade e o elemento que dela faz parte. Como as *cachaças*, normalmente, são produções locais, esse fator se torna extremamente relevante.

Conforme Sapir (1961, p. 45), “[...] no que concerne à língua, toda a influência ambiental se reduz, em última análise, à influência da parte social no ambiente.” Para o autor, o fato, por exemplo, de em um local existir um animal, “[...] não basta para fazer surgir um símbolo lingüístico correspondente.” (SAPIR, 1961, p. 45) E é na perspectiva da relação entre o léxico e a cultura que Sapir (1961, p. 45), estabelece uma relação intrínseca entre esses dois elementos, ao ponto de afirmar que, a partir da língua, se pode inferir a respeito do ambiente físico e social e de aspectos culturais de um povo. Para o autor, “O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de tôdas as idéias, interêsses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade [...]” (SAPIR, 1961, p. 45)

Sobre a compilação das nomeações para a bebida, além do *Dicionário Folclórico da cachaça*, de Souto Maior (2013), destacam-se duas obras já citadas que tratam amplamente do assunto: o artigo de Seabra (2015) e o livro de Cavalcante (2011b).

Seabra (2015), na compilação das 1 070 variações para *cachaça*, e se referindo à vasta quantidade de denominações assevera:

[...] o que nos leva a refletir sobre a riqueza desse signo linguístico, dotado de variações que remetem a um amplo universo cultural interligado a uma rede de significados; variação que vale conhecer. (SEABRA, 2015, p. 13).

A autora lista os itens léxicos em ordem alfabética de A a Z, apresentando denominações como: *abençoada*, *benza-deus*, *calorenta*, *delícia*, *generosa*, *homeopatia*, *sonolenta*, *tagarela*, *vaivém*, entre outros.

Cavalcante (2011b), além de 2.116 variantes sinonímicas para a bebida, apresenta, em sua obra, “[...] 8.000 marcas de cachaça com respectivos produtores e suas cidades e estados” (CAVALCANTE, 2011b, p. 8).

As denominações para a *aguardente* se revelam de forma significativa para o estudo da bebida e isso pode ser comprovado pelo fato de que nos livros consultados, ao trazerem um elenco de sinônimos, às vezes, elencam-se apenas os nomes comuns simples, às vezes, incluem-se alguns nomes-marca, e, raramente, as lexias do tipo complexas, as UFs. Tratam-se de glossários em que se encontram registrados os sinônimos coletados pelos autores das obras e/ou os nomes-marca, que são, muitas vezes, constituintes de rótulos pertencentes à sua coleção pessoal de *cachaça*. Sobre a grande quantidade de denominações para *cachaça*, pensa-se que, como afirma Vilela (1997, p. 34), “Não há um limite fixo e claro entre as variedades de língua dentro de uma mesma língua.”

#### 4 A METODOLOGIA DA PESQUISA: O APRENDER A FAZER, FAZENDO

Você pensa que cachaça é água!  
Cachaça não é água não!  
Cachaça vem do alambique  
E água vem do ribeirão!  
(SOUTO MAIOR, 1970, p.144)

A música em epígrafe, de autoria do boêmio Marinósio Trigueiros Filho, é utilizada em contextos que remetem à demonstração de que nem tudo é o que parece, pois, apesar da similaridade na aparência, *cachaça* é diferente de água. Essa canção é uma marchinha de carnaval ainda tocada nessa festa popular, cujos versos cantados seguem dizendo que pode faltar tudo na vida, como arroz, feijão, pão, manteiga, mas não pode faltar “a danada da cachaça”. (SOUTO MAIOR, 1970, p. 144)

Dizer que *cachaça* não é água poderia ser uma afirmação óbvia, mas porque seria preciso versar sobre essa diferença? O que teriam essas bebidas de semelhante ao ponto de ser necessário distingui-las? O autor utiliza como explicação à distinção da procedência das bebidas, já que uma vem do alambique e a outra do Ribeirão, sendo que esta é natural e aquela passa por processo de produção. Nesse caso, ambas são límpidas e incolores, sendo a *cachaça* também, como foi denominada pelos informantes dos estados do Nordeste, *pura, limpa, branquinha*, como já foi assinalado.

A produção da *cachaça* possui procedimentos metodológicos, cuja sequência de passos conduzem a obtê-la como resultado. Inicia-se com o plantar da cana, seguindo com a colheita, a moagem para se obter o caldo, a decantação, a fermentação e a destilação. A partir de então, espera-se o pingar do líquido destilado para iniciar a separação e descarte da cabeça e da calda e a utilização do coração. Como se sabe, a *cachaça* de alambique é feita com o coração, a parte do meio do escoar da bebida, e para se saber onde está o coração da *cachaça*, também há métodos que permitem distingui-lo das outras duas partes.

Um caldo de cana fermentado, o mosto, é composto de, aproximadamente, 9% de álcool por litro e a destilação possibilita, no alambique, que a bebida alcance 48% de álcool. Caso a proposta da empresa seja de

trabalhar com a bebida com menor teor alcoólico, se utiliza de água para diminuir a quantidade de álcool por litro, que pode ficar entre 38% e 48%. Portanto, não há dúvida de que *cachaça* não é água e que, por isso, consumi-la com moderação é importante para o ser humano conviver bem com esse líquido que arde e, historicamente, já foi considerado a “[...] água-da-vida, *eau-de-vie*, remédio para todos os males, [...]”. (CASCUDO, 1986, p. 21)

Para conduzir a pesquisa das denominações de *cachaça* nos estados do Nordeste brasileiro, desenvolveu-se, juntamente com a concepção dos estudos dialetológicos, uma condução metodológica interdisciplinar, conciliando-os aos estudos da Etnolinguística e da Linguística Cognitiva. Com isso, na fundamentação teórico-metodológica e na análise dos dados, tratam-se dessas três vertentes da Linguística, ora de forma separada ora de forma dialógica. O fato de possuírem afinidades metodológicas e teóricas permitiu ocorrer uma excelente linha de conversa interdisciplinar entre a Dialectologia, a Etnolinguística e a Linguística Cognitiva.

Devido à natureza dos dados trabalhados, nesta tese, se fez necessário, ainda, buscar suporte teórico-metodológico na Lexicologia e na Onomástica, e isso garantiu se realizarem as análises das denominações consideradas como respostas, suportadas também nos princípios de vertentes da linguística que se dedicam a refletir a respeito do léxico da língua, aliado às questões culturais e cognitivas.

Conforme Fazenda, Tavares e Gody (2015, p. 23), com o estudo interdisciplinar, “[...] criamos a possibilidade de reconstruir a totalidade pela relação entre os diversos conceitos, a partir de distintos recortes da realidade, dos diversos campos das ciências, possibilitando a compreensão das razões dos seus significados.” Afirmam ainda as autoras (2015, p. 12) que a pesquisa que utiliza uma metodologia nessa linha possibilita ao pesquisador acessar novos saberes e aguçar novos olhares. Considera-se, portanto, que se traz uma forma inovadora de pensar sobre a denominação para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, utilizando-se das vertentes citadas, visto que se amplia a forma de problematizar o objeto de estudo, sendo essa uma inquietação que motivou o pensar o tema interdisciplinarmente, para que a pesquisa assim se realize.

Perceber a interdisciplinaridade nesta pesquisa realizada é mais que uma atitude de vanguarda, é um desafio, visto que, para se fazer um estudo

interdisciplinar, é preciso saber pensar interdisciplinarmente. E assim se constituiu o desafio de pensar no todo, conciliando o que aproxima e o que diferencia a Dialetologia, a Etnolinguística e a Linguística Cognitiva.

Com esse diálogo, abre-se o caminho para inovação na compreensão dos dados do Projeto ALiB, produzindo conhecimento que procura buscar a distribuição de denominações, aliada a uma concepção dos dados como itens que foram processados conforme experiências obtidas culturalmente pelo informante conceptualizador e categorizador, numa relação entre corpo, mente e espaço/contexto.

Para Fazenda, Tavares e Gody (2015, p. 12), “A interdisciplinaridade metodológica nos incita a sair dos muros da academia [...]” e foi isso que se fez nesta tese, com um vestir de interdisciplinaridade que levou a pesquisadora a pensar além das caixas de cada vertente da ciência, se aprofundando em conhecimentos essenciais que conduziram a um olhar inovador sobre um objeto de estudo, em que o exercício maior foi fugir da fragmentação do saber, o que lhe possibilitou enxergar um todo interseccionado de pontos afins das vertentes distintas. Por isso, distinguir metodologicamente *cachaça* de água, como se fez no início da seção, traduz a natureza desta pesquisa, que inicialmente iria ser de caráter dialetológico, mas a curiosidade científica da pesquisadora permitiu um caminhar interdisciplinar em que o conhecimento de mundo aliado à cultura popular do Brasil, relacionados à *aguardente* se fizeram importantes nas conduções teóricas e metodológicas.

Segue-se esta seção, apresentando a metodologia adotada para a realização desta tese de doutoramento. Concentra-se a explanação na exposição do objeto de estudo; os informantes; as localidades; o questionário linguístico; o tratamento dos dados; os nomes-marca; o estudo etnográfico; os mapas.

#### 4.1 O OBJETO DE ESTUDO

A definição do objeto de estudo se iniciou com a escolha do *corpus* a ser trabalhado: os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), especificamente, os coletados para a pergunta 182 do Questionário Semântico Lexical (QSL): “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?”

(COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36), pertencente à área semântica “Alimentação e Cozinha”, cujo lema é a resposta *aguardente*.

O *corpus* foi constituído pelos inquiridores do Projeto ALiB, por meio de entrevistas realizadas a informantes que possuíssem o perfil pré-determinado pelo Comitê Nacional que coordena o Projeto.

A pergunta 182 do QSL consta em *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36), que, ao total, é constituído de 410 perguntas e foi aplicado a 1 100 informantes, em 250 localidades brasileiras, distribuídas nos 26 estados do território nacional.

Para este estudo, fez-se um recorte da área linguística trabalhada pelo Projeto ALiB; o *corpus* é constituído das respostas apresentadas pelos entrevistados dos nove estados da região Nordeste do Brasil, que, como se sabe, são: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Partindo das respostas de cada informante, que consta no banco de dados do Projeto ALiB, o registro das variantes das denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar foi transcrito e estudado sob à luz da Dialetologia, da Linguística Cognitiva e da Etnolinguística.

#### 4.2 OS INFORMANTES

Os informantes do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em linhas gerais, foram selecionados conforme critérios estabelecidos em sua metodologia, como: serem moradores e naturais das cidades em que se aplicaram os questionários linguísticos; não se terem afastado dessa cidade ou região por mais de um terço de suas vidas; não exercerem profissão que promovesse mobilidade frequente (CARDOSO *et al.*, 2014a). Além disso, deveriam ter a dentição em condições consideradas adequadas, para que não houvesse prejuízo na captação da pronúncia das respostas e, posteriormente, na audição e transcrição dos inquéritos por parte dos pesquisadores e/ou transcritores.

Também de acordo com a metodologia do Projeto ALiB, que segue os princípios da Geolinguística pluridimensional, os informantes foram selecionados em cada localidade, conforme sexo, escolaridade e faixa etária específicas,

tendo a seguinte distribuição equitativa: quatro homens e quatro mulheres nas capitais e dois homens e duas mulheres no interior; duas faixas etárias: I - 18 a 30 anos e II - 50 a 65 anos; dois níveis de escolaridade: ensino fundamental incompleto e universitário nas capitais e, apenas, fundamental incompleto nas cidades do interior.

Das formas constantes nas respostas dos informantes, ocorridas nas entrevistas, fez-se o levantamento de sua distribuição nas localidades, realizando diversas abordagens de análises, como, por exemplo, o controle das ocorrências distribuídas em todas as cidades; o controle das respostas apresentadas pelos informantes das capitais e das que foram ditas pelos que moram nas cidades do interior, excluindo as capitais; além de verificar se há formas exclusivas de falantes das capitais, das cidades do interior ou formas recorrentes apresentadas em determinado estado ou determinada cidade.

Além disso, buscou-se verificar a associação das ocorrências às variáveis que se referem à faixa etária, à escolaridade e ao sexo do informante. Portanto, neste estudo, a partir das respostas dos entrevistados nas capitais e nas cidades do interior, controlou-se a dimensão diatópica aliada às dimensões diafásica, diastrática, diassexual dos informantes.

Os usos da língua foram estudados de forma abrangente, não restrita ao conhecimento linguístico dos informantes em relação ao elemento abordado na pergunta, mas considerando a sua interação com o próprio referente, a *aguardente*, o qual está relacionado aos hábitos, costumes da cultura local e/ou nacional e à sociedade em que vivem.

As entrevistas realizadas na região Nordeste do Brasil contêm um *corpus* constituído das respostas de 348 informantes, dos quais 72 são das capitais e 276 das cidades do interior. Todas as respostas obtidas à pergunta 182 dos 348 inquéritos das localidades do Nordeste foram transcritas. Nessa transcrição consta o diálogo ocorrido entre o inquiridor e o informante, no decorrer da realização dessa pergunta. Dessa forma, os exemplos de diálogos entre inquiridor e informante, apresentados nesta tese, possuem, como fonte, o banco de dados do projeto ALiB. No decorrer deste estudo, cada exemplo de diálogo citado é apresentado, numa sequência de enumeração, conforme vai ocorrendo no texto; além disso, é acompanhado de informações, de acordo com a

metodologia do Projeto ALiB, como a localidade em que ocorreram, o sexo e a escolaridade do entrevistado.

A quantificação total de informantes nos nove estados, conforme a metodologia do Projeto ALiB, pode ser verificada no Quadro 6.

Quadro 6 – Quantidade de Informantes por estado - ALiB

ESTADOS	INFORMANTES
Maranhão	40
Piauí	24
Ceará	52
Rio Grande do Norte	24
Paraíba	28
Pernambuco	52
Alagoas	20
Sergipe	16
Bahia	92
Total	348

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

#### 4.3 AS LOCALIDADES: O NORDESTE DO BRASIL

A coleta de dados que compõem o *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil nos nove estados nordestinos ocorreu em 78 localidades.

A escolha das localidades por estado brasileiro, para compor a rede de pontos do Projeto ALiB, deu-se mediante alguns critérios, como: os que foram apresentados por Antenor Nascentes, na publicação *Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil* (1958); a densidade demográfica; sua distribuição espacial, para que um ponto não ficasse muito próximo de outro; as zonas dialetais definidas em estudos anteriores; a importância histórica e cultural da localidade; os limites interestaduais e internacionais (ISQUERDO; TELES, 2014).

Conforme esses critérios, tem-se uma distribuição quantitativa de pontos em cada estado do Nordeste brasileiro, contemplando a capital e as cidades do interior. Todas as localidades são identificadas, pelo Projeto ALiB, com uma

numeração, a qual, no decorrer desta tese, é apresentada sempre que a cidade é mencionada.<sup>113</sup>

No Quadro 7, se encontra a quantidade de pontos pesquisados pelo Projeto ALiB, em cada estado.

Quadro 7 – Quantidade de pontos da região Nordeste - Projeto ALiB

ESTADO	TOTAL
Maranhão	9
Piauí	5
Ceará	12
Rio Grande do Norte	5
Paraíba	6
Pernambuco	12
Alagoas	4
Sergipe	3
Bahia	22

Fonte: ISQUERDO; TELES (2014, p. 74)

Como se pode verificar, varia a quantidade de pontos em cada estado e isso também se deve aos critérios de seleção de pontos do Projeto, dentre os quais, nesse caso, o principal é o da densidade demográfica. Sobre este assunto, Isquerdo e Teles afirmam

[...] a configuração da rede de pontos é um dos procedimentos metodológicos fundamentais nas pesquisas geolinguísticas, que têm como objetivo primordial garantir a recolha dos dados em um feixe de localidades que permitam a depreensão da variação diatópica em uso. A rede de pontos, tem, pois, a finalidade de assegurar a representatividade da documentação da variação espacial da língua [...]” (ISQUERDO; TELES, 2014a, p. 37)

Utilizando a metodologia estatística da amostragem, cada entrevistado é representante de suas localidades, como, por exemplo, o homem jovem de escolaridade fundamental que representa a cidade de Propriá (78) – Sergipe. Por esse motivo, os pesquisadores do Projeto ALiB foram capacitados para

<sup>113</sup> A numeração de cada localidade que pertence à rede de pontos do Projeto ALiB pode ser verificada em ISQUERDO; TELES, 2014, p. 74.

serem bastante criteriosos na escolha de informantes, obedecendo aos parâmetros pré-estabelecidos.

Esses parâmetros metodológicos permitiram que perguntas como as citadas abaixo tenham sido respondidas, ao final desta tese:

- i. que formas foram ditas pelos informantes de determinado estado, cidade?
- ii. Que itens léxicos se apresentam em um estado e não em outro?
- iii. Que itens foram ditos exclusivamente em determinado estado?
- iv. Qual a representatividade dessa bebida em cada estado, conforme as significações culturais presentes nas denominações para a bebida alcoólica, por exemplo?

Entendendo que o informante conceptualizador e categorizador não irá apresentar como resposta todas as formas que conhece ou que já ouviu falar em sua vida, mas informará a forma que se lembrou no momento da entrevista, a que está enrustada em sua mente, a que representa a sua conceptualização a respeito da bebida, considera-se que há formas que são ditas e há formas que são por ele conhecidas, mas que não serão/foram ditas, e que assim o seria mesmo que fossem entrevistadas todas as pessoas da cidade.

Neste estudo, no decorrer da identificação dos itens constantes nas respostas à pergunta 182 do QSL, pôde-se verificar as denominações que seguem um *continuum* de ocorrências de um estado ao outro, “atravessando” os limites geográficos. Além disso, há formas que estão presentes em apenas uma localidade, há as que ocorreram nos nove estados, entre outras possibilidades de ocorrência.

A análise dos dados foi realizada sob os princípios da metodologia quantiquantitativa, que, segundo Fazenda, Tavares e Godoy (2015, p. 62), “[...] mescla as duas modalidades de pesquisa: tanto a quantitativa como a qualitativa.” Conforme ainda as autoras, para que uma pesquisa seja assim classificada, tem de haver um equilíbrio das modalidades, ou seja, não poderá prevalecer uma ou outra.

Entende-se, portanto, que, nesta pesquisa de doutorado, analisaram-se os dados pertencentes ao banco de dados do Projeto ALiB, de forma quantiquantitativamente e o que favoreceu essa condução foi o direcionamento para o pensar interdisciplinar, que refletiu a necessidade de se ter igualmente

uma postura interdisciplinar. Para se fazer uma pesquisa utilizando-se dos princípios da interdisciplinaridade, tem que se aprender a pensar nesse direcionamento e esse é um exercício oneroso para quem sempre pensou disciplinarmente. É um ressignificar no fazer da ciência.

Dessa forma, neste estudo, utilizaram-se as abordagens quantitativas, que levam a se conhecerem, em números absolutos e percentuais, as lexias mais e menos citadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores em suas respostas, sendo realizados os mais diversos controles, como por localidades, por escolaridade e por sexo do informante. A interpretação das respostas dos entrevistados na linha qualitativa, que é de teor subjetivo, permitiu que fossem feitas reflexões, a partir de percepções vivenciadas pela pesquisadora, que a levaram a considerações e conclusões que individualizaram o trabalho, dando, assim, uma identidade a esta pesquisa, que se refere às denominações à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

No decorrer da organização das respostas, os descartes de itens ocorreram, conforme se apresentaram no discurso do(s) informante(s), e isso foi feito sob o olhar da perspectiva metodológica qualitativa. Para se afirmar que, dentre as ocorrências, há as formas mais prototípicas e as mais periféricas, não basta realizar uma análise quantitativa em se comparar numericamente as ocorrências, mas é imprescindível considerar a metodologia qualitativa na interpretação, pois, nesse caso, as individualidades locais devem ser consideradas. Por exemplo, o fato de a *cachaça São Paulo* só ter uma ocorrência a incluiria apenas em um bloco denominado “ocorrências únicas”, conforme conduções da análise quantitativa, mas é relevante considerar o fato de esse nome-marca ter sido dito por um informante do estado em que a bebida é produzida. Como é uma bebida reconhecida pelos conterrâneos, apresentou-se como resposta de um deles à pergunta 182 do QSL e isso é de extrema importância na análise de abordagem qualitativa. Vê-se, portanto, que a metodologia quantiqualitativa é de aplicação adequada à interpretação dos dados desta pesquisa empreendida, coadunando perfeitamente com a abordagem interdisciplinar realizada entre as três vertentes da linguística aqui consideradas.

#### 4.4 O QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO

A aplicação do Questionário Linguístico do ALiB, realizada pelos pesquisadores do Projeto, nos estados do Nordeste, ocorreu entre 2003 e 2013.

Em cada entrevista, conheceu-se um universo de informações advindas de um alguém disposto a dialogar com um desconhecido por um tempo aproximado de 3h e 30 min sobre tudo que lhe fora perguntado: as coisas da vida, da terra, dos seres.

As 410 perguntas do Questionário aplicado a cada participante estão subdivididas em três questionários básicos: Questionário Fonético Fonológico (QFF) – 159 perguntas; Questionário Semântico Lexical – (QSL) – 202 perguntas; Questionário Morfossintático (QMS) – 49 perguntas (CARDOSO, 2013). Há, ainda, Questões de Pragmática, Prosódia, Temas para Discursos Semidirigidos, Perguntas Metalinguísticas e um texto para leitura: “Parábola dos sete vimes”.

A realização da pergunta 182 do Questionário Semântico Lexical (QSL), geralmente, deu-se pelo entrevistador seguindo a orientação do cabeçalho da questão constante no Questionário: “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36)

Contudo, salienta-se que, para obtenção das respostas, em alguns casos, o entrevistador elaborou a pergunta inicial de forma similar, sem se distanciar do conteúdo principal, como ocorreu em União dos Palmares (74), Alagoas, com a informante Faixa I, fundamental:

- (19) INQ. — E a bebida que é feita de cana-de-açúcar, qual é? Bebida alcoólica? Qual a bebida que faz aqui?  
 INF. — Com cana de açúcar?  
 INQ. — Sim. Que bebida é que os homens bebe aí?  
 INF. — O povo só... aqui mesmo gosta de 51.

A variação na elaboração da pergunta ocorreu, algumas vezes, no decorrer dos inquéritos realizados no Nordeste do Brasil, mas isso não interferiu na qualidade dos itens obtidos como resposta, visto que as informações essenciais da pergunta constam na elaboração variada e conduziram o informante conceptualizador e categorizador a respondê-la, como: “ser bebida alcoólica” e advinda da “cana-de-açúcar” etc. Com isso, o entrevistado

categoriza a bebida, apresenta a denominação na resposta, conforme a pertinência dessas informações presentes na pergunta.

Outro aspecto a se destacar é que, seguindo a aplicação do questionário, alguns inquiridores do Projeto ALiB, após obterem a resposta inicial, desdobraram a pergunta, a fim de verificar se o informante saberia outros nomes para a bebida e, sabendo, se os apresentaria na situação comunicativa em questão. Esse desdobramento possibilitou obter uma maior quantidade e uma variedade de itens lexicais nas respostas, dentre os quais podem estar os de menor grau de prototipicidade da categoria da qual emergem. Os desdobramentos foram assim subcategorizados: (i) *chama de outro jeito*; (ii) *inquiridor parte da resposta do informante*; (iii) *iniciativa do informante*; (iv) *outros tipos de pergunta*.

Ao responder à pergunta 182, o informante, no QSL, lidou com 181 questões anteriores, que estão distribuídas em 12 áreas semânticas distintas, incluindo a de Alimentação e Cozinha. Na realização de cada pergunta do Questionário Semântico Lexical do ALiB, o entrevistador utilizou o método onomasiológico. Dessa forma, de maneira dialógica, no decorrer da aplicação do QSL, o inquiridor fez perguntas ao informante apresentando-lhe o conceito: “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana de açúcar?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36), que lhe possibilitou respondê-la com item ou itens que conhece e/ou com o que lembrou naquele momento.

O conjunto de respostas de todos os informantes conceptualizadores e categorizadores do Projeto ALiB constitui-se o *corpus* da pesquisa e, a partir delas, tem-se uma rede onomasiológica composta de formas que se referem ao conceito apresentado. Essa rede está organizada de forma que se possa visualizar todas as respostas, de uma maneira geral e/ou em partes, podendo-se verificar a rede completa e redes segmentadas, em partes, conforme os estratos controlados. Como a *aguardente* feita com o caldo da cana-de-açúcar foi, historicamente e, no senso comum, associada à população de baixa renda e aos consumidores do sexo masculino, torna-se importante o controle das respostas apresentadas na aplicação do questionário a informantes de sexos e escolaridades distintas, a fim de verificar o conhecimento e o entendimento de cada segmento: homem e mulher de escolaridades fundamental e universitária, possibilitando cruzamento de informações como: homem universitário X mulher

universitária; homem fundamental X mulher fundamental; homem universitário x homem fundamental; mulher universitária x mulher fundamental.

#### 4.5 O TRATAMENTO DOS DADOS

Para o estudo dos itens lexicais constituintes das respostas dos informantes à pergunta 182 do Questionário Semântico Lexical (QSL), pertencentes ao banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, seguiram-se os procedimentos metodológicos já citados e os que se apresentam a seguir.

##### 4.5.1 A audição dos inquiridos

De posse de todos os áudios em que constam os inquiridos linguísticos gravados pelos inquiridores do Projeto ALiB, nas localidades do Nordeste brasileiro, realizou-se a audição da pergunta 182 do QSL em cada inquirido. Os áudios estão disponibilizados em modo MP3 e *Wave* e arquivados em um computador.

Nessa atividade de audição das respostas, observou-se que alguns inquiridores não fizeram a pergunta 182 na sequência esperada, após a pergunta 181 e, com isso, ocorreram as seguintes situações:

- ✓ o inquiridor antecipou a pergunta, devido a alguma oportunidade contextual, sendo necessário procurar em todo o áudio o momento em que a pergunta foi feita.
- ✓ O inquiridor não realizou a pergunta no decorrer do inquirido e aproveitou a oportunidade de fazê-la nas *Perguntas Retornadas*, que metodologicamente ocorrem ao final, com o objetivo de realizar as perguntas que o informante disse não saber a resposta ou tê-la esquecido.

Além disso, há casos em que não se têm as respostas dos informantes, devido a situações como:

- ✓ o inquiridor não realizou a pergunta no decorrer do inquirido e não a fez nas *Retornadas*, com isso se ficou sem a resposta desse informante para a pergunta 182. Para casos como esse, há apenas um informante da Cidade de Ipatu (49), no Ceará.

- ✓ O informante disse não saber o nome da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Há três casos ocorridos nos inquéritos estudados, um no Crato (50) – Ceará; um em Brejo (27) e outro em Bacabal (28), ambas cidades do Maranhão.
- ✓ O inquérito foi realizado, mas não foi possível ter acesso aos áudios, como a do inquérito da informante Mulher, faixa 1, ensino fundamental, da cidade de Natal (53), Rio Grande do Norte.

Dessa forma, esta pesquisa contou com a resposta de 343 dos 348 entrevistados.

#### 4.5.2 A transcrição grafemática

Para a transcrição grafemática, contou-se, quando possível, com o apoio, dos trabalhos já realizados pelos transcritores do Projeto ALiB. Contudo, foi necessário, ao ouvir cada inquérito, transcrever o diálogo na íntegra, pois consideram-se na análise os contextos textual e situacional em que os itens foram apresentados pelos informantes e pelos inquiridores.

Nos casos em que a pergunta foi feita da forma padrão ou similar, optou-se por não transcrevê-la, representando-a com [...] e iniciando-se as transcrições a partir da primeira resposta do informante. Já nos inquéritos em que os inquiridores do Projeto ALiB alteraram a elaboração da pergunta inicial, houve a sua transcrição, como se pode verificar na pergunta feita pelo inquiridor, no inquérito realizado em Jacobina (86), com o informante da faixa etária II, ensino fundamental – exemplo 20.

- (20) INQ. — E uma bebida que a pessoa faz de cana nos alambiques, como é que chama aqui?  
 INF. — É a *Cabeceira do Rio*.  
 [...]

Na transcrição do diálogo, conservaram-se aspectos inerentes à modalidade falada, como marcadores conversacionais “né, eh..., hum..., ahn...”, anacolutos, hesitações, pausas, interrupções, repetições, perda e retomada de turno, retificações, palavras pronunciadas de forma incompleta e complementadas por outra. Foram desconsideradas na transcrição grafemática

as variações de pronúncia que, normalmente, ocorrem em situação informal ou semiformal de fala, como *num*, *pra*, *mermo*, entre outros, que foram grafadas como a norma padrão estabelece: *não*, *para*, *mesmo*, respectivamente.

Outras convenções foram adotadas na transcrição, a saber: as pausas na fala foram indicadas com reticências "..."; os risos foram sinalizados como: (risos); as continuações murmuradas no diálogo foram registradas como hum... hum...; as passagens ininteligíveis foram identificadas como (ININT).

Essas decisões referentes à transcrição ocorreram a fim de que haja uma uniformização na apresentação das informações, o que pode garantir uma leitura mais dinâmica do diálogo, visto que, por exemplo, quando ocorrerem risadas, sejam elas longas ou breves serão tratadas como (risos). Caso alguém queira estudar com profundidade as emissões de risos, ao se falar da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, já terá indicação de onde ocorreram, mas terá de ouvir os áudios para verificar a intensidade desses risos, por exemplo.

#### **4.5.3 Levantamento, controle e análise dos dados**

O levantamento dos dados coletados foi realizado por meio da audição dos inquéritos, da transcrição do trecho em que o diálogo entre entrevistador e entrevistado ocorreu, ao ser feita a pergunta 182 do QSL. Nesse diálogo, na resposta do entrevistado, ocorrem as denominações que se referem à *aguardente*.

Em todas as transcrições, foi anotada a identificação do áudio e o momento exato em que o início da pergunta consta nele registrada, sendo indicada a hora, o minuto, o segundo, para facilitar a busca, em caso de necessidade de reconsultar o arquivo gravado, o que ocorreu, diversas vezes, no decorrer do controle e da análise das respostas.

Com a transcrição realizada, conforme descrita no item 3.5.2, se pôde fazer um estudo dos itens lexicais no contexto em que foram realizados, levando em consideração que, macrotextualmente, compõem o momento de um diálogo constituído de perguntas e respostas, mas que, microtextualmente, cada resposta possibilitou interpretações.

Alguns levantamentos e controles dos itens obtidos como resposta foram feitos, a fim de organizar as informações em planilhas, para que pudessem

suportar melhor a interpretação das denominações para a *aguardente*, como o levantamento dos itens apresentados nas respostas sem a inclusão dos diálogos. Partindo desse controle, outros levantamentos ocorreram, como o que permitiu verificar a quantidade de cada item no estado, identificando as localidades em que ocorreu; o agrupamento de variantes ocorridas por cidade, sendo controlada a quantidade de cada item na localidade; a organização da quantificação dos itens, separados por estado, por cidade e a verificação do total de ocorrência de cada item. A compilação da exegese realizada foi também apresentada, na seção de Análise dos dados, organizadas em tabelas, quadros e gráficos. Esses gráficos, conforme a natureza dos resultados, puderam se apresentar em três tipos: barras, colunas e pizzas.

Como consequência desse levantamento dos dados do Projeto ALiB, organizaram-se as informações conjuntas de todos os estados e cidades, permitindo visualizações como os itens se apresentaram em toda a rede de pontos de um estado, os que constaram em todos os estados do Nordeste, os itens que ocorreram em estados e cidades vizinhos, em apenas um estado ou em uma cidade, entre outras possibilidades de interpretações.

Para a análise das denominações para a *aguardente*, controlou-se a sua apresentação nas respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores do Projeto ALiB da seguinte maneira: se ocorreram nas respostas iniciais e, nessas, se foram o primeiro, o segundo, o terceiro ou quarto item da resposta; se ocorreram após o desdobramento da pergunta, indicando-se, inclusive, a forma de desdobramento.

O controle das respostas únicas e das respostas iniciais, como o primeiro item, permitem verificar as formas encrustadas na mente do falante entrevistado, visto que, ao lhe ser perguntado sobre a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, apresenta o informante o item que lhe veio à lembrança, sendo este o que se encontra mais avivado em sua percepção da informação que lhe fora apresentada, seja porque é usuário da bebida, seja porque ouve o item com mais frequência, ou porque é o uso comum na comunidade onde vive, como a sua família assim denominava a bebida ou porque é a forma de sua preferência individual, entre outros.

As respostas apresentadas nos desdobramentos permitiram verificar a ocorrência de variantes, bem como a sua abrangência, tanto no que se refere às

categorizações e conceptualizações dos indivíduos como na representação cultural das lexias nas localidades em que ocorreram.

A partir do controle total dessas respostas, associadas aos aspectos diatópico, diastrático e diafásico, puderam-se organizar as formas em redes radiais e em redes esquemáticas, em que é possível visualizar como, na conceptualização de cada informante, ele categoriza a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, e como, no conjunto, as formas se comportam: prototípicas e/ou periféricas. Assim, realizaram-se interpretações a respeito das formas, conforme os princípios da Linguística Cognitiva, a partir da conceptualização do conceito apresentado ao informante.

Considerando que as respostas fazem parte do acervo cultural de uma comunidade ou até de um uso individual, um idioleto, a abordagem da teoria da Etnolinguística se fez necessariamente presente na análise dos dados, visto que, como se sabe, há formas que são idiomáticas, de uso nacional, mas há as que são variantes diatópicas, como *limpa*, por exemplo, que só ocorreu em respostas de informantes conceptualizadores e categorizadores do estado de Sergipe e até os nomes-marca de *aguardentes* que, inicialmente, só circulam no estado em que são fabricadas ou, no máximo, em estados vizinhos. Para esse uso, por exemplo, é possível realizar uma análise interdisciplinar entre as três vertentes, considerando a variação diatópica, a representatividade do item lexical em determinada cultura, revelando-se na identidade de um povo e o modelo e os processos cognitivos utilizados para a conceptualização da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Nesse sentido, fez-se ainda um estudo do processamento dos usos das denominações da bebida alcoólica, realizados por meio de Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), envolvendo processos metonímicos, por exemplo.

Neste estudo, por meio da metodologia quantiquantitativa conciliou-se um afinado diálogo interdisciplinar entre a Dialectologia, a Etnolinguística e a Linguística Cognitiva.

#### 4.5.4 Pesquisas em dicionários, vocabulários e em obras especializadas

À medida que foram realizadas as transcrições dos inquéritos, fez-se o levantamento e a catalogação dos itens lexicais constantes nas respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores.

Partindo dessas respostas, as lexias ocorridas foram classificadas como simples, *caninha*, ou complexas, *tampa de sabugo*, as quais, também foram organizadas como nomes comuns, *aguardente*, e nomes-marca, como *51*.

Após o levantamento dessas formas, realizou-se a consulta a dicionários da língua portuguesa em meios eletrônicos e a dicionário específico do tema em meio físico, assim como a dicionário folclórico e a um vocabulário *on-line*<sup>114</sup>. Consultaram-se, também, livros e artigos científicos que tratam do assunto e apresentam listas/vocabulário com as denominações para a bebida. Seguem os nomes das obras consultadas:

**(i) Dicionários *on-line***

*Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa*

***Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa***

*Dicionário Aulete Digital*

**(ii) Dicionário Folclórico da área de estudo**

*Dicionário Folclórico da Cachaça* (SOUTO MAIOR, 2013)

*Dicionário do Folclore Brasileiro* (CÂMARA CASCUDO, 1998)

**(iii) Vocabulário *on-line***

*LEXISS - Lexicografia Intercultural do Sertão Semiárido* (2013)

**(iv) Publicações que possuem Vocabulário da bebida**

*Cachaça, moça branca: um estudo do folclore* (CALASANS, 2014 [1951], (2014)

*Cachaça: prazer brasileiro* (CÂMARA, 2004)

*Cachaça: cultura, origem, variações* (SEABRA, 2015)

*Todos os nomes de Cachaça*. (CAVALCANTE, 2011b)

Partindo do levantamento das formas e da consulta aos dicionários, transcreveram-se as definições constantes em cada obra e, assim, se pôde verificar se os itens lexicais apresentados nas respostas dos participantes do ALiB estão neles registrados como designativos da bebida alcoólica feita da

---

<sup>114</sup> No apêndice constam os controles da dicionarização de cada lexia.

cana-de-açúcar. No artigo e nos livros que tratam da bebida, verificou-se se os autores citaram, nas listagens constantes nas obras, os itens respondidos pelos informantes. Com essa consulta, também se sanaram dúvidas sobre os itens lexicais que foram mencionados pelos informantes.

Dos dicionários foram transcritas, numa planilha de controle, todas as informações do verbete, destacando a etimologia da lexia, as abonações e verificando se o autor a menciona ou a indica como sinônimo de *cachaça*. Além disso, se controlaram os estados em que ocorreram para que se tenha uma visão ampla e conjunta de cada item. As obras *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa* e *Michaelis moderno dicionário da língua portuguesa* possuem uma lista de sinônimos de *cachaça*, que foi considerada no controle dos itens respondidos pelos informantes.

#### **4.5.5 O estudo etnográfico em engenhos de cana e em museus temáticos**

Além de todos os procedimentos metodológicos já mencionados, foi necessário adentrar no universo da *aguardente* de cana-de-açúcar. Para isso, buscou-se realizar uma pesquisa de cunho etnográfico, que é “[...] o estudo da parte material da cultura popular [...]”, conforme Boléo (1991, p. 257), a partir da imersão em leituras e em ambientes que tratam do tema.

O mergulho no domínio da experiência foi feito de diferentes maneiras, como, por meio da leitura de obras que tratam, de forma específica, dessa bebida alcoólica, desde as que se concentram em narrar a sua história, com as devidas reflexões, até as que abordam suas especificidades técnicas, científicas, culturais e tecnológicas, bem como as que abordam as curiosidades e os folclores que a envolvem. Além disso, se fizeram necessárias visitas a museus temáticos da bebida e a engenhos onde *cachaças* são produzidas.

As vivências devem ser compreendidas em sua amplitude, como uma maneira de amparar a construção do conhecimento, e isso possibilita que sejam feitas leituras de obras específicas, bem como serem assistidos a programas televisivos e a vídeos especializados, além de consulta a *sítes* que se dedicam a divulgar os estudos realizados sobre a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. São experiências que se somam à pesquisa científica de forma que, gradativamente, passa-se a melhor compreender esse universo tão complexo

que envolve tradições familiares, alquimia, economia, além de fatos históricos do país, vinculados a aspectos culturais.

Para ampliar conhecimento e aprofundar o envolvimento com o tema, algumas imersões foram necessárias, como a ida a museus da *cachaça* e a engenhos de cana. Nos museus, se encontraram informações históricas que permitem que se conheçam fatos que envolvem pessoas, equipamentos, modos de trabalho e o desenvolver da própria bebida. Nos alambiques em que se produzem a *cachaça*, foi possível vivenciar, *in loco*, a feitura da bebida seja a industrializada ou a de fabrico artesanal.

Conforme Marconi e Lakatos (2017, p. 203), a pesquisa de campo “[...] consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes para analisá-los”. Indicam ainda as autoras que as leituras precedam a pesquisa de campo. Portanto, quanto mais leituras, quanto mais se obtiverem informações sobre o objeto a ser observado, melhor o entendimento dos momentos vivenciados, melhor captação dos detalhes que se podem observar nos museus e, no caso em específico, nos engenhos de cana.

Sobre a pesquisa de campo exploratória, Marconi e Lakatos (2017, p. 205) indicam que, dentre as finalidades para a realização da pesquisa de forma empírica, pode-se listar a de “[...] aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para realização de uma pesquisa futura mais precisa; [...]”

E com o objetivo de familiarizar-se com o ambiente da feitura da *cachaça* que se compreendeu a necessidade de serem realizadas visitas a locais representativos no Nordeste, dentre os quais se escolheram engenhos e museus do Ceará e da Paraíba.

Na Paraíba, encontra-se, no Brejo Paraibano, a cidade de Areia, em que há uma grande quantidade de engenhos referendados nacionalmente e onde está localizado o Museu do Brejo Paraibano – Museu da rapadura, da Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências Agrárias. Próximo a João Pessoa (61), em Cruz do Espírito Santo, encontra-se instalada a fábrica da *cachaça São Paulo*, citada por um informante conceptualizador e categorizador paraibano, em cuja visita foi possível verificar a produção de *cachaça* industrializada e de *cachaça* envelhecida.

No Ceará foi realizada a visita a dois museus temáticos, motivados por nomes de *cachaça* citadas pelos informantes: a *cachaça Colonial* e a *cachaça Ypióca*, situados em Aquiraz e em Maranguape, respectivamente.

Em todos os locais visitados, foi feita a observação do tipo em que se faz o papel de espectador, classificada por Marconi e Lakatos (2017, p. 211) por sistemática não participante em que “[...] o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas não se integra a ela: permanece de fora. Presencia o fato, mas não se deixa envolver pelas situações [...]”.

#### 4.6 SOBRE OS NOMES-MARCA

Foram apresentadas como respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar que se constituem como marcas da bebida, as quais denominamos nomes-marca; citam-se, como exemplo: *51*, *Pitú*, *Ypióca*, entre outros.

Tratar da bebida, um produto industrializado ou de fabrico artesanal, implica em considerar que as suas marcas se compõem na conceptualização do informante, por meio do acionamento de Modelos Cognitivos que comportam metonímias, e que esses nomes são uma das formas que fazem parte de culturas locais, cuja efetividade de uso se pode verificar nas comunidades. Isso permite se fazer uma análise dos dados com base nos princípios da Linguística Cognitiva e da Etnolinguística, estabelecendo uma relação entre esses itens linguísticos constantes nas respostas dos informantes conceptualizadores e a sua representatividade na cultura local nordestina. Essa condução possibilitou, na análise, verificar a relação da marca da bebida com a localidade.

Para melhor conhecer cada nome-marca de bebida citada pelos informantes, foram controladas em planilha as seguintes informações: o nome do fabricante, a procedência da bebida, as informações técnicas, a imagem do rótulo da bebida, a etimologia do nome e a história da fabricação da bebida.

Além disso, buscou-se saber se a denominação está registrada nos dicionários, vocabulários e nas obras específicas consultadas, com referência à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, a fim de verificar se algum nome-marca já estaria registrado como variante da bebida.

Verificou-se também o total dos nomes-marca em cada estado e o total em todos os estados, com o objetivo de visualizar a representatividade de uso desse tipo de lexia; além de disso, controlou-se a relação de ocorrências entre os nomes-marca X nomes-comuns.

#### 4.7 OS MAPAS

Por meio dos mapas linguísticos, apresentam-se as variedades linguísticas em determinado local, conforme algumas variáveis controladas na pesquisa.

Neste caso, a partir das respostas dos informantes dos estados do Nordeste, tem-se a distribuição diatópica do elenco das denominações de *cachaça*, as quais, utilizando-se da Geolinguística como procedimento metodológico, algumas são apresentadas em cartas linguísticas, assim, organizadas por estado, contemplando as denominações mais salientes e mais abrangentes, ocorridas na capital e nas cidades do interior.

Por meio das cartas linguísticas, permite-se a leitura dos dados, privilegiando a distribuição diatópica das formas obtidas nos inquéritos, a partir das quais, pode-se visualizar as presenças e ausências das ocorrências.

Em diálogo com a variável diatópica, nas localidades pesquisadas, aspectos sociolinguísticos foram contemplados nas cartas linguísticas, conforme os princípios da metodologia da Dialetologia pluridimensional. Portanto, se consideradas relevantes, apresentou-se o registro das respostas das mulheres e dos homens da região Nordeste, assim como as respostas dos mais jovens e as dos mais velhos e dos informantes universitários e dos de escolaridade do fundamental.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**SANDRA CERQUEIRA PEREIRA PRUDENCIO**

**AS DENOMINAÇÕES DE CACHAÇA:  
UM ESTUDO DIALETOLÓGICO, ETNOLINGUÍSTICO E  
SEMÂNTICO COGNITIVO**

Volume 2

Salvador  
2021

**SANDRA CERQUEIRA PEREIRA PRUDENCIO**

**AS DENOMINAÇÕES DE CACHAÇA:  
UM ESTUDO DIALETOLÓGICO, ETNOLINGUÍSTICO E  
SEMÂNTICO COGNITIVO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Língua e Cultura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacyra Andrade Mota.

Salvador  
2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

PRUDENCIO, SANDRA CERQUEIRA PEREIRA  
AS DENOMINAÇÕES DE CACHAÇA: UM ESTUDO DIALETOLÓGICO,  
ETNOLINGUÍSTICO E SEMÂNTICO COGNITIVO / SANDRA  
CERQUEIRA PEREIRA PRUDENCIO. -- Salvador, 2021.  
618 f. : il

Orientador: Jacyra Andrade Mota.  
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Língua  
e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,  
Instituto de Letras, 2021.

1. Variação lexical. 2. Cachaça. 3. Dialetologia. 4.  
Etnolinguística. 5. Linguística cognitiva. I. Mota,  
Jacyra Andrade. II. Título.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Tipos de <i>cachaça</i>	80
Quadro 2 –	Resumo Ocorrências – estudos linguísticos	187
Quadro 3 –	Rótulos de <i>cachaça/aguardente de cana</i>	284
Quadro 4 –	Dicionarização de Dorna, Barril, Pipa e Tonel	314
Quadro 5 –	Categorias de nomeação dos nomes-marca	340
Quadro 6 –	Quantidade de Informantes por estado - ALiB	348
Quadro 7 –	Quantidade de pontos da região Nordeste - Projeto ALiB	349
Quadro 8 –	As denominações de <i>cachaça</i>	371
Quadro 9 –	Distribuição das lexias de maior ocorrência nos nove estados do nordeste	374
Quadro 10 –	Os nomes-marca de <i>cachaça</i>	378
Quadro 11 –	Agrupamento das procedências das <i>cachaças</i>	380
Quadro 12 –	<i>Cachaças</i> citadas por moradores onde a bebida é produzida	382
Quadro 13 –	Exemplos de lexias com registro de significação de <i>cachaça</i>	387
Quadro 14 –	Lexias que constam nos dicionários consultados	393
Quadro 15 –	Ocorrências das lexias registradas nos quatro dicionários consultados	394
Quadro 16 –	Número de pontos nos estados pesquisados pelo Projeto ALiB	400
Quadro 17 –	Distribuição das ocorrências únicas no Piauí	417
Quadro 18 –	Ocorrências de <i>pinga</i> nos desdobramentos da pergunta – Piauí	419
Quadro 19 –	Nomes-marca: localidades e informantes - Ceará	423
Quadro 20 –	Inquéritos em que não constam <i>cachaça</i> no rol de itens apresentados pelos informantes do Ceará	425
Quadro 21 –	Organização de primeiro e do segundo itens apresentados na resposta inicial	437
Quadro 22 –	Ocorrências nas cidades do interior da Paraíba	449
Quadro 23 –	Ocorrências das cinco lexias mais produtivas quantitativamente em Pernambuco	470
Quadro 24 –	Ocorrências das lexias cidades do interior de Alagoas	479
Quadro 25 –	Lexias complexas apresentadas como resposta em Sergipe	489

Quadro 26 – Relação quantitativa: ocorrências X lexias – Inquéritos Bahia	504
Quadro 27 – Lexias que ocorreram apenas na Bahia	505
Quadro 28 – Procedência dos nomes-marca ocorridos apenas na Bahia	506
Quadro 29 – Lexias com ocorrências – Primeiro item da resposta - Inquéritos Bahia	511
Quadro 30 – Item único X não desdobramento da pergunta	530
Quadro 31 – Lexias de maior ocorrência – variáveis sociais	534
Quadro 32 – Lexias de maior ocorrência nas capitais – variáveis sociais	535

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	As denominações de <i>cachaça</i> e as três vertentes teóricas	28
Figura 2 –	Rótulo da <i>cachaça Colonial</i>	77
Figura 3 –	Esquema da produção de <i>cachaça</i>	98
Figura 4 –	Categorias de <i>aguardente: cachaça e não cachaças</i>	105
Figura 5 –	Mapa do Brasil – 1941/2	137
Figura 6 –	Carta semasiológica – Peteca	181
Figura 7 –	Carta <i>aguardente</i> (ALERS)	182
Figura 8 –	Rótulos de <i>Pitú e 51</i>	273
Figura 9 –	Hiperonímia - <i>aguardente</i>	294
Figura 10 –	Lexia: Lexema e Locução	305
Figura 11 –	Carta linguística 49 – APFB	313
Figura 12 –	Barril, Dorna e Pipa	315
Figura 13 –	Dorna – <i>cachaça Matuta</i>	315
Figura 14 –	Dornas de fermentação	316
Figura 15 –	Alambique de <i>cana brejeira</i>	323
Figura 16 –	O Brasil e a <i>cachaça</i>	327
Figura 17 –	Garrafa vedada com sabugo de milho	416
Figura 18 –	Rede radial da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, no Ceará	427
Figura 19 –	Câmara Cascudo, 20 anos de encantamento	440
Figura 20 –	Rede esquemática hiperonímia: <i>aguardente</i> e nomes-marca	463
Figura 21 –	Rede radial das nomeações para bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar em Pernambuco	472
Figura 22 –	Mapa do Brasil: 1817	484
Figura 23 –	Mapa do Brasil: 1820	484
Figura 24 –	Intersecção das ocorrências capital X interior de Sergipe	495
Figura 25 –	Denominações de <i>cachaça</i> – Carta <i>cachaça</i>	522
Figura 26 –	Denominações de <i>cachaça</i> – Carta <i>cachaça, Pitú, cana</i>	523
Figura 27 –	Denominações de <i>cachaça</i> – Carta - <i>cachaça, pinga, aguardente e caninha</i>	524
Figura 28 –	Denominações de <i>cachaça</i> – Carta - <i>cachaça, Pitú, 51</i>	525
Figura 29 –	Rede radial – lexias mais próximas do protótipo <i>cachaça</i>	529
Figura 30 –	Rede Radial – Bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar no Nordeste	532

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Distribuição das denominações de <i>cachaça</i>	372
Gráfico 2 –	Representatividade da lexia <i>cachaça</i>	375
Gráfico 3 –	Tipos de lexias	376
Gráfico 4 –	Procedência das marcas de <i>cachaça</i>	381
Gráfico 5 –	Respostas com único item X outros tipos de respostas	405
Gráfico 6 –	Lexias apresentadas como primeiro item da resposta no Piauí	418
Gráfico 7 –	Respostas com item único – Sexo dos informantes – Ceará	424
Gráfico 8 –	Ocorrências da lexia <i>cachaça</i> , conforme tipo de respostas obtidas no Ceará	431
Gráfico 9 –	Lexias utilizadas como primeiro item no Rio Grande do Norte	435
Gráfico 10 –	Denominações para a <i>aguardente</i> na Paraíba	445
Gráfico 11 –	Item único das respostas - Paraíba	445
Gráfico 12 –	Representação das ocorrências de Nomes comuns X Nomes-marca em Pernambuco	457
Gráfico 13 –	Denominações para a <i>aguardente</i> nos inquéritos de Pernambuco	459
Gráfico 14 –	Distribuição dos nomes-marca, conforme grupos de respostas	464
Gráfico 15 –	Ocorrências de <i>Pitú</i> – Pergunta inicial X Desdobramentos	471
Gráfico 16 –	Distribuição nomes comuns e nomes-marca em Alagoas	475
Gráfico 17 –	Lexias apresentadas como primeiro item da resposta em Alagoas	480
Gráfico 18 –	Distribuição nomes comuns e nomes-marca em Sergipe	488
Gráfico 19 –	Ocorrências de <i>cachaça</i> – pergunta inicial X Desdobramentos	490
Gráfico 20 –	Distribuição Nomes comuns e Nomes-marca na Bahia	502
Gráfico 21 –	Denominações para a <i>aguardente</i> na Bahia	507
Gráfico 22 –	Resultado homens e mulheres	536
Gráfico 23 –	Resultado faixa etária I e faixa etária II	537
Gráfico 24 –	Resultado escolaridade	537

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Tipos lexias – Quantidades X Ocorrências	372
Tabela 2 –	Relação percentual ocorrências X lexias	373
Tabela 3 –	Percentual de ocorrências de nomes comuns	373
Tabela 4 –	Ocorrências e percentuais das lexias no Maranhão	403
Tabela 5 –	Percentuais de ocorrências – primeiro item	406
Tabela 6 –	Ocorrências e percentuais das lexias no Piauí	411
Tabela 7 –	Ocorrências e percentuais das lexias no Ceará	422
Tabela 8 –	Percentual de ocorrências das lexias, conforme tipos de respostas obtidas no Ceará	430
Tabela 9 –	Ocorrências e percentuais das lexias no Rio Grande do Norte	433
Tabela 10 –	Ocorrências e percentuais das lexias na Paraíba	444
Tabela 11 –	Ocorrências e percentuais das lexias em Pernambuco	458
Tabela 12 –	Ocorrências e percentuais das lexias em Alagoas	475
Tabela 13 –	Ocorrências e percentuais das lexias em Sergipe	486
Tabela 14 –	Ocorrências e percentuais das lexias na Bahia	503

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AELMG —	Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais
AL —	Alagoas
ALECE —	Atlas Linguístico do Ceará
ALERS —	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALF —	Atlas Linguistique de la France
ALiB —	Atlas Linguístico do Brasil
ALiMA—	Atlas Linguístico do Maranhão
ALiPE —	Atlas Linguístico de Pernambuco
ALIPI —	Atlas Linguístico do Piauí
ALiRN —	Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte
ALISPA —	Atlas Linguístico sonoro do Pará
ALMS —	Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul
ALPB —	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPR —	Atlas Linguístico do Paraná
ALS —	Atlas Linguístico de Sergipe
ALS II —	Atlas Linguístico de Sergipe II
APFB —	Atlas Prévio dos Falares Baianos
B —	Brasileirismo
BA —	Bahia
°C —	Celsius
CE —	Ceará
CO <sup>2</sup> —	Dióxido de Carbono
COOPAMA —	Cooperativa dos Produtores Associados de Cana e seus Derivados da Microrregião de Abaíra
D. —	Dom/Dona
EDIPUCRS —	Editora Universitária da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
EDUEL —	Editora da Universidade Estadual de Londrina
EDUFBA —	Editora Universidade Federal da Bahia
EDUFAC —	Editora da Universidade Federal do Acre
EDUFMA —	Editora da Universidade do Maranhão
EdUFRN	Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
EDUSP —	Editora da Universidade de São Paulo

EI —	Expressão Idiomática
EMBRAPA —	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Esp. —	Especialmente
FAPESB —	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
FDR —	Fundação Demócrito Rocha
GELNE —	Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste
HF1F —	Homem, Faixa etária 1, nível Fundamental de escolaridade
HF1U —	Homem, Faixa etária 1, nível Universitário de escolaridade
HF2F —	Homem, Faixa etária 2, nível Fundamental de escolaridade
HF2U —	Homem, Faixa etária 2, nível Universitário de escolaridade
IBRAC —	Instituto Brasileiro da Cachaça
IG —	Indicação Geográfica
INF. —	Informante
IFOCS —	Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca
IG —	Indicação Geográfica
ILUFBA —	Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia
INQ. —	Inquiridor
ININT —	Ininteligível
inform. —	informal
INPI —	Instituto Nacional da Propriedade Industrial
IOCS —	Instituto de Obras Contra a Seca
IPHAN —	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Km —	Quilômetro
Loc. —	Locução
LP —	<i>Long Play</i>
MA —	Maranhão
MCI —	Modelo Cognitivo Idealizado
MF1F —	Mulher, Faixa etária 1, nível Fundamental de escolaridade
MF2F —	Mulher, Faixa etária 2, nível Fundamental de escolaridade
MF1U —	Mulher, Faixa etária 1, nível Universitário de escolaridade
MF2U —	Mulher, Faixa etária 2, nível Universitário de escolaridade
MP3 —	Mpeg-layer 3
Min —	Minuto
MG —	Minas Gerais
Nº —	Número

Org. —	Organização
PB —	Paraíba
PE —	Pernambuco
PET —	Poli Tereftalado de Etila
P.ext. —	Por extensão
PI —	Piauí
p. met. —	por metonímia
PR —	Paraná
prep. —	preposição
PUCRS —	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
QFF —	Questionário Fonético Fonológico
QMS —	Questionário Morfossintático
QSL —	Questionário Semântico Lexical
RN —	Rio Grande do Norte
SEBRAE —	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SE —	Sergipe
SNIRH —	Sistema Nacional de Informação sobre Recursos Hídricos
SP —	São Paulo
Sr. —	Senhor
SUDENE —	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
TV —	Televisão
UF —	Unidade Fraseológica
UFF —	Universidade Federal Fluminense
V. —	Ver
VOLP —	Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
UEL —	Universidade Estadual de Londrina
UFBA —	Universidade Federal da Bahia
UFC —	Universidade Federal do Ceará
UFMA —	Universidade Federal do Maranhão
UFMS —	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFPA —	Universidade Federal do Pará
UFRPE —	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFSC —	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB —	Universidade de Brasília
WWW —	World Wide Web

## SUMÁRIO (GERAL)

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	27
2	<b>SITUANDO O TEMA: A CACHAÇA E O NORDESTE</b>	32
2.1	CACHAÇA	33
2.1.1	<b>Percursos linguístico e histórico da <i>cachaça</i> - de fermentada a destilada</b>	39
2.1.2	<b>Do cauim à tiquira</b>	47
2.1.3	<b>Constituição cultural e política: a bebida, as pessoas, o preconceito</b>	56
2.1.4	<b><i>Cachaça</i>: conceitos, categorias legais e comercialização</b>	71
2.1.5	<b>O fazer legal da <i>cachaça</i></b>	82
2.1.6	<b><i>Cachaça</i>: empirismo, crenças, receitas e rituais</b>	99
2.2	O NORDESTE E O NORDESTINO – DA CANA À CACHAÇA	110
2.2.1	<b>E como tudo começou no Nordeste?</b>	111
2.2.2	<b>O caminho da cana-de-açúcar no Brasil e a produção açucareira</b>	114
2.2.3	<b>Do canavial à mineração</b>	120
2.2.4	<b>A constituição sociocultural do Nordeste, no passado e no presente</b>	123
2.2.5	<b>A formação do Nordeste brasileiro</b>	131
2.2.6	<b>Diz-me que <i>cachaça</i> bebes que te direi de onde vens</b>	141
3	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA</b>	144
3.1	A DIALETOLOGIA, O FALANTE E SUA CULTURA	145
3.1.1	<b>Dialetologia</b>	149
3.1.2	<b>A variação dialetal</b>	153
3.1.3	<b>A Geolinguística</b>	162
3.1.4	<b>A <i>aguardente</i> na variação diatópica</b>	173
3.2	A ETNOLINGUÍSTICA: O PENSAMENTO, A CULTURA E A MATÉRIA	189
3.2.1	<b>As variantes linguísticas e as experiências dos falantes</b>	190
3.2.1.1	<i>A Etnolinguística e a relação entre língua e cultura</i>	192
3.2.1.2	<i>A Etnolinguística e as nuances dos registros dialetais</i>	194
3.2.2	<b>O saber cultural e as denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar</b>	196
3.2.2.1	<i>O saber cultural e as narrativas sobre a aguardente</i>	200
3.2.2.2	<i>O saber cultural: a interação entre a cultura e a língua</i>	205

<b>3.2.3</b>	<b>As experiências corpóreas: reflexos na língua e na sociedade</b>	209
3.3	DA CACHAÇA À SEMÂNTICA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA	216
<b>3.3.1</b>	<b>Dois dedos de metáfora para um gole de <i>cachaça</i></b>	218
<b>3.3.2</b>	<b>O conhecimento representado em mente, corpo e contexto</b>	223
<b>3.3.3</b>	<b>A variação linguística no caminho da conceptualização e da categorização</b>	233
<b>3.3.4</b>	<b>A rede prototípica das categorizações de aguardente</b>	244
3.5	O ESTUDO INTERDISCIPLINAR DOS NOMES-MARCA DE CACHAÇA	259
<b>3.5.1</b>	<b>O estudo dos nomes-marca a partir de princípios da Semântica Cognitiva</b>	260
<b>3.5.2</b>	<b>O estudo dos nomes próprios: a Onomástica, os Oniônimos</b>	266
<b>3.5.3</b>	<b>Significação e natureza dos nomes próprios e dos nomes comuns</b>	269
<b>3.5.4</b>	<b>Os nomes-marca: os nomes das marcas</b>	278
<b>3.5.5</b>	<b>O produto <i>cachaça</i></b>	287
<b>3.5.6</b>	<b>A hiperonímia e a hiponímia</b>	292
3.6	A LEXICOLOGIA EM DIÁLOGO COM A DIALETOLOGIA, A ETNOLINGUÍSTICA E A SEMÂNTICA COGNITIVA	298
<b>3.6.1</b>	<b>A Lexicologia e seus termos</b>	302
<b>3.6.2</b>	<b>Nuances interdisciplinares no estudo léxico-semântico do domínio de experiência da <i>A3uardente</i></b>	310
<b>3.6.3</b>	<b>Aspectos léxico-semânticos das variantes de <i>aguardente</i></b>	330
<b>4</b>	<b>A METODOLOGIA DA PESQUISA: O APRENDER A FAZER, FAZENDO</b>	343
4.1	O OBJETO DE ESTUDO	345
4.2	OS INFORMANTES	346
4.3	AS LOCALIDADES: O NORDESTE DO BRASIL	348
4.4	O QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO	352
4.5	O TRATAMENTO DOS DADOS	354
<b>4.5.1</b>	<b>A audição dos inquéritos</b>	354
<b>4.5.2</b>	<b>A transcrição grafemática</b>	355
<b>4.5.3</b>	<b>Levantamento, controle e análise dos dados</b>	356
<b>4.5.4</b>	<b>Pesquisas em dicionários, vocabulários e em obras especializadas</b>	359

4.5.5	<b>O estudo etnográfico em engenhos de cana e em museus temáticos</b>	360
4.6	SOBRE OS NOMES-MARCA	362
4.7	OS MAPAS	363
5	<b>DESVENDANDO OS CAMINHOS CONCEPTUAIS DA ÁGUA QUE PASSARINHO NÃO BEBE</b>	364
5.1	E COMO O NORDESTINO CHAMA A BEBIDA ALCOÓLICA FEITA DA CANA DE AÇÚCAR?	367
5.2	A DICIONARIZAÇÃO DAS LEXIAS CACHACEIRAS	385
5.3	A <i>PINGA</i> NOS QUATRO CANTOS DO NORDESTE	398
5.3.1	<b>O Maranhão – A terra da <i>Catirina</i>, do pai Chico e do boi Mimoso</b>	400
5.3.2	<b>Piauí – a terra da cajuína cristalina</b>	410
5.3.3	<b>O Ceará das jangadas e dos jangadeiros</b>	420
5.3.4	<b>O Rio Grande do Norte – terra de Câmara Cascudo</b>	431
5.3.5	<b>Paraíba – terra da <i>cachaça</i></b>	442
5.3.6	<b>Pernambuco do rei do baião</b>	454
5.3.7	<b>Alagoas do mar azul turquesa</b>	473
5.3.8	<b>Sergipe e a sergipanidade</b>	483
5.3.9	<b>O que é que a Bahia tem?</b>	498
5.2	OS MAPAS LINGUÍSTICOS – CARTAS LEXICAIS COM DENOMINAÇÕES DE <i>CACHAÇA</i>	521
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	526
	<b>REFERÊNCIAS</b>	540
	APÊNDICE A – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DO MARANHÃO	567
	APÊNDICE B – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DO PIAUÍ	571
	APÊNDICE C – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DO CEARÁ	573
	APÊNDICE D – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DO RIO GRANDE DO NORTE	577
	APÊNDICE E – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DA PARAÍBA	579
	APÊNDICE F – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DE PERNAMBUCO	582
	APÊNDICE G – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DE ALAGOAS	587

APÊNDICE H – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DE SERGIPE	589
APÊNDICE I – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DA BAHIA	591
APÊNDICE J – DICIONARIZAÇÃO DOS NOMES COMUNS	599
APÊNDICE L – DICIONARIZAÇÃO DOS NOMES-MARCA	614

## SUMÁRIO (VOLUME 2)

<b>5</b>	<b>DESVENDANDO OS CAMINHOS CONCEPTUAIS DA ÁGUA QUE PASSARINHO NÃO BEBE</b>	<b>364</b>
5.1	E COMO O NORDESTINO CHAMA A BEBIDA ALCOÓLICA FEITA DA CANA DE AÇÚCAR?	367
5.2	A DICIONARIZAÇÃO DAS LEXIAS CACHACEIRAS	385
5.3	A <i>PINGA</i> NOS QUATRO CANTOS DO NORDESTE	398
<b>5.3.1</b>	<b>O Maranhão – A terra da <i>Catirina</i>, do pai Chico e do boi Mimoso</b>	<b>400</b>
<b>5.3.2</b>	<b>Piauí – a terra da cajuína cristalina</b>	<b>410</b>
<b>5.3.3</b>	<b>O Ceará das jangadas e dos jangadeiros</b>	<b>420</b>
<b>5.3.4</b>	<b>O Rio Grande do Norte – terra de Câmara Cascudo</b>	<b>431</b>
<b>5.3.5</b>	<b>Paraíba – terra da <i>cachaça</i></b>	<b>442</b>
<b>5.3.6</b>	<b>Pernambuco do rei do baião</b>	<b>454</b>
<b>5.3.7</b>	<b>Alagoas do mar azul turquesa</b>	<b>473</b>
<b>5.3.8</b>	<b>Sergipe e a sergipanidade</b>	<b>483</b>
<b>5.3.9</b>	<b>O que é que a Bahia tem?</b>	<b>498</b>
5.2	OS MAPAS LINGUÍSTICOS – CARTAS LEXICAIS COM DENOMINAÇÕES DE <i>CACHAÇA</i>	521
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>526</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>540</b>
	APÊNDICE A – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DO MARANHÃO	567
	APÊNDICE B – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DO PIAUÍ	571
	APÊNDICE C – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DO CEARÁ	573
	APÊNDICE D – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DO RIO GRANDE DO NORTE	577
	APÊNDICE E – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DA PARAÍBA	579
	APÊNDICE F – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DE PERNAMBUCO	582
	APÊNDICE G – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DE ALAGOAS	587
	APÊNDICE H – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DE SERGIPE	589

APÊNDICE I – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DA BAHIA	591
APÊNDICE J – DICIONARIZAÇÃO DOS NOMES COMUNS	599
APÊNDICE L – DICIONARIZAÇÃO DOS NOMES-MARCA	614

## 5 DESVENDANDO OS CAMINHOS CONCEPTUAIS DA *ÁGUA QUE PASSARINHO NÃO BEBE*

[...] Uma ótima cachaça pode, assim como outras bebidas, ser um elemento de aproximação das pessoas. Em torno de uma boa cachaça, o papo flui melhor, ela ajuda a relaxar. [...]  
(Paulinho da Viola – compositor, poeta e colecionador de cachaça)<sup>1</sup>

O estudo dos itens lexicais constantes das respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores do Projeto ALiB à pergunta 182 do QSL “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36), nos estados do Nordeste do Brasil, levou em consideração a inter-relação dos aspectos linguísticos apresentados, conforme as experiências corpóreas de seus conceptualizadores, sendo, portanto, elementos do mundo e da cultura onde vivem, associados às variáveis diatópicas e às variáveis sociais: sexo, faixa etária e escolaridade.

Nesta seção, faz-se uma explanação centrada na apresentação e no estudo dos resultados obtidos das respostas de 343 informantes, que se dispuseram a dialogar a respeito de questões referentes aos seus saberes, e que revelaram, em suas falas, as suas impressões linguístico-socioculturais de elementos que conhecem por meio de experiências. Para essas conceptualizações, leva-se em consideração que as percepções dos informantes ocorreram por meio de uma inerente relação entre língua, mente e mundo (TEIXEIRA, 2015, p. 284).

Para o estudo dos itens lexicais apresentados pelos participantes do Projeto ALiB, deve ser considerado como relevante o fato de as respostas terem sido apresentadas em contexto de entrevista, em que se utilizou, para a execução da pergunta 182 do QSL, o método da onomasiologia, o qual possibilitou a obtenção de respostas em que constem variantes linguísticas de *aguardente*. Trata-se de uma situação comunicativa em que a dinâmica é a da pergunta e resposta e os itens apresentados pelos entrevistados, possivelmente, não correspondem a todos os elementos da categoria sabidos por eles, ou seja,

---

<sup>1</sup> FIGUEIREDO, Luciano *et al.* (2005, p. 94).

em suas conceptualizações e categorizações, podem não ter apresentado a totalidade das variantes que conhecem do referente em questão.

Ao ser-lhe feita a pergunta, o entrevistado aciona os seus *frames* para que possa, por meio das experiências vividas e do conhecimento armazenado a respeito do conceito que lhe fora apresentado, atribuir denominações como resposta, as quais devem corresponder ao significado mencionado na pergunta.

Como a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar é um elemento de conhecimento nacional, os falantes são capazes de responder à pergunta 182 do QSL, tendo ou não a saboreado. Se não a consumiram, muito provavelmente, a conhecem pela convivência em sociedade, pelas experiências ocorridas em situações sociais, o que possibilita mencionarem mais de um item léxico em suas respostas.

Sabe-se que existe mais de um tipo de bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar. Com relação ao *Rum*, por exemplo, o Decreto nº 6.871, de 4 de junho de 2009, “[...] que dispõe sobre a padronização, a classificação, o registro, a inspeção, a produção e a fiscalização de bebidas” traz, em seu artigo 54:

Rum, rhum ou ron é a bebida com graduação alcoólica de trinta e cinco a cinqüenta e quatro por cento em volume, a vinte graus Celsius, obtida do destilado alcoólico simples de melaço, ou da mistura dos destilados de caldo de cana-de-açúcar e de melaço, envelhecidos total ou parcialmente, em recipiente de carvalho ou madeira equivalente, conservando suas características sensoriais peculiares (BRASIL, Decreto nº 6.871, de 4 de junho de 2009).

Os informantes conceptualizadores e categorizadores do Nordeste do Brasil não apresentaram *Rum* como resposta, porque o conceito indicado na pergunta 182 do QSL lhes remeteu à sua experiência sociocultural com a *cachaça*, a *cana de cabeça*, a *Pitú*, cujo referente faz parte de suas experiências que, conseqüentemente, os possibilitou apresentarem os nomes que se referem às suas conceptualizações e categorizações.

Pode-se afirmar que a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar é conceptualizada e categorizada pelos informantes como a *cachaça* e suas variantes, dentre as quais não constam o *rum*. O conhecimento de mundo revelado pelos falantes, nos inquéritos, permitiu compreender que, no domínio da experiência da *cachaça*, há uma diversidade de referentes a ela correlacionados, logo, há muitas lexias em seu entorno, dentre as quais estão

as suas variantes. Trata-se de um enredamento de *frames* que possibilitaram tanto o reconhecimento de processos, procedimentos, equipamentos quanto de lexias, muitas das quais já se encontram enraizadas na cultura cachacista, cujo terreno se mostrou sempre muito fértil para o surgimento de criações lexicais.

Numa perspectiva etnolinguística, essas variantes apresentadas nas respostas dos falantes estão relacionadas ao objeto material de que se tratam e, cognitivamente, encontram-se incrustadas em suas mentes, devido às vivências histórico-sócio-linguísticas-culturais.

Como se sabe, há, na legislação e na prática manufatureira, uma distinção entre *cachaça* e *aguardente* e, diante das respostas apresentadas pelos entrevistados, verificou-se que, de forma majoritária, a bebida alcoólica originada da cana-de-açúcar se apresenta como *cachaça*.

Ressalta-se que o fato de a maioria dos informantes responder, prontamente, à pergunta com item léxico e, sendo o prototípico a *cachaça*, pode-se indicá-lo como a forma individual e coletiva que compreendem a aguardente de cana-de-açúcar própria do Brasil, possibilitando revelar a popularidade e a genuinidade dessa bebida alcoólica, que é oficialmente um produto de exclusividade brasileira, conforme Decreto 4.062, de 21 de dezembro de 2001, que, em seu artigo 3º, parágrafo 1º, informa: "O uso das expressões protegidas "cachaça", "Brasil" e "cachaça do Brasil" é restrito aos produtores estabelecidos no País." (BRASIL, 2001)

Contudo, independente do Decreto, a *cachaça* é uma bebida de circulação nacional, de conhecimento comum dos brasileiros, sejam eles de diferentes classes sociais, sexo, escolaridade ou localidade. Todas as denominações apresentadas como respostas compartilham com o referente conhecimento de serem bebidas alcoólicas feitas da cana-de-açúcar, de serem bebidas fortes, de sabor e aroma marcantes.

Nesta seção, vai-se saborear o que se tem de melhor nesse estudo: as reflexões sobre as lexias apresentadas como respostas, as quais se comportaram como variantes de *cachaça* ou, como traz o lema da pergunta, de *aguardente*.

Mas, não se começa a falar de *cachaça* sem que se planeje bem o momento. Inicialmente, pensa-se na companhia de uma garrafa da bebida, que contenha um rótulo bem avaliado, seja ela branca ou amarela; para sentir o

aroma da cana destilada, deve-se abri-la devagar e apreciar o perfume que se liberta do recipiente, desde o abrir da tampa. Deixá-la, suavemente, derramar em um copo transparente, para que, em seguida, se peça a benção ao rosário que se formar nesse copo, é um privilégio que se conquista com a intimidade.

Uma boa *cachaça* desce com maciez, é encorpada, e possibilita sentir na garganta uma sensação de aveludamento. Oferecê-la ao santo, ao São Benedito, para que, em cada gole, conte-se com a companhia do divino, reforça o gosto pela água da vida e permite que se sinta, de forma honrosa, o degustar do ardente sabor etílico bem tratado e característico da *aguardente*. Só bebe *cachaça* quem gosta de *cachaça*.

É como Calasans (2014, p. 31) expressa-se, apresentando, em uma estrofe popular, o papel social e a importância da *cachaça* na vida de muitas pessoas.

A cachaça alegra os tristes  
Melhora quem está doente  
Faz aleijado corrê  
E cego vê de repente (CALASANS, 2014, p. 31).

## 5.1 E COMO O NORDESTINO CHAMA A BEBIDA ALCOÓLICA FEITA DA CANA DE AÇÚCAR?

A pergunta 182 do QSL foi feita a 1 100 informantes, no *corpus* total do Projeto ALiB, dentre os quais 348 pertencem à região Nordeste do Brasil, correspondendo a 32% dos inquéritos realizados.

Foram muitas as vozes que produziram respostas, das mais diversas maneiras, fazendo com que se conheçam as denominações de *cachaça*, a partir de pesquisa linguística, realizada com pessoas criteriosamente selecionadas, que nasceram no mesmo país de origem da bebida em questão. Salienta-se a importância de se destacarem esses aspectos linguísticos e culturais, nesse estudo de cunho científico, já que se trata de um elemento genuinamente brasileiro, conhecido por seu povo e que carrega consigo, no senso comum, uma gama de valores, conceitos e preconceitos construídos no decorrer de sua história.

A relação entre as lexias constituintes no vocabulário das pessoas e de sua coletividade possui, como aspecto relevante, o fato de à sua significação

estarem vinculadas emoções decorrentes de experiências do falante, as quais, muitas vezes, giram em torno de um envolvimento pessoal e/ou profissional com a bebida. No caso em questão, as experiências são das mais diversas naturezas, circulando em esquemas que, de forma vacilante, ora a colocam no eixo da avaliação positiva ora no da negativa.

Nesse sentido, o esquema PARTE/TODO, fundamenta uma relação metonímica entre as pessoas e a bebida, sendo perceptível, ao se ver, por exemplo, muitas se sentirem totalmente integradas no domínio da experiência da *cachaça*, porque com ela convivem. Esse sentimento de pertencimento é muito mais natural do que se pensa, visto que contempla não apenas o fato de o indivíduo apreciar e consumir a bebida, mas de tê-la em uma convivência que envolve a participação em sua produção, venda, distribuição.

A *cachaça* faz parte da vida de muitos seres humanos e isso os faz senti-la como um elemento integrante de suas vidas, já que, reciprocamente, muitos deixam suas impressões pessoais e coletivas na produção da bebida. É um fazer e refazer de histórias. Com isso, compreende-se que há um grande número de pessoas envolvidas no amplo universo dessa bebida alcoólica, a partir da qual, crescendo-se os seus consumidores, se forma uma enorme rede de personagens que, nas mais diversas etapas da produção, vivem para e com a água ardente brasileira. Como nos traz Lispector (2020, p. 8), “[...] as coisas acontecem antes de acontecer [...]”, e isso se faz vivo na produção da *cachaça*, cujo tom e propriedades organolépticas já despontam desde a mais primitiva ação de pensamento em produzi-la: a escolha e o cuidado com a terra, com o clima, com a cana, a água, os equipamentos, o fermento, as pessoas etc.

Nessa relação interativa entre os falantes e as *cachaças*, interessa saber as formas como são nomeadas. Teixeira (2015, p. 288) afirma que “[...] as palavras do léxico ‘evocam’ experiências, sentimentos, emoções: fazem acionar toda a estrutura cognitiva, individual e social, construída pelo falante.” Portanto, nas conceptualizações, os falantes revelam as suas percepções, por meio do significado corporizado, sendo ele “[...] construído e processado cognitivamente, intervindo todas as experiências relacionadas com a forma como o termo foi moldado através das experiências sensório-cognitivas do falante.” (TEIXEIRA, 2015, p. 288)

As formas de nomear a *aguardente* revelam nuances que extrapolam perspectivas consensuais em torno das lexias, pois envolvem uma relação cognitiva e, conseqüentemente, sociocultural dos falantes com a bebida, dentre elas, a do momento de entrevista em que apresentaram cada item lexical como resposta.

Nessas entrevistas, conta-se com um certo distanciamento imposto naturalmente pela quantidade e sequência de perguntas e respostas. Contudo, muitas vezes, vê-se que esse elemento se desfaz quando o informante conceptualizador e categorizador tem algo a comentar, motivado por experiências pessoais. Tal comportamento pode ser espontâneo ou motivado pelo inquiridor, que, na necessidade de fazê-lo falar a maior quantidade de variantes, move-o a mencionar situações vivenciadas, as quais se constituem em seu conhecimento armazenado. Veja-se, no exemplo 21, a fala do informante da faixa etária II, escolaridade fundamental de Afrânio (66) – Pernambuco.

- (21) [...]
   
INF. – Aí tem vários nomes.
   
INQ. – Todos que o senhor souber.
   
INF. – Tem vários nomes, porque, da cana-de-açúcar, você transforma em vários nomes de bebida, né?
   
INQ. – Hum. Diga aí a bebida alcoólica.
   
INF. – Bom tem a *cachaça*, hoje num né, que tem vários nomes de *cachaça*. Tem o vinho, que tudo contém...
   
INQ. – Vinho também faz de cana-de-açúcar?
   
INF. – Tem alguns vinhos que tem álcool também.
   
INQ. – Não, eu queria da cana-de-açúcar mesmo.
   
INF. – Da cana-de-açúcar faz o quê? Faz a rapadura...
   
INQ. – Não, bebida alcoólica.
   
INF. – Bebida alcoólica é a *cachaça*...
   
INQ. – Outros nomes para *cachaça*.
   
INF. – Tem o nome, porque a gente conhece tem a *cachaça*, que é feito com cana, tudo é *cachaça*, foi *cachaça*...
   
INQ. – Tudo.
   
INF. – Agora só (ININT) você vai desculpar aí o meu atrevimento, mas...
   
INQ. – Não...
   
INF. – quando eu digo *cachaça*, o que acontece? Todas elas faz mal, agora tem umas que tem o grau mais alto, outros mais baixo, né?
   
INQ. – Ah, sim de álcool.
   
INF. – Agora, o que vem da *cachaça* é o nome de cortesia, por exemplo: eu já conheci *cachaça* com o nome de *Preá*, *Carcará*, *51* é ...
   
INQ. – É tudo marca.
   
INF. – É... *Novaquina*, *Claudionor*, só que todas elas faz mal. Todas elas embriaga. Tomando fora do limite faz mal, agora, *cachaça* feita da cana-de-açúcar, é uma só. O que vai alterar nela é o nome de cortesia, da fazenda, do proprietário, por exemplo, eu

tenho até um cartaz sobre a *cachaça* do *Triunfo*. Do engenho Triunfo daqui de Pernambuco. [...] tá naquela pasta aí. Só o que altera é o grau alcoólico, pronto. Mas é *cachaça*. [...]

Vê-se que esse utente possui experiências com a bebida alcoólica, ao revelar que conhece o nome de várias marcas, às quais se refere como nomes fantasia; sabe que há, entre elas, diferenças de teor alcoólico e de proprietário; as categoriza como bebida que faz mal e embriaga; e as generaliza como *cachaça*: “[...] Só o que altera é o grau alcoólico, pronto. Mas é *cachaça*. [...]”. Conceptualizou a bebida, compreendendo que todas as marcas são nomes fantasia e que “[...] *cachaça* feita da cana-de-açúcar, é uma só [...]”. Portanto, o produto é *cachaça*, independentemente dos diversos nomes que recebe, ao serem rotulados em suas garrafas.

Embora reconheça que, em cada garrafa, haja um nome para a bebida, a sua denominação oficial é *cachaça*, sendo não verdadeiros os nomes veiculados nas garrafas, visto que são compreendidos como “fantasia”. Portanto, para esse entrevistado, a resposta considerada foi *cachaça*, pois é assim que ele conceptualiza e categoriza a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Em sua fala, percebe-se a presença do esquema percurso-caminho-meta, pois, como diz: “[...] Tem vários nomes, porque, da cana-de-açúcar, você transforma em vários nomes de bebida, né? [...]” ou seja, a bebida surge como *cachaça*, mas percorre caminhos que a transformam no nome que recebe e com a qual circulará na sociedade, como *51*, *Preá* etc. Como trazem Medeiros et al., “O esquema ORIGEM/CAMINHO/META envolve uma trajetória, onde se situam um ponto de partida (ORIGEM), um percurso (CAMINHO) e um ponto de chegada (META).”

No decorrer das entrevistas linguísticas, a *cachaça* contou, ao total de respostas dos informantes, com 71 itens lexicais, distribuídos em 753 ocorrências, que foram organizados nas categorias lexicais, nomes-marca e nomes comuns, sendo que, em cada categoria, se controlaram as leixias simples e as complexas. Essa condução leva em conta a interdisciplinaridade entre diferentes perspectivas de abordagens da Lexicologia, que permitiu realizar os diálogos necessários para que se chegassem a essas categorizações e subcategorizações de forma satisfatória.

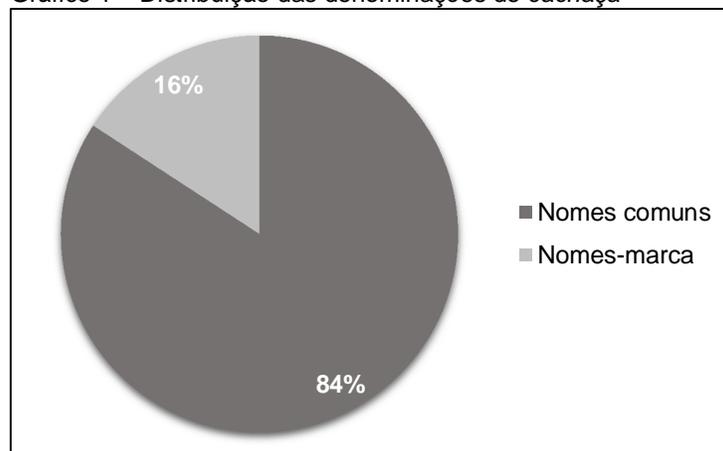
A apresentação e a organização dessas denominações, bem como o quantitativo de ocorrências podem ser visualizados no Quadro 8 a seguir, no qual consta, ao lado de cada lexia, a quantidade de ocorrências, captadas no decorrer dos inquéritos e, ao final de cada coluna, o registro do total de lexias e de ocorrências de cada categoria.

Quadro 8 – As denominações de *cachaça*

LEXIAS							
Simple	Ocorrências	Complexas/UFs	Ocorrências	Simple	Ocorrências	Complexas/UFs	Ocorrências
NOMES-MARCA				NOMES COMUNS			
Pitú	51	51	31	Cachaça	296	Aguardente de cana	5
Ypióca	7	Caninha da Roca	3	Pinga	121	Cachaça pura	4
Tatuzinho	2	Serra Grande	2	Aguardente	59	Cana de cabeça	4
Abaíra	1	3 fazendas	2	Cana	47	Cachaça limpa	3
Aratu	1	21	2	Caninha	17	Incha pé	3
Batucada	1	Cabeceira do rio	1	Birita	8	Água que passarinho não bebe	2
Caribé	1	Caninha de Ouro	1	Branquinha	8	Cachaça da Terra	2
Colonial	1	59	1	Fubúia	7	Cachaça destilada	2
Jacaré	1	88	1	Álcool	4	Cachaça (maranhense)	2
Jangada	1	Pé de cana	1	Destilada	4	Cana de engenho	2
Januária	1	São Paulo	1	Serrana	3	Tampa de sabugo	2
Mangueira	1	61	1	Brejeira	2	Bufu bufu	1
Preá	1	71	1	Garapa	2	Cachaça branca	1
		29	1	Limpa	2	Cachaça sergipana	1
				Marofa	2	Pinga baiana	1
				Mel/Mé	2	Pinga 51	1
				Pura	2	Pinga destilada	1
				Uca	2	Terra Preta	1
				Cruaca	1		
				Goró	1		
				Jinjibirra	1		
				Manguaça	1		
				Porre	1		
				Quiboa	1		
				Tiortina	1		
				Verejeira	1		
Total	70	Total	49	Total	596	Total	38
119				634			
753 OCORRÊNCIAS							

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Os informantes conceptualizadores e categorizadores apresentaram em suas respostas 753 ocorrências, assim distribuídas: 634 de nomes comuns e 119 de nomes-marca. Em termos percentuais, pode-se demonstrar essa distribuição das ocorrências no gráfico 1, em que se visualiza a superioridade da quantidade de ocorrências dos nomes comuns, com 84%, seguidos dos nomes-marca, com 16%.

Gráfico 1 – Distribuição das denominações de *cachaça*

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

As 71 lexias estão distribuídas em 44 nomes comuns e 27 nomes-marca, correspondendo a 62% e 38%, respectivamente, do total. Fazendo um cruzamento das informações que se referem aos percentuais dos Itens lexicais X das ocorrências, apresentados nas respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores, observa-se uma diferença de comportamento entre esses índices nos usos de nomes comuns e de nomes-marca. Pode-se visualizar essa relação, na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Tipos lexias – Quantidades X Ocorrências

TIPOS LEXIAS	QUANTIDADES DE ITENS	PERCENTUAL	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
Nomes comuns	44	62%	634	84%
Nomes-marca	27	38%	119	16%
TOTAL	71	100%	753	100%

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

No que se refere aos nomes-marca, verifica-se que o índice percentual é maior em relação aos itens lexicais citados pelos informantes que em relação ao de ocorrências, 38% e 16%, respectivamente. Diante desse resultado, entende-se que, no decorrer dos inquéritos, um pouco mais de 1/3 da quantidade total de itens lexicais são de nomes-marca mencionados pelos informantes, já o quantitativo de ocorrências dessas lexias é de apenas 1/6. Isso implica em afirmar que houve uma grande quantidade de nomes-marca citados pelos

informantes, que, contudo, possuem baixa quantidade de ocorrências. Observe essa informação na Tabela 2 abaixo.

Tabela 2 – Relação percentual ocorrências X lexias

<b>NOMES-MARCA</b>	
Quantidade de ocorrências	Percentual de lexias
1	70%
2	15%
3	4%
7	4%
31	4%
51	4%

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se pode verificar, 70% dos nomes-marca constantes nas respostas dos entrevistados, apresentaram, somente, uma ocorrência, e 15%, duas ocorrências, no decorrer dos inquéritos; já os dois itens de maior ocorrência, correspondem, cada um, a 4% do total de lexias citadas pelos informantes. Em termos qualitativos, tanto as lexias de maior ocorrência quanto os de menor ocorrência possuem relevância para este estudo, na representatividade total do *corpus* pesquisado, já que se apresentam significativos, cultural e cognitivamente.

A elevada quantidade de ocorrências de nomes comuns pode ser observada na grande frequência de uso de algumas lexias, a saber: *cachaça*, com 296 ocorrências; *pinga*, com 121; *aguardente*, como 59; *cana*, com 47; e *caninha* com 17. Na Tabela 3, é possível verificar a representação percentual de cada uma dessas variantes, no cômputo total de ocorrências.

Tabela 3 - Percentual de ocorrências de nomes comuns

<b>NOMES COMUNS</b>	<b>TOTAL OCORRÊNCIAS</b>
Cachaça	50%
Pinga	20%
Aguardente	10%
Cana	8%
Caninha	3%

Outros	9%
Total	100%

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

A categoria *outros*, apresentada na Tabela 3, é composta de 21 nomes comuns que possuem poucas ocorrências, dentre os quais, citam-se, como exemplo: i) as que foram mencionados apenas uma vez, no decorrer das entrevistas, como: *jijibita*, *goró*, *tiortina*, *manguaça*, *quiboa*, *cruaca*, *porre*, *verejeira*; ii) as que têm duas ocorrências registradas: *pura*, *limpa*, *mel/mé*, *brejeira*, *garapa*, *uca*, *marofa*.

Pode-se observar no Quadro 9, a distribuição das lexias de maior ocorrência, nos nove estados do Nordeste.

Quadro 9 – Distribuição das lexias de maior ocorrência nos nove estados do Nordeste

DISTRIBUIÇÃO DAS DENOMINAÇÕES DE MAIOR OCORRÊNCIA							
Estados	Denominações						
	Cachaça	Pinga	Aguardente	Pitú	Cana	51	Caninha
Sergipe	15	5	2	1	1	2	1
Alagoas	18	8	7	5	0	3	2
Pernambuco	39	12	10	24	10	6	3
Paraíba	22	10	5	4	15	2	0
Rio Grande do Norte	20	6	6	11	10	2	0
Ceará	46	16	11	0	4	0	0
Piauí	22	10	5	2	2	4	1
Maranhão	33	5	2	0	3	3	4
Bahia	81	49	11	4	2	9	6
Total	296	121	59	51	47	31	17

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

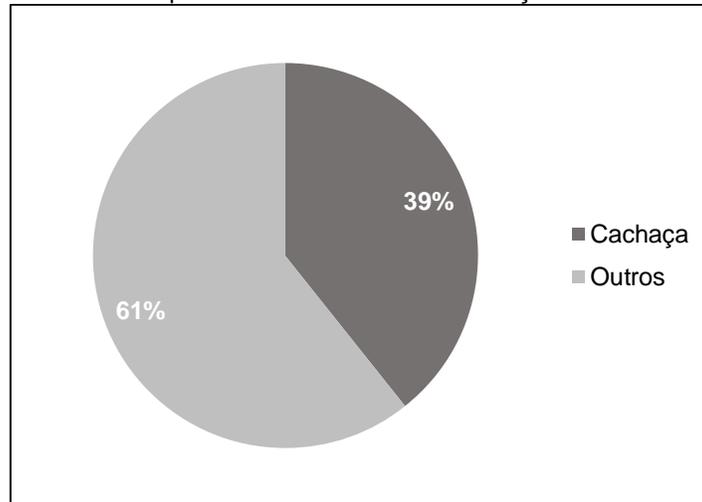
Diante das informações apresentadas, verifica-se que *cacheça*, *pinga*, e *aguardente* estão presentes em todos os estados, nos quais, o quantitativo da primeira é superior às outras duas lexias, tanto no cômputo geral, como no de cada estado. Relação semelhante se verifica em *pinga*, que possui maior quantitativo de ocorrência que *aguardente* em todos os estados, excetuando-se no Rio Grande do Norte, onde se deu de forma igual. Já as outras quatro lexias, possuem um relevante quantitativo de ocorrências, mas não constam registradas em alguns estados, a saber:

✓ *cana*: Alagoas;

- ✓ *caninha*: Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará;
- ✓ *Pitú e 51*: Ceará, onde os informantes citaram apenas as marcas locais.

No Gráfico 2, vê-se a representatividade da lexia *cachaça*, na composição do *corpus*, que conta com a parcela de 39% do total de ocorrências, correspondendo à, praticamente, 2/5 desse total.

Gráfico 2 – Representatividade da lexia *cachaça*



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Diante desse resultado, não há dúvida de que o item lexical *cachaça* é o elemento prototípico das respostas fornecidas pelos 343 informantes conceptualizadores e categorizadores que responderam à pergunta 182 do QSL: “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?”

Esclarece-se que *cachaça* é o protótipo não somente porque é o item lexical de maior ocorrência, mas porque consta nas respostas de entrevistados pertencentes a todos os estados do Nordeste, e, ainda, de todas as cidades em que a pergunta 182 do QSL foi aplicada. Os informantes assim a compreendem e lhe garantem lugar no mundo, portanto, é de conhecimento geral que *cachaça* é uma bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar, bem como as variantes consideradas no *corpus* desta pesquisa.

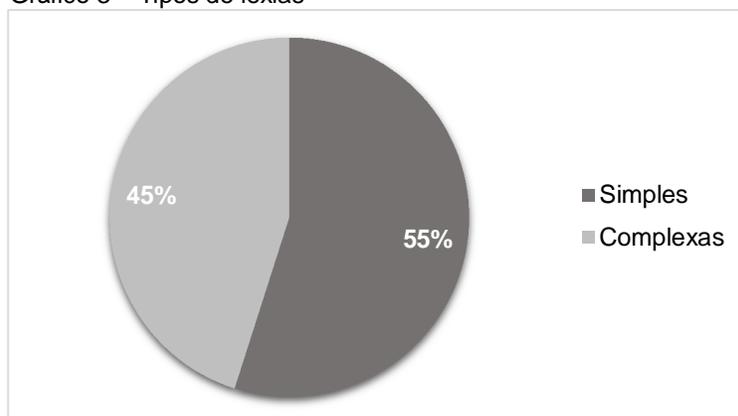
O elemento prototípico é aquele que, como uma das variantes, compartilha de atributos comuns com todas as outras variantes, as quais têm *cachaça* como referência. A lexia funciona como um elemento alavancador, em que, ao se perceber que a resposta da pergunta a ela se refere, proporciona, no

informante, uma associação que remete a um elemento que, culturalmente, possui elevada quantidade de denominações, compondo, assim, uma potente rede conceptual e categorial.

Diante desses resultados, destacam-se as lexias complexas apresentadas como respostas, tanto na categoria dos nomes comuns, 18, como na dos nomes-marca, 14, totalizando 32 Unidades Fraseológicas, que equivalem a 45% do total de lexias que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Pode-se verificar a representatividade percentual desse resultado no Gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 – Tipos de lexias



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

As lexias complexas, pertencentes à categoria dos nomes comuns, em sua maioria, são compostas de elementos léxico-semânticos, constituintes do próprio domínio de experiência da *cachaça*, como se tem, por exemplo, em *cachaça limpa*, *cachaça destilada*, *cachaça branca*, *cachaça pura*. Percebe-se que a formação dessas lexias revela a presença do MCI metonímico PARTE/TUDO em que foi feito um mapeamento de elementos pertencentes a características salientes da bebida, que passa a ser compreendida em termos de *cachaça*: limpa, destilada, branca, pura, por exemplo.

Destaca-se o fato de que, dos 27 nomes-marca, 14 são lexias complexas, correspondendo ao total de 52%; tal superioridade percentual não se observa no elenco dos nomes comuns, visto que foram 18 lexias das 44 apresentadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores, equivalendo a 41% do total.

Dessa forma, compreende-se que as lexias complexas apresentaram uma quantidade significativa de ocorrências, destacando-se o fato de que, nas

nomeações das marcas de *cachaça*, revelou-se com alta produtividade, podendo ser considerada como uma relevante opção para constar nos rótulos desse destilado.

Conforme Guérios (1970, p. 186), “[...] as fábricas dão muita preferência aos nomes com mais de um elemento (locucionais, justapostos e aglutinantes [...])”. A nomeação da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar é uma preocupação pertinente de seus produtores, visto que será a forma como a *cachaça* será vendida e chamada por seu público apreciador. É o nome da *cachaça*. Acrescem-se à atenção e ao cuidado que se têm com a escolha do tipo e da cor da garrafa, a presença de informações legais que devem constar no rótulo, que, por sua vez, deve ser bem apresentável para chamar atenção do consumidor. Portanto, numa rede de preocupações e de interesses com o produto, não poderia ficar de fora a escolha do nome da bebida, com o qual será apresentada a quem mais se quer chamar atenção: o consumidor.

Há nomeações, em que se verifica, nitidamente, o MCI metonímico PARTE/TUDO, em cuja constituição se tem o a, como ocorre com o nome das cidades Januária e Abaíra, por exemplo, onde há uma expressiva produção de *cachaça* e nomeação da bebida com denominação homônima a esses Topônimos.

É possível acionar sentimentos positivos de pertencimento, nos moradores da cidade, ao se fazer relação entre a boa qualidade da *cachaça* e as virtualidades do município. O mapeamento de atributos afins entre esses dois elementos promove, reciprocamente, associações que desencadeiam aspectos afetivos, os quais se fixam tanto na cidade como nas *aguardentes*, que, reconhecidamente, são de boa qualidade. O espelhamento de atributos positivos entre as citadas cidades e as *cachaças* nelas produzidas se estabelece como um contínuo que possibilita que *Januária* e *Abaíra* possam pertencer ao léxico onomástico, ao significar a cidade que produz a *cachaça*, assim como a marca do destilado de cana produzido na cidade; e, ainda, ao léxico comum, significando *cachaça*.

As 27 marcas de *cachaça*, citadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores, podem ser visualizadas no Quadro 10 que segue. Apresentam-se, ao lado de cada nome-marca do produto, a imagem de seus rótulos, alguns dos quais estão afixados nas garrafas.

Quadro 10 – Os Nomes-marca de *cachaça*

OS NOMES-MARCA DE CACHAÇA - RÓTULOS					
Nomes	Imagem	Nomes	Imagem	Nomes	Imagem
51		Pitú		21	
71		Ypióca		Serra Grande	
São Paulo		Batucada		Preá	
Colonial		Mangueira		29	
Caninha da Roça		Tatuzinho		3 Fazendas	
59		Jangada		Cabeceira do Rio	
88		61		Aratu	
Abaíra		Caninha de Ouro		Jacaré	
Pé de cana		Januária		Caribé	

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Esse elenco de *cachaças* possui procedências diversas, sendo produzidas na região Nordeste, Sul e Sudeste do país. A produção em maior escala possibilita que a distribuição da bebida se faça externamente ao local em

que é produzida, permitindo, assim, por exemplo, que nordestinos tenham, em suas experiências, contato com marcas famosas, como *51*, *21*, *Januária*, *Caribé*, *Caninha da Roça*, *Tatuzinho*, que atravessaram fronteiras geográficas e se fazem presentes em locais da região Nordeste. Isso possibilita que esses nomes-marca de *cachaças* constituam itens lexicais pertencentes ao vocabulário de seus utentes.

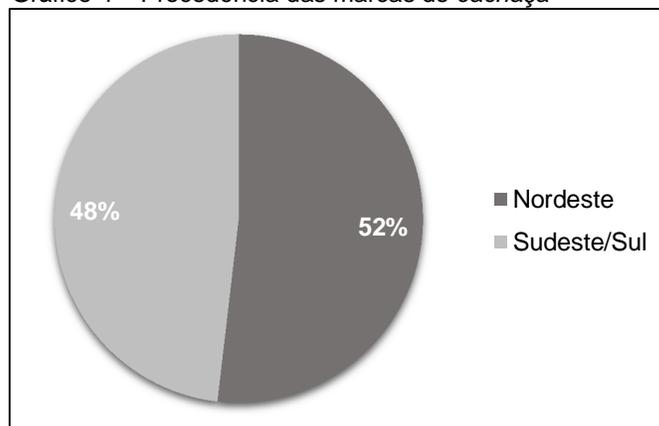
No Quadro 11, encontram-se as procedências das *cachaças* citadas pelos entrevistados, sendo especificadas, de cada uma, a cidade e o estado em que são fabricadas, acrescidas as informações da quantidade de ocorrências e dos estados em que ocorreram nos inquéritos do ALiB. Essas informações foram coletadas nos *sites* das bebidas, para as que os possuem, e em Cavalcante (2011b, p. 13-328), que não apresenta a procedência, apenas, da *cachaça 59*.

Quadro 11 – Agrupamento das procedências das *cachaças*

AGRUPAMENTO DE PROCEDÊNCIAS DAS CACHAÇAS					
Quantidade	Região do País	Cachaça	Procedência - Estado	Ocorrências	Estados de ocorrência no ALiB
14	Nordeste	Pitú	Vitória do Santo Antão - PE	51	SE, AL, PE, PB, RN, PI, BA
		Serra Grande	Vitória do Santo Antão - PE	2	PE
		Batucada	Bezerros - PE	1	PE
		Aratu	Bezerros - PE	1	BA
		Preá	Arco Verde - PE	1	PE
		São Paulo	Cruz do Espírito Santo - PB	1	PB
		Jangada	Campina Grande - PB	1	BA
		Colonial	Aquiraz - CE	1	CE
		Ypióca	Maranguape - CE	7	PE, CE
		Mangueira	Castelo do Piauí - PI	1	PI
		Cabeceira de Rio	Utinga - BA	1	BA
		Pé de Cana	Guaratinga - BA	1	BA
		Abaíra	Abaíra - BA	1	BA
		Jacaré	Salvador - BA	1	BA
12	Sudeste	51	Pirassununga - SP	31	SE, AL, PE, PB, RN, PI, MA, BA
		21	Pirassununga - SP	2	SE
		29	Pirassununga - SP	1	PI
		Caninha da Roça	Rio das Pedras - SP	3	MA, BA
		Tatuzinho	Rio Claro - SP	2	BA
		3 Fazendas	Rio Claro - SP	2	BA
		88	Jundiaí - SP	1	BA
		61	Santa Rita do Passo Quatro - SP	1	BA
		71	Capivari - SP	1	SE
		Caninha de Ouro	Conceição dos Ouros - MG	1	BA
		Januária	Januária - MG	1	BA
		Caribé	Januária - MG	1	BA
1	Sul	59	Campo Largo - Paraná	1	BA

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se pode observar, das 27 *cachaças*, 14 são da região Nordeste, 12 são da Sudeste e uma do Sul do país. Em termos percentuais, a representatividade da procedência das bebidas pode ser visualizada no Gráfico 4 que segue.

Gráfico 4 – Procedência das marcas de *caçaça*

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

As bebidas citadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores pertencem a oito estados brasileiros. Na região Nordeste são cinco *caçaças* produzidas em Pernambuco, quatro na Bahia, duas na Paraíba, duas no Ceará e uma no Piauí. Na Sudeste, são nove em São Paulo e três em Minas Gerais e uma na região Sul, no Paraná.

Algumas cidades apresentam-se como produtoras de mais de uma bebida citada, como: Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, com *Pitú* e *Serra Grande*; Bezerros, também em Pernambuco, com *Batucada* e *Aratu*; Pirassununga em São Paulo, com *51,21,29*; Rio Claro, também em São Paulo, com *Tatuzinho* e *3 Fazendas*; *Januária*, em Minas Gerais, com as *caçaças* *Januária* e *Caribé*. Esse dado representa a força dessas cidades na produção e na sua distribuição, bem como a amplitude que as bebidas alcançam nas diversas localidades do país.

Há *caçaças* que foram mencionadas pelos falantes que residem no mesmo estado em que a bebida é produzida, como se pode observar no Quadro 12 que segue.

Quadro 12 - *Cachaças* citadas por moradores onde a bebida é produzida

CACHAÇA	ESTADO PROCEDÊNCIA	OCORRÊNCIAS	OCORRÊNCIAS NO ESTADO DE PROCEDÊNCIA
Pitú	Pernambuco	51	24
Serra Grande	Pernambuco	2	2
Batucada	Pernambuco	1	1
Preá	Pernambuco	1	1
São Paulo	Paraíba	1	1
Colonial	Ceará	1	1
Ypióca	Ceará	7	5
Mangueira	Piauí	1	1
Cabeceira do Rio	Bahia	1	1
Pé de Cana	Bahia	1	1
Abaíra	Bahia	1	1
Jacaré	Bahia	1	1

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Com base no quantitativo apresentado no Quadro 12, se pode observar que 47% das ocorrências de *Pitú* se deram no estado de Pernambuco; 71% das ocorrências de *Ypióca*, no Ceará; e 100% das ocorrências de *Serra Grande*, em Pernambuco. Todas as outras *cacheças* elencadas nesse grupo categorial possuem apenas uma ocorrência.

Há dois pontos do Projeto ALiB, no Nordeste, que são coincidentes com as localidades em que há *cacheças* produzidas: Arcoverde (68) - (PE) e Salvador (93) - (BA). A *cacheça* produzida em Salvador (93), *Jacaré*, foi citada pela informante, faixa etária II, do ensino Fundamental, e a produzida em Arcoverde (68), *Preá*, pela de faixa etária II, do ensino Fundamental de Floresta (71), que fica a 182 km de Arcoverde (68). A *cacheça São Paulo*, que é produzida em Cruz do Espírito Santo, Região Metropolitana de João Pessoa (61), foi mencionada pelo informante, faixa etária I de João Pessoa (61).

Chama atenção o fato de *Jacaré* e *Preá* terem sido citadas por informantes da faixa II, a primeira tinha 61 anos e a segunda, 58, na época da realização dos inquéritos. Ambas as *cacheças* são antigas e, atualmente, não são mais comercializadas no mercado de bebidas, tratando-se de raridades, artigos de colecionadores.

Observe-se abaixo, no exemplo 22, a menção a *Preá*, que foi o terceiro item citado pela informante, mencionada logo em seguida de *Pitú*, acompanhada

do pronome demonstrativo “aquela”, com o indicativo semântico de “[...] algo ou alguém afastado espacial e/ou temporalmente dos dois interlocutores (falante e ouvinte).” (*Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*)

- (22)            [...]  
 INF. — *cacheça*.  
 INQ. — Hum ...outros nomes que ela tem.  
 INF. — *Pitú*.  
 INQ. — Ah! Tem mais?  
 INF. — Essas mesmo, né? Tem aquela *Preá* também, né?  
 INQ. — Hum...  
 INF. — Mas é pouco, né? (Mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

Na análise de cada inquérito, para as considerações relacionadas às lexias categorizadas como nomes-marca, foi necessário compreender como os informantes realizaram as suas conceptualizações e categorizações ao responderem à pergunta 182 do QSL. Para considerar que cada nome-marca significa a bebida alcoólica feita da cana de açúcar e, logo, a ela se refere, teve-se o entendimento de que o entrevistado, ao responder à pergunta, acionou o MCI Metonímico PARTE/TODO, que o levou a apresentá-la em sua resposta. Esse acionamento inclui também os nomes comuns e isso implica em afirmar que o léxico onomástico e o léxico comum, nos casos das entrevistas, estiveram disponíveis para os informantes, de forma que possibilitaram a presença de lexias de ambas as categorias no decorrer das respostas.

Na análise das entrevistas, verificaram-se confirmações dos informantes conceptualizadores e categorizadores de que certas lexias se tratavam de marcas de *cacheça*. O fato de terem consciência dessa informação não lhes foi um impedimento para apresentarem os nomes-marca em suas respostas, levando a concluir que, com essas lexias, eles conceptualizaram e categorizaram a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Contudo, é sabido que algumas lexias categorizadas como nomes-marca circulam em contextos cujos usos linguísticos permitem perceber que se tratam de nomes comuns. É a PARTE passando a acionar o TODO. Esse tipo de contexto discursivo não se apresentou de forma contundente nas falas dos informantes, que foram condicionados a responder com lexias à pergunta 182 do Questionário Semântico Lexical. Em certas oportunidades, quando motivados ou, espontaneamente, transpuseram-se em suas falas, explanando situações vivenciadas com a *caninha*.

No decorrer dos inquéritos, ocorreram as seguintes situações de análise.

- (i) inquéritos em que o informante revela que conceptualiza e categoriza a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar com nome marca, visto que, ao ser perguntado pelo inquiridor se se tratava de nome-marca, ele responde que sim. Cita-se, como exemplo, o diálogo entre informante e inquiridor em Itaporanga (58) – Paraíba.

- (23)                    [...]  
 INF. — *Cachaça*.  
 INQ. — Todos os nomes que você conhece para cachaça.  
 INF. — É *cachaça*, é *Pitú*...  
 INQ. — Hum. *Pitú* é uma marca ou é qualquer cachaça?  
 INF. — Não, *Pitú* é uma marca. *Cachaça* só a *cachaça*, *cachaça*.  
 INQ. — *Cachaça* é *cachaça* mesmo.  
 INF. — É. (Mulher, faixa etária I, ensino fundamental)

- (ii) Inquéritos em que não se pôde considerar o nome-marca como resposta, visto que o falante já faz a distinção categorial entre a das variantes da denominação da bebida e a das suas marcas, sendo esse o caso do uso do informante, faixa etária II, de escolaridade fundamental da cidade de Afrânio (66) - Pernambuco, citado no exemplo 21.

- (iii) Inquéritos em que o informante cita um nome-marca, mas que seria possível interpretá-lo como nome-comum, como se tem no diálogo abaixo, realizado em Salvador (93):

- (24)                    [...]  
 INF. — De cana?  
 INQ. — Sim. Faz de cana. Todo mundo toma, aquela branquinha, assim.  
 INF. — *cachaça*.  
 INQ. — Chamam por outro nome?  
 INF. — Uns chamam de *Jacaré*, *cachaça* ... outros chama de aperitivo. (Mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

Compreende-se que *Jacaré* é um nome-marca de *cachaça*, conforme consta no rótulo da bebida e registrado em Cavalcante (2011b) e em Calasans (2014). Como se sabe, Cavalcante (2011b) elenca alguns nomes-marca também na lista de sinônimos de *cachaça*, como se tem com: *jacaré*, *pitu*, *ypioca*, *caninha da roça*, *januária*, *cinquenta e um*. Nenhuma outra obra consultada a traz como

nome comum sinônimo da *aguardente*, sejam dicionários, livros e artigos em que constam listagens de nomes atribuídos à *cachaça*. A certeza que se tem é que *Jacaré* é exatamente uma marca de *cachaça* e é isso que se permite afirmar com o diálogo apresentado; de outra forma, seria especulação, no caso desse estudo.

Partindo dessas informações, pesquisas etnolinguísticas e sociolinguísticas, que se pautam e se sustentam na metodologia da Etnografia, podem, por meio de experiências, verificar se, em relação à *cachaça*, há ou não usos de lexias do léxico onomástico, ocorrendo como léxico comum. É preciso viver, em certos e muitos contextos de uso da bebida, para se certificar se *jacaré*, *pitu*, *ypioca*, *caninha da roça*, *januária*, *cinquenta e um*, por exemplo, são utilizadas como sinônimos de *cachaça*, na categoria de léxico comum. Impossível de ocorrer não é, mas, nos diálogos dos participantes do Projeto ALiB, da região Nordeste, não é possível trazer essa afirmação com a segurança que o dado merece.

Por outro lado, é possível afirmar que o informante conceptualizador e categorizador, para responder à pergunta 182 do QSL tem, à sua disposição, itens do léxico onomástico e do léxico comum, que fazem parte de seu conhecimento armazenado e que foram obtidos em meios culturais, a partir de experiências corpóreas, as quais lhes possibilitaram, por meio do MCI metonímico PARTE/TODO, compreender que, ao lhe ser perguntado: “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, lhe é pertinente apresentar como resposta (um) nome-marca e/ou (um) nome comum.

## 5.2 A DICIONARIZAÇÃO DAS LEXIAS CACHACEIRAS<sup>2</sup>

Os dicionários da língua portuguesa registram entradas de variantes de *cachaça*, principalmente as classificadas como nomes comuns, o que não ocorre com a mesma frequência com os nomes-marca. Dessas variantes registradas em dicionários, a maioria são lexias simples, ficando, boa parte das lexias complexas restritas a, quando ocorrem, constarem, primordialmente, como locuções.

---

<sup>2</sup> Nos Apêndices J e L, encontra-se o controle das dicionarizações das lexias apresentadas como respostas pelos informantes.

A abordagem dos itens lexicais registrados em dicionários repousa nos princípios da Lexicografia, que, conforme Camara Júnior (1997, p. 157), “É o estudo metódico — enumeração cognação, significação — das palavras de uma língua, feito em dicionário.”

Biderman (1999, p. 88), ao lidar com a oposição entre a representação abstrata e concreta do léxico, traz o *lexema* como a unidade lexical abstrata, pertencente às “[...] unidades virtuais que compõem o léxico [...]”, ficando a sua concretude com o *lema*, que é a “[...] representação canônica no dicionário.” As entradas lexicais ou os lemas “[...] ora se reportam a um termo da língua, ora a um referente do universo extralingüístico.” (BIDERMAN, 2001, p. 18) Portanto, cada lexia apresentada em um dicionário trata-se de um lema, o qual possui informações a respeito de sua(s) significação(ões), referências e seus usos, por meio de abonações, de exemplos. Segundo Biderman (2001, p. 18), “[...] os significados e usos referidos são aqueles já registrados e documentados em contextos realizados e não valores semânticos possíveis, eventualmente, atribuíveis aos lexemas da língua.”

Dessa forma, verificam-se, do elenco de lexias apresentadas como respostas pelos informantes, as que estão dicionarizadas e destas, as que estão conceptualizadas com referência à *cachaça*. Para este estudo, foram consultados três dicionários da língua portuguesa, cujo acesso é digital, e dois dicionários folclóricos, sendo um específico da *cachaça*.

Entende-se que os dicionários são publicações que contemplam manifestações lexicais que fizeram ou fazem parte de usos linguísticos, ocorridos em interações comunicativas, promovendo, assim, que se apreendam nuances da cultura, subsidiadas, muitas vezes, em enunciados em que se percebem haver, dentre outros processos/modelos cognitivos, metáforas e metonímias. Ainda de acordo com Biderman (2001, p. 17), “O dicionário da língua faz uma descrição do vocábulo da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura.”

Além dos dicionários, foram consultadas obras específicas da área da *cachaça*, que trazem, na seção *Vocabulário*, sinonímias e, em algumas, em separado, uma lista de nomes de marcas da bebida. Essas obras e dicionários consultados encontram-se listados na seção da Metodologia. Os três dicionários

da Língua Portuguesa consultados serão mencionados, nesta seção, como *Houaiss*, *Michaelis* e *Aulete*.

Salienta-se que, no *Dicionário do Folclore Brasileiro* (CASCUDO, [19--]), constam registradas apenas quatro lexias apresentadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores do ALiB, a saber: *cachaça*, *aguardente*, *garapa* e *brejeira*, entretanto, apenas nos verbetes das duas primeiras há remissão à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Já o *Dicionário Folclórico da Cachaça* (SOUTO MAIOR, 2013), como é de se esperar, apresenta uma quantidade maior de lexias coincidentes registradas.

Das 71 lexias apresentadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores, sejam as simples ou as complexas, 19 se encontram registradas, pelo menos, em um dos dicionários, e, em seus verbetes, se explicitam o significado de *cachaça*. Essas lexias se distribuem da seguinte maneira: 16 são simples, dentre as quais 15 são nomes comuns – *aguardente*, *birita*, *branquinha*, *brejeira*, *cana*, *caninha*, *cruaca*, *genjibirra*, *goró*, *limpa*, *manguaça*, *mé/mel*, *pinga*, *pura*, *uca*; e um nome-marca – *Januária*. Acrescessem-se o registro de três lexias complexas — *aguardente de cana*, *água que passarinho não bebe* e *incha pé*.

Para ilustrar, no Quadro 13, elencam-se três lexias registradas nos quatro dicionários consultados, em cujos verbetes constam, de forma explicitada, a significação de *cachaça*.

Quadro 13 – Exemplos de lexias com registro de significação de *cachaça*

LEXIA	DICIONÁRIO HOUAISS	DICIONÁRIO MICHAELIS	DICIONÁRIO AULETE	DICIONÁRIO FOLCLÓRICO DA CACHAÇA
branquinha	Aguardente de cana (branca); cachaça	Aguardente de cana; cachaça, pinga.	Aguardente de cana, cachaça	Eufemismo de cachaça
água que passarinho não bebe	Locução de água. aguardente de cana; cachaça	Em expressões de Água. V cachaça, acepção 1	Aguardente, cachaça	Eufemismo de cachaça
Januária	Aguardente de cana; cachaça	Aguardente de cana [...] cachaça	Cachaça, aguardente	Eufemismo de cachaça

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

A respeito da lexia complexa *água que passarinho não bebe*, o *Houaiss* e o *Michaelis* apresentam-na como locução/expressão de água e na listagem de sinônimos do item *cachaça*, enquanto no *Aulete* e no *Dicionário Folclórico da Cachaça* consta como lema. Calasans (2014, p. 153) afirma que é uma “Loc. conhecidíssima em todo o país para designar aguardente.”

Sobre *Januária*, destaca-se que, além de estar registrada nos três dicionários da Língua portuguesa consultados, com o significado de *cachaça* e *aguardente (de cana)*, e, no *Dicionário Folclórico de Cachaça*, como eufemismo de *cachaça*, o *Michaelis*, bem como o *Houaiss*, trazem a informação referencial de que foi “[...] inicialmente fabricada na cidade do mesmo nome [...]”<sup>3</sup>; em ambos a etimologia da lexia é atribuída à toponímia *Januária*.

Dentre as lexias dicionarizadas, observa-se ainda que há outras duas cujas significações relacionadas à *cachaça* não se dão de forma explícita, nos dicionários, mas, indiretamente. O conteúdo dos verbetes de cada uma permite que se infira que se trata da aguardente, são elas: *destilada* e *álcool*. A primeira, registrada como *destilado*, no *Aulete*, por exemplo, consta: “[...] 4. P.ext. Bebida alcoólica destilada (*cachaça*, uísque, vodca etc.) [...]” e a segunda, o *Houaiss* registra como “[...] p.ext. qualquer bebida alcoólica, esp. vinhos e bebidas brancas [...]”.

Cavalcante (2011b) e Seabra (2018) apresentam *álcool* em suas listagens de lexias sinônimas de *cachaça*, mas nem eles nem os outros autores das obras consultadas apresentaram *destilada* com essa significação. Os três dicionários da Língua portuguesa trazem essa lexia como produto da destilação, mas, diferentemente do *Aulete*, no *Houaiss* e no *Michaelis* não há remissão direta à *cachaça*. No diálogo entre informante e inquiridor, verifica-se o uso desse item lexical como variante de *cachaça* em quatro cidades, sendo três da Bahia e uma em Sergipe. Segue, no exemplo 25, a resposta de um informante conceptualizador e categorizador, ocorrida no inquérito realizado na cidade de Itaberaba (90), na Bahia.

(25) [...] INQ. — Tem gente que gosta de tomar aquela bebida forte.

<sup>3</sup> Salienta-se que *Ypióca* também se encontra com entrada no dicionário *Houaiss*, mas, em seu verbete, consta informação relacionada ao referente: “*Ypióca* é uma marca de *cachaça*. A sede da empresa atualmente encontra-se em Fortaleza, no Ceará, no Brasil.”

INF. — Ah! É a *pinga*, a *cachaça*, é ...  
 INQ. — Sim. E que... qual é os nomes que tem aqui para ela? Chama de quê?  
 INF. — Aqui chama de *pinga*, a *cachaça* mesmo...  
 INQ. — Hum. E...  
 INF. — Outros chama também *destilada*, né?  
 INQ. — Sim, é a mesma coisa.  
 INF. — Tudo é nome. É... Tudo é a mesma coisa.  
 (Homem, faixa etária II, ensino fundamental)

Detecta-se o MCI Metonímico PARTE/TODO, em ambas, visto que, em *destilada*, parte-se do processo de produção da bebida, que passou a nomeá-la e, em *álcool*, essa nomeação ocorreu a partir do mapeamento e destaque de um de seus elementos de composição.

As lexias, apresentadas como respostas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores, que se encontram dicionarizadas, com remissão à bebida alcoólica feira da cana-de-açúcar, totalizam 21, e podem ser assim organizadas:

- ✓ 18 lexias simples e três lexias complexas, sendo um nome-marca e 20 nomes comuns.

Das 71 lexias apresentadas como respostas pelos informantes, 30% possuem entradas nos dicionários consultados, com significados que se referem à *cachaça*, conforme consta registrado em seus verbetes. De acordo com os resultados obtidos a partir da pesquisa realizada, dessas 21 lexias, 86% são classificadas como simples e 14% como complexas.

A respeito da dicionarização das lexias complexas *aguardente de cana e incha pé*, a primeira consta registrada como locução de *cachaça* no *Houaiss* e no *Michaelis* e a segunda está presente, apenas, no *Dicionário Folclórico da cachaça*. Nas obras consultadas, em todas, se tem *aguardente de cana* e, em apenas Cavalcante (2011b), encontra-se *incha pé*. Observa-se, a seguir, no exemplo 26, o uso de *incha pé*, na fala do informante, da faixa etária II, ensino fundamental de Jequié (95) - Bahia.

(26) [...]
   
INF. — Aqui a gente chama *pinga*. Ah, tem vários tipo. É *pinga*, é... é... é... é... *incha pé*. (riso)
   
INQ. — É?
   
INF. — É. É... Tem todo nome. Danado. (riso).
   
INQ. — Um bocado de nome, né? (riso)
   
INF. — É. Tem todo nome.
   
[...]

Dentre os nomes comuns, destacam-se, ainda, três lexias registradas nos dicionários de Língua portuguesa, mas que não possuem o significado de *cachaça*, a saber: *garapa*, *serrana* e *porre*.

A primeira é definida, nos três dicionários, como “[...] qualquer líquido que se põe a fermentar para depois ser destilado [...]”, como se pode verificar no *Houaiss*. Apresenta-se, como sinônimo de *cachaça*, em Cavalcante (2011b) e em Calasans (2014). De acordo com Souto Maior (2013, p. 72), “Até pelo menos os fins do século passado, [...] designava nos botequins mais ínfimos do Rio de Janeiro uma bebida fortemente alcoólica, feita de caldo-de-cana, mel de abelha e raspas de mandioca, diz Mário de Andrade.”

Como se vê, assim como a variante *álcool*, *garapa* é uma parte da bebida, que, nesse caso, o caldo a ser fermentado e destilado passou a nomeá-la, dando-se, dessa forma, pelo MCI Metonímico PARTE/TODO. Esse mesmo modelo se verifica em *serrana*, que se apresenta relativo à serra, sendo a nomeação uma referência ao local de procedência da bebida.

Quanto à *porre*, consta, em Cavalcante (2011b), na lista de sinônimos de *cachaça*, e se constitui, de uma forma geral, nos dicionários, como o estado de embriaguez. O dicionário *Aulete* e a obra de Calasans (2014) trazem a informação de que, no Norte, trata-se de uma medida de *cachaça*. O informante de Euclides da Cunha (83) apresenta, dentre algumas variantes de *cachaça*, a lexia *porre*, como se pode verificar no diálogo abaixo.

- (27)                    [...]  
                           INF. — *Cachaça*.  
                           INQ. — É e agora quais são os nomes aqui que as pessoas costumam chamar?  
                           INF. — Hiiii  
                           INQ. — Vamos tomar ali...  
                           INF. — Vixe, ixé, aquilo tem nome que não acaba de mais.  
                           INQ. — Diz aí. Um bocado de nome, né?  
                           INF. — Tem nome que não acaba mais...  
                           INQ. — Diz aí.  
                           INF. — É *cachaça*, é *quiboa*...  
                           INQ. — (Risos).  
                           INF. — É *fobuíá*, é *cruaca*, é... é o *porre*, é...  
                           INQ. — Isso se referindo aquela dose mesmo?  
                           INF. — É aquela dose mesmo, a *pinga* mesmo, a *cachaça* mesmo.  
                           INQ. — Entendi.  
                           [...] (Homem, faixa etária II, ensino fundamental)

Chama-se atenção para o fato de que, em *porre*, se tem, inicialmente, na formação dessa lexia, um MCI metafórico acionado entre dois domínios: ser

humano – Fonte – e a bebida – Alvo. Como se vê, não se trata, restritamente, do elemento ser humano, de uma forma geral, mas daquele que se encontra em estado de embriaguez. A experiência corpórea do falante possibilitou-lhe, por contiguidade, nomear a *cachaça*, ou mesmo a sua medida, como *porre*, tendo-se, neste caso, o uso do MCI metafórico e do MCI PARTE/TODO por metonímica.

As formas *destilada*, *álcool*, *garapa*, *serrana* fazem parte do domínio de experiência da *cachaça*, com outras significações, a saber:

- ✓ Destilada → produto da destilação
- ✓ Álcool → componente químico
- ✓ Garapa → líquido a ser fermentado
- ✓ Serrana → proveniente da serra

Essas lexias, inicialmente, ocupam o centro da significação desses referentes a que estão relacionadas. Todavia, como constituem partes de um domínio maior, cujo todo é a *aguardente*, equivalem a partes que passam a ser compreendidas como periferias. Devido aos mapeamentos e MCIs utilizados nas interações comunicativas dos utentes, passaram a ocupar um outro centro, o de sinônimo de *cachaça*, ligadas à significação de “bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar”; nesse sentido, passam de PARTE para referenciar o TODO, ocupando o CENTRO da significação de outro referente a que passam a ter uma LIGAÇÃO. Vê-se, portanto, nesse processo, ocorrerem três Modelos Cognitivos de Esquemas: PARTE/TODO, CENTRO/PERIFERIA, LIGAÇÃO, conforme se tem em Medeiros *et al.* (2015).

A forma *marofa* não se encontra dicionarizada significando *cachaça*. O *Houaiss* a tem com informações referenciais relacionadas à serra da Marofa; o *Michaelis* a traz como “Cheiro de maconha num ambiente”, e o *Aulete* não a registra.

Dois informantes conceptualizadores e categorizadores do Maranhão, da cidade de São João dos Patos (31), a trouxeram como item léxico em sua resposta à pergunta 182 do QSL, como se pode verificar na passagem de um dos inquiridos em que a lexia ocorreu.

- (28) [...]
   
INF. — Chama... *cachaça maranhense*.
   
INQ. — Hum... hum...

INF. — É.

INQ. — Tem algum outro nome que diz?

INF. — Tem não. Pessoal chama *marofa*, só por brincadeira mesmo, né? (Homem, faixa etária II, ensino fundamental)

Como se vê, foi utilizada como uma variante de *cachaça*. Compreende-se que *marofa* trata-se de variação fônica de formas como: *malafa*, *malafó*, *malavo*, *marafa*, *marafó*, registradas, de uma forma geral, no *Houaiss* e no *Michaelis* como sinônimas de *cachaça*. O *Dicionário Folclórico da Cachaça* registra *marafó*, como: “o mesmo que malajo, malafa. Eufemismo de cachaça [...]”. Cavalcante (2011b), além dessas variantes citadas, inclui: *malavra*, *marufa*, *marufo*.

Portanto, compreende-se que essas formas, assim como a apresentada pelos informantes, tratam-se de lexemas, que se apresentam na língua com muitas variações fônicas, dentre as quais se enquadra *marofa*. As variantes citadas que se encontram registradas nos dicionários, ora constam como lema ora como informações prestadas nos verbetes. *Marafó*, por exemplo, consta, no *Houaiss*, como “aguardente de cana, cachaça”, sendo remetida como o mesmo que *malafa*, a que também é remetida como a sua etimologia.

A distribuição das lexias apresentadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores e que possuem entrada nos dicionários remetendo à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar pode ser visualizada no Quadro 14 abaixo. Devido à pouca quantidade de lexias registradas no *Dicionário Folclórico Brasileiro* (CASCUDO, [19--]) optou-se por excluí-lo. Neste Quadro, o X indica que a forma lexical ocorreu no dicionário.

Quadro 14 - Lexias que constam nos dicionários consultados

LEXIA	DICIONÁRIO HOUAISS	DICIONÁRIO MICHAELIS	DICIONÁRIO AULETE	DICIONÁRIO FOLCLÓRICO DA CACHAÇA
Aguardente	X	X	X	X
Álcool	X	X	X	Não
Aguardente de cana	X	X	X	Não
Água que passarinho não bebe	X	X	X	X
Birita	X	X	X	X
Branquinha	X	X	X	X
Brejeira	X	X	Não	Não
Cana	X	X	X	X
Caninha	X	X	X	X
Cruaca	X	Não	Não	X
Destilada	Não	Não	X	Não
Goró	X	X	Não	Não
Incha pé	Não	Não	Não	X
Januária	X	X	X	X
Genjibirra	X	X	X	Não
Limpa	X	X	Não	X
Manguaça	X	Não	X	Não
Mé/Mel	Não	X	Não	Não
Pinga	X	X	X	X
Pura	X	X	X	X
Uca	X	X	X	X

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se pode observar, no Quadro 14, as lexias *aguardente*, *água que passarinho não bebe*, *birita*, *branquinha*, *cana*, *caninha*, *Januária*, *pinga*, *pura* e *uca* constam registradas nos quatro dicionários consultados.

Os dicionários *Houaiss* e *Michaelis*, no verbete *cachaça*, apresentam um elenco de lexias consideradas sinonímias do lema. Na referida listagem, nos dois dicionários, constam onze lexias: *aguardente*, *água que passarinho não bebe*, *birita*, *branquinha*, *cana*, *caninha*, *goró*, *Januária*, *pinga*, *pura* e *uca*. Apenas registradas na lista do *Houaiss*, têm-se quatro lexias: *cruaca*, *gengibirra*, *limpa* e *manguaça*; e, somente na do *Michaelis*: *mé*. Portanto, esses 16 itens léxicos, além de possuírem entradas nos dicionários, também são categorizados como sinônimos de *cachaça* pelos dicionaristas, o que não ocorre, por exemplo, com *brejeira*, que, assim como os outros, está dicionarizado com o significado de *cachaça*, mas não se encontra incluído em suas listas de sinônimos<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Nos Apêndices J e L, os itens lexicais registrados com outra significação constam como “dicionarizado com outra acepção” e as que não estão registradas, como: “não registrado”.

O dicionário que mais registrou as lexias apresentadas como resposta pelos entrevistados foi o *Houaiss*, com 18 dos 21 lemas, seguindo-se do *Michaelis* com 17, o *Aulete* com 14 e o *Dicionário Folclórico da Cachaça* com 13.

As dez lexias que ocorreram nos quatro dicionários, conceptualizadas como *cachaça*, possuem naturezas distintas em relação ao quantitativo de ocorrências, visto que tanto constam, nesse elenco, as de maior quanto as de menor ocorrência, como se pode verificar no Quadro 15 abaixo, organizado do maior para o menor quantitativo de ocorrências.

Quadro 15 – Ocorrências das lexias registradas nos quatro dicionários consultados

LEXIAS	OCORRÊNCIAS
Pinga	121
Aguardente	59
Cana	47
Caninha	17
Birita	8
Branquinha	8
Água que passarinho não bebe	2
Pura	2
Uca	2
Januária	1
Total	267

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se vê, *pinga*, *aguardente* e *cana* possuem um considerável quantitativo de ocorrências, enquanto *caninha*, *birita* e *branquinha* são medianas em quantidade de ocorrências; *água que passarinho não bebe*, *pura*, *uca* e *Januária* são lexias com poucas ocorrências no *corpus* pesquisado. As 267 ocorrências indicam que 35% do total das ocorrências correspondem aos dez itens que estão registrados nos quatro dicionários consultados.

Chama atenção o fato de *fubuia*, que possui sete ocorrências, distribuídas nos estados Bahia, Maranhão e Sergipe, não fazer parte do elenco de lemas em nenhum dos quatro dicionários. Cavalcante (2011b) apresenta a lexia no rol das formas sinônimas de *cachaça*, além disso, consta no *Lexiss* acompanhada de abonação, a saber: “[...] cachaça artesanal. Ex: Antes de almoçar tomou um gole

de fubuia.”<sup>5</sup> Em consulta, por e-mail, a um proprietário de *cachaça* artesanal do interior da Bahia, ele informou que *fubuia* seria: “[...] cachaça feita com Etanol de usina, comprado clandestinamente. Mistura-se água e essências para se obter uma cachaça barata [...] é vendida à granel nos bares das periferias [...]”.

A variante *gengibirra* se apresentou como uma das respostas do informante de Crateús (44) - Ceará, como se pode verificar no diálogo que segue – exemplo 29.

- (29)                    [...]  
                           INF. — *Cachaça, aguardente, cana.*  
                           INQ. — Tem mais algum?  
                           INF. — *Gengibirra.*  
                           INQ. — Vai tomar uma... mais algum? Lembra?  
                           INF. — Vai tomar uma quente, vai tomar uma fria.  
                           [...] (Homem, faixa etária II, ensino fundamental)

Nos três dicionários de língua portuguesa consultados, há entrada de *gengibirra* com a significação, de uma forma geral, atribuída à “Bebida fermentada, cuja composição inclui gengibre, frutas, açúcar, ácido tartárico, fermento de pão e água; cerveja de barbante, cerveja de cordão, champanha de cordão”. Seguem os verbetes com a informação de que a *lexia* também significa *aguardente de cana, cachaça*. A etimologia registrada nos dicionários é do inglês *ginger beer*. O *Michaelis* traz *jinjibirra* como variante e o *Houaiss* informa que *gengibirra* é sinônimo de *jinjibirra* e de *cachaça*. *Jinjibirra* também é dicionarizada e, nos verbetes, é feita a remissão à *gengibirra*. Cavalcante (2011b), Câmara (2004), Seabra (2015) a registram como variante de *cachaça*. Calasans (2014, p. 173) traz *Gengibirra*, como “bebida fermentada, espécie de Aluá. (L. Mota)” Destaca-se que *gengibirra*, originalmente, pertence ao domínio de experiência da bebida alcoólica fermentada, preparada com base em gengibre. Supõe-se que essa ampliação semântica, para se referir também à *cachaça*, pode ter partido da polissemia que envolve essa *lexia*, que, como se sabe, também pode significar “qualquer bebida alcoólica”, como consta no verbe de dos três dicionários consultados.

<sup>5</sup> Ao ser feita uma consulta no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa)<sup>5</sup>, verificou-se que essa *lexia* consta registrada no documento, como *Fubuia*.

As formas variantes *mel* e *mé* totalizam duas ocorrências. A primeira ocorreu na fala de uma informante conceptualizadora e categorizadora de Campina Grande (60) – PB, que, em seu relato, revela o uso da lexia como uma estratégia de eufemismo, como se pode observar no diálogo citado abaixo.

- (30) [...]
   
INF. — *Cachaça*?
   
INQ. — *Cachaça*. Outro nome?
   
INF. — *Pinga*?
   
INQ. — Mais.
   
INF. — É *cachaça*, *pinga*. Tem outro? *Cachaça*, *pinga*, *alambique*.
   
INQ. — Hum, hum.
   
INF. — *Mel*.
   
INQ. (ININT)
   
INF. — *Mel* porque às vezes, às vezes ‘vou tomar um pouquinho de mel’. Porque tem gente que não fala a questão na frente dos outros, porque os outros não gosta do... não gosta, diz *mel*.
   
INQ. — É. Isso.
   
INF. — Só. (Mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

Já no inquirido do informante de Natal (53) - RN, tem-se o uso da forma *mé*, após o entrevistado ter apresentado uma lista com sete variantes, pois, como ele mesmo afirma, *cachaça* é a coisa que tem mais sinônimo na vida, no nosso mundo. Veja-se no exemplo 31.

- (31) [...]
   
INF. — *Aguardente*.
   
INQ. — Que outros nomes?
   
INF. — *Aguardente de cana*.
   
INQ. — Que é mais?
   
INF. — *Aguardente de cana*, é a *pinga*.
   
INQ. — Sim.
   
INF. — É a *cachaça*.
   
INQ. — Sim.
   
INF. — É a coisa que tem mais sinônimo na vida é..., no nosso mundo é a *cachaça*.
   
INQ. AUX. — Mas vá dizendo aí. (ININT)
   
INF. — *Uca*.
   
INQ. AUX. — Como?
   
INF. — *Uca*.
   
INQ. AUX. — *Uca*. Ah, é?
   
INF. — *Uca*. *Uca*, *cana*, *pinga*, *birita*, é ... *Mé*, (risos)
   
[...] (Homem, faixa etária II, ensino fundamental)

Nos dicionários *Houaiss*, *Michaelis* e *Aulete* constam a entrada da forma *mel*, mas não com a significação referente à *cachaça*; já a lexia *mé* está registrada, no *Michaelis*, com a significação de *cachaça*, estando, inclusive, na lista das sinonímias. No *Aulete* não se encontra registro dessa lexia e o *Houaiss*

remete-a ao balido de cabra, ovelha. Cavalcante (2011b) e Seabra (2015) trazem as duas formas na lista de sinônimos de *cachaça* e Câmara (2004) apresenta, somente, *mé*.

Em todas as obras consultadas, a entrada das lexias é feita separadamente: *mel* e *mé*. Nesta tese, considera-se apenas uma entrada para ambas, compreendendo que são itens variantes, sem deixar de considerar que a formação de *mé*, provavelmente, se deu, a partir da forma padrão, *mel*, em que, por meio de uma apócope, se passou de *mel* para *mé*. Há de se pensar que *mé* é a forma mais corriqueira e eficiente de se referir, explicitamente, à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Já *mel* passou a ser a variante *mé* e cumpre, o papel de item eufêmico, que possui a finalidade de disfarçar o gosto pelo consumo da bebida.

A dicionarização das lexias se constitui um elemento de estudo para que se verifiquem as formas já consideradas como, oficialmente, constituintes do acervo vocabular do idioma português falado no Brasil. Como afirma Cascudo ([19--], p. 214), “A cachaça possui sinonímia infindável [...]”, por isso salienta-se que, assim como *fubuia* e *marofa*, há outras muitas formas variantes de *cachaça*, correntes nas interações comunicativas, ocorridas no domínio da experiência da bebida, que ainda não estão dicionarizadas. Cita-se, no exemplo 32, a *tiortina*, que não possui registro em nenhum documento escrito pesquisado e que foi apresentada como primeira resposta do informante conceptualizador e categorizador de Alagoinhas (88) – Bahia, faixa etária I, de escolaridade no nível fundamental:

- (32) [...]
   
INF. — *Tiortina*.
   
AUX. — Como?
   
INF. — *Tiortina*.
   
INQ. — O que é Tior..., como é *tiortina*?
   
INF. — É a *cachaça pura*.
   
[...]

A *tiortina* foi tema e título de filme de produção baiana, da NovoCinemaNovo: “Incarcânu a Tiortina” (2008), que traz, na fala de um dos personagens, o “lubisôni”, morador da cidade de Conceição do Almeida, a afeição e estima pela *branquinha*, revelada em uma de suas muitas lucubrações: “Cachaça, se é pecado, eu vou morrer pecando, porque sem *tiortina*, eu não

vivo.” (TOURINHO; PONTES, 2008) E, como outra prova de puro e intenso bom sentimento, o seu amigo e parceiro do “Esporte clube Viracopos”, Túli, na forma mais genuína de expressar o seu sentimento pela bebida, revela nenhuma vergonha de apreciar a *mardita* e grita, para quem queira ouvir: “tiortina, eu te amo!” (TOURINHO; PONTES, 2008)

A *tiortina* e as outras muitas variantes da *cachaça* apresentam uma enormidade de motivações socioculturais e cognitivas para serem criadas e propagadas, visto que, como se viu na fala de Túli, há sentimentos envolvidos no lidar com a bebida, seja de quem a produz ou de quem a consome. Tais motivações, muitas vezes, são desconhecidas, mas o afeto à caninha sustenta e embasa o surgimento e propagação desses usos linguísticos.

A *aguardente de cana* trata-se de um elemento que já possui uma rede de lexias variantes e de princípios de formação dessas lexias, devidamente acordados e compartilhados entre os utentes. Questões históricas, culturais e sociais, certamente, estão presentes nos sinônimos que se atribuem à aguardente de cana, pois, como aborda Sapir (1961, p. 51), o léxico reflete “[...] em alto grau a complexidade da cultura [...]”.

### 5.3 A PINGA NOS QUATRO CANTOS DO NORDESTE

É hora de demonstrar o resultado obtido em cada estado nordestino, que contemplou, como se sabe, sistematicamente, a realização de inquéritos a oito informantes conceptualizadores e categorizadores em cada capital, totalizando 72, e a 276 nas cidades do interior.

Dentre os entrevistados das capitais, 36 são de escolaridade universitária. Os 36 restantes possuem o nível fundamental, que, unidos aos 276 moradores das cidades do interior, correspondem a 312 informantes dessa escolaridade.

Nas 78 localidades, foram realizadas, ao total, 348 inquéritos. Sabe-se, contudo, conforme fora explicitado na seção da Metodologia, que, na região Nordeste, obtiveram-se respostas à questão 182 do QSL de 343 informantes, que estão assim distribuídos: 71 nas capitais e 272 das cidades do interior. Desse total, 173 são do sexo masculino e 170 do feminino; 36 de escolaridade universitária e 307 do nível fundamental. Na capital, foram 35 entrevistados da

faixa etária I e 36 da faixa II e, nas cidades do interior, 136 informantes de cada uma dessas faixas etárias.

Em relação aos informantes conceptualizadores e categorizadores de escolaridade universitária, que correspondem a 10% do total, os dados, a partir deles obtidos, puderam ser comparados equitativamente entre os seus pares, ou seja, entre os que pertencem à mesma categoria de formação escolar, nas capitais de cada estado. Todavia, considerando-os de forma abrangente, esses dados se constituem uma amostragem que revela, no total das falas dos 343 entrevistados, os aspectos histórico-sócio-culturais presentes em cada saber individual e, concomitantemente, em suas memórias coletivas, construídas, cotidianamente, em seus ambientes de interação comunicativa. A partir desses aspectos, é possível perceber como e por que a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar é prototipicamente compreendida como *cachaça*, em cuja rede categorial conta com outras 70 variantes, dentre as quais citam-se *cana*, *Pitú*, *aguardente*, *incha pé*, *fubuia*.

Atribui-se ao sexo masculino, e até ao gênero masculino, o gosto de apreciar a *branquinha*, contudo, nesta pesquisa realizada, se viu que o sexo masculino não foi fator predominante para conhecê-la, para saber como a *caninha* é denominada, visto que apenas três mulheres disseram não saber como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

A apresentação e discussão dos resultados, em cada um dos nove estados do Nordeste brasileiro, ocorrerá com a exposição das lexias constantes das respostas, acompanhadas de suas respectivas quantidades de ocorrências. Quando necessário, serão tecidos comentários a respeito de lexias, que se apoiarão em citações dos diálogos ocorridos entre inquiridor e informante e/ou em outros recursos que se julgarem relevantes.

As lexias que ocorreram, exclusivamente, em localidades de determinado estado serão nele tratadas, mas as que ocorreram em mais de um estado serão abordadas onde se considerar mais pertinente.

Interpretações com base nos princípios da Dialetoлогия, Etnolinguística e Semântica Cognitiva também se farão presentes neste espaço, levando em consideração, sempre que possível, a concepção interdisciplinar desta tese, quando não, a que se enquadra em uma dessas vertentes linguísticas.

No decorrer da análise, são salientados os principais aspectos que se destacam no *corpus*, levando em consideração tanto os elementos que individualizam cada lexia quanto os que a levam a pertencer a uma coletividade: a constituição da rede categorial das variantes de *aguardente*, apresentadas como respostas pelos participantes do Projeto ALiB, na região Nordeste do Brasil.

A exposição seguirá a ordem de enumeração dos pontos, elaborada pelo Projeto ALiB, conforme apresentado por Isquierdo e Teles (2014b, p. 74), como se pode verificar no Quadro 16 a seguir.

Quadro 16 – Número de Pontos nos estados pesquisados pelo Projeto ALiB – no Nordeste brasileiro

ESTADO	NÚMEROS DOS PONTOS
Maranhão	25 a 33
Piauí	34 a 38
Ceará	39 a 50
Rio Grande do Norte	51 a 55
Paraíba	56 a 61
Pernambuco	62 a 73
Alagoas	74 a 77
Sergipe	78 a 80
Bahia	81 a 102

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

### 5.3.1 O Maranhão – A terra da *Catirina*, do pai Chico e do boi Mimoso

O Bumba-meu-boi é a festa mais popular nas terras maranhenses. Todos os anos, no decorrer dos festejos juninos, conta-se uma linda história: o “Auto do Bumba-boi de Catirina”, que é considerado uma Ópera popular.

Conforme a produtora cultural, Teresinha Jansen (O BOI DE CATIRINA, 2006), conta-se que a Catirina, grávida, acordou, uma noite, com o desejo de comer a língua do Mimoso, que era o mais gordo, bonito e preferido boi do rico fazendeiro e patrão de seu marido. A contragosto, mas pressionado a atender o desejo de sua esposa grávida, o Pai Chico ou Nego Chico, que era o homem de

confiança do patrão, e que tomava conta dos bois, arranca a língua do Mimoso e a entrega para sua amada.

Quando descoberto o feito, Chico é preso e o boi, que estava, praticamente morto, é levado, às pressas, ao Pajé, que anuncia que a cura do boi está vinculada a manifestações de fé das pessoas da fazenda. Imediatamente, todos começaram a rezar, a cantar e a dançar e, com as milagrosas intervenções, o boi “ressuscitou”, o pai Francisco foi perdoado e, ainda, houve uma grande comemoração na fazenda.

O compositor Josias Sobrinho, numa canção em homenagem à “Catirina”<sup>6</sup>, traz o drama vivido por essa mulher, numa entoada própria do povo do Maranhão. Segue um trecho da música, cantada pelo maranhense Papete:

[...] Catirina que só quer  
Comer da língua do boi  
Carne seca na janela  
Quando alguém olhar pra ela  
Pensa que lhe dão valor  
Ai, Catirina! Poupa esse boi  
Mãe, Catirina! Poupa esse boi  
Que quer crescer  
E lá vai meu boi dando adeus pra ela  
Que fecha a janela trancando meu coração  
Que é um boi de pasto carregando sela  
Fazendo vergonha pra ela e pra São João.

Essa tradicional história, no mês de junho, é representada nas ruas e praças maranhenses, onde grupos de boi, com muita exuberância, revelam um mosaico de manifestações culturais, constituídas de diversos sotaques.

Os sotaques são estilos, formas e expressões próprias, que diferenciam a festa do “Bumba meu boi” realizada no Maranhão, das outras que ocorrem pelo país. Há uma variedade de sotaques de bois maranhenses, como o de Matraca, de Zabumba, Orquestra, Baixada, Costa-de-Mão, (REPÓRTER MARANHÃO, 2015). Cada um tem suas próprias toadas, seus ritmos, suas músicas, coreografias e indumentárias.

Nessas manifestações, há as encenações do Auto, em que, como aborda Reis (2000, p. 38), a mãe Catirina é a personagem pivô da encenação, “[...] com

<sup>6</sup> Informação disponível em <https://www.lettras.mus.br/papete/1515088/>. Acesso em: 02 out. 2021.

nuanças totalmente viris” e o pai Francisco, o personagem principal, é “[...] encarregado das palhaçadas, do humorismo, fazendo cenas para a plateia rir a valer. Existem grupos que têm mais de um, chegando até cinco ou seis, para alegrar mais.” (REIS, 2000, p. 38)

Conforme o portal do IPHAN, em 2011, “O Complexo Cultural do Bumba –meu-boi do Maranhão foi inscrito no Livro de Registro de Celebrações [...]. Em 2019, a manifestação popular recebeu da Unesco o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.”<sup>7</sup> O público que assiste às apresentações se envolve, interagindo com os grupos, sendo mais essa uma das pedras fundamentais da manifestação cultural maranhense.

Em comemoração ao recebimento desse título, Flávio Paiva<sup>8</sup> publicou, no jornal cearense, *O Povo* (p. 2, 2019), a crônica “Tim-tim com Tiquira pelo boi do Maranhão” e finaliza assim o seu texto: “Palmas para a gente do Boi, fogos para a cultura maranhense e vivas aos brincantes do Brasil. Tim-tim com tiquira!!!”

Trazer o brinde com a *aguardente* típica do estado, que, como já se apresentou nesta tese, não é *cachaça*, mas um destilado feito à base da mandioca, é uma forma de valorizar e de enaltecer o conjunto da composição histórica e cultural brasileira. E é dessa forma que, no local em que se conta o Auto do Bumba-boi de Catirina, também se encontram tantas outras riquezas históricas, as quais, por um lado, individualizam o seu povo e, por outro, constituem a cultura popular do Brasil, o que faz com que, no Maranhão, a *aguardente* de mandioca conviva nos mesmos espaços que a *cachaça*. Como afirmou Ricardo Maranhão, “Os maranhenses souberam preservar a diversidade de influências culinárias que sua rica história recebeu.” (MAPA DA CACHAÇA, 2019d)

No estado do Maranhão, a pesquisa do Atlas Linguístico do Brasil envolveu falantes de nove cidades, correspondendo aos pontos 25 a 33, que estão organizados na seguinte ordem: Turiaçu, São Luís, Brejo, Bacabal, Imperatriz, Tuntum, São João dos Patos, Balsas, Alto do Parnaíba.

---

<sup>7</sup> Informação disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/80>. Acesso em: 10 out. 2021.

<sup>8</sup> Informação disponível em: <http://www.flaviopaiva.com.br/artigos/tim-tim-com-tiquira-pelo-boi-do-maranhao/> Acesso em: 8 mar. 2022

Apresentaram-se, como respostas, 16 lexias, sendo nove classificadas como simples e sete como complexas, distribuídas em 64 ocorrências. Predominaram o uso de nomes comuns, 14, ocorrendo, apenas, dois nomes-marca: *51* e *Caninha da roça*. Em termos percentuais, 87% das lexias constantes nos inquéritos maranhenses são nomes comuns.

A forma *cachaça* é o item de maior ocorrência no estado do Maranhão, correspondendo a, praticamente, 52% do total obtido nesse estado. As outras lexias circulam entre uma e cinco ocorrências, se estabelecendo, entre elas, uma relação próxima em termos quantitativos. A diferença de *cachaça* para *pinga*, por exemplo, a segunda de maior ocorrência, é, em números absolutos, 28 itens, o que revela uma distância numérica que coloca de um lado a lexia *cachaça*, com 33, como predominante nos usos linguísticos dos maranhenses, e as demais, do outro. Podem-se verificar as ocorrências dos itens, bem como o percentual correspondente, na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4 – Ocorrências e percentuais das lexias no Maranhão

LEXIAS	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAIS (%)
Cachaça	33	51,6
Pinga	5	7,8
Caninha	4	6,3
Cana	3	4,7
51	3	4,7
Aguardente	2	3,1
Cachaça maranhense	2	3,1
Cachaça da terra	2	3,1
Fubuia	2	3,1
Marofa	2	3,1
Álcool	1	1,6
Garapa	1	1,6
Cachaça pura	1	1,6
Cana de Engenho	1	1,6
Caninha da roça	1	1,6
Tampa de sabugo	1	1,6

TOTAL	64	100
-------	----	-----

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

A forma *cachaça* foi mencionada nas respostas de todos os entrevistados de São Luís (26), Tuntum (30) e Balsas (32). Nessas duas últimas localidades, foi a única apresentada como resposta, diferentemente em São Luís (26), que somente ocorreu como única resposta na fala de três informantes.

Ao total, 23 utentes maranhenses responderam, unicamente, *cachaça* à pergunta 182 do QSL. Levando em consideração que, no estado, foram realizadas 40 entrevistas, tem-se, unicamente, *cachaça* em 58% das respostas obtidas.

As outras 17 respostas possuem as seguintes características:

- ✓ dez informantes apresentaram *cachaça*, juntamente com outras lexias;
- ✓ duas mulheres disseram não saber responder à pergunta;
- ✓ cinco não apresentaram *cachaça* dentre os itens respondidos.

Todos os homens da faixa etária I e oito dos nove informantes da faixa II, ambos do ensino fundamental, apresentaram *cachaça* em suas respostas.

No Maranhão, em 25 inquéritos, os entrevistados apresentaram apenas um item lexical em suas respostas e, para isso, utilizaram-se dos itens *cachaça* e *cachaça da terra*. A primeira possui três ocorrências na capital e 20 nas cidades do interior, somando-se às duas ocorrências da segunda, que se deram, apenas, no interior, têm-se 88% das respostas, com item único, ocorridas nas cidades do interior.

Um ponto relevante a se considerar é que em 19 desses inquéritos não houve desdobramento da pergunta por parte dos inquiridores. Com isso, tem-se, em todos, a seguinte situação comunicativa, exemplificada com a resposta do informante conceptualizador e categorizador, faixa etária II, ensino fundamental de Turiaçu (25):

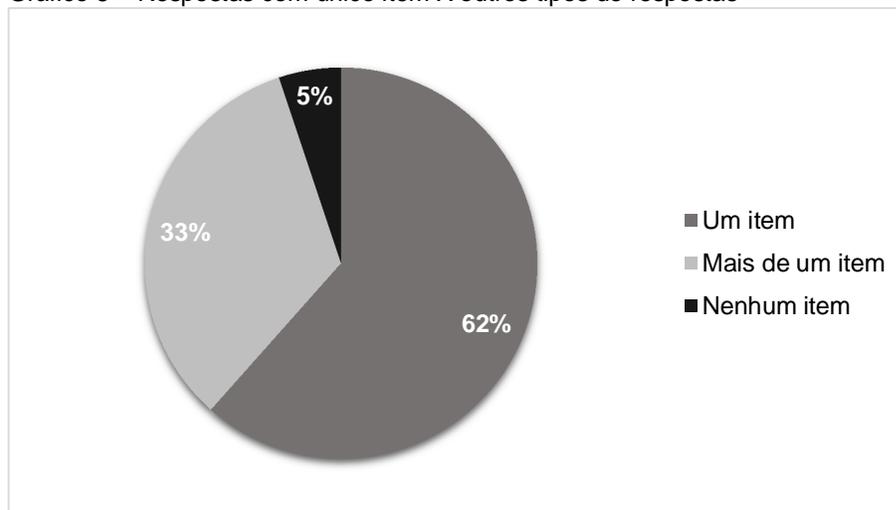
- (33) INQ. — Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?  
INF. — *Cachaça*.

Há casos em que o inquiridor desdobrou a pergunta, mas a resposta ocorreu, geralmente, como se tem explicitado no exemplo 34, do informante de faixa etária I, ensino fundamental de Turiaçu (25):

- (34) [...]
   
INF. — *Cachaça*.
   
INQ. — Tem outro nome aqui também?
   
INF. — Não.

Dessa forma, o quantitativo de inquéritos em que o informante apresentou a resposta com apenas um item, no Maranhão, se apresenta quantitativamente relevante, como se pode verificar no Gráfico 5 a seguir, em que se demonstra que, em 62% dos inquéritos realizados nesse estado, houve a menção a apenas um item léxico.

Gráfico 5 – Respostas com único item X outros tipos de respostas



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

A alta produtividade de ocorrências de itens únicos favorece a interpretação de que é a forma incrustada que vai se fazer presente nesse tipo de respostas dos entrevistados.

Houve entrevistados que apresentaram, espontaneamente, uma sequência com mais de uma lexia, ao responderem à questão 182 do QSL, como se pode observar na fala do Informante conceptualizador e categorizador, faixa etária I, nível universitário de São Luís (26), em que ele cita quatro itens para responder à pergunta inicial.

- (35) [...]
   
INF. — *Cachaça, cana, aguardente, é ... caninha.*

Consideraram-se, ainda, no controle desses itens, as respostas em que os informantes conceptualizadores e categorizadores foram motivados a apresentar lexias variantes, por meio dos desdobramentos da pergunta, realizada pelo inquiridor, como se pode verificar na entrevista com uma informante de São Luís (26) – exemplo 36.

- (36) [...]
   
INF. — *Cachaça.*
  
INQ. — Outros nomes que você conhece?
   
INF. — *Cana.*
  
INQ. — Que mais?
   
INF. — *Cachaça, cana... aguardente.*
  
INQ. — Conhece mais algum?
   
INF. — Não. (Mulher, faixa etária II, universitária)

Na Tabela 5, consta a produtividade do primeiro item dito pelos informantes, nos inquéritos do Maranhão.

Tabela 5 – Percentuais de ocorrências – primeiro item

<b>PRIMEIRO ITEM - MARANHÃO</b>	
<b>Lexias</b>	<b>Percentuais</b>
Cachaça	46%
Cachaça maranhense	15%
51	15%
Cachaça pura	8%
Caninha	8%
Garapa	8%
Total	100%

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se vê, *cacheça* também possui o maior índice de ocorrências entre os primeiros itens citados pelos entrevistados. Esse resultado dialoga, perfeitamente, com o que se obteve nas respostas apresentadas com apenas um item léxico. Somando as duas categorias, têm-se *cacheça* como item único

em 23 entrevistas e, como primeiro item, em seis. O total de 29 corresponde a 73% de inquéritos em que, nas respostas, o item *cachaça ocupa* a “linha de frente”.

As lexias presentes nos desdobramentos dos inquéritos do Maranhão encontram-se organizadas da seguinte forma:

- ✓ a partir da pergunta “chama de outro jeito?”: *cana, caninha, 51, fubuia, marofa e pinga*;
- ✓ inquiridor parte do(s) item(ns) apresentado(s) como resposta pelo informante: *álcool, cachaça, cana, cana de engenho, marofa, pinga e tampa de sabugo*;
- ✓ iniciativa do informante: *fubuia*;
- ✓ outros tipos de pergunta: *aguardente, pinga, caninha*.

Como exemplo de um dos tipos de desdobramento, traz-se o inquérito realizado em Alto Parnaíba (33), em que, no diálogo com a mulher, faixa etária I, nível fundamental de escolaridade, o inquiridor partiu dos itens por ela apresentados na resposta, *51* e *pinga*, como recurso para desdobrar a pergunta, o que possibilitou obterem três itens léxicos variantes de aguardente, a saber:

- (37)                    [...]  
 INF. — *51*, a gente conhece.  
 INQ. — É, aí *51* é uma... é uma marca dessa bebida, né? Mas tem...  
                               Como é que chama...  
 INF. — A *pinga*.  
 INQ. — *Pinga?* Que outro nome também, vocês chamam?  
 INF. — Tem a *caninha*. Só isso mesmo, *caninha*.

Vê-se que a informante conceptualizadora e categorizadora apresentou *caninha*, além de *51* e *pinga*, em sua resposta, não fazendo menção à lexia *cachaça*.

Dentre as sete lexias complexas apresentadas pelos entrevistados, três possuem *cachaça* como primeiro elemento composicional, a saber: *cachaça pura, cachaça maranhense* e *cachaça da terra*. Interessa refletir a respeito da influência do item prototípico *cachaça* na elaboração dessas formas, revelando a sua importância na criação de lexias, inicialmente compreendidas como esporádicas, mas que, conforme o uso, passam a se fixar na língua, por meio de compartilhamentos com outros membros da comunidade.

Quanto mais a lexia *cachaça* se firma como variante prototípica mais se ampliam as possibilidades de novas formas complexas serem produzidas, seguindo o modelo: [*cachaça* X]. Vê-se que é uma base linguística, acionada pelos falantes, que, por meio de suas experiências, mapeiam aspectos culturais que consideram relevantes, conforme seus objetivos linguísticos e discursivos, para denominar a bebida. Com o efeito da prototipicidade, tem-se a possibilidade da expansão desse movimento cognitivo se fazer presente em outras formas/bases variantes, como em *cana de engenho*, *caninha da roça*, por exemplo.

Ressalta-se que as lexias complexas, *cachaça maranhense*, *cachaça da terra*, juntamente com a lexia simples *marofa*, ocorreram, somente, nos inquéritos realizados no Maranhão. E isso se faz importante, visto que revela pertencerem aos usos de uma localidade, seguindo nomeações que contemplam seus aspectos socioculturais considerados sobressalentes para os falantes.

Salienta-se que *cachaça maranhense* possui duas ocorrências, na localidade de São João dos Patos (31), e que, em uma delas, se deu explicitamente, como lexia complexa e, na outra, com a elipse da forma *cachaça*, ocorrendo como *maranhense* – vejam-se os exemplos 28 e 38, respectivamente. Um fato interessante é que ambos os informantes conceptualizadores e categorizadores que apresentaram essa lexia complexa, em suas respostas, também disseram *marofa*. Essas formas possuem duas ocorrências cada e constam nos inquéritos desses dois informantes. Um dos diálogos já foi citado nesta seção, no exemplo 28; segue-se com o outro.

- (38)
- [...]  
 INF. — *Maranhense*. (risos)  
 INQ. — *Maranhense*, é?  
 INF. — Hum... hum... *Marofa*.  
 INQ. — *Marofa*, é?  
 INF. — hum... hum...  
 INQ. — Feita com cana.... feita de cana-de-açúcar?  
 (Mulher, faixa etária I, ensino fundamental)

No exemplo 28, a lexia *marofa* foi mencionada pelo informante, após o desdobramento da pergunta: “Tem algum outro nome que diz?”, diferentemente de como ocorreu no 38, em que a informante apresentou o item como a segunda forma, na sequência da resposta à pergunta inicial.

O item léxico *cachaça da terra* ocorreu como a única resposta de duas informantes conceptualizadoras e categorizadoras do ensino fundamental, sendo uma da faixa etária I, moradora de Turiaçu (25), e a outra da faixa II, de Imperatriz (29). Veja-se, abaixo, em 39, nessa ordem apresentada, a precisão de cada resposta.

- (39)            [...]  
 INF. — Ah, é *cachaça da terra*.  
 INQ. — Tem outros nomes?  
 INF. — Não. (Mulher, faixa etária I, fundamental)  
 [...]  
 INF. — É a ca... É *cachaça da terra*.  
 INQ. — *Cachaça da terra*?  
 INF. — É. (Mulher, faixa etária II, fundamental)

Tem-se, nessa lexia complexa, a formação contemplando a possível procedência da bebida, assim como se tem em *cana de engenho*, *caninha da roça*, que são muito próximas do que se tem em *cachaça maranhense*. O *Aulete* registra para as lexias *terra*, *engenho* e *roça*, em uma das acepções, a significação comum de “propriedade”. Trata-se do modelo composicional [*cachaça* + procedência (propriedade)], em que a base é a lexia *cachaça* ou uma de suas variantes, como se tem também em *pinga baiana*, seguida da procedência: maranhense, baiana, da terra, da roça, do engenho.

É sabido que marcar, na lexia, o local de procedência da bebida é relevante tanto para quem a produz como para quem a consome, pois pode trazer à tona aspectos afetivos de pertencimento que ocupam o campo da positividade, por exemplo, acionando-se a metáfora MAIS É PARA CIMA. Tal metáfora se fará presente nas interações discursivas em que se pode revelar orgulho do lugar e da bebida, considerando os atributos que lhe são remetidos.

A constituição de uma rede categorial remete ao conceito de contínuo, a partir do qual consta, à disposição do falante, lexias se relacionando de forma fluida, complementar, numa convivência em que não há espaço para dicotomias, mas para possibilidade, escolhas, opções, a depender, por exemplo, da situação comunicativa em que o falante se encontra. E responder, prontamente, a uma pergunta, a partir de “Como se chama” + um conceito/informação é uma excelente forma de se captar a variação linguística e de verificar o(s) item(ns) prototípico(s) em uma comunidade.

O desdobramento da pergunta se firma como uma prática metodológica de extrema importância, para que se obtenham variantes que fazem parte do vocabulário do informante, confirmando que, para um conceito ou uma informação, estão relacionadas algumas/muitas/diversas lexias, cuja representatividade se dá ora semelhante ora diferente de um falante para outro.

A lexia *cachaça* firma-se como a prototípica no estado do Maranhão, para se referir à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, não só por seu quantitativo total, mas pelo resultado que se obteve em cada categoria de análise, dentre as quais se encontram as maneiras que os informantes conceptualizadores e categorizadores conduzem as suas respostas.

### 5.3.2 Piauí – a terra da cajuína cristalina

A cajuína recebeu do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) o título de “Patrimônio Cultural do Brasil à Produção Tradicional e Práticas Socioculturais Associadas à Cajuína no Piauí.” (CAJUÍNA, 2015) Conforme, ainda, o IPHAN,<sup>9</sup> “O modo de fazer e as práticas socioculturais associadas à cajuína são bens imateriais devido, em grande parte, a sua imersão nos rituais de hospitalidade das famílias do Piauí.”

Caetano Veloso canta a “cajuína cristalina em Teresina”, (CAETANO, 2014) em homenagem ao poeta e amigo Torquato Neto. A canção é fruto dessa referida prática de hospitalidade e isso é revelado pelo cantor, em entrevista, quando afirmou que, após o suicídio do amigo, ao ser recebido por seu pai, em sua casa, lhe fora servida a cajuína, como um consolo, um acalento.

Há muitos rótulos de cajuína e, devido à sua produção e consumo envolverem práticas socioculturais, desperta em famílias consumidoras e produtoras o sentimento de pertencimento, semelhante ao que ocorre com famílias envolvidas com o objeto material *cachaça*. No Piauí, além da cajuína, se bebe e se produz *cachaça*, e, como exemplo, tem-se a *Mangueira*, que foi citada por um informante conceptualizador e categorizador de Teresina (34). Trata-se de uma tradicional *cachaça* do Piauí, produzida e engarrafada, desde 1956, em Castelo, no interior do estado.

---

<sup>9</sup> Informação disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/87>. Acesso em: 8 out. 2021.

No Piauí, foram apresentadas 15 lexias variantes que nomeiam a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, assim distribuídas: 11 simples e 4 complexas, sendo 11 nomes comuns e 4 nomes-marca.

Ao total, foram 56 ocorrências, distribuídas nas entrevistas realizadas com 24 falantes, residentes em cinco cidades piauienses, a saber: Teresina (34), Piri-piri (35), Picos (36), Canto do Buriti (37), Corrente (38). A lexia *cachaça* foi a de maior ocorrência, com 22, correspondendo à fatia de 39% do total. Apenas dois informantes de Piri-piri (35) não a apresentaram na composição de suas respostas, o homem e a mulher da faixa etária I, pois ele se utilizou do item léxico *aguardente* e ela de *aguardente* e *aguardente de cana*.

Na Tabela 6 que segue, constam essas e todas as outras formas que ocorreram nesse estado, acrescidas dos indicativos de seus respectivos percentuais.

Tabela 6 – Ocorrências e percentuais das lexias no Piauí

LEXIAS	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAIS (%)
Cachaça	22	39,2
Pinga	10	17,9
Aguardente	5	8,9
51	4	7,1
Serrana	3	5,3
Cana	2	3,6
Pitú	2	3,6
Aguardente de cana	1	1,8
Álcool	1	1,8
Branquinha	1	1,8
Caninha	1	1,8
Goró	1	1,8
Mangueira	1	1,8
Tampa de sabugo	1	1,8
29	1	1,8
<b>TOTAL</b>	<b>56</b>	<b>100</b>

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se pode verificar, seguindo o item *cachaça*, encontra-se *pinga* como o segundo de maior ocorrência, dez, e *aguardente*, com cinco, seguido de *51*, que contabilizou 4 ocorrências. Oito lexias tiveram, apenas, uma ocorrência, sendo quatro delas apresentadas por falantes de Teresina (34): *Mangueira*, *goró*, *branquinha*, *caninha*.

Das 15 lexias citadas pelos entrevistados piauienses, quatro ocorreram, exclusivamente, no estado, a saber: *goró*, *Mangueira*, 29, com uma ocorrência cada, e *serrana* com três.

A variante *goró* foi apresentada pela mulher da faixa etária I de Teresina (34), que afirma, para o inquiridor, só haver dois nomes para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, como se pode verificar no excerto de sua fala: “[...] É, só, é *cachaça* e *goró*. Só esses dois nomes [...]”. O Houaiss traz a etimologia dessa lexia como uma derivação regressiva de *gororoba*, com o sentido de *aguardente de cana*, indicando uma provável origem do iorubá. O *Atlas Etnolinguístico do Acre* (KALBERG, 2018), na “Carta 117 – Bebida alcoólica”, apresenta *goró* como uma das lexias variantes.<sup>10</sup>

Para a já citada *Mangueira*, tem-se, na situação interacional, o informante conceptualizador e categorizador de Teresina (34), da faixa etária I, de escolaridade do nível fundamental, que apresenta, em sua resposta, uma sequência de dois nomes-marca, no primeiro e no segundo itens, nessa ordem: *51* e *Mangueira*, como se pode verificar abaixo, no exemplo 40.

- (40) [...]
   
INQ. — É bem forte que a gente faz caipirinha.
   
INF. — Caipirinha é... *51*?
   
INQ. — Hum?
   
INF. — Ela é forte...
   
INQ. — *51* é uma marc... é uma marca, né, mas...?
   
INF. — Ah, tem que ser...
   
INQ. — Como é o nome daquilo?
   
INF. — Da bebida?
   
INQ. — Sim.
   
INF. — O nome mais geral assim, né? Mais genérico [ININT]
   
*Mangueira*.
   
AUX. — *Mangueira* é o quê? O que é *Mangueira*?
   
INF. — *Mangueira* é uma *cachaça* muito boa.
   
[...]

<sup>10</sup> Nesta carta linguística, constam as lexias *cachaça*, *bebida*, *pingazinha*, *goró*, *pinga*, *quentinha*.

Nessa situação interacional, o entrevistador, espontaneamente, acrescentou à pergunta inicial: “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36), uma de suas marcantes características, a de ser bebida forte, a qual é ratificada pelo informante: “Ela é forte...” e o fazer da caipirinha. Com o acréscimo dessas duas informações, o entrevistador saiu da rota padrão da pergunta e acionou dois elementos à composição do *frame* do informante, o que, provavelmente, favoreceu a conceptualização e a categorização, da bebida como 51.

Conforme o Decreto nº 6.871, de 4 de junho de 2009, a bebida “[...] elaborada com cachaça, limão e açúcar, poderá ser denominada de caipirinha (bebida típica do Brasil) [...]”. De acordo com os especialistas, as *cachaças* mais indicadas para preparar a caipirinha são as industriais ou as artesanais de qualidade, cruas, brancas, pois as envelhecidas devem ser apreciadas puras. Conforme Silva (2008, p. 159), as *cachaças* industriais, “[...] por serem estandarizadas, incorporam melhor o sabor das frutas.”<sup>11</sup>

Portanto, diante desse contexto, o entrevistado que apresentou 51, para responder à primeira etapa da pergunta, e, no desdobramento, trouxe *Mangueira*, que preenche o requisito conceitual de “nome mais geral”, “mais genérico”, como ele mesmo afirmou. Quando diz que *Mangueira* “[...] é uma cachaça muito boa [...]” deixa explicitado que se trata de uma marca da bebida, acionando o MCI PARTE/TODO, em que se refere à marca pelo produto. Pode-se verificar, em sua fala, que ele estabelece uma relação de hiponímia entre *Mangueira* e *cachaça*, ao afirmar: “[...] Mangueira é uma cachaça muito boa [...]”.

A forma *serrana* foi apresentada nas respostas de três informantes conceptualizadores e categorizadores do sexo masculino, dois de Teresina (34), da faixa etária I, sendo um de nível fundamental e o outro universitário e um de Piri-piri (35), faixa II, nível fundamental. Nos três inquéritos, as respostas ocorreram no desdobramento da pergunta. Observa-se, a seguir, como exemplo, a que foi apresentada em Piri-piri (35).

---

<sup>11</sup> Na receita da caipirinha, os ingredientes são: limão Taiti, açúcar refinado, cachaça, gelo. As porções de cada ingrediente variam.

- (41) [...]
   
INF. — *Cachaça*.
   
INQ. — Tem outro nome? Para *cacheça*? Tem outro nome? Fulano tomou uma...
   
INF. — *Serrana*.
   
INQ. — Ou uma?
   
INF. — Aguar.... *cacheça*, *aguardente*.
   
INQ. — Pronto.

Conforme Silva (2016, p. 2), a denominação *serrana*<sup>12</sup> é usada para designar a *cacheça* produzida em alambiques nos vários municípios que compõem a microrregião da Serra da Ibiapaba, que é “[...] uma imensa chapada que pertence à mesorregião do Noroeste cearense e divide os estados do Ceará e do Piauí [...]. Afirma que não se trata de uma marca de *cacheça*, mas de uma variedade de *cacheças* produzidas nessa região (SILVA, 2016, p. 4). Ainda, segundo o autor, é comum, em toda a região, a forma *serrana* ser utilizada como sinônimo de *cacheça*.

No mais das vezes, como sinônimo de *cacheça* “ruim”, bebida típica de “pé inchado”, não apropriada “para mulheres e pessoas de bem”. *Serrana* é um termo pejorativo. Quem produz, comercializa ou consome é visto socialmente como uma pessoa de pouco valor (SILVA, 2016, p. 2-3).

Na pesquisa etnográfica realizada em Fortaleza (41), em 2019, em conversa com um motorista de Táxi, obteve-se a informação de que se tratava de uma boa *cacheça*, “muito gostosa”. Contudo, ao consultar um garçom, em um restaurante, na Orla de Fortaleza (41), se o local servia *serrana*, respondeu, prontamente, que não, em tom e semblante de estranhamento.

Portanto a *serrana* é uma *cacheça* que faz parte da cultura piauiense, considerada, por uns, como uma boa *cacheça* e, por outros, como uma *cacheça* ruim, o que permite afirmar que, a depender da relação afetiva que o sujeito tenha com essa bebida, ela lhe aciona a metáfora MAIS É PARA CIMA OU MENOS É PARA BAIXO, que estará presente em suas conceptualizações e categorizações referentes à bebida.

A 29 ocorreu no inquérito da informante conceptualizadora e categorizadora faixa II, nível fundamental de Corrente (38). Trata-se de uma

<sup>12</sup> Silva (2016) apresenta a *lexia* com letra maiúscula, mas, nesta tese, estamos utilizando-a com minúscula, por ser considerada um nome comum.

*cachaça* popular, com preço bem acessível. Faz parte de um grupo de pingas produzidas no Sudeste, assim como a 51, que são transportadas para serem distribuídas e vendidas em vários estabelecimentos de todo o país. Circula em garrafas de 600 ml ou, na chamada barrigudinha, de 500 ml, sendo que, nesta, há rótulos em que se encontra registrado *Cachaça 29* e há outros em que consta *Caninha 29*. Em ambos os casos, vê-se o MCI PARTE/TODO sendo acionado, visto que foi chamada como 29, seguindo, inclusive, o paradigma de outras, que, igualmente, são nomeadas com numerais, como 51, 21, 71, por exemplo, e que também constituem lexias complexas.

Nesse mesmo inquérito de Corrente (38), há a forma *tampa de sabugo*, que também ocorreu, em Alto Parnaíba (33), situada no Maranhão, nas áreas limítrofes com o Piauí. A distância entre as duas cidades, conforme os dados fornecidos pelo aplicativo *Google Maps*, é de 222 km. Segue-se com o exemplo 42, que corresponde ao diálogo entre o inquiridor e a citada informante de Corrente (38), em que constam as duas lexias: 29 e *tampa de sabugo*.

- (42)            [...]  
 INF. — É ... a *cachaça*.  
 INQ. — Outros nomes para *cachaça*?  
 INF. — É. Tem a *cachaça*, tem a *tampa de sabugo* que eles... chama assim, a 29.  
 INQ. — Hum... Isso... Tudo é de...  
 INF. — É da *cachaça*. Da cana de açúcar.  
 INQ. — Hum... hum...  
 INF. — Que tem aquela... aquela *cachaça* feita no alambique. É que eu já, já, já pude ver assim de perto. Porque meu tio fazia muito essa... a *tampa de sabugo*, chamada.  
 INQ. — Hum. Porque ela é mais forte, ela é o quê?  
 INF. — Eu não sei. É porq... acho porque era mesmo lá feita manual. Eles colocavam esse nome. Mas ela é forte!  
 INQ. — É. Essa eu não conhecia não.  
 INF. — Não, né?  
 INQ. — Não. (Mulher, faixa etária II, fundamental)

Intui-se que *tampa de sabugo* é assim denominada por ser uma prática de vedar a garrafa da *cachaça* com o sabugo do milho, cumprindo a função de rolha. Dessa forma, pelo MCI PARTE/TODO, denomina-se a bebida como *tampa de sabugo*, a partir do mapeamento desse, que é um de seus elementos, cujo material é o próprio sabugo do milho.

Na página do *facebook* “Orgulho de ser paraense”<sup>13</sup>, há uma foto de duas garrafas sendo vedadas com o sabugo do milho, como se pode verificar na Figura 17 a seguir.

Figura 17 – Garrafa vedada com sabugo de milho



Fonte: *Facebook* – “Orgulho de ser paraense”

A respeito dessa denominação, a entrevistada afirma o seguinte: “[...] acho porque era mesmo lá feita manual. Eles colocavam esse nome. Mas ela é forte!” Ou seja, trata-se de uma bebida mais rústica, em que se pratica o aproveitamento de outro elemento da natureza, para que seja vedada, após ser engarrafada. É de saber comum a importância da eficiência de uma rolha para se vedar qualquer a bebida alcoólica. Logo, o que se tem é o seguinte: o sabugo de milho é utilizado para tampar a *cachaça* e essa vedação passou a ser uma referência que distingue uma *cachaça* de outras. Assim, metonimicamente, a *cachaça* que possui a tampa de sabugo passou a ser chamada de *tampa de sabugo*.

Considerando a ordem de ocorrência dos itens nas respostas, verificou-se que, no Piauí, cinco informantes conceptualizadores e categorizadores apresentaram apenas um item léxico para se referirem à bebida alcoólica em questão, sendo quatro respostas com *cachaça* e uma com *aguardente*, todas em

<sup>13</sup> Na referida página, há o seguinte texto: “Sabugo de milho, a melhor rolha que existe. Ecologicamente correta. Tucupi de sol. Uma maravilha que você encontra no restaurante da Dona Branca, na Ilha do murutucum, perto do Combu. Informações disponíveis em: <https://www.facebook.com/OrgulhodeSerParaense/photos/sabugo-de-milho-a-melhor-rolha-que-existe-ecologicamente-corretatucupi-de-sol-um/1550177751758722/>. Acesso em: 8 out. 2021.

idades do interior do estado, a saber: Piripiri (35), Picos (36) e Corrente (38). Nos cinco inquéritos, houve desdobramento da pergunta, por parte do inquiridor, mas os informantes deixaram claro que não sabiam a resposta.

A distribuição das entrevistas em que consta item único pode ser visualizada no Quadro 17 abaixo.

Quadro 17 – Distribuição das ocorrências únicas no Piauí

CIDADE	INFORMANTE	ITEM LÉXICO
Piripiri	HF1F	Aguardente
Piripiri	MF2F	Cachaça
Picos	MF1F	Cachaça
Picos	MF2F	Cachaça
Corrente	HF2F	Cachaça

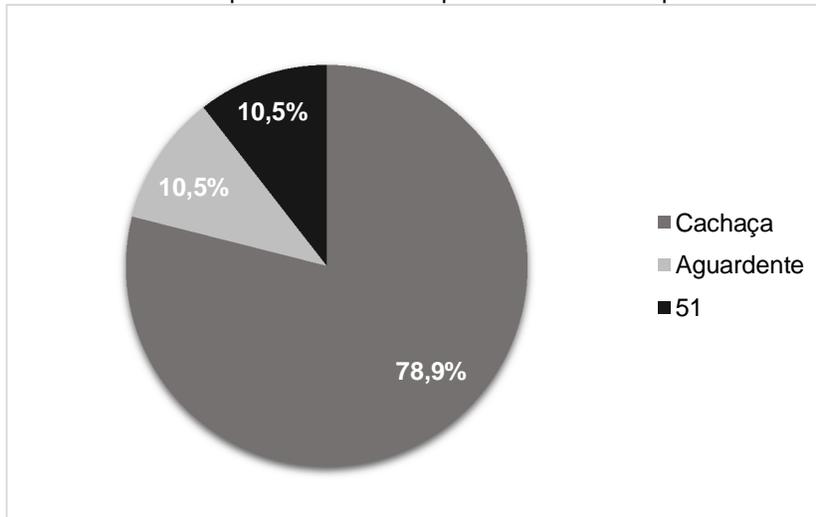
Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Com base nas informações constantes no Quadro 17, três mulheres responderam *cachaça*, como único item de sua resposta, sendo duas de Picos (36) e uma de Piripiri (35), além do Homem da faixa etária I, de Piripiri (35), que apresentou *aguardente*. Salienta-se que, nesse ponto 35, estão registradas três das cinco ocorrências de *aguardente* e a única de *aguardente de cana*.

As lexias que ocorreram como o primeiro, mas não único, item da resposta foram: *51* e *aguardente*, com duas ocorrências cada, e *cachaça* com 15, contabilizando o total de 19 ocorrências. Diferentemente dos informantes conceptualizadores e categorizadores que apresentaram apenas um item na resposta, em todos esses 19 inquéritos os entrevistados apresentaram lexias nos desdobramentos da pergunta. Além disso, o único informante que apresentou dois itens seguidos, na resposta inicial, foi o de Teresina (34), que disse *51* e *Mangueira*, como primeiro e segundo itens, respectivamente.

Observa-se, no Gráfico 6, a distribuição das lexias que ocorreram como primeiro item da resposta.

Gráfico 6 – Lexias apresentadas como primeiro item da resposta no Piauí



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Comparando-se as ocorrências de item único X primeiro item, verifica-se que o resultado é muito próximo, visto que *cachaça* é maioria em ambas as categorias, corresponde a 80% das ocorrências, como item único, e 78,9%, como primeiro item.

As lexias que ocorreram nos desdobramentos são as que seguem listadas, conforme cada grupo de tipo de pergunta.

- ✓ “Chama de outro jeito?”: *cana, pinga, branquinha, cachaça, Pitú, aguardente de cana, 51*;
- ✓ “inquiridor parte do(s) item(ns) apresentado(s) como resposta pelo informante”: *cachaça, serrana, goró, aguardente, pinga Pitú, 51, álcool, tampa de sabugo, 29*;
- ✓ “outros tipos de pergunta”: *aguardente, cana, caninha, serrana, pinga*.

Para ilustrar, cita-se, como exemplo, o inquérito da informante conceptualizadora e categorizadora de Canto do Buriti (37), faixa etária I, nível fundamental de escolaridade, em que ocorreram, após a sua resposta, com a apresentação do primeiro item, três tipos de desdobramentos: (i) “inquiridor parte do item apresentado como resposta pelo informante”, em que ocorreu 51; (ii) desdobramento similar à “chama de outro jeito?”, em que não se obteve resposta; e (iii) “outros tipos de pergunta”, em que o inquiridor se referiu a elementos do senso comum, os quais, consensualmente, fazem parte do

domínio da experiência da bebida - relacionar o sexo masculino ao consumidor prototípico de *cachaça* e o lugar onde, também, prototipicamente, os homens frequentam para bebê-la.

- (43) [...]
   
INF. — *Cachaça*.
   
INQ. — Tem outros nomes a *cachaça*?
   
INF. — *51*.
   
INQ. — *51* é uma marca, né?
   
INF. — É.
   
INQ. — Pronto. Tem outros nomes assim?
   
INF. — É...
   
INQ. — Os homens vão tomar o quê no bar?
   
INF. — Eles... vão tomar uma *cachaça*, vão tomar ... é... a *pinga*.
   
INQ. — Hum hum.
   
[...]

O fato de esses dois elementos conceituais terem sido utilizados pelo inquiridor, como recursos para obtenção de variantes que nomeiem a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, e, por sua vez, de se ter obtido, da informante, a resposta *pinga*, revela que, entre os interlocutores, esse é um conhecimento construído e compartilhado. Portanto o *frame* que se tem é: o universo da *pinga* ainda é fortemente associado a referências vinculadas aos seres do sexo masculino, como foi discutido na seção 2.1.3.

Chama atenção o fato de, nesse estado, as dez ocorrências da lexia *pinga* terem ocorrido nos desdobramentos das perguntas. A distribuição quantitativa dessa lexia pode ser observada no Quadro 18.

Quadro 18 – Ocorrências de *pinga* nos desdobramentos da pergunta - Piauí

TIPOS DE DESDOBRAMENTO	OCORRÊNCIAS DE <i>PINGA</i>
Chama de outro jeito ou similar	4
Inquiridor parte da resposta do informante	5
Outros tipos	1
TOTAL	10

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se vê, a forma *pinga* ocorreu em dez inquéritos do Piauí. À exceção de Piripiri, se fez presente nas respostas dos entrevistados das outras quatro cidades. Destaca-se Canto do Buriti (37), em que essa lexia ocorreu em todos os inquéritos.

Em nove inquéritos, houve a sequência *cachaça – pinga* e, em um inquérito, em Canto do Buriti (37), ocorreram *pinga – cachaça*. Em sua maioria, em oito inquéritos, *cachaça* foi a resposta apresentada no primeiro item e *pinga* no desdobramento.

Exclusivamente no ponto 37, a sequência *cachaça – pinga* ocorreu no desdobramento, como se pode verificar no excerto do inquérito, no exemplo 43, em que a informante conceptualizadora e categorizadora responde ao inquiridor: “Eles... vão tomar uma *cachaça*, vão tomar ... é... a *pinga*.”

Nessa mesma cidade, o entrevistado da faixa etária I apresenta a sequência *pinga – cachaça*, após ter dito, na resposta inicial, a lexia 51; e o inquiridor, partindo desse nome-marca, buscou as variantes, como se pode verificar a seguir, no exemplo 44.

- (44)                    [...]  
                           INF. — 51?  
                           INQ. — Isso, vende no boteco. 51 é uma marca. O que é que vende no boteco?  
                           INF. — *Pinga*.  
                           INQ. — Que é mais? Que mais nomes você tem?  
                           INF. — *Cachaça*. [Homem, faixa etária I, nível fundamental]

As lexias apresentadas como respostas no estado do Piauí seguem a sequência *cachaça, pinga* e *aguardente*, como os itens com maior ocorrência, e revela itens léxicos da cultura local e mediações, como *serrana, tampa de sabugo* e *Mangueira*. Viu-se que o/a piauiense é um/uma apreciador(a) tanto da *cajuína*, como da *tampa de sabugo, da serrana, do/da goró*.

### 5.3.3 O Ceará das jangadas e dos jangadeiros

A jangada é um símbolo da cultura nordestina e está presente no Brasão do estado do Ceará, simbolizando o elemento da Natureza, água<sup>14</sup>. Conforme Cascudo ([19--], p. 470), a jangada é uma “Embarcação feita de paus roliços, presos com cavilhas, usada em pescaria, desde a época colonial.”

Léry (1961, p. 131), em sua narrativa de viagem feita às terras do Brasil, no século XVI, ao tratar de peixes e do modo de pescar dos tupinambás, relata o uso da jangada que, segundo o autor, flutuava como pranchas grossas.

<sup>14</sup> Informação disponível em: <https://brasao.org/brasao-do-estado-do-ceara/>. Acesso em: 8 out. 2021.

[...] penetram no mar e nos rios em jangadas, a que chamam piperis; são feitas de cinco ou seis paus redondos, mais grossos que o braço de um homem, e bem amarrados com cipós retorcidos. Sentados nessas jangadas, com as pernas estendidas dirigem-nas para onde querem com um bastão chato que lhes serve de remo [...] (LÉRY, 1961, p. 131).

O fazer da jangada se alterou com o passar dos tempos. Deixou de ser utilizada com vara para ser movida à vela, de ser feita com tronco para ser construída com tábuas; tornou-se uma arte que, ainda hoje, está intimamente ligada à vida de pescadores. No documentário *Jangadeiros, a invenção do Ceará*<sup>15</sup>, transmitido pelo canal FDR<sup>16</sup>, Rosa Martins, na época, coordenadora do Instituto Terramar, afirma que havia uma antiga jangada utilizada pelos pescadores artesanais, que era construída com uma madeira chamada piúba, e que esse modelo da embarcação lhes deixava vulneráveis às intempéries da natureza.

O pescador Porsidônio Soares Filho traz informações a respeito da jangada de tábua, uma invenção revolucionária para o pescador artesanal, que é utilizada até os dias de hoje no Ceará. Esse tipo de embarcação trouxe conforto aos jangadeiros, como o de se protegerem do sol, da chuva e do vento.

Como ocorre com os pescadores, a arte e a tecnologia de construir jangada também é passada de “pai para filho”, mas essa prática não mais está interessando aos jovens, que estão preferindo seguir outros caminhos profissionais. Esse mesmo comportamento foi constatado por Santos (2004), em sua pesquisa etnolinguística em comunidades de carpinteiros navais do Baixo Sul da Bahia.

Assim como a jangada, e toda a cultura que a envolve, o estado do Ceará também se destaca pela produção de *cachaça*, sendo, inclusive, sede de marcas tradicionais, como a *Ypióca* e a *Colonial*, que se constituem negócios administrados por gerações de suas respectivas famílias.

Nesse estado, foram entrevistadas 52 pessoas, consideradas representantes linguísticas de 12 cidades, a saber: Camocim (39), Sobral (40),

---

<sup>15</sup> Informação disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=mFG36a\\_5qSk](https://www.youtube.com/watch?v=mFG36a_5qSk). Acesso em: 8 out. 2021.

<sup>16</sup> “O Canal FDR é uma emissora de televisão brasileira sediada em Fortaleza, na capital do estado do Ceará e pertence à Fundação Demócrito Rocha, que por sua vez é mantida pelo Grupo de Comunicação O Povo.” Informação disponível em: <https://fdr.org.br/canal/fdr/tvsobre/>. Acesso em: 8 out. 2021.

Fortaleza (41), Ipu (42), Canindé (43), Crateús (44), Quixeramobim (45), Russas (46), Limoeiro do Norte (47), Tauá (48), Igatu (49) e Crato (50). Salienta-se que não se dispõe da resposta de dois informantes: o da faixa etária II, de Igatu (49), em cuja entrevista a inquiridora não realizou a pergunta, e da informante da faixa etária I, de Crato (50), que disse não saber o nome da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Portanto, como há duas respostas não obtidas, contabiliza-se, no Ceará, o universo de 50 entrevistados que informaram o nome da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Foram apresentadas, como respostas dos entrevistados, 11 lexias que totalizaram 89 ocorrências, organizadas em nove nomes comuns e dois nomes-marca. Dois fatos chamam atenção a respeito das formas apresentadas no Ceará: ocorreu somente uma lexia complexa, a expressão idiomática “água que passarinho não bebe”; e as marcas das *cachaças* citadas são produzidas no estado.

Seguem, na Tabela 7, as formas apresentadas pelos informantes do Ceará, acompanhadas do quantitativo de ocorrências e dos indicativos dos respectivos percentuais.

Tabela 7 – Ocorrências e percentuais das lexias no Ceará

<b>LEXIAS</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>PERCENTUAIS (%)</b>
Cachaça	46	51,7
Pinga	16	18,0
Aguardente	11	12,4
Ypióca	5	5,6
Cana	4	4,5
Branquinha	2	2,3
Água que passarinho não bebe	1	1,1
Birita	1	1,1
Colonial	1	1,1
Gengibirra	1	1,1
Uca	1	1,1
<b>TOTAL</b>	<b>89</b>	<b>100</b>

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se pode verificar, a lexia *cachaça* contempla, praticamente, 52% das ocorrências, seguindo-se de *pinga* e de *aguardente*, com 18% e 12,4%, respectivamente. O item *Ypióca* está entre os quatro de maior ocorrência no estado, seguindo-se de *cana*, que ocupa o lugar da quinta lexia mais citada pelos informantes conceptualizadores e categorizadores cearenses. As formas *Colonial*, *gingibirra* e *Ypióca* ocorreram, apenas, no estado do Ceará.

No Quadro 19, podem-se verificar as cidades e os informantes que apresentaram como resposta as duas marcas de *cachaça* produzidas no estado.

Quadro 19 – Nomes-marca: localidades e informantes - Ceará

CACHAÇAS	LOCALIDADES	INFORMANTES
Ypióca	Sobral	MF1F
	Canindé	HF1F
	Canindé	MF1F
	Crateús	HF1F
	Tauá	MF1F
Colonial	Crateús	HF1F

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Diante dos dados apresentados na Tabela 7 e no Quadro 19, observa-se que as seis ocorrências que envolvem os dois nomes-marca — cinco de *Ypióca* e uma de *Colonial* — correspondem a 6,7% do total e que se deram em cidades do interior, na fala de informantes da faixa etária I, de nível fundamental de escolaridade, sendo três homens e três mulheres.

O Informante conceptualizador e categorizador de Crateús (44) apresentou, em sua resposta, os dois nomes-marca, acompanhados das formas *cachaça* e *pinga*, como se pode demonstrar, no diálogo que segue.

- (45) [...]
   
INF. — Todos!
   
INQ. — Sim, mas tem uma bem... comum aqui na região?
   
INF. — *Ypióca*, sei lá, *cachaça*.
   
INQ. — Tem outro nome?
   
INF. — *Colonial*.
   
INQ. — Mas o tipo da bebida. A pessoa pede assim num boteco. Vai tomar o quê?
   
INF. — *Cachaça* mesmo.
   
INQ. — Tem outro nome?
   
AUX. — Tem outro nome para *cachaça*?

INF. — *Pinga*.

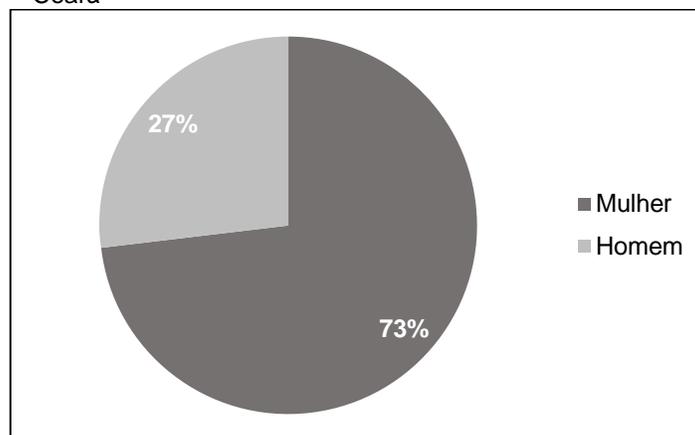
INQ. — *Mais*. Só? É isso, né? (Homem, faixa etária I, ensino fundamental)

Como se vê, os dois primeiros itens léxicos respondidos à pergunta inicial são acompanhados da motivação situacional: “a forma mais comum aqui na região”. Na sequência, de maneira direta, o inquiridor questiona: “Tem outro nome?”, e obteve como resposta a lexia *Colonial*. *Pinga* foi respondida a partir do questionamento de ter outro nome para *cachaça*, após o entrevistado já ter apresentado outros três, a saber: *Ypióca*, *cachaça* e *Colonial*.

No Ceará, todos os homens da faixa etária I e todas as mulheres da faixa II, de escolaridade fundamental, apresentaram *cachaça* em suas respostas. Salienta-se que, excetuando a informante conceptualizadora e categorizadora de Fortaleza (41), essas mulheres falaram *cachaça* como o único item em suas respostas. Estende-se esse tipo de resposta — item único — à mulher da faixa etária II, nível universitário de Fortaleza (41).

Ao total, foram 27 informantes conceptualizadores e categorizadores que elaboraram suas respostas apresentando-as com item único, sendo uma ocorrência de *aguardente*, na capital, e 26 de *cachaça* — uma na capital e 25 no interior do estado. Portanto 96% desses informantes apresentaram, unicamente, *cachaça* em suas respostas, dos quais se têm 19 mulheres e sete homens. A distribuição desses 26 falantes, conforme o sexo, pode ser vista no Gráfico 7 abaixo.

Gráfico 7 – Respostas com item único – Sexo dos informantes - Ceará



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se pode verificar, dentre os informantes conceptualizadores e categorizadores que apresentaram apenas o item *cachaça* em suas respostas, 73% são mulheres e 27% dos homens. Isso coloca as mulheres na categoria de informantes que apresentaram apenas um item, seja porque disseram não saber outros nomes, seja porque não se lembraram de mais lexias, ou, ainda, porque o inquiridor não desdobrou a pergunta, dentre outros motivos não explicitados.

Por outro lado, no Ceará, em seis inquéritos, os entrevistados não apresentaram *cachaça* em suas respostas, os quais estão assim organizados:

- ✓ uma informante disse não saber a resposta;
- ✓ um inquiridor não fez a pergunta a um informante; e
- ✓ quatro informantes, ao responderem à pergunta, não mencionaram *cachaça*, no rol de itens lexicais apresentados.

As informações consideradas relevantes, a respeito desses quatro inquéritos, estão organizadas no Quadro 20 que segue.

Quadro 20 – Inquéritos em que não constam *cachaça* no rol de itens apresentados pelos informantes do Ceará

INFORMANTES	LOCALIDADES	LEXIAS
MF1F	Canindé	Ypióca, Cana, Pinga e Birita
MF1F	Tauá	Ypióca, Pinga, Cana
HF2F	Russas	Aguardente, Pinga
HF1U	Fortaleza	Aguardente

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Observa-se que, nesses inquéritos, os informantes conceptualizadores e categorizadores, para responderem à pergunta: “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36), apresentaram as formas *aguardente*, *cana* e *Ypióca*, que têm duas ocorrências; *pinga*, três; e *birita*, uma.

Essas formas apresentadas no Quadro 20, na coluna *Lexias*, estão na mesma ordem em que ocorreram nas respostas dos informantes. Observa-se que *Ypióca* foi o primeiro item da resposta de duas entrevistadas: uma de Canindé (43) e uma de Tauá (48) e que ambas mencionaram, nos desdobramentos da pergunta, as formas *cana* e *pinga*. Os homens responderam o item *aguardente*, sendo que o de Fortaleza (41) o apresentou como único item

e o de Russas (46), seguido de *pinga* no desdobramento. A informante de Canindé (43) respondeu, também, *birita*, após ser motivada pelo inquiridor, com a pergunta: (46) “[...] Mais alguma? INF. — *Birita*. INQ. — Pronto.”

Salienta-se que essas cinco formas comportaram-se com relevante produtividade nos inquéritos da região Nordeste, estando *pinga*, *aguardente*, *cana*, entre as cinco de maior ocorrência, e *Ypióca* e *birita* entre as dez. No Ceará, o resultado se deu dessa mesma maneira para *pinga* e *aguardente*, como as segunda e terceira lexias de maior ocorrência, respectivamente, ficando *Ypióca* como o quarto item de maior ocorrência e *cana*, o quinto.

A produtividade dessas lexias, tanto na região como no estado, aliado ao fato de terem sido utilizadas em inquéritos em que os informantes não mencionaram a forma *cachaça* em suas respostas, leva a se concluir que, tanto numa análise individual, por estado, quanto de forma mais ampla, pela região Nordeste, na composição da rede radial de denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, quatro delas ocupam posição muito próximas da lexia *cachaça*, a saber: *aguardente*, *cana*, *pinga* e *Ypióca*.

Alguns aspectos favorecem *Ypióca* ocupar esse lugar na rede, como: (i) estar entre as quatro lexias mais citadas pelos informantes cearenses; (ii) ser conhecida e reconhecida como uma produção local, do Ceará; (iii) ser citada por quatro informantes como primeiro item da resposta; (iv) ocorrer em desdobramentos da pergunta; (v) estar no rol de lexias apresentadas por informantes que não mencionaram *cachaça* em suas respostas. No cômputo total da região Nordeste, *Ypióca* possui sete ocorrências e ocupa o 9º lugar.

Observa-se, no diálogo abaixo, a representatividade de *Ypióca* para a informante da faixa etária I, do ensino fundamental de escolaridade, de Tauá (48).

- (47)            [...]  
                   INF. *Ypióca*, [...]  
                   INQ. *Ypióca* é o quê?  
                   INF. É bebida, é *pinga*.  
                   INQ. Ah, então, como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, você chama aqui é de?  
                   INF. De *Ypióca*.  
                   INQ. Sim, mas é o quê? Uma?  
                   INF. Uma bebida.  
                   AUX.. *Ypióca* é a marca.  
                   INF. É.  
                   INQ. É a marca.

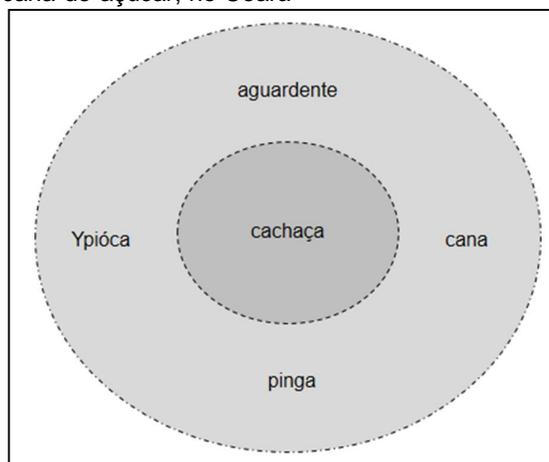
INF. é pi..., é *cana*.  
 INQ. Sim. O outro nome você ia dizendo?  
 INF. *Ypióca*.  
 INQ. *Ypióca* é a marca da *cana*.  
 INF. Hum.  
 INQ. Certo?

Como se pode verificar, no exemplo 47, a informante conceptualizadora e categorizadora, apresenta *Ypióca* como item principal de sua resposta, demonstrando que conceptualiza e categoriza a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, como *Ypióca*, e, também, como *pinga* e *cana*.

No rol das lexias que foram mencionadas como primeiro item da resposta, têm-se *Ypióca* e *aguardente* com quatro ocorrências e *cachaça* com 15.

Diante dessas considerações, faz-se importante apresentar a rede radial da bebida alcóolica feita da cana-de-açúcar, no Ceará.

Figura 18 – Rede radial da bebida alcóolica feita da cana-de-açúcar, no Ceará



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Observa-se que a forma *cachaça* se confirma como o protótipo, seguindo-se de *aguardente*, *cana*, *pinga* e *Ypióca*, que ocupam a periferia mais próxima do centro.

Em relação à ordem dos itens apresentados como respostas à pergunta inicial, dois informantes conceptualizadores e categorizadores de escolaridade de nível fundamental apresentaram, espontaneamente, o segundo item e um apresentou o terceiro item. Em Fortaleza (41), o informante da faixa etária II mencionou as lexias *aguardente* e *cachaça*, exatamente nessa ordem; em Crateús (44), o homem da faixa etária I falou a sequência *Ypióca* e *cachaça*. O informante da faixa II do ponto 44, respondeu com três itens assim ordenados:

*cachaça*, *aguardente* e *cana*. Todos esses entrevistados apresentaram respostas nos desdobramentos da pergunta. Cita-se, com o exemplo 48, a resposta do informante de Crateús (44).

- (48) [...]
   
INF. — *Cachaça, aguardente, cana.*
  
INQ. — Tem mais algum?
   
INF. — *Gengibirra.*
  
[...] (Homem, faixa etária II, ensino fundamental)

A frequente ocorrência de itens sequenciados revela não só o conhecimento do entrevistado a respeito do uso dessas lexias como variantes, mas ratifica a afirmação de que fazem parte tanto de seu vocabulário individual como da coletividade de que participa. O fato de o falante conceptualizar a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar com essas variantes não implica, necessariamente, no uso de todas e/ou de qualquer uma em suas interlocuções, pois, como se sabe, ele categoriza uma delas como prototípica, com a qual compõe, com maior frequência, os enunciados de seu discurso. De maneira complementar, não se pode perder de vista que, por se levar em consideração o contexto das situações de fala, é factível que os interlocutores compreendam que, como uma prática cultural, às vezes, é mais conveniente dizer *cana*, mas, em outras vezes, *aguardente* é a melhor opção, por exemplo.

A forma *aguardente* foi apresentada como resposta por dez informantes conceptualizadores e categorizadores do sexo masculino e um do sexo feminino. Dessas 11 ocorrências, sete foram apresentadas por informantes da faixa etária II e quatro da faixa I; por oito informantes do nível fundamental e três de nível universitário. Dessa forma, a maior parte das ocorrências de *aguardente* foi dita por informantes conceptualizadores e categorizadores homens, da faixa etária II e do ensino fundamental.

As lexias que ocorreram nos desdobramentos das perguntas, no estado do Ceará, são as que seguem e que estão organizadas conforme cada tipo de pergunta.

- ✓ “Chama de outro jeito?": *água que passarinho não bebe, aguardente, branquinha, cachaça, Colonial, gengibirra, pinga;*
- ✓ “inquiridor parte do(s) item(ns) apresentado(s) como resposta pelo informante”: *cachaça, cana, pinga;*

- ✓ “outros tipos de pergunta”: *aguardente, birita, cana, pinga, uca Ypióca.*

Nessa categoria de respostas, encontram-se 11 lexias que foram apresentadas, pelos informantes, contabilizando 35 ocorrências, das quais 16 correspondem ao uso de *pinga*, que equivalem ao percentual de 46% do total. Levando em consideração o uso dessa lexia no estado, tem-se que 100% das ocorrências de *pinga* ocorreram nos desdobramentos, distribuídas em dez ocorrências em “chama de outro jeito?”, cinco em “inquiridor parte da resposta do informante” e uma em “outros tipos”. Isso também ocorreu com *branquinha*, cujas duas ocorrências foram apresentadas em “Chama de outro jeito?”.

Seis dos oito informantes conceptualizadores e categorizadores de Fortaleza (41) apresentaram *pinga* para responder à pergunta 182 do QSL; todos eles organizaram as suas falas com a sequência *cachaça* na resposta inicial seguida de *pinga* no desdobramento. Ao total, essa sequência de itens consta em 11 inquéritos desse estado, dentre os quais, dez seguem a mesma organização de Fortaleza (41) e, apenas em um, as duas formas ocorreram seguidas no desdobramento da pergunta.

A relação entre essas duas lexias pode ser interpretada como um tipo de enredamento sustentado por *frames*. Entende-se que o conhecimento armazenado do falante, a partir de suas experiências, lhe promova conhecer um modelo lexical, em que uma forma remete à outra, ou seja, o uso de *cachaça* remete ao uso subsequente de *pinga*. Isso não se dá aleatoriamente, mas motivado pela frequência em que essas duas lexias são percebidas e utilizadas como variantes, tanto individualmente como em pares, o que faz com que, após o uso de *cachaça*, na resposta, o próximo item apresentado seja *pinga*, como se pode verificar no diálogo ocorrido em Ipu (42) – exemplo 49.

- (49)            [...]  
                  INF. — *Cachaça.*  
                  INQ. — Tem outro nome para *cachaça*?  
                  INF. — *Pinga.*  
                  INQ. — Tá. Isso mesmo. (Homem, Faixa etária II, ensino fundamental)

Nas informações coletadas em todo o Nordeste, tem-se que, em 52 inquéritos, os informantes apresentaram a lexia *pinga* no desdobramento “Chama de outro jeito?”, após terem apresentado *cachaça* como resposta à

pergunta inicial. A ordem inversa, *pinga – cachaça*, na mesma situação de interação, não foi tão produtiva, visto que ocorreu somente em cinco inquéritos.

A distribuição das ocorrências das lexias, nos inquéritos realizados no Ceará, pode ser visualizada na Tabela 8, em que se tem explicitado o percentual de cada categoria de respostas.

Tabela 8 – Percentual de ocorrências das lexias, conforme tipos de respostas obtidas no Ceará

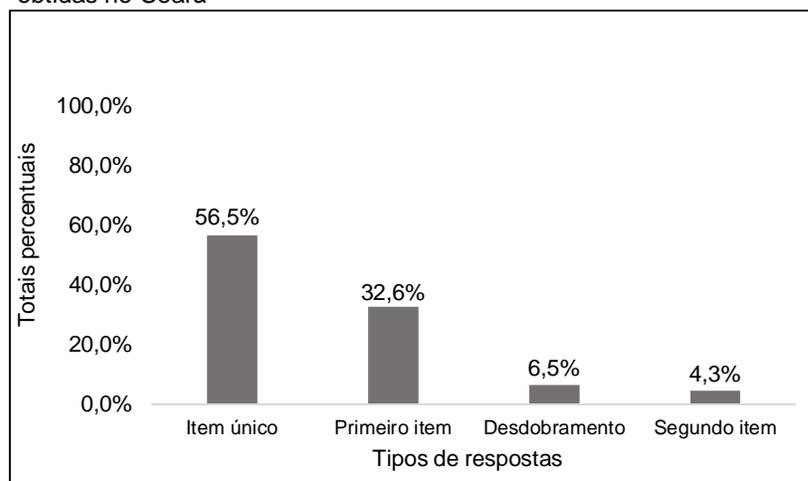
TIPO DE RESPOSTAS	OCORRÊNCIAS
Desdobramento	39,3%
Item único	30,3%
Primeiro item	25,8%
Segundo item	3,4%
Terceiro item	1,1%
Total	100,0%

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Observa-se que o maior quantitativo de ocorrências das lexias se deu nos desdobramentos das perguntas, demonstrando a relevância dessa prática para se obter, dentre outras, as variantes lexicais, na realização dos inquéritos linguísticos do Projeto ALiB. Além disso, é alto o percentual de inquéritos em que se tem um único item como resposta, bem como os que contêm primeiro item no elenco de lexias.

Salienta-se que todas as formas que tiveram apenas uma ocorrência constam nas respostas apresentadas nos desdobramentos, a saber: *água que passarinho não bebe, birita, Colonial, gengibirra, uca*. Já a lexia *cachaça*, que possui um elevado quantitativo de ocorrências, tanto como item único quanto como primeiro item, conseqüentemente, no desdobramento, apresenta um baixo índice de ocorrências. Pode-se demonstrar essa representatividade da lexia *cachaça* no Gráfico 8.

Gráfico 8 – Ocorrências da lexia *cachaça*, conforme tipo de respostas obtidas no Ceará



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

A *cachaça*, de uma maneira muito representativa, faz parte da cultura cearense, configurando-se como elemento propulsor da economia do estado, pois movimenta setores, como: turismo, gastronomia, bebida, transporte, exportação, entre outros.

A *cachaça* cearense conquistou uma identidade, valorizada, dentre muitos aspectos, devido à tradição familiar, que vai desde as famílias que implantaram a produção da bebida e os membros de suas novas gerações que administram o negócio, até as dos seus trabalhadores, incluindo-se, ainda, os consumidores de seus produtos.

São muitas as pessoas que têm as *cachaças Ypióca* e a *Colonial* como referências em suas vidas e, com isso, propagam não apenas o nome das *bebidas*, mas estabelecem uma forte relação entre a *água que o passarinho não bebe* e o estado do Ceará.

#### 5.3.4 O Rio Grande do Norte – terra de Câmara Cascudo<sup>17</sup>

Reconhecido como o maior folclorista do Brasil, Luís da Câmara Cascudo<sup>18</sup> nasceu em Natal, em 1898, e faleceu em 1986. Em seus 87 anos de

<sup>17</sup> Essas e outras informações, a respeito da vida e da obra de Luís da Câmara Cascudo, podem ser obtidas em: <http://www.cascudo.org.br/>. Acesso em: 8 out. 2021.

<sup>18</sup> Houve atualização da grafia do nome do autor. Conforme consta em Cascudo (2013, p. 3), “Com a anuência da família, foram acrescentados os acentos em Luís e em Câmara, por razões de normatização bibliográfica.”

vida, escreveu uma extensa obra a respeito da cultura popular e recebeu muitos títulos, dentre os quais citam-se o de *Professor Emérito* e o de *Doutor Honoris Causa*, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1967 e 1977, respectivamente. Nesse último ano, também recebeu o prêmio de que tanto se orgulhava, o *Juca Pato, Intelectual do Ano*.

Para Mário Souto Maior, Câmara Cascudo foi seu mestre e incentivador a estudar o folclore; para Raquel de Queiroz, foi um dos homens mais cultos que conheceu; e, para Carlos Drummond de Andrade, em sua obra, além dos estudos folclóricos e históricos, há uma preocupação de viver o Brasil.

É o autor de *Prelúdio da cachaça*, que, inicialmente, foi publicado, em separata, em Portugal, na *Revista de Etnografia*, em 1966, e, mais tarde, em 1968, o Instituto do Açúcar e do Alcool o publicou como livro, com o título - *Prelúdio da cachaça: etnografia, história e sociologia da aguardente do Brasil*. É considerada uma referência clássica e básica, de consulta obrigatória a todo(a) e qualquer estudioso(a) da cachaça, pois traz valiosas informações sobre a cultura e a história dessa aguardente de cana.

É possível obter informações a respeito da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar em outras obras de sua autoria, como: *História da Alimentação no Brasil*, de 1968; *Antologia da alimentação do Brasil*, de 1977; e no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 1954. Todas essas obras foram consultadas e utilizadas na elaboração desta tese.

Luís da Câmara Cascudo se formou em Direito, em 1928. Na companhia de Mário de Andrade, viajou pelo interior do Rio Grande do Norte, coletando material de pesquisa da cultura popular. Fundou, em 1936, juntamente com outros intelectuais, a Academia Norte-rio-grandense de Letras; em 1941, a Sociedade Brasileira de Folclore, com o objetivo de realizar atividades em defesa do Folclore de Natal e do Nordeste e, em 1954, a Universidade Popular, que tinha como objetivo despertar, no povo natalense, a consciência de seu valor.

Em Natal, foi criado o *Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo*, que tem como objetivo preservar e divulgar o patrimônio cultural deixado por seu patrono. A partir de 2010, o Instituto abriu as portas para visitação do público.

Câmara Cascudo escreveu mais de 2 500 artigos para jornais e 230 artigos para revistas.   o autor da frase “o melhor do Brasil   o brasileiro”, *slogan*

criado para elevar a autoestima do brasileiro, numa campanha promovida pela Associação Brasileira de Anunciantes.

As pesquisas etnográficas de Câmara Cascudo, no Brasil e no exterior, permitiram obter informações promotoras de conhecimento sobre elementos da cultura brasileira, dentre os quais se encontra a *cachaça*. Seus estudos contribuíram para traçar um norte aos caminhos, ainda cheio de incertezas, da história da *aguardente* feita da cana-de-açúcar.

No Rio Grande do Norte (RN), os pesquisadores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil realizaram entrevistas linguísticas em cinco cidades, a saber: Mossoró (51), Angicos (52), Natal (53), Pau dos Ferros (54), Caicó (55), correspondendo, respectivamente, aos pontos 51 a 55 (ISQUERDO; TELES, 2014a, p. 74).

Foram entrevistados 24 informantes conceptualizadores e categorizadores, dos quais, nesse estado, para esta tese, não se dispõe do arquivo em que consta a pergunta 182 do QSL, do inquérito realizado em Natal (53), com a Mulher, faixa etária I, ensino fundamental. Portanto, contam-se com as entrevistas de 23 informantes, que apresentaram, em suas respostas, 14 lexias, distribuídas em 12 simples e duas complexas, das quais 12 são nomes comuns e dois nomes-marca. Ao total, foram 65 ocorrências, nas quais predominou o uso da forma *cachaça*, com 20, ficando com *Pitú* a colocação da segunda lexia de maior ocorrência, com 11.

Na Tabela 9, constam todas as lexias ocorridas no Rio Grande do Norte, acrescidas dos indicativos de seus respectivos percentuais.

Tabela 9 – Ocorrências e percentuais das lexias no Rio Grande do Norte

<b>LEXIAS</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>PERCENTUAIS (%)</b>
Cachaça	20	31,0
Pitú	11	17,0
Cana	10	15,4
Aguardente	6	9,2
Pinga	6	9,2
Birita	3	4,6
51	2	3,1

Aguardente de cana	1	1,5
Álcool	1	1,5
Branquinha	1	1,5
Brejeira	1	1,5
Garapa	1	1,5
Mel/Mé	1	1,5
Uca	1	1,5
TOTAL	65	100

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se pode verificar, na Tabela 9, *cachaça* e *Pitú* correspondem a 48% do total das respostas. Além disso, *cana* aparece no cenário desse estado com 15,4% do total de ocorrências, que, somada aos dos dois primeiros, totalizam 63,4%. Destaca-se a produtividade dessas três lexias no RN, pois, nos outros três estados já mencionados, considerando o percentual total de suas ocorrências, *cana* apresentou-se com 4,7% no Maranhão; 3,6%, no Piauí e 4,5%, no Ceará; e *Pitú* com 3,6%, apenas no Piauí, já que não ocorreu como resposta nos outros.

Nesse cenário, tem-se, dos 23 informantes conceptualizadores e categorizadores, 20 que apresentaram *cachaça* em suas respostas, correspondendo ao percentual de 87%. Apenas um informante de Angicos (52) e dois de Caicó (55) não mencionaram essa lexia, ao responder à pergunta 182 do QSL. As onze ocorrências de *Pitú* se distribuem entre as cinco cidades e, como não ocorreu entre os entrevistados de nível universitário de escolaridade, em Natal (53), configura-se como constante somente nas respostas dos participantes de escolaridade fundamental. Das dez ocorrências de *cana*, três se deram na fala de informantes de nível universitário.

As respostas que foram apresentadas com apenas um item léxico ocorreram em três dos inquéritos realizados com os homens, sendo dois da faixa etária II e um da faixa I. São, portanto, três ocorrências: duas de *cachaça* e uma de *cana*. Saliencia-se que o inquiridor que obteve *cana* como resposta não realizou o desdobramento da pergunta; já os entrevistadores, cujos informantes responderam *cachaça*, apesar de terem desdobrado a questão, tiveram, nas

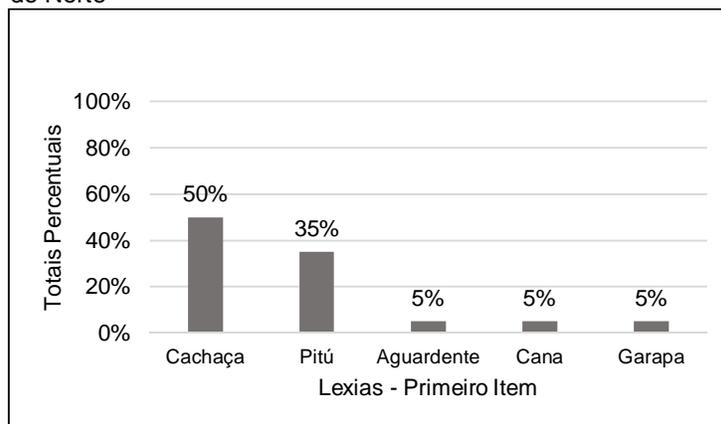
respostas, a confirmação da lexia apresentada inicialmente, como se pode verificar no inquérito realizado em Pau dos Ferros (54) - exemplo 50.

- (50) [...]
   
INF. — *Cachaça*.
   
INQ. — Tem mais nomes para ela por aqui?
   
INF. — É ... *cacheça*, aqui eles chamam de *cacheça*.
   
INQ. — Só *cacheça*?
   
INF. — Só *cacheça* mesmo, é, feito de cana.
   
INQ. — Ok. (Homem, faixa etária II, ensino fundamental)

Observa-se que o falante mapeia o aspecto de ser uma bebida feita de cana e especifica a denominação com *cacheça*.

No decorrer dos inquéritos, as lexias apresentadas como o primeiro item das respostas foram: *cacheça*, com dez ocorrências; *Pitú*, com sete; *aguardente*, *cana* e *garapa*, com uma ocorrência cada, totalizando 20 ocorrências. A representação de cada lexia pode ser verificada no Gráfico 9 abaixo.

Gráfico 9 – Lexias utilizadas como primeiro item no Rio Grande do Norte



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Interessante verificar que, nesse estado, a representatividade de uso da lexia *Pitú*, nesse tipo de organização de resposta, se apresenta de forma bem próxima ao quantitativo que se obteve de *cacheça* e bem distante das outras três.

Observa-se, ainda, que 64% das respostas apresentadas com a lexia *Pitú* constam na categoria do primeiro item mencionado pelos informantes conceptualizadores e categorizadores. Para ilustrar o uso dessa lexia, nesse tipo de organização da resposta, cita-se o diálogo realizado entre inquiridor e o informante de faixa etária I, escolaridade fundamental de Natal (53).

- (51) [...]
   
INF. — Tem a *Pitú*.
   
INQ. — Sim.
   
INF. — Tem a *cachaça*.
   
INQ. — Certo. *Pitú* é uma marca, né?
   
INF. — *Cachaça*, é.
   
INQ. — É. Então como é que chamam mais. Além de ter *cachaça*, outros nomes que a gente dá para isso?
   
INF. — *Birita*.
   
INQ. — Que mais?
   
INF. — É... Só.

A prática de perguntar ao entrevistado se o nome que ele apresentou como resposta se trata de uma marca da bebida, é recorrente nos inquéritos pesquisados. O fato de o informante conceptualizador e categorizador confirmar essa informação ratifica a importância dessa categoria de item léxico, para nomear a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, visto que, foi com o nome da marca, um nome próprio, que respondeu à pergunta 182 do QSL. Interessante notar que o entrevistado, ao ser questionado se *Pitú* é uma marca, responde: “*Cachaça*, é.”, estabelecendo, portanto, uma relação direta e referencial entre as duas lexias, as quais compõem o rol de nomes atribuídos à referida bebida alcoólica.

Em relação à *cachaça*, 60% de suas ocorrências correspondem à lexia apresentada nas categorias de item único e de primeiro item da resposta. Traz-se um exemplo dessa lexia sendo utilizada como o primeiro item da resposta, no inquérito realizado em Pau dos Ferros (54), com o informante da faixa etária I, escolaridade de nível fundamental – exemplo 52.

- (52) [...]
   
INF. — *Cachaça*.
   
INQ. — Outros nomes para ela?
   
INF. — *Álcool*.
   
INQ. — Todo mundo aqui diz: vamos tomar o quê?
   
INF. — Vamos tomar uma *cachaça*.
   
INQ. — Pronto. Só isso mesmo? Ok.
   
INF. — É.

No Rio Grande do Norte, três informantes conceptualizadores e categorizadores apresentaram a sequência de dois itens na resposta inicial. Nos três inquéritos, houve desdobramento da pergunta. Essas informações podem ser visualizadas no Quadro 21 abaixo.

Quadro 21 – Organização do primeiro e do segundo itens apresentados na resposta inicial

LOCALIDADES	INFORMANTES	ITEM 1	ITEM 2	DESDOBRAMENTO
Natal	MF2F	Cana	Pitú	Aguardente, Cachaça
Caicó	HF1F	Pitú	Cana	Aguardente
Caicó	MF1F	Pitú	Cana	Cachaça

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se pode verificar, neste tipo de organização de resposta, as sequências *cana — Pitú* e *Pitú e cana* demonstraram-se bem produtivas; além disso, chama atenção o fato de, nos desdobramentos, as respostas ocorrerem com *aguardente* em um inquérito, *cachaça* em outro e com ambos em outro. Ou seja, tem-se uma sequência lexical com as formas *cana*, *Pitú*, *cachaça* e *aguardente*, cujos itens compõem uma rede semântico lexical, presente, em diversos parâmetros de análise: (i) são os de maior ocorrência; (ii) estão presentes em uma mesma categoria de respostas, seguindo uma sequência; (iii) ocorrem em diversas situações e organização de respostas tanto neste estado como em outros.

Para exemplificar, apresenta-se, a entrevista ocorrida com a informante, faixa etária I, de escolaridade fundamental de Caicó (55).

- (53) [...]
   
INF. — *Pitú, cana.*
  
INQ. — Hum, por aqui, *Pitú* é uma marca ou *Pitú* é qualquer uma?
   
INF. — É uma marca.
   
INQ. — Isso, e *cana* que é o geral?
   
INF. — É o geral. *Cachaça* que é o geral.
   
INQ. — Ah. Tá. *Cana* e *cachaça* que é o geral?
   
INF. — É.
   
INQ. — Ok.

Observa-se que a informante, inicialmente, conceptualiza e categoriza a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, como *Pitú* e *cana*. A lexia *cachaça* ocorreu após a informação de ser mais geral, apresentada pelo inquiridor. Nessa resposta, vê-se que o entrevistado confirma que *cana* é o termo “mais geral”, mas, na sequência do diálogo, afirma que “*Cachaça* que é o geral.” O inquiridor, por sua vez, conduz o final da conversa para a conclusão de que *cana* e *cachaça* são de significações “mais geral”. Verifica-se, ainda, nesse diálogo, um caso de hiponímia, em que se tem a noção de itens que se interrelacionam e que

possuem significação e classificação que transitam entre ser geral e o específico, como se dá entre *Pitú*, *cana* e *cachaça*, conforme estão organizados nesse diálogo.

Observem-se essas relações semântico lexicais, de forma mais explícita, no inquérito de Natal (53), no exemplo 54.

- (54)                   [.]  
 INF. — A *cana*. A... *Pitú*.  
 INQ. — *Pitú* é um tipo de ...  
 INF. — *Aguardente*.  
 INQ. — Que é mais? Outro nome da *aguardente*?  
 INF. — *Cachaça*. (Mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

Verifica-se que a informante conceptualizadora e categorizadora cita, na resposta inicial, *cana* e *Pitú* e o inquiridor chama atenção para o fato de *Pitú* ser um tipo de algo, que é completado pelo informante como de *aguardente*. Logo, *Pitú* é um tipo de *aguardente*. O inquiridor, por sua vez, mapeia a palavra *aguardente*, em vez de *Pitu*, para desdobrar a pergunta e obtém como resposta a forma *cachaça*. “Outro nome para *aguardente*” pode ser entendido como: “qual sinônimo de *aguardente*?” e a resposta foi *cachaça*.

Unindo as informações desses dois inquéritos, o de Caicó (55) e o outro de Natal (53), verifica-se que *cana*, *cachaça* e *aguardente* são considerados como nomes gerais, ou seja, nomes de significação geral, e que *Pitú* é visto como um item específico, um tipo, uma categoria. Contudo, independentemente de ser a significação da lexia, classificada como específica ou geral, a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, nesse e em outros inquéritos, é conceptualizada e categorizada como *cana*, *Pitú*, *aguardente* e *cachaça*, entre outras.

Há ainda a apresentação do terceiro item na resposta inicial, que ocorreu na fala do informante, faixa etária II, nível de ensino universitário, que, como se pode verificar no exemplo 55, mencionou uma sequência, que, teoricamente, responde, satisfatoriamente a pergunta, o que parece dispensar a necessidade de desdobramento.

- (55)                   [...]  
 INF.- *Cachaça*, *aguardente*, *pinga*.  
 INQ. Isso.

As lexias que ocorreram nos desdobramentos das perguntas, no estado do Rio Grande do Norte, são as que seguem organizadas, conforme o tipo de pergunta.

- ✓ “Chama de outro jeito?”: *aguardente, aguardente de cana, álcool, birita, brejeira, cana, cachaça, 51, pinga, Pitú*;
- ✓ “inquiridor parte do(s) item(ns) apresentado(s) como resposta pelo informante”: *aguardente, birita, branquinha, cachaça, cana, pinga, Pitú*,
- ✓ iniciativa do informante: *cachaça*;
- ✓ “outros tipos de pergunta”: *birita, cana, cachaça, mé, uca*.

Dentre as lexias apresentadas pelos entrevistados potiguares, verificou-se que *garapa* é a única que ocorreu apenas nas perguntas iniciais; além disso, há as lexias que somente constaram nos desdobramentos, como: *aguardente de cana, álcool, birita, branquinha, brejeira, 51, mé, uca*; há, ainda, as que foram apresentadas tanto nas respostas iniciais como nos desdobramentos, a saber: *aguardente, cachaça, cana, pinga e Pitú*.

Como se pode verificar, tem-se um comportamento em comum às seis lexias de maior ocorrência neste estado: o de constarem tanto nas respostas iniciais como nas dos desdobramentos das perguntas. Isso implica não só na verificação da alta produtividade dessas lexias, devido ao quantitativo de ocorrências de cada uma, mas também revela a vivacidade de cada uma, devido às possibilidades de se apresentarem como lexias que os falantes conceptualizam e categorizam a bebida.

Devido à flexibilidade natural do sistema lexical, aliada à flexibilidade para categorização das lexias, essas formas revelaram-se incrustadas no vocabulário dos indivíduos, mas sem a fixidez de serem as únicas ou as primeiras respostas a serem apresentadas, mesmo que essa tenha sido a intenção do inquiridor. Verifica-se que há um *frame* para nomear a bebida, constituído, por ora, dessas lexias: *aguardente, cachaça, cana, pinga e Pitú*, as quais, por sua vez, numa rede prototípica composta das denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, se mostram possíveis ocupantes de espaços centrais e/ou de mais próximos do centro.

Verifica-se, no Rio Grande do Norte, a alta frequência de uso de *Pitú*, que, no painel geral, foi apresentada como resposta em sete dos nove estados

pesquisados, não ocorrendo nem no Ceará nem no Maranhão. Depois de Pernambuco, o Rio Grande do Norte é onde a *lexia* se apresentou com maior índice de ocorrências, sendo citada por informantes conceptualizadores e categorizadores de quatro das cinco localidades. Possui uma ocorrência a mais que *cana*, que foi citada como resposta em três das quatro cidades pesquisadas.

Ao ser feito o controle da ordem das respostas, verificou-se que a única localidade do Nordeste, em que *Pitú* ocorreu como primeiro item e *cana* como segundo foi em Caicó (55), com duas ocorrências: o homem e a mulher, da faixa etária I, do ensino fundamental. Em ambos, na resposta, os itens foram apresentados de forma seguida e imediata: (56) “[...] INF. *Pitú* aqui, *cana*. [...]”, como se vê na resposta da informante<sup>19</sup>.

Em visita ao acervo de Câmara Cascudo, em 2013<sup>20</sup>, capturou-se a imagem que segue, em que constam vários elementos de práticas da fé, pertencentes a religiões de matrizes africanas. Entre os itens expostos, representantes das práticas religiosas, consta uma *cachaça*, a *Pitú*. Isso pode demonstrar a representatividade dessa marca de *cachaça* nesse estado, visto que a mesa poderia ser composta com qualquer *cachaça*, mas é a *Pitú* que está presente, que, por sua vez, é a segunda *lexia* de maior ocorrência no Rio Grande do Norte.

Figura 19 – Câmara Cascudo, 20 anos de encantamento



Fonte: Memorial Câmara Cascudo

<sup>19</sup> O inquérito do informante Homem já consta nesta seção.

<sup>20</sup> A visita foi de ordem turística, ao Centro de documentação e pesquisa no Memorial Câmara Cascudo, onde havia a exposição “Câmara Cascudo, 20 anos de encantamento”.

Sobre a lexia *uca*, vê-se que possui apenas uma ocorrência no Rio Grande do Norte, e, no Nordeste, apresenta o total de duas ocorrências.

Como já se viu, *uca* também ocorreu no Ceará e está dicionarizada como *cachaça*, constando também como sua variante, em obras especializadas que foram consultadas para esta tese. Sobre a etimologia desse lema, os dicionários apresentam-na, de uma forma geral, como desconhecida, obscura. O *Houaiss* e o *Aulete* apresentam ainda a informação de ser um “vocábulo expressivo”, como consta no primeiro e, “Possivelmente de origem expressiva”, como está registrado no segundo. Souto Maior (2013) traz *uca* como “eufemismo da *cachaça*”.

*Uca*, ao ser mencionada pelo informante conceptualizador e categorizador de Natal (53), provocou estranhamento tanto no inquiridor como no auxiliar. Faz-se um recorte desse diálogo, para melhor ilustrar o contexto que envolveu a ocorrência da lexia, a saber:

- (57) [...]
   
INF. — É a coisa que tem mais sinônimo na vida é..., no nosso mundo
   
é a *cachaça*.
   
INQ. AUX. — Mas vá dizendo aí. (ININT)
   
INF. — *Uca*.
   
INQ. AUX. — Como?
   
INF. — *Uca*.
   
INQ. AUX. — *Uca*. Ah, é?
   
INF. — *Uca. Uca, cana, pinga, birita, é ..., Mé*, (risos)
   
[...] (Homem, faixa etária II, ensino fundamental)

*Uca*, como variante de *cachaça*, é popular em rodas de conversas, em cujo domínio de experiência é a *aguardente de cana*. O fato de a lexia ser mais conhecida ou menos conhecida ou até de ter obtido mais ou menos ocorrências nos inquéritos do Projeto ALiB não é sempre a maior relevância a ser considerada nesta tese. Compreende-se que, de fato, há um movimento produtivo para surgirem variantes para a *aguardente*, por isso haverá sempre um lugar a ser ocupado, em sua rede categorial, por aquelas menos conhecidas por uns, mas, provavelmente, mais conhecidas por outros, em outra comunidade.

### 5.3.5 Paraíba – terra da *cachaça*

A Paraíba é reconhecida como produtora de *cachaça* de excelência, em que se tem, nos tons preciosos do aroma e do sabor da aguardente, uma identidade nordestina que se destaca no mercado brasileiro de bebidas.

A *cana* paraibana faz parte da vida de seus conterrâneos, em vários cantos dos 56.467,242km<sup>2</sup> do estado, desde a capital, João Pessoa (61), até as cidades do interior, principalmente no brejo paraibano, que, conforme o *site* “Somos todos Paraíba”<sup>21</sup>, fica entre o mar e o sertão, possui terreno fértil para acontecer a produção de *cachaças* de qualidade e compreende a 17 cidades, dentre as quais, citam-se Areia e Alagoa Grande<sup>22</sup>.

Em Areia, nasceram o pintor Pedro Américo, autor da famosa obra “O grito do Ipiranga”, atualmente exposta no museu do Ipiranga, em São Paulo, e o modernista José Américo de Almeida, autor do romance precursor da “Geração Nacionalista do Nordeste”, “A bagaceira”, que ocupa lugar de importância na literatura nacional, pois revela uma visão dos contextos sociais que permearam realidades da cultura do plantio de cana-de-açúcar, em terras nordestinas. (FRAZÃO, 2021)

Em Alagoa Grande, nasceu o “Rei do ritmo” Jackson do Pandeiro, que canta<sup>23</sup>: “Quem não sabe beber pinga / bebe água, camarada / Pra não fazer confusão no ‘mei’ da rapaziada [...]” Na canção, cita ainda as variantes *aguardente*, *calibrina*<sup>24</sup> e *cana*, como se exemplifica em: “[...] Olhe, eu acho feio o sujeito beber cana / Sete dias na semana sem se controlar [...]” Desde 2008, funciona, na cidade, o Memorial Jackson do Pandeiro, cujo acervo contempla seus objetos pessoais e os que se referem à sua carreira.

Em Areia, há muitos engenhos, como os das *cachaças Triunfo, Ipueira e Matuta* e, em Alagoa Grande, o da *Volúpia*, por exemplo. Esses locais podem ser visitados pelo público que, além de conhecer todo o processo de produção

<sup>21</sup> Informação disponível em: <https://fcja.pb.gov.br/fapesq/noticias/a-cachaca-da-paraiba-estas-paginas-do-estado>. Acesso em: 8 out. 2021.

<sup>22</sup> Informação disponível em: <https://www.destinoparaiba.pb.gov.br/brejo/>. Acesso em: 8 out. 2021.

<sup>23</sup> A música completa pode ser apreciada em: <https://www.youtube.com/watch?v=PqR7N0EqtAc>. Acesso em: 8.out. 2021.

<sup>24</sup> Segundo o *Houaiss*, *calibrina* é sinônimo de *cachaça*.

da bebida, pode adquirir produtos com a logomarca do engenho, como a própria *cachaça* nele produzida, além de bonés, copos, adesivos etc.

Na história da *cachaça*, a resistência e a persistência se tornaram constantes, desde o seu início de produção no país. Há muitos itens que são fruto de conquistas, como ser considerada uma legítima aguardente brasileira, para ter seu lugar assegurado na sociedade; estar sobre as mesas, nos eventos sociais; ser consumida em copos apropriados; ser apreciada e estudada por mulheres, sem que haja qualquer julgamento preconceituoso, entre outros.

Essa resistência se potencializa na Paraíba, visto que, na própria constituição histórica do estado, se encontram registrados e, amplamente conhecidos, exemplos de firmeza e persistência. Sabe-se que, na bandeira da Paraíba, consta o famoso “Nego<sup>25</sup>”, que simboliza um ato de protesto político de João Pessoa, após a indicação do paulista Júlio Prestes à sucessão da presidência da República, do também paulista Washington Luís, configurando-se uma quebra de acordo do rodízio de políticos do Núcleo São Paulo – Minas Gerais.

Portanto, o ato de protesto impresso na história da Paraíba, representado em sua bandeira, por meio do “Nego”, remete o cidadão a lembrar-se que lutar é resistir, é expor, com coragem, as suas convicções e isso coaduna com os movimentos de luta que integram a veia da *cachaça*, os quais se constituem uma marca de sua identidade, que lhe asseguram, por exemplo, ter uma produção legalizada, no próprio país em que é produzida.

Na Paraíba, as denominações para *cachaça* foram investigadas, pelo Projeto ALiB, em seis localidades, que vão do ponto 56 ao 61, nesta ordem: Cuité (56), Cajazeiras (57), Itaporanga (58), Patos (59), Campina Grande (60), João Pessoa (61). Os 28 entrevistados apresentaram o total de 65 ocorrências, distribuídas em dez lexias, das quais seis são classificadas como simples e quatro como complexas, o que leva a afirmar que 40% das lexias apresentadas como resposta pelos informantes conceptualizadores e categorizadores desse estado são complexas. Das dez lexias, sete correspondem a nomes comuns e três a nomes-marca, dentre os quais um é a *cachaça* de produção local, a *São Paulo*.

---

<sup>25</sup> Informações disponíveis em: <https://super.abril.com.br/historia/rebeldia-da-paraiba-esta-registrada-na-bandeira/>. Acesso em: 8 out. 2021.

Segue, na Tabela 10, as lexias ocorridas na Paraíba, acrescidas dos indicativos de seus respectivos percentuais.

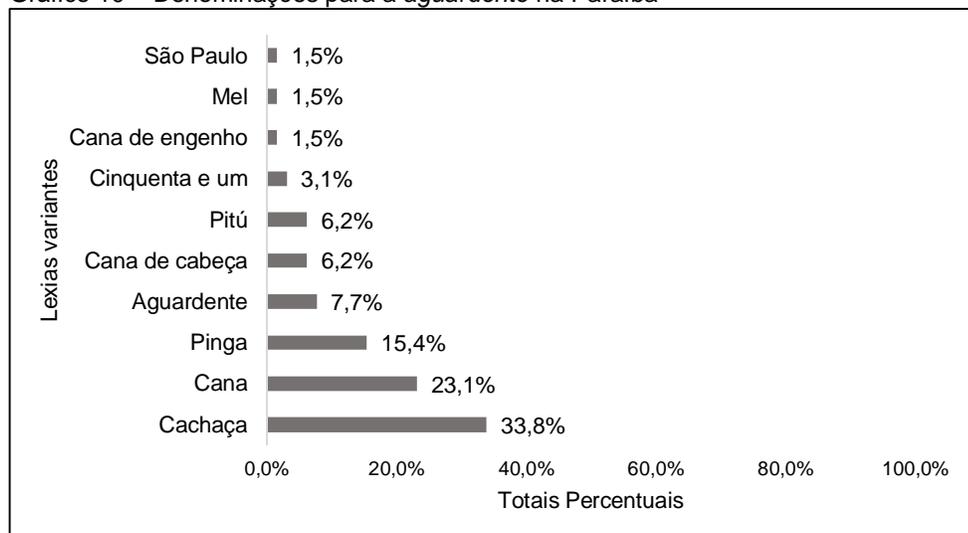
Tabela 10 – Ocorrências e percentuais das lexias na Paraíba

LEXIAS	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAIS (%)
Cachaça	22	33,8%
Cana	15	23,1%
Pinga	10	15,4%
Aguardente	5	7,7%
Cana de cabeça	4	6,2%
Pitú	4	6,2%
51	2	3,1%
Cana de Engenho	1	1,5%
Mel	1	1,5%
São Paulo	1	1,5%
TOTAL	65	100%

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Observa-se, na Tabela 10, que a lexia *cachaça* é de uso predominante no estado, correspondendo a 1/3 das que foram apresentadas como resposta pelos paraibanos, e que *cana* tem um lugar de destaque entre os que possuem maior ocorrência, visto que, além de ter um percentual de 23,1%, consta como o primeiro item das duas lexias complexas, nomes comuns, a saber: *cana de cabeça* e *cana de engenho*.

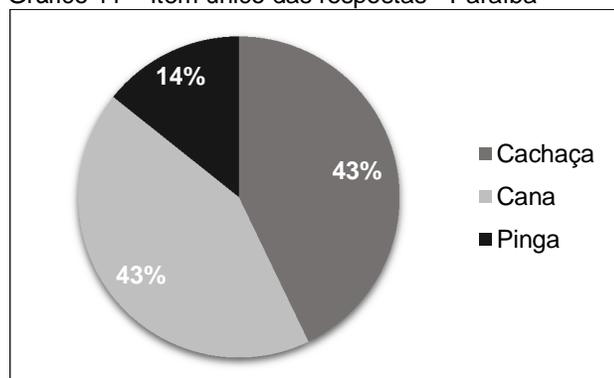
Pode-se demonstrar, no Gráfico 10, a representação percentual de cada lexia apresentada pelos informantes conceptualizadores e categorizadores. Deve-se observar que as três mais produtivas, quantitativamente, são *cachaça*, *cana* e *pinga*, ficando *aguardente* no grupo de lexias de média ocorrência, juntamente com *cana de cabeça* e *Pitú*. Além disso, tem-se a nacionalmente popular *51*, ocupando o terceiro grupo, as de menor ocorrência, juntamente com as lexias de ocorrência única, como *cana de engenho*, *mel* e *São Paulo*.

Gráfico 10 – Denominações para a *aguardente* na Paraíba

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

As formas *cachaça* e *cana* se sobressaem entre as lexias classificadas como única resposta, sendo assim mencionadas por três entrevistados. Foram sete ocorrências, constantes, apenas, nas respostas de falantes de nível fundamental de ensino, aos quais se inclui uma ocorrência de *pinga*. Pode-se observar, no Gráfico 11, a distribuição, em números percentuais, desses três itens, nesse tipo de resposta.

Gráfico 11 – Item único das respostas - Paraíba



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

A força das lexias classificadas como única resposta, cujo comportamento de uso pode ser observado de forma similar nos diálogos. Citam-se, como exemplos, *cana* e *cachaça*, mencionadas por mulheres, da faixa etária I, ensino fundamental, de Patos (59) e Cuité (56), exemplos 58 e 59, respectivamente.

- (58) [...]
   
INF. — Chama *cana* mesmo.
   
INQ. — O que mais? Outros nomes que dão para ela?
   
INF. — Só sei *cana* mesmo.
   
INQ. — Hum... hum.
- (59) [...]
   
INF. — *Cachaça*?
   
INQ. — Outros nomes para ela?
   
INF. — Eu não sei.

As duas informantes conceptualizadoras e categorizadoras disseram conhecer apenas uma lexia para nomear a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, *cana* e *cachaça*, respectivamente. Embora seja um dos comportamentos discursivos normais, para esse tipo de resposta, compreende-se que essa é uma das principais maneiras para se perceberem as lexias incrustadas no acervo linguístico do falante, como já se afirmou e, no todo da amostra, o da comunidade a que pertence. Os modelos mentais, compostos a partir de suas experiências, permitem que se constituam os *frames* de denominações, com as quais conceptualizam e categorizam o referente em questão. Essas lexias têm relevância no vocabulário dos informantes, já que, de uma forma geral, foram mencionadas em outros tipos de respostas, como primeiro, segundo, terceiro itens da pergunta inicial, e nos desdobramentos.

O conjunto de tipos de respostas apresentadas, promovidas pelo método onomasiológico de elaborar a pergunta 182 do QSL, possibilitou captarem-se informações que permitem análises de naturezas diversas, as quais se aliam à informação do quantitativo total de ocorrências.

As lexias apresentadas como primeiro item à pergunta inicial foram *cachaça*, com 17 ocorrências, e *cana*, com quatro, o que significa dizer que as ocorrências da segunda correspondem, praticamente, a 1/4 da primeira lexia; portanto, do total de 21 ocorrências, que contemplam as duas formas que ocorreram nesse tipo de respostas, 81% correspondem à *cachaça* e 19% à *cana*. Aliando-se aos resultados obtidos com as respostas únicas, vai-se confirmando a importância de se considerar que as duas formas dividem, na Paraíba, o *status* de principais denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Dos entrevistados que apresentaram *cachaça* como primeiro item da resposta, sete seguiram respondendo *cana*, no desdobramento da pergunta. Em Campina Grande (60), por exemplo, o inquiridor partiu da resposta da informante

conceptualizadora e categorizadora, faixa etária I, ensino fundamental, para realizar o desdobramento da pergunta.

- (60)            [...]  
 INF. — *Cachaça*.  
 INQ. — *Cachaça*. Tem outros nomes?  
 INF. — *Cana, pinga*.  
 NQ. — Certo.  
 [...]

Diferentemente do que ocorre em João Pessoa (61), com o informante de faixa etária I, nível universitário de escolaridade, em que o inquiridor desdobrou a pergunta, seguindo de forma imediata com a maneira similar de dizer “chama de outro jeito?”.

- (61)            [...]  
 INF. — *Cachaça*.  
 INQ. — Outros nomes, você tem?  
 INF. — *Cana*.  
 INQ. — Que é mais?  
 INF. — *Cachaça, cana*, é.... só.

Observa-se que tanto de uma maneira como de outra foi produtiva a relação *cacheça* – *cana*, em que a primeira é obtida na resposta inicial e a segunda no desdobramento, imediatamente após a menção da primeira lexia. Quando o inquiridor segue sua fala ratificando a forma dita pelo informante conceptualizador e categorizador, permite-lhe sentir-se mais seguro, para que sejam mencionadas outras variantes de *cacheça*, que, nesses dois casos, foi *cana*.

Na Paraíba, *cana* e *cacheça* ocorreram em três categorias de respostas apresentadas à pergunta inicial: item único, primeiro e segundo itens; *pinga* se junta a esses dois, no grupo de respostas apresentadas com item único e como segundo item, como se pode verificar, em João Pessoa (61), na resposta da informante, faixa etária I, nível universitário de escolaridade.

- (62)            [...]  
 INQ. — Com que faz caipirinha...  
 INF. — *Cana, pinga*.  
 INQ. — Sim, outros nomes... outros nomes?  
 INF. — *Cana, pinga*... não me lembro não.

O entrevistado afirma e confirma a resposta com as duas lexias, cuja ordem não foi alterada, na segunda etapa da elaboração das respostas: no desdobramento. A única localidade do Nordeste em que ocorreu a sequência *cana – cachaça*, nas respostas iniciais – primeiro e segundo itens –, foi em João Pessoa (61), especificamente, no inquérito realizado com a informante da faixa II, ensino fundamental.

Salienta-se que, na capital do estado, todos os entrevistados compuseram as suas respostas utilizando-se de *cachaça* e/ou de *cana*, havendo nesta localidade, seis ocorrências de *cachaça* e sete de *cana*. Esse comportamento ocorre em todo o estado, excetuando-se na resposta do informante de faixa etária II, ensino fundamental, de Campina Grande (60), que respondeu, somente, *pinga*.

Das 28 localidades da Paraíba, em 27 estão presentes uma ou as duas lexias de maior ocorrência no estado. Isso equivale a dizer que, em 96% dos inquéritos realizados na Paraíba, *cachaça* e/ou *cana* estão presentes. Os informantes conceptualizadores e categorizadores citaram *cana* em suas respostas equivalem ao percentual de 53,57%, dos quais dez são da faixa etária I e cinco da faixa etária II. Dentre os seis informantes que não mencionaram *cachaça*, três responderam apenas *cana*; dois, *cana* e *pinga*; e um disse, somente, *pinga*.

Percebe-se que, a cada viés de estudo, verifica-se a representatividade das duas lexias, presentes de forma marcante nas amostras de usos linguísticos dos paraibanos. No Quadro 22, ao se excluir a capital da Paraíba da análise, se verifica que *cachaça* continua sendo a mais utilizada nas respostas dos entrevistados das cidades do interior e que há um empate entre *Pinga* e *Cana*. Tal empate se deve ao fato de que sete das quinze ocorrências de *cana* terem ocorrido em João Pessoa (61), enquanto *pinga* teve, apenas, duas ocorrências nessa cidade. Observa-se, ainda, que, *cachaça*, *pinga* e *cana* possuem ocorrências em todas as localidades; destaca-se *cachaça*, em Cajazeiras (57) e em Itaporanga (58), onde ocorreu na fala dos quatro entrevistados.

Quadro 22 – Ocorrências nas cidades do interior da Paraíba

	CACHAÇA	PINGA	AGUARDENTE	CANA	PITÚ	51	MEL	CANA DE CABECA	CANA DE ENGENHO	SÃO PAULO
Cuité	3	1	1	1	2	0	0	2	0	0
Cajazeiras	4	1	1	2	1	1	0	0	0	0
Itaporanga	4	1	0	2	1	0	0	0	0	0
Patos	2	2	0	2	0	0	0	1	1	0
Campina Grande	3	3	1	1	0	0	1	0	0	0
Total	16	8	3	8	4	1	1	3	1	0

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Fazendo uma comparação entre as lexias apresentadas na capital e no interior, verifica-se que *cana de engenho*, *mel* e *Pitú* ocorreram, somente, na fala dos entrevistados do interior e que a única ocorrência de *São Paulo* se deu na capital. As outras lexias ocorreram tanto em João Pessoa (61) como nas cinco cidades do interior.

A alta produtividade das lexias, *cachaça* e *cana*, também consta no *Atlas Lingüístico da Paraíba* (ALPB) (ARAGÃO, 1984), em que há ocorrências de outras três formas coincidentes com os dados do Projeto ALiB, a saber: *aguardente*, *pinga* e *Pitú*. Das 25 localidades do ALPB, há cinco que também pertencem à rede de pontos do Projeto ALiB: João Pessoa (61), Campina Grande (60), Patos (59), Itaporanga (58), Cajazeiras (57). Nesse Atlas, a lexia *cachaça* está registrada em 22 localidades, *cana* em 20, *pinga* em 18, *aguardente* em 16 e *Pitú* em 5. *Cana* foi a lexia de maior ocorrência em 18 pontos e *cachaça* em dois.

A lexia *cana*, como se sabe, se encontra registrada nos quatro dicionários consultados, além de constar nos livros e artigos que tratam de *cachaça*. Sobre essa lexia, no *Houaiss*, na acepção seis, há: “(1959) p. met.; B; infm.<sup>26</sup> aguardente de cana; cachaça”. Na seção de etimologia desse lema, o dicionário informa que “a aguardente tem esse nome por ser feita do caldo da cana”. Souto

<sup>26</sup> Leiam-se: por metonímia; Brasileirismo; informal.

Maior (2013, p. 47) a traz como “Eufemismo de cachaça” e Pires de Oliveira (1998, p. 114) afirma que *cana* é

forma abreviada da expressão *aguardente de cana*, unidade de uso popular bastante difundido, que também serve de base para a constituição de formas diminutiva – *caninha* – e compostas, como por exemplo, a expressão *pé-de-cana*, usada para referir-se a indivíduo dado ao vício do alcoolismo (PIRES DE OLIVEIRA, 1998, p. 114).

Vê-se, portanto, que *cana* possui a formação vocabular por meio do MCI PARTE/TODO, em que se tem a metonímia INGREDIENTE POR PRODUTO. A origem é atribuída à *aguardente de cana* e/ou a *caldo de cana*, mas não se deve esquecer que a matéria-prima de ambos é a *cana-de-açúcar*, que, também, por metonímia, é nomeada como *cana*. Logo, *cana* é um item que pertence ao domínio de experiência da bebida alcoólica em questão, que por metonímia, e, ainda, por polissemia, refere-se tanto à *cana-de-açúcar* como à *aguardente*.

Como a *aguardente*, não se descarta a ideia de ter surgido a partir de cada possibilidade apresentada, considerando que, nos distintos contextos e situações interacionais, essas formas complexas permitiram mapeamentos específicos que levaram o falante a dizer *cana* para se referir à bebida alcoólica, possibilitando, inclusive, surgirem outras formas complexas.

Nos inquéritos do Projeto ALiB, na Paraíba, destacam-se também *aguardente* e *cana de cabeça* que constam, cada uma, como terceiro item na resposta, como se pode verificar no exemplo 63, com o uso de *aguardente*, apresentado pelo informante da faixa etária II, de escolaridade universitária de João Pessoa (61): (63) “[...] INF. — *Cachaça, cana, aguardente*. INQ. — Isso, né?”

O informante conceptualizador e categorizador da faixa etária II, ensino fundamental de Patos, mencionou o quarto item à resposta inicial, que, no caso, foi *cana de engenho*, como se pode verificar no excerto de sua fala:

(64) [...] INF. — *Cachaça, a pinga mesmo, a cachaça legítima, cachaça que tem cana de cabeça*. [...] tem gente que chama de *cana de cabeça, cana de engenho*, que ela vem bruta, não é bem esterilizada que nem essa outra da... de engarrafamento, né? [...]

Na resposta desse informante de Patos, *cana de engenho* é o item lexical seguinte, após o uso de *cana de cabeça*. Vê-se, nesses dois itens, a composição

formativa *cana* + \_\_\_\_\_, em que tem: [Nome(*cana*) + prep. + Nome]. Isso revela a representatividade da lexia *cana*, utilizadas em outras lexias que se fazem presentes nas diversas experiências interacionais de falantes entrevistados na Paraíba.

O padrão de organização léxico-semântico (\_\_\_\_+ de cabeça), convencionalmente, é formado pelos itens, não menos populares, *aguardente/cachaça/pinga*, como se tem em *aguardente de cabeça* e em *cachaça de cabeça*, que se encontram registrados, como locuções, respectivamente, de *aguardente* e de *cachaça*, no Houaiss. *Pinga de cabeça* consta como lema em Souto Maior (2013, p. 104), em cujo verbete se tem: “[...] o mesmo que *aguardente de cabeça*, *cachaça de cabeça* [...]”.

*Cana de engenho* não está registrado em nenhuma obra consultada. Nos inquéritos do ALiB, na região Nordeste, ocorreu, ao total, em dois inquéritos, um na Paraíba, como se viu, apresentado pelo informante faixa I de Patos, e outro, no Maranhão, pelo informante da faixa I, de Alto do Parnaíba. Trata-se de uma formação vocabular complexa, constituída de duas lexias que fazem parte do domínio de experiência da *cachaça*, cuja significação de seu todo remete à conceptualização e categorização como uma das muitas variantes da *aguardente*.

O fato de *cana de cabeça* e *cana de engenho* não estarem registradas em nenhuma obra consultada, para se referirem à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, não as invalidam como variantes de *aguardente*. Acrescenta-se que, se *cana* é uma das formas produtivas de nomear a bebida, e, se nesse estado, assim se apresenta, é natural que surjam, no ambiente semântico-lexical, formas complexas variantes, cuja base seja *cana*.

Há duas lexias que ocorreram, apenas, na Paraíba, uma delas é *cana de cabeça*, com quatro ocorrências, assim distribuídas: uma ocorrência em João Pessoa (61), duas em Cuité (56) e uma em Patos (59). A outra é *São Paulo*, que também foi apresentada como resposta pelo informante da faixa I, ensino fundamental de João Pessoa (61). Esse nome-marca ocorreu no desdobramento da pergunta, classificado como “Outros tipos de pergunta”. Trata-se de uma lexia com uma ocorrência na região Nordeste, mas isso não a coloca em lugar de menor prestígio, diante das que apresentaram maior quantidade de ocorrências. Como é uma *cachaça* que faz parte da cultura local, as experiências com o

nome-marca possibilitam que seja utilizada como resposta. Veja o seu uso no diálogo entre o informante e o inquiridor.

- (65) [...]
   
INF. — *Cachaça*.
   
INQ. — Que outros nome?
   
INF. — *Cana*.
   
INQ. — Quê mais?
   
INF. — Tem muito... tem vários nomes, né?
   
INQ. — Pois diga, vá dizendo... Lembre. Sqe lembre aí.
   
INF. — Tem a *São Paulo*, né?
   
INQ. — Certo.
   
INF. — Tem a *51*...
   
INQ. — Não, não é assim, não é a marca, eu quero assim, (inint) então tem a *cana*, a *cachaça*...
   
INF. — E a *pinga*, né? E *cana de cabeça*.
   
INQ. — É?

Observa-se que, em uma etapa do diálogo, o entrevistado organiza a sua resposta estabelecendo uma relação de sentido entre itens considerados mais gerais, *cachaça* e *cana* e itens mais específicos, como as marcas *São Paulo* e *51*, de forma que a hiperonímia se faz presente em seu discurso. Percebe-se que ele reconhece que se tratam do nomes de marcas de *cachaça*, o que não lhe impediu de utilizá-las para responder à pergunta 182 do QSL: “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36)

Vê-se que, após apresentar as duas primeiras lexias, o entrevistado foi motivado a informar outras, e diz: “Tem muito... tem vários nomes, né?”, ao que segue o inquiridor motivando-o a dizer mais itens: “Pois diga, vá dizendo... Lembre, se lembre aí.” E é a partir desse “[...] se lembre aí” que o entrevistado menciona os nomes-marca. Como se pode verificar, nas respostas à pergunta 182 do QSL, realmente, cabem tanto os nomes comuns como os nomes-marca, pois, além de ambos serem, espontaneamente, apresentados por informantes, representam suas experiências corpóreas com a bebida, que é um ponto determinante para que sejam compreendidos como componentes da cultura, que se revelam em suas interações comunicativas.

Esse entrevistado da Paraíba também mencionou *pinga* em sua resposta, que, por sua vez, se fez presente, ao total, na fala de dez informantes conceptualizadores e categorizadores, dentre os quais, três são de Campina Grande (60). Nessa cidade, apenas o informante de faixa etária I não a

mencionou para responder à pergunta 182 do QSL. Em nove inquéritos, *pinga* ocorreu juntamente com *cachaça* e/ou *cana*; a exceção se dá na resposta do informante da faixa etária II de Campina Grande (60).

Na Paraíba, as lexias apresentadas nos desdobramentos são as que seguem organizadas, conforme o tipo de pergunta.

- ✓ “Chama de outro jeito?”: *cana, aguardente, Pitú, cana de cabeça, 51, pinga*;
- ✓ “inquiridor parte do(s) item(ns) apresentado(s) como resposta pelo informante”: *pinga, cana de cabeça, aguardente, Pitú, cana*;
- ✓ “outros tipos de pergunta”: *São Paulo, 51, cachaça, Mel*.

As lexias que ocorreram, apenas, nos desdobramentos das perguntas foram: *Pitú, 51, São Paulo e mel*. Com isso, destaca-se o fato de, na Paraíba, os três nomes-marca apresentados como respostas pelos informantes ocuparem o espaço de “outras formas de chamar a bebida”, o que possibilita afirmar que, nesse estado, tais lexias ocupam a área marginal da rede prototípica das denominações de *cachaça*.

Por outro lado, verifica-se que as lexias: *cachaça, cana, pinga e aguardente* circularam em diversas modalidades de respostas, nos inquéritos realizados na Paraíba. Essa flexibilidade e frequência de uso reforçam a condição de variantes produtivas para denominarem a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, e isso culmina com o resultado geral de ocorrências, nos inquéritos do Projeto ALiB, aplicados no Nordeste, em que *cachaça* ocupa o primeiro lugar, com 296 ocorrências, e *cana* o quarto lugar, com 47, ficando atrás de *pinga* e de *aguardente* com 121 e 59, respectivamente.

Tem-se, portanto, na Paraíba, uma contribuição de teor quantiquantitativo que traz *cana* como uma lexia em evidência para se referir à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Firma-se como elemento da cultura local de alta produtividade quantitativa e com abrangência de usos, nas diversas formas de respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores, possibilitando, assim, ocupar a margem mais próxima ao centro ou, até mesmo, constituir-se como uma das integrantes do centro da rede prototípica das denominações para a *aguardente*, acompanhando a lexia *cachaça*.

### 5.3.6 Pernambuco do rei do baião

O rei do baião é pernambucano, nascido na cidade de Exu, em 13 de dezembro de 1912, e falecido em 02 de agosto de 1989, em Recife. Em 2012, houve uma grande festa em comemoração ao centenário daquele que cantou, para o mundo inteiro ouvir, a *Asa branca*, que é considerado o hino do Nordeste.

*Asa branca* representa a ausência de atenção, de cuidados e afagos dos governantes com a região Nordeste, em um longo e crítico período da história do Brasil. Ouvindo-a com atenção e voltando-se para as suas representatividades imagéticas, percebem-se tristezas e judiações, cujas responsabilidades governamentais são desviadas para a conta do Alto, para o “Todo poderoso, criador do céu e da Terra”.

Todavia, paradoxalmente, o “invisível” aos olhos, que se faz presente como Cristo, toma forma de esperanças daqueles que partem e, também, dos que ficam. Para ambos, a solidão é uma realidade, por isso almejam, com fé, a benevolência do milagre, da chuva, como fruto do amor e da piedade de Deus, que, com suas lágrimas, permite que alegrias sejam vividas, ao se abrirem os caminhos de volta para casa.

Gonzagão, como era chamado, enfrentou preconceitos diversos em sua carreira, mas, com a firmeza de sertanejo, impôs-se e reivindicou, por exemplo, apresentar-se com a vestimenta de vaqueiro, que marcava a identidade do povo que representava. O chapéu de couro, inspirado no do cangaceiro Lampião, era a marca registrada daquele que, com sua voz e um ritmo inovador, juntou os quadris de pessoas, de Norte a Sul do país, para dançar o baião, porque, como ele mesmo canta: “[...] o baião tem um quê / Que as outras danças não têm [...]”<sup>27</sup>

Em entrevista ao programa “Brasil Especial”, em 1976<sup>28</sup>, Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira falaram do surgimento do baião. Teixeira afirma que o baião é velho como o sertão, que tem séculos de existência, e que não foi criado por nenhum dos dois. Com a palavra, o parceiro do Rei:

---

<sup>27</sup> Informação disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/261208/>. Acesso em: 8 out. 2021.

<sup>28</sup> Informação disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=P\\_1JPAsynqo](https://www.youtube.com/watch?v=P_1JPAsynqo). Acesso em: 8 out. 2021.

o que eu fiz com Luiz foi urbanizar, cidadinizar, estilizar, dar características sulinas àquelas coisas e àquele ritmo da viola do sertanejo. E dentro desse ritmo, desse ritmo uniforme, comercial que o público aceitou tão bem, nós trouxemos os modismos, trouxemos o processo lírico, trouxemos a *Asa branca*, trouxemos os retirantes, trouxemos a seca, trouxemos, enfim, a história de nossos irmãos do Norte para que nossos irmãos do Sul conhecessem.

No documentário “O homem que engarrafa nuvens” (2008), o pesquisador Nirez afirma que o baião foi “coqueluche” no Rio de Janeiro e que, a partir de então, passou também a ser “coqueluche” nos principais centros do país. Invadiu também os sertões e, com menos de um ano, já estava no exterior.

O baião de Seu Lua, como também era chamado, cantou a seca, o êxodo, a vida dos boiadeiros, mostrou as purezas e impurezas das mazelas e das belezas de um segmento do povo do Nordeste. Em “Boiadeiro”<sup>29</sup> canta o amor à Rosinha, a dez poucos bois e a dez poucos filhos, a “fiarada”. Em “Respeita Januário”<sup>30</sup>, relata o seu retorno ao sertão, após 16 anos de ausência, portando uma poderosa sanfona de 120 baixos, (“É muito baixo!”), dos quais, como denunciou seu pai, só tocava em dois; diferentemente do velho Januário, que, de Salgueiro a Bodocó, era o maior, tocando todos os oitos baixos de seu fole.

A biografia de Luiz Gonzaga destaca alguns parceiros em suas músicas, dentre os quais, citam-se: Humberto Teixeira e João Silva<sup>31</sup>. Cada um representa uma etapa de sua vida, uma vertente de suas músicas. O primeiro é parceiro em muitas canções, como “Baião”, “Asa Branca” e o segundo em mais de 100, como “Danado de Bom”, “Pagode russo”.

No seu vasto rol de canções gravadas, consta “Cana, só de Pernambuco”<sup>32</sup>, em que Gonzaga canta assim: “[...] eu confesso / Não é por ser de lá / Cana pernambucana / É a maior, meu irmão / Oxente! / Quando falo, não retruco / Oxente! / Cana só de Pernambuco / Eu conheço cana! / Eu conheço

---

<sup>29</sup> Informação disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/204734/>. Acesso em: 8 out. 2021.

<sup>30</sup> Informação disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47100/>. Acesso em: 8 out. 2021.

<sup>31</sup> Informação disponível em: <https://gonzagao.com/parceiros-de-luiz-gonzaga/>. Acesso em: 8 out. 2021.

<sup>32</sup> Informação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0X2-iYe5p04>. Acesso em: 8 out. 2021.

cachaça! [...]”<sup>33</sup> Continua a canção afirmando ser um conhecedor das *cachaças* de vários estados do país, referindo-se, sempre, à de Pernambuco, como *cana*.

Essa lexia se fez presente nas respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores desse estado, e, um deles, um senhor da faixa etária II, da cidade de Olinda (65), relatou a importância da lexia *cana*, em Pernambuco, como se pode observar no excerto que segue.

[...] Tem o sujeito que chama *aguardente*, tem o sujeito que diz: ‘me dá um litro de *cana*, uma garrafa de *cana*.’ [...] *Aguardente*, hoje em dia, usa pouco. [...] Antigamente usavam mais. [...] Hoje em dia, chamam mais um litro de *cana*, uma garrafa de *cana*. Usam mais assim.”

Pernambuco, como se sabe, foi um dos principais redutos da plantação e de exportação de cana-de-açúcar, na era colonial e, conseqüentemente, da feitura e produção da *aguardente de cana*. Engenhos legais e ilegais, em cidades do interior pernambucano, fizeram parte da história da *cachaça*, proporcionando, que ainda haja pontos de dúvidas a respeito do estado em que ocorreu a produção inicial da bebida.

A busca do Projeto ALiB, pelas denominações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar se deu em 12 cidades pernambucanas, que vão do ponto 62 ao 73, na seguinte ordem: Exu, Salgueiro, Limoeiro, Olinda, Afrânio, Cabrobó, Arcoverde, Caruaru, Recife, Floresta, Garanhuns, Petrolina.

Nessas cidades, foram realizadas 52 entrevistas em que se obtiveram 13 itens léxicos nas respostas dos informantes, dos quais dez são simples: *aguardente*, *branquinha*, *Batucada*, *cachaça*, *cana*, *caninha*, *pinga*, *Pitú*, *Preá*, *Ypióca* e três são complexas: *aguardente de cana*, *51*, *Serra Grande*. Desses 13 itens lexicais, seis (46%) são nomes-marca da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, a saber: *Pitú*, *51*, *Serra Grande*, *Ypióca*, *Batucada*, *Preá*; e sete (54%)

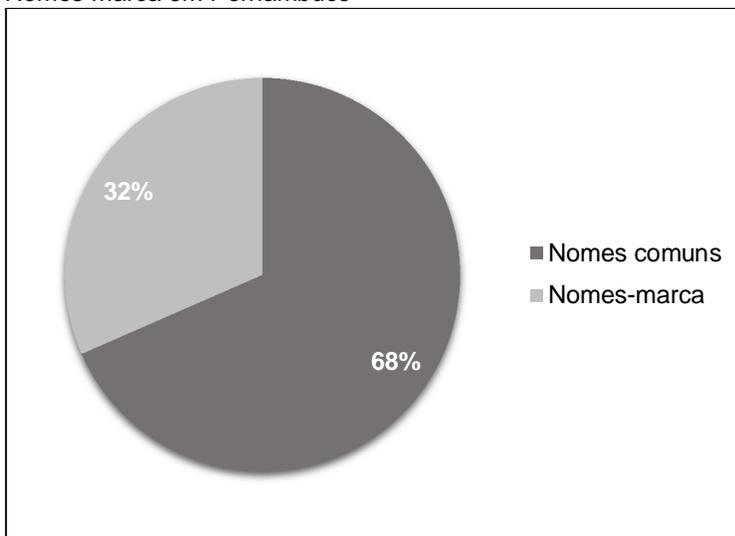
<sup>33</sup>A continuidade da música: “Por exemplo / Cachaça do Ceará! / É amarela, mas eu gosto dela / Cachaça do Rio Grande do Norte! / É boa mas é forte / Cachaça da Paraíba! / Essa é de cabeça, cana macho sim senhor / Cachaça das Alagoas! / Inté qui é das boas/ Mas cachaça de Sergipe / Cura inté gripe! / Cachaça da Bahia! / Bebo de noite e de dia / Cachaça do Espírito Santo! / Essa não é do meu canto / Cachaça do Rio, hum! / Não bebo nem no frio / Cachaça de Angra dos Reis! / Provei só uma vez / Cachaça de Minas Gerais! / Provei e quero mais / Mas cachaça de São Paulo/ Meu irmão! / Cachaça do paulista é / Pinga com limão! / Mas cana! Cana mesmo! / Só de Pernambuco! / E é por isso que eu digo / Oxente! / Quando falo, não retruco / Oxente! / Cana só de Pernambuco.”

são nomes comuns: *cachaça*, *pinga*, *aguardente*, *caninha*, *cana*, *branquinha*, *aguardente de cana*.

Como se vê, os dois tipos de nomeações da bebida se apresentam, consideravelmente, de forma equilibrada, havendo uma pequena prevalência para a escolha de lexias categorizadas como nomes comuns. Ao se ampliar essa comparação, com base no quantitativo total de ocorrências, 114, verifica-se que aumenta a superioridade dos nomes comuns, possibilitando verificar uma maior diferença em relação aos nomes-marca, já que aqueles possuem 78 ocorrências e estes possuem 36.

No Gráfico 12 que segue, pode-se verificar a representatividade percentual desse quantitativo de ocorrências, conforme as duas categorias mencionadas.

Gráfico 12 – Representação das ocorrências de Nomes comuns X Nomes-marca em Pernambuco



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Dos 52 entrevistados em Pernambuco, 39 apresentaram *cachaça* em suas respostas, o que corresponde a 75% dos informantes com esse comportamento linguístico. Desses, 18 são do sexo masculino e 21 do feminino.

Além de *cachaça*, têm-se *Pitú*, *pinga*, *aguardente* e *cana* que estão entre as lexias que se sobressaem nesse estado, em relação à alta produtividade de ocorrências. Destaca-se a relevância do nome-marca *Pitú*, que consta na resposta de 24 entrevistados, correspondendo ao percentual de 46% dos entrevistados.

Segue, na Tabela 11, a listagem das lexias apresentadas como respostas em Pernambuco, juntamente com as suas ocorrências e seus respectivos percentuais.

Tabela 11 – Ocorrências e percentuais das lexias em Pernambuco

LEXIAS	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAIS (%)
Cachaça	39	34,2
Pitú	24	21,1
Pinga	12	10,5
Aguardente	10	8,8
Cana	10	8,8
51	6	5,3
Caninha	3	2,6
Aguardente de cana	2	1,8
Branquinha	2	1,8
Serra Grande	2	1,8
Ypióca	2	1,8
Batucada	1	0,9
Preá	1	0,9
<b>TOTAL</b>	<b>114</b>	<b>100</b>

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Diante das respostas apresentadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores de Pernambuco, observa-se que *cachaça* e *Pitú* se destacam das outras lexias, como as duas primeiras formas de maior ocorrência, correspondendo, juntas, a 55% do total. Essa mesma sequência classificatória das duas lexias ocorreu no Rio Grande do Norte, em que totalizaram, juntas, 48% das ocorrências. Com isso, vai se firmando a prototipicidade de *cachaça* e se vendo a importância e a relevância da lexia *Pitú* nesses dois estados, que, geograficamente, não são vizinhos, já que, entre eles, está a Paraíba, que contou com, apenas, quatro ocorrências desse nome-marca, correspondendo ao total de 6%.

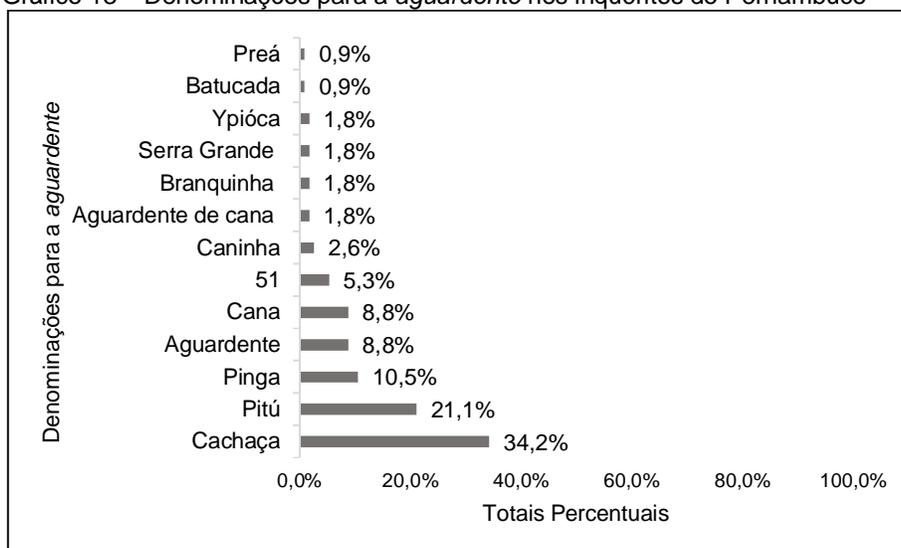
*Pinga*, em terceiro lugar de ocorrências, perfaz o total de 10,5%, ocupando lugar de relevância em Pernambuco, juntamente com *aguardente* e *cana*, que

possuem, cada, a parcela de 8,8% das ocorrências. Em Garanhuns (72), o homem da faixa etária II, apresenta *pinga* como “um outro nome” de *cachaça*, como se pode ver no diálogo que segue – exemplo 66.

- (66) [...]
   
INF. — *Cachaça*.
   
INQ. — Sim, dá um outro nome?
   
INF. — *Pinga, cachaça*.
   
INQ. — Certo.

No Gráfico 13, há a distribuição percentual das ocorrências dos 13 itens lexicais apresentados como respostas pelos entrevistados de Pernambuco.

Gráfico 13 – Denominações para a *aguardente* nos inquéritos de Pernambuco



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

A relação sequencial das duas lexias: *cachaça* e *Pitú*, ocorreu na resposta de 15 informantes, 29%. Esse controle se fez, independentemente, da apresentação de ordem dos dois itens, nos enunciados, bem como se foram apresentados à pergunta inicial ou ao desdobramento da pergunta. Mas, não se pode deixar de destacar que, como resposta à pergunta inicial, ocorreu, em todo o Nordeste, apenas em Limoeiro (64), na resposta da informante da faixa etária I, a saber: (67) “[...] INF. — *Cachaça, Pitú*. [...]”. Salienta-se que todos os entrevistados que utilizaram essa sequência são de nível de escolaridade fundamental, sendo nove mulheres e seis homens, distribuídos em dez da faixa etária I e cinco da faixa II.

De outra maneira, pode-se observar essa relação sequencial entre as duas lexias, no diálogo que segue, entre inquiridor e a informante de faixa etária II, ensino fundamental de Recife (70).

- (68) [...]
   
INF. — *Cachaça*, né?
   
INQ. — Sim. E chama por outro nome?
   
INF. — Aqui chama *Pitú*, *cacheça* (rindo).
   
INQ. — Sim. E quando você vai num barzinho, num boteco, assim, e pede uma, uma, uma *Pitú*, ele lhe dá qualquer *cacheça* ou só a marca *Pitú*?
   
INF. — Não, se ocê pedir *Pitú*, aí ele dá *Pitú*.
   
INQ. — Sim.
   
INF. — É. “Bota aí uma *cacheça*”.

Vê-se, na resposta da informante conceptualizadora e categorizadora, uma relação semântico-lexical entre *cacheça* e *Pitú*. Ao ser dito, no desdobramento, o nome-marca é acompanhado da afirmação “Aqui chama *Pitú*, *cacheça*” e essa relação é ratificada quando a utente afirma que, se o pedido for *Pitú*, será servida a *Pitú*, e complementa com: “É. Bota aí uma *cacheça*”.

Nesse diálogo com a informante de Recife (70), vê-se representado um saber cultural, a respeito de como a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar é chamada na localidade. A leitura atenta de cada diálogo impresso nos inquéritos, acrescida de se perceberem algumas nuances na interação comunicativa, demonstram que fatores socioculturais se fazem presentes nas falas dos informantes, levando-se a perceber, por exemplo, a importância de *Pitú* na vida dos pernambucanos, para os quais, sem sombra de dúvidas, *Pitú* é *cacheça* e *cacheça* é *Pitú*.

Na capital de Pernambuco, houve outra ocorrência de *Pitú*, que se deu na entrevista com a mulher de faixa etária I, de nível universitário de escolaridade, que apresenta a lexia como predominante para nomear a *aguardente*, como se pode verificar no diálogo que segue, no exemplo 69:

- (69) [...]
   
INF. — *Pitú*.
   
INQ. — Sim, como... que nome é que a gente dá ao genérico dela?
   
INF. — *Aguardente*.
   
INQ. — Sim...
   
INF. — Ou *cana*.
   
INQ. — Sim...
   
INF. — A gente chama mais de *Pitú* mesmo.

- INQ. — Você chega assim, você (inint)... vai comprar um *Pitú*, pode ser ... qualquer marca, é?  
 INF. — É... Ou então diz uma *cana*, uma *caninha*...

Como se vê, a informante conceptualizadora e categorizadora diz: “A gente chama mais de *Pitú* mesmo”, o que ratifica a informação da informante de faixa II, citada anteriormente.

Salienta-se que *Pitú* foi citada por outros três entrevistados de Recife (70), mas que não foi considerada como resposta válida para a pergunta 182 do QSL, pois é apresentada, restrita e especificamente, como o nome do produto comercializado, e não como a denominação para *aguardente*, tanto pelo informante como pelo inquiridor, como se pode verificar no exemplo (70).

- (70) [...]
   
INF. — *Cachaça*
  
INQ. — Sim...
   
INF. — A *pinga*.
   
INQ. — E aqui tem a ...
   
INF. — A *branquinha*. Tudo isso é nome que ela tem.
   
INQ. — E aqui tem alguma *cacheça* famosa?
   
INF. — A *Pitú* ...
   
INQ. — Hum.
   
INF. — A *Cinquenta e um*. Mas a tradicional, que é da nossa terra, é mesmo é *Pitú*. É a mais consumida.
   
[...] (Homem, faixa etária II, universitário)

Observa-se, nesse diálogo, que, para a pergunta “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36), a resposta é constituída de três lexias comuns: *cacheça*, *pinga* e *branquinha*. *Pitú* ocorreu, juntamente com 51, como resposta à outra pergunta, a saber: “E aqui tem alguma *cacheça* famosa?” Portanto, por esse motivo, nenhum dos dois nomes-marca foram considerados como resposta válida para a pergunta 182 do QSL, mesmo se tendo ciência, como demonstram os dados, de que se tratam de formas variantes, coletadas não só em Pernambuco, mas em outros estados da região Nordeste.

Dos cinco nomes-marca ocorridos em Pernambuco, quatro são de *cacheças* produzidas no estado: *Pitú*, *Batucada*, *Preá* e *Serra Grande*. Excetuando-se *Pitú*, todos foram mencionados, apenas, pelos entrevistados pernambucanos, como respostas à pergunta 182 do QSL. *Preá* e *Batucada* possuem somente uma ocorrência e *Serra Grande*, duas.

No exemplo 71, vê-se que o informante da faixa etária II, de Cabrobó (67), apresenta, em sua resposta, três desses quatro nomes-marca.

- (71) [...]
   
INF. — *Aguardente*. É. Aqui a gente chama de *aguardente*, *Batucada*, *Serra grande*, acabou-se não sei se ainda tem, é... *51*.
   
INQ. — Isso aí é uma marca não é, um tipo...
   
INF. — É uma marca é.
   
INQ. — Mas é assim quando você chega, por exemplo, no lugar para poder pedir a dose.
   
INF. — A dose. Aí diz: tem *Pitú*? Aí diz: tem. Bota uma...
   
INQ. — *Pitú* é outra marca.
   
INF. — É outra marca.
   
INQ. — Sem falar a marca assim quais são os nomes que o senhor.
   
INF. — Não, mas ela é ...
   
INQ. — *Aguardente*.
   
INF. — É *aguardente* mesmo, ela é a mesma coisa.
   
INQ. — Só chama de *aguardente*?
   
INF. — É, é a mesma forma. Tanto faz a *aguardente*.

Observa-se que o informante conceptualizador e categorizador organizou sua resposta apresentando *aguardente* como primeiro item e *Batucada*, *Serra Grande* e *51* como segundo, terceiro e quarto itens, respectivamente. *Pitú* ocorreu no desdobramento, classificado como *Outros tipos de pergunta*, devido à forma espontânea de elaboração do inquiridor: “Mas é assim quando você chega, por exemplo, no lugar para poder pedir a dose.”

Esse tipo de organização do pensamento revela, na resposta, uma hierarquia presente no modelo esquemático hiperonímico, em que, ao se mencionar a forma de conceito geral, a *aguardente*, seguem-se com os nomes específicos, no caso, os nomes-marca. Como se vê, no decorrer do diálogo, o informante confirma que se tratam de nomes-marca e que são também nomes para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Após mencionar *Pitú* diz: “É *aguardente* mesmo, ela é a mesma coisa.” [...] “É, é a mesma forma. Tanto faz a *aguardente*.”

A relação de hiperonímia entre *aguardente* e *Batucada*, *Serra Grande*, *51* e *Pitú* pode ser verificada no esquema que segue.

Figura 20 – Rede esquemática hiperonímia: *aguardente* e nomes-marca

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

O quinto nome-marca, a lexis *Ypióca*, ocorreu em dois estados: Ceará e Pernambuco. Neste estado, tem duas ocorrências, uma em Exu (62) e outra em Petrolina (73). Em ambas localidades, foram ditas pelas mulheres de faixa etária I, do ensino fundamental, que apresentaram suas respostas seguindo o mesmo modelo cognitivo. Ilustra-se com a entrevista realizada em Exu (62) – exemplo 71 - e salienta-se que a de Petrolina encontra-se citada na seção que se refere aos nomes-marca - exemplo 16.

- (72) [...]
   
INF. — *Ypióca*?
   
INQ. — Bebida alcoólica que é feita de cana-de-açúcar?
   
INF. — Ai, ai ... me lembro não (RISO).
   
INQ. — Sabe. Oxe? Sabe demais. Todo mundo conhece isso. Feito de cana, o que é que é feito de cana aqui. Os homens gostam de beber?
   
INF. — Bebida?
   
INQ. — É.
   
INF. — Não, que eu saiba tem a *Ypióca*...
   
INQ. — Hum. E a *Ypióca* é o quê?
   
INF. — Ca ... *cachaça*, bebida alcoólica.
   
INQ. — Então é isso, outros nomes para *cachaça*?
   
INF. — (RISOS)
   
INQ. — Tão simples, né?
   
INF. — (RISOS) Sei não.
   
INQ. — Só *cachaça* mesmo?
   
INF. — Só.

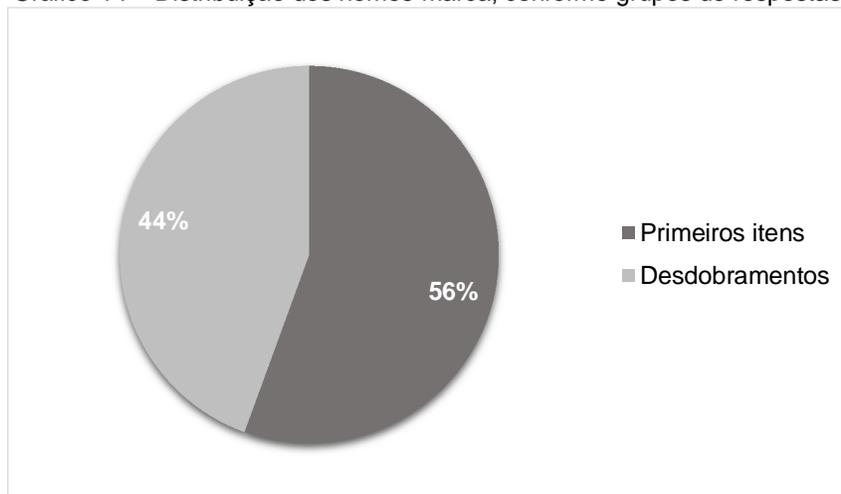
Entende-se que a informante conceptualizou a bebida alcoólica como *Ypióca* e, como se pode ver, deixa isso claro, no decorrer de sua fala. Contudo, por insistência do inquiridor, utilizando-se, primeiramente, do recurso de acionar o *frame* que se refere ao consumo da bebida pelos homens, seguida, explicitamente, da hierarquização, dizendo: “E a *Ypióca* é o quê?” obtém-se a resposta *cachaça*. Tem-se, portanto, nesse diálogo, explicitamente, o modelo da

hiponímia, visto que, na categorização da informante, a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar é compreendida como *Ypióca*, que, por sua vez, é um tipo de *cachaça*.

O nome-marca *Pitú* exerce uma forte influência em Pernambuco, extrapolando o conceito quantitativo de análise, visto que se tem presente, nas respostas dos informantes, o MCI PARTE/TODO, composto da metonímia MARCA PELO PRODUTO, e isso reflete no uso dessa lexia e de outros nomes-marca, que fizeram parte da resposta de 24 entrevistados, correspondendo, como já fora mencionado, a 46% dos inquéritos realizados no estado.

São 36 ocorrências de nomes-marca, que, nas entrevistas, se apresentam em combinações diversas, como: acompanhados de outros nomes-marca e de nomes-comuns; como primeiro, segundo, terceiro e quarto itens das respostas; mencionados nos desdobramentos. Se se comparar o uso de nomes-marca na relação de itens apresentados na pergunta inicial X nos desdobramentos, tem-se a representação de 20 ocorrências para o primeiro grupo de respostas e 16 para o segundo. Percentualmente, têm-se essas ocorrências representadas no Gráfico 14 abaixo.

Gráfico 14 – Distribuição dos nomes-marca, conforme grupos de respostas



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Essa flexibilidade de ocorrências, nas respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores, revela a vivacidade dos nomes-marca, para nomear a referida bebida alcoólica, cuja variedade de denominações e os

usos em interações comunicativas permitem que façam parte do diálogo em questão como resposta inicial ou nos desdobramentos.

No controle das respostas consideradas como item único, têm-se 15 informantes que se enquadram nesse perfil, que totalizaram 13 ocorrências de *cachaça*, uma de *aguardente de cana* e uma de *aguardente*. Esses informantes correspondem a 29% do total e são, todos, de escolaridade de nível fundamental. Destaca-se o fato de, em Exu (62) e em Petrolina (73), três dos quatro informantes conceptualizadores e categorizadores de cada cidade apresentarem *cachaça* como única resposta; *aguardente de cana* ocorreu em Recife (70) e *aguardente* em Arcoverde (68).

O informante de faixa etária II, do ensino fundamental, do ponto 68, afirma e confirma o uso de *aguardente*, como se pode ver no diálogo com o inquiridor, a saber:

- (73)            [...]  
                  INF. — *Aguardente*.  
                  INQ. — Sim e chamam aqui por outro nome?  
                  INF. — Não. *Aguardente*.

Nessa cidade, dos quatro entrevistados, três apresentaram *aguardente* como resposta e um mencionou *aguardente de cana*, no desdobramento, especificamente, o de faixa etária I, do ensino fundamental:

- (74)            [...]  
                  INF. — *Cachaça*.  
                  INQ. — Chama mais como?  
                  INF. — *Aguardente de cana*.  
                  INQ. — Tem outro nome?  
                  INF. — Não.

Como se vê, a forma se apresenta na cidade, de forma significativa, seja como lexia simples ou na constituição da referida forma complexa.

Sabe-se que tanto *aguardente* como *aguardente de cana* são utilizadas como sinônimas de *cachaça*. A lexia complexa, por muito tempo, determinou o tipo de aguardente produzida no Brasil, que, por exemplo, não era de uva, mas de cana. Como já se explanou, essas lexias, oficialmente, embora se inter-relacionem, correspondem a referentes distintos.

Conforme o artigo 51, do Decreto 6.871, de 4 de junho de 2009, a aguardente “[...] é a bebida com graduação alcoólica de trinta e oito a cinquenta e quatro por cento em volume, a vinte graus Celsius [...]”; no parágrafo primeiro desse artigo, consta, ainda, que “A aguardente terá a denominação da matéria-prima de sua origem.” No artigo 53, *cachaça* é definida como “[...] a denominação típica e exclusiva da aguardente de cana produzida no Brasil, com graduação alcoólica de trinta e oito a quarenta e oito por cento em volume [...]” Logo, como se sabe, oficialmente, *cachaça* é uma *aguardente* e, sendo de cana-de-açúcar, é uma *aguardente de cana*, que possui especificidades para ser classificada como *cachaça*. Contudo a recíproca não é verdadeira, pois a *aguardente de cana* não é *cachaça*, já que, por exemplo, possui teor alcoólico maior. Portanto, oficialmente, tratam-se de tipologias de um mesmo produto, a partir de critérios legislados, dentre os quais, destaca-se o teor alcoólico.

No elenco de lexias respondidas como primeiro item à pergunta 182 do QSL, têm-se 37 ocorrências assim distribuídas: 16 de *cachaça*; dez de *Pitú*; cinco de *aguardente*; duas de *cana* e uma ocorrência de cada: *51*, *pinga*, *Serra Grande* e *Ypióca*.

Verifica-se que, nesse grupo de respostas, constam quatro nomes-marca: *Pitú*, *Ypióca*, *Serra Grande* e *51*. São 13 informantes conceptualizadores e categorizadores com esse comportamento linguístico, que corresponde ao percentual de 25% do total. Três informantes de Caruaru (69) apresentaram nome-marca como primeiro item da resposta, sendo que o homem e a mulher da faixa I disseram *Pitú* e o homem da faixa II, *Serra Grande*, que, nos desdobramentos, apresentou *Pitú* e *51*, na resposta.

O diálogo com esse informante da faixa etária II de Caruaru (69) foi constituído de algumas insistências para que ele apresentasse um nome comum na resposta, já que só apresentava nome-marca. Segue, como ilustração, uma parte desse diálogo, no exemplo 75.

- (75) [...]
   
INF. — Eu nem sei de que é feito aquilo. Se é de cana-de-açúcar, porque uns dizem que é de cana-de-açúcar, outros diz que não é.
   
INQ. — Isso... Isso... como é o nome da bebida? Essa bebida. Ela é transparente...
   
INF. — A de cana-de-açúcar é *Serra Grande*.
   
INQ. — Sim, como é o nome da bebida que é feita da... da cana de açúcar?

[...]

AUX. — *Serra Grande* é a marca, não da...?

INF. — E é? Mas ela é de cana, né?

INQ. — Sim. Como é que...

INF. — E a *Pitú* é de cana também?

INQ. — Como é que chama isso... essa bebida que tem essas marca da *Pitú*, da Casa... da *Serra Grande*?

INF. — Sei não, só tem a *Pitú*.

INQ. — Você chega no bar e pede o quê? Que tipo de bebida é esse?

INF. — Sei não.

INQ. — Que é transparente, forte.

INF. — Porque a mais forte que o povo diz tem a *Pitú*, tem a 51, mas não sei o nome disso não.

INQ. — E isso são tipos de quê?

INF. — Han?

INQ. — E isso são tipos de quê? Isso não é guaraná, é? É refrigerante?

INF. — Não. É *Pitú* mesmo.

Observa-se que, para responder à pergunta inicial, o inquiridor mencionou a característica da transparência, mas o informante fixou-se no fato de a bebida ser feita da cana-de-açúcar, chegando ao primeiro item da resposta, *Serra Grande*.

Seguindo para o desdobramento desse diálogo, vê-se que o entrevistado respondeu *Pitú*, ao mesmo tempo que questionou se é feita de cana-de-açúcar. Ou seja, para ele, o fato de ser da cana-de-açúcar é fundamental para responder à pergunta. Mesmo o inquiridor dando outras características da bebida, como ser forte, ser pedida em um bar, todas as respostas do informante confluíram para os nomes-marca. Para finalizar o diálogo, reafirma o uso de *Pitú* e, com isso, o inquiridor, mesmo com muito esforço, não obteve, com esse informante, uma resposta constituída de nome comum.

Verifica-se, nesse diálogo, a potência dos nomes-marca para nomear a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, mostrando, ainda, a igualmente potência do MCI PARTE/TODO, por meio da metonímia, MARCA PELO PRODUTO. Vê-se que o informante atribuiu os nomes das marcas, relacionando-os ao conceito que lhe fora apresentado, dizendo, inclusive, que não sabe como se chama o “tipo da bebida”, e assim responde que é “*Pitú* mesmo.” Ou seja, ele não sabe ou disse não saber uma lexia que pertencesse a outro grupo, que não fosse o de nome de uma marca. Observa-se, assim, o nome-marca adentrando-se, de uma forma específica, por meio do uso, na esfera dos nomes a que são atribuídos significação ou aos que estão relacionados um conceito; e a obtenção dessa informação foi possível, por meio

da aplicação do questionário, utilizando-se do método onomasiológico, juntamente, com a prática de desdobrar perguntas.

Nos inquéritos de Pernambuco, houve lexias apresentadas como segundo, terceiro e quarto itens nas respostas.

- ✓ Sete foram apresentadas como o segundo item: *cachaça*, *pinga* e *Pitú* com duas ocorrências cada; *aguardente*, *Batucada*, *cana* e *51*, com uma ocorrência da cada, totalizando, nesse grupo, dez ocorrências;
- ✓ *Pitú* e *Serra Grande* compõem o grupo das que foram apresentadas como terceiro item, tendo, cada, uma ocorrência;
- ✓ *51*, com uma ocorrência, foi citada como o quarto item da resposta.

Na relação entre o primeiro e o segundo itens, em Pernambuco, ocorreram as sequências:

- ✓ *cachaça* – *cana*;
- ✓ *cachaça* – *pinga*;
- ✓ *cachaça* – *aguardente*;
- ✓ *cachaça* – *Pitú*;
- ✓ *Pitú* – *cachaça*;
- ✓ *51* – *Pitú*.

A predominância de *cachaça* como primeiro item reforça a concepção de sua prototipicidade. Além disso, o fato de o informante conceptualizador e categorizador apresentar mais de uma lexia em sua resposta inicial evidencia o seu reconhecimento de mais de uma forma para nomear o conceito que lhe fora apresentado na pergunta. Com isso, ratifica-se que há uma flexibilidade na categorização realizada por cada informante, o que possibilitou verificar, por exemplo, que as lexias circulam em mais de uma posição nos enunciados elaborados em suas respostas. Caso contrário, *cachaça* ocuparia, apenas, o lugar das respostas únicas ou a posição de primeiro item mencionado pelo informante. Certamente isso não ocorreu, o que possibilita afirmar que *cachaça*, por exemplo, por estar presente em mais de uma posição da resposta inicial, bem como nos diversos tipos de desdobramentos, tem o seu lugar cativo, no centro da rede radial, para denominar a referida bebida alcoólica.

Na entrevista que segue, realizada em Afrânio (66), com a informante, faixa etária II, ensino fundamental, foi mencionado *cachaça* como segundo item. Veja-se no exemplo 76.

- (76)            [...]  
 INF. — *Pitú* ou *cachaça*.  
 INQ. — Hum...Outros nomes para *cachaça*, que a senhora lembrar?  
 INF. — Não só sei *Pitú* ou *cachaça*.  
 INQ. — Hum hum.  
 INF. — *Cana, cana*.

Observa-se que a *cachaça* ocorreu logo após o uso de *Pitú*, e ainda que, antes de se lembrar e de mencionar a lexia *cana*, o informante reforçou a resposta com as duas já ditas, seguindo, inclusive, a mesma ordem de apresentação inicial.

No desdobramento da pergunta, tem-se *cachaça* sendo citada como resposta, após a lexia *aguardente*, como se pode ver em Caruaru (69), no diálogo com a mulher faixa etária II, do ensino fundamental:

- (77)            [...]  
 INF. — *Aguardente*?  
 INQ. — Tem outros nomes para isso aqui?  
 INF. — *Cachaça*?

Em Pernambuco, as lexias apresentadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores, nos desdobramentos, são as que seguem organizadas, conforme o tipo de cada pergunta.

- ✓ “Chama de outro jeito?”: *aguardente, aguardente de cana, cachaça, cana, caninha, 51, pinga, Pitú*;
- ✓ “inquiridor parte do(s) item(ns) apresentado(s) como resposta pelo informante”: *aguardente, branquinha, cachaça, 51, Pitú, Ypióca*.
- ✓ “Iniciativa do informante”: *cana, pinga*;
- ✓ “outros tipos de pergunta”: *aguardente, branquinha, cachaça, cana, caninha, 51, pinga, Pitú, Preá*.

Em termos quantitativos, as lexias com mais ocorrências nos desdobramentos foram *Pitú* com 11; *pinga*, com 9; *cachaça* com oito e *cana* com sete. Já em termos percentuais, destacam-se *branquinha, caninha* e *Preá*, que tiveram 100% de suas ocorrências, nos desdobramentos, seguindo-se de *pinga*,

que teve 75%, e cana, 70%. Esse mesmo comportamento não ocorreu com *cachaça* e *aguardente* que tiveram, respectivamente, apenas, 20% e 30% das ocorrências nos desdobramentos das perguntas, o que implica dizer que a outra parcela percentual consta nas respostas iniciais.

Observando a Tabela 11, onde estão registradas as ocorrências e os percentuais das lexias em Pernambuco, verifica-se que as cinco lexias de maior ocorrência são: *cachaça* (39), *Pitú* (24), *pinga* (12), *aguardente* (10) e *cana* (10) e que *cachaça*, *Pitú* e *aguardente* possuem comportamentos distintos de *pinga* e *cana*, nessa relação de apresentação nas Respostas iniciais X Desdobramentos, como se pode observar no Quadro 23 abaixo.

Quadro 23 – Ocorrências das cinco lexias mais produtivas quantitativamente em Pernambuco

LEXIA	PERGUNTA INICIAL	DESDOBRAMENTO	TOTAL
Cachaça	31	8	39
Pitú	13	11	24
Pinga	3	9	12
Aguardente	7	3	10
Cana	3	7	10

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

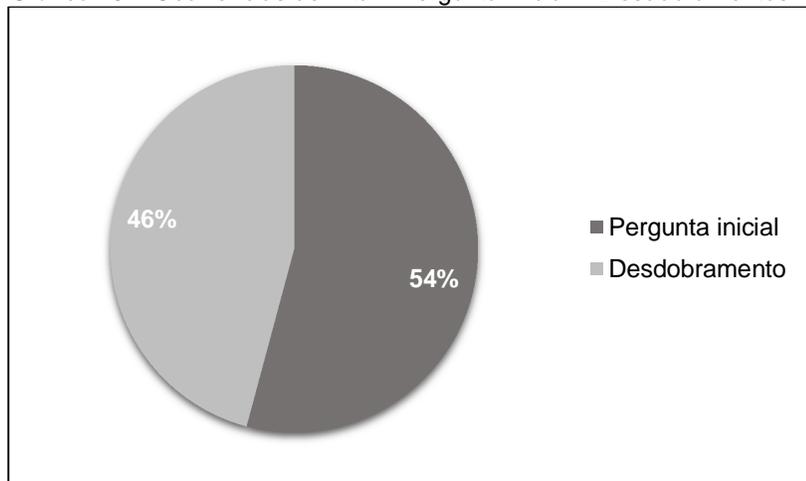
Observa-se que *cachaça*, *Pitú* e *aguardente* apresentaram mais ocorrências nas respostas às perguntas iniciais e que *pinga* e *cana*, nas dos desdobramentos. Com esses dados, verifica-se que o fato de, no cômputo geral, *pinga* possuir mais ocorrências que *aguardente* não é garantia de que será mencionada inicialmente como resposta, em maior quantidade de vezes que *aguardente*.

Como se vê, *pinga* ocorreu com predominância nos desdobramentos, o que implica dizer que não é o bastante identificar o quantitativo de ocorrências da lexia, mas verificar as condições de produção em que foi apresentada como resposta. Nesse caso, *pinga* é a terceira lexia de maior ocorrência em Pernambuco, cujas ocorrências se deram em mais quantidade nos desdobramentos, os quais, se não tivessem ocorrido, na aplicação do questionário, como aconteceu em muitos inquéritos, provavelmente, se teria coletado um baixíssimo quantitativo dessa lexia. Logo, ratifica-se, mais uma vez, a importância de se realizarem os desdobramentos das perguntas, na aplicação dos questionários linguísticos, os quais possibilitaram, por exemplo, estabelecer

*pinga* como integrante da margem próxima ao centro, na rede categorial da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Verifica-se ainda a importância dos desdobramentos da pergunta, onde se encontram 46% das ocorrências de *Pitú*, que é a segunda lexia com maior quantitativo em Pernambuco. Observa-se, no Gráfico 15, a distribuição das respostas de *Pitú*, nos inquéritos de Pernambuco.

Gráfico 15 – Ocorrências de *Pitú* – Pergunta inicial X Desdobramentos



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se pode verificar, *Pitú* possui grande relevância para denominar a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, em Pernambuco. A sua produtividade quantitativa e qualitativa, bem como a frequência e diversidade de usos, podem ser vistas nas respostas dos participantes do Projeto ALiB. A flexibilidade de uso das lexias pode ser percebida no gráfico 15, em que se vê que *Pitú*, por exemplo, está culturalmente disponível para os falantes como uma das lexias que se referem à bebida, assim como *cachaça*, *aguardente*, *pinga*, *cana*, entre outras.

A informante conceptualizadora e categorizadora da faixa etária I, ensino fundamental, de Cabrobó (67), apresenta a *Pitú*, como “uísque quatro letra”, como se pode verificar, no excerto do diálogo, que segue.

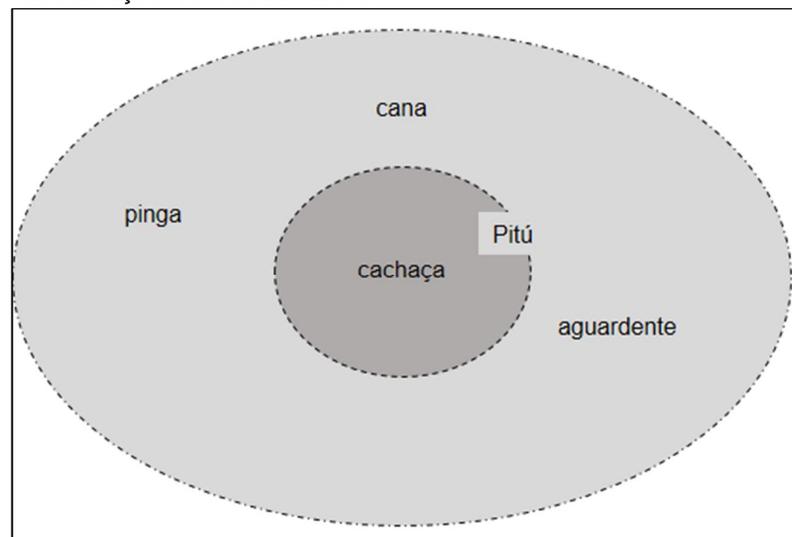
- (78)                    [...]  
 INF. — *Cachaça*.  
 INQ. — E quais são os outros nomes que tem aqui?  
 INF. — *Cachaça*. *Uísque 4 letra*, porque... é a *Pitú*.  
 [...]

Como não houve averiguação do uso da expressão, que, como se sabe, não é o objetivo da aplicação do questionário do Projeto ALiB, não se tem a informação, da própria informante, do que se trata essa nomeação fraseológica. Contudo, verificou-se que, em alguns vídeos alocados nas redes sociais<sup>34</sup>, a *Pitú* é, popularmente, assim denominada. A referência ao Uísque transpõe o destilado de cana a um *status* que o associa à bebida considerada de melhor valorização social, pois é visto como “chique” beber *uísque*, bem como escrever esse vocábulo com a grafia em inglês: *Whisky*.

Dos seis nomes-marca ocorridos em Pernambuco, apenas *Pitú* ocorreu na capital. Nas cidades de Cabrobó (67) e Limoeiro (64), todos os informantes apresentaram nomes-marca em suas respostas, sendo que, nesta cidade ocorreu apenas *Pitú* e naquela, além de *Pitú*, ocorreram *Batucada*, *Serra Grande* e *51*. As outras lexias se distribuíram pelas cidades de Caruaru (69), Exu (62), Floresta (71), Olinda (65), Petrolina (73).

Diante das exposições da natureza das ocorrências em Pernambuco, a rede radial da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar pode ser traçada, como se expõe a seguir na Figura 21.

Figura 21 – Rede radial das nomeações para bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar em Pernambuco



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

<sup>34</sup> Informação disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=257747371582471>. Acesso em: 8 out. 2021.

Com essa rede, ratifica-se que, em uma análise quantiquantitativa, a *lexia cachaça* é o protótipo para denominar a bebida alcoólica em questão; além disso, indica que *Pitú*, no estado de Pernambuco, se comportou com elevada frequência de uso, nas diversas possibilidades de apresentação da resposta à pergunta 182 do QSL, por isso ocupa o lugar mais próximo do centro da rede e que *aguardente*, *cana* e *pinga* também se destacaram como denominações variantes que possuem alta produtividade.

### 5.3.7 Alagoas do mar azul turquesa

O estado de Alagoas é famoso por suas praias, nas quais se destaca a beleza da paleta de cores do mar. Qualquer visitante que percorrer o litoral alagoano perceberá diferenças nas tonalidades do azul, em mares como o de Pontal do Coruripe, Gunga, Maragogi, Maceió e, na mais bela das belas praias, o paraíso chamado Ipioca, dentre muitos outros.

O azul do mar de Maceió foi cantado por Carlos Moura, que o mostrou, para todo o Brasil, nos anos 80 do século XX, como faixa de destaque do LP *Rosa do Sol*, na música “Minha sereia”, que ficou eternizada ao se dizer: “Mergulhar no azul piscina/ no mar de Pajuçara/ Deixar o sol bater no seu rosto/ Ai que gosto me dá/ E as jangadas partindo pra o mar/ Pra pescar, minha sereia Maceió, minha sereia.” Nessa canção, estão presentes elementos marcantes do espaço alagoano, como a cor do mar, o sol, as jangadas, a sereia. (CÔRREA, 2017)

Sobre a Sereia, existe todo um encantamento que a envolve com os pescadores alagoanos, que, segundo se conta, cantava para eles quando saíam para pescar. No litoral Norte da capital, situa-se a praia da Sereia, onde há uma estátua de quatro metros, erguida em um paredão de recifes. Em datas especiais, as honrarias à rainha do mar são realizadas com orações, oferendas e pedidos.

As jangadas correspondem a um objeto material presente na cultura alagoana, seja na capital ou no litoral interiorano, fazendo parte da tradição de famílias de pescadores e jangadeiros, cujo saber fazer é passado de pai para filho. Trata-se de um profissional, conhecedor do vento, das marés, do mar, da lua, das nuvens, é o que diz o Sr. José Mario dos Santos, pescador e jangadeiro

em Maceió, que declara que “o mar, você não tem que temer a ele, você tem de ter respeito por ele”. (JANGADA, 2007)

A história de Alagoas conta com as invasões dos franceses, no início do século XVI, sendo retomada por Duarte Coelho, em 1535, que era donatário da capitania de Pernambuco; e dos holandeses, em 1630, que ocuparam as terras alagoanas até 1645. As terras de Alagoas integravam a capitania de Pernambuco e Duarte Coelho incentivou o plantio de açúcar nessas terras, cujo produto embarcava no porto da Vila de Penedo, bem como a implantação de engenhos, cujo quantitativo chegou a 50 em 1730<sup>35</sup>. Em 1817, a partir das terras de Pernambuco, Alagoas passou a ser mais uma capitania do Brasil. (MAPAS, 2008)

Marroquim (1996, p. 15) afirma que “A formação histórica e étnica dos alagoanos e pernambucanos é uma só, e idêntica é a sua orientação linguística.” Acrescenta que os dois estados também têm um histórico de ligações políticas e econômicas.

Souto Maior (1970-71, p. 21-2) apresenta, como resultado do estudo de Manuel Viotti, publicado em 1957, o registro, em Alagoas, de lexias consideradas como sinônimos e eufemismos da *cachaça*, a saber: *januária*, *juçara*, *junca*, *jurupinga*, *muncadinho*, *negrita*.

A produção da *cachaça* alagoana, atualmente, se destaca no mercado brasileiro, com marcas como *Caraçuípe* e *Escorrega*. O engenho em que são produzidas situa-se na BR 101, na cidade de Campo Alegre, onde é possível realizar visita guiada e verificar as etapas de produção das *cachaças*. O engenho Caraçuípe<sup>36</sup> é um negócio de tradição familiar, datado com início em 1933; em seu *site*, dentre outras informações, podem-se verificar os vários prêmios conquistados pelas duas bebidas.

Na pesquisa realizada pelo Projeto ALiB, no estado de Alagoas, foram aplicados os questionários linguísticos em quatro localidades, especificamente, do ponto 74 a 77, a saber: União dos Palmares, Santana do Ipanema, Arapiraca e Maceió, totalizando um *corpus* constituído de resposta de 20 informantes conceptualizadores e categorizadores.

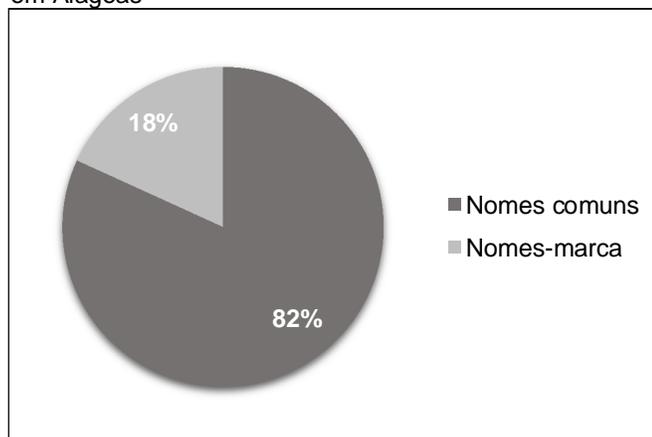
---

<sup>35</sup> Informação disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/historico>. Acesso em: 8 out. 2021.

<sup>36</sup> Informação disponível em: <https://www.engenhocaracuipe.com.br/> Acesso em: 9 mar. 2022.

Nessas quatro localidades, foram registradas 44 ocorrências para a denominação da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, das quais 36 são lexias categorizadas como nomes comuns e oito como nomes-marca. A representação percentual da distribuição dessas categorias de nomes, no estado alagoano, pode ser visualizada no Gráfico 16 que segue.

Gráfico 16 – Distribuição Nomes comuns e Nomes-marca em Alagoas



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Esses 82% de ocorrências de nomes comuns encontram-se distribuídos em quatro lexias simples: *cachaça*, *pinga*, *aguardente*, *caninha* e uma lexia complexa, a expressão idiomática, *água que passarinho não bebe*; já os 18% referentes aos nomes-marca correspondem a duas lexias: uma simples e uma complexa, *Pitú* e *51*, respectivamente.

Segue, na Tabela 12, a listagem das lexias apresentadas nas respostas dos informantes de Alagoas, juntamente com as suas ocorrências e seus respectivos percentuais.

Tabela 12 – Ocorrências e percentuais das lexias em Alagoas

LEXIAS	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAIS (%)
Cachaça	18	41%
Pinga	8	18%
Aguardente	7	16%
Pitú	5	11%
51	3	7%

Caninha	2	5%
Água que passarinho não bebe	1	2%
<b>TOTAL</b>	<b>44</b>	<b>100</b>

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Dos 20 entrevistados em Alagoas, 18 apresentaram *cachaça* em suas respostas, o que corresponde a 90% dos informantes que revelaram conter essa lexia em seu acervo linguístico. Os 10% que não a mencionaram correspondem à informante, faixa etária I, do nível fundamental de União dos Palmares (74) e ao informante faixa I, de nível universitário de escolaridade, de Maceió (77), cujo diálogo com o inquiridor ocorreu da seguinte maneira:

- (79) [...]
   
INF. — *Aguardente*.
   
INQ. — Tem outro nome?
   
INF. — *Pitú*.

Em Alagoas, foram sete lexias variantes para as denominações para a *aguardente*, o que se configura uma quantidade total menor, em comparação aos outros oito estados pesquisados. Em termos numéricos, o que se tem é: 20 informantes organizaram as suas respostas em torno de sete lexias, perfazendo uma relação de 2,8 formas para cada um.

Chama atenção a concentração das respostas na lexia *cachaça*, que, em três inquéritos, é o item único; em 11, é o primeiro item; e, em quatro, ocorre no desdobramento; ou seja, em 14 entrevistas, *cachaça* é apresentada à pergunta inicial, pelos falantes, em suas respostas. Além disso, os usos de *cachaça* proporcionaram que a lexia possua 41% do total de ocorrências, ficando os outros 59% para as outras seis lexias.

Diante do fato de haver um elevado quantitativo de localidades/inquéritos/informantes, em que *cachaça* foi citada como resposta inicial, e um baixo número de lexias variantes mencionadas pelos alagoanos, indaga-se: o fato de o utente já apresentar a lexia prototípica, como o primeiro ou o único item, seria um regulador que levaria a ocorrer esse menor quantitativo de itens mencionados pelos informantes? Acredita-se que sim, mas, salienta-se que isso não implica, de forma alguma, em afirmar que eles esgotaram, em suas respostas, o seu total saber semântico-lexical, a respeito das variantes que

nomeiam a bebida alcoólica. Entende-se que, possivelmente, apresentar *cachaça* como resposta à pergunta inicial pode ter funcionado como elemento inibidor para que outros usos, também adquiridos em suas experiências corpóreas, assim como *caninha*, 51, fossem ditos.

Ao consultar a Tabela 12, verifica-se que a segunda lexia de maior ocorrência é *pinga*, a terceira é *aguardente* e a quarta é *Pitú*. Dos oito entrevistados que apresentaram *pinga* como resposta, sete a mencionaram na sequência *cachaça – pinga*, dos quais cinco compuseram suas respostas somente com as duas lexias, exatamente nessa ordem. Pode-se verificar, no exemplo 80, a fala da informante conceptualizadora e categorizadora, da faixa etária II, ensino fundamental de Santana do Ipanema (75), que a apresentou no desdobramento da pergunta.

- (80) [...]
   
INF. — *Cachaça*. Aqui mesmo no estado prepara muito. *Cachaça*.
   
INQ. — E chamam de outro nome?
   
INF. — É *Pinga*. *Cachaça*, *pinga*.

A sequência *pinga – cachaça* ocorreu, apenas, na resposta da informante, faixa etária II, nível universitário de escolaridade, de Maceió (77), que as mencionou no desdobramento da pergunta, como se pode ver no exemplo 81.

- (81) [...]
   
INF. — O *aguardente*?
   
INQ. — Tem outro jeito de chamar?
   
INF. — Pode chamar, muita gente chama o quê? Chama *pinga*, chama *cachaça*.
   
INQ. — Hum, hum. Exato

*Sobre aguardente*, que ocupou a terceira posição, com uma diferença quantitativa muito pequena em relação à *pinga*, tem-se que, dos sete entrevistados que a apresentaram em suas respostas, seis a conjugaram, na sequência, com a lexia *cachaça*. Para ilustrar, citam-se dois exemplos de usos de *aguardente*, ocorridos em Arapiraca (76): em um, a ordem é *aguardente – cachaça* e, em outro, é *cachaça – aguardente*, respectivamente, nos exemplos 82 e 83.

- (82) [...]
   
INF. — *Aguardente*.
   
INQ. — Chamam de que jeito mais?
   
INF. — *Cachaça*.
   
[...] (Homem, faixa etária II, ensino fundamental)
- (83) INF. — *Cachaça*.
   
INQ. — Sim e chamam por outro nome?
   
INF. — *Aguardente*. (Mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

Considerando as respostas desses informantes conceptualizadores e categorizadores, independente da ordem em que são apresentadas, *cachaça*, juntamente com *pinga* ou *aguardente*, correspondem a protótipos de sequências de pares variantes, em qualquer ordem, (*cachaça – pinga*, *cachaça – aguardente*, *pinga – aguardente*), para nomear a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Tal comportamento também pode ser verificado nos inquéritos de outros informantes conceptualizadores e categorizadores do Nordeste. Ao todo, *cachaça*, *pinga* e *aguardente* são denominações que compõem, juntas, 33 das 44 ocorrências apresentadas nos enunciados dos informantes de Alagoas, equivalendo a 75% das respostas.

As sete formas apresentadas pelos alagoanos, como respostas, constam registradas nas entrevistas realizadas na capital Maceió (77), destacando-se *cachaça*, que foi a de maior ocorrência, com sete, e *água que passarinho não bebe*, cuja única ocorrência, no estado, foi apresentada pela informante da capital, faixa etária I, de escolaridade universitária, no desdobramento da pergunta, classificado como “Outros tipos de pergunta”, como se pode verificar a seguir:

- (84) [...]
   
INF. — *Cachaça*.
   
INQ. — Chama de outra maneira?
   
INF. — *Pinga*, é.
   
INQ. — Pode chamar ainda de...
   
INF. — *Água que o passarinho não bebe*.

Importa se centrar no estudo das lexias apresentadas, apenas, nas cidades do interior de Alagoas, para verificar que *cachaça*, *pinga* e *aguardente* conservam o *status* de formas de maior ocorrência. *Pitú* apresenta três ocorrências, uma em cada cidade; 51, duas ocorrências, não sendo registrada em Santana do Ipanema (75); e *caninha possui* apenas uma ocorrência, em

União dos Palmares (74). Nessas localidades, não houve registro de *água que passarinho não bebe*, como se pode verificar no Quadro 24 que segue.

Quadro 24 – Ocorrências das lexias nas cidades do interior de Alagoas

	CACHAÇA	PINGA	AGUARDENTE	CANINHA	PITÚ	51	ÁGUA QUE PASSARINHO NÃO BEBE
União dos Palmares	3	2	1	1	1	1	0
Santana do Ipanema	4	3	1	0	1	0	0
Arapiraca	4	1	2	0	1	1	0
Total	11	6	4	1	3	2	0

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

A distribuição diatópica das lexias no estado de Alagoas apresenta-se de forma equilibrada: seis das sete formas ocorrem na capital e nas cidades do interior e apenas o item fraseológico – nome comum - não consta nos dois tipos de localidade, pois foi mencionado, somente, em Maceió (77). Conforme o Quadro 24, *caninha* e *51* não foram citadas por nenhum informante de Santana de Ipanema (75) e *caninha*, também, por nenhum de Arapiraca (76); já *cachaça*, *pinga*, *aguardente* e *Pitú* ocorreram na fala de, pelo menos, um dos entrevistados das cidades no interior alagoano. Destaca-se o fato de *cachaça* ter ocorrido na resposta de todos os informantes de Santana do Ipanema (75) e de Arapiraca (76).

Em relação à variável escolaridade, *cachaça*, *pinga*, *aguardente* e *Pitú* ocorreram na fala dos informantes conceptualizadores e categorizadores dos dois níveis pesquisados; já *caninha* e *51* foram mencionadas apenas pelos informantes do nível fundamental de escolaridade, e *água que passarinho não bebe* pelo de nível universitário.

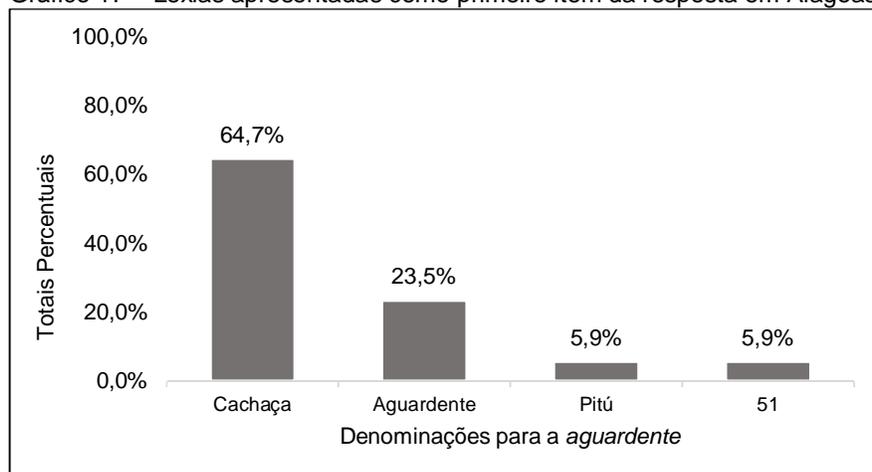
Nas três entrevistas em que *cachaça* foi apresentada como forma única, em uma, não houve desdobramento da pergunta, que, por sua vez, ocorreu nas outras duas, cujos informantes pertencem à faixa etária II, sendo um de Maceió (77), de escolaridade de nível universitário, e o outro de Santana do Ipanema (75), do nível fundamental de escolaridade. Verifica-se que ambos apresentaram o mesmo padrão de resposta: o de ratificação da lexia já mencionada. Observe-

se, no exemplo 85 que segue, a elaboração dos enunciados do informante de Santana do Ipanema (75).

- (85) [...]
   
INF. — É a *cachaça*.
   
INQ. — Chama de outro jeito? Como é que pode chamar também?
   
INF. — *Cachaça* mesmo.

As 11 ocorrências de *cachaça*, constantes no rol das lexias apresentadas como primeiro item da resposta, juntam-se com *aguardente*, com quatro ocorrências; *51* e *Pitú* com uma cada. Em termos percentuais, observa-se, no Gráfico 17, a fatia de cada lexia, nesse tipo de organização de resposta, em que se pode visualizar a superioridade de *cachaça*.

Gráfico 17 – Lexias apresentadas como primeiro item da resposta em Alagoas



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Em Alagoas, as lexias apresentadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores, nos desdobramentos, são as que seguem elencadas, conforme o tipo de pergunta.

- ✓ “Chama de outro jeito?”: *aguardente, cachaça, caninha, pinga, Pitú*;
- ✓ “inquiridor parte do(s) item(ns) apresentado(s) como resposta pelo informante”: *51*;
- ✓ “iniciativa do informante”: *aguardente*;
- ✓ “outros tipos de pergunta”: *água que passarinho não bebe, cachaça, caninha, 51*.

As oito ocorrências de *pinga* estão distribuídas em uma resposta como segundo item da pergunta inicial e sete no desdobramento da pergunta, do tipo: “Chama de outro jeito” e similar, como se viu no exemplo 84.

As lexias *caninha* e *água que passarinho não bebe* só ocorreram no desdobramento da pergunta. *Caninha* está registrada em todas as obras consultadas e, em Souto Maior (2013, p. 48), consta como “Eufemismo de cachaça [...] Diminutivo carinhoso de cana, usado pelos apreciadores habituais da que matou o guarda.” Em Andrade (2017, p. 47), a lexia é mencionada na referência a um momento de ritual religioso: “E conversando pagodeando devoraram o bode consagrado e cada qual buscando garrafão de pinga dele porque ninguém não podia beber no de outro, todos beberam muita caninha, muita!”

Em Alagoas, houve duas ocorrências de *caninha*, o equivalente a 5% do total e, em ambas, foi citada por entrevistados do ensino fundamental, após um nome-marca: em uma, após *51*, e, em outra, após *Pitú*. Nas duas ocorrências, *caninha* foi dita depois que o inquiridor perguntou ao informante, de uma forma geral, como se pede a bebida, quando se chega em um bar.

Exemplifica-se o uso de *caninha* com o inquérito realizado em Maceió (77), em que se podem verificar, na fala do informante da faixa etária II, ensino fundamental, alguns aspectos culturais que envolvem o domínio de experiência da bebida.

- (86) [...]
   
INF. — A de cana-de-açúcar?
   
INQ. — Hum.
   
INF. — Aqui é a *Pitú*, né? A gente chama de *Pitú*.
   
INQ. — Hum. Mas aí uma pessoa vai num bar, pode pedir como?
   
INF. — Me dá uma *caninha* aí!
   
INQ. — Hum... pode chamar assim, pode ser de outro jeito?
   
INF. — É. Ah... *Pitú*, me dá um tubo aí de *Pitú*, ou então, me dá um... uma *caninha* aí.
   
INQ. — E além de *caninha* se diz... chama de outro jeito essa bebida?
   
INF. — Não, só isso mesmo.
   
INQ. — Ah! Fulano de tal bebe muita...
   
INF. — *Cachaça*, é fulano bebe muita *cacheça*, é um... tubuqueiro, né? Bebe “muntchu”.
   
INQ. — Tá bom.

Destaca-se a seguinte dinâmica nesse diálogo: no início, o informante conceptualizador e categorizador realiza o mapeamento de a bebida ser de cana-de-açúcar, o que foi confirmado pelo inquiridor; segue o entrevistado com

a resposta, utilizando-se de um nome-marca, acrescido da afirmação: “A gente chama de *Pitú*.” Vê-se, nessa etapa da resposta, o acionamento do informante e do inquiridor do MCI PARTE/TODO, por meio da metonímia MARCA PELO PRODUTO.

Seguindo para o desdobramento da pergunta, vê-se que ocorre em etapas:

- (i) o inquiridor recorre ao que entende ser mais eficiente para obter, como resposta, um nome comum, por isso cita uma situação corriqueira que envolve a bebida: como ela é pedida, ao que se obtém como resposta: “Me dá uma *caninha* aí”;
- (ii) só a partir de *caninha* é que segue com o “Chama de outro jeito”, e obtém, na resposta, o reflexo da pergunta anterior, a saber: *como se pede uma Pitú e como se pede uma caninha*: “[...] me dá um tubo aí de *Pitú*, ou então, me dá um... uma *caninha* aí”;
- (iii) o inquiridor, por sua vez, retoma o uso de *caninha*, perguntando, novamente, se se chama de outro jeito, ao que o informante diz que “Não, só isso mesmo”;
- (iv) não se dando por satisfeito, na busca de mais variantes de nome comum, recorre ao recurso que favorece completar uma frase, e diz: “Ah! Fulano de tal bebe muita...” e, finalmente, consegue, como resposta, o item “*Cachaça* [...]”. Dando-se, assim, por satisfeito, finaliza com: “Tá bom”.

Nesse diálogo, observa-se que o informante conceptualizador e categorizador, quando motivado a dizer como se pede a bebida, apresenta uma composição básica de solicitar qualquer coisa que se compre: “Me dá”, como em: *me dá uma cerveja, me dá um refrigerante, me dá um pastel, me dá um pneu* etc. Porém, quando foi motivado a dizer *se há outro jeito de chamar*, o entrevistado não se limitou a apresentar outra lexia, mas também o jeito de “pedir a bebida no bar” e diz “Me dá um tubo aí de *Pitú*” e, na sequência, informa que *tubuqueiro* é aquele que bebe muito.

Não se tem referência teórica do que representa ou do que seja o *tubo*, no domínio da experiência da *cachaça*, mas se sabe que há a comercialização

de tubo para acoplar em um *pingômetro*<sup>37</sup>, que é um tipo de enfeite, onde se acomodam *cachaças* para serem consumidas. Provavelmente, o *tubo* e o *tubuqueiro*, a que o informante se referiu, estejam relacionados ao *pingômetro*, todavia, não se pode afirmar, com certeza.

A riqueza das informações obtidas em Alagoas está no fato de *cachaça* ser citada por 90% dos entrevistados e *pinga* ocorrer, na maioria dos casos, nos desdobramentos da pergunta. Os nomes-marca apresentados pelos alagoanos são amplamente conhecidos no Nordeste, ratificando a sua soberania, diante dos outros. Os 82% de ocorrências dos nomes-comuns firmam a sua relevância para nomear a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

### 5.3.8 Sergipe e a sergipanidade

Sergipe é o estado do Brasil de menor extensão, faz limite com Bahia e Alagoas e possui 75 municípios. A partir de 1590 ficou subordinado à Bahia, mas, em 1820, o rei de Portugal, D. João VI, por meio da Carta Régia, o elevou à categoria de capitania independente, provocando insatisfações de lideranças políticas e desencadeando contestações e confrontos.<sup>38</sup>

Nos mapas que seguem, pode-se visualizar a divisão territorial do Brasil, em dois momentos: no primeiro, em 1817<sup>39</sup>, as terras sergipanas fazem parte da Bahia e, no segundo, em 1820<sup>40</sup>, já constam os limites da capitania sergipana, que se configuram como o marco de sua trajetória de autonomia.

---

<sup>37</sup> Em *sites* comerciais, hospedados na *internet*, podem ser encontradas fotos de tubo do *pingômetro*.

<sup>38</sup> Informação disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/historico>. Acesso em: 8 out. 2021.

<sup>39</sup> 1817 - Tratado de Viena: O Brasil devolve Caiena aos franceses. Criação da Capitania de Alagoas a partir de terras de Pernambuco. Informação disponível em: <https://www.panmythica.com/2008/04/mapas-histicros-do-brasil.html>. Acesso em: 8 out. 2021.

<sup>40</sup> 1820 - A Capitania de Sergipe é criada a partir de terras da Bahia. Informação disponível em: <https://www.panmythica.com/2008/04/mapas-histicros-do-brasil.html>. Acesso em: 8 out. 2021.

Figura 22 – Mapa do Brasil: 1817



Fonte: panmythica

Figura 23 – Mapa do Brasil: 1820



Fonte: panmythica

Após anos de discussão, a respeito da data de comemoração da emancipação política de Sergipe, a Assembleia Legislativa, em 1990, instituiu que 24 de outubro é o dia da sergipidade. Nessa data, além da independência do estado, celebra-se a constituição da identidade de sua população, por meio

das mais variadas práticas culturais. Cada ação nesse direcionamento promove o conhecimento e o reconhecimento dos patrimônios, pertencentes à história deste estado nordestino.

A sergipanidade é composta de ricas manifestações culturais, dentre as quais, citam-se duas: a do “Lambe sujo e caboclinhos” que, na cidade de Laranjeiras, por meio de músicas, vestes e narrativas fazem-se homenagens à resistência dos negros escravizados e dos povos originários; e a dança do “Reisado”, em que se comemora o nascimento do menino Jesus e se faz uma homenagem aos Reis magos, sendo marcado com muitas fitas coloridas, músicas de louvor a Deus e de diversos outros enredos. (LIMA, 2020)

No estado sergipano há também muita beleza natural, espalhada em seus 21.938,184km<sup>2</sup> de área territorial.<sup>41</sup> Lugares como Cânion de Xingó, Mangue Seco, Canindé do São Francisco atraem turistas de todos os lugares do mundo. Em Canindé do São Francisco<sup>42</sup>, por exemplo, é possível visitar o *Monumento Natural Grota do Angico*, onde o famoso cangaceiro, Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião – O Rei do cangaço –, foi morto, em 1938, juntamente com sua amada, Maria Bonita, e o seu bando, em uma emboscada armada por soldados de Alagoas.

Os espaços culturais e turísticos do estado, em um natural movimento etnolinguístico, motivaram a criação de nomes-marca para *cachaças* sergipanas, como, por exemplo, a *Xingó*, a *Boa Luz* e a *Engenho Lyra*. As duas primeiras são produzidas pela Cachaçaria Jardim das Laranjeiras.

*Xingó* é uma homenagem à Hidrelétrica de Xingó, que se localiza no Rio São Francisco, numa área entre Alagoas e Sergipe. Possui 39% de teor alcoólico e se apresenta nas versões Ouro – armazenada em madeira de carvalho e de castanheira – e Prata – armazenada em barris de madeira neutra. A *cachaça Boa Luz* possui 41% de teor alcoólico; na Série Ouro é armazenada, por três anos, em Barril de Carvalho francês<sup>43</sup>. Em 2018, recebeu a medalha de ouro, na edição Brasil do Concurso Mundial de Bruxelas. Por fim, a *cachaça Engenho Lyra*, que possui 40% de teor alcoólico e se apresenta em duas versões: a

---

<sup>41</sup> Informação disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/se.html>. Acesso em: 8 out. 2021.

<sup>42</sup> Informações disponíveis em <https://www.se.gov.br/noticias/Desenvolvimento/20-missa-do-cangaco-sera-celebrada-na-grota-do-angico>. Acesso em: 8 out. 2021.

<sup>43</sup> Informações disponíveis em: <http://jardimdaslaranjeiras.com.br/> Acesso em: 10 mar. 2022.

armazenada em Carvalho e a armazenada em Jequitibá rosa<sup>44</sup>. A fazenda em que esta *cachaça* é produzida está localizada na cidade de Riachuelo e é um antigo engenho, com amplas instalações, que possui potencial para ser praticado o turismo rural. (ALEXANDRE; TENÓRIO, 2013)

Em Sergipe, conforme a metodologia do Projeto ALiB, foram realizadas entrevistas linguísticas em três localidades: Propriá, Aracaju e Estância, indicadas como os pontos 78, 79 e 80, respectivamente, o que leva a totalizar 16 falantes entrevistados nesse estado.

As variantes lexicais por eles apresentadas como respostas à pergunta 182 do Questionário Semântico Lexical (QSL) distribuem-se em 16 lexias, classificadas em dez simples e seis complexas, que correspondem, ainda, a 12 nomes comuns e a quatro nomes-marca.

Na Tabela 13, seguem essas 16 lexias acompanhadas do quantitativo de ocorrências e de seus respectivos percentuais.

Tabela 13 – Ocorrências e percentuais das lexias em Sergipe

<b>LEXIAS</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>PERCENTUAIS (%)</b>
Cachaça	15	37,5
Pinga	5	12,5
Aguardente	2	5,0%
Cachaça pura	2	5,0%
51	2	5,0%
Limpa	2	5,0%
Pura	2	5,0%
21	2	5,0%
Cachaça destilada	1	2,5%
Cachaça limpa	1	2,5%
Cana	1	2,5%
Caninha	1	2,5%
Destilada	1	2,5%
Fubuia	1	2,5%
Pitú	1	2,5%

<sup>44</sup> Informações disponíveis em: <https://www.facebook.com/Cacha%C3%A7a-Engenho-Lyra-486261334748311/> Acesso em: 10 mar. 2022.

71	1	2,5%
TOTAL	40	100%

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se pode ver na Tabela 13, a realização dos 16 itens, nas entrevistas linguísticas realizadas em Sergipe, totaliza 40 ocorrências, dentre as quais, a lexia *cachaça* se destaca. Essa lexia foi citada na resposta de 15 informantes conceptualizadores e categorizadores, portanto está presente em 94% dos inquéritos realizados nesse estado e ocorre tanto nas respostas iniciais como nos desdobramentos da pergunta.

No grupo de variantes que compõem o *corpus* de Sergipe, tem-se, também, *pinga* com cinco ocorrências, além de outras seis lexias com duas ocorrências e oito com uma. Os informantes conceptualizadores e categorizadores apresentaram uma elevada concentração de respostas utilizando a lexia *cachaça*, uma razoável quantidade de *pinga* e uma grande quantidade de variantes com baixo índice de ocorrências.

A junção das ocorrências de *cachaça* com as de *pinga* permite a se chegar ao resultado de 50% do total obtido, ficando a distribuição das outras 50% com as 14 lexias restantes. Salieta-se que todos os cinco entrevistados que apresentaram *pinga* em suas respostas também mencionaram *cachaça*. Cita-se, como exemplo, a entrevista realizada com o informante da faixa etária II, nível universitário de escolaridade, de Aracaju (79).

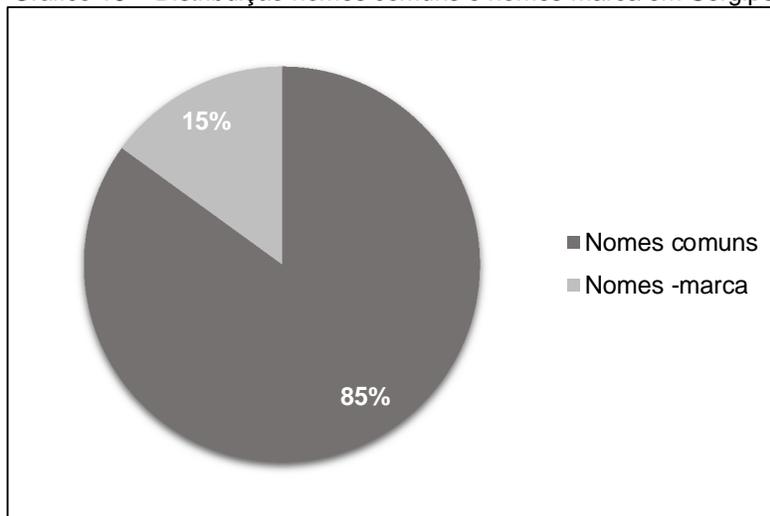
- (87)            [...]  
 INF. — *Cachaça*.  
 INQ. — Tem outro nome?  
 INF. — *Pinga, aguardente*.  
 INQ. — Tem diferença?  
 INF. — Não.

Observa-se que o falante atribuiu, inicialmente, à informação: “como se chama bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?” a lexia *cachaça*, à qual relacionou *pinga* e *aguardente*, ao citá-las, na resposta do desdobramento da pergunta. Para finalizar o diálogo, quando perguntado ao informante se há diferença entre as formas apresentadas, ele afirmou que *não* e isso leva a se atestar que, na composição do diálogo, o informante explicitou que há três

formas para nomear a referida bebida alcoólica e que não há, para ele, diferença referencial entre *pinga* e *aguardente*.

Das 40 ocorrências de Sergipe, 34 se deram com nomes comuns e apenas seis com nomes-marca. A relação entre as ocorrências dessas lexias, em termos percentuais, pode ser visualizada no Gráfico 18 que segue.

Gráfico 18 – Distribuição nomes comuns e nomes-marca em Sergipe



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Os 15% das ocorrências dos nomes-marca citados correspondem à resposta de quatro informantes conceptualizadores e categorizadores de escolaridade fundamental, sendo um de Aracaju (79), um de Propriá (78) e dois de Estância (80). São seis ocorrências, distribuídas em três obtidas em Propriá (78), apresentadas por uma única informante, duas em Estância (80) e uma em Aracaju (79).

Destaca-se que três dos quatro nomes-marca e três dos 12 nomes comuns são lexias complexas. Em termos percentuais de ocorrências, esse tipo de lexia, nas entrevistas realizadas em Sergipe, corresponde a 12,5% de nomes-marca e 10% de nomes comuns, o que implica em dizer que 22,5% das lexias apresentadas pelos entrevistados desse estado são complexas e 77,5% são simples. O rol das lexias complexas é constituído de seis lexias, cujos elenco e distribuição podem ser verificados no Quadro 25.

Quadro 25 – Lexias complexas apresentadas como resposta em Sergipe

NOMES COMUNS	NOMES-MARCA
Cachaça pura	51
Cachaça destilada	21
Cachaça limpa	71

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Observa-se que há um comportamento paradigmático semelhante em cada grupo de lexias: os nomes comuns possuem *cachaça* como elemento primeiro, sendo constituídos por *cachaça* + (\_\_\_\_\_) e os nomes-marca são formações constituídas por numerais compostos, em que o segundo elemento é o número 1, configurando-se como (\_\_\_\_) + 1. Nesses dois grupos de lexias, percebe-se a produtividade de *cachaça* que, na ampliação do léxico, ocorre como um dos elementos das formas complexas, bem como a nomeação de marcas de *cachaças*, por seus produtores, utilizando-se de numerais.

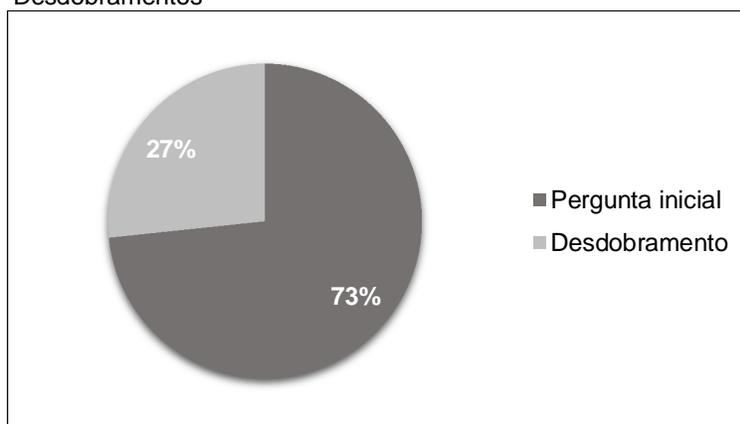
Em Sergipe, ocorreram, isoladamente, as formas *destilada*, *limpa* e *pura*, que são lexias simples, e, também, constituintes das lexias complexas, como o elemento dois, em *cachaça destilada*, *cachaça limpa* e *cachaça pura*. Vê-se, portanto, duas motivações favoráveis para ocorrerem as referidas lexias complexas: a primeira corresponde ao fato de *cachaça* ser de elevada produtividade no estado e a segunda é que, estando *destilada*, *limpa* e *pura* disponíveis e, em evidência, no conhecimento experienciado do falante sergipano, é natural que ele conceptualize e categorize a bebida alcoólica acionando *frames*, os quais lhe possibilitarão nomeá-la com lexias complexas. Com isso, observa-se que as variantes lexicais não são apenas palavras que nomeiam um mesmo referente, pois, nelas, os aspectos socioculturais, verificados, em diferentes elementos, estão incluídos e fazem parte de enunciados em suas interações comunicativas. As formações lexicais complexas vão, gradativamente, se constituindo, por meio de acionamento de *frames*, que possibilitam que sejam firmadas, como lexias, e que estejam presentes nas conceptualizações e categorizações do utente.

É uma prática dos produtores da bebida nomearem as suas *cachaças* com numerais, simples ou compostos. No *corpus* obtido no Nordeste, pelo Projeto ALiB, há o registro de outros nomes-marca assim constituídos, a saber: 61, 59,

88, 29, que, como se vê, também correspondem a lexias complexas. Em Cavalcante (2011b), constam muitos outros exemplos de nomes-marca, que podem ser igualmente classificados, dentre os quais, citam-se: 28, 31, 116 etc. Em relação aos nomes comuns, há outros quatro exemplos, no *corpus* do Nordeste, de constituições com a forma *cachaça*, como: *cachaça maranhense*, *cachaça da terra*, *cachaça sergipana*, *cachaça branca*.

Em Sergipe, se têm 15 ocorrências de *cachaça*, que estão distribuídas, de uma forma geral, em: 11, nas respostas à pergunta inicial, e quatro, nos desdobramentos das perguntas. Essa distribuição pode ser visualizada no Gráfico 19 que segue.

Gráfico 19 – Ocorrências de *cachaça* – Pergunta inicial X Desdobramentos



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

A ocorrência nos dois ambientes de respostas revela a produtividade da lexia *cachaça*, bem como a sua vivacidade sócio-cognitiva-cultural, que possibilitaram, inclusive, como se viu, a formação e a menção das referidas lexias complexas: *cachaça pura*, *cachaça limpa* e *cachaça destilada*. Salienta-se que a primeira possui uma ocorrência como primeiro item da resposta e outra no desdobramento; a segunda e a terceira lexias complexas citadas ocorreram apenas nos desdobramentos da pergunta inicial.

Como item único, *cachaça* ocorreu, em três inquéritos, em um diálogo sequenciado de forma que se considera ideal para a obtenção desse tipo de resposta, a saber:

- (i) inquiridor faz a pergunta inicial, conforme o padrão determinado;
- (ii) informante apresenta a sua resposta;

- (iii) inquiridor desdobra a pergunta, com o objetivo de o informante mencionar outra forma para nomear a bebida alcoólica;
- (iv) informante ratifica, à sua maneira, a informação prestada inicialmente.

Cita-se, no exemplo 88, o inquérito ocorrido em Aracaju (79) com a informante conceptualizadora e categorizadora da faixa etária I, ensino fundamental de escolaridade.

- (88)            [...]  
 INF. — *Cachaça*, né não?  
 INQ. — Chama de outra maneira?  
 INF. — Hum, a gente chama de *cachaça* mesmo.  
 INQ. — É?  
 INF. — É.

De uma forma geral, os desdobramentos permitiram, em Sergipe, obterem-se dez lexias não mencionadas na pergunta inicial, a saber: *pura*, *Pitú*, *21*, *71*, *cana*, *fubuia*, *destilada*, *cachaça limpa*, *caninha*, *cachaça destilada* que perfizeram o total de 12 ocorrências. Isso quer dizer que 63% das lexias mencionadas pelos entrevistados ocorreram, somente, nos desdobramentos da pergunta inicial, na qual, as ocorrências correspondem a 33% do total. Salienta-se que as duas ocorrências de *pura* e as duas de *21* se deram nos desdobramentos, bem como todas as lexias que possuem uma ocorrência.

Cita-se, como exemplo, a entrevista realizada em Estância (80) com o informante da faixa etária I, ensino fundamental.

- (89)            [...]  
 INF. — Bebida alcoólica...  
 INQ. — Hum...  
 INF. — Que é feita de cana-de-açúcar?  
 INQ. — Hum.  
 INF. — A gente chama de *cachaça*.  
 INQ. — Chama de outra coisa?  
 INF. — Aqui é *cachaça*, é *cana* mesmo.  
 INQ. — Hum, hum...  
 INF. — É *fubuia*.  
 INQ. (risos).  
 INF (risos) — É *fubuia*.  
 INQ. — Tá ótimo.

Observa-se que o informante conceptualizador e categorizador traz uma forma para a resposta à pergunta inicial e duas para o desdobramento, as quais

são reforçadas, com ênfases, tanto ao utilizar-se de “mesmo”, para *cana*, quanto no uso repetido da lexia *fubuia*.

Em Sergipe, a relação das lexias apresentadas pelos informantes, nos desdobramentos, é a que segue organizada, conforme o tipo de pergunta.

- ✓ “Chama de outro jeito?”: *cachaça, pinga, aguardente, pura, limpa, Pitú, 21, 71, cana, fubuia, destilada*;
- ✓ “inquiridor parte do(s) item(ns) apresentado(s) como resposta pelo informante”: *pura, cachaça pura, cachaça, cachaça limpa, caninha*;
- ✓ “outros tipos de pergunta”: *cachaça, cachaça destilada*.

Na pergunta inicial, as lexias reveladas como o primeiro item da resposta foram: *aguardente, cachaça pura, limpa e pinga*, com uma ocorrência cada; *51*, com duas; *cachaça* com sete ocorrências, o que totaliza 13 ocorrências, correspondendo a 33% do total. Cita-se, no exemplo 90, o inquérito ocorrido com o informante da faixa etária II, ensino fundamental, de Aracaju (79).

- (90)            [...]  
 INF. — *Cachaça pura*.  
 INQ. — Hum...  
 INF. — É a *pinga*, né?  
 INQ. — É? Pode chamar *cachaça, pinga...*, chama de outro jeito?  
 INF. — Não. *Cachaça* mesmo.  
 INQ. — É. Mais comum é chamar *cachaça*.  
 INF. — É.

O informante conceptualizador e categorizador menciona o item *cachaça pura* como o primeiro item da resposta, *pinga* como segundo item e *cachaça*, no desdobramento, quando reforça, ao inquiridor, o uso “mesmo” de *cachaça*. Verifica-se que *cachaça pura* pode ter a interpretação de ser uma *cachaça* sem mistura, tanto no interior do produto, onde se costuma colocar ervas, animais etc., como nas composições em *drinks*, como a caipirinha, por isso se faz relevante frisar que se quer ou que se está tratando da *cachaça pura*, que, devido ao uso contínuo das duas lexias se formou a lexia complexa.

Reforça-se a explanação com menção de *cachaça pura*, por parte da informante, faixa etária II, de escolaridade fundamental, também de Aracaju (79).

- (91) [...]
   
INF. — Eh, minha fia...se fosse minha irmã que tivesse aqui, dizia na hora, qu'ela gosta duma *pinga*.
   
INQ. — Então, como é a *pinga*?
   
INF. — *Pinga* aqui..., tem a caipirinha, né? Que bate com limão, a *cachaça pura* com o limão e põe açúcar...
   
INQ. — A senhora falou aí... falou *pinga*, falou *cachaça*. Como é, como são essas bebidas?
   
INF. — Com limão, açúcar e a ... e a *cachaça pura*, né?
   
[...]

Observa-se que essa informante, diferentemente do informante, apresentou, duas vezes, a lexia complexa diante do artigo *a*. Comparando os usos dos dois utentes, tem-se registrada a comum variação morfológica, referente ao uso e ao não uso do artigo como marcador de gênero da lexia. Nota-se ainda que, em ambos os inquéritos, o entrevistador ouve a forma complexa *cachaça pura*, mas menciona a lexia simples *cachaça*, cujo uso é confirmado pelo informante de Aracaju (79), mas não pela informante, que a retoma como *cachaça pura*. O fato de a entrevistada conduzir o diálogo para a montagem de um *drink*, a caipirinha, possibilitou o uso da lexia complexa, visto que, nesse domínio de experiência da bebida, trata-se de uma informação a respeito do tipo da bebida que se deve utilizar, para a confecção do *drink*.

As duas ocorrências da lexia *51* foram informadas, como primeiro item da resposta, o que não ocorreu com os outros nomes-marca, *Pitú*, *71*, *21*, que só ocorreram nos desdobramentos da pergunta. Salienta-se que a informante da faixa etária II, ensino fundamental, de Propriá (78), apresentou as três lexias em sua resposta. A outra ocorrência de *21* se deu em Estância (80), na resposta da informante, faixa etária II, ensino fundamental, que a caracteriza como a *cachaça* de litro, como se pode verificar no diálogo que segue – exemplo 92.

- (92) [...]
   
INQ. — O pessoal bebe aí.
   
INF. — Aqui chama *cachaça*.
   
INQ. — Tem outros nomes? Chama de outro jeito?
   
INF. — *Cachaça*. *Cachaça* é ... Esses outros de litro é *21*...
   
INQ. — É, aí já tem os nomes, né?
   
INF. — É. Mas é a *cachaça* mesmo.

Uma das ocorrências de *51*, como primeiro item da resposta, se deu no diálogo com o informante conceptualizador e categorizador da faixa etária II, ensino fundamental de Estância (80), que segue. Como aconteceu no decorrer de muitos inquéritos, ele conceptualizou e categorizou a bebida alcoólica com a

lexia 51, ao lhe ser formulada a pergunta 182 do QSL. Contudo, na sequência, o inquiridor acionou esquema semântico-lexical da hiponímia, ao informar que 51 é o nome de um tipo da bebida. E eis que, nesse rico diálogo, o informante apresenta outras lexias variantes, todas nomes comuns, na seguinte ordem: *cachaça*, *cachaça limpa*, *destilada*, *caninha* e *cachaça destilada*.

- (93)           [.]  
 INF. — Tem... tem muitos, né?  
 INQ. — Hum.  
 INF. — Tem o 51, como diz, né?  
 INQ. — Sim. 51 é o quê? Que tipo de bebida é essa?  
 INF. — É *cachaça*..., uma *cachaça limpa* também né?  
 INQ. — É, né? Tem outros tipos?  
 INF. — Que chamam *destilada*, né? *Destilada*.  
 INQ. — Hum... Tem outros tipos assim de *cachaça*, outros nomes?  
 INF. — Tem a *caninha*, chamam *caninha*, né?  
 INQ. — Sim.  
 INQ. — É a mesma coisa?  
 INF. — A mesma coisa, a mesma coisa, é. Tipos de *cachaça destilada* é uma só quase, né?  
 INQ. — Hum... hum... É, né?  
 INF. — É.

Como se vê, o inquiridor segue todo o diálogo na condução de traçar uma hierarquia de tipos *cachaça*. Assim, a cada resposta, solicita que o entrevistado mencione “outros tipos”, até que ele responde finalizando: “Tipos de *cachaça destilada* é uma só quase, né?”, o que leva a se concluir que o informante conceptualizador e categorizador entende que se trata de um só referente que possui várias denominações. Ele apresentou seis lexias em sua resposta, motivadas pela relação semântico-lexical da hiponímia, proporcionada pela condução indagativa do inquiridor, que mencionou a palavra “tipo”, nos desdobramentos da pergunta.

Apenas duas formas ocorreram como o segundo item: *pinga* e *cachaça*. Destaca-se que *cachaça* ocorreu após a lexia *aguardente*, numa relação de hiperonímia, como se pode verificar no breve diálogo com o informante, universitário, da faixa etária I, de Aracaju (79):

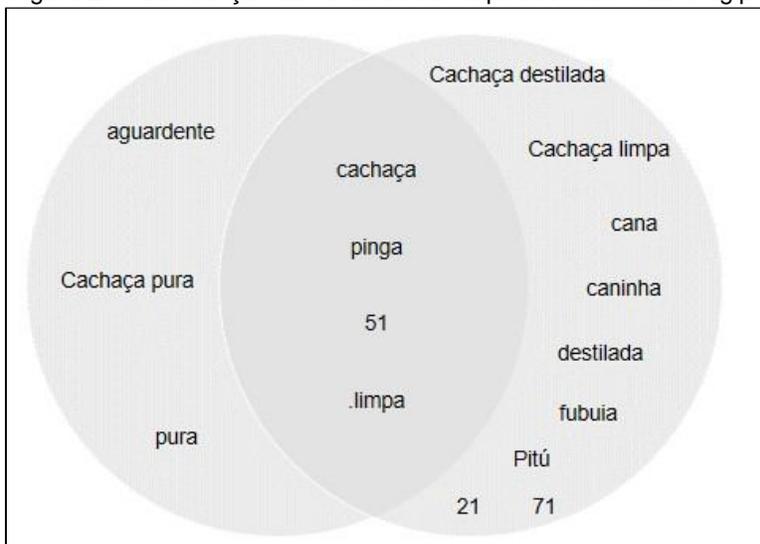
- (94)           [...]  
 INF. — *Aguardente*, *cachaça*.  
 INQ. — Hum, hum.

O inquiridor, provavelmente, deu-se por satisfeito com a apresentação de dois nomes comuns, de elevado conhecimento no domínio de experiência da *caçaça*, e não desdobrou a pergunta.

Em Sergipe, há formas mencionadas, apenas, pelos informantes conceptualizadores e categorizadores da capital, a saber: *aguardente*, *caçaça pura e pura*; além das ditas, somente, pelos informantes conceptualizadores e categorizadores do interior: *caçaça destilada*, *caçaça limpa*, *cana*, *caninha*, *destilada*, *fubuia*, *Pitú*, 71, 21, e as que foram mencionadas tanto pelos informantes da capital quanto do interior: *caçaça*, *pinga*, 51, *limpa*.

Essas informações podem ser representadas numa relação de conjuntos, em que A equivale ao conjunto das lexias que ocorreram na capital, Aracaju (79); e B ao das que ocorreram nas cidades do interior de Sergipe. Portanto, a intersecção entre os dois conjuntos corresponde às lexias que têm como ponto comum o fato de terem ocorrido nos dois tipos de localidade, capital e interior, cuja representação é  $A \cap B \{caçaça, 51, limpa, pinga\}$ , que pode ser visualizada na Figura 24 que segue.

Figura 24 – Intersecção das ocorrências capital X interior de Sergipe



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Essa representação interseccionada, referente à variação diatópica em Sergipe, pode já ser um dos indicadores das lexias que fazem parte da área próxima do centro da rede radial das denominações para *caçaça* em Sergipe.

Se considerarmos as respostas dos entrevistados universitários e as que foram dadas pelos de nível de escolaridade fundamental, os primeiros utilizaram: *aguardente, cachaça, limpa, pinga e pura* e os segundos mencionaram 15 das 16 lexias que compõem o *corpus* da pesquisa, excetuando-se *aguardente*, que foi citada apenas pelos informantes universitários. Dez lexias somente foram utilizadas como respostas pelos informantes de nível fundamental, a saber: *51, cachaça destilada, cachaça limpa, cachaça pura, caninha, cana, Pitú, 71, 21, Fubuia*. O único entrevistado que não apresentou *cachaça* em sua resposta foi o da faixa etária I, ensino fundamental de Aracaju (79), que disse *51 e Pura*.

Nos inquéritos de Sergipe, é possível verificar o MCI PARTE/TODO, pelo processo metonímico, em formas como *limpa, pura, destilada* e nos nomes-marca, dentre os quais citam-se *21 e 71*, que ocorreram, apenas, nesse estado.

As formas *limpa* e *pura* possuem, cada, duas ocorrências. A informante conceptualizadora e categorizadora de Aracaju (79), faixa etária II, nível universitário de escolaridade, citou as duas lexias em sua resposta, como se pode verificar no diálogo que segue.

- (95)                    [...]  
 INF. — *Cachaça? Cachaça?*  
 INQ. — Sim, tem outro nome por aqui?  
 INF. — Não, acho que não. Tem, assim, o nome acho que o povo, o povo quando vai be ... que gosta de tomar aí diz: "me dê aí uma *pura*... ô me dê uma *limpa*."  
 INQ. — É?  
 INF. — É, porque é a *cachaça limpa*, né? Sem nenhuma...  
 INQ. — Nenhum outro produto.  
 INF. — Isso, é.

Observa-se que, em ambos os casos, foram mapeadas duas características da bebida: a limpeza e a pureza, as quais, passaram, de parte que se destaca com avaliação positiva, a nomear a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Salienta-se que a lexia *limpa* faz parte de outro domínio de experiência relacionado à bebida, o do plantio da cana-de-açúcar, como se pode verificar em Sette (s/d p. 73). "Léguas de canaviais. Ora na *limpa*, ora no corte." A experiência corpórea com o processo da *limpa*, no cuidado da terra e da cana, permite-se verificar, por exemplo, que há ambiente léxico semântico propício, suportado por elementos culturais, para que a *cachaça* seja denominada como *limpa*.

Em 21 e 71, duas bebidas produzidas no estado de São Paulo, a metonímia se dá, na resposta ao desdobramento da pergunta, pela informante, da faixa etária II, ensino fundamental de escolaridade, de Propriá (78), utilizando-se a MARCA PELO PRODUTO, como se verifica no diálogo que segue, no exemplo 96.

- (96)                    [...]  
 INF. — É... Eu chamo *cachaça*.  
 INQ. — Hum... E chama de outro jeito? Tem outro jeito de chamar?  
 INF. — Tem muitos... outras... aqui chamam *Pitú*, né? É.. 21, 71, diz que é da cana-de-açúcar, mas a verdadeira mesmo que é feita na roça como diz o povo é ...  
 INQ. — Hum.  
 INF. — É a *cachaça*.  
 INQ. — Tá bom.

Verifica-se que os nomes-marca são compreendidos como o “outro jeito de chamar”, sendo, inclusive, sinalizado pela informante que “Tem muitos” e assim ela segue elencando três nomes-marca. Na sequência da conversa, a entrevistada apresenta uma informação: a *cachaça* é a bebida feita na roça, é a verdadeira, ou seja, é a bebida obtida na fonte de produção e que não tem nome de marca. Logo, se vê que o nome-marca não só nomeia a bebida produzida, mas que se trata também de um padrão de organização léxico-semântico, pertencente ao MCI PARTE/TODO, que funciona como elemento conceptualizador e categorizador, permitindo, dessa forma, ser uma das possibilidades para a nomeação variante da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Os diálogos entre inquiridor e informante, em Sergipe, possibilitaram conhecer as nomeações, coletadas pelo Projeto ALiB, para denominar a aguardente, dentre as quais, destacam-se *pura* e *limpa*. Essas lexias, que ocorreram, apenas, nesse estado, revelaram, assim como outras, a importância dessa pesquisa de doutoramento ocorrer de forma interdisciplinar.

### 5.3.9 O que é que a Bahia tem?

Estado exaltado por sua beleza natural, sua música, sua gente, religiosidade e, principalmente, pela culinária. Algumas especiarias da Bahia se encontram expostas nos tabuleiros de baianas de acarajé.

Na cidade alta ou na cidade baixa de sua capital, Salvador, encontra-se sempre uma baiana de acarajé, que exhibe, em seu tabuleiro, uma diversidade de belezas e gostosuras. O modo de fazer do acarajé é preservado há séculos, sem muitas alterações, devido ao fato de estar relacionado à religiosidade do Candomblé, que estabelece cuidados com o preparo do alimento ofertado aos orixás, mesmo quando comercializado (BAIANAS, 2004).

Numa Certidão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) consta que o ofício da baiana de acarajé está registrado no livro dos saberes e é considerado Patrimônio Cultural do Brasil (BAIANAS, 2008), conforme o Decreto Nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que “Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências.” Com isso, as quituteiras baianas, que compõem cenários de romances, filmes, poemas, pinturas, fotografias, músicas, tiveram eternizado o seu saber fazer, firmando-se, assim, com respeitabilidade, as práticas culinárias e comerciais dessas trabalhadoras, muitas das quais, atualmente, já são, reconhecidamente, empreendedoras de sucesso.

As suas clássicas vestimentas são paramentadas de saias rodadas, bata, turbantes, colares de conta, conforme a sua representatividade religiosa no Candomblé. Nesse universo, predominantemente feminino, já há lugar para os homens, os baianos de acarajé.

Normalmente, o tabuleiro da baiana, tem: acarajé, abará, cujos acompanhamentos podem ser vatapá, caruru, salada e pimenta, além de se encontrarem doce de tamarindo, variados tipos de cocadas, passarinha, que é baço de boi frito, o bolinho de estudante e, ainda, em alguns, encontram-se mingaus. Ary Barroso compôs, em 1936, a canção *No tabuleiro da baiana*, cantada, neste mesmo ano, num dueto composto por Carmem Miranda e Luís

Barbosa. No samba<sup>45</sup>, além de citar o que faz parte do tabuleiro da baiana, como vatapá, caruru, mungunzá e umbu, menciona o que tem no coração dessa mulher, no amor de laiá: sedução, canjerê, ilusão, Candomblé.

De uma forma geral, a base das receitas de suas iguarias é o feijão fradinho, o dendê, o quiabo, a farinha de trigo, o camarão seco. As baianas disponibilizam os seus quitutes aos fregueses nos grandes largos da cidade da capital da Bahia, do centro à periferia, além de estarem presentes nos bairros, em *Shoppings*, casas comerciais.

Sobre o acarajé, Cascudo (2013, p. 47) destaca, em sua obra, *Antologia da alimentação do Brasil*, uma característica muito importante para esse bolinho, que, de preferência, deve ser servido quente: “[...] é uma iguaria fácil de ser comprada e de ser comida, fritinho na hora, ainda quente, em qualquer esquina da Capital baiana.” Para ser servido, o seu molho de pimenta tem uma receita especial, que Cascudo (2016, p. 487), descreve como feito de “Pimenta-malagueta seca, moída, Camarões secos, descascados e moídos. Cebolas picadas, um pouco de sal. Frita-se tudo no azeite de dendê, preferencialmente em vasilha de barro. Serve-se frio”.

Nas famosas festas de Largo, as baianas participam, com muita elegância, vestidas com suas belíssimas indumentárias, como principais integrantes dos rituais de religiosidade, que, na maioria das vezes, são meios de práticas ecumênicas, envolvendo duas religiões: o Candomblé e o Catolicismo.

Esse sincretismo, na Bahia, se encontra presente, por exemplo, na mais clássica das festas de Largo, a Lavagem do Senhor do Bonfim, ou, como é mais conhecida, a Lavagem do Bonfim, que é realizada, anualmente, em janeiro, na quinta-feira que antecede o Domingo do Senhor do Bonfim. É festa em homenagem ao Senhor Bom Jesus, em homenagem a Oxalá!

Na festa de Santa Bárbara<sup>46</sup>, em 4 dezembro, é dia de comer caruru no Quartel do Comando Geral, na Barroquinha, onde os seus devotos, o Corpo de Bombeiro Militar da Bahia, ofertam à população o prato completo de caruru, que é constituído do próprio caruru, de arroz branco, farofa de dendê, vatapá, feijão

---

<sup>45</sup> Informação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zxfC9Di0AOY>. Acesso em: 18 out. 2021

<sup>46</sup> Informação disponível em: <http://www.ssp.ba.gov.br/2019/12/6876/Tradicional-caruru-de-Santa-Barbara-acontece-na-quarta-4.html>. Acesso em: 18 out. 2021.

fradinho, frango cozido no dendê, banana frita, pipoca, além de inhame, abóbora e milho branco cozidos, pedaços de cana, de rapadura, de acarajé, de abará.

Muito já se viu nesta tese a respeito da metonímia que, mais uma vez, se faz presente tanto na referência à baiana do acarajé como no prato do caruru, visto que, no tabuleiro da comerciante se tem mais que o bolinho do acarajé e, no prato completo de caruru, se tem mais que a iguaria feita com quiabo.

A *cachaça* também é item constituinte das festas populares. Silva (2008) a inclui como um elemento cultural participante de festas populares brasileiras, dentre as quais, cita a Lavagem da igreja do Bonfim, pois a *branquinha* “[...] está presente não só nas conversas de bares e bodegas do Brasil rural e urbano, mas, devido ao seu poder catalisador, é igualmente obrigatória sempre que há motivo festivo ou não para juntar pessoas. (SILVA, 2008, p. 58)

A bebida, nessas festas, é consumida pura e, também, em misturas, algumas das quais já se tornaram famosas, como o *cravinho*. O ato de misturar *cachaça* com outros elementos da culinária é trazido por Cascudo (2013, p. 46), com composições de vários ingredientes, como: “[...] catuaba, pau-de-resposta, mil-homens, erva-doce, pó de café, chá-preto, gengibre, leite de coco, casca de laranja-amarga, suco de frutas, cravo etc., [que] constitui a galeria dos APERITIVOS [...]”

O *cravinho*<sup>47</sup> é uma bebida típica de Salvador, que pode ser encontrado tanto nas festas de largo como em bodegas no Pelourinho. Composto, basicamente de cravo, canela e *cachaça*, faz muito sucesso entre turistas e frequentadores assíduos do Centro Histórico de Salvador. Nessas mediações, pode-se, inclusive, fazer o *Tour* do Cravinho, para se conhecer a bebida, que varia as infusões com *cachaça*, podendo ser com: cravo, canela e limão; canela, mel e limão; casca de jatobá, mel e limão, entre outros. Há muitas outras misturas com ervas, gengibre etc., que podem ser apreciadas na capital baiana e que, como muitos elementos culturais, naturalmente, também fazem parte de festejos nas cidades do interior do estado.

---

<sup>47</sup> Informação disponível em: <https://www.salvadorbahia.com/bebidas-peculiares-de-salvador/>  
Acesso em: 13 mar. 2022.

A Bahia é o maior estado do Nordeste, com uma área de 564.760,427 km<sup>2</sup><sup>48</sup>. Nesse estado, o Projeto ALiB realizou inquéritos linguísticos, em 22 localidades, distribuídas do ponto 81 ao 102, na seguinte ordem: Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas, Seabra, Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Salvador, Valença, Jequié, Caetité, Carinhanha, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga, Santa Cruz Cabrália, Caravelas.

Os informantes conceptualizadores e categorizadores dessas cidades apresentaram, ao total, 46 lexias como respostas à pergunta 182 do QSL, distribuídas em 25 simples e 21 complexas as quais, são classificadas, ainda, como 29 nomes comuns e 17 nomes-marca.

Verificou-se que essas lexias complexas possuem uma constituição, que segue alguns padrões de organização léxico-semântico, a saber:

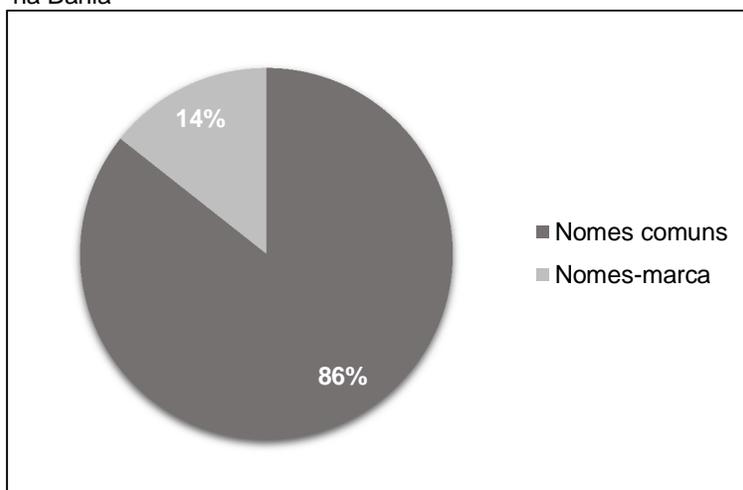
- (i) *aguardente/cachaça/caninha/pinga* +(de) + \_\_\_\_\_, como se pode verificar nas 11 formas elencadas a seguir, das quais duas são nomes-marca: *aguardente de cana, cachaça limpa, cachaça branca, cachaça destilada, cachaça pura, cachaça sergipana, Caninha de Ouro, Caninha da roça, pinga baiana, pinga 51, pinga destilada*;
- (ii) nomes-marca formados por numerais: *51, 59, 61,88*;
- (iii) lexias com referências metafóricas: *incha pé, bufu bufu, Pé de cana*;
- (iv) lexias com referências à propriedade rural/elementos da natureza: *3 Fazendas, Cabeceira do Rio, Terra preta*.

Ao total, os entrevistados baianos apresentaram, em suas respostas, 216 ocorrências, havendo uma superioridade quantitativa das lexias simples, 182, que correspondem ao percentual de 84%, ficando as 34 ocorrências constituídas de lexias complexas, que perfazem 16% do total.

Dessas 216 ocorrências, 185 estão classificadas como nomes comuns e 31 como nomes-marca, que equivalem ao percentual de 86% e 14%, respectivamente. Essa distribuição categorial das ocorrências pode ser observada no Gráfico 20 que segue.

<sup>48</sup> Informação disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba.html>. Acesso em: 18 out. 2021.

Gráfico 20 – Distribuição Nomes comuns e Nomes-marca na Bahia



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Têm-se, portanto, 29 nomes comuns que possibilitaram obterem-se os 86% das ocorrências para as denominações para bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, sendo os 14% restantes, referentes aos 17 nomes-marca citados pelos informantes conceptualizadores e categorizadores.

Diante disso, já se percebe que, se o total de 29 nomes comuns se apresentaram com elevado quantitativo de ocorrências, certamente, há, nessa relação, lexias X ocorrências, formas com muito mais ocorrências que outras, visto que, se fossem, matematicamente, equilibradas, a proporção aproximada seria de menção de 6,4 ocorrências para cada uma das 29 lexias. Obviamente, em inquéritos linguísticos, essa lógica de previsibilidade não se aplica, tendo-se, portanto, a oportunidade de conhecer o que a espontaneidade do falante revela, sendo, nesse caso, os itens léxicos referentes à *aguardente* que estão incrustados em suas mentes individuais e coletivas, que permitem detectar os elementos prototípicos mencionados nas respostas pelos conceptualizadores e categorizadores que participaram como entrevistados do Projeto ALiB no Nordeste.

Na Tabela 14, seguem as informações quantitativas dessas 46 lexias constituídas das ocorrências e de seus respectivos percentuais.

Tabela 14 – Ocorrências e percentuais das lexias na Bahia

<b>LEXIAS</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>PERCENTUAIS (%)</b>
Cachaça	81	37,5
Pinga	49	22,7
Aguardente	11	5,1
51	9	4,2
Caninha	6	2,8
Birita	4	1,9
Fubuia	4	1,9
Pitú	4	1,9
Destilada	3	1,4
Incha pé	3	1,4
Branquinha	2	0,9
Cachaça limpa	2	0,9
Cana	2	0,9
Caninha da Roça	2	0,9
Tatuzinho	2	0,9
3 fazendas	2	0,9
Abaíra	1	0,5
Álcool	1	0,5
Aratu	1	0,5
Aguardente de cana	1	0,5
Brejeira	1	0,5
Bufu Bufu	1	0,5
Cabeceira do Rio	1	0,5
Cachaça branca	1	0,5
Cachaça destilada	1	0,5
Cachaça pura	1	0,5
Cachaça sergipana	1	0,5
Caninha de Ouro	1	0,5
Caribé	1	0,5
Cruaca	1	0,5
59	1	0,5
Jacaré	1	0,5
Jangada	1	0,5
Januária	1	0,5
Manguaça	1	0,5
88	1	0,5
Pé de cana	1	0,5
Pinga baiana	1	0,5

Pinga 51	1	0,5
Pinga destilada	1	0,5
Porre	1	0,5
Quiboa	1	0,5
61	1	0,5
Terra Preta	1	0,5
Tiortina	1	0,5
Verejeira	1	0,5
TOTAL	216	100

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Observa-se, na Tabela 14, a representatividade das lexias *cachaça* e *pinga*, que se destacam entre as duas de maior ocorrência, ficando *aguardente*, *51* e *caninha* com uma quantidade média de ocorrências e as restantes, consideradas como de baixa ocorrência. *Cachaça* e *pinga* têm, juntas, 130 ocorrências, concentrando 60% do total. Se acrescentadas as 11 de *aguardente*, esse percentual sobe para 65%.

Como se pode ver, há comportamentos marcantes e distintos entre dois grupos de lexias ocorridas nas respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores da Bahia. Destaca-se, de um lado, o que apresenta lexias com elevada concentração de ocorrências, como se viu em *cachaça* e *pinga*; e, de outro, o das lexias que possuem um baixo quantitativo de ocorrências, especificamente, com uma e duas ocorrências, como *manguaça*, *Jangada* etc. Pode-se observar essa informação no Quadro 26 a seguir.

Quadro 26 – Relação quantitativa: ocorrências X lexias – Inquéritos Bahia

QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS	QUANTIDADE DE LEXIAS
1	30
2	6
3	2
4	3
6	1
9	1
11	1
49	1
81	1

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

No Quadro 26, há nove agrupamentos de lexias, conforme o quantitativo de ocorrências, dentre as quais se destaca o fato de 30 possuírem o registro de, apenas, uma ocorrência, no decorrer dos inquéritos. A representatividade das lexias desse grupo, no universo das 46 apresentadas como resposta pelos entrevistados baianos, corresponde a 65% do total, ficando 35% com os oito outros grupos que comportam as que tiveram o quantitativo de ocorrências variando de 2 a 81. Já em relação ao total de ocorrências, 216, as 30 lexias mencionadas por apenas um informante equivalem a 14%.

Dessas 30 lexias com uma ocorrência, nos inquéritos realizados na Bahia, destaca-se o fato de doze, 40%, serem nomes-marca, a saber: *Abaíra*, *Aratu*, *Cabeceira do Rio*, *Caninha de ouro*, *Caribé*, *59*, *Jacaré*, *Jangada*, *Januária*, *88*, *Pé de cana*, *61*.

Vinculando esse levantamento ao das lexias que ocorreram, apenas, na Bahia, vê-se que 28 se apresentam nessa lista, correspondendo a um percentual de 61% do total de lexias coletadas no estado, e 39% do total do Nordeste. Nesse rol de lexias, dois nomes-marca possuem duas ocorrências, *Tatuzinho* e *3 Fazendas* e um nome comum se apresenta com três ocorrências registradas, *incha pé*; todas as outras são lexias de ocorrência única nos inquéritos realizados no Nordeste. Observe-se essa lista no Quadro 27, que segue.

Quadro 27 – Lexias que ocorreram apenas na Bahia

<b>NOMES COMUNS</b>	<b>NOMES-MARCA</b>
Bufu bufu	Abaíra
Cachaça branca	Aratu
Cachaça sergipana	Cabeceira do Rio
Cruaca	Caninha de Ouro
Incha pé	Caribé
Manguaça	59
Pinga baiana	Jacaré
Pinga 51	Jangada
Pinga destilada	Januária
Porre	88
Quiboa	Pé de cana
Terra preta	61
Tiortina	Tatuzinho
Verejeira	3 Fazendas

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se vê, a distribuição dessas lexias se deu de forma equilibrada, sendo 14 nomes comuns e 14 nomes-marca. Segue, no Quadro 28, a distribuição desses nomes-marca, conforme procedência da bebida, em que se tem uma produzida no Sul no Brasil, cinco no Sudeste e seis no Nordeste.

Quadro 28 – Procedência dos nomes-marca ocorridos apenas na Bahia

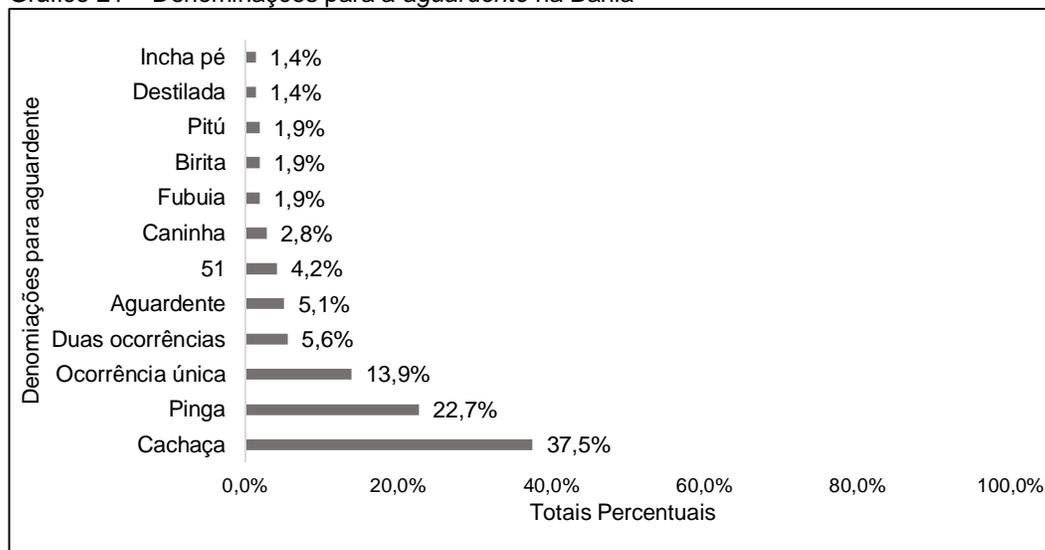
<b>ESTADO</b>	<b>CACHAÇAS</b>
Bahia	Abaíra, Cabeceira do Rio, Jacaré, Pé de cana
Minas Gerais	Caninha de Ouro, Caribé, Januária
Paraíba	Jangada
Paraná	59
Pernambuco	Aratu
São Paulo	88, 61, Tatuzinho, 3 Fazendas

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Dentre as seis lexias que possuem duas ocorrências, 50% são nomes-marca de *cachaças* produzidas no Sudeste do Brasil, no estado de São Paulo: *Caninha da roça*, *Tatuzinho* e *3 fazendas*.

Os dois nomes-marca de maior ocorrência, *51* e *Pitú*, possuem nove e quatro ocorrências, respectivamente, estando o primeiro entre as quatro lexias de maior ocorrência no estado da Bahia e o segundo entre as seis, empatado com *birita* e *fubuia*.

No Gráfico 21, que segue, é possível visualizar a representatividade das lexias, conforme o quantitativo de ocorrências. Para tal apresentação em gráfico, foi necessário agrupar as que foram obtidas com uma e com duas ocorrências, as quais representam 13,9% e 5,6% do total, respectivamente.

Gráfico 21 – Denominações para a *aguardente* na Bahia

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Observa-se, na Bahia, a representatividade da predominância percentual de *cachaça* e de *pinga* diante das outras 44 lexias. É possível ainda verificar que há uma produtividade de variantes para nomear a bebida que vai desde as mais clássicas como *aguardente*, *51*, *caninha* a todas as outras, como *tiortina*, *bufu bufu*, *fubuia*, cujo quantitativo variou de um a quatro ocorrências.

Se se levar em consideração que, em todo o Nordeste, foram obtidas, como respostas à pergunta 182 do QSL, 71 lexias, vê-se que as 46 ocorridas na Bahia correspondem a 65% desse total. Salienta-se que, dessas, *aguardente*, *cachaça* e *pinga* ocorreram em todos os estados e que *cachaça* foi a única que constou em todas as localidades. Destaca-se que das 16 lexias ocorridas em Sergipe, apenas três não foram mencionadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores da Bahia: *limpa*, *pura* e *21*, o que pode revelar um comportamento linguístico similar, entre os dois estados, para nomear a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Salienta-se que as lexias *destilada*, *cachaça limpa*, *cachaça destilada* ocorreram, somente, nas respostas de informantes desses dois estados.

Na Bahia, foram entrevistados 92 pessoas, das quais 81 mencionaram *cachaça* em suas respostas, o que equivale a 88% dos entrevistados. Todas as mulheres de faixa II, do ensino fundamental, apresentaram a lexia *cachaça* em suas respostas, bem como a única mulher dessa faixa, de escolaridade de nível universitário. Quanto aos homens dessa mesma faixa etária, de ambas

escolaridades, apenas um não a mencionou em sua resposta, o de Jequié (95), que informou *pinga e incha pé*.

Das 21 localidades do interior, em 14%, todos os quatro entrevistados mencionaram *cachaça* em suas respostas, a saber: Alagoinhas (88), Barreiras (87), Caetité (96), Caravelas (102), Carinhanha (97), Ilhéus (99), Itaberaba (90), Itapetinga (100), Jacobina (86), Santana (92), Santa Cruz de Cabrália (101), Santo Amaro (91), Seabra (89). Na capital, Salvador (93), apenas o informante da faixa etária I, ensino fundamental, não mencionou *cachaça*, como se pode verificar no diálogo que segue – exemplo 97.

- (97)                    [...]  
 INF. — Uma *caninha*, né?  
 INQ. — Ahn. Tem outro nome?  
 INF. — Porque as bebida... bota vários nomes, né?  
 INQ. — Sim.  
 INF. — *Caninha da roça*...  
 INQ. — Ahn.  
 INF. — Tem como é? A *51* que é *caninha* também. Tem outras bebidas.  
 INQ. — E é diferente essa que você falou?  
 INF. — São diferentes.  
 INQ. — São diferentes?  
 INF. — E tem a *destilada* que é da cana mesmo.  
 INQ. — E como é que se chama essa *destilada*?  
 INF. — Não, chama *destilada* mesmo.  
 INQ. — Ah!!!!

Interessante notar que o informante, no decorrer no diálogo, fez conexões entre a *caninha*, *Caninha da roça* e a *51*, que “[...] é *caninha* também.” Além disso, ao confirmar que *Caninha da roça* e *51* são diferentes, distingue-as de *destilada*, que, como afirma “[...] é da cana mesmo.” Verifica-se, portanto, que esse informante conceptualizador percebe duas categorias distintas para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, pois a denominou, inicialmente, como *caninha*, e, no desdobramento, citou os nomes que se “bota” na bebida. Veem-se, portanto, nesse diálogo, explicitadas duas perspectivas:

(i) a denominação para a pergunta “como se chama a bebida...” sendo o nome que a bebida tem, como se fosse algo próprio, natural e;

(ii) o “nome que se bota”.

No primeiro grupo estão *caninha* e *destilada* e, no segundo, *51* e *Caninha da roça*. Observe-se que ao informante é perguntado: “E como é que se chama essa *destilada*?” e ele, prontamente, responde “[...] chama *destilada* mesmo.”





deram-se por satisfeitos com a única lexia mencionada para responder à pergunta 182 do QSL.

A respeito das lexias apresentadas como o primeiro item da resposta, tem-se uma diversidade, no estado da Bahia, de 12 lexias, que possibilitaram obter 75 ocorrências, como se pode visualizar no Quadro 29 abaixo.

Quadro 29 – Lexias com ocorrências – Primeiro item da resposta  
Inquéritos Bahia

LEXIAS	OCORRÊNCIAS
Cachaça	45
Pinga	12
51	6
Aguardente	3
Pitú	2
Caninha	1
Tiortinha	1
Pinga 51	1
Cachaça limpa	1
Cabeceira do Rio	1
Pinga destilada	1
Pé de Cana	1
<b>Total</b>	<b>75</b>

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

O uso de *cachaça* predomina como primeiro item nas respostas dos informantes baianos, equivalendo a 60% do total dos itens mencionados nessa categoria de respostas, ficando *pinga* com o percentual de 16% das ocorrências.

No cômputo total, observa-se que o quantitativo de ocorrências de lexias utilizadas como primeiro item das respostas, equivale a 35%. Em relação ao uso total de *cachaça*, vê-se que 55% das ocorrências dessa lexia se deu como primeiro item da resposta.

Deve-se considerar que *51* teve, ao total, nove ocorrências nos inquéritos da Bahia, das quais seis foram como o primeiro item da resposta, o equivalente a 67%. *Pitú* também circulou como resposta à pergunta inicial, como primeiro item, em 50% dos inquéritos em que foi mencionada, ficando a outra metade para as respostas nos desdobramentos.

As lexias *tiortina*, *pinga 51*, *Cabeceira do Rio*, *pinga destilada* e *Pé de cana* possuem, apenas, uma ocorrência cada, na Bahia. Os usos dessas lexias se deram como primeiro item da resposta.

Ilustra-se com *Pé de cana*, ocorrido na fala do informante da faixa etária II, ensino fundamental, de Caravelas (102), em que se pode observar que a sua resposta imediata é *Pé de cana*; contudo, o inquiridor, ao insistir em saber “o nome” da bebida, obtém as respostas *cachaça* e *pinga*, na sequência, a saber:

- (102)            [...]  
 INF. — É *Pé de cana*.  
 INQ. — Como é o nome dela? Dessa bebida?  
 INF. — É *cachaça*.  
 INQ. — Hum... Tem outros nome para *cachaça*?  
 INF. — É... *cachaça*, *pinga*. Aqui a gente trata... tudo é *cachaça*, né?  
 INQ. — Hum... hum...

A lexia complexa *Pé de cana*, no dicionário, consta como locução de pé, significando: “aquele que tem o hábito de se embriagar; beberrão”. Ela só ocorreu com esse significado no inquérito de Natal (53), realizado com o informante da faixa etária I, nível universitário de escolaridade, que, ao ser perguntado, pelo inquiridor, na pergunta 144 do QSL: “Que nome dão à pessoa que bebeu ou que bebe demais”, apresentou três lexias em sua resposta: *bêbado*, *alcoólatra* e *pé de cana*.

Cavalcante (2011, p. 229) registra *Pé de cana*, como nome de marca de *cachaça*, o que equivale ao que o informante de Caravelas (102) apresentou em sua resposta. Portanto, têm-se duas significações para essa lexia: (i) aquele que se embriaga; e (ii) a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Interessa tratar da nomeação como bebida alcoólica, em que se verifica uma relação metafórica e metonímica, entre os usos da lexia.

Considerando que o domínio fonte é o ser humano bebedor que se embriaga e o domínio alvo a bebida alcoólica que embriaga o ser humano, tem-se, por metáfora, a formação *Pé de cana*, para nomear a bebida produzida, por meio de um nome-marca, em que os atributos do domínio fonte foram relacionados aos do domínio alvo. Ressalta-se que *frames* afins entre os dois domínios favoreceram esse movimento, em que a lexia foi, pertinentemente, utilizada para nomear a bebida, por meio de um nome-marca.

Considerando que o embriagado e a bebida podem fazer parte do mesmo domínio de experiência, é possível, também, verificar uma contiguidade entre o “ser humano que se embriaga” e a “bebida que o embriaga”, o que se pode levar a considerar que a bebida é parte de um todo, “o embriagado com cachaça”, e que, assim, passou a nomeá-la como nome-marca, por meio do MCI PARTE/TODO.

A lexia *incha pé* contém, igualmente, formação pelos MCIs semelhantes a que se tem em *Pé de cana*, com a diferença de que se trata de nome comum.

Outro exemplo de nome-marca, que possui apenas uma ocorrência, e que foi citado como primeiro item da resposta é *Cabeceira do Rio*, que foi apresentado pelo informante de Jacobina (86), da faixa etária II, ensino fundamental de escolaridade.

- (103) INQ. — E uma bebida que a pessoa faz de cana nos alambiques, como é que chama?  
 INF. — É a *Cabeceira do Rio*.  
 INQ. — Sim, e que outro nome a gente dá? A gente diz: “Fulano gosta de tomar uma...”  
 INF. — Uma *caninha* (risos)  
 INQ. — Sim. E chama por outro nome? A *Cabeceira do Rio* é uma fábrica, é?  
 INF. — Não, a *Cabeceira do Rio* é a cachaça mesmo.  
 INQ. — É a cachaça, né?  
 INF. — É a cachaça... Que é feita da cana, só da cana, sabe como é.  
 AUX. — E chama de...  
 INF. — *Cabeceira do Rio*.  
 AUX. — Hum.  
 INF. — Que é da cacha... da cana só, apurada só da cana.  
 INQ. — Sim. E a cachaça é o quê?  
 INF. — Hum?  
 INQ. — É da cana pura ou...?  
 INF. — É da cana pura, é. Hoje em dia é difícil, né. Porque hoje em dia não tem mais nada puro. O caso tudo no mundo tem trambique, né. Mas, antigamente, fazia mesmo.  
 INQ. — Hum hum.

Observe-se que o informante de Jacobina (86), ao apresentar um nome-marca como primeiro item, foi questionado pelo inquiridor, o que levou o entrevistado a confirmar a sua resposta, ao dizer que “a *Cabeceira do Rio* é a cachaça mesmo”. Com isso, ele não deixa dúvida de que *Cabeceira do Rio* se trata da bebida que se faz da cana nos alambiques, como mencionou o inquiridor, na pergunta inicial. Anteriormente, para chegar à *caninha*, o inquiridor utilizou-se do recurso de completar uma Expressão Idiomática “Fulano gosta de

tomar uma\_\_\_\_\_”, cuja resposta poderia ser qualquer variante da *aguardente*, seguindo a lógica de respostas com lexias do domínio da experiência em questão. Salienta-se que essa Expressão Idiomática é também utilizada, dessa forma, para se referir às outras bebidas, como cerveja, vodca etc.

Os informantes conceptualizadores e categorizadores apresentaram, em suas respostas iniciais, o segundo, terceiro e quarto itens. Os 17 mencionados como segundo item da resposta foram: *cachaça* e *pinga*, com cinco ocorrências cada; *Pitú*, com duas; *aguardente de cana*, *cachaça destilada*, *incha pé*, *oitenta e oito* e *Tatuzinho*, com uma ocorrência cada. Observe-se, no exemplo 104, o uso de *cachaça* como segundo item mencionado na resposta inicial, pela informante soteropolitana, da faixa etária II, nível universitário de escolaridade,

- (104)            [...]  
                   INF. — *Aguardente, cachaça.*  
                   INQ. — Ahn. Tem mais outro nome?  
                   INF. — *Caninha.*

Considerando o uso de *cachaça*, nas respostas iniciais, verifica-se a seguinte distribuição: 15 ocorrências como item único, 45 como primeiro item e cinco como segundo item da resposta, totalizando 65 ocorrências, o que equivale ao percentual de 80% do total de uso de *cachaça*, na Bahia, 81 ocorrências, ficando, 20% para os desdobramentos, em que foi mencionada na resposta de 16 informantes conceptualizadores e categorizadores.

Como exemplo do uso de *cachaça*, cita-se o que ocorreu como resposta no desdobramento da pergunta, do tipo “Inquiridor parte da pergunta do informante”, na entrevista realizada em Jequié (95), com a mulher, da faixa etária I, do ensino fundamental.

- (105)            [...]  
                   INQ. — Qual é a bebida?  
                   INF. — Feita de cana-de-açúcar?  
                   INQ. — Sim. Essa bebida alcoólica que o povo bebe aí é o quê?  
                   INF. — *51.*  
                   INQ. — Sim, então *51* é uma...  
                   INF. — Bebida.  
                   INQ. — Sim, que tipo de bebida é esse? O pessoal bebe o quê?  
                   INF. — *Cachaça.*  
                   INQ. — Hum... E dão outro nome para *cachaça*?  
                   INF. — *Pinga.*  
                   INQ. — É? Chamam de outro jeito?  
                   INF. — Não.  
                   INQ. — Não? Tá bom.

Observa-se, nesse diálogo, que a inquiridora, ao complementar a pergunta inicial com “Essa bebida alcoólica que o povo bebe aí é o quê?”, levou a entrevistada a responder 51. Compreende-se que esse é o seu conhecimento obtido culturalmente, por meio de interações sociais, que lhe possibilitaram acumular experiências corpóreas que a levaram a constituir seus *frames* a respeito “da bebida que se bebe por aí”. Tais *frames*, por sua vez, permitiram-lhe chegar à resposta da pergunta 182 do QSL, utilizando-se, como recurso, o acionamento do MCI PARTE/TODO, que suporta a metonímia, que se revelou presente, ao mencionar a marca, 51, representando o produto, a *cachaça*.

Dessa forma, por meio da relação léxico-semântica da hiponímia, o informante conceptualizador e categorizador, que responde inicialmente 51, chega a dizer *cachaça*, quando lhe foi perguntado “[...] que tipo de bebida é esse? O pessoal bebe o quê?” Portanto, confere-se que 51 é um tipo de *cachaça*, que, por sua vez, é também compreendida como *pinga*. Resumindo, conforme o inquérito em questão: 51 é a bebida que se bebe por aí, que é um tipo de *cachaça* também conhecida como *pinga*. Logo, 51, *pinga* e *cachaça* são bebidas alcoólicas feitas da cana-de-açúcar, que devem ser compreendidas como conceptualizações que partem de um mesmo conceito e possuem um mesmo referente. Pertencem a uma mesma categoria léxico-semântica, cujos acionamentos mentais se apresentam de formas diferentes, para cada tipo de nome: marcas da bebida ou comuns.

Observe-se, no exemplo 106, que o informante da faixa etária I, de escolaridade fundamental, de Juazeiro (81), apresentou, na resposta inicial, apenas nomes-marca.

- (106)                    [...]  
 INF. — É... *Pitú*...  
 INQ. — Han...  
 INF. — *Tatuzinho*.  
 INQ. — Han...  
 INF. — 3 *Fazendas*.  
 INQ. — Hum.  
 INF. — Só isso aí... Tem de 59, um bocado de bebida tem aqui na região.  
 INQ. — Tudo é diferente...  
 INF. — É tudo *cana*, é tudo diferente.  
 INQ. — É diferente uma dou outra ou...  
 INF. — É tudo *cana*, mas é tudo diferente.  
 INQ. — Ah!  
 INF. — Feita de cana-de-açúcar. Tem vários aqui.

INQ. — Tem? Aqui tem alambique.  
 INF. — Te.... Aqui não, tem ali em Pernambuco.  
 INQ. — É?

As lexias *Pitú*, *Tatuzinho* e *3 Fazendas* foram apresentadas como primeiro, segundo e terceiro itens da resposta inicial e a lexia 59, como um desdobramento espontâneo do informante, seguida de *cana* que compõe a categoria de “Outros tipos de desdobramentos da pergunta”.

Numa relação léxico-semântica de hiponímia, o informante conceptualizador e categorizador refere-se aos quatro nomes-marca como *cana* e salienta: “É tudo *cana*, mas é tudo diferente.” Como se vê, essa relação faz parte de um Modelo Cognitivo, cujo esquema de LIGAÇÃO relaciona cinco lexias ao conceito de bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, por isso todas são apresentadas como respostas, seja à pergunta inicial seja à do desdobramento e o que vai determinar isso é a representatividade de cada lexia, nas experiências corpóreas-socioculturais do informante, as quais constituem os seus *frames*, assim como os da comunidade a que pertencem.

Vê-se que, nos nomes-marca, há relações metonímicas, PARTE/TODO, MARCA PELO PRODUTO, além da relação hiponímica ou heteronímica, a depender da relação léxico-semântica estabelecida pelo falante, no decorrer de sua interação comunicativa. Essas relações se apresentam também nos nomes comuns. Em relação ao MCI PARTE/TODO, apresenta-se como um de seus elementos, que, mapeado, foi salientado para nomeação do referente, como se tem em *álcool*, *destilada*. Cita-se, como exemplo, a entrevista realizada com o informante da faixa etária II de Juazeiro (81), que utiliza a lexia *álcool* em sua resposta.

(107) [...]
   
INF. — *Cachaça*.
   
INQ. — Chama de outro jeito?
   
INF. — Tem muitas bebidas, né? que faz, agora...
   
INQ. — Essa mesmo...
   
INF. — Com cana-de-açúcar chama *álcool*, *cachaça*...
   
INQ. — Ah! Mas *álcool* é bebida?
   
INF. — Não.

Observa-se que o entrevistado afirma que a bebida se “[...] chama *álcool*, *cachaça*...”, todavia, o inquiridor o induz a afirmar que *álcool* não é bebida, apesar de ele já ter dito, espontaneamente, ser uma bebida da cana-de-açúcar.

A lexia *Pitú*, que possui quatro ocorrências nos inquiridos da Bahia, apresentou-se, somente, nas respostas iniciais, com duas ocorrências como primeiro item e duas como segundo. Como primeiro item, tem-se o informante da faixa etária I, de escolaridade fundamental, de Juazeiro (81), já citado nesta seção. Como segundo item, tem-se a entrevista realizada com o informante da faixa etária I de Jeremoabo (82), que, além de *Pitú*, apresenta *Tatuzinho* como terceiro item e *Jangada* como quarto, além de três lexias complexas no desdobramento, a saber:

- (108)            [...]  
 INF. — 51, *Pitú*...  
 INQ. — Hum.  
 INF. — *Tatuzinho*...  
 INQ. — Hum.  
 INF. — *Jangada*.  
 INQ. — Mas esses aí são as marcas, né? Ou vocês chamam assim mesmo?  
 INF. — Ah! *cachaça sergipana* ...  
 INQ. — Hum...  
 INF. — A *cachaça limpa* mesmo que você quer falar.  
 INQ. — Você fala... chama *cachaça limpa*?  
 INF. — *Cachaça limpa, sergipana, terra preta*.  
 INQ. — Ah!  
 INF. — Que é a brabinha.  
 INQ. — É, né?  
 INF. — Você bate uma e ...

Observa-se que, após confirmar que as quatro primeiras lexias que compuseram a sua resposta são nomes-marca, ou seja, são as formas que conceptualizam a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar, ele compreende que deve apresentar outra categoria de lexias e lança mão de uma sequência de três complexas: *cachaça sergipana*, *cachaça limpa* e *terra preta*: “Ah, *cachaça sergipana* ...” Esse informante conceptualizador e categorizador, organizou sua resposta em Nomes-marca nas respostas iniciais e nomes comuns nos desdobramentos, destacando-se o fato de, nessa categoria, todas as lexias serem complexas.

Em ambos os casos, certamente, as respostas foram motivadas pelas perguntas feitas pelo inquiridor: sendo a primeira a padrão para a pergunta 182 do QSL e a segunda: “Mas esses aí são as marcas, né? Ou vocês chamam assim mesmo?”, que o levou a apresentar as nomeações conceptualizadoras que não pertencem à categoria de nomes-marca, logo, sendo, nomes comuns.

As duas ocorrências de *Tatuzinho* se deram nas respostas iniciais, sendo uma como segundo item e a outra como terceiro. Salienta-se que, como terceiro e quarto itens, ocorreram, nos inquéritos da Bahia, apenas, nomes-marca, tendo, cada um, uma ocorrência. Foram três lexias para o primeiro tipo, a saber: *61, Tatuzinho e 3 Fazendas*; e um, para o segundo, a *Jangada*.

Destaca-se o fato de oito lexias, que tiveram somente uma ocorrência nos inquéritos, apresentaram-se como itens da resposta inicial, sendo *Cabeceira do Rio, tiortina, pinga destilada, pinga 51 e Pé de cana*, como primeiro item e *aguardente de cana, cachaça destilada e 88*, como segundo. Cita-se, como exemplo, o inquérito do informante conceptualizador e categorizador de Valença (94), de escolaridade fundamental, faixa etária II, que citou oito lexias em sua resposta: *pinga destilada, cachaça destilada, Januária, 51, Caribé, pinga, cachaça, aguardente*.

- (109)            [...]  
 INF. — É uma *pinga destilada*. Uma *cachaça destilada*. Muito bom.  
 INQ. — Quais são os nomes que têm?  
 INF. — Tem... a *Januária*. Tem o *51*. Tem a ... *Caribé*.  
 INQ. — Assim, mas... independente de marca, estou falando assim, como é que o senhor chama essa bebida? O senhor falou que é uma ... a cachaça, né?  
 INF. — É.  
 INQ. — Destilada, assim. Tem outros nomes que você fala, assim, para esse tipo?  
 INF. — Dá uma *pinga* aí, dá uma *cachaça* dessa aí.  
 INQ. — Ou pinga ou cachaça.  
 INF. — Dá um *aguardente* desse aí.  
 INQ. — Ah, ok.  
 INF. — Ahn ahn.

Esse informante conceptualizou a bebida alcoólica, inicialmente, com nomes comuns, em específico, com duas lexias complexas: *pinga destilada* e *cachaça destilada*. Mas, ao ser perguntado sobre “os nomes que têm?” Respondeu três nomes-marca: *Januária, 51, Caribé*. Seguindo a condução do inquiridor, que menciona a lexia *cachaça*, como estratégia para sugerir a resposta com lexias dessa categoria, o informante apresenta três nomes comuns: *pinga, cachaça e aguardente*. Se se considerar a resposta inicial, verificam-se elipses em “Dá uma *pinga* aí, dá uma *cachaça* dessa aí”, visto que essas duas lexias, nessa mesma ordem, compuseram as complexas inicialmente respondidas.

Na Bahia, as lexias apresentadas pelos entrevistados, nos desdobramentos, são as que seguem organizadas, conforme o tipo de pergunta.

- ✓ “Chama de outro jeito?”: *Abaíra, aguardente, álcool, birita, cachaça, cachaça limpa, cachaça sergipana, cana, caninha, Caninha da roça, 51, cruaca, destilado, fubuia, incha pé, Jacaré, manguaça, pinga, pinga baiana, porre, quiboa, verejeira.*
- ✓ “Inquiridor parte do(s) item(ns) apresentado(s) como resposta pelo informante”: *aguardente, branquinha, brejeira, cachaça, cachaça branca, cachaça pura, caninha, destilada, fubuia, pinga, terra preta.*
- ✓ “Iniciativa da pergunta”: *59, Aratu.*
- ✓ “Outros tipos de pergunta”: *branquinha, bufu bufu, cana, caninha, Caninha de Ouro, Caribé, 51, Januária, pinga, 3 Fazendas, incha pé.*

As 216 ocorrências da Bahia se distribuíram em 113 apresentadas nas respostas iniciais, em que se destacam o maior número de ocorrências como primeiro item das respostas, 75, e 103 nos desdobramentos, destacando-se haver 62 ocorrências em “Chama de Outro jeito.” Nesse tipo de desdobramento da pergunta inicial, ocorreram 22 lexias, distribuídas em quatro nomes-marca e 18 nomes comuns. A lexia *pinga*, além de se destacar como a de maior ocorrência nessa categoria de resposta, 23, nos inquéritos em que ocorreu, seguiu-se após *cachaça* ser apresentada como o item da resposta inicial, como se pode verificar, como exemplo, na entrevista realizada em Santana (92), com o informante da faixa etária I, de nível fundamental de escolaridade – exemplo 110.

- (110)            [...]  
 INF. — *Cachaça.*  
 INQ. — Pode ser ... chamar de outro nome?  
 INF. — *Pinga.*  
 INQ. — É, pessoal usa?  
 INF. — Pode.  
 INQ. — Tem outro nome aqui que chame?  
 INF. — Não.

Os quatro nomes-marca desse desdobramento são duas *cachaças* produzidas em São Paulo: *Caninha da roça* e *51*, cuja distribuições é em larga

escala no Nordeste, e duas *cachaças* baianas: *Abaíra* e *Jacaré*. Observe-se, no exemplo 111, o uso de *Abaíra*, pelo informante da faixa etária I, ensino fundamental, de Seabra (89).

- (111)            [...]  
                   INF. — *Cachaça*.  
                   INQ. — Chama outros nomes aqui?  
                   INF. — Chama *pinga*, *Abaíra*.

As duas ocorrências do desdobramento “Iniciativa do informante” são nomes-marca: *59* e *Aratu*. O uso de *59* pode ser visto na entrevista do informante da faixa etária I, de escolaridade fundamental, de Juazeiro (81), apresentado na p. 524.

No desdobramento “Outros tipos de pergunta”, foram apresentados cinco nomes-marca, que se pode exemplificar com a entrevista feita com o informante de Irecê (85), da faixa etária I, Ensino fundamental, que mencionou dois em sua entrevista:

- (112)            [...]  
                   INF. *51*?  
                   INQ. Chama assim? Chega ali no bar...  
                   INF. *3 Fazendas*.  
                   [...]

Neste estudo, a Bahia se destaca pela grande diversidade de lexias apresentadas como respostas, nos inquéritos realizados pelos inquiridores no Projeto ALiB. Como se viu, por exemplo, foram 46 lexias mencionadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores, das quais 30 possuem ocorrências únicas que, ao fazerem parte dos diálogos ocorridos nas entrevistas, constituíram-se integrantes dos *frames* de nomeação da bebida.

A metodologia adotada nesta tese permitiu que essas lexias, como todas as outras de ocorrência única, nos outros estados, fossem consideradas tão valiosas como as que tiveram mais ocorrências.

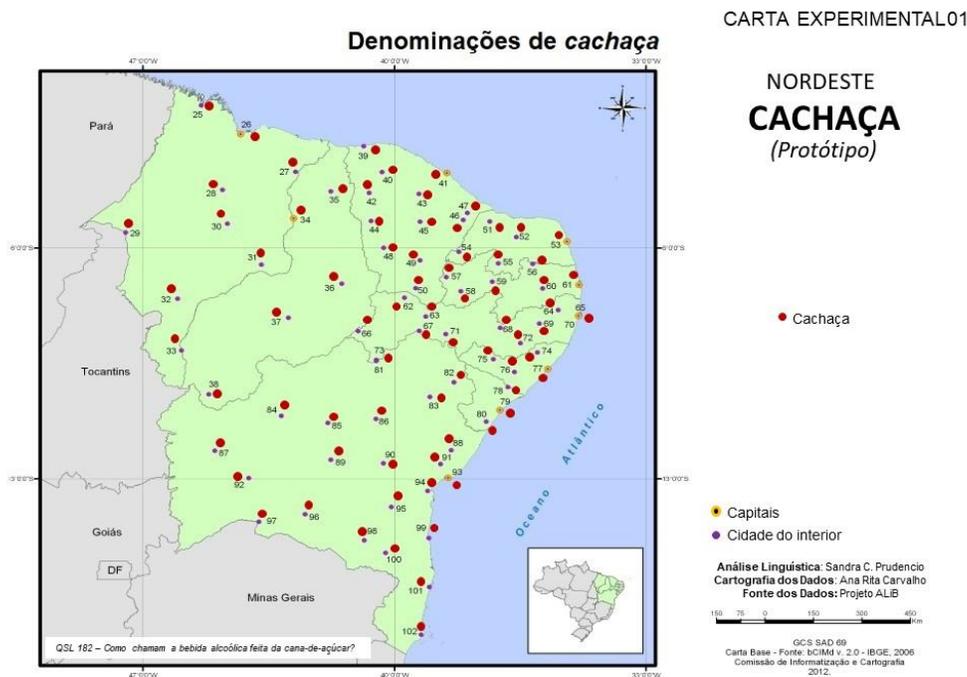
## 5.2 OS MAPAS LINGUÍSTICOS – CARTAS LEXICAIS COM DENOMINAÇÕES DE CACHAÇA

A partir das respostas dos informantes conceptualizadores e categorizadores dos estados do Nordeste, tem-se um elenco de denominações de *cachaça*, que podem ser organizadas, dentre diversas possibilidades, de acordo com a distribuição diatópica.

Utilizando-se da Geolinguística como procedimento metodológico, nesta seção, são apresentadas algumas denominações para a *aguardente*, em cartas experimentais, contemplando a presença e a ausência de suas ocorrências, nas capitais e nas cidades do interior dos estados do Nordeste.

Para a confecção dessas cartas linguísticas, foram escolhidas as sete variantes de maior ocorrência, utilizadas para denominar a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, na região Nordeste do Brasil, a saber: *aguardente*, *cachaça*, *cana*, *caninha*, *51*, *pinga*, *Pitú*, cuja distribuição diatópica pode ser visualizada em quatro cartas lexicais. Além disso, pode ser conferida a relação de presença e ausência das lexias, nas localidades, corroborando com o que enfatiza Cardoso (2016a, p. 15), que se refere à importância do “[...] reconhecimento das diferenças e das igualdades que a língua reflete [...]”, bem como “[...] o confronto entre a presença e ausência de dados registrados, circunscritos a espaços fixados [...]”, considerando que “[...] espaços vazios também informam sobre a língua pesquisada.”

Seguem-se as quatro cartas lexicais, que serão brevemente comentadas. Salienta-se que, para composição e leitura da carta, importa se a lexia em questão ocorreu ou não na localidade, independentemente da quantidade de ocorrências. Destaca-se o fato de *cachaça* ter ocorrido em todas as localidades pesquisadas, como se pode verificar na carta I que segue.

Figura 25 – Denominações de *cachaça* – Carta *cachaça*

Fonte: banco de dados Projeto ALiB. Elaboração a partir de dados da pesquisa

Como se pode verificar na carta 01, a lexia *cachaça* ocorreu nas cidades do interior e da capital de todos os estados do Nordeste. Acrescenta-se que foi apresentada como resposta por informantes homens e mulheres, de ambas as escolaridades e faixas etárias. Trata-se, portanto, de uma denominação que se apresentou amplamente conhecida pelos entrevistados e pelos entrevistadores, os quais, muitas vezes, davam-se por satisfeitos com as respostas dos informantes, quando era mencionada como primeiro ou único item respondido.

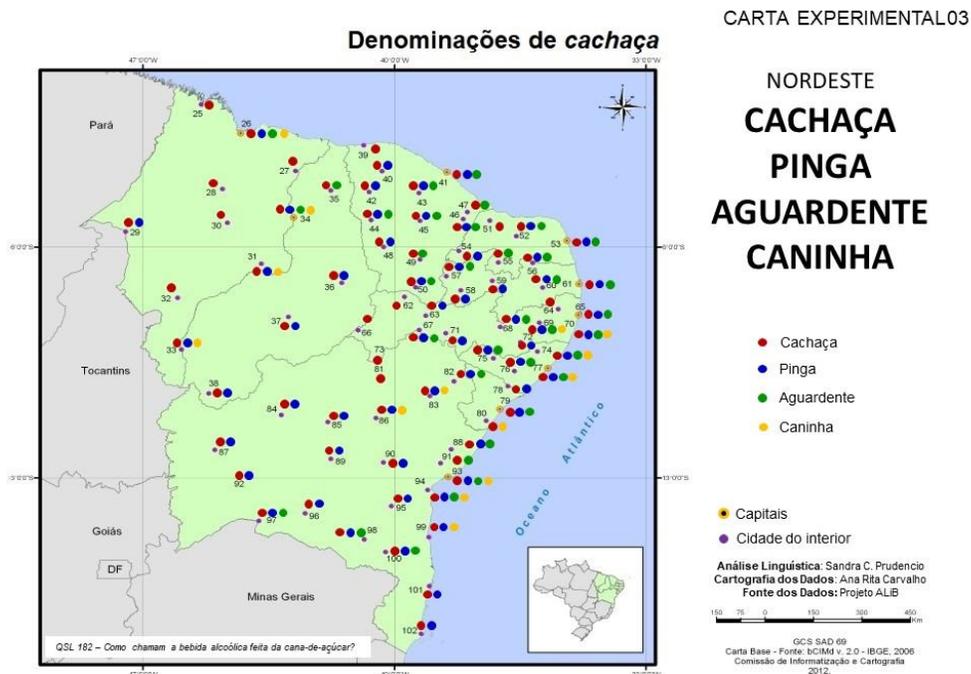
Na carta 02, que trata, especificamente, das ocorrências de *cachaça*, *cana* e *Pitú* é possível verificar que existem localidades em que *Pitú* foi mencionada pelos informantes, de forma mais concentrada, a saber: Alagoas, Pernambuco e Rio Grande do Norte; e que *cana* está concentrada nas localidades da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Observa-se, ainda, que, na Bahia, *cana* e *Pitú*, preenchem uma área que possui limites com Sergipe, Alagoas e Pernambuco. Em Sergipe, ocorreu apenas *cana* e em uma localidade, e, no Ceará, essa lexia ocupa uma área central do estado, com ocorrência em quatro pontos.



todas as localidades de Alagoas e que, com algumas exceções, no Nordeste, ocorreu juntamente com *pinga*.

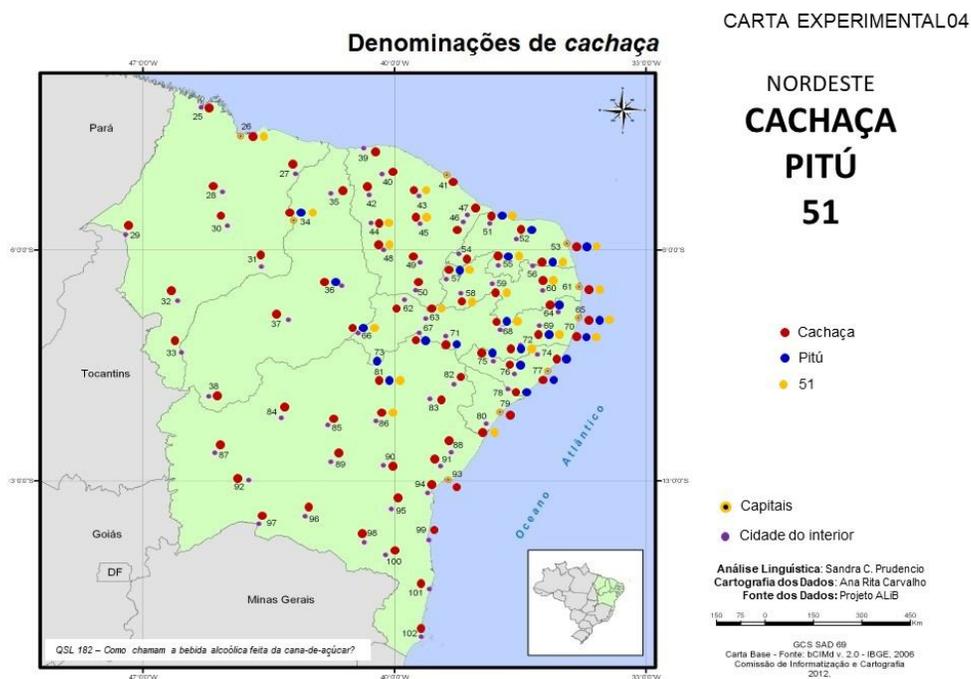
Figura 27 – Denominações de *cachaça* – Carta *cachaça*, *pinga*, *aguardente* e *caninha*



Fonte: banco de dados Projeto ALiB. Elaboração a partir de dados da pesquisa

Na carta 04, vê-se a distribuição de *cachaça* e dos nomes-marca *51* e *Pitú*, que se dá, também, de forma interessante, visto que, na Bahia, há mais localidades em que ocorreram *51* que *Pitú*, que, por sua vez, constou, nesse estado, em localidades que fazem fronteira, na ordem, com Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Piauí. No Maranhão, ocorreu, apenas *51* e em duas localidades; no Ceará, não ocorreu nenhuma das duas lexias. *Pitú* concentra-se em Alagoas, Pernambuco e no Rio Grande do Norte; e *51*, excetuando-se no Ceará, ocorreu em localidades de oito estados.

Figura 28 – Denominações de cachaça – Carta cachaça, Pitú, 51



Fonte: banco de dados Projeto ALiB. Elaboração a partir de dados da pesquisa

Com a visualização da distribuição dessas lexias, é possível compreender que as respostas à pergunta 182 do QSL levaram os informantes conceptualizadores e categorizadores a apresentarem itens léxicos que compõem o domínio de experiência da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar. Para que isso tenha ocorrido, aspectos culturais foram relevantes, visto que, foram citados, nas respostas, itens contextualizados na comunidade, que, por sua vez, fazem parte das experiências corpóreas dos falantes, compondo, assim, os seus *frames* individuais, partilhados na coletividade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese se iniciou com o objetivo de serem verificadas as denominações de *cachaça*, pautando-se, principalmente, nos princípios teóricos e metodológicos da Dialetologia.

À medida que os estudos foram se desenvolvendo, intensificaram-se a possibilidade e a necessidade de serem incluídas concepções teóricas referentes à Linguística Cognitiva, especificamente, ao que se refere à Semântica Cognitiva, e à Etnolinguística, visto que, em muitas respostas apresentadas pelos informantes conceptualizadores e categorizadores, verificaram-se informações relevantes a respeito de experiências do falante com a *cachaça*, em seu ambiente sociocultural de interação.

Aliando-se às referidas três vertentes, esta tese se amparou, ainda, nas bases teóricas da Lexicologia e da Onomástica, visto que, no meio do caminho das reflexões em torno da interdisciplinaridade, havia duas realidades a serem resolvidas: as ocorrências de lexias classificadas como simples e complexas, que, por sua vez, foram distribuídas em nomes comuns e nomes-marca.

No decorrer da pesquisa, foram se revelando informações que conduziram a práticas metodológicas, que levaram a se considerar a abordagem qualitativa tão importante quanto à quantitativa. Salienta-se que a Etnolinguística, a Semântica Cognitiva e a Onomástica foram fundamentais suportes teóricos para os estudos dos nomes das marcas de *cachaça*, apresentadas como respostas pelos entrevistados nordestinos do Projeto ALiB.

O tratamento dos dados com os direcionamentos dessas teorias permitiu que se verificassem como respostas válidas, 71 lexias, distribuídas em 44 nomes comuns e 27 nomes-marca, fruto de uma análise que efetivou o estudo com abordagem interdisciplinar.

Salienta-se que, especificamente, os nomes-marca foram utilizados em 119 inquéritos e que os informantes conceptualizadores e categorizadores revelaram ter conhecimento de que se tratavam de nomes das marcas da bebida, mas que isso não os impediu de apresentá-los em suas respostas às perguntas iniciais ou as que foram feitas nos desdobramentos.

Para ilustrar, citam-se dois exemplos. No primeiro, o 113, o informante de Canindé (43) - CE, da faixa etária I, ensino fundamental, apresenta *Ypióca*, ao lhe ser perguntado “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar”, mas o inquiridor lhe solicita que respondesse com um nome que não fosse marca. Prontamente, o informante diz *cachaça*. Logo, vê-se que o entrevistado sabe que *cachaça* não é um nome de marca e, ainda, que não pertence à mesma categoria de nomeação que *Ypióca*, mas compreende que esses dois nomes se atribuem à referida bebida alcoólica.

- (113)            [...]  
 INF. — *Ypióca*.  
 INQ. — Não, mas, sem ser a marca. Essa bebida que é feita de cana-de-açúcar. Você toma?  
 INF. — *Cachaça*.  
 INQ. — Não importa qual é a marca, né? Tem outro nome? *Cachaça*...  
 INF. — Não, *cachaça*, *Ypióca*, só chama isso mesmo.  
 INQ. — Certo.

No segundo, o 114, a informante paraibana, da cidade de Cajazeiras (57), faixa etária I, do nível fundamental de escolaridade, elenca três itens para nomear a bebida, dentre os quais um é nome-marca. Conforme a entrevistada, esses são os mais típicos para nomear a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

- (114)            [...]  
 INF. — É a ...*cachaça*?  
 INQ. — Hum... hum, agora você vai dizer todos os nomes que você conhece para ela aqui.  
 INF. — Conheço por *cachaça*...  
 INQ. — Você pode falar mais alto porque do carro do som.  
 INF. — Só conheço por *cachaça*, *51*, *cana*. Pronto. Os mais típicos são esses três: *cachaça*, *51*, *cana*.  
 INQ. — Ok.

Nos inquéritos do Projeto ALiB, verificou-se que o diálogo entre entrevistador e entrevistado, na aplicação da pergunta 182 do QSL, possibilitou que fossem apresentadas as variantes lexicais, nas quais *cachaça* é a forma de maior produtividade e abrangência de uso dos informantes, como se viu no Mapa I, sendo considerada como protótipo da categoria de itens léxicos que compõem o conceito da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Salienta-se que, no estudo dos dados, ter considerado as respostas, em sua constituição integral nos diálogos, permitiu que melhor se compreendesse como se deu a conceptualização e a categorização de cada informante, a respeito da bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, conforme suas experiências, sua relação com a *aguardente*.

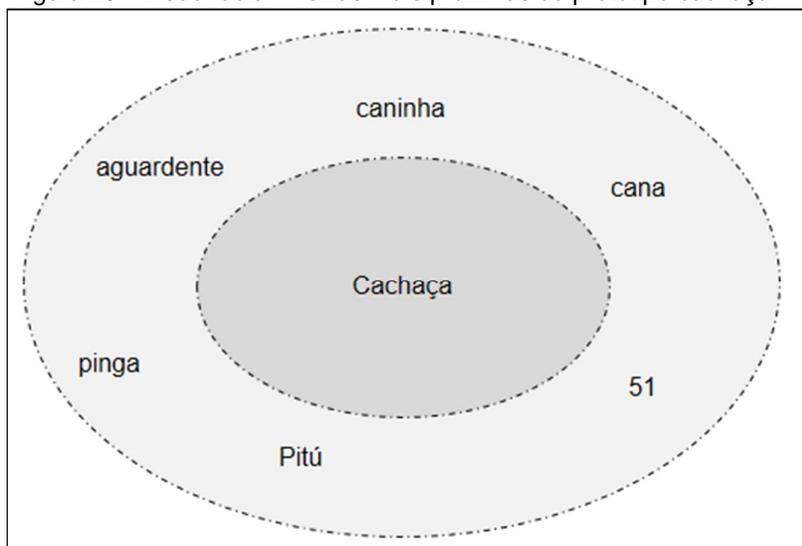
Outras lexias tiveram grande frequência de uso nas respostas de informantes conceptualizadores e categorizadores, como as que já foram apresentadas nos mapas II, III e IV, a saber: *aguardente*, *cana*, *caninha*, *51*, *pinga*, *Pitú*, que, devido a critérios qualitativos e quantitativos, na rede para denominações de *cachaça*, com os dados obtidos pelo Projeto ALiB, no Nordeste, encontram-se no raio mais próximo ao centro da prototipicidade, que é representado pela lexia *cachaça*.

Esses seis itens lexicais, além de *cachaça*, apresentaram o seguinte comportamento, no *corpus* desta pesquisa:

- ✓ foram apresentados como respostas tanto nas perguntas iniciais como nos desdobramentos;
- ✓ constam em inquéritos realizados na capital e em cidades do interior;
- ✓ foram citados por informantes de ambos os sexos e de ambas as faixas etárias.

Com isso, os dados obtidos indicam a relevância dessas lexias, numa rede radial, ocupando lugar muito próximo do protótipo *cachaça*, não só porque foram muito citadas pelos informantes, mas porque a distribuição de suas ocorrências revela uma abrangência de uso em diferentes localidades e/ou em situações elocutivas.

Segue-se, na Figura 29, com uma parte da rede radial, em que se encontram as lexias mais próximas do eixo prototípico.

Figura 29 – Rede radial – lexias mais próximas do protótipo *cachaça*

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Cada informante conceptualizador e categorizador contribuiu para a constituição da rede prototípica de itens lexicais, apresentados como resposta tanto à pergunta inicial: “Como se chama a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36) ou similar, quanto aos desdobramentos dessa pergunta. Além disso, tem-se o registro das respostas dos informantes, por meio de cartas linguísticas, revelando que há mais de uma maneira de se registrar a representatividade das lexias de maior abrangência nas localidades do Nordeste.

Para se chegar a essas lexias, destaca-se a prática do desdobramento das perguntas em questionários aplicados com a metodologia onomasiológica, tanto no que se refere à qualidade na obtenção das respostas quanto à quantidade. Por outro lado, registra-se que o não desdobramento da pergunta inicial não colaborou para a obtenção de um maior quantitativo de variantes ou até de outras, as quais, supostamente, podem fazer parte do conhecimento do falante e da comunidade sócio cultural à qual pertence.

Nas entrevistas realizadas pelo Projeto ALiB no Nordeste, tem-se, no Quadro 30, a seguinte distribuição de respostas com item único, cuja pergunta não foi desdobrada pelo inquiridor, ou seja, ao ser apresentada a lexia como resposta, o inquiridor não realizou o desdobramento para verificar se o informante “conhecia” outra forma de chamar a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.

Os estados do Maranhão e do Ceará se destacam com maior quantidade de inquiridos em que os inquiridores tiveram esse comportamento em sua atuação.

Quadro 30 – Item único X não desdobramento da pergunta

<b>ESTADO</b>	<b>NÃO DESDOBRAMENTO</b>
Maranhão	19
Piauí	0
Ceará	14
Rio Grande do Norte	1
Paraíba	0
Pernambuco	4
Alagoas	1
Sergipe	0
Bahia	1

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Em relação à apresentação das 71 lexias, pelos informantes, nas respostas iniciais e/ou nos desdobramentos, tem-se a seguinte distribuição, no Nordeste.

Foram 33 lexias que ocorreram nas respostas iniciais, apresentadas como item único, primeiro, segundo, terceiro ou quarto itens: *aguardente, aguardente de cana, Batucada, Cabeceira do Rio, cachaça, cachaça destilada, cachaça pura, cachaça maranhense, cachaça limpa, cachaça da terra, cana, cana de cabeça, cana de engenho, caninha, Caninha da Roça, 51, garapa, incha pé, Jangada, limpa, Mangueira, 88, Pé de cana, pinga, pinga 51, pinga destilada, Pitú, Serra Grande, 61, 3 Fazendas, Tatuzinho, tiotina, Ypióca.*

As lexias que apenas ocorreram nos desdobramentos totalizaram 38, a saber: *Abaíra, água que passarinho não bebe, álcool, Aratu, biritá, branquinha, brejeira, bufu bufu, cruaca, cachaça branca, cachaça sergipana, Caninha de Ouro, Caribé, Colonial, 59, destilada, fubúia, gengibirra, goró, Jacaré, Januária, manguaça, marofa, mel/mé, pinga baiana, Préa, quiboa, porre, pura, serrana, tampa de sabugo, terra preta, uca, São Paulo, 71, verejeira, 29, 21.* Como se pode observar, o desdobramento da pergunta inicial foi de extrema importância para que se tenha coletado essas 38 lexias.

O controle da ordem dos itens léxicos apresentados pelos informantes, como: resposta única, primeiro, segundo, terceiro e quarto itens possibilitou que se verificassem, de uma forma geral, os que se evidenciam na cultura local e, ao mesmo tempo, os que compõem o seu MCI PARTE-TODO, constituindo-se a metonímia, revelada, por exemplo, nas formas incrustadas que constam na resposta única, bem como no primeiro itens das respostas.

A respeito da rede parcial ou da que contempla os dados totais, chama-se atenção para o fato de que todos, seja o item prototípico ou os periféricos, têm relação de pertinência com o conceito principal apresentado na pergunta: “Como se chama à bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar.” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 36). Ao constarem na lista de ocorrências, são integrantes da rede onomasiológica, visto que, no jogo de pergunta e resposta, considera-se que foram itens utilizados com coerência para responder à pergunta 182 do QSL.

Sobre o Protótipo, Teixeira (2005, p. 3) afirma que é “[...] a estrutura conceptual modelar que, para os falantes, corresponde prioritariamente a uma determinada conceptualização.” Tendo *cachaça* como protótipo, entende-se que os informantes dos nove estados conceptualizaram a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar com essa lexia, juntamente, com formas variantes. Nesse sentido, todas as lexias são importantes, a forma prototípica e as periféricas, pois remetem ao mesmo referente e foram utilizadas para nomeá-lo em uma prática comunicativa de entrevista linguística.

Apresenta-se, a seguir, a rede radial, constituída da lexia prototípica - *cachaça* - e das outras 70 denominações para denominar a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, que ocorreram, na região Nordeste do Brasil, como respostas dos participantes que foram entrevistados pelos inquiridores do Atlas Linguístico do Brasil.



interações comunicativas em diferentes situações sociais e culturais em que a bebida estiver envolvida.

No quarto e no quinto raios, há muitas formas de relevância local, como *pura*, *limpa* e *São Paulo*, por exemplo, e que têm extrema importância de uso em Sergipe, como as duas primeiras, e na Paraíba, como a terceira. Todas três compõem o segundo raio dos referidos estados em que ocorreram, devido à essa representatividade local.

Estar na periferia da rede não desvaloriza as lexias que a constitui, visto que a sua composição não está considerando critérios valorativos, mas de usos conforme se obteve no *corpus* do Projeto ALiB.

Nas redes, os limites pontilhados indicam que não há fixidez nos limites dos raios e que as formas podem flutuar, conforme se estabeleçam como usos e, ainda, que outros raios podem ocorrer, no caso aqui, de acordo com o avançar da pesquisa, em que se poderá envolver as outras regiões do Brasil, com base no banco de dados do Projeto ALiB.

Entende-se, inclusive, que, ao se formar uma rede, é possível haver mais de um elemento central em uma determinada localidade, assim como se pode ter um elemento que é central em uma área, mas periférico em outra, como ocorre, por exemplo, com *Pitú*, em Pernambuco e no Nordeste.

A grande quantidade de denominações que, normalmente, se atribuem à bebida não significa que haja um uso efetivo dessas denominações na língua e foi isso que esta pesquisa buscou: elencar os usos para denominar a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, coletados no decorrer de uma entrevista linguística, e a relação que têm com a sociedade a que pertencem.

Importa ainda considerar os resultados dos controles sociais, conforme os critérios adotados pelo Projeto ALiB, baseados nas variáveis sociolinguísticas: sexo, faixa etária e escolaridade.

Observe-se, no Quadro 31 abaixo, a distribuição das 12 lexias de maior ocorrência no Nordeste, em que se têm as seguintes informações: *cachaça* foi mencionada como resposta por 72 mulheres da faixa etária II, ensino fundamental, o que equivale a 24% do total. Em relação à ocorrência dessa lexia, nas entrevistas realizadas com os informantes com curso universitário completo, que, como se sabe, só possuem representantes nas capitais, há um certo

equilíbrio em relação às ocorrências, com leve vantagem para os homens e as mulheres da faixa etária II.

Muitas vezes, a diferença entre uma variável e outra é muito pequena, como se tem em *pinga*, em que a diferença entre os informantes da faixa etária I, ensino fundamental, é de apenas duas ocorrências, em relação aos homens da faixa II desse mesmo nível de escolaridade. O mesmo ocorre com *Pitú*, *cana*, *caninha*, *51*, entre os informantes da faixa I, do ensino fundamental.

Em relação aos nomes-marca: *Pitú*, *51* e *Ypióca*, observa-se, de uma forma geral, uma divisão entre informantes do ensino fundamental e universitário, em que *Pitú* varia de 0 a 1 nas entrevistas dos informantes universitários e *51* e *Ypióca* não ocorreram.

Quadro 31 – Lexias de maior ocorrência – variáveis sociais

LEXIAS	HF1F	MF1F	HF2F	MF2F	HF1U	MF1U	HF2U	MF2U
Cachaça	67	60	65	72	7	7	9	9
Pinga	27	27	29	21	2	6	6	3
Aguardente	7	4	18	13	5	3	4	5
Pitú	12	13	9	14	1	1	0	1
Cana	11	13	6	5	5	3	1	3
51	14	12	4	1	0	0	0	0
Caninha	3	4	4	1	3	1	0	1
Ypióca	2	5	0	0	0	0	0	0
Birita	2	1	4	0	1	0	0	0
Branquinha	2	2	1	1	1	0	1	0
Fubuia	4	0	2	1	0	0	0	0
Aguardente de cana	1	1	3	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Levando em consideração as ocorrências obtidas apenas na capital, que totalizaram 182, correspondendo a 24%, vê-se que estão distribuídas entre os seus oito tipos de informantes conceptualizadores e categorizadores, de quem se obtiveram os seguintes resultados, que se encontram explicitados no Quadro 32 que segue.

Quadro 32 – Lexias de maior ocorrência nas capitais – variáveis sociais

LEXIAS	HF1F	MF1F	HF2F	MF2F	HF1U	MF1U	HF2U	MF2U
Cachaça	7	7	8	9	7	7	9	9
Pinga	2	1	3	3	2	6	6	3
Aguardente	0	0	3	2	5	4	4	5
Cana	1	1	2	2	5	3	1	3
Caninha	1	1	1	0	3	1	0	1
Pitú	1	0	1	2	1	1	1	0
51	4	1	0	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Nesse quadro, se verifica uma equilibrada quantidade de ocorrência de *cachaça*, entre os oito informantes, com leve prevalência para os da faixa etária II, especificamente: MF2F, HF2U, MF2U.

Em relação à *pinga*, há uma maior desigualdade na distribuição das ocorrências, destacando-se os informantes de nível universitário de escolaridade, MF1 E HF2. *Aguardente*, *cana* e *caninha* ocorreram em maior quantidade na fala do HF1U; *Pitú* não se destaca como item com grande quantitativo de ocorrências, não sendo citada por nenhuma informante da faixa etária I, do ensino fundamental nem pela da faixa II, de nível universitário. A lexia 51 se destaca na fala de HF1F, tendo uma ocorrência apresentada por MF1F e nenhuma ocorrência na fala das demais categorias de entrevistados nas capitais do Nordeste.

O resultado dos nomes-marca, na fala dos entrevistados da capital, conduz a interessantes reflexões, pois é possível que haja condicionadores que inibam, de uma forma geral, os informantes de conceptualizarem e categorizarem a bebida alcoólica com os nomes das marcas da bebida. Infelizmente, esta pesquisa não nos dá subsídios para que se chegue a uma conclusão a esse respeito, visto que se pautou em como o entrevistado denomina a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, a partir de uma pergunta inicial e dos desdobramentos dessa pergunta, quando ocorreu.

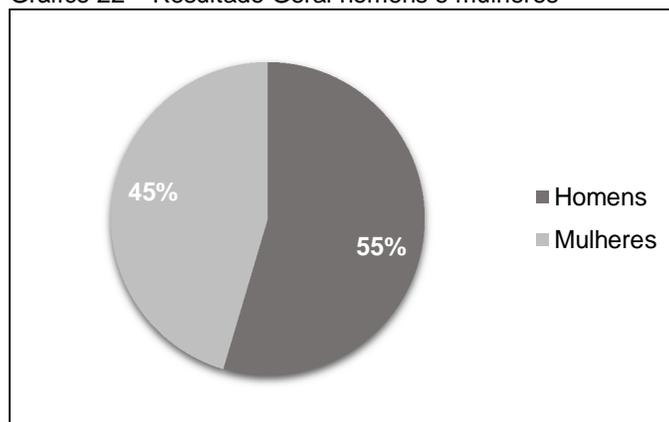
O baixíssimo índice de ocorrências de *Pitú* e a não ocorrência de 51 e *Ypióca* nas respostas dos informantes de nível universitário de escolaridade permitem inferir que *Pitú* seja a lexia mais próxima de estar no caminho de conceptualização e categorização, utilizado pelos informantes de nível

fundamental de escolaridade, o que não ocorre com as outras duas. O fato de o resultado de *Pitú* não ser nulo, para esses informantes, já indica que há um padrão de organização léxico-semântico em processo e a caminho, amparado pelo MCI PARTE-TODO, cuja metonímia é a MARCA PELO PRODUTO.

É necessária que seja realizada uma pesquisa mais específica, com abordagem metodológica etnográfica, para a verificação da conceptualização e categorização da bebida alcoólica feita da cana de açúcar utilizando-se de nomes-marca, por exemplo, em diversas situações interativas de comunicação, em que se possa verificar o(s) momento(s) em que o falante se refere a *51* como, especificamente, o nome da marca de *cachaça* e em que aciona o MCI PARTE-TODO, por metonímia, para, também como nome-marca, se referir como variante de *aguardente*.

De uma forma geral, o resultado entre homens e mulheres, para nomear a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, se deu de forma bem equilibrada, em que, das 753 ocorrências, as mulheres apresentaram 342 lexias em suas respostas e os homens 411. Pode-se visualizar essa informação no Gráfico 22 que segue.

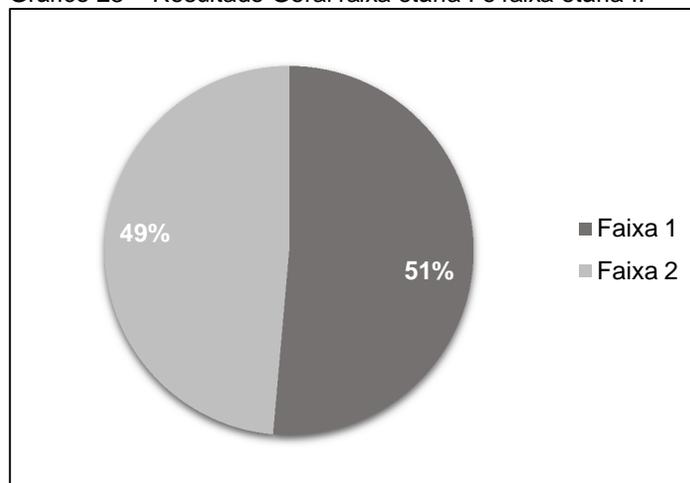
Gráfico 22 – Resultado Geral homens e mulheres



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Em relação à faixa etária, obteve-se, como resultado, 387 ocorrências, nas entrevistas com os informantes conceptualizadores e categorizadores da faixa etária I, e 366 com os da faixa etária II, o que pode ser visualizado no gráfico abaixo, onde consta o percentual de cada faixa etária.

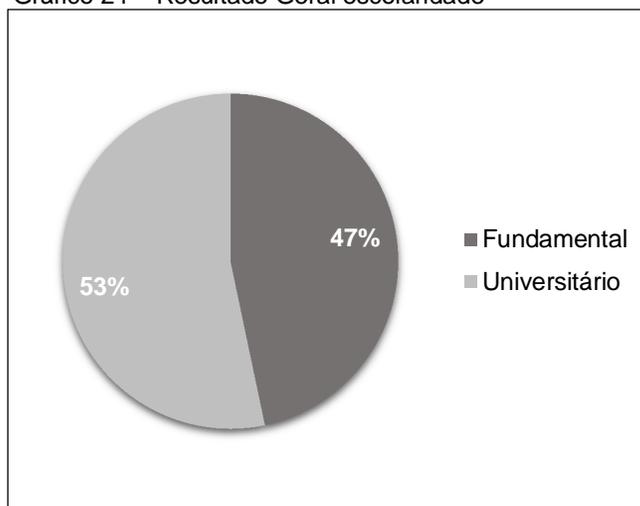
Gráfico 23 – Resultado Geral faixa etária I e faixa etária II



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

A escolaridade dos informantes pode ser inter-comparada com os dados obtidos nas capitais, em que houve 182 ocorrências, distribuídas em 85, mencionadas pelos informantes do ensino fundamental, e 97 pelos de nível universitário de escolaridade. Esses dados encontram-se representados no Gráfico 24 que segue.

Gráfico 24 – Resultado Geral escolaridade



Fonte: elaboração a partir de dados da pesquisa

Ao se fazer o diálogo entre as três vertentes da Linguística, conduziram-se as interpretações para abordagens em que as variantes linguísticas estão diretamente relacionadas aos aspectos culturais, aos hábitos, costumes e às

crenças dos informantes conceptualizadores, de quem as informações foram coletadas, no decorrer da aplicação de inquéritos linguísticos no Nordeste.

Diante dessa relação tríade, tem-se, ao final, uma lista de nomeações para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar, na região Nordeste do Brasil, apresentadas por informantes conceptualizadores e categorizadores que pertencem à determinada cultura local e nacional e que, ao darem suas respostas, o fizeram por meio de mecanismos cognitivos que, em suas comunicações, revelam as suas experiências de vida com o referente em questão: a *cachaça*.

A união dessas áreas da Linguística fortaleceu seus laços nos estudos linguísticos e trouxe a importância de haver uma linha interpretativa e dialógica entre essas vertentes da ciência, considerando ser relevante, no estudo das relações léxico-semânticas, o aspecto sociocultural da língua, aliado ao estudo da cognição. Portanto, os usos linguísticos variáveis foram realizados por um indivíduo que vive em grupo e que pertence a um contexto sócio-histórico-cultural, por isso importam as considerações a respeito dos usos linguísticos, relacionados ao mundo que cerca o falante conceptualizador.

Como essa pesquisa de doutoramento envolveu conhecimentos de áreas diversas, com abordagem metodológica e interpretativa interdisciplinar, procurou-se não separar o conhecimento linguístico do conhecimento enciclopédico, que, como orientam os princípios da Linguística Cognitiva, comporta-se como um organismo.

Pensa-se que uma pesquisa deve ser vivida, e perdoe-se o chavão o qual se faz agora necessário: “de corpo e alma”. Portanto, entende-se que a imersão faz parte inerentemente desse processo de conhecimento que envolve a mente, a alma, a vivência, a interação e a dedicação do pesquisador, ou seja, a sua essência, no caso aqui em específico, a essência desta pesquisadora, que conheceu e se encantou com a “[...] *januária* de tantos nomes e de mil mistérios [...]”, como nos traz Souto Maior (1970/71, p. 145), e complementa nos dizendo que ela “[...] continuará a servir para esquecer e lembrar, para chorar e para sorrir, para aquecer e refrescar, para fabricar alegria durante algumas horas ou para combater uma tristeza que nunca se acaba...”

Por isso, como cantou Marinósio Trigueiros Filho, faz sempre sentido afirmar que

Pode me faltar tudo na vida  
Arroz, feijão e Pão!  
Pode me faltar manteiga,  
Isto não faz falta, não!  
Pode me faltar até almoço,  
Isto eu acho graça!  
Só não quero que me falte  
A danada da cachaça.  
(SOUTO MAIOR, 1970/71, p. 144).

## REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz N. *et al.* **A época colonial**: do descobrimento à expansão territorial. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. (História geral da civilização brasileira). Tomo 1, v. 1.
- A CACHAÇA da Paraíba está nas páginas do Estadão. **FCJA**. Disponível em: <https://fcja.pb.gov.br/fapesq/noticias/a-cachaca-da-paraiba-esta-nas-paginas-do-estado>. Acesso em: 8 out. 2021.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário ortográfico da língua Portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Global, 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario?sid=23>. Acesso em: 12 fev. 2018.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUIERA, Vanderci de Andrade. Atlas lingüístico do Paraná: veredas. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolingüística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998. p. 99-133.
- ALAGOAS. **IBGE Cidades**. [s.d.]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/historico> Acesso em: 8 out. 2021.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez Editora, 2017. (Coleção Preconceitos). v. 3.
- ALCARDE, André Ricardo. **Cachaça**: ciência, tecnologia e arte. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2017.
- ALEXANDRE, Lillian Maria de Mesquita; TENÓRIO, Lucas Osório Duarte. Fazenda Lyra e seu potencial para o turismo rural: estudo de caso. *In*: **Anais do VIII Congresso Brasileiro de Turismo Rural e I Colóquio Internacional de Pesquisa e Práticas em Turismo no Espaço Rural**, 2013, Rosana - SP, 10-13 de novembro de. v.1. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9381/2/FazendaLyraTurismoRural.pdf> Acesso em: 11 mar.2022.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Histórias sobre as redes de significação do item léxico foda à luz do sociocognitivismo. *In*: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos (org.). **Linguagens e cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 13-46.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A categorização à luz da sociolinguística cognitiva: diferentes organizações de mundos possíveis. *In*: ATAIDE, C. A.;

SOUSA, V. V. (org.) **Língua, texto e ensino**: descrições e aplicações. Recife: Pipa Comunicação, 2018. p. 269-284.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Como posso te achar no facebook? Você me acha como... Questões sobre metonímia, modernidade líquida e emoção na antroponímia. **Revista Linguística**, v. 36, p. 81-101, 2020.

ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de. **Ajofe alcometria poderão viver juntos? As escolas diante das mudanças socioculturais ligadas à produção de cachaça artesanal na microrregião de Abaíra-BA**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Interfaces entre Dialectologia e História. *In*: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185. Documentos 2.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMAN, Mário Silfredo. (org.). *Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS: Cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

ALTINO, Fabiane Cristina; YIDA, Vanessa. Curau/Canjica: o que contam os dados das capitais. *In*: MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura; Ribeiro, Silvana Soares Ribeiro (org.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil, avaliações e perspectivas**. Salvador: Quarteto, 2015. p. 201-217. Documentos 5.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios).

ALVES, Ieda Maria. A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. p. 77-87. v. 2.

AMARAL, Camila Teixeira. As práticas governativas de Dom João de Lencastre no Atlântico Sul: a regulação do comércio da aguardente entre Angola e Brasil (1688-1702). *In*: RAGGI, Giuseppina *et al.* (org.). **Salvador da Bahia: Interações entre América e África (séculos XVI-XIX)**. Salvador: EDUFBA, 2017.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. [livro eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017. (Série Prazer de ler, n. 10).

ANDRADE, Mário de. Os eufemismos da cachaça. 29012 ed. *In: Correio paulistano*. São Paulo, 1950. p. 21. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/090972\\_10/4013](http://memoria.bn.br/docreader/090972_10/4013). Acesso em: 27 out. 2020.

ANDRADE, Mário de. Os eufemismos da cachaça. 29012 ed. *In: Correio paulistano*. São Paulo, 1950. p. 22. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/090972\\_10/4014](http://memoria.bn.br/docreader/090972_10/4014). Acesso em: 27 out. 2020.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulencia do Brazil**: por suas drogas e minas. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Ca, 1837.

APROVADA a divisão regional do Brasil. [s.d.]. **Memorial da democracia**. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/aprovada-a-divisao-regional-do-brasil>. Acesso em: 18 out. 2021.

ÁREAS territoriais dos municípios. [s.d.]. **IBGE**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 18 out. 2021.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa P. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1, 2.

ATLAS regionais. **ALiB**. [s.d.]. Disponível em: <https://alib.ufba.br/atlas-regionais>. Acesso em: 28 out. 2021.

AZEVEDO, Fernando de. **Canaviais e engenhos na vida política do Brasil**: ensaio sociológico sobre o elemento político na civilização do açúcar. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

BAHIA. [s.d.]. **IBGE Estados e Cidades**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba.html>. Acesso em: 18 out. 2021.

BAIANAS de acarajé, Certidão. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN**. 2004. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/BaianasdeAcarajeCertidao.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

BAIANAS de acarajé, Ofício. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN**. 2008. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Oficio\\_baianas\\_acaraje\\_titulo.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Oficio_baianas_acaraje_titulo.pdf). Acesso em: 18 out. 2021.

BAIÃO de Luiz Gonzaga. **Letras**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/261208/>. Acesso em: 8 out. 2021.

BALDINGER, Kurt. Semasiologia e onomasiologia. Tradução: Ataliba de Castilho. **Alfa**, São Paulo, v. 9, p. 7-36, 1966.

- BARBOSA, Flávio Aguiar. Um estudo sobre a palavra cachaça. *In*: HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e Semântica**: estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 171-182.
- BARCELONA, A. La metonimia conceptual. *In*: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. (ed.). **Lingüística Cognitiva**. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 123-146.
- BATORÉO, H. K. J. Linguística Cultural e o estudo do léxico da Língua Portuguesa (PE e PB): a linguagem em uso, os sentidos múltiplos e as operações de perspectiva competitiva. *In*: ALMEIDA, A. D.; SANTOS, E. S.; SOLEDADE, J. (ed.). **Saberes lexicais**: Mundos, mentes e usos. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 217-254.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENDITA marvada. Direção: John Porciuncula. Apresentação: Arthur Veríssimo. Consultoria: Isadora Bello Fornari. [S. l.: s. n.]. 2016. 13 episódios. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/mais-globosat/bendita-marvada/t/tBdMKx2tZb/>. Acesso em: 06 mar. 2021.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. A estrutura mental do léxico. *In*: **Estudos de Filologia Lingüística**. São Paulo: Quieroz/EDUSP, 1981. p. 131-145.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de hoje**, Porto Alegre: PUCRS, v. 22, n. 4, p. 81-96, dez. 1987.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Conceito Lingüístico de palavra. *In*: BASÍLIO, Margaria (org.). **A delimitação de unidades lexicais**. Rio de Janeiro: Grypho, 1999. p. 81-97.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. *In*: **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001. p. 13-22.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. A Lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. *In*: **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. p. 19-30. v. 2.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. *In*: **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. Unesp, 2005. p. 747-757. v. 2. Disponível em: [https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/228954/mod\\_resource/content/1/Bider](https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/228954/mod_resource/content/1/Bider)

man%20-%20Unidades%20complexas%20do%20lexico.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

BOLÉO, Manuel de Paiva. Relações da linguística com a Etnografia e o folclore. **Revista Portuguesa de Filologia**, Coimbra, v. 19, p. 249-281, 1991.

BOIADEIRO de Luiz Gonzaga. **Letras**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/204734/>. Acesso em: 8 out. 2021.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História do Brasil**: colônia. São Paulo: Renovada – FTD, 1997. v. 1.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 2005. (Série Princípios).

BRASÃO do estado do Ceará. **Brasão**. [s.d.] Disponível em: <https://brasao.org/brasao-do-estado-do-ceara/>. Acesso em: 8 out. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 30.643**, de 20 de março de 1952. Intitui o Centro de Pesquisas da casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 11 abr. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3551.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm). Acesso em: 18 out. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 4.062, de 21 de dezembro de 2001**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2001/D4062.htm#:~:text=DECRET O%20N%C2%BA%204.062%2C%20DE%202021,vista%20o%20disposto%20no%20art](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/D4062.htm#:~:text=DECRET O%20N%C2%BA%204.062%2C%20DE%202021,vista%20o%20disposto%20no%20art). Acesso em: 21 out. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 6.871, de 4 de junho de 2009**. Regulamenta a Lei nº 8.918, de 14 de julho de 1994, que dispõe sobre a padronização, a classificação, o registro, a inspeção, a produção e a fiscalização de bebidas. Presidência da República. Casa Civil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6871.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6871.htm). **Acesso em: 7 jun. 2018.**

BRASIL. **Instrução Normativa nº 13, de 29 de junho de 2005**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/inspecao/produtos-vegetal/legislacao-1/biblioteca-de-normas-vinhos-e-bebidas/instrucao-normativa-no-13-de-29-de-junho-de-2005.pdf/view>. Acesso em: 21 out. 2020.

BRASIL. **Instrução Normativa nº 58, de 19 de dezembro de 2007**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/inspecao/produtos-vegetal/legislacao-1/biblioteca-de-normas-vinhos-e-bebidas/instrucao-normativa-no-58-de-19-de-dezembro-de-2007.pdf/view>. Acesso em: 21 out. 2020.

BRASIL. **Secex e IBRAC criam “Aprendendo a Exportar Cachaça”**. Brasília/DF: Instituto Brasileiro da Cachaça (IBRAC), 2019. Disponível em: <http://www.ibrac.net/index.php/noticias/noticias-do-ibrac/516-secex-e-ibrac-criam-aprendendo-a-exportar-cachaca>. Acesso em: 24 out. 2020.

BREJO. **Destino Paraíba**. 2019. Disponível em: <https://www.destinoparaiba.pb.gov.br/brejo/>. Acesso em: 8 out. 2021.

CABRAL, Renan. 1959. Das ideias à ação, a Sudene de Celso furtado – oportunidade histórica e resistência conservadora. **Cadernos do Desenvolvimento**. v. 6, n. 8, maio 2011. p. 17-34. Disponível em: <http://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/248/229>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CACHAÇA Boa Luz. **Cachaçaria jardim das laranjeiras**. Disponível em: <http://jardimdaslaranjeiras.com.br/> Acesso em: 10 mar. 2022.

CACHAÇA 51. **51 Assinatura**: feita por quem sabe o que faz. Disponível em: <https://origin.cachaca51.com.br/assinatura>. Acesso em: 13 nov. 2020.

CACHAÇA Colonial. [s.d.]. **Cachaça Colonial no Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/cachacacolonial/photos>. Acesso em: 18 out. 2021.

CACHAÇA Engenho Lyra. **Cachaça Engenho Lyra**: empresa de alimentos e bebidas. Disponível em: <https://www.facebook.com/Cacha%C3%A7a-Engenho-Lyra-486261334748311/> Acesso em: 10 mar. 2022.

CACHAÇA e Semana de Arte Moderna. 2020. **Symppla**. Disponível em: [https://www.sympla.com.br/cachaca-e-semana-de-arte-moderna---98-anos-2702\\_\\_786570#info](https://www.sympla.com.br/cachaca-e-semana-de-arte-moderna---98-anos-2702__786570#info). Acesso em: 18 out. 2021.

CAETANO Veloso conta a história da música ‘Cajuína’. **Globoplay**. 2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3119899/>. Acesso em: 8 out. 2021.

CAJUÍNA. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN**. 2015. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Titulacao\\_cajuina.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Titulacao_cajuina.pdf) Acesso em: 8 out. 2021.

CALASANS, José. **Cachaça, Moça branca**: um estudo do folclore [1951]. Salvador: EDUFBA, 2014.

CALASANS, José. **José Calasans**: esboço biográfico. Disponível em: <http://josecalasans.com/biografia.html>. Acesso em: 20 abr. 2018.

CAMARA JÚNIOR, José Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CÂMARA, Marcelo. **Cachaça**: prazer brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

CAMPOS, Renato Carneiro. Recife: Igreja Política da Região/Instituto Joaquim Nabuco [s.d.], p. 17-18. *In*: CONDÉ, José. **A cana de açúcar na vida brasileira**: textos coligidos. Rio de Janeiro: Sociedade gráfica vida doméstica, 1971-1972. p. 111.

CANAL da cachaça. [s.d.]. **Canal da cachaça**. Disponível em: <https://canaldacachaca.com.br/>. Acesso em: 18 out. 2021.

CANDIDO, Wendy. Renata Alves é alvo de ataque racista na internet e desabafa: "O preconceito é uma doença". 2016. **Record TV**. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/hoje-em-dia/fotos/renata-alves-e-alvo-de-ataque-racista-na-internet-e-desabafa-o-preconceito-e-uma-doenca-14102018#!/foto/1>. Acesso em: 18 out. 2021.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix. 1996.

CHARACTERIZANDO o território nordestino. [s.d.]. **Sudene**. Disponível em: <http://www.sudene.gov.br/area-de-atuacao/regiao-nordeste-estatisticas/nordeste-em-numeros/caracterizacao-do-territorio-nordestino>. Acesso em: 18 out. 2021.

CARDOSO, Suzana Alice. Geolinguística: convergências e divergências na coleta de dados. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador: EDUFBA, v. 23-24, p. 143-153, jun./dez. 1999.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Que dimensões outras, que não a diatópica, interessam aos atlas lingüísticos? *In*: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOLOGIE ROMANES, 22., 1998, Bruxelas. **Actes [...]**. Tübingen: Niemeyer, 2000. p. 411-416. v. 3.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas Lingüístico de Sergipe II**. Salvador: EDUFBA, 2005. 2 v.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. QUESTIONÁRIOS. *In*: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al.* (org.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Vento Leste, 2013. Documentos 4.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014a. v. 1.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014b. v. 2.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialetologia. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso (org.). **Sociolinguística, sociolinguística**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016a.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**. v. 4, n. 2, p. 1-16, 2 mar. 2016b. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9088/6442>. Acesso em: 18 nov. 2017.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Estudos geolinguísticos: caminhos seguidos no território brasileiro. **Linguística**, v. 33, n. 1, p. 89-105, jun. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/ling/v33n1/2079-312X-ling-33-01-00089.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2020.

CARMEN Miranda, Camisa Listada. [s.d.]. 1 vídeo (3min6s). **Publicado pelo canal Canal Clessio Junior**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9f01BkrntYE>. Acesso em: 18 out. 2021.

CARVALHO, Gilmar de. **Patativa poeta pássaro do Assaré**. Entrevistador: Gilmar de Carvalho. Fortaleza: Inside Brasil, 2000. Disponível em: [https://issuu.com/revistafale/docs/patativa\\_poeta\\_p\\_\\_ssaro\\_do\\_assar](https://issuu.com/revistafale/docs/patativa_poeta_p__ssaro_do_assar). Acesso em: 26 jun. 2020.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. [1939]. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Prelúdio da Cachaça**. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1986. v. 2.

CASCUDO, Luis da Câmara, **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia da Alimentação no Brasil**. [livro eletrônico]. São Paulo: Global, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. [livro eletrônico]. São Paulo: Global, 2016.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **A influência das línguas africanas no português brasileiro**. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20090306200854/http://smec.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2019.

**ciencias acessarios para CATIRINA de Papete. Letras.** [s.d.]. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/papete/1515088/>. Acesso em: 2 out. 2021.

CAVALCANTE, Messias S. **A verdadeira história da cachaça.** São Paulo: Sá, 2011a.

CAVALCANTE, Messias S. **Todos os nomes da cachaça.** São Paulo: Sá, 2011b.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **La Dialectología.** Tradução: Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de medicina popular e das uso das familias, contendo a descrição das:** Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; e muitos conhecimentos uteis. (A-F) 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890. v. 1. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6947>. Acesso em: 4 nov. 2020.

CICLO do vinho: a madeira, a história. **Madeira.** Disponível em: <http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/a-madeira/historia/ciclo-do-vinho>. Acesso em: 26 set. 2020.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil. Questionários.** Londrina: Editora da UEL, 2001.

COMPLEXO cultural do bumba meu boi do Maranhão. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.** [s.d.] Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/80> Acesso em: 10 out. 2021.

CÔRREA, Cinara. Carlos Moura: o palmeirense que imortalizou o Mar de Pajuçara. **Tribuna do Agreste.** 2017. Disponível em: <https://www.tribunadoagreste.com.br/2017/03/carlos-moura-o-palmeirense-que-imortalizou-o-mar-de-pajucara/>. Acesso em: 8 out. 2021.

COSERIU, Eugenio. La geografía lingüística. **Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano,** Montevideo: Universidad de La Republica, n. 11, 1965.

COSERIU, Eugenio. **Sentidos e Tareas de la Dialectología.** México: Instituto de Investigaciones filológicas – Centro de Lingüística Hispánica, 1982.

COSERIU, Eugenio. Fundamentos e tarefas da sócio- e da etnolinguística. *In:* MELLO, Linalda de Arruda (org.) **Sociedade, Cultura & Língua:** ensaios de sócio e etnolinguística. João Pessoa: Shorin, 1990. Disponível em:

<http://www.romling.uni-tuebingen.de/coseriu/publi/coseriu247.pdf>. **Acesso** em: 26 maio 2019.

COSERIU, Eugenio. “Língua Histórica” e “Dialeto”. Tradução: Carolina Falck Grimm. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, p. 9-27, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87178>. Acesso em: 31 mar. 2020.

CRISTINE, Danielle. Cachaça de Abaíra é reconhecida com indicação geográfica. 2014. **SEBRAE Bahia**. Disponível em: <http://www.ba.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/BA/cachaca-de-abaira-e-reconhecida-com-indicacao-geografica,7d10ce6326c0a410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 18 out. 2021.

CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. [1999] Barcelona: Ariel, 2007.

DA COSTA E SILVA, Antônio Francisco. Zodíaco, Rio de Janeiro: Tip. Apolo, 1917, p. 124. *In*: CONDÉ, José. **A cana de açúcar na vida brasileira: textos coligidos**. Rio de Janeiro: Sociedade gráfica vida doméstica, 1971-1972. p. 173.

DÁ LICENÇA de contar. Direção: Pedro Soffer Serrano. Produzido por: Pedro Soffer Serrano. 2015. 1 vídeo (16 min). **Publicado pelo canal Adoniran Barbosa**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P5DV2I3Cblg>. Acesso em: 10 jul. 2018.

DE ENGENHO à indústria. **Pitú**. Disponível em: <http://www.pitu.com.br/a-pitu#historia>. **Acesso** em: 23 out. 2019.

DEL PRIORE, Mary. Do copo ao corpo e do corpo à alma. Cachaça, cultura e festa. *In*: **Cachaça: alquimia brasileira**. Rio de Janeiro: 19 design, 2005. p. 62-93.

DEL PRIORE, Mary. **Condessa de Barral: a paixão do imperador**. São Paulo: Pausa, 2020.

DIAS, Denise Gomes. Sobre artes, ofícios e linguagem: nota sobre uma abordagem etnolinguística. **Studia iberystyczne**, Kraków, n. 9, p. 65-75, 2010.

DIAS, Denise Gomes. O APFB: uma fonte para estudos linguístico-etnográfico. **Estudos Linguísticos e literários**, Salvador, n. 46, p. 215-232, jul./dez. 2012.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. 2014. Disponível em: [http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital](http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital). **Acesso** em: 26 maio 2018.

DIÈGUES JÚNIOR, Manuel. O engenho de açúcar no Nordeste. Ed. Serviços de Informação agrícola, 1952. p. 23-25. *In*: CONDÉ, José. **A cana de açúcar**

**na vida brasileira:** textos coligidos. Rio de Janeiro: Sociedade gráfica vida doméstica, 1971-1972. p. 163-165. (Coleção Canavieira, n. 7).

DIVISÃO regional. [s.d.]. **Portal 1**. Disponível em: <http://portal1.snirh.gov.br/arquivos/atlasrh2013/2-I-TEXTO.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

DIVISÃO Regional do Brasil. [s.d.]. **IBGE**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 18 out. 2021.

DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. **Linguística cognitiva:** em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências. Natal: EdUFRN, 2012.

DUQUE, Paulo Henrique. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 39, p. 25-48, jul./ago. 2015. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/902/829>. Acesso em: 13 abr. 2020.

DURANTI, Alessandro. **Antropologia linguística**. Madrid: Cambridge University, 2000.

ENGENHO CARAÇUÍPE Tradição de família. **Cachaça Caraçuípe**. [s.d.] Disponível em: <https://www.engenhocaracuipe.com.br/>. Acesso em: 9 mar. 2022.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2002.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; TAVARES, Dirce Encarnacion; GODOY, Herminia Prado. **Interdisciplinaridade na pesquisa científica**. Campinas: Papirus, 2015. (Coleção Práxis).

FEIJÓ, Atenéia. **Cachaça artesanal:** do alambique à mesa. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2001.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Semântica Cognitiva:** ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota *et al.* **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: UFBA – FUNDESC, 1987.

- FERREIRA, Manuela Barros *et al.* Variação linguística: perspectiva dialetológica. *In:* FARIA, Isabel Hub *et al.* **Introdução à linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996. p. 478-502.
- FERREIRA, Carlota. Atlas Prévio dos falares baianos: alguns aspectos metodológicos. *In:* AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998. p. 15-29.
- FIGUEIREDO, Luciano *et al.* **Cachaça: alquimia brasileira**. Rio de Janeiro: 19 design, 2005.
- FIGUEIREDO, Renato. **De Marvada a Bendita: história, gastronomia e as curiosidades da cachaça, a mais brasileira das bebidas**. São Paulo: Matrix, 2011.
- FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; VENÂNCIO, Renato Pinto. Águas ardentes: o nascimento da cachaça. *In:* **Cachaça: alquimia brasileira**. Rio de Janeiro: 19 design, 2005. p. 14-57.
- FRAZÃO, Dilva. José Américo de Almeida. **Ebiografia**. 2021. [https://www.ebiografia.com/jose\\_americo\\_de\\_almeida/](https://www.ebiografia.com/jose_americo_de_almeida/). Acesso em: 8 out. 2021.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Livraria José Olympio, 1951. (Coleção Documentos Brasileiros).
- FREYRE, Gilberto. 2º Guia prático e Sentimental de Cidade Brasileira. 4. ed. Olinda: José Olympio, 1968, p. 115. *In:* CONDÉ, José. **A cana de açúcar na vida brasileira: textos coligidos**. Rio de Janeiro: Sociedade gráfica vida doméstica, 1971-1972. p. 30. (Coleção Canavieira, n. 7).
- FREYRE, Gilberto. **A presença do açúcar na formação brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto do açúcar e do álcool, 1975. (Coleção Canavieira n. 16).
- GRANDE DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Dicionário eletrônico. **Disponível em:** <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=>. **Acesso em:** 12 maio 2018.
- GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas** [1973]. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ave Maria, 1973.
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. Ononímia ou Onomástica industrial. *In:* **Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1970. p. 177-208.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e Semântica**: estudos produtivos sobre palavras e significação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. (Português na prática).

HISTÓRIA da pinga ou agua ardente... 2019. 1 vídeo (1min43s). **Publicado pelo canal Cristiano Saantos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TCCN5MH61dg>. Acesso em: 18 out. 2021.

HISTÓRIA do Brasil: os 500 anos do país em uma obra completa, ilustrada e atualizada. Salvador: Correio da Bahia/Zero hora/RBS Jornal, 1998.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Caipira Picando Fumo, Almeida Junior. **História das Artes**, 2021. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/caipira-picando-fumo-almeida-junior/>. Acesso em: 18 out. 2021.

IMPERATRIZ Leopoldinense. 2001. **Galeria do Samba**. Disponível em: <http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/imperatriz-leopoldinense/2001/>. Acesso em: 18 out. 2021.

INCARCÂNU a tiortina. Parte I e II. Direção: Tau Tourinho; Gabriel Lopes Pontes. 2008. 1 vídeo (26 min). Produzido por NovoCinemaNovo. Disponível em: <http://www.falareconcavo.com.br/2015/02/incarcanu-tiortina-relembre-o.html>. Acesso em: 12 jul. 2021.

IORDAN, Iorgu. **Introdução à linguística românica**. Tradução: Júlia Dias Ferreira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

ISQUERDO, Aparecida Negri; TELES, Ana Regina. A rede de pontos. *In*: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014a. v. 1.

JACKSON do Pandeiro - Quem não sabe beber. [s.d.]. 1 vídeo (2min47s). **Publicado pelo canal Robson Guimarães**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PqR7N0EqAc>. Acesso em: 8 out. 2021.

JANGADA em Maceió. 2007. 1 vídeo (30s). **Publicado pelo canal Projeto Litoral**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_vjvP9\\_EX\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=_vjvP9_EX_I). Acesso em: 8 out. 2021.

JANGADEIROS, A Invenção do Ceará - bloco 1. [s.d.]. 1 vídeo (13min13s). **Publicado pelo canal FDR**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=mFG36a\\_5qSk](https://www.youtube.com/watch?v=mFG36a_5qSk). Acesso em: 8 out. 2021.

KALBERG, Luisa Galvão Bessa. **Atlas Linguístico do Acre – ALAC**: fronteiras léxicas. Rio Branco: Edufac, 2018.

KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. Tradução: Câmara Cascudo. *Brasiliana*, 1942, p. 353. *In*: CONDÉ, José. **A cana de açúcar na vida brasileira**: textos coligidos. Rio de Janeiro: Sociedade gráfica vida doméstica, 1971-1972. p. 216.

- LABOV, Willian. **Modelos Sociolingüísticos**. Madrid: Cátedra, 1983.
- LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução: Vera Maluf. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- LAMBACH, Jane Bernadete. **Vocabulário da cachaça: resgate e memória**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2002.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 22. ed. Rio de Janeiro: Jorge Azhar, 2008.
- LEITE DE VASCONCELOS, José. **Antroponímia portuguesa: tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes e apelidos, usados por nós desde a idade média até hoje**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Linguística e Antropologia. *In*: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução: Chaim Samuel Katz e Egnaldo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- LÉRY, Jean. **Viagem à terra do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. Disponível em: <http://fortalezas.org/midias/arquivos/1713.pdf>. Acesso em: 17 set. 2020.
- LEXIS – **Lexicografia Intercultural do sertão semiárido**. Disponível em: <http://www.lexiss.uneb.br/index.php>. Acesso em: 6 maio 2018.
- LIMA, Evanice Ramos. **O léxico dos trabalhadores na produção artesanal de fogos em Muniz Ferreira-BA**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- LIMA, Yara. Sergipanidade: conheça algumas manifestações culturais de Sergipe. **Negre**. 2020. Disponível em: <https://negre.com.br/sergipanidade-conheca-algumas-manifestacoes-culturais-de-sergipe>. Acesso em: 8 out. 2021.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2020.
- LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.
- LUCCHESI, Dante. Homogeneização linguística e clivagem etnossocial na história sociolinguística do Brasil. Salvador, 20 jun. 2020. 1 vídeo

(1h50min50s). **Publicado pelo canal Abralin ao vivo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4rg71y0gC48>. Acesso em: 31 jul. 2020.

LUDOVICUS, Instituto Câmara Cascudo. **Cascudo**. [s.d.] Disponível em: <http://www.cascudo.org.br/>. Acesso em: 8 out. 2021.

LUIZ Barbosa & Carmen Miranda: No tabuleiro da baiana - Ary Barroso - gravação de 1936. 2014. 1 vídeo (2min28s). **Publicado pelo canal Luciano Hortencio**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zxfC9Di0AOY>. Acesso em: 18 out. 2021.

LUIZ Gonzaga - Cana, só de Pernambuco. 2012. 1 vídeo (3min3s). **Publicado pelo canal Xico Pessoa**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0X2-iYe5p04>. Acesso em: 8 out. 2021.

LUZ para todos completa 15 anos atendendo 16 milhões de pessoas. 2018. **PT**. Disponível em: <https://www.pt.org.br/luz-para-todos-completa-15-anos-atendendo-16-milhoes-de-pessoas/>. Acesso em: 18 out. 2021.

MAPA DA CACHAÇA. **Tiquira - Aguardente do Brasil**. São Paulo, 15 maio 2011a. Disponível em: <https://www.mapadacachaca.com.br/artigos/tiquira-aguardente-do-brasil/#:~:text=A%20Tiquira%20%C3%A9%20um%20destilado,da%20mandioca%2C%20uma%20planta%20nativa>. Acesso em: 9 out. 2020.

MAPA DA CACHAÇA. **Os Tipos de Cachaça. São Paulo**, 15 jul. 2011b. 1 vídeo (5min24s). Publicado pelo canal Mapa da Cachaça. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JCZU5TsLZfk>. Acesso em: 3 jul. 2018.

MAPA DA CACHAÇA. **A origem do somelier de cachaça**. 16 mar. 2011c. Disponível em: <https://www.mapadacachaca.com.br/artigos/leandro-batista-a-origem-do-sommelier-de-cachaca/>. Acesso em: 18 out. 2021.

MAPA DA CACHAÇA. **'Cachaça' de Jambu**. São Paulo, 15 ago. 2012. Disponível em: <https://www.mapadacachaca.com.br/artigos/cachaca-de-jambu/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

MAPA DA CACHAÇA. **A origem da cachaça por Ricardo Maranhão**. São Paulo, 4 jul. 2014. 1 vídeo (2min). Publicado pelo canal Mapa da cachaça. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1v8UYhFdlo0> Acesso em: 17 set. 2020.

MAPA DA CACHAÇA. **Madeiras para envelhecimento da cachaça**. Mapa da cachaça, São Paulo, 24 jun. 2018. Disponível em: <https://www.mapadacachaca.com.br/artigos/madeiras-para-envelhecimento-da-cachaca/>. Acesso em: 23 out. 2020.

MAPA DA CACHAÇA. **A falsa história sobre a origem da cachaça**. São Paulo, 9 mar. 2019a. Disponível em: <https://www.mapadacachaca.com.br/artigos/a-falsa-historia-sobre-a-origem-da-cachaca/>. Acesso em: 8 jun. 2019.

MAPA DA CACHAÇA. **O que faz um cachacista, cachacier e cachaçólogo?**

São Paulo, 30 jul. 2019b. Disponível em:

<https://www.mapadacachaca.com.br/artigos/o-que-faz-um-cachacista-cachacier-e-cachacologo/>. Acesso em: 19 out. 2020.

MAPA DA CACHAÇA. **O que é uma cachaça estandardizada?** São Paulo, 31

agosto 2019c. Disponível em: <https://www.mapadacachaca.com.br/artigos/o-que-e-uma-cachaca-estandardizada/>. Acesso em: 21 out. 2020.

MAPA DA CACHAÇA. **Tiquira, a aguardente de mandioca do Maranhão.**

Mapa da cachaça, São Paulo, 9 dez. 2019d. Disponível em:

<https://www.mapadacachaca.com.br/artigos/tiquira-a-aguardente-de-mandioca-do-maranhao/> Acesso em: 8 mar. 2022

MAPAS históricos do Brasil. **Panmythica**. 2008. Disponível em:

<https://www.panmythica.com/2008/04/mapas-historicos-do-brasil.html>. Acesso em: 8 out. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A construção do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 124-145.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. Terceira edição. Curitiba: HD Livros, 1996.

MARTELOTTA, Mario Eduardo; PALOMANES, Roza. *Ligüística Cognitiva*. *In*: MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINET, André. **Elementos da linguística geral**. 8. ed. Tradução: Jorge Morais Barbosa. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1978.

MEDEIROS, Ilana Souto de; SANTOS, Ricardo Yamashita; MEDEIROS, Simone Cardoso Azevedo de. Modelos cognitivos idealizados: analisando os processos de comunicação. 2015. **Trabalho apresentado ao IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do 17º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal/RN, 2 a 04 jul. 2015**. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1575-1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.

MEDEIROS, Ilana Souto de; SANTOS, Ricardo Yamashita. Linguagem, ambiente e cognição: a caminho de uma perspectiva ecológica de categorização. **Revista do GELNE**, v. 19. n. 2, p. 183-192. jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11274>. Acesso em: 18 jul. 2017.

MELLO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina**. Disponível em: <file:///C:/Users/Sandra/Downloads/MORTE%20E%20VIDA%20SEVERINA%20-%20JOAO%20CABRAL%20DE%20MELO%20NETO.PDF>. Acesso em: 2 set. 2019.

MESQUITA, Gustavo Rodrigues. A nova divisão regional do Brasil: entre a experiência do federalismo oligárquico e a expectativa do desenvolvimento nacional. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, jul 2011. p. 1-15. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312987569\\_ARQUIVO\\_AnovadivisaoregionaldoBrasil-entreaexperienciadofederalismooligarquicoeaaexpectativadodesenvolvimentonacional.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312987569_ARQUIVO_AnovadivisaoregionaldoBrasil-entreaexperienciadofederalismooligarquicoeaaexpectativadodesenvolvimentonacional.pdf). **Acesso** em: 27 jul. 2020.

MICHAELIS MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. *Online*. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 2 mar. 2018.

MICHAELIS DICIONÁRIO ESCOLAR ESPANHOL. *Online*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/escolar-espanhol/>. Acesso em: 12 mar. 2021.

MOTT, Luiz. **Bahia**: inquisição e sociedade. Salvador: EDUFBA, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/yn>. Acesso em: 7 out. 2020.

MOTA, Jacyra Andrade. Atlas lingüístico de Sergipe: aspectos metodológicos *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolingüística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998. p. 79-99.

MOTA, Jacyra Andrade. Os atlas regionais e sua contribuição para o conhecimento do português do Brasil. *In*: SCHÖNBERGER, A.; GÄRTNER, E.; HUNDT, C. (org.). **Estudos de geolingüística do português americano**. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 141-158.

MOTA, Jacyra Andrade. Constituição do *corpus* do projeto ALiB: procedimentos metodológicos. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra Andrade (org.). **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil** - ALiB. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2003. p. 31-38. Documentos 1.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. *In*: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26. Documentos 2.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. 4. ed. rev. e ampl. Campinas: Pontes, 2002. p. 221-224.

MUSEU da Cachaça. 2017. 1 video (17min21s). **Publicado pelo canal Locais e Saberes**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=afqUFSPyJVc>. Acesso em: 18 out. 2021.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.

NO GRAVADOR de Inezita. 2017. Disponível em: <http://www.inezita.com.br/>  
Acesso em: 4 jan. 2020.

NOVAES, Fernando Valadares. Artes e ofícios da cachaça moderna. *In: Cachaça: alquimia brasileira*. Rio de Janeiro: 19 design, 2005. p. 97-109.

NOSSO Pai São Bento. [s.d.]. **Mosteiro de São Bento**. Disponível em: <https://mosteirodesaobento.com.br/institucional/espiritualidade/nosso-pai-sao-bento/>. Acesso em: 18 out. 2021.

O BOI DE CATIRINA. Vou te contar 2006 - Episódio 03. 2015. 1 vídeo (4min55s). **Publicado pelo canal Futura**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n6oO5Mg9Jdc>. Acesso em: 8 out. 2021.

OBJETIVOS. [s.d.]. **GELNE**. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/objetivos.php>. Acesso em: 18 out. 2021.

O CRAVINHO. [s.d.]. **Bebidas peculiares de Salvador**. Disponível em: <https://www.salvadorbahia.com/bebidas-peculiares-de-salvador/> Acesso em: 13 mar. 2022.

O ESPAÇO da cachaça. [s.d.]. **O Cachacista**. Disponível em: <https://ocachacista.com.br/>. Acesso em: 18 out. 2021.

O Homem Que Engarrafava Nuvens (2008) – Documentário. 1 vídeo (1h47min7s). **Publicado pelo canal Mídia Ninja**. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C6eMM7vYn-k>. Acesso em: 8 out. 2021.

O MARTÍRIO do Açúcar: os aspectos salvíficos da escravidão. [s.d.]. **História hoje**. Disponível em: <https://historiahoje.com/o-martirio-do-acucar-os-aspectos-salvificos-da-escravidao/>. Acesso em: 18 out. 2021.

ORIGEM do Baião e do Samba. [s.d.]. 1 vídeo (1min18s). **Publicado pelo canal Fabio Paganini**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=P\\_1JPAsynqo](https://www.youtube.com/watch?v=P_1JPAsynqo). Acesso em: 8 out. 2021.

PAIM, Marcela Moura Torres. Diversidade lexical do português falado na Bahia. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 46, p. 233-253, jul./dez. 2012.

PAIM, Marcela Moura Torres; SFÀR, Inés; MEJRI, Salah (org.). **Nas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolingüística**. Salvador: Quarteto, 2018.

PAIVA, André Luiz de *et al.* Fluxo das exportações brasileiras de cachaça: traços da influência do Estado no setor. **RESR**, Piracicaba, v. 55, n. 4, p. 733-

750, out./dez. 2017. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20032017000400733&script=sci_arttext)

[20032017000400733&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20032017000400733&script=sci_arttext). Acesso em: 24 fev. 2020.

PAIVA, Flávio. Tim-tim com Tiquira pelo boi do Maranhão. In: **O Povo:**

Caderno Vida & Arte. Fortaleza, 2019, pág. 2. Disponível em:

<http://www.flaviopaiva.com.br/artigos/tim-tim-com-tiquira-pelo-boi-do-maranhao/>

Acesso em: 8 mar. 2022

PARCEIROS de Luiz Gonzaga. **Gonzagão**. [s.d.]. Disponível em:

<https://gonzagao.com/parceiros-de-luiz-gonzaga/>. Acesso em: 8 out. 2021.

PATATIVA do Assaré. [s.d.]. **Pensador**. Disponível em:

[https://www.pensador.com/autor/patativa\\_do\\_assare/](https://www.pensador.com/autor/patativa_do_assare/). Acesso em: 18 out.

2021.

PEREIRA, Maria das Neves. **Atlas geolinguístico do litoral potiguar**. 2007.

Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PÉREZ, Antonia María Tristá. "Fuentes de las unidades fraseológicas. Sus

modos de formación". In: MORÉ, Zoila Victoria Carneado; PÉREZ, Antonia

María Tristá (ed.). **Estudios de fraseología**. La Habana: Academia de

Ciencias de Cuba, 1985. p. 67-90.

PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim; LOPES, Ivã Carlos. Semântica

Lexical. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística II: princípios de**

Análise. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 112-135.

PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. Brasileirismos e regionalismos. **Alfa**, v.

42, p. 109-120, 1998. Número especial. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4046>. Acesso em: 11 fev.

2021.

PITÚ. **Sobre história**. Disponível em: <http://www.pitu.com.br/sobre-historia>.

Acesso em: 6 ago. 2018.

PITÚ branquinha. [s.d.]. **Pitú**. Disponível em:

<http://www.pitu.com.br/produto/pitu-branquinha>. Acesso em: 18 out. 2021.

PITÚ. [s.d.]. **Pitú**. Disponível em: <http://www.pitu.com.br>. Acesso em: 18 out.

2021.

PISO salarial dos professores no Brasil. 2019. **Gazeta do Povo**. Disponível em:

<https://infograficos.gazetadopovo.com.br/educacao/piso-salarial-professor-no-brasil/>.

Acesso em: 18 out. 2021.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais**.

Tradução: Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

- PORQUE “nóis” bebe é whisky 4 letras (a vulgo #pitu). 2018. **Saudades do meu Nordeste no Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=257747371582471>. Acesso em: 18 out. 2021.
- POTTIER, Bernard. **Linguística Geral**: teoria e descrição. Tradução: Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença, 1978.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**: colônia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PRADO, Paulo. Retrato do Brasil. 6. ed. José Olympo, 1962, p. 58. *In*: CONDÉ, José. **A cana de açúcar na vida brasileira**: textos coligidos. Rio de Janeiro: Sociedade gráfica vida doméstica, 1971-1972. p. 34. (Coleção Canavieira, n. 7).
- PRODUÇÃO tradicional e práticas socioculturais associadas à Cajuína no Piauí. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN**. [s.d.] Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/87>. Acesso em: 8 out. 2021.
- PRODUTOS. [s.d.]. **Cachaça 51**. Disponível em: <https://www.cachaca51.com/produtos>. Acesso em: 18 out. 2021.
- PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 4 mar. 2020.
- RADTKE, E.; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. *In*: RADTKE, E.; THUN, H. **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.
- RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.* **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2013. v. 1.
- RAZKY, Abdelhak; GUEDES, Regis José da Cunha; COSTA, Eliane Oliveira da. Variação dos itens lexicais aguardente e bodega nas capitais brasileiras. *In*: MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura; Ribeiro, Silvana Soares Ribeiro (org.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil, avaliações e perspectivas**. Salvador: Quarteto, 2015. p. 273-285. Documentos 5.
- REBELDIA da Paraíba está registrada na bandeira. **Super interessante**. 1997. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/rebeldia-da-paraiba-esta-registrada-na-bandeira/>. Acesso em: 8 out. 2021.
- RECANTO CAIPIRA. **Ochelsis Laureano**. 2008. Disponível em: [https://www.recantocaipira.com.br/duplas/ochelsis\\_laureano/ochelsis\\_laureano.html](https://www.recantocaipira.com.br/duplas/ochelsis_laureano/ochelsis_laureano.html). Acesso em: 4 jan. 2020.

REFORMA Tributária: menos espaço para o mercado ilegal, mais arrecadação para o Brasil. [s.d.]. **Instituto Brasileiro da Cachaça – IBRAC**. Disponível em: <http://www.ibrac.net/index.php/noticias/noticias-do-ibrac/516-secex-e-ibrac-criam-aprendendo-a-exportar-cachaca>. Acesso em: 18 out. 2021.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 98. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

REIS, José Ribamar Sousa dos. **Bumba-meu-boi: o maior espetáculo popular do Maranhão**. 3. ed. São Luís, 2000.

REPORTER Maranhão. **Conheça os sotaques do bumba-meu-boi**. 2015. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/cultura/2015/06/conheca-os-sotaques-do-bumba-meu-boi>. Acesso em: 8 out. 2021.

RESPEITA Januário de Luiz Gonzaga. **Letras**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/47100/>. Acesso em: 8 out. 2021.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. [1922]. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano**. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa; ISQUERDO, Aparecida Negri; PAIM, Marcela Moura Torres. Fraseologismos na denominação de brinquedos e brincadeiras infantis no Atlas Linguístico do Brasil. **Guavira Letras**, Três Lagoas, n. 27, p. 30-46, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/689/510>. Acesso em: 12 mar. 2021.

ROLHA de sabugo de milho. 2018. Facebook: Orgulho de ser paraense. Disponível em: <https://www.facebook.com/OrgulhodeSerParaense/photos/sabugo-de-milho-a-melhor-rolha-que-existe-ecologicamente-corretatucupi-de-sol-um/1550177751758722/>. Acesso em: 8 out. 2021.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 203-242, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388>. Acesso em: 28 mar. 2020.

ROMANO, Valter Pereira. Desdobramentos, desafios e perspectivas da geolinguística pluridimensional no Brasil. In: MOTA, Jacyra Andrade *et al.* (org.). **Contribuições de estudos geolinguísticos para o estudo do**

**português brasileiro**: uma homenagem a Suzana Cardoso. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 11-39.

ROSSI, Nelson. **Atlas Prévios dos falares baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

ROSSI, Nelson. A Dialetoлогия. **Alfa**. v. 11, p. 89-116, 1967. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3299>. Acesso em: 14 mar. 2020.

ROSSI, Nelson. Os falares regionais do Brasil. *In*: O SIMPÓSIO DE PILEI, 1969, São Paulo. **Atas [...]**, São Paulo, 1969. p. 87-98.

SAKAI, Rogério H. Árvore do conhecimento: cana-de-açúcar. [s.d.]. **Embrapa**. Disponível em: <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/cana-de-acucar/arvore/CONT000fiog1ob502wyiv80z4s473agi63ul.html#>. Acesso em: 18 out. 2021.

SANTOS, Denise Gomes Dias. Modos de dizer e modos de fazer: reflexões sobre linguagem e trabalho. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 29. p. 9-27, jul./dez. 2003.

SANTOS, Denise Gomes Dias. **Os segredos da arte**: os carpinteiros navais do Baixo Sul da Bahia sob um olhar etnolingüístico. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SANTOS, Elisângela Santana dos. O estudo do significado sob a perspectiva da linguística/semântica cognitiva. **Ponto de Interrogação**: revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural – UNEB, Alagoinhas, v. 5, n. 1, p. 11-27, jan./jul. 2015.

SANTOS, Elisângela Santana dos; LINS, Helena Alencar. O verbo foder sob um olhar cognitivista. *In*: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos (org.). **Linguagens e Cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 47-72.

SANDRA. [s.d.]. **Dicionário de nomes próprios**. Disponível em: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/sandra/>. Acesso em: 18 out. 2021.

SAPIR, Edward. **Lingüística como ciência**: ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SAPIR, Edward. **A linguagem**: introdução ao estudo da fala. Tradução: Joaquim Mattoso Camara Jr. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971. v. 3.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. LÍNGUA, CULTURA, LÉXICO. p. 65-84. *In*: SOBRAL, Gilberto Nazzareno Teles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins. **Linguagem, Sociedade e Discurso**. São Paulo: Blucher, 2015.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Cachaça: cultura, origem, variações. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 52, ago./dez. 2015. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/15461>. Acesso em: 7 maio 2018.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Indicações geográficas brasileiras**. GIESBRECHT, Hulda Oliveira; ALMEIDA, Raquel Beatriz de Minas (coord). Brasília: Sebrae, INPI, 2016. Disponível em: [https://www.gov.br/inpi/pt-br/backup/arquivos/catalogo\\_IG\\_cachaca\\_web.pdf](https://www.gov.br/inpi/pt-br/backup/arquivos/catalogo_IG_cachaca_web.pdf). Acesso em: 24 nov. 2020.

SERGIPE. **IBGE**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/se.html> Acesso em: 8 out. 2021.

SERGIPE. **IBGE Cidades**. [s.d.]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/historico>. Acesso em: 8 out. 2021.

SERRA, Luís Henrique. A metáfora no discurso e no léxico especializado do micro e pequeno agricultor da cana-de-açúcar do Maranhão. **Domínios da Linguagem**: revista eletrônica de linguística, v. 5, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/13714>. Acesso em: 10 out. 2020.

SERTANÍLIA. Faixa 03 - Corre Canto [Álbum GRATIA]. 1 áudio (4min13s). **Publicado pelo canal Sertanília**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kTtuaWwP8-w>. Acesso em: 12 nov. 2020.

SERTANÍLIA. Faixa 2 - Vinheta Seu Joãozinho [Álbum GRATIA]. 1 áudio (45s). **Publicado pelo canal Sertanília**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IYOlyKZkclw>. Acesso em: 12 nov. 2020.

SERTANÍLIA. [s.d.] **Sertanília Gratia**. Disponível em: <http://www.sertanilia.com.br/sertanilia.aspx>. Acesso em: 18 out. 2021.

SERTÃO e muito mais. [s.d.]. **Museu da pessoa**. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/video/o-sertao-e-muito-mais-81265>. Acesso em: 18 out. 2021.

SETTE, Mário. Anquinhas e Bernardas. *In*: CONDÉ, José. **A cana de açúcar na vida brasileira**: textos coligidos. Rio de Janeiro: Sociedade gráfica vida doméstica, 1971-1972. p. 60-61. (Coleção Canavieira, n. 7).

SOBRE o canal FDR. **FDR**. [s.d.] Disponível em: <https://fdr.org.br/canalfdr/tvsobre/>. Acesso em: 8 out. 2021.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolinguística**: teoria y análisis. Madrid: Lhambra, 1989.

SILVA, Augusto Soares da. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 1, p. 59-101, 1997. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/323128700\\_A\\_Linguistica\\_Cognitiva\\_uma\\_breve\\_introducao\\_a\\_um\\_novo\\_paradigma\\_em\\_Linguistica](https://www.researchgate.net/publication/323128700_A_Linguistica_Cognitiva_uma_breve_introducao_a_um_novo_paradigma_em_Linguistica). Acesso em: 1 dez. 2019.

SILVA, Augusto Soares da. **A semântica do deixar**: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999.

SILVA, Augusto Soares da. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 7, p. 13-75, 2003.

SILVA, Augusto Soares da. Palavras, significados e conceitos: o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê**: Letras e Cognição, Rio de Janeiro, n. 41, p. 27-53, 2010.

SILVA, Augusto Soares da. Léxico, cognição e contexto: saliência, conceptualização situada em evidência quantitativa. *In*: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos, SOLEDADE, Juliana (org.). **Saberes lexicais**: mundos, mentes e usos. Salvador: EDUFBA, 2015.

SILVA, Djanilson Amorim da. Serrana é a bebida de pé inchado: normas e desvios no consumo de cachaça no Ceará. *In*: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 30., 2016, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa, UFPB, 2016. p. 1-17. Disponível em: [http://evento.abant.org.br/rba/30rba/files/1466467719\\_ARQUIVO\\_Serranaebebidadepeinchado-NormasedesviosnoconsumodecachacanoCeara.pdf](http://evento.abant.org.br/rba/30rba/files/1466467719_ARQUIVO_Serranaebebidadepeinchado-NormasedesviosnoconsumodecachacanoCeara.pdf) Acesso em: 20 abr. 2020.

SILVA, Jairo Martins da. **Cachaça**: o mais brasileiro dos prazeres. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2008.

SOLEDADE, Juliana. Antropônimos, uso e cognição. *In*: SOLEDADE, Juliana; SIMÕES NETO, Natival Almeida. **Nomes próprios**: abordagens linguísticas. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 17-50. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/33773>. Acesso em: 16 out. 2021.

SOUSA, Geralda Fátima de; ANTUNES, Paulo Roberto. Etnolinguística: uma breve incursão. **Revista Ágora**, v. 1, n. 1, p. 1-10, jun. 2017. Disponível em: <https://www.fasar.com.br/revista/index.php/agora/article/view/20>. Acesso em: 26 maio 2019.

SOUTO MAIOR, Mário. **Cachaça**: história, humor, medicina empírica, proibições, religião, serenata, sinonímia, sociologia e outros aspectos da aguardente no Brasil. Recife: Instituto do açúcar e do álcool, 1970-1971. (Coleção canaveira n. 3).

SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário Folclórico da Cachaça**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2013.

SPADER DE SOUZA, Diego; CHISHMAN, Rove. Frames e dicionários onomasiológicos: uma proposta na interface entre semântica cognitiva e lexicografia. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 75, 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/9855>. Acesso em: 7 abr. 2020.

SPERANDIO, Natália Elvira. O modelo Cognitivo idealizado no processamento metafórico. **Lingua, Linguística & Literatura**, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 75-96, jan./jun. 2014.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**: primeiros registros sobre o Brasil [livro eletrônico]. Tradução: Angel Bojadsen. Porto Alegre: L&PM, 2011. (Coleção L&PM Pocket).

TEIXEIRA, Cid. Brasil 500 anos. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, Salvador: IGHB, v. 96, p. 83-91, jan./dez. 2001.

TEIXEIRA, José. O equilíbrio caótico do significado linguístico. **Diacrítica Série Ciências da Linguagem**, Universidade do Minho, Braga, n. 18/1, p. 189-207, 2004.

TEIXEIRA, José. Organização conceptual das categorias e a lexicalização de um protótipo (fruta). **Diacrítica – Série Ciências da Linguagem**, Universidade do Minho, Braga, n. 19/1, p. 239-280, 2005.

TEIXEIRA, José. “Modelos semânticos e variação diatópica” *In*: BERNARDO, Maria Clara Rolão; MONTENEGRO, Helena Mateus (org.). ENCONTRO DE ESTUDOS DIALECTOLÓGICOS, 1., 2006, Ponta Delgada. **Actas do [...]**. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2006. p. 363-380.

TEIXEIRA, José. Metonímias e metáforas no processo de referência por alcunhas do Norte de Portugal. **Diacrítica Série Ciências da Linguagem**, Univeridade do Minho, Braga, n. 21/1, p. 207-239, 2007.

TEIXEIRA, José. O léxico também usa prada?: léxico, cognição e publicidade. *In*: ALMEIDA, A. D.; SANTOS, E. S.; SOLEDADE, J. (ed.). **Saberes lexicais: Mundos, mentes e usos**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 279-314.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. **Cartografia e georreferenciamento na Geolinguística**: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes. 2018. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

TRADICIONAL caruru de Santa Bárbara acontece na quarta. 2019. **Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia**. Disponível em: <http://www.ssp.ba.gov.br/2019/12/6876/Tradicional-caruru-de-Santa-Barbara-acontece-na-quarta-4.html>. Acesso em: 18 out. 2021.

TRINDADE, Alessandra Garcia. **Cachaça**: um amor brasileiro. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

THUN, Harald. O velho e o novo na geolinguística. Tradução: Carolina Falck Grimm. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, p. 59-81, jan./jun. 2017a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87208>. Acesso em: 4 abr. 2020.

THUN, Harald. A variação na interação entre informante e entrevistador. Tradução: Cléo Vilson Altenhoefen; Filipe Neckel. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, p. 82-107, jan./jun. 2017b. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/%20article/view/87180/50001>. Acesso em: 6 abr. 2020.

ULMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VELARDE, Manuel Casado. **Lenguaje y cultura**: la etnolinguística. Madrid: Editorial Síntesis, 1991.

VERSÍCULOS sobre vinho. **Bíblia sagrada online**. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/vinho/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

20ª MISSA do Cangaço será celebrada na Grota do Angico. **Sergipe Governo do Estado**. 2017. Disponível em: <https://www.se.gov.br/noticias/Desenvolvimento/20-missa-do-cangaco-sera-celebrada-na-grota-do-angico>. Acesso em: 8 out. 2021.

VILELA, Mário. O léxico do português: perspectivação geral. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo: USP, n. 1, p. 31-50, 1997.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA (VOLP). Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 8 out. 2021.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. L. **Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

YIDA, Vanessa. **O campo semântico da alimentação e cozinha no Atlas Linguístico do Brasil – ALIB – um estudo lexical nas capitais**. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

ZAGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org). **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998. p. 31-54.

ZÉ CIRILO NA TV. Tiquira Timbotiba Fábrica Parte 1. 13 maio 2014. 1 vídeo (13min12s). **Publicado pelo canal Zé Cirilo na TV**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9SunKXZDqnw>. Acesso em: 4 out. 2020.

ZURLO, Cida. Criadora de sabores. **Estado de Minas**, domingo, 21 jan. 2018. Disponível em: <http://cachacie.com.br/wp-content/uploads/2018/01/Cida-Zulo-EM-1.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2020.



	HF2F	Cachaça								
	MF2F	NÃO OBTIDA								
Bacabal	HF1F		Cachaça				51, Fubua			
	MF1F	NÃO OBTIDA								
	HF2F	Cachaça								
	MF2F	Cachaça								



	HF2F	Cachaça								
	MF2F	Cachaça								
Alto Parnaíba	HF1F		51					Cana do engenho, Tampa de sabugo, Cachaça	Fubua	
	MF1F		51				Caninha	Pinga		
	HF2F	Cachaça								
	MF2F	Cachaça								

## APÊNDICE B – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DO PIAUÍ

PIAUI										
Referentes		Pergunta inicial					Desdobramentos da Pergunta inicial			
Localidades	Informantes	Item único	Primeiro item	Segundo item	Terceiro item	Quarto item	Chama de outro jeito ou Similar	INQ. parte da resposta do INF.	Iniciativa do informante	Outros tipos de Pergunta
Teresina	HF1F		51	Mangueira				Cachaça, Serrana		
	MF1F		Cachaça					Goró		
	HF2F		Cachaça				Cana			
	MF2F		Cachaça				Pinga			
	HF1U		Cachaça				Pinga, Branquinha			Aguardente, Cana, Caninha, Serrana
	MF1U		Aguardente				Cachaça			
	HF2U		Cachaça				Pinga			
	MF2U		Cachaça				Pitú			
Piripiri	HF1F	Aguardente								
	MF1F		Aguardente				Aguardente de cana			

	HF2F		Cachaça					Serrana, Aguardente		
	MF2F	Cachaça								
Picos	HF1F		Cachaça					Pinga		
	MF1F	Cachaça								
	HF2F		Cachaça					Pinga, Pitú		
	MF2F	Cachaça								
Canto do Buriti	HF1F		51				Cachaça	Pinga		
	MF1F		Cachaça					51		Pinga
	HF2F		Cachaça					Pinga, Álcool		
	MF2F		Cachaça					Pinga		
Corrente	HF1F		Cachaça				Pinga			
	MF1F		Cachaça				51			
	HF2F	Cachaça								
	MF2F		Cachaça					Tampa de sabugo, 29		



	MF2F	Cachaça							
Sobral	HF1F		Cachaça				Pinga		
	MF1F		Cachaça						Ypióca
	HF2F		Cachaça				Pinga		
	MF2F	Cachaça							
Ipu	HF1F		Cachaça					Pinga	
	MF1F	Cachaça							
	HF2F	Cachaça							
	MF2F	Cachaça							
Canindé	HF1F		Ypióca					Cachaça	
	MF1F		Ypióca					Cana, Pinga	Birita
	HF2F		Cachaça				Aguardente		
	MF2F	Cachaça							



Tauá	HF1F	Cachaça							
	MF1F		Ypióca					Pinga, Cana	
	HF2F	Cachaça							
	MF2F	Cachaça							
Igatú	HF1F		Aguardente				Cachaça		
	MF1F	Cachaça							
	HF2F	NÃO OBTIDA							
	MF2F	Cachaça							
Crato	HF1F	Cachaça							
	MF1F	NÃO OBTIDA							
	HF2F		Aguardente				Cachaça, Pinga		
	MF2F	Cachaça							

## APÊNDICE D – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DO RIO GRANDE DO NORTE

RIO GRANDE DO NORTE										
Referentes		Pergunta inicial					Desdobramentos da Pergunta inicial			
Localidades	Informantes	Item único	Primeiro item	Segundo item	Terceiro item	Quarto item	Chama de outro jeito ou Similar	INQ. parte da resposta do INF.	Iniciativa do informante	Outros tipos de Pergunta
Natal	HF1F		Pitú	Cachaça				Birita		
	MF1F	NÃO OBTIDA								
	HF2F		Aguardente				Aguardente de cana, Pinga, Cachaça			Uca, Cana, Birita, Mé
	MF2F		Cana	Pitú				Aguardente Cachaça		
	HF1U		Cachaça				Cana, Birita			
	MF1U		Cachaça				Cana, Pinga			
	HF2U		Cachaça	Aguardente	Pinga					
	MF2U		Cachaça				Pinga, Cana			
Mossoró	HF1F	Cachaça								
	MF1F		Pitú					Cana		Cachaça
	HF2F		Cachaça					Pitú, Cana		
	MF2F		Cachaça				Pitú, 51			

Angicos	HF1F		Cachaça					Pinga, Aguardente		
	MF1F		Pitú				51	Cachaça		
	HF2F		Cachaça				Pitú, Brejeira			
	MF2F		Pitú				Aguardente			
Pau dos Feros	HF1F		Cachaça				Álcool			
	MF1F		Cachaça					Pinga		
	HF2F	Cachaça								
	MF2F		Garapa					Branquinha		Cachaça
Caicó	HF1F		Pitú	Cana				Aguardente		
	MF1F		Pitú	Cana					Cachaça	
	HF2F	Cana								
	MF2F		Pitú					Cachaça		

## APÊNDICE E – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DA PARAÍBA

PARAÍBA										
Referentes		Pergunta inicial					Desdobramentos da Pergunta inicial			
Localidades	Informantes	Item único	Primeiro item	Segundo item	Terceiro item	Quarto item	Chama de outro jeito ou Similar	INQ. parte da resposta do INF.	Iniciativa do informante	Outros tipos de Pergunta
João Pessoa	HF1F		Cachaça				Cana	Pinga, Cana de cabeça		São Paulo, 51
	MF1F	Cana								
	HF2F	Cachaça								
	MF2F		Cana	Cachaça						
	HF1U		Cachaça				Cana			
	MF1U		Cana	Pinga						
	HF2U		Cachaça	Cana	Aguardente					
	MF2U		Cana				Aguardente			Cachaça
Cuité	HF1F		Cachaça				Pitú, Cana de cabeça			
	MF1F	Cachaça								
	HF2F		Cachaça				Pitú	Aguardente, Cana de cabeça		
	MF2F		Cana					Pinga		

Cajazeiras	HF1F		Cachaça				Cana			
	MF1F		Cachaça				51, Cana			
	HF2F		Cachaça				Aguardente			
	MF2F		Cachaça					Pinga, Pitú		
Itaporanga	HF1F		Cachaça				Cana, Pinga			
	MF1F		Cachaça					Pitú		
	HF2F	Cachaça								
	MF2F		Cachaça				Cana			

Referentes		Pergunta inicial					Desdobramentos da Pergunta inicial			
Localidades	Informantes	Item único	Primeiro item	Segundo item	Terceiro item	Quarto item	Chama de outro jeito ou Similar	INQ. parte da resposta do INF.	Iniciativa do informante	Outros tipos de Pergunta
Patos	HF1F	Cana								
	MF1F	Cana								
	HF2F		Cachaça	Pinga	Cana de cabeça					
	MF2F		Cachaça				Pinga			
Campina Grande	HF1F		Cachaça				Aguardente			
	MF1F		Cachaça					Cana, Pinga		
	HF2F	Pinga								
	MF2F		Cachaça					Pinga		Mel

## APÊNDICE F – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DE PERNAMBUCO

PERNAMBUCO										
Referentes		Pergunta inicial					Desdobramentos da Pergunta inicial			
Localidades	Informantes	Item único	Primeiro item	Segundo item	Terceiro item	Quarto item	Chama de outro jeito ou Similar	INQ. parte da resposta do INF.	Iniciativa do informante	Outros tipos de Pergunta
Recife	HF1F	Cachaça								
	MF1F	Cachaça								
	HF2F	Aguardente de cana								
	MF2F		Cachaça				Pitú			
	HF1U		Cachaça	Cana			Caninha			
	MF1U		Pitú					Aguardente	Cana	Caninha
	HF2U		Cachaça	Pinga						Branquinha
	MF2U		Cachaça	Aguardente			Pinga			
Exu	HF1F	Cachaça								
	MF1F		Ypióca					Cachaça		
	HF2F	Cachaça								
	MF2F	Cachaça								
Salgueiro	HF1F		Cachaça				Cana		Pinga	

	MF1F		Pinga							Cachaça
	HF2F	Cachaça								
	MF2F		Cachaça	Pinga						
Limoeiro	HF1F		Pitú				Cachaça			
	MF1F		Cachaça	Pitú						
	HF2F		Pitú					Branquinha		
	MF2F		Aguarden te				Pitú			
Olinda	HF1F		Cana	51	Pitú					
	MF1F		Cana				Cachaça			Pitú
	HF2F		Aguarden te						Cana	
	MF2F		Pitú				Cachaça, Pinga			

Referentes		Pergunta inicial					Desdobramentos da Pergunta inicial			
Localidades	Informantes	Item único	Primeiro item	Segundo item	Terceiro item	Quarto item	Chama de outro jeito ou Similar	INQ. parte da resposta do INF.	Iniciativa do informante	Outros tipos de Pergunta
Afrânio	HF1F		Cachaça				Pitú			
	MF1F	Cachaça								
	HF2F	Cachaça								
	MF2F		Pitú	Cachaça			Cana			
Cabrobó	HF1F		Pitú				51			Cachaça
	MF1F		Cachaça				Pitú			Pinga
	HF2F		Aguardente	Batucada	Serra Grande	51				Pitú
	MF2F		Cachaça					Pitú		Aguardente
Arcoverde	HF1F		Cachaça				Aguardente de cana			
	MF1F		Aguardente				Cana			
	HF2F	Aguardente								
	MF2F		Pitú				Aguardente			Pinga
Caruaru	HF1F		Pitú	Cachaça			Pinga			
	MF1F		Pitú				Caninha			Cana
	HF2F		Serra Grande							Pitú, 51
	MF2F		Aguardente				Cachaça			

Floresta	HF1F		Cachaça					Pitú, 51		
	MF1F		Cachaça				Pinga			
	HF2F		Pitú				Pinga			
	MF2F		Cachaça				Pitú			Preá



## APÊNDICE G – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DE ALAGOAS

ALAGOAS										
Referentes		Pergunta inicial					Desdobramentos da Pergunta inicial			
Localidades	Informantes	Item único	Primeiro item	Segundo item	Terceiro item	Quarto item	Chama de outro jeito ou Similar	INQ. parte da resposta do INF.	Iniciativa do informante	Outros tipos de Pergunta
Maceió	HF1F	Cachaça								
	MF1F		Cachaça					51		
	HF2F		Pitú				Caninha			Cachaça
	MF2F		Cachaça				Aguardente			
	HF1U		Aguardente				Pitú			
	MF1U		Cachaça				Pinga			Água que passarinho não bebe
	HF2U	Cachaça								
	MF2U		Aguardente				Pinga, Cachaça			
União dos Palmares	HF1F		Cachaça				Pinga			
	MF1F		51							Caninha
	HF2F		Cachaça				Pinga			
	MF2F		Aguardente				Cachaça, Pitú			
	HF1F		Cachaça	Pinga						

Santana do Ipanema	MF1F		Cachaça				Pinga, Pitú		Aguardente	
	HF2F	Cachaça								
	MF2F		Cachaça				Pinga			
Arapiraca	HF1F		Cachaça				Pinga			
	MF1F		Cachaça				Pitú			51
	HF2F		Aguardente				Cachaça			
	MF2F		Cachaça				Aguardente			

APÊNDICE H – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS – INFORMANTES DE SERGIPE

SERGIPE										
Referentes		Pergunta inicial					Desdobramentos da Pergunta inicial			
Localidades	Informantes	Item único	Primeiro item	Segundo item	Terceiro item	Quarto item	Chama de outro jeito ou Similar	INQ. parte da resposta do INF.	Iniciativa do informante	Outros tipos de Pergunta
Aracaju	HF1F		51					Pura		
	MF1F	Cachaça								
	HF2F		Cachaça pura	Pinga			Cachaça			
	MF2F		Pinga					Cachaça pura, Cachaça		
	HF1U		Aguardente	Cachaça						
	MF1U	Cachaça								
	HF2U		Cachaça				Pinga, Aguardente			
	MF2U		Cachaça				Pura, Limpa			
Propriá	HF1F		Limpa							Cachaça
	MF1F		Cachaça				Pinga			
	HF2F		Cachaça				Pinga			
	MF2F		Cachaça				Pitú, 21, 71			

Estância	HF1F		Cachaça				Cana, Fubua			
	MF1F	Cachaça								
	HF2F		51				Destilada	Cachaça, Cachaça limpa, Caninha		Cachaça destilada
	MF2F		Cachaça				21			



<b>Jeremoabo</b>	HF1F		51	Pitú	Tatuzinho	Jangada	Cachaça sergipana, Cachaça limpa	Terra preta		
	MF1F		Cachaça limpa					Cachaça		
	HF2F		Cachaça	Aguardente de cana			Pinga, Birita			
	MF2F		Aguardente	Cachaça						
<b>Euclides da Cunha</b>	HF1F	Caninha								
	MF1F		51	Pitú				Cachaça branca		
	HF2F		Cachaça				Quiboa, Fubúia, Cruaca, Porre			Pinga
	MF2F		Cachaça					Pinga		

Referentes		Pergunta inicial					Desdobramentos da Pergunta inicial			
Localidades	Informantes	Item único	Primeiro item	Segundo item	Terceiro item	Quarto item	Chama de outro jeito ou Similar	INQ. parte da resposta do INF.	Iniciativa do informante	Outros tipos de Pergunta
Barra	HF1F		Cachaça				Pinga, Manguaça			
	MF1F		Pinga							Branquinha
	HF2F		Cachaça				Pinga, Fubuia			
	MF2F		Cachaça					Pinga		
Irecê	HF1F		51					Cachaça		3 fazendas, Pinga
	MF1F	Caninha da roça								
	HF2F		Cachaça				Pinga			
	MF2F	Cachaça								
Jacobina	HF1F	Cachaça								
	MF1F		Cachaça				Cana			
	HF2F		Cabeceira do rio					Cachaça		Caninha
	MF2F		Cachaça				Pinga			
Barreiras	HF1F		Pinga				Cachaça			

	MF1F		Pinga				Cachaça			
	HF2F		Cachaça				Pinga, Pinga baiana, Verejeira			
	MF2F		Cachaça	Pinga						
<b>Alagoinhas</b>	HF1F		Tiortina					Cachaça pura, Cachaça		
	MF1F		Cachaça				Pinga			Bufu-bufu
	HF2F		Aguardente				Cachaça			
	MF2F		Cachaça				Aguardente			
<b>Seabra</b>	HF1F		Cachaça				Pinga, Abaíra			
	MF1F		Pinga	Cachaça						
	HF2F	Cachaça								
	MF2F		Cachaça				Pinga			



	HF2F		Pinga destilada	Cachaça destilada				Pinga, Cachaça, Aguardente		Januária, 51, Caribé
	MF2F		Cachaça							Caninha, Incha pé
<b>Jequié</b>	HF1F		Cachaça				Destilada			
	MF1F		51					Cachaça, Pinga		
	HF2F		Pinga	Incha pé						
	MF2F	Cachaça								

Referentes		Pergunta inicial					Desdobramentos da Pergunta inicial			
Localidades	Informantes	Item único	Primeiro item	Segundo item	Terceiro item	Quarto item	Chama de outro jeito ou Similar	INQ. parte da resposta do INF.	Iniciativa do informante	Outros tipos de Pergunta
<b>Caitité</b>	HF1F		Pinga				Cachaça			
	MF1F		Cachaça				Pinga			
	HF2F		Cachaça					Pinga		
	MF2F	Cachaça								
<b>Carinhanha</b>	HF1F		Cachaça				Fubua			
	MF1F		Pinga				Cachaça, Aguardente			
	HF2F		Cachaça					Brejeira		
	MF2F		Cachaça				Pinga	Fubua		
<b>Vitória da Conquista</b>	HF1F		Pinga 51				Aguardente			
	MF1F		Pinga	Cachaça						
	HF2F		Cachaça				Pinga			
	MF2F	Cachaça								
<b>Ilhéus</b>	HF1F		Cachaça				Pinga, Bрита			
	MF1F		Cachaça				Pinga			
	HF2F		Cachaça					Caninha		
	MF2F	Cachaça								
<b>Itapetinga</b>	HF1F		Cachaça	Pinga						

	MF1F	Cachaça							
	HF2F		Cachaça				Pinga		
	MF2F		Cachaça	Pinga			Aguardente		
<b>Santa Cruz de Cabralia</b>	HF1F		Pinga					Cachaça	
	MF1F		Cachaça				Pinga		
	HF2F		Cachaça				Birita, Pinga, Incha pé		
	MF2F		Cachaça					Pinga	
<b>Caravelas</b>	HF1F		Pinga					Cachaça, Branquinha	
	MF1F		Cachaça				Pinga		
	HF2F		Pé de cana				Cachaça	Pinga	
	MF2F	Cachaça							

## APÊNDICE J – DICIONARIZAÇÃO DOS NOMES COMUNS

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
<b>Aguardente</b>	<p>substantivo feminino bebida de teor alcoólico elevado, obtida pela destilação do caldo da cana-de-açúcar, do vinho, do bagaço de uvas, de cereais, raízes, tubérculos, frutos e outros produtos vegetais doces, depois de fermentados sinônimos ver sinonímia de cachaça homônimos aguardente(fl. aguardentar) <b>LOCUÇÃO</b> aguardente de cana 1 m.q. cachaça (no sentido de 'aguardente extraída do melaço')</p> <p>1.1 aguardente que se obtém por meio da fermentação e destilação simples do sumo ou do mosto da cana-de-açúcar, com teor alcoólico entre 38 % e 54 % [A graduação alcoólica, bem como a matéria-prima us. na fabricação da aguardente de cana, é item da legislação brasileira específica, expressa no Decreto 4.851, de 2 de outubro de 2003.</p>	<p>sf Bebida de alto teor alcoólico produzida pela destilação do sumo da uva, da cana, dos cereais, da mandioca, das frutas doces e de quaisquer outros produtos sujeitos à fermentação: “A revolução afinal foi completa: a aguardente de cana substituiu o vinho; a farinha de mandioca sucedeu à broa [...]” (AA1 - Aluísio Azevedo - o cortiço). <b>EXPRESSÕES</b> Aguardente da cabeça: aguardente que é, em geral, feita de flores aromatizadas e que se destila em primeiro lugar; cachaça da cabeça. Aguardente canforada: solução de cânfora e aguardente comum. Aguardente de cana: V cachaça, acepção 1.</p>	<p>sf. 1. Bebida alcoólica com alto teor de álcool (40 a 60%), resultante da destilação de plantas, frutas, cereais etc. depois de fermentados. 2. Bras. Cachaça. [Tb. aguardente de cana.]</p>	<p>É o produto da fermentação e posterior destilação do caldo-da-cana. Em síntese: é a destilação do caldo-de-cana fermentado, diz Valsechi. Aurélio Buarque de Holanda dicionarizou o vocábulo como bebida alcoólica extraída da cana-de-açúcar, do vinho, da cidra, do trigo, da batata etc. A cachaça, segundo afirma Valsechi, é a destilação da borra do mel de engenho. Área geográfica: quimicamente, aguardente é um vocábulo universal, popularmente é conhecido em todo Brasil. [...]</p>	<p>SE, AL, PE, PB RN, CE, PI, MA, BA</p>

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
<b>Aguardente de cana</b>	Loc. 1 m.q. cachaça (no sentido de 'aguardente extraída do melaço')1. 1 aguardente que se obtém por meio da fermentação e destilação simples do sumo ou do mosto da cana-de-açúcar, com teor alcoólico entre 38 % e 54 % [A graduação alcoólica, bem como a matéria-prima us. na fabricação da aguardente de cana, é item da legislação brasileira específica, expressa no Decreto 4.851, de 2 de outubro de 2003.	Expressões aguardente V cachaça, acepção 1.	Em Aguardente: 2. Bras. Cachaça. [Tb. aguardente de cana.] Locução - Aguardente de cana1 Cachaça.	Não registrado	PE, RN, PI, BA
<b>Água que passarinho não bebe</b>	Locução de água. Aguardente de cana; cachaça	Em expressões de Água. Água que passarinho não bebe, COLOQ: V cachaça, acepção 1.	sf. 1. Bras. Pop. Aguardente, cachaça. [PI.: águas que passarinho não bebe.]	Eufemismo de cachaça segundo Edson Carneiro, Aurélio Buarque de Holanda, Mário de Andrade, Pereira da Costa e Mauro Mota. Área Geográfica: Bahia, São Paulo e Pernambuco. Acontece, entretanto, ser esta locução atualmente usada em todo o Brasil. [...]	AL, CE

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
<b>Álcool</b>	<p>1 quím classe de compostos orgânicos de fórmula R-OH na qual R é um radical alquila [Us. em petroquímica, farmacologia, em solventes, bebidas etc.; informalmente substitui designações como álcool etílico ou etanol]</p> <p>2 p.ext. qualquer pó finíssimo produzido por trituração ou esp. por sublimação</p> <p>3 p.ext. qualquer bebida alcoólica, esp. vinhos e bebidas brancas</p> <p>4 (1712) p.metf. o espírito do vinho</p>	<p>álcool. ál-co-ol sm</p> <p>1 QUÍM Composto orgânico resultante da substituição de um ou mais átomos de hidrogênio dos hidrocarbonetos por uma hidroxila, de fórmula R-OH em que R é um radical alquila; largamente usado na indústria petroquímica, na medicina e na fabricação de bebidas.</p> <p>2 QUÍM V álcool etílico.</p> <p>3 Qualquer bebida alcoólica, especialmente vinhos e bebidas destiladas.</p> <p>4 POR EXT O espírito do vinho.</p>	<p>1. Quím. Líquido incolor, inflamável, que evapora rapidamente, obtido pela fermentação de substâncias açucaradas ou por processos sintéticos; ETANOL</p> <p>2. Qualquer bebida que contenha essa substância.</p>	Não registrado	RN, PI, MA, BA
<b>Birita</b>	<p>Substantivo feminino B; infrm.</p> <p>1 aguardente de cana; cachaça</p> <p>2 p.ext. qualquer bebida alcoólica, esp. destilada</p> <p>sinônimos</p> <p>ver sinonímia de cachaça</p> <p>homônimos</p> <p>birita(fl.biritar)</p>	<p>sf</p> <p>COLOQ</p> <p>1 V cachaça, acepção 1.</p> <p>2 Qualquer bebida alcoólica, principalmente destilada.</p>	<p>Bras. sm.</p> <p>1. Qualquer tipo de bebida alcoólica</p> <p>2. Aguardente de cana; CACHAÇA</p>	Eufemismo de cachaça	RN, CE, BA

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
<b>Branquinha</b>	<p>substantivo feminino</p> <p>1 B; infm. aguardente de cana (branca); cachaça</p> <p>2 B; drg. cocaína</p> <p>3 B, N. expediente fraudulento para se conseguir algo ‹fazer uma b.›</p> <p>4 RJ; cr. arma branca</p> <p>5 ict design. comum a diversas spp. de peixes teleósteos caraciformes, fluviais, da fam. dos caracídeos e curimatídeos</p> <p>5.1 ict; B peixe teleósteo caraciforme da fam. dos caracídeos (Charax gibbosus), que ocorre na Amazônia, Guiana e Paraguai, de até 15 cm de comprimento e coloração prateada com pontos esverdeados; giboso [Espécie ornamental.]</p> <p>5.2 ict; B peixe teleósteo caraciforme da fam. dos caracídeos (Anodus latior), que ocorre na Amazônia, Paraguai e Suriname, de corpo fusiforme e prateado e boca desprovida de dentes</p> <p>6 ict; MA m.q. peixe-branco (Psectrogaster rhomboides)</p> <p>7 met; SP m.q. geada branca</p>	<p>sf</p> <p>1 ZOOLOG Peixe teleósteo caraciforme, da família dos caracídeos (Charax gibbosus), de água doce, encontrado na Amazônia, na Guiana e no Paraguai, de cor prateada, com pontos esverdeados; giboso.</p> <p>2 ZOOLOG Peixe teleósteo caraciforme (Anodus latior), da família dos caracídeos, de cor prateada, encontrado na Amazônia, no Suriname e no Paraguai.</p> <p>3 Aguardente de cana; cachaça, pinga.</p> <p>4 COLOQ V cocaína.</p> <p>5 REG (N.) Procedimento adotado para ludibriar; ardil, astúcia, manha.</p> <p>6 REG (RJ) V arma branca.</p> <p>7 REG (SP) V geada branca.</p>	<p>sf.</p> <p>1. Bras. Pop. Aguardente de cana, cachaça</p> <p>2. Zool. Nome de várias espécies de peixes teleósteos (caracídeos e curimatídeos), fluviais</p> <p>3. Zool. Pequeno peixe prateado caracídeo (Charax gibbosus) da Amazônia, Guiana e Paraguai</p> <p>4. SP Geada</p>	<p>Eufemismo de cachaça: Manuel Viotti, Aurélio Buarque de Holanda, Mário de Andrade, Domingos Vieira Filho, José Calasans, Pereira Costa, Clerot, Eduardo Campos. Área geográfica: Norte, Nordeste. [...]</p>	<p>PE RN, CE, PI, BA</p>

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
<b>Brejeira</b>	<p>1 B, N.E. porção de fumo de rolo que o sertanejo masca ou conserva na bochecha, por vezes tirando-a da boca e guardando-a atrás da orelha</p> <p>2 B, N.E. falsificação de mapas de apuração de votos, nas eleições, visando a que os votos de um candidato acabem na contagem do(s) de outros(s)</p> <p>3 B, N., B, N.E. ferimento, ferida</p> <p>4 PB aguardente de cana (esp. a produzida na região do Brejo); cachaça. Brejeiro: 1 relativo a brejo ou o que habita um brejo</p> <p>1.1 PB relativo à região nordestina do Brejo ou o que é seu natural ou habitante «a zona b.» «os b. e os sertanejos»</p> <p>1.1.1 PB diz-se de ou trabalhador da roça, oriundo da região do Brejo</p>	<p>REG (N.E.) Porção de fumo de rolo que se masca.</p> <p>2 REG (N.E.) Nas eleições, adulteração dos mapas de apuração de votos, com o objetivo de que os votos de um candidato sejam incluídos na contagem de outro(s).</p> <p>3 REG (N.E.) Lesão produzida na pele ou na mucosa; ferida, ferimento, machucado.</p> <p>4 REG (PB) Cachaça proveniente da região do Brejo, no Nordeste brasileiro.</p>	Dicionarização com outra acepção	Não registrado	RN, BA
<b>Bufu Bufu</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
<b>Cachaça</b>	<p>substantivo feminino</p> <p>1 espuma grossa que se forma durante a primeira fervura do caldo de cana us. na produção de açúcar, e dele retirada para servir de alimento (ger. na forma de beberagem fermentada) ou para obtenção de bebida alcoólica</p> <p>2 bebida fermentada feita da borra do caldo de cana, ou do cabaú, e servida aos animais e aos escravos dos antigos engenhos</p> <p>3 aguardente que se extrai, por fermentação e destilação, das borras do melaço da cana-de-açúcar; aguardente de cana</p> <p>3.1 essa aguardente, com teor alcoólico definido entre 38 % e 48 % [A graduação alcoólica, bem como a matéria-prima us. na fabricação da cachaça, é item da legislação brasileira específica, expressa no Decreto 4.851, de 2 de outubro de 2003.]</p> <p>cf. aguardente de cana</p>	<p>sf</p> <p>1 Aguardente que se obtém pela destilação da borra do caldo da cana-de-açúcar e que, após a saída do alambique, passa por um processo de envelhecimento em tonéis de madeira. 2. Dose dessa bebida: “[...] enquanto saboreava a cachaça e precisava de ovintes” (MK).</p> <p>3 Qualquer bebida alcoólica: “– Aquele índio, segundo meu pai, que é advogado, devia tá cheio de cachaça” (RAB3).</p> <p>4 ANT Espuma grossa produzida pela primeira fervura do caldo da cana-de-açúcar.</p> <p>5 Borra resultante da clarificação do xarope.</p> <p>6 FIG Inclinação ou gosto predominante; mania, paixão: “Trabalhar com ervas é uma cachaça” (RAB3). FIG</p> <p>7 Aquele que é aficionado de cachaça ou outra bebida alcoólica; bêbado, cachaceiro.</p> <p><b>EXPRESSÕES</b></p> <p>Cachaça da cabeça: a primeira que pinga do alambique, de teor alcoólico muito elevado.</p> <p>Cachaça do coração: a que é produzida na fase intermediária da destilação, depois da cachaça da cabeça, e que é engarrafada e comercializada.</p> <p>Cachaça do rabo: a que é produzida na fase final da destilação, imprópria para o consumo por condensar muito óleo e resíduos tóxicos.</p>	<p>sf.</p> <p>1. Bras. Aguardente feita do mel ou borra da cana-de-açúcar, ou do caldo da cana, fermentados e destilados [Levantaram-se centenas de sinônimos para esta acepção do Norte ao Sul do país.]</p> <p>2. Dose dessa bebida: “Bebida rapidamente a terceira cachaça Eustáquio hesitou...” (Antônio Callado, Bar Don Juan.)</p> <p>3. P.ext. Qualquer bebida alcoólica, esp. a destilada</p> <p>4. Fig. Aquilo que desperta entusiasmo, paixão; coisa (atividade, assunto etc.) ou pessoa a que(m) se dá atenção quase exclusiva, quase como um vício: Nunca tira férias; o trabalho é a sua cachaça.</p> <p>s2g.</p> <p>5. Pessoa que bebe muito</p>	<p>Cachaça, esclarece Octávio Valsechi, é a destilação da borra do mel do engenho. E quem primeiro empregou este vocábulo, traduzindo-o do espanhol, creio, foi Antonil em 1711. (abonação). Também assim dicionariza Aurélio Buarque de Holanda: é a aguardente feita com mel ou borras do melaço. Amadeu Amaral dá uma significação mais popular: cachaça é aguardente de cana. Efetivamente, o povo não sabe, até mesmo como consumidor, fazer a diferença entre cachaça e aguardente. Tudo é queima-goela, cachaça, aguardente, <i>cobertor de pobre</i>. [...]</p>	<p>SE, AL, PE, PB, RN, CE, PI, MA, BA</p>

<b>Itens léxicos</b>	<b>Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</b>	<b>Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa</b>	<b>Dicionário Aulete Digital</b>	<b>Dicionário Folclórico da Cachaça</b>	<b>Estados em que ocorreram</b>
<b>Cachaça branca</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA
<b>Cachaça da Terra</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	MA
<b>Cachaça destilada</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	SE, BA
<b>Cachaça limpa</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	SE, BA
<b>Maranhense/ Cachaça maranhense</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	MA
<b>Cachaça pura</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	SE, MA, BA
<b>Cachaça sergipana</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
<p><b>Cana</b></p>	<p>1 angios design. comum às plantas do gên. Canna, da fam. das canáceas, com cerca de dez spp. de ervas perenes, rizomatosas, de folhas grandes, espiraladas, flores bissexuais, tetrâmeras, grandes e vivamente coloridas, e frutos capsulares [Nativas de regiões tropicais e subtropicais da América e raras no Brasil em estado espontâneo, são muito cultivadas, com alguns híbridos, esp. como ornamentais ou pela fécula dos rizomas.]</p> <p>2 angios caule das plantas da fam. das canáceas</p> <p>3 angios colmo de várias plantas da fam. das gramíneas, como o da cana-de-açúcar e o dos bambus e tb. de algumas plantas de outras fam., como o ratã</p> <p>4 angios m.q. cana-de-açúcar (Saccharum officinarum)</p> <p>5 angios; P m.q. cana-do-reino (Arundo donax)</p> <p>6 (1959) p.met.; B; infrm. aguardente de cana; cachaça</p> <p>7 (1959) p.met. ou fig.; B; infrm. estado de embriaguez 'estar numa c. danada'</p> <p>8 p.ana. flauta</p> <p>9 p.ana.; P caniço (de pesca)</p>	<p>sf</p> <p>1 BOT Denominação comum a plantas herbáceas do gênero Canna, da família das canáceas, que têm caules simples, grandes folhas alternadas, inteiras e largas, espiga e racemo espiciforme terminais, de flores assimétricas, formando, os quatro estaminódios, a porção aumentada e colorida e frutos capsulares. Nativa das regiões subtropicais e tropicais da América, muitas das suas espécies são cultivadas pelo seu valor ornamental.</p> <p>2 BOT Caule dessas plantas.</p> <p>3 BOT V cana-de-açúcar.</p> <p>4 BOT V cana-do-reino.</p> <p>5 Caule de várias gramíneas, como o do bambu e da cana-de-açúcar.</p> <p>6 BOT Parte superior e lisa do caule do milho.</p> <p>7 ANAT Osso mais ou menos alongado e tubular de certas partes do corpo: Cana do nariz.</p> <p>8 MÚS Flauta rústica.</p> <p>9 COLOQ V cachaça, acepção 1.</p>	<p>Cana1 (ca.na) sf.</p> <p>1. Bot. Caule ou colmo de várias plantas, como a cana-de-açúcar, o bambu etc.</p> <p>2. Bot. O mesmo que cana-de-açúcar.</p> <p>3. Bras. Gír. Cachaça</p>	<p>Eufemismo de cachaça, conforme Florival Serraine, Luiz Carlos de Moraes, Manuel Viotti, Aurélio Buarque de Holanda, Pereira da Costa, Raimundo Girão, Clerot, Eduardo Campos, Luís Camara Cascudo, Mario Souto Maior. [...]</p>	<p>SE, PE, PB RN, CE, PI, MA, BA</p>

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
<b>Cana de cabeça</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	PB
<b>Cana de/do engenho</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	PB, MA
<b>Caninha</b>	Substantivo feminino 1 cana pequena ou fina; canica, caniço 2 (1899) B; infrm. Aguardente de cana; cachaça sinônimos ver sinonímia de cachaça	sf 1 Cana pequena; canica, caniço. 2 COLOQ V cachaça, acepção 1	sf. 1. Bras. Pop. Cachaça 2. Cana pequena, caniço	Eufemismo de cachaça, consignado por Aurélio Buarque de Holanda, José Calasans e Vicente Salles. Diminutivo carinhoso de <i>cana</i> , usado pelos apreciadores habituais da <i>que matou o guarda</i> . [...]	SE, AL, PE PI, MA, BA
<b>Cruaca</b>	Substantivo feminino B; infrm. aguardente de cana; cachaça sinônimos ver sinonímia de cachaça	Não registrado	Não registrado	Eufemismo da cachaça: José Calasans. Área geográfica Bahia.	BA

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
<b>Destilada</b>	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	des.ti.la.do) 1. Que se destilou, que passou por processo de destilação. 2. P.ext. Diz-se de bebida alcoólica destilada, em oposição à fermentada. sm. 3. Qualquer produto de destilação. 4. P.ext. Bebida alcoólica destilada (cachaça, uísque, vodca etc.): Gostava de cerveja, não de destilados.	Não registrado	SE, BA
<b>Fubuia</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	SE, MA, BA
<b>Garapa</b>	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	RN, MA
<b>Genjibirra</b>	1. espécie de cerveja de gengibre, cuja composição inclui, além de gengibre, frutos, açúcar, ácido tartárico, fermento de pão e água; cerveja de barbante, cerveja de cordão, champanha de cordão 2 aguardente de cana; cachaça	1 Bebida fermentada, cuja composição inclui gengibre, frutos, açúcar, ácido tartárico, fermento de pão e água; cerveja de barbante, cerveja de cordão, champanha de cordão. 2 bebida destilada da borra do caldo de cana; cachaça. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES VAR: jinjibirra.	Genjibirra 1. Cerveja de gengibre. 2. Bras. N.E. Bebida fermentada feita com gengibre, frutos, açúcar, ácido tartárico e fermento de pão. 3. Bras. N.E. Aguardente de cana; CACHAÇA.	Não registrado	CE

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
<b>Goró</b>	Substantivo de dois gêneros MG, RJ; infrm. aguardente de cana; cachaça sinônimos ver sinonímia de cachaça parônimos goro(fl.gorar) e goro /ô/ (adj.)	sf REG (MG, RJ), COLOQ Aguardente feita de cana; cachaça.	Não registrado	Não registrado	PI
<b>Incha pé</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	INCHA (A-QUE) Eufemismo de cachaça corrente em Pernambuco e não sei se em todo o Nordeste. O uso imoderado da cachaça quando contém sais de cobre e não é destilada em alambique de barro, ataca o fígado e faz com que o freguês fique inchado. Daí o vocábulo.	BA

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
<b>Limpa</b>	Limpa 2 substantivo feminino B, N.E.; infrm. Aguardente de cana; cachaça Sinônimos Ver sinonímia de cachaça	1 Ato de limpar(-se); limpeza, limpamento, limpeza. 2 Parte de um bosque onde o mato rareia e as plantas não vegetam. 3 Processo de retirada de pragas de qualquer plantação. 4 FIG Roubo em que a vítima tem todos os seus pertences levados. 5 REG (N.E.) V cachaça, acepção 1. <b>EXPRESSÕES</b> Limpa de enxada, REG (N.E.): retirada de mato bem crescido da plantação, com a utilização da enxada. Limpa de mão, REG (N.E.): limpa que se faz em certas culturas, como a do arroz em alagadiço, onde não se pode usar a enxada. Fazer a limpa, COLOQ: assaltar, levando todos os pertences da vítima. Fazer uma limpa: V fazer a limpa.	Dicionarizado com outra acepção	Eufemismo de cachaça relacionado por Aurélio Buarque de Holanda. Área Geográfica Nordeste.	SE
<b>Manguaça</b>	manguaça (1973 cf. DGB) princ. etim. Substantivo feminino SP Aguardente de cana; cachaça	Não registrado	(man.gua.ça) Bras. sf. 1. Cachaça, pinga. 2. Gír. Bebedeira, pileque. S.2g. 3. Gír. Indivíduo beberrão.	Não registrado	BA
<b>Marofa</b>	Não registrado	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	Não registrado	MA

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
<b>Mel/Mé</b>	Dicionarizado com outra acepção	sm 1 Voz de cabra e de ovelha. 2 V cachaça, acepção 1.	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	PB RN
<b>Pinga</b>	Substantivo feminino 1. pequena porção de líquido; gota que cai; pingo 2. (1757) infrm. Bebida alcoólica (p.ex., vinho, aguardente) «sempre queriam uma boa p. no almoço» 2.1 (1915) B; infrm. Aguardente de cana; cachaça «aqui se destilam as melhores p. de Minas Gerais» 3. p.ext. porção de bebida que se engole de cada vez; gole, trago. 4. p.met.; infrm., pej. pessoa embriagada; bêbedo 5 MG goteira em telhado Adjetivo e substantivo de dois gêneros infrm., pej. 6. diz-se de ou pessoa que não tem dinheiro; pobre, miserável.	sf 1 Pequena quantidade de líquido; gota, pingo. 2 Quantidade de bebida que se toma de cada vez; gole, talagada, trago. 3 COLOQ V cachaça, acepção 1. 4 POR EXT, COLOQ Pessoa que se intoxicou com bebida(s) alcoólica(s); bêbado, cachaceiro, pau-d'água. 5 REG (MG) Goteira de telhado. adj m+f sm+f Que ou aquele que está sempre sem dinheiro. EXPRESSÕES Na pinga, COLOQ: sob efeito de excessiva ingestão de bebida(s) alcoólica(s); alcoolizado, bêbado, embriagado.	Bras. sf. 1. Pop. Aguardente de cana-de-açúcar; CACHAÇA 2. Pop. Qualquer bebida alcóolica 3. Pequena quantidade de qualquer líquido; GOTA: uma pinga de rum; uma pinga de vinagre. 4. Gota, pingo: "Só sei que me acordaram desta espécie de letargo algumas grossas pingas de chuva." (Silveira da Mota, Viagens)) 5. MG Pop. Goteira do telhado 6. Fig. Pessoa embriagada, bêbeda [Us. tb. como adj.] sm. 7. Pop. Homem que não tem dinheiro: "Antes de se casar comigo era um pinga e não tinha onde cair morto." (França Júnior, Direito por linhas tortas) [Us. tb. como adj.]	Eufemismo de cachaça expressão genérica, popular, já folclórica, dicionarizada por Aurélio Buarque de Holanda e mencionada por Edson Carneiro, João Chiarini e Mário Souto Maior. Área geográfica: Sul. [...]	SE, AL, PE, PB RN, CE, PI, MA, BA

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
<b>Pinga baiana</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA
<b>Pinga 51</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA
<b>Pinga destilada</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA
<b>Porre</b>	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	(por.re) [ó] sm. 1. Bras. Pop. Estado ou condição de quem bebeu muito; BEBEDEIRA; EMBRIAGUEZ: Tomou um porre e deixou o amigo dirigir. 2. Bras. Gír. Situação, acontecimento ou indivíduo entediante, cacete: A festa estava um porre. 3. PA Um copo de cachaça ou uma dose dessa bebida. De porre. 1 Bras. Pop. Embriagado. Tomar um porre. 1 Bras. Pop. Embriagar-se.	Dicionarizado com outra acepção	BA

<b>Itens léxicos</b>	<b>Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</b>	<b>Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa</b>	<b>Dicionário Aulete Digital</b>	<b>Dicionário Folclórico da Cachaça</b>	<b>Estados em que ocorreram</b>
<b>Pura</b>	Substantivo feminino. Brasileirismo; informal. Aguardente de cana; cachaça. Sinônimos Ver sinonímia de cachaça. Homônimos Pura(f.puro[adj.])	sf. Coloquial. Ver cachaça, acepção 1.	s. f.    (Bras.) (pop.) cachaça, aguardente.	Eufemismo da cachaça, segundo Aurélio Buarque de Holanda, José Calasans e Vicente Salles. Área geográfica: Norte e Nordeste	SE
<b>Quiboa</b>	Não registrado	Não registrado	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	BA
<b>Serrana</b>	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	PI
<b>Tampa de sabugo</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	PI, MA
<b>Terra Preta</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA
<b>Tiortina</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA
<b>Uca</b>	2uca princ. etim. Substantivo feminino B; infrm. Aguardente de cana; cachaça Sinônimos Ver sinonímia de cachaça	Uca2 u-ca sf COLOQ V cachaça, acepção 1.	Bras. sf. 1. Cachaça.	Eufemismo de cachaça registrado por Edson Carneiro, Creston Portilho, Aurélio Buarque de Holanda, Mário de Andrade, Mário Souto Maior e Vicente Salles	RN, CE
<b>Verejeira</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA

## APÊNDICE L – DICIONARIZAÇÃO DOS NOMES-MARCA

<b>Itens léxicos</b>	<b>Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</b>	<b>Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa</b>	<b>Dicionário Aulete Digital</b>	<b>Dicionário Folclórico da Cachaça</b>	<b>Estados em que ocorreram</b>
<b>Abaíra</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA
<b>Aratu</b>	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	BA
<b>Batucada</b>	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	PE
<b>Cabeceira do Rio</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA
<b>Caninha da Roça</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	MA, BA
<b>Caninha de Ouro</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA

<b>Itens léxicos</b>	<b>Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</b>	<b>Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa</b>	<b>Dicionário Aulete Digital</b>	<b>Dicionário Folclórico da Cachaça</b>	<b>Estados em que ocorreram</b>
<b>Caribé</b>	Não registrado	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	Não registrado	BA
<b>51</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	SE, AL, PE, PB RN, PI, MA, BA
<b>59</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA
<b>Colonial</b>	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	CE
<b>Jacaré</b>	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	BA
<b>Jangada</b>	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	BA

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
<b>Januária</b>	Aguardente de cana; cachaça. Ver sinonímia de cachaça. ETIM.: topônimo Januária (MG), onde inicialmente era fabricada a bebida	Aguardente de cana, inicialmente fabricada na cidade do mesmo nome; cachaça. Etimologia: top Januária.	s. f.    (Bras., Minas Gerais e Bahia) cachaça, aguardente. F. <i>Janudria</i> , n. pr. geogr.	Eufemismo de cachaça, dicionariza Aurélio Buarque de Holanda. Área Geográfica: Minas Gerais. [...]	BA
<b>Mangueira</b>	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	PI
<b>88</b>	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA
<b>Pé de cana</b>	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	BA
<b>Pitú</b>	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	SE, AL, PE, PB, RN, PI, BA
<b>Preá</b>	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	PE

<b>Itens léxicos</b>	<b>Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</b>	<b>Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa</b>	<b>Dicionário Aulete Digital</b>	<b>Dicionário Folclórico da Cachaça</b>	<b>Estados em que ocorreram</b>
<b>São Paulo</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	PB
<b>Serra Grande</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	PE
<b>61</b>	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	BA
<b>71</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	SE
<b>Tatuzinho</b>	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	BA
<b>3 Fazendas</b>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	BA

Itens léxicos	Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	Dicionário Aulete Digital	Dicionário Folclórico da Cachaça	Estados em que ocorreram
21	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	Dicionarizado com outra acepção	Não registrado	SE
29	Não registrado	Não registrado	Não registrado	Não registrado	PI
Ypióca	<p>Conteúdo de outras fontes: Ypióca é uma marca de cachaça</p> <p>A sede da empresa atualmente encontra-se em Fortaleza, no Ceará, no Brasil. ler mais</p> <p>A cachaça Ypióca é produzida na cidade de Maranguape, no Ceará, desde 1846 pela família Telles. É a marca de aguardente mais antiga ainda em funcionamento no Brasil.</p>	Não registrado	Não registrado	Não registrado	PE, CE